



◉ GRANDE COMPUTADOR CELESTE

MARCELO DEL DEBBIO



O Grande Computador Celeste

Sumário

[Introdução](#)

[Nota inicial](#)

[A Árvore da Vida \(imagem\)](#)

[Cap.1: Astrologia](#)

[A Santa Ceia e os símbolos astrológicos](#)

[O Grande Computador Celeste](#)

[Analisando um mapa astral](#)

[Cap.2: Pirâmides e Energia](#)

[As pirâmides submersas no Japão](#)

[Pirâmides e mais pirâmides...](#)

[A Câmara dos Reis](#)

[Dilúvio, pirâmides e Stonehenge](#)

[Linhas de Ley](#)

[Energia telúrica](#)

[Física quântica e a Arca da Aliança](#)

[A Constante de Boltzman](#)

[Chakras, Kundalini e Tantra](#)

[Hieros Gamos e magia sexual](#)

[Bruxaria e paganismo](#)

[A Arca da Aliança, doktor Jones?](#)

[A Pirâmide do Faraó Del Debbio I](#)

[Cap.3: Egrégoras](#)

[Qual é o coletivo de pensamentos?](#)

[O segredo de “O segredo”](#)

Cap.4: Jesus

Bota o Natal na conta do Papa!

Yod-He-Shin-Vav-He e Maria Madalena

Como assim, Zeus nunca traiu Hera?

Pitágoras e Buda, os professores de Jesus

Seria Yeshua um X-Men?

Judas, o melhor amigo de Jesus

Que fim levaram os apóstolos?

Jesus, o ídolo dos ateus

Cap.5: Magia e Kabbalah

Faze o que tu queres, há de ser o todo da Lei

Hermes Trimegistus

All you need is love!

Cap.6: Demônios

O Diabo não é tão feio quanto se pinta

Belzebu, Satanás e Lúcifer

Zaratustra, Mithra e Baphomet

666, o número da Besta

Os Demônios (agora, de verdade!)

Cap.7: Yesod

Bem-vindo ao deserto do real

Thanatos: I see dead people

Hecate: Druidas, Oráculos e Allan Kardec

Hermes: Metais, Ervas e Pentagramas

Morpheus: Dream a little dream of me

Caronte: Auto da Barca do Inferno

Cap.8: Alquimia

Harry Potter e as Núpcias Alquímicas

Branca de Neve e os sete pecados capitais

Seven, a origem dos sete pecados capitais

Cap.9: História Oculta

Queima ele, Jesus!

Trinta e dois papas e uma garrafa de rum

Construtores de templos

O Céu, o Inferno, e Teodora

O Alcorão e a Papisa Joana

Marosia: Assassinatos, papas e crucifixos

Psicodelias, relâmpagos e catedrais

Brahma, Vishnu, Shiva, os Muçulmanos e o Zero

Cap.10: Rei Arthur

Rei Arthur, Excalibur e Sabres de Luz

O Santo Graal e a Linhagem Sagrada

Merlin, José de Arimatéia e o bardo Taliesin

Camelot, Guinevere e Lancelot

Quem é quem na Távola Redonda

A Saga do Rei Arthur

Cap.11: As Cruzadas

Os Cavaleiros Templários

Templários, Hospitalários e Teutônicos

O Velho da Montanha

O Culto às Virgens Negras

Segunda e Terceira Cruzadas

Os Cátaros e a Quarta Cruzada

Quinta, Sexta e Sétima Cruzadas

Os Mamelucos e as Últimas Cruzadas

Jacques DeMolay

Do fim dos Templários ao começo da Maçonaria

Do Rito de Heredon ao Rito Escocês

Cap.12: Ocultismo, Referências e Apostas

Referências Ocultistas em “Watchmen”

[Geomancia, Runas e “Lost”](#)
[Dan Brown e “O Símbolo Perdido”](#)
[Quem tem medo dos Illuminati?](#)
[A Aposta de Pascal-DelDebbio](#)
[Epílogo: Uma nova era](#)

Todo conteúdo original é de autoria de Marcelo Del Debbio.
Para saber mais sobre o autor, visite o blog: deldebbio.com.br

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Organização, introdução, epílogo e [comentários]: Rafael Arrais.
Design e diagramação: Ayon.

Esta é uma edição de Textos para Reflexão
Para conhecer outras obras, visite o blog:
textosparareflexao.blogspot.com

© *Creative Commons* (CC BY-NC-ND 3.0): Você tem o direito de copiar e redistribuir este material em qualquer suporte ou formato, contanto que não o edite nem utilize para fins comerciais.

Introdução

A ILUMINAÇÃO DAS TREVAS

Ainda hoje me lembro da primeira vez em que fomos apresentados, nalguma convenção de *Role Playing Games* (RPGs) em São Paulo. Ele, o criador e editor de alguns dos melhores ambientes de RPG no Brasil; eu, somente um cara que havia criado um mundo de fantasia que havia feito certo sucesso na web.

Foi somente um aperto de mão, mas foi a forma como ele me olhou que chamou minha atenção. Sabe, nós místicos temos um sério problema em sermos compreendidos por todos aqueles que, para resumir, mal sabem o que significa propriamente o termo “misticismo”.

Não se trata de algum sentimento de “superioridade” em relação aos outros, mas tanto o oposto disso – é como se existisse uma rede a preencher todo o Cosmos, e como se os seus longos fios etéreos passassem por todos os corações e os conectassem num mesmo tecido eterno. A isto alguns também chamam amor. Não somos superiores, portanto, somos iguais, somos amantes, amantes do Tudo.

Dessa forma, é como se habitássemos algum lugar, algum campo de relva, fora do tempo e do espaço mas, ao mesmo tempo, dentro de nossa própria mente. Descrivê-lo seria inútil, pois ele também se encontra além das palavras; mas há alguma coisa no olhar daqueles que por lá caminharam, algum brilho que faz com que os místicos, esses loucos, possam reconhecer uns aos outros... Foi só um aperto de mão, mas alguma intuição me dizia que ainda iríamos cruzar nossos caminhos de novo...

Naquela altura eu nem havia iniciado meu blog, *Textos para Reflexão*, e ele nem havia sido convidado para ser colunista do *Sedentário & Hiperativo*, um dos sites de variedades com maior audiência do país. Mas, quem sabe onde e quando no Infinito, uma

ponta da longa teia era já puxada, e nós, tal qual pequeninas formigas, marchávamos sem saber em direção a um ponto de intercessão.

Em sua coluna, *Teoria da Conspiração*, ele abordou a mitologia, as religiões, a história antiga e medieval, e até mesmo o ocultismo, de uma forma surpreendentemente didática, livre de dogmas (religiosos ou científicos), e capaz de conquistar uma boa parcela de um público em sua maioria jovem – quem sabe, com um ou outro místico adormecido, prestes a despertar...

Com o tempo, ficou claro para ele que seria necessário criar um outro canal menor, afluente da grande audiência do *Sedentário*, para poder dizer coisas mais “ocultas” a um público menor, mais preparado para absorver tais ideias mais profundas. Não se trata de nenhuma “ordem secreta”, mas tão somente de um outro blog, homônimo da sua coluna, aberto a visita de todos, mas logicamente com uma audiência bem mais restrita que a do *Sedentário*. Mal comparando, seria como um canal de documentários que nasceu de um canal de variedades – uma audiência menor, mas com pessoas mais interessadas e dispostas em aprender.

Assim, mesmo sendo um dos ocultistas mais conhecidos na web brasileira, ele ainda teve a sabedoria, ou intuição, de convocar outros blogueiros espiritualistas para serem colunistas do seu *Teoria da Conspiração*, que acabou se tornando uma espécie de blog coletivo, com místicos de todas as áreas, da psicologia a mitologia oriental, contribuindo em conjunto para tornar o blog algo maior, um projeto de iluminação das trevas da pior ignorância – a ignorância da própria alma.

Foi assim que nossos caminhos voltaram a se cruzar. Não somente na virtualidade da minha coluna em seu blog, mas também nas poucas e proveitosas ocasiões em que tive o prazer de me encontrar e trocar algumas ideias com Marcelo Del Debbio, que se revelou um místico tão nerd quanto eu.

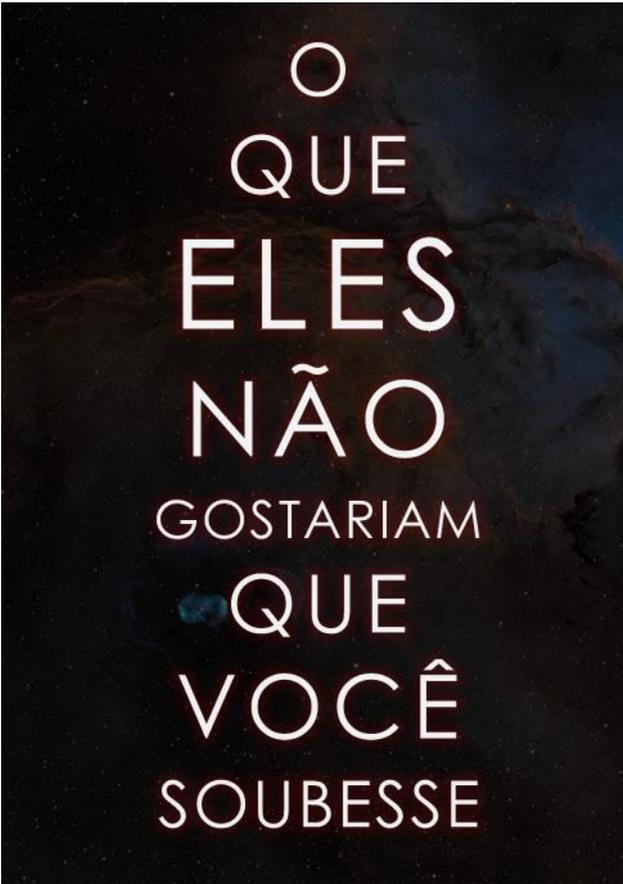
Não é que ele esteja no controle total de toda essa situação. Ele pode ser um espírito antigo, mas até mesmo por isso tem sabedoria e

bom senso suficientes para compreender que existem espíritos muito, muito mais antigos do que todos nós, e muito mais sábios, puxando a ponta dessa grande teia... Até onde ela nos levará, nenhum de nós parece saber ao certo – mas que ela se inclina para a luz, nenhum de nós parece ter alguma dúvida...

E a luz foi criada para ser refletida. Este livro é tão somente a porta de entrada para um campo cheio de espelhos voltados para o alto. O que eu e o Marcelo temos feito é tão somente tentar posicioná-los na direção certa.

Esta é uma edição dos artigos essenciais do blog *Teoria da Conspiração*.

Rafael Arrais, Março de 2014



O
QUE
ELES
NÃO
GOSTARIAM
QUE
VOCÊ
SOUBESSE

Nota inicial

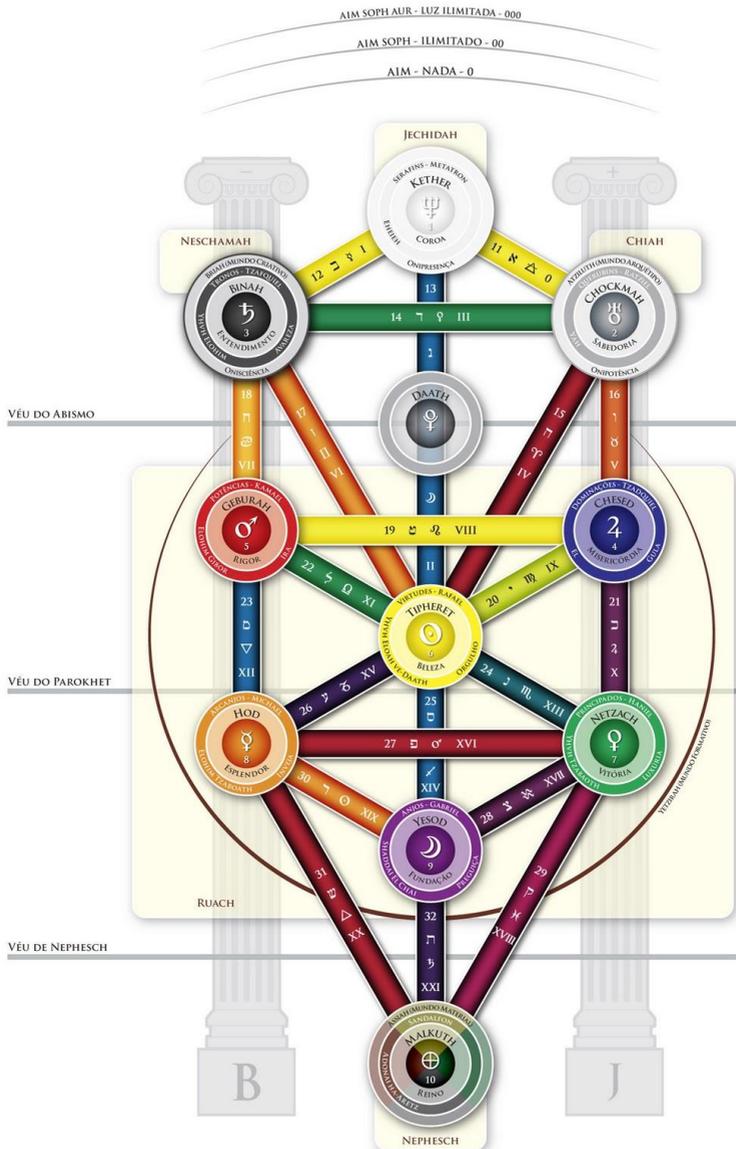
Temos recebido muitos e-mails de pessoas que chegam até o blog através do *Google*, por estarem pesquisando algum assunto relacionado ao ocultismo, hermetismo, magia ou religiões, e que acabam fascinadas pelo conteúdo do blog, mas que têm uma pergunta muito justa: Por onde começar?

O *Teoria da Conspiração* começou como uma coletânea de textos publicados no site *Sedentário & Hiperativo* a respeito da magia, origens dos mitos, lendas e toda a parte espiritual básica. A partir daí fomos acrescentando temas como astrologia hermética, alquimia, rosacrucianismo, maçonaria, umbanda, magia oriental, espiritualismo, etc.

A seguir estão os textos essenciais do blog, em ordem mais ou menos cronológica, para quem acabou de chegar poder estabelecer o “básico” do que falamos aqui...

Marcelo Del Debbio

A Ávore da Vida (arte por Rodrigo Amorim Grola)



1. Astrologia

A SANTA CEIA E OS SÍMBOLOS ASTROLÓGICOS

07.05.2008

Olá crianças,

Antes de começar, preciso dar algumas palavras sobre astrologia. Há até uns 8 anos atrás, eu achava que astrologia era uma total picaretagem. Sempre me perguntava como diabos um horóscopo poderia prever um mesmo tipo de dia para 1/12 do planeta. Mas, depois de estudar Astrologia Hermética durante anos, hoje vejo como o estudo destas energias é extremamente justo e perfeito (exceto, claro, nestas revistas picaretas que também trazem os próximos capítulos das novelas).

O que chamamos de “signo” nada mais é do que a posição do SOL no céu, no momento de nascimento de cada pessoa, mas para termos uma ideia das energias que estão presentes (e que precisam ser desenvolvidas ou utilizadas) na encarnação de cada um, precisamos observar também os planetas (lua, mercúrio, vênus, marte, júpiter, saturno, urano, netuno e plutão), bem como em qual casa astrológica estas energias se encontram. O princípio básico sobre o qual tudo isto está edificado chama-se **SÍNCRONICIDADE** ou **ACAUSAL** (voltarei a falar sobre isso em próximas colunas) mas, por enquanto, para vocês viajarem até a semana que vem, fica o seguinte pensamento:

Se acreditarmos que todos os planetas seguem órbitas perfeitamente mensuráveis, com ciclos matematicamente ordenados e previsíveis (ou seja, você pode prever com exatidão onde cada planeta estará posicionado no céu em qualquer data e em qualquer local da superfície da terra);

Se acreditarmos que existe reencarnação e que, pela lei da afinidade, grupos de pessoas precisam desenvolver e trabalhar suas essências de acordo com determinadas energias;

Podemos assumir, por absurdo, que os seres responsáveis por organizar estas encarnações (os chamados “Engenheiros de Karma”) precisariam de um sistema que fosse ao mesmo tempo preciso e confiável o suficiente para posicionar o nascimento de cada espírito em determinado lugar em determinado dia/mês/ano. Por que não utilizar um “computador celeste” que já funciona com precisão absoluta?

Supondo-se que esta estrutura exista, hackeando este computador, obtém-se a astrologia.

Sem mais delongas, vamos à Santa Ceia...

“E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E quando já era dia, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze deles a quem também deu o nome de apóstolos: Simão, ao qual também chamou Pedro, e André seu irmão; Tiago (menor) e João, Filipe e Bartolomeu; e Mateus e Tomé, Tiago (maior) filho de Alfeu e Simão chamado o Zelador e Judas (Tadeu) filho de Tiago e Judas Iscariotes, que foi o traidor”. LC:6 12-16

Os apóstolos devem ser observados da direita para a esquerda [veja a reprodução da imagem logo após o fim deste artigo]:

Quem está na cabeceira da mesa é **São Simão**, que corresponde ao signo de Áries (Signo de fogo e de ação). Simão indica com as mãos a direção a tomar. Áries rege a cabeça na anatomia astrológica, e a testa

de Simão é bem realçada na pintura. Sua prontidão ariana também é mostrada pelas mãos desembaraçadas, para agirem conforme a vontade e coragem dos arianos.

Ao seu lado direito, **Judas Tadeu**, representando Touro. Seu semblante é sereno enquanto escuta Simão (Áries) e vai digerindo lentamente suas impressões, suas mãos na postura de quem recebe algo, caracterizando a possessividade de Touro (que é terra/receptivo, o signo que acumula). No corpo humano, Touro rege o pescoço e a garganta, e o de Judas Tadeu está bem destacado.

Mateus vem em seguida, correspondendo à Gêmeos, signo duplo que rege a interação com as pessoas e a habilidade de colher informações. Mateus tem as mãos dispostas para um lado e o rosto para o outro, revelando o hábito geminiano de falar e ouvir à todos ao mesmo tempo. Mateus era escriba e historiador da vida de Jesus (escreveu um dos 4 livros aceitos como verdadeiros pela Igreja Católica) e Gêmeos rege a casa III, setor de comunicação e conhecimento.

Logo após está **São Filipe**, representando Câncer. Suas mãos em direção ao peito mostram a tendência canceriana para acolher, proteger e cuidar das coisas. Regido pela Lua, Câncer trabalha com o sentir. Filipe está inclinado, retratado como se estivesse se oferecendo para realizar alguma tarefa.

Ao seu lado está **Tiago Menor**, o Leonino, de braços abertos, revelando nesse gesto largo o poder de irradiar amor (Leão rege o coração e o chacra cardíaco), ele se impõe nesse gesto confiante, centralizando atenções.

Atrás dele, quase que escondido, está **São Tomé**, o Virginiano, o famoso “ver para crer”, que, apesar de modesto, não deixa de

expressar o lado crítico e inquisitivo de Virgem – com o dedo em riste ele contesta diante de Cristo.

Libra é simbolizado por **Maria Madalena**, esposa de Jesus. Com as mãos entrelaçadas, ela pondera e considera todas as opiniões antes de tomar posições – Libra rege a casa VII, é o setor do casamento e parcerias, deixado também como mais uma evidência de que os templários possuíam conhecimento sobre o casamento de Jesus e seus descendentes.

Ao seu lado, está **Judas Iscariotes**, guarda-costas de Jesus, representando Escorpião. Com uma das mãos ele segura um saco de dinheiro (Escorpião rege a casa VIII, que trata dos bens e valores dos outros) e com a outra mão ele bate na mesa, protestando.

Em seguida, **Pedro**, o Pescador de Almas, representando o alegre Sagitário. Foi ele quem fez o dogma e instituiu a lei da Igreja – Sagitário rege a casa IX, setor das leis, religiões e filosofia. Seu dedo aponta para Jesus – a meta de Sagitário é espiritual. Ele se coloca entre Maria e Judas, trazendo esclarecimentos (luz) à discussão (Sagitário é o “alto-astral” do zodíaco).

Ao seu lado está **Santo André**, Capricórnio. O signo mais responsável do zodíaco, que com seu gesto restritivo, impõe limites. Seu rosto magro e ossos salientes revelam o biotipo capricorniano. Seus cabelos e barbas brancas e seu semblante sério mostram a relação de Capricórnio com o tempo e a sabedoria.

Ao lado, **Tiago Maior**, Aquariano, que debruça uma de suas mãos sobre seus ombros, num gesto amigável, enquanto a outra se estende aos demais. Ele visualiza o conjunto, percebendo ali o trabalho em grupo liderado por Jesus. Aquário rege a casa XI, que é o setor dos grupos, amigos e esperanças.

Finalmente, sentado à esquerda, temos **São Bartolomeu**, o viajante, representando Peixes. Seus pés estão em destaque (que são regidos por Peixes na anatomia astrológica). Ele parece absorvido pelo que acontece à mesa e, com as mãos apoiadas, quase debruçado, revela devoção envolvido pelo clima desse encontro.

Como já disse anteriormente, os iniciados possuem diversas maneiras de passar mensagens uns para os outros bem debaixo das barbas dos profanos. Como disse o Mestre, “quem tiver ouvidos que ouça”.

Até a próxima semana, crianças;
Votos de paz profunda.

A Última Ceia, por Leonardo da Vinci



O GRANDE COMPUTADOR CELESTE

12.05.2008/26.05.2008/20.06.2008

[1]

Olá crianças,

Semana que vem eu entro nas teorias de conspiração mais divertidas, como por exemplo, porque Stonehenge e as Pirâmides servem para a mesma coisa e porque os templários carregam uma pirâmide representada em suas bandeiras, mas é que, sem uma explicação mais detalhada sobre astrologia, estas teorias da conspiração acabam perdendo uma parte da graça.

Como eu disse anteriormente, para entender o conceito de computador celeste, são necessários alguns pré-requisitos:

1. Conhecer a teoria da Reencarnação

Doutrina que é conhecida desde o Antigo Egito pelos Rosacruz e divulgada desde os tempos imemoriais pelos hindus, budistas, xamãs, celtas, druidas, pitagóricos, essênios, teósofos, wiccans, gnósticos, espíritas e espiritualistas em todo o planeta. Consiste na imortalidade da alma, que reencarna sucessivas vezes no planeta Terra até atingir um estágio de evolução cada vez maior, aprendendo com os erros e aproveitando os acertos para fazer outros irmãos evoluírem.

2. Acreditar em Karma

Karma é uma palavra que vem do Sânscrito e significa “consequência”. Ele diz que tudo o que você fizer ao universo gerará uma força de igual intensidade que repercutirá... nesta vida ou nas próximas... Como diria Earl Hickey, “do good things and good things will happen to you!” [faça boas coisas, e boas coisas acontecerão contigo!]

Embora Allan Kardec (que era maçom, mas isso fica pra outro dia) não tenha usado em momento algum a palavra karma ou qualquer de

suas variações, esta veio a ser mais tarde incorporada pelos espíritas para designar o nível de evolução espiritual de cada indivíduo, ao qual se devem as circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis que venham a encontrar durante sua encarnação. Sempre é bom lembrar que Karma é algo que existe independente de você acreditar nele ou não. É como a Lei da Gravidade.

Se existe Karma e Reencarnação, devem existir entidades ou seres responsáveis por “recolocar” as pessoas nos planetas de acordo com o que elas fizeram, para que elas estejam na hora certa no local certo para que possam aprender e evoluir, correto?

3. Acreditar em mundo espiritual

Saber que existem diversas faixas de vibrações, cuja imensa maioria o ser humano físico não é capaz de captar. Da mesma maneira que nossos olhos não enxergam o infravermelho ou ultravioleta, que nossos ouvidos não escutam o infrassom e o ultrassom e que nossos narizes não cheiram diversos odores, assim nossos sentidos não são capazes de detectar uma gama imensa de campos vibracionais que estão lá, cujo imaginário popular chama de “fantasmas” ou “espíritos”.

4. Acreditar que a matemática é precisa

Se a matemática e a astrofísica existem e funcionam, é possível prever com PERFEITA EXATIDÃO a posição correta de cada corpo celeste dentro do sistema solar (e de todos os sistemas de todas as galáxias) bastando para isso apenas os valores de translação dos planetas e outros números que se até seres humanos são capazes de calcular.

Desta maneira, tirando uma “foto” do céu em qualquer local e horário de qualquer planeta do Sistema Solar (considere as luas de um planeta como fazendo parte dos “planetas” daquele céu), consegue-se uma imagem relativa e única daquele tempo-espaço, correto?

Dispondo de todas estas premissas, podemos começar a explicação do que seria um computador celeste.

Hmmm... não... não... na verdade, vou precisar falar sobre energias antes...

É, creio que terei de dividir este post em dois. De qualquer maneira, peço para o pessoal do *Sedentário* colocar a segunda parte amanhã ou sexta-feira, para não ficar muito suspense, ok?

Amanhã aprenderemos que, quando você diz “eu sou de capricórnio”, quer, na verdade, dizer “meu sol está em capricórnio”.

[2]

Olá crianças,

Esta é a segunda parte da explicação sobre Astrologia Hermética. Para entendê-la, precisamos conhecer melhor as doze principais energias que fazem parte do universo humano.

Energias e os 12 Signos

Nossa realidade é baseada em um conceito dual de energias que se complementam, que os orientais chamam de Yang e Yin, positiva e negativa, masculina e feminina, penetrante e penetrada, luz e sombra, calor e frio, etéreo e denso, e por ai vai...

Se imaginarmos que no início dos tempos a energia primordial dividiu-se em duas (Yin e Yang). Mais tarde, estas duas energias dividiram-se novamente, originando 4 energias: Fogo (espírito, yang-yang), Água (emoção, yang-yin), Ar (razão, Yin-Yang) e Terra (físico, Yin-Yin).

Como as combinações yin-yang e yang-yin estão em um mesmo nível de energia (que chamamos de mente, um meio termo entre corpo e espírito, formada pela razão e emoção), os ocultistas dividiam o nosso corpo em três partes (corpo, mente e alma).

Simples até agora?

Bem... Com uma terceira divisão, considerando apenas 3 “patamares” energéticos (que os astrólogos chamam de Fixo (terra), Cardinal (Fogo) e Mutável (ar, água), chegamos a 12 energias diferentes que agem sobre o ser humano. Deste pequeno gráfico [ver a imagem ao final do artigo] chegamos à divisão dos signos em 4 grupos: Fogo (Áries, Leão e Sagitário), Água (Câncer, Escorpião e Peixes), Ar (Aquário, Gêmeos e Libra) e Terra (Capricórnio, Virgem e Touro). Outras pessoas preferem agrupar estas energias em 3 categorias: Cardinal (Áries, Câncer, Libra e Capricórnio), Mutável (Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes) e Fixo (Touro, Leão, Escorpião e Aquário), mas na verdade, tanto faz.

Cada um destes tipos de energia rege certas qualidades que precisam ser trabalhadas pelo ser humano no caminho para a ascensão: a iniciativa, o acumular, a comunicação, a emoção, a liderança, a autocrítica, a diplomacia, o poder, o alto astral, as restrições, o romper barreiras e o contato com o cósmico. Cada signo trabalha especificamente com um determinado tipo de energia.

E, finalizando, cada tipo de energia (signo) possui ainda níveis de evolução, que chamamos de OITAVAS. Então, assim sendo, duas pessoas com um mapa astral idêntico (irmãos gêmeos, por exemplo) podem ter características totalmente diferentes. Vou dar um exemplo de oitavas para não nos alongarmos no assunto:

Áries. Em sua oitava mais baixa (energias menos desenvolvidas), temos pessoas irritadas, pavio-curto, nervosas, estressadas, impulsivas... Em uma oitava média, temos pessoas de ação, que gostam de ter iniciativa, que saem na frente, que não são molengas, que gostam de exercícios físicos, de “explosões”... Em oitavas mais altas temos líderes, pessoas que tomam a iniciativa para defender os fracos, que não recuam diante dos problemas, que enfrentam a tirania e assim por diante...

Agora juntemos os planetas e as energias.

Imagine que cada Planeta esteja associado a algumas características do ser humano: Sol (como você se expõe para os outros), Lua (como você é realmente), Mercúrio (como você pensa), Vênus (como você sente), Marte (como você briga), Júpiter (o que te facilita), Saturno (o que te atrapalha), e assim por diante. Nenhuma destas associações é aleatória e todos estes planetas, energias e características estão intimamente associados às sephiras da Kabbalah, mas eu falo sobre isso outro dia. Hoje é apenas astrologia.

Desta forma, quando causamos uma interferência negativa no livre-arbítrio de outro ser (por exemplo, dano físico, representado por Marte, dano intelectual representado por Mercúrio, dano afetivo representado por Vênus, entre milhares de combinações), acumulamos “Karma negativo” e quando fazemos ações que colaboram com a evolução do planeta (ensinando, amando, auxiliando, construindo), acumulamos “Karma positivo” (note que isso não tem absolutamente NADA a ver com “Bem” e “Mal”, que são coisas totalmente humanas, mundanas e relativas).

Ao final de sua vida, tudo o que você fez de positivo e negativo fica arquivado (sim, os gregos já sabiam disso 2.500 anos atrás, e os Egípcios 6.000 anos atrás, com suas lendas sobre Anúbis e “pesar a balança”).

Além disso, entra em cena o Livre Arbítrio. Antes de nascer, cada pessoa se propõe a fazer alguma coisa nesta vida (“vou ajudar aquele irmão que prejudiquei na outra vida”, “vou cuidar de um orfanato”, “vou aprender a ser mais tolerante”, “vou ser mais organizado”, “vou me dedicar à música”, “vou aprender a ser mãe” e assim por diante). Tudo isso fica registrado e os orientais chamam isso de Dharma.

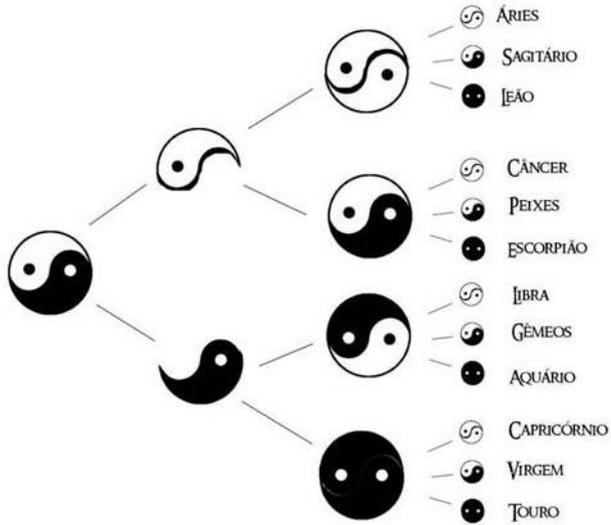
Com esses dados em mãos, os Engenheiros de Karma podem coordenar exatamente onde, quando e como uma alma deve retornar ao planeta, levando em conta outras almas que precisam passar por experiências semelhantes (ex.: juntar um filho que precisa nascer cego com uma mãe que precisa aprender a tomar conta de alguém cego), seguindo o que chamamos de Lei de Afinidade.

Não apenas a Terra, mas TODOS os planetas do sistema solar são habitados (mesmo que nossos corpos físicos e equipamentos não possam detectá-los) e seguem o mesmo modelo de sincronicidade (como diria um cara bem inteligente na Bíblia, “Há várias moradas na casa do meu Pai”), formando um único e gigantesco computador celestial, que funciona com mais precisão que o melhor dos relógios suíços.

Até a semana que vem, crianças;

Nosce te Ipsum...

O Tao e os Signos



[3]

Olá crianças,

Continuando a série sobre princípios de Astrologia, trago um último texto para tentar responder alguns dos questionamentos...

Sobre as oitavas

Áries: lida com a energia dinâmica, com o fogo do fogo, a iniciativa. Oitavas baixas (brigões, pessoas que discutem e se inflamam por qualquer coisa), oitavas medianas (pessoas de iniciativa, que fazem, que são dinâmicas), oitavas altas (pessoas que defendem as mais fracas, que lutam por causas de ideais).

Touro: lida com o acumular. Oitavas baixas (gananciosos, mesquinhos, pão duros, materialistas), oitavas medianas (administradoras, sabem controlar o dinheiro, sabem agregar valores), oitavas altas (grandes administradores, líderes comerciais).

Gêmeos: lida com comunicação. Oitavas baixas (fofoqueiro, distraído, faz mil coisas sem terminar, avoado, falhas de concentração), oitavas medianas (comunicativos, viajantes, fazem mil coisas ao mesmo tempo), oitavas altas (grandes comunicadores, palestrantes, estudiosos de múltiplos assuntos).

Câncer: lida com as emoções. Oitavas baixas (dramalhão mexicano), oitavas médias (sentimental, emocional, mães), oitavas altas (grandes poetas, pessoas que sabem trabalhar e expressar suas emoções).

Leão: lida com o brilhar. Oitavas baixas (egocêntricos), oitavas medianas (líderes, artistas, atores, pessoas que não tem medo de se expor), oitavas altas (grandes líderes por carisma, pessoas carismáticas).

Virgem: lida com a autocrítica e perfeccionismo. Oitavas baixas (chatos em geral, gente que pega no pé dos outros), oitavas medianas (organizados, autocríticos), oitavas mais altas (controle de qualidade, pessoas que cobram atitudes das sociedades, pessoas ótimas para organizar qualquer coisa).

Libra: o diálogo, o ajuste entre duas partes. Oitavas mais baixas (indecisos, nunca sabem o que escolher, manipuladores das opiniões alheias), oitavas medianas (comunicativos no sentido de saber se colocar no lugar do outro), oitavas altas (diplomatas e conciliadores).

Escorpião: o poder. Oitavas baixas (traíçoeiros, manipuladores, aqueles que só pensam no poder), oitavas médias (pessoas que sabem lidar com o poder, especialmente mágico), oitavas altas (procure nas ordens secretas e você acha vários destes).

Sagitário: alto astral. Oitavas baixas (imprudentes, acham que tudo dará certo sem se preocupar, exagerados), oitavas medianas (pessoas de alto astral, todos se sentem bem perto delas), oitavas altas (aquelas pessoas que fazem o dia de todos ao redor mais feliz, não importa o que aconteça).

Capricórnio: o controle, disciplina. Oitavas baixas (pessoas dominadoras, carrascos, militarescos), oitavas medianas (seriedade, disciplina, autocontrole), oitavas altas (os melhores militares e policiais, juízes e advogados).

Aquário: os que rompem barreiras. Oitavas mais baixas (retraídos, melancólicos, não obedecem ordens, bagunçados), oitavas medianas (reformuladores, questionadores), oitavas altas (aqueles que rompem as barreiras).

Peixes: o mais complicado de todos, o signo do contato com o “outro mundo”. Oitavas baixas (fuga da realidade, viciados, drogados, suicidas), oitavas medianas (artes em geral, pessoas que enxergam outras realidades, médiuns, pintores, músicos, todos que estejam em contato com “algo mais”), oitavas altas (messias, grandes artistas, grandes músicos, pintores, escritores, visionários).

Claro que ainda existe o *livre arbítrio*. Em que oitava da energia de cada signo em cada planeta depende única e exclusivamente de VOCÊ. Estudando os mapas astrais e decifrando este imenso computador celeste, as pessoas podem obter autoconhecimento e trabalhar suas fraquezas e desenvolver suas capacidades. Como já dizia o oráculo de Delfos, “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”.

E também sobre o livre arbítrio: o computador celeste só ajuda a posicionar as almas de volta ao planeta. O que elas vão fazer depois disso depende única e exclusivamente delas. Claro que você pode se propor a fazer muitas coisas e depois simplesmente não fazer nada do que se propôs e atrasar sua evolução (mas você vai ter de consertar todas as besteiras que fizer mais tarde!). Ou pode até mesmo fazer o oposto do que disse que ia fazer.

Um exemplo ótimo é Hitler. Circulam nos meios ocultistas relatos de que Hitler teria vindo para a terra para ser um grande líder, para tirar a Alemanha do caos da primeira guerra mundial e dar continuidade ao trabalho espiritualista do início do século, mas envolveu-se com o Caminho Sinistro e deu a merda que deu... Mas eu falo sobre os Arcanos Místicos do Hitlerismo e dos conhecimentos de magia negra nazista outro dia, hoje é apenas sobre astrologia.

Voltando ao assunto... Imaginem que essas energias ainda precisam ser combinadas com os planetas, ou seja, não adianta falar, “Ah, mas eu sou de câncer e não tenho nada a ver com câncer”, porque você precisa examinar CADA planeta. Se o seu sol for um signo, mas você tiver seis outros planetas em outro signo, provavelmente você terá uma personalidade muito diversa do que

está nas revistas. Aliás, a imensa maioria dos horóscopos de revista são uma bosta.

Eu já ouvi de um colega que trabalhou em um jornal que eles pegavam frases sorteadas de uma caixa de papelão para colocar nos horóscopos a cada dia... Não é a toa que praticamente ninguém dá valor a astrologia nos dias de hoje. Eu mesmo confesso que achava astrologia uma tremenda picaretagem antes de estudar Astrologia Hermética a fundo. Seria isso uma conspiração para impedir as pessoas de explorarem seus potenciais e mantê-las como gado?

Imagine um mundo onde desde criança os indivíduos já tivessem um contato com seus mapas astrais e estudassem seus pontos fortes e fracos, desenvolvendo as características que serão mais úteis para si mesmos e para a sociedade e trabalhando naquilo que precisam melhorar. Estudando assuntos que representam algo para sua personalidade ao invés de se enfiarem em empregos que não agregam nada a sua persona?

Sobre o aumento de população na Terra: os espíritos da orbe terrestre são aproximadamente 20 bilhões, dos quais cerca de 1/6 deveriam estar encarnados nesta faixa de vibração a cada ciclo (sim, a terra está superpopulada, descontrolada, estuprada, faminta, violenta e um completo caos, mas isto é mesmo novidade?). De qualquer forma, existem planetas “piores” e boa parte deste povo que está passeando pela terra nessas últimas encarnações sem fazer nada de útil para si mesmos está sendo direcionado para outros locais.

E, quanto aos ateus e céticos, eu acho ótimo que comentem e agradeço a participação, desde que com alguma argumentação. Falar “os cientistas católicos não encontraram prova da existência de espíritos” é algo que eu aceito com prazer como refutação, pois faz parte da crença sagrada de cada um, mas falar “astrologia é uma bosta” só vai mostrar a todos o quão ignorante você é. Como disse Voltaire, “Posso não concordar com uma palavra do que você disser, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-las”; e, se você não acredita em reencarnação, não tem problema, na próxima vida talvez você acredite, hehe... [muitas vezes o autor faz referência aos

comentários dos posts originais no *Teoria da Conspiração*, que foram bem numerosos; recomendamos a visita ao blog para estudo posterior].

Adios crianças;
Votos de Paz Profunda.

ANALISANDO UM MAPA ASTRAL

09.06.20011

Uma das minhas maiores broncas com os que acreditam que não existe nada além do físico e suas “experiências refutando a Astrologia” é que a imensa maioria das experiências feitas até hoje que já caíram nas minhas mãos (e não foram poucas) caem nos seguintes quesitos:

- 1) Usam apenas o “Signo” das pessoas para avaliar os resultados; ou
- 2) Pegam uns astrólogos e tentam fazer com que eles “adivinhem” alguma coisa a partir de um mapa e algumas vítimas ou façam “previsões” sobre algum assunto.

Não é de se estranhar que nada dá certo nunca. Ou estes experimentos apenas reforçam o que eu já expliquei em várias colunas: que o que vendem por aí hoje com o nome de “Astrologia” é puro LIXO.

Mas não posso culpar os céticos de verdade e as pessoas inteligentes. Eu mesmo, dez anos atrás, fui fazer um curso de Astrologia com um dos maiores astrólogos do país, Frank Avabash, com esse preconceito. Na época, ele devia ter uns 25 anos de experiência com Astrologia e eu estava totalmente convencido que seria uma furada. Mas me enganei. A Astrologia Hermética (aquela que Isaac Newton, Galileu Galilei, Kepler, Tycho Brache, John Dee, Max Heindel, Fernando Pessoa, Winston Churchill e Hitler estudavam) não lembra nem de longe o que os profanos chamam de “astrologia”.

Então, afinal de contas, o que é Astrologia?

Para começar, falaremos sobre o que se entende por “astrologia” no mundo profano: segundo os horóscopos, os humanos são divididos em 12 castas estereotipadas chamadas “signos”. Todo dia no jornal sai o “horóscopo” que é o que vai acontecer com 1/12 da população do mundo naquele dia e volta e meia algum picareta vai a TV fazer “previsões” que nunca se concretizam...

Isso é o que as pessoas pensam que seja Astrologia.

Bem, agora vamos falar sobre Astrologia de Verdade...

Um Mapa Astral, ou Carta Natal, é uma representação geométrica e simbólica do céu no exato momento do nascimento de qualquer coisa no Planeta. Uma pessoa, um objeto, um contrato, um ritual... Nenhum dos planetas “influencia” nada. Muito menos a “atração gravitacional” ou “energias emanadas” deles, como eu já vi céticos afirmarem.

As posições dos Planetas atuam apenas como mostradores; ponteiros invisíveis de um relógio astral, movimentando-se em sincronicidade com os acontecimentos em cada planeta. Tudo o que está em cima é semelhante ao que está em baixo. E o que realmente conta na confecção de um Mapa Astral é a angulação que eles fazem com o horizonte. Para alguém totalmente materialista, não parece mesmo fazer sentido... É como se alguém da segunda dimensão desse de cara com uma esfera atravessando o plano... Na visão deles, o máximo que poderiam compreender seria o círculo aumentando e diminuindo de raio, mas não conseguiriam explicar o que está acontecendo porque não possuem o conhecimento da terceira dimensão. O mesmo ocorre no exemplo acima. A explicação para o porquê a astrologia funciona está em um plano que a ciência ortodoxa AINDA não consegue explicar.

O cálculo exato das efemérides e a posição exata dos planetas no Mapa é de vital importância para a ciência da Astrologia. Por esta razão, em seu nascimento, Astrólogos e Astrônomos eram uma profissão apenas.

Mas tio, e as Constelações?

Constelações não servem para nada no cálculo de Mapas. São apenas REFERÊNCIAS simbólicas que os antigos encontraram para explicar para as pessoas algo que é extremamente difícil descrever apenas com palavras. Se formos avaliar diferentes métodos astrológicos (astrologia chinesa, védica, asteca, etc.) veremos que, apesar de cada uma delas dar NOMES DIFERENTES para cada signo, as descrições de cada período temporal em relação ao comportamento dos indivíduos é rigorosamente o mesmo. Mudam apenas as referências. Em um horóscopo são animais, em outro são deuses, num terceiro, constelações, em outro, constelações diferentes, e assim por diante...

Esta é uma das “refutações” que mais vejo entre os céticos: de que se a Astrologia fosse uma, todas as Astrologias seriam iguais. Só que elas SÃO iguais... Onde em uma cultura o signo é chamado de “touro”, em outra é chamado de “urso” e em outra de “elefante”. São símbolos que expressam uma mesma ideia, apenas culturalmente diferentes.

As próprias “constelações” não fazem sentido, quando agrupadas em um universo 3D. Peguemos, por exemplo, a constelação de Libra: alfa de Libra (Zubenelgenubi) está a 77 anos-luz. Beta de Libra (Lanx Australlis) está a 160 anos-luz, gama de Libra está a 150 anos-luz e sigma de Libra (Brachium) está a 300 anos-luz... Ou seja, elas não tem NADA em comum para serem agrupadas “próximas”.

Mas elas serviam como símbolos para contar histórias e fazer com que os cientistas primitivos fossem capazes de entender os conceitos abstratos que regem a psicologia.

Além disso, devido à precessão dos equinócios, o Sol atualmente cruza as constelações de Áries de 18 de abril a 12 de maio, Touro de 13 de maio a 20 de junho, Gêmeos de 21 de junho a 19 de julho, Câncer de 20 de julho a 9 de agosto, Leão de 10 de agosto a 15 de setembro, Virgem de 16 de setembro a 30 de outubro, Libra de 31 de outubro a 22 de novembro, Escorpião de 23 de novembro a 28 de novembro, Ofiúco de 29 de novembro a 16 de dezembro, Sagitário de 17 de

dezembro a 18 de janeiro, Capricórnio de 19 de janeiro a 15 de fevereiro, Aquário de 16 de fevereiro a 11 de março e Peixes de 12 de março a 17 de abril (e não riam... já vi astrólogos esquisotéricos querendo “reformular” os signos baseado nessas *bullshits*).

Ou seja, outros céticos usam isso como desculpa para “refutar” a Astrologia, alegando que graças à precessão dos Equinócios, o signo que você pensa que possui não é o verdadeiro signo que deveria ter, e assim por diante.

Retornando aos planetas...

Na “astrologia” que as pessoas conhecem, existem 12 tipos de signos/pessoas... Ou 144 tipos de pessoas (12×12) se você for legal e contar o ascendente.

Na Astrologia Hermética, temos 10 planetas (o nome Planeta vem de “viajante”, ou os “astros que caminham no céu”, por isso consideramos o Sol, a Lua e Plutão como planetas), mas, na realidade, são apenas os ponteiros do Sistema solar que contam.

O círculo do Zodíaco possui 360 graus. Sabendo que Mercúrio, pela posição relativa do sol em relação à Terra nunca estará mais do que 28 graus afastado do sol e Vênus nunca estará mais do que 46 graus afastado do sol, temos então:

360 (sol) x 56 (mercúrio) x 92 (Vênus) x 360 (terra/ascendente) x 360 (marte) x 360 (júpiter) x 360 (saturno) x 360 (urano) x 360 (netuno) x 360 (plutão) x 360 (lua) Mapas Astrais diferentes!

Fazendo as contas, temos: 1,45344 E+24, ou seja, 1,453.440.000.000.000.000.000.000 de possibilidades diferentes. Um SETILHÃO de combinações possíveis, se levarmos em conta 1 grau de precisão. A conta inclui os 360 graus do sol por causa das CASAS. Se quisermos “facilitar” e considerarmos apenas as combinações dos 12 signos com os 10 planetas, teremos 61.917.364.224 tipos de Mapas diferentes (ou 61 BILHÕES de combinações).

Complexo, não? Mas se a biologia ou a astrofísica podem chegar a complexidades matemáticas absurdas, porque insistem em manter a astrologia presa no século XVIII?

Simbolicamente, cada Planeta reflete um aspecto da Árvore da Vida dentro de cada pessoa. Para compreender a Astrologia, então, é necessário um conhecimento da Kabbalah (não a judaica, mas a estrutura que originou tanto a Kabbalah judaica quanto a hermética), e o que cada sephira representa dentro do Mapa de Estados de Consciência Humana (ou seja, o Astrólogo também precisa estudar a fundo psicologia e simbologia). E aqui começa o real problema da Astrologia: VOCABULÁRIO.

O vocabulário humano é extremamente limitado. Vamos a um exemplo simples: Você conseguiria descrever em palavras o amor que sente por sua mãe? E por seu pai? E por sua esposa/esposo? Por sua/seu amante? Pelo seu/sua filho mais velho? É o mesmo amor que o do filho caçula? E o amor que você sente pelos seus colegas de exército? Seu time de futebol? O amor-compaixão que sente por um mendigo pedindo esmola? O amor-piedade que sente por uma criança espancada? O amor-ódio que sente pela ex-namorada/o ? Não há nenhum degradê entre estas formas de “amor”?

Certamente que quando você diz “eu amo minha esposa” e “eu amo meu time de futebol”, ou “eu amo meus amigos torcedores” e “eu amo batata frita”, há diferenças enormes de significado.

Talvez um poeta conseguisse “traduzir” estes sentimentos em poemas enormes; colocar em palavras os nobres sentimentos humanos... Textos longos, rebuscados, melodias singelas, pinturas... Ainda assim não conseguiria chegar ao ponto exato [dizia o poeta John Galsworthy que “as palavras são tão somente cascas de sentimentos”].

Se o olho humano pode distinguir 10 milhões de cores diferentes, por que não temos um nome diferente para cada uma delas? E para cada um dos sentimentos/emoções?

Estão conseguindo chegar ao cerne do problema?

Se a astrologia tivesse avançado como as outras ciências, ao invés de ter sido expulsa das universidades pela IGREJA (e não por ser uma “pseudociência”, como a maioria dos céticos gosta de afirmar), talvez tivéssemos hoje um código para o Mapa de cada pessoa semelhante ao código genético ou ao código *Pantone*, com letras e números; e computadores buscando similaridades comportamentais, ao invés de astrólogos se matando para explicar sentimentos com palavras.

Queria ver se o Richard Dawkins tivesse de dar nomes simbólicos ou fazer poemas para cada código genético que encontrasse...

O Mapa Astral, então, é um perfeito mapa vocacional que mostra onde estão suas facilidades e dificuldades, a maneira como você pensa, sente, briga, transa, intui, aprende... Mostra o que te agrada e o que te incomoda; mostra os vícios que você tem e às vezes nem sabe por quê. Mostra suas virtudes e os seus defeitos.

O que o Astrólogo faz é analisar um mapa e tentar achar palavras que se encaixem com cada uma destas combinações em suas diversas matizes. Quando falamos “seu Marte está em Gêmeos”, estamos usando um código que simplifica MUITO, mas MUITO mesmo o que realmente estamos vendo naquele código... É como falar “sua camisa é azul”. Azul o que? Azul royal? Azul royal bebê? Azul royal bebê fúcsia? Azul royal bebê fúcsia prussiano do inverno do rio Volga?

Um Astrólogo está limitado pelo seu próprio vocabulário e pelo seu conhecimento da astrologia e simbolismo; também está limitado pelo seu próprio mapa astral. Um astrólogo cujo próprio mapa tenha muitos planetas em virgem fará uma interpretação de um mapa de outra pessoa bem diferente de um astrólogo com muitos planetas em peixes... Mesmo que os dois tenham entendido as nuances de maneira iguais, certamente se expressarão de maneira diferente, com palavras diferentes. Os céticos adoram pegar estas diferenças para alegar “que os astrólogos não falam a mesma língua nas mesmas interpretações”.

E nessa “subjetividade” acabam as chances da Astrologia de se enquadrar nas ditas ciências ortodoxas... Imagine a dificuldade que os geneticistas teriam se precisassem ficar dando nomes e descrições para cada um dos 27.000 genes humanos baseado em sua interpretação pessoal...

Dessa forma, o que os Astrólogos fazem é compilar em tabelas palavras, símbolos e descrições que mais se encaixam àquela determinada matiz energética (novamente, usando vocabulário de acordo com seu próprio entendimento). O que eu acho “teimoso” como um adjetivo depreciativo, você pode achar que é um elogio relacionado com “obstinação”, por exemplo! Uma pessoa “curiosa” é um elogio ou é uma pessoa frívola?

E assim caímos nas brechas para as astrologias *esquisotéricas*... Tentando rotular e simplificar ao máximo, chegam e dizem “todo virginiano é discreto, gosta de organização e limpeza”. Não é necessariamente verdade. Boa parte deles possui estas características, mas isso não define absolutamente nada em alguém... Para vocês terem uma ideia, um Mapa bem feito não tem menos do que 15-20 páginas de texto sobre a pessoa.

Conhece-te a ti mesmo.

E como se todas estas dificuldades não bastassem, também há o livre-arbítrio. Uma pessoa que tenha, por exemplo, “Mercúrio em Gêmeos” terá uma facilidade muito maior que a média de lidar com palavras... Ela terá facilidade bem maior do que outras pessoas se desejar tornar-se escritor, jornalista, repórter, contador de casos... Ou um grande fofoqueiro... Ou um grande mentiroso, ou combinações destes adjetivos. A habilidade de manipular bem as palavras não implica necessariamente que você as usará para o bem. E nas facilidades que estão as tentações.

Não temos como distinguir no mapa um grande repórter de um hábil mentiroso. Podemos dizer “fulano tem facilidade para lidar com palavras” (você sentiria alguma diferença se eu tivesse escrito “fulano tem facilidade para manipular palavras?”); talvez alguns cétricos

considerem isso vago (é outra das alegações furadas dos céticos em relação à astrologia). E NADA garante que alguém que tenha Mercúrio em Gêmeos vá seguir a carreira de lidar com palavras... Ele pode muito bem ser um vendedor de carros usados que usa isso como lábia.

Para mim, “Mercúrio em gêmeos” diz muita coisa... Questão de vocabulário. Não podemos aprofundar a descrição sem conhecer a pessoa... Talvez, somente a própria pessoa vai realmente saber o quanto ela usa esta capacidade para o bem ou para o mal.

É nisso que entra o autoconhecimento e a parte Hermética do “Astrologia Hermética”.

Avaliando nossos mapas, podemos detectar as energias com as quais temos mais facilidade e lapidar nossa pedra bruta para chegarmos até a pedra filosofal.

Mas é duro olharmos para o espelho e reconhecermos nossos defeitos... E mais difícil ainda lutar para transmutá-los das oitavas mais baixas nas oitavas mais altas; vencer as paixões que nos levam ao uso egoísta de nossas habilidades e transformá-las em virtudes. É como transformar chumbo em ouro.

Dessa forma, aí está a dificuldade em adequar o real ao experimento... Fazer “testes de múltipla escolha” parece completamente *nonsense* para alguém que sabe para que o mapa realmente serve. Minha sugestão seria pegar um psicólogo neutro para fazer um levantamento psicológico completo de cada pessoa, bem como uma entrevista onde ela revelaria suas ambições, fantasias, o que realmente gostaria de fazer, o que realizou dos sonhos, que tipo de parceiro sexual gosta e assim por diante.

Por outro lado, o Mapa seria gerado pelo banco de dados que estamos organizando através das doações dos leitores do *Teoria da Conspiração*, ou seja, sem a “interpretação” pessoal do Astrólogo. E como comparação, um grupo de psicólogos/astrologos compararia o perfil psicológico da pessoa com o do mapa e faria as correspondências. Claro que eu gostaria de fazer isso não com 20

mapas, mas com 10.000 mapas. Só que daria um puta trabalho, e os céticos já estão previamente convencidos que astrologia não funciona (embora eu sempre pensasse que cientistas avaliassem primeiro e julgassem depois, mas tudo bem).

A pedido dos hiperativos, segue uma lista de livros sérios para estudar a Astrologia Hermética e outros assuntos relacionados. Embora 90% dos livros estejam em inglês, separei apenas os livros em português que sejam mais fáceis de encontrar:

Comecem por *O livro dos Signos* e *Os astros e sua Personalidade*, de Maria Eugenia de Castro, ed. Ground; *Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos*, de Stephen Arroyo, ed. Pensamento; *Astrologia, Karma e Transformação*, de Stephen Arroyo; o pessoal que já tem uma base de espiritualismo pode ler *Astrologia de Transformação* de Dane Rudhyar. Também recomendo a autora inglesa Liz Greene.

Sobre outros planos vibracionais, comecem pelos textos do Allan Kardec (são 5 livros, facilísimos de achar) e depois passem para *A Doutrina Secreta* (de H. P. Blavatsky), *Dogma et Rituel e Haute Magie* (traduzido para o português pela Madras) e *Lições de Cabala*, de Eliphas Levi, e finalmente os textos de Louis Claude de Saint Martin, Francis Bacon e Papus [no *Teoria da Conspiração* há uma seção chamada *Bibliografia* que também merece ser consultada; e não esqueçam das demais Edições Textos para Reflexão – *google it*]

Quanto ao debate dos “céticos” versus “esoterismo” que alguns levantaram, eu poderia citar uma centena de nomes como Albert Einstein, Francis Bacon, Shakespeare, Isaac Newton, Benjamin Franklin, George Washington, Descartes, Voltaire, Nicolai Tesla, Winston Churchill, etc., que estavam envolvidos ou estudavam esoterismo.

Então, a moral é que pessoas BEM mais inteligentes do que nós levaram e levam muito a sério estes estudos esotéricos. Se Churchill, que era Churchill, consultava um astrólogo antes de tomar decisões militares, é porque alguma coisa ele sabia...

Agora, se você acha que Astrologia é o que se vê nas revistinhas de horóscopo e ocultistas são aqueles manés cheio de penduricalhos que vão em programas femininos da tarde na TV, então fique à vontade para continuar na ignorância...

And now, for something completely different...

2. Pirâmides e Energia

AS PIRÂMIDES SUBMERSAS NO JAPÃO

11.07.2008

Desde 1995, mergulhadores e cientistas japoneses estudam uma das mais importantes descobertas arqueológicas do planeta, misteriosamente ignorada pela imprensa ocidental.

Localizada a alguns quilômetros da ilha de Yonaguni, estão os restos submersos de uma cidade muito antiga. Muito antiga MESMO! Os estudos geológicos calcularam a idade destes monumentos como tendo 11.000 anos de idade, o que os colocaria como uma das edificações mais antigas do planeta.

Ao longo de mais de uma década de explorações, mergulhadores já haviam localizado nada menos do que oito grandes estruturas feitas pelo homem, incluindo um enorme platô com mais de 200m de comprimento, uma pirâmide no mesmo estilo das astecas e maias (constituídas de 5 andares e alinhadas de acordo com pontos cardeais), bem como um conjunto completo de zigurates, demarcando áreas e regiões específicas no platô.

Claro que pirâmides de 11.000 anos de idade nos remetem a outras pirâmides que também possuem 11.000 anos de idade, que foram construídas no mesmo período e pela mesma civilização, mas que são muito mais conhecidas do que estas pirâmides submersas... As pirâmides do Egito.

Mais para a frente, quando os especialistas descobrirem outras estruturas no platô japonês e perceberem que elas correspondem

perfeitamente a uma constelação, os cétricos vão fazer a cara de paisagem de sempre e dirão que “é uma coincidência”.

Assim como são “coincidências” o fato das pirâmides do Egito estarem alinhadas com a constelação de Orion (Osíris), as pirâmides encontradas na China alinharem perfeitamente com a constelação de Gêmeos, os Templos astecas de Tenochochtlan estarem alinhados com a constelação de Urso, Angkor Wat (aqueles templos que a Lara Croft explora no Cambodja) estarem alinhados com a constelação do Dragão e assim por diante...

PIRÂMIDES E MAIS PIRÂMIDES...

26.08.2008

Olá crianças,

Hoje falaremos sobre a matemática das pirâmides.

Em primeiro lugar, a palavra “pirâmide” vem do grego *Pyramidos*, ou “medida de luz”. Dentre a centena de pirâmides egípcias, vou começar pelo complexo de Gizé (ou Giza), considerado o mais importante deles, mais especificamente pela pirâmide de Khufu (ou Queops).

Khufu possui 146m de altura, 230m de lado e o número exato de pedras, calculado por computadores, de 590,712 unidades (variando em peso de 2,5 a 70 toneladas). Estas medidas, na verdade, devem ser calculadas em *Pyramid Inches* (cerca de 2,5426cm) que são as medidas utilizadas na construção das pirâmides. Se fizermos desta maneira, o perímetro de Khufu possui exatos 36524 PI (ou seja, 100x a duração do ano terrestre), e assim por diante.

Todas as pedras de mesmo peso possuem também o mesmo tamanho, com erro menor que 0,025cm em qualquer medida adotada; possuem ângulos perfeitamente retos em suas 6 faces, com precisão de 0,1 grau e encaixe entre elas que não deixa espaço suficiente para passar uma lâmina de canivete (0,04cm). A precisão

de encaixe destas pedras, considerando o conjunto, é de 0,015cm/100m (nem os mais modernos construtores de submarinos chegam neste grau de precisão – a precisão de projeto de um submarino nuclear é de 0,08cm/100m na mesma escala).

Ainda sobre esta estrutura principal, estavam encaixadas 144.000 placas polidas de *limestone* branca, idênticas em tamanho (precisão de 0,25cm), pesando cerca de 2 toneladas cada, deixando espaço de 0,025cm entre elas. Estas pedras foram recortadas e arrastadas de Tura ou Masada, pedreiras localizadas a cerca de 15-20km do Cairo. Apenas o bloco de granito que forma o piso da Câmara do Rei, com 80 toneladas, e o “sarcófago”, tiveram de ser arrastados de Aswan, que fica a 800km do Cairo.

A pirâmide de Khufu é um quadrado perfeito, com erro de 58mm (em 230 metros!) e erro de ângulo reto de 1 minuto (1/60 de um grau), alinhada perfeitamente com o norte do Planeta. A base da pirâmide é perfeitamente plana, com desnível de apenas 0,075cm/100m (para quem não é arquiteto ou engenheiro esses números não dizem muita coisa, mas para ter uma ideia comparativa do quão preciso foi o nivelamento das pirâmides, basta dizer que edifícios modernos de alta tecnologia chegam a 15-20cm/100m em desnível).

As 3 pirâmides alinham-se com a constelação de Orion com margem de erro de 0,001% quando comparadas com a posição destas estrelas no céu em 10.500 AC.

Além disto, as câmaras interiores foram projetadas ANTES da pirâmide ser construída, sendo deixadas como “buracos” na estrutura da pirâmide (e não “escavadas posteriormente!”), ou seja, os construtores iam empilhando os blocos de pedra e deixando os espaços vazios que seriam cada câmara enquanto iam erguendo as pirâmides.

E eu nem comecei ainda a falar sobre a Câmara do Rei, cuja configuração e proporção das pedras do chão refletem as medidas/translações dos seis primeiros planetas do Sistema Solar (Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno).

Também não falei ainda do “sarcófago” do faraó, que é grande demais para passar pelos dutos da pirâmide, ou seja, ele foi colocado na câmara do rei ANTES da pirâmide ter sido “fechada”. Como disse acima, esta pedra, esculpida em um ÚNICO bloco de 30 toneladas, foi arrastada por 800km de Aswan até o Cairo durante a construção da pirâmide, de modo a poder ser encaixado na posição correta.

(Mais tarde falaremos em detalhes sobre como a Câmara dos Reis e o Templo de Salomão possuem as mesmas proporções, e de como o “sarcófago” possui as mesmas proporções da Arca da Aliança).

Um último detalhe é que, apesar de todo este cuidado milimétrico de projeto da pirâmide, o “sarcófago” é PEQUENO DEMAIS para caber uma pessoa deitada dentro dele...

(pausa para rir)

É importante lembrar disso porque, quando falarmos mais para frente sobre os ALINHAMENTOS dos dutos das câmaras internas com as principais estrelas e constelações da época, durante determinados períodos do ano, temos de ter em mente que toda a estrutura é um gigantesco observatório astronômico, PROJETADO como tal e não fruto de mero “acaso”. Os dutos são alinhados com perfeição de um centésimo de grau em duas câmaras principais de observação.

Também preciso dizer que as pirâmides não possuem entradas externas. As entradas eram todas subterrâneas, vindas de uma câmara que ficava sob a esfinge, fazendo com que todo o complexo só pudesse ser acessado por dentro. Quando os exploradores ingleses penetraram nas câmaras internas, o fizeram DINAMITANDO os dutos externamente (pois as entradas subterrâneas encontravam-se soterradas). Então nomearam aquilo de “dutos de ventilação” (em uma “tumba”, mas tudo bem).

Bom... Acho que já deu para ter uma ideia bem clara que mesmo com a tecnologia de HOJE seria quase impossível erguer pirâmides com a qualidade técnica e construtiva das pirâmides egípcias.

A quantidade de “coincidências” matemáticas e sobre a precisão com que as pirâmides foram construídas poderia consumir textos e mais textos. Quem quiser mesmo ver as principais relações matemáticas da pirâmide, pode olhar este site aqui: www.crystalinks.com/gpstats.html

Mas afinal de contas, como as pirâmides foram construídas?

Antes de começar com teorias de conspiração, vamos perguntar direto para as *otoridades* egípcias. E que melhor *otoridade* que o próprio departamento de turismo egípcio?

Segundo eles, as pirâmides foram construídas durante a 4ª dinastia, para servirem como tumba para o faraó Khufu. Demoraram ao todo cerca de 20 anos para ficarem prontas.

Ok, sem risadas... Vamos começar com uma conta básica: são 590.712 pedras para serem colocadas em 20 anos (8.760 dias). Fazendo as contas, temos que seria necessário para os egípcios encaixarem aproximadamente 1 pedra a cada 17 minutos (24 horas por dia, 7 dias por semana sem parar um segundo).

Embora experimentos feitos pela universidade Obayashi, no Japão, tenham demonstrado que 18 homens conseguem empurrar um bloco de 2,5 toneladas com velocidade máxima de 15m/minuto (demorando, assim, em teoria, 17 horas para empurrá-los da pedreira até a pirâmide, SEM DESCANSO). Claro que essa teoria está furada, pois se arrastassem os blocos por tanto tempo, o atrito com a areia lixaria o fundo das pedras, tornando-as incompatíveis com a precisão matemática que elas apresentam.

A teoria de arrastar sobre troncos de palmeiras também está furada. Os mesmos alunos demonstraram que as palmeiras existentes no Egito seriam esmagadas se submetidas a blocos de mais de 1,5 toneladas.

E isso porque nem entramos no quesito dos quase 5.000 blocos de SETENTA toneladas... E sempre é bom lembrar, estes valores são para UMA pirâmide... O conjunto é formado por TRÊS pirâmides (e

somado a outras 6 pirâmides menores, a esfinge, as mastabas, templos e outras edificações).

As *otoridades* egípcias afirmam que a pirâmide é a tumba de um faraó.

Embora NUNCA se tenha encontrado sequer uma múmia em NENHUMA das 111 pirâmides catalogadas. Também nunca foram encontrados NENHUM tesouro de faraó algum. Nada, *Nicht, Niet, Zero*. Todas as múmias foram encontradas em cemitérios localizados aos pés das pirâmides ou em templos adequados para tal (Mastabas). Todos os tesouros encontrados estavam nos templos e antecâmaras, mas nunca dentro das estruturas.

A explicação oficial é que “ladrões de tumbas” saquearam todos os tesouros e as múmias. Embora, voltando a Khufu, os exploradores tiveram de DINAMITAR a passagem para entrar, e nada encontraram lá dentro. Ou seja, se houvessem “ladrões de tumba” eles entraram, levaram TUDO (tudo tudo tudo), e ainda tiveram a paciência de recolocar todas as pedras na entrada de modo a deixá-la do mesmo modo que ela estava antes deles chegarem, com direito a mesma precisão milimétrica dos encaixes...

(mais uma pausa para rir)

Se você fosse um faraó e gastasse 20 anos da sua vida para construir o seu túmulo, o mínimo que você iria fazer seria colocar o seu nome bem visível em todos os lugares possíveis e imaginários, certo? ERRADO. Não existe NENHUM hieróglifo ou símbolo dentro de NENHUMA das principais pirâmides. Os únicos símbolos encontrados dentro das pirâmides foram colocados lá milhares de anos após sua construção.

As *otoridades* egípcias afirmam que os dutos que conectam a câmara do rei às laterais da pirâmide são, na verdade, “dutos de ventilação” (mas para que precisamos de dutos de ventilação em uma tumba?). O fato desses dutos alinharem-se perfeitamente com estrelas

e constelações que tem profundo simbolismo na mitologia e religião Egípcia é, como tudo mais, uma “coincidência”.

Agora, um pouco de teoria de conspiração...

E se o faraó, na verdade, não construiu as pirâmides em 20 anos (como demonstramos ser impossível), mas sim REFORMOU algo que já estava pronto, mas parcialmente destruído pelo dilúvio, nesses 20 anos?

E se as pirâmides escalonadas (aquelas mais toscas e sem grande precisão), que foram construídas em 4.000 a.C. foram, não “testes de construção” como as *otoridades* dizem, mas sim IMITAÇÕES das verdadeiras pirâmides, feitas realmente com o máximo que seria possível de tecnologia da época?

Semana que vem, Círculos de Pedra, Pirâmides, Astrologia, e o Dilúvio.

E pra que diabos servem as pirâmides?

Tenet Nosce, Crianças!

A CÂMARA DOS REIS

09.09.2008

Olá crianças,

Apenas respondendo a alguns dos comentários, eu gostaria de dizer que, na verdade, eu sou mais cético do que a imensa maioria dos que se dizem “céticos” que escrevem comentando. A minha formação é a seguinte: fiz engenharia de produção na USP, depois arquitetura, também na USP, com especializações em semiótica (o estudo de símbolos, signos, mensagens subliminares, cores, etc., e como elas afetam as pessoas) e História da Arte (com ênfase em História das Religiões comparadas, de onde resultou um dos meus trabalhos,

chamado *Enciclopédia de Mitologia*, com cerca de 7.200 verbetes). Desde 1989 também estou envolvido direta ou indiretamente com fraternidades iniciáticas, filosóficas e religiosas.

Segundo os testes da Mensa, meu QI é de 151, embora eu não goste muito deste conceito de “Quociente de Inteligência” porque acredito que existam diversos tipos diferentes de inteligência. Apesar de conhecer e estudar profundamente todas as religiões, a minha religião pessoal é a Filosofia.

Quanto às “ordens secretas”, eu gostaria de dizer que a Maçonaria, Rosacruz, AMORC e outras não são secretas, mas DISCRETAS, pois possuem sites, e-mails, CNPJs e estão com as portas abertas a qualquer pessoa que seja um buscador sincero. Quanto à “Ordens Invisíveis”, aí eu não sei do que vocês estão falando, essas coisas não existem...

Bom, vamos ao que interessa: a Câmara dos Reis.

Antes disto, vamos brincar um pouco com a geometria sagrada. Vocês devem saber que a pirâmide, além das perfeições milimétricas que já comentei noutro artigo, possui algumas câmaras internas, que as *otoridades* chamaram de “Câmara do Rei” e “Câmara da Rainha”.

Para falar sobre elas, primeiro vou ensinar vocês a construírem suas próprias pirâmides com um compasso e um esquadro. Faça da seguinte maneira:

Trace uma linha reta em um papel. Faça com um compasso 2 círculos tangentes sobre esta linha. Em seguida, faça duas linhas perpendiculares ao centro de cada círculo até que elas toquem o ponto superior de cada círculo. Ligue os pontos ABCD da maneira que eu coloquei [ver a primeira imagem ao fim do artigo].

Usando o compasso, coloque a ponta dele no centro obtido pelo X e trace um segundo círculo, com intersecção nestes 4 pontos ABC e D. Usando o esquadro, trace uma reta do topo deste novo círculo até a base e você terá a exata proporção das pirâmides da Atlântida.

Os traçados BC e AD “coincidentemente” terão os exatos mesmos ângulos de inclinação das passagens que ligam o exterior da pirâmide às câmaras encontradas [acompanhe a imagem]; e estas câmaras e túneis, bem como seus cruzamentos teóricos, “coincidem” perfeitamente com as quatro câmaras – duas do “Rei” e duas da “Rainha”.

“Opa ! – como assim QUATRO?!?!? As *otoridades* dizem que só existem DUAS câmaras na pirâmide!!!.”

Desde 1963, as *otoridades* têm sabotado e bloqueado sistematicamente qualquer investigação nas pirâmides que não fosse estritamente observada e acompanhada de perto por seus agentes religiosos e historiadores que precisam manter suas teorias de “tumba do faraó” intactas. Mas o tio Marcelo conseguiu algumas fotos muito interessantes de 1910 para mostrar para vocês...

Dentro da pirâmide, existem dois conjuntos de câmaras, dispostas lado a lado, como na figura [ver a segunda imagem ao fim do artigo] e seguindo alinhamentos perfeitos não apenas em relação ao Norte da Terra, mas em relação a certas estrelas e constelações. A estrutura milimétrica da pirâmide bem como sua composição material (o tipo de pedra escolhido) facilitam certos tipos de vibrações harmônicas (a saber, 740 Hz).

Vamos estudar um pouco da câmara “oficial” e depois vamos para as teorias conspiratórias de câmara dupla:

A Câmara do Rei segue a mesma proporção do Templo de Salomão (vão procurar na Bíblia, no livro dos Reis, se quiserem saber qual é – também não vou dar tudo mastigado aqui). Na verdade, o correto é dizer que o TEMPLO é que segue as mesmas proporções da câmara dentro da pirâmide, certo? Hehehe.

A estrutura interna da câmara dos reis é dividida em 20 pedras, vindas de uma pedreira que não é a mesma que o restante da pirâmide, porque a câmara necessita de uma frequência harmônica diferente (440Hz). A disposição e o tamanho destas pedras também é milimetricamente calculada, para que as proporções entre as larguras

e profundidades de cada pedra correspondam às mesmas proporções de diâmetro e tempo de translação cada um dos sete primeiros planetas do sistema solar (“coincidência? São 14 coincidências então...).

A câmara do Rei possui uma série de 3 portas que possuem um intrincado sistema de abertura e fechamento. Para quem é rosacruz eu não preciso explicar o simbolismo dos “3 Átrios”. Para quem estuda apenas a parte prática, podemos entender estas portas como portas capazes de selar hermeticamente (no sentido mundano) a câmara do rei, para o caso de, digamos, precisar encher a sala com água...

Tendo duas câmaras grudadas uma na outra e toda uma estrutura dupla dentro da pirâmide, podemos pensar em algumas possibilidades... Alinhamento com o norte, dois polos (positivo e negativo), cinco “tetos solares internos” sobre as câmaras dos reis (que podiam ser preenchidos internamente com algo), estrutura de ressonância, faixas desenhadas nas paredes dividindo a câmara em oitavas, como se fosse um “regulador” de alguma coisa... Dutos de “ventilação” internos que levam a câmaras subterrâneas “alagadas” e externos que se correspondem perfeitamente com certas estrelas em certos períodos do ano, portas para selar a sala...

Aos olhos conspiratórios, isso tudo parece um grande equipamento... Cujos coração (o ponto onde está o centro energético da pirâmide) reside justamente no pontos onde estão os sarcófagos dos faraós!

Para completar a conspiração, se existem duas câmaras coladas uma na outra, deveria haver uma ligação entre as duas salas, não é mesmo? Mas quando olhamos esta foto aqui, tirada por um amigo meu em 1993, vemos que não há nada ali. Porém, se olharmos para esta foto dos irmãos Edgar, tirada em 1910, vemos claramente que existia um túnel de conexão ali. Porque as *otoridades* cimentaram o túnel? [ver ambas as fotos na terceira imagem após o fim do artigo]

E finalmente chegamos ao “sarcófago” do faraó, coração energético da pirâmide. As medidas internas oficiais são 1,68m x 68,1cm x 87,4cm. A menos que o faraó fosse bem anãozinho, não poderia ser colocado junto com seu “chapéu de faraó” e “ornamentos de faraó” dentro de um sarcófago tão pequeno. Teriam nossos amigos escravos egípcios, que empurraram tantas pedras tão pesadas ladeira acima e construíram uma pirâmide com erro de 58mm em 230m, errado tão idiotamente logo no “coração” da tumba? Não faz sentido...

Então... O que cabe ali dentro?

Cabe um sacerdote sentado, como se fosse uma “banheira” enquanto outro sacerdote, digamos, ritualisticamente, o mergulha nas águas, afundando-o para que ele “morra” e depois “renasça” como um iniciado (guarde bem essa imagem de um sacerdote egípcio afundando um neófito dentro de um corpo de água para depois retirá-lo das águas renascido... isso será importante nos posts conspiratórios uns 4.000 anos mais para frente).

Mas o que tem de especial nesta água?

Se a pirâmide era algum tipo de “equipamento”, o que usavam de bateria?

Bem, para responder esta pergunta, podemos dizer que existe uma outra coisa que cabe perfeitamente dentro do “sarcófago”. Vamos olhar na bíblia, crianças...

O que é, o que é? Mede 2,5 x 1,5 x 1,5 cúbitos (1,12m x 67,5cm x 67,5cm), foi retirada do Egito e ficava dentro de um templo construído especialmente para ela com as mesmas proporções da câmara dos reis?

Respostas a seguir...

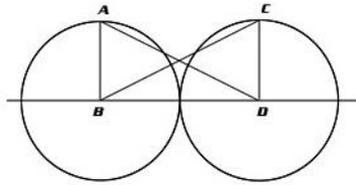


imagem 1
Construindo
pirâmides

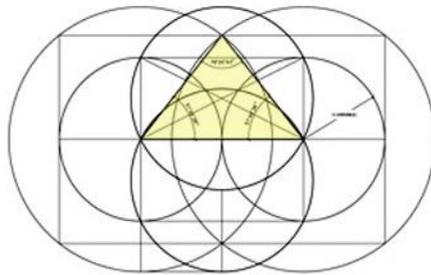
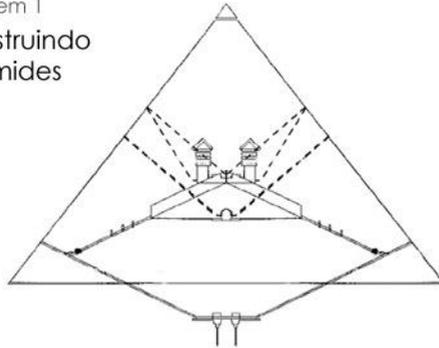
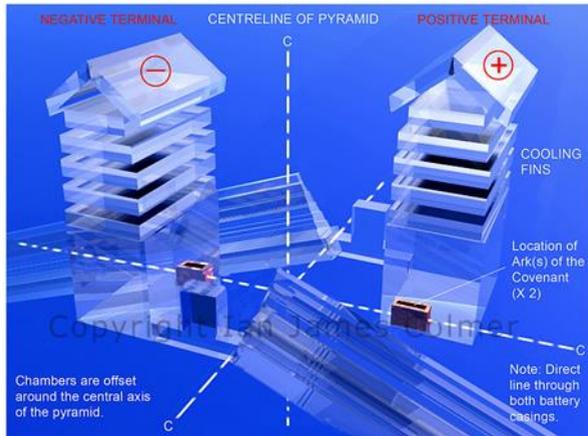


imagem 2

Dentro da pirâmide, existem dois conjuntos de câmaras, dispostas lado a lado (...)



Arte por Ian James Colmer

Imagem 3

Em 1910 havia uma conexão entre as câmaras:



Em 1993, não mais...



DILÚVIO, PIRÂMIDES E STONEHENGE

17.09.2008

Olá crianças,

O artigo anterior nos trouxe duas surpresas. A primeira foi que, novamente, batemos recordes de visitação aqui no *Sedentário*, e a segunda é que praticamente não houve ninguém reclamando.

Eu perguntei ao *eightbits* [apelido de um dos coordenadores do *Sedentário & Hiperativo*] e ele me garantiu que meu pedido de manter todas as críticas foi respeitado, e só são deletados comentários com xingamentos gratuitos (e, no caso, foi apenas um esta semana).

Isto pode significar que: os cétricos foram todos embora (o que seria uma pena, pois, como disse certa vez o poeta e alquimista William Blake, “Não há crescimento sem oposição”); a outra hipótese é que até mesmo eles começaram a perceber que, apesar do tom leve e de brincadeira dos textos, este é um assunto muito sério e não estou dando fantasias ou hipóteses absurdas, mas fatos matemáticos.

Como já disse uma vez, repetindo as palavras de Voltaire, “Posso não concordar com uma palavra do que você está dizendo, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-las”. Críticas e questionamentos, desde que bem embasados, são bem vindas!

Agora voltando à programação original...

A resposta a pergunta no final do artigo anterior é “Arca da Aliança”, mas eu percebi que acabei me empolgando e nos adiantamos um pouco na história. Antes de falar sobre Moisés, vou precisar falar sobre o Dilúvio. E antes do dilúvio, quero voltar brevemente as pirâmides:

Lembram quando discutimos sobre ser impossível montar as pirâmides mesmo com tecnologia de hoje em dia? Ok. Como alguns de vocês podem se lembrar de ter visto em algum lugar, existia um

enorme complexo de templos chamados Abu Simbel no Egito. As *otoridades* precisavam construir uma grande barragem e uma megaoperação mundial foi organizada para desmontar e transportar o templo de Abu Simbel para uma montanha a salvo das águas da barragem.

Pois bem. A grande maioria das pedras esculpidas no templo de Ramses II foi retirada das pedreiras de Assuã, distantes cerca de 120km do templo, incluindo a cabeça do faraó, que foi transportada e esculpida em UM ÚNICO bloco de pedra. Quando os técnicos e engenheiros suíços e alemães foram transportar estes blocos para o local seguro, apesar dos GUINDASTES e HELICÓPTEROS envolvidos na operação, tiveram de fragmentar diversas estátuas e blocos de construção do templo para transportá-los.

Vamos escrever mais devagar para os que não entenderam: blocos de pedra que os egípcios (os “escravos seminus de 6.000 anos atrás” haviam conseguido manobrar, esculpir e encaixar intactos) tiveram que ser divididos, pois a tecnologia do século XX não conseguiu repetir o feito.

O Dilúvio

A história do Dilúvio Universal, ao contrário do que muita gente acredita, não existe apenas na Bíblia, mas em praticamente TODAS as mitologias do planeta. Muitos historiadores dizem que o dilúvio bíblico aconteceu apenas em uma área do mediterrâneo e que serviu de justificativa para as *otoridades* atestarem a veracidade literal da bíblia (a ponto de milhões de dólares terem sido gastos em pesquisas procurando barquinhos que não existem em cima do monte Ararat!).

Na Suméria, “Utnapitshtim, o Longínquo”, é considerado o único homem que escapou ao Dilúvio, e sua história é contada em diversos poemas, especialmente em um trecho de *Gilgamesh*.

Nos Gregos, Deucalião e Pirra fazem o papel de Noé e Naamah, levando em uma arca toda a esperança após a devastação da terra por um dilúvio causado pelos deuses.

Nos Nórdicos, temos o conto do *Choro de Baldur*, quando o malvado Loki faz o arqueiro cego e sua flecha de visgo assassinar o deus-sol Baldur, e todas as coisas que existem choraram por ele, causando um dilúvio.

Na Mitologia Hindu, um peixe disse a Manu que as águas cobririam a terra e, novamente, temos uma arca salvando as esperanças da humanidade das águas divinas.

Entre os Celtas, os poemas do *Ciclo de Finn* narram a ocupação da Ilha após o Dilúvio

Nos Índios americanos, a história de Kwi-wi-sens e como ele e seu amigo corvo escaparam do dilúvio causado pelos deuses dos céus.

O Conto de Cowichan e do Dilúvio já era conhecido dos índios do norte dos EUA muitos séculos antes dos missionários ali chegarem com suas bíblias,

Nos Astecas, Coxcox possui uma história muito semelhante à de Noé, séculos antes dos espanhóis chegaram ao continente. Que conta da inundação de todas as terras conhecidas, e da fuga de uma tribo para as montanhas.

As Crônicas de PopolVuh entre os Maias narra um grande cataclismo que destruiu a humanidade, destruindo uma terra que era considerada o paraíso.

Os Incas contam a lenda do castigo divino das chuvas que duraram 60 dias e 60 noites, alagando toda a civilização.

No Brasil, os índios Tamandaré possuem uma lenda idêntica a de Noé, onde o dilúvio destruiu praticamente todas as vilas, só restando um homem e uma mulher que se refugiaram no topo de uma montanha.

Como explicar tantas lendas tão distantes entre si que narram os mesmos fatos?

Nos últimos dez mil anos, existem milhares de evidências de que a Terra foi alvo do impacto de pelo menos dois meteoros de grandes proporções. Um deles, o primeiro e maior, que se fragmentou em sete partes, atingindo o planeta de uma vez só e causando tsunamis

de 5km de altura, capazes de varrer do mapa cidades inteiras em minutos, atingiu a Terra em 7.640 a.C. (alguém lembrou da Atlântida, cujas lendas dizem que afundou em um único dia?) e foi responsável pela maioria das lendas de dilúvio na América e Europa. O segundo, de menores proporções, atingiu a Terra aproximadamente em 3.150 a.C. e foi o responsável pelas lendas de dilúvio da Mesopotâmia e da bíblia.

O primeiro impacto varreu do mapa o continente da Atlântida e parte do que havia restado da Lemúria, deixando submersos seus templos e pirâmides por milhares de anos. Mas, como uma das funções das pirâmides era também a de Observatórios Astronômicos, os sábios conseguiram prever o impacto do grande asteroide e remover para locais seguros (Himalaia, Tibet, Andes, Interior dos Continentes) grande parte dos cristais e do conhecimento acumulado por estas civilizações (e também de onde surgem as histórias sobre Shan-Gri-Lá e Agartha, mas isso fica pra outro dia...).

As Linhas de Ley e Círculos de Pedra

Todas as Pirâmides estão construídas sobre o que chamamos de “linhas de Ley” ou, no oriente, “Veias do Dragão”. Assim como em nosso corpo correm linhas energéticas (usadas na acupuntura), o planeta possui linhas energéticas especiais sobre toda a sua superfície. O cruzamento destas linhas energéticas forma o que chamamos de “node” ou “ponto focal” (equivalentes aos chakras nos humanos), que é considerado um ponto muito especial dentro de várias culturas antigas.

As pirâmides originais da Atlântida foram construídas sobre estes pontos, pois utilizavam-se dos alinhamentos com estrelas, planetas, centros energéticos e também pelo formato dos templos, em conjunto com cristais e outros objetos (os corações destes templos e pirâmides), para uma infinidade de coisas.

Após o dilúvio, a imensa maioria destas pirâmides foi submersa, exceto algumas que estão na Europa, China, Egito e América, mas outros pontos surgiram. Após o primeiro dilúvio, as tribos que

conseguiram escapar da catástrofe tiveram de se reorganizar e, para isto, reconstruir seus observatórios. Com isso, conseguiram prever o segundo meteoro e se preparar para o dilúvio em 3.150 a.C.

Lembre-se que a bíblia deve ser lida de maneira alegórica. Quando escrevemos que Noé levou dentro da Arca dois elefantes, queremos dizer que “os conhecimentos da civilização hindu foram preservados”, quando escrevemos que ele levou duas girafas, quer dizer que “os conhecimentos da civilização africana” foram preservados e assim por diante. Não existe e nem nunca existiu barquinho algum. A “Arca” de Noé é a mesma “Arca” da Aliança, a fuga das águas e a fuga do Egito são apenas metáforas diferentes para a mesma situação: a preservação do conhecimento oculto (procurem o significado da palavra “Moisés” como lição de casa, vocês vão ter uma surpresa...).

Eu falei sobre o grande relógio celestial em outros antigos. Este mecanismo celeste, além das funções que eu descrevi, também servia para prever o melhor momento de plantar cada tipo de alimento, de criar o gado, o momento certo de colher cada lavoura, de aproveitar as cheias, de tosquiá as ovelhas e assim por diante. Como as civilizações pós-dilúvio não possuía os cristais ou as capacidades dos sacerdotes antigos, apenas parte do conhecimento adquirido, tiveram de “improvisar” e ergueram complexos de pedra sobre as Linhas de Ley para utilizarem-se como templos, em uma segunda etapa.

Por esta razão, pirâmides e círculos de pedra possuem basicamente as mesmas funções (astronômicas e religiosas) e foram construídos seguindo os mesmos princípios matemáticos, de geometria sagrada e conhecimentos profundos de astronomia. As pirâmides egípcias mais “primitivas” certamente que foram construídas no período dos faraós, seguindo as especificações da Grande Pirâmide, que foi REFORMADA pelos sábios egípcios detentores deste conhecimento (foram encontrados diversos fósseis e conchas de animais marinhos nos arredores das pirâmides, sinal que aquela região já foi coberta pelo mar algum dia no passado).

Bem, novamente o texto acabou ficando maior do que eu esperava, e ainda não chegamos na Arca da Aliança, embora alguns de vocês certamente já estão conseguindo ligar alguns fatos pelas dicas que eu dei ali em cima...

Para o próximo artigo, vou seguir os comentários: vocês preferem que eu fale mais sobre Stonehenge e os Círculos de Pedra e toda esta relação com as Linhas Energéticas ou vamos direto para a Arca da Aliança?

Cartas à redação.

LINHAS DE LEY

15.10.2008

Antes de explicar sobre a construção e disposição dos círculos propriamente ditos, vamos começar sobre as chamadas Linhas de Ley. Apesar de conhecidas pelos chineses e hindus (e, por que não dizer, atlantes e lemurianos) por milênios, o primeiro ocidental a estudar e teorizar as linhas energéticas que passam pela superfície do planeta foi o matemático Pitágoras, aproximadamente em 500 a.C., mas estas linhas só foram mesmo popularizadas em 1921, por Alfred Watkins. Desnecessário dizer que sua teoria foi ridicularizada e desprezada pelas *otoridades*.

As Linhas de Ley, como vocês perceberão, são parte de uma teoria que explica muito bem a imensa quantidade de eventos “inexplicáveis” ao redor do mundo, incluindo o Triângulo das Bermudas, Pirâmides, Áreas mortas, aparições de OVNI e outras regiões de fenômenos magnéticos estranhos.

A mais antiga evidência a respeito de pesquisadores das Linhas de Ley encontra-se no Ashmolean Museum of Oxford, que tive o prazer de visitar pessoalmente em 1989. Nele estão expostas um conjunto de 5 pedras mais ou menos do tamanho de um punho, esculpidas em 1400 a.C., que representam precisamente os sólidos de Platão

descritos no *Timeu* (que só seriam estudados oficialmente mil anos depois, na Grécia, segundo as *otoridades*) [os jogadores de RPG os conhecem como d4, d6, d8, d12 e d20]. Apesar dessas estruturas serem extremamente delicadas e precisas, oficialmente, essas pedras são consideradas “projéteis de algum tipo não definido de boleadeira”.

No Brititish Museum também estão em exposição esferas de metal (de ouro e bronze) vietnamitas com respectivamente 20 e 12 pontos, que se encaixam e rolam umas sobre as outras, marcando uma combinação de 62 pontos e 15 círculos. Essas esferas possuem cerca de 2.500 anos de idade. Apesar dessas esferas servirem como objeto de estudo dos sólidos de Platão e da combinação de pontos dentro de uma superfície esférica, oficialmente elas são “objetos de uso religioso não especificado”.

Combinando os dois principais sólidos de Platão, temos uma grade composta de 120 triângulos [ver primeira imagem ao fim do artigo]. Esta esfera metálica vazada foi encontrada por arqueólogos em ruínas na cidade de Knossos (durante a Idade Média, diversas imagens como esta apareciam em textos de alquimia, e ela era chamada de “Esfera Celestial”). Sua função era ser deixada ao sol para estudos da projeção das sombras sobre a esfera central. Com isto, os gregos (e egípcios; e posteriormente os pitagóricos, alquimistas e templários) conseguiram medidas precisas de distâncias no planeta, que só foram igualadas em precisão neste século, com os mapeamentos por satélite. Oficialmente, este é uma “esfera ornamental, de função desconhecida”.

Mas vamos direto para as Linhas de Ley. Como todos nós sabemos, os sólidos de Platão são 5 (tetraedro, cubo, octaedro, dodecaedro e icosaedro). Pense nos dados de RPG. Porque apenas cinco? A resposta está nos cinco elementos do pentagrama usado na magia. Estes elementos estão também relacionados com sólidos geométricos, além das cores e símbolos tradicionais. Então temos: Fogo = Tetraedro, Terra = Cubo, Ar = Octaedro, Água = Icosaedro, e Espírito ou Prana = Dodecaedro. As Escolas Pitagóricas reuniram

todos os sólidos dentro de uma única esfera e o resultado foi um mapa de linhas formado por 120 grandes círculos e 4.862 pontos. [ver primeira imagem ao fim do artigo].

Os estudos de Platão ecoam os ensinamentos de Pitágoras a respeito da projeção do infinito sobre o finito e servem para demarcar os pontos energéticos de maior intensidade na superfície do planeta, da mesma maneira que as linhas energéticas marcam os pontos principais da acupuntura em um corpo humano. Repetindo: *As above, so below* (Tudo o que está em cima é como o que está embaixo) [um dos preceitos do Hermetismo].

Eminentes cientistas, como Sir Joseph Norman Lockyer, estudaram a superfície do planeta e sobrepuseram as chamadas Linhas de Ley com grandes monumentos do passado, como as Pirâmides, os principais círculos de pedra e outros eventos “inexplicáveis” e chegaram a “coincidências” absurdas. Cidades como o Cairo, com 6.000 anos de idade, foram projetadas (sim, você leu direito: projetadas) de maneira harmoniosa com as linhas energéticas do planeta. Londres, Paris, Berlin, Moscou, Washington, Brasília (ok, Washington e Brasília são cidades novas, mas seus projetistas sabiam o que estavam fazendo – olhe direito a planta de Brasília... aquilo é mesmo um avião ou poderia ser um compasso?).

Graças a este conhecimento oculto, mapas medievais até hoje inexplicados mostram a América, Austrália e Antártida com formas quase perfeitas, condizentes com descobertas feitas séculos depois. Exemplos são o Mapa de Piri Ibn Haji (copiado de um mapa que estava na Biblioteca de Alexandria, com a descrição da América) e o mapa de Calopodio (1537, descrevendo a Antártida). Estes mapas eram mais precisos do que mapas feitos até a década de 60 ou 70.

Com base nestas linhas, mapas da Atlântida e de Lemúria também puderam ser traçados muitos séculos antes que os cientistas sequer começassem a discutir “placas tectônicas”. O pesquisador e cientista Sir James Churchward publicou, em 1972, um trabalho intitulado *The twelve devil's graveyards around the world*, onde localizava os doze locais onde ocorriam o maior número de acidentes e

desaparecimentos de barcos e aviões no planeta. Durante anos, ele compilou relatórios da marinha de vários países, chegando aos doze pontos críticos (entre eles, o famigerado Triângulo das Bermudas). Quando os estudiosos compararam estes pontos com o modelo esférico de Platão/Pitágoras, “coincidentemente” chegaram aos pontos principais do icosaedro projetado no Planeta (que “coincidentemente” é o elemento Água na geometria pitagórica).

Cruzando outros pontos na grande esfera temos pirâmides ao redor do planeta (Uma na Amazônia, inclusive... Porque será que os americanos estão tão preocupados com a Amazônia agora? Vejam a briga que está no congresso, com esta proposta de lei para privatizar partes da floresta... Quais terrenos exatamente vão cair nas mãos de multinacionais americanas?), caminhos que as aves migratórias seguem, avistamentos de UFOs, locais sagrados, catedrais, círculos de pedra, e por aí vai.

Escolha um local bizarro ou inexplicável do estilo “acredite se quiser” e coloque-o sobre o *mapa mundi*. Ele estará sobre ou muito próximo de um ponto destes.

Se quisermos brincar um pouco mais, basta pegar cidades importantes do ponto de vista religioso ou político, como Kiev, Roma, Constantinopla, Jerusalém, Meca, Karthoum (cidade mais importante do antigo Sudão), Ile Ife (cidade mais importante para os antigos Yorubás) e as ruínas do Grande Zimbabwe, e perceberemos que elas se encaixam em um padrão peculiar (os pontos que estão faltando são sítios arqueológicos que foram centros religiosos em um passado distante). Quem já está familiarizado com a Kabbalah vai achar no mínimo intrigante esta “coincidência”. Podem, inclusive reparar que Jerusalém está sobre a sephira Da’ath (ok, eu sei que a maioria não vai entender essa...)

Na Europa não é diferente. Se conectarmos todas as linhas básicas descritas por Platão e Pitágoras, os cruzamentos principais destas linhas cairão em cidades importantes como Oxford, Rotterdam, Berlin, Chartres, Altamira, Barcelona, Frankfurt, Córdoba,

Hamburgo, Lourdes, Roma, Atenas, Delfos e trocentas outras. Cidades que surgiram ao redor de oráculos, círculos de pedra (que foram substituídos por catedrais por causa da Igreja Católica, e aí entra a importância dos pedreiros livres para a preservação desta geometria sagrada) ou monumentos antigos [ver segunda imagem após o artigo].

Agora, por que TODOS os oráculos gregos, círculos de pedra e pirâmides estão localizados sobre esses nodos? Que relação temos entre “comunicação com os deuses”, “centros religiosos”, “eventos bizarros” e as Linhas de Ley? Coincidências? 4.862 coincidências então.

E essas linhas e pontos podem ser divididos múltiplas vezes, em grades menores, até chegar a parcelas bem pequenas, suficientes para envolver quarteirões ou mesmo casas. Os chineses, gregos, egípcios e os antigos já conheciam a respeito destas linhas, e chamam isso de Feng Shui/Geometria Sagrada (mas esqueçam estas coisas estranhas que aparecem nas revistinhas de decoração hoje em dia, estou falando da ciência por trás do Feng Shui, algo que definitivamente não vai cair nas mãos das massas tão cedo).

Todo mundo conhece locais na sua cidade ou bairro onde não importa que tipo de negócio se abra, ele sempre quebra, lugares onde qualquer loja que se estabeleça será um sucesso, locais onde você se sente mal sem saber por que ou lugares onde você se sente bem sem explicação racional. O estudo sério destas linhas energéticas poderia trazer benefícios enormes para a humanidade, definindo locais melhores e mais adequados para se construir hospitais, escolas, presídios, estabelecer plantações, parques, áreas residenciais e assim por diante.

A moral é: Feng Shui tem fundamento científico? SIM. Ele funciona do jeito que as revistinhas e livros pregam? NÃO. Portanto, temos de dar um pouco de razão aos céticos que xingam essas coisas porque eles estão parcialmente certos: tem muita besteira e chute sem fundamento publicado por aí, infelizmente. Mas o estudo sério

destas energias (digo, algo patrocinado por universidades e conduzido de maneira séria e laboratorial, envolvendo geólogos, físicos e pesquisadores) seria algo muito interessante.

Bom, sabemos que as linhas energéticas estão aí. A questão é: como aproveitá-las?

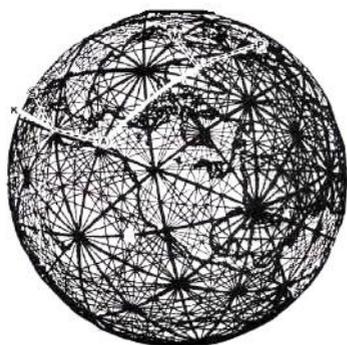
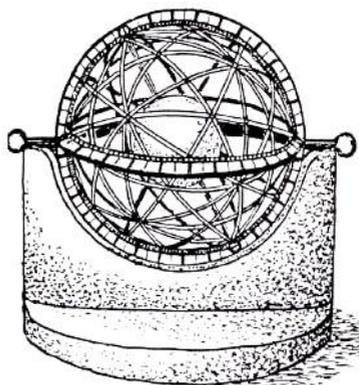
Os antigos sabiam.

Em breve, círculos, pirâmides, cristais e outras formas geométricas.

Temet Nosce, crianças.

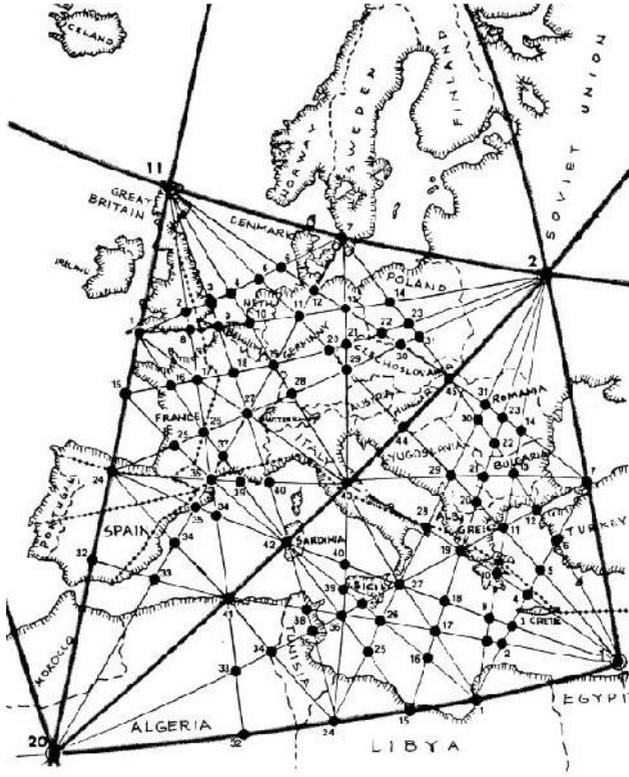
imagem 1

A esfera
de Platão



A esfera
de Pitágoras

imagem 2



As Linhas de Ley e as grandes cidades da Europa

ENERGIA TELÚRICA

28.10.2008

Anteriormente falamos sobre as Linhas de Ley. Hoje vamos complementar este texto combinando as energias do planeta com as construções de civilizações muito antigas e sábias. Espero que tenha ficado bem claro o conceito de linhas de energia.

Além dos nodos, existe uma segunda classe de linhas energéticas que correm pelo planeta, chamadas Linhas Telúricas. ENERGIA TELÚRICA é uma corrente elétrica de baixa frequência que percorre grandes áreas do planeta. Esta energia se movimenta debaixo da terra e nos oceanos. Ela já foi fartamente comprovada pelos cientistas, mas quase totalmente inexplorada por falta de interesse das *otoridades*. Afinal de contas, para quê investir em energia gratuita para a população quando se pode cobrar por ela? Nicolai Tesla, um dos maiores gênios que já pisou este planeta, que o diga...

A junção dos centros energéticos das Linhas de Ley com o fluxo das Linhas Telúricas produz enormes quantidades de energia, que podem ser manipuladas e controladas através de determinados monumentos. A geometria sagrada das pirâmides e dos círculos de pedra é capaz de canalizar e focar todas estas energias para usos específicos, da mesma maneira como as agulhas de acupuntura são utilizadas nos centros energéticos em um ser humano para acionar determinados tipos de energia em nossos corpos.

Estas energias são captadas e projetadas dentro dos círculos, nas câmaras das pirâmides ou dentro de certas cavernas, através de ajustes “fechando” determinados circuitos (lembram-se quando eu expliquei que a Câmara dos Reis podia ser REGULADA?) para gerar campos eletromagnéticos muito fortes e harmônicos, que vibram em ressonância com determinados chakras nos seres humanos, abrindo-os totalmente e desenvolvendo certas faculdades.

O tipo de ressonância era escolhido de acordo com a necessidade ou ritual – no caso das pirâmides e do ritual de iniciação de um faraó

ou sacerdote, as forças envolvidas naquele “mergulho” nas águas primordiais em ressonância com a pirâmide em determinadas datas abria totalmente os chakras Anja e Sahashara, despertando no iniciado poderes de clarividência, telepatia, intuição, projeção astral e muitos, muitos outros.

Nós dizemos que os círculos e pirâmides eram observatórios espaciais, mas a verdade é que, dentro de certos campos energéticos gerados nestes locais, os sacerdotes possuíam uma visão astral tão desenvolvida que as visões e cálculos que faziam em transe eram tão avançadas e precisas quanto os melhores observatórios astronômicos do século XX. Isto permitiu a eles construir tabelas de relações entre planetas, períodos e signos precisas o suficiente para fundamentar a ciência da Astrologia, conforme eu já expliquei em outros artigos.

Claro que os círculos, pirâmides e cavernas também possuíam funções ritualísticas e de celebrações. Faziam às vezes das igrejas e templos de encontro nas vilas.

Graças ao estudo e conhecimento do Grande Computador Celeste, das projeções astrais e das rodas astrológicas, os antigos conseguiam prever com exatidão as reencarnações de seus reis, líderes espirituais e Avatares. Preste atenção no que eu disse neste parágrafo e anote com cuidado estas palavras, pois serão muito importantes algumas colunas mais para frente!

Para exemplificar estes circuitos telúricos, aqui está um mapa da estrutura de Stonehenge vista de cima [ver imagem após o artigo]. Repare nas linhas energéticas que cruzam as pedras externas do círculo. Ao todo, são 12 pontas na estrela, que serviam para marcar a posição do sol e planetas em comparação com os 12 signos e para canalizar as energias de Ley e Telúricas para o interior do círculo.

As pedras centrais fecham um circuito mais poderoso em conjunto com 6 pedras externas (os pontos 465-55-210 e 325-15-120), que eram usados em determinadas datas para rituais específicos. Estas datas eram solstícios, equinócios e noites de lua cheia (os chamados

sabbaths e esbaths). Os ritos incluíam aumento da fertilidade, da produção, curas, preparação da saúde das pessoas para o inverno rigoroso, aumento das habilidades artísticas, de caça, pesca, uma fusão maior com a natureza, etc.

Os mais observadores já devem ter percebido que esta curiosa estrutura de pedras que descrevi forma uma estrela de Davi. Mas o que um símbolo “judeu” está fazendo em um monumento celta? “Coincidência”, é claro!

Além dessas megaconstruções em pedra, os antigos também se utilizavam de cristais para focar e canalizar estas energias, de modo a harmoniza-las com seus pontos, a nível pessoal, planetário e sideral (nos monumentos de pedra).

Na Atlântida, os cristais eram usados como computadores maravilhosos que deixariam os nossos no chinelo. Computadores movidos por energia mental, capazes de armazenar nossos pensamentos e emoções (pense nos cristais de Krypton, da Fortaleza da Solidão no filme do *Superman* e você vai ter mais ou menos uma noção do que eu quero descrever).

Ligados entre si através das Linhas de Ley, em uma “internet” capaz de buscar conhecimentos nos chamados “Registros Akashicos” que fazem o Google parecer uma lista de supermercado básica (claro que os antigos estavam em outro patamar de evolução, e não usavam este tipo de tecnologia para baixar músicas piratas ou visitar sites pornográficos).

Aqui eu preciso fazer um parêntesis. Quando eu digo que os antigos possuíam uma tecnologia sensacional, com Vimanas [veículo voador “mitológico”, descrito nos *Vedas* hindus], engenharia genética, supercomputadores e tudo mais, você pode se perguntar – “Mas e os homens das cavernas? E os primitivos?” – e a resposta é: a Terra sempre está povoada por regiões de evolução mental, espiritual e cultural MUITO distintas...

Enquanto os atlantes e lemurianos tinham toda esta tecnologia ao seu dispor, em outras regiões do planeta estavam *semianimais*

venerando o sol e a lua como se fossem deuses. Se você achar tão difícil assim compreender este cenário, compare a Noruega com a Serra Leoa nos dias de hoje, século XXI.

Dizem que esses cristais ainda estão por aí, a maioria submersos, mas alguns chegaram até a gente através dos incas, maias, astecas e um ou outro tesouro templário, mas nos falta tecnologia para ativá-los, pois esses cristais não são ativados por aparelhos, mas por ondas mentais específicas que ainda temos de evoluir um tanto para atingir esses patamares...

Hoje em dia, cristais podem ser usados para regular nossa energia. Colocando-os sobre os nossos chakras e fazendo certas respirações e meditações, conseguimos ativar (através das frequências de nossos pensamentos pela meditação) algumas das características desses cristais. O grande problema é que a imensa maioria das pessoas não tem a disciplina mental necessária para ativar corretamente esses cristais através da visualização (que é uma técnica que existe em praticamente TODAS as ordens iniciáticas – *é o be-a-bá da magia*), então os resultados são algo muitas vezes falhos e imprevisíveis, o que dá margem pra charlatanismo e especulações, colocando em total descrédito estas técnicas (como *trocentas* outras coisas sérias que foram estragadas pelos humanos estúpidos).

Mas o que diabos são chakras?

Eu pensei que fosse gastar umas dez páginas para explicar o que é um chakra, mas esta explicação da *Wikipedia* está ótima para quem é totalmente iniciante no assunto:

A palavra chakra vem do sânscrito e significa roda, disco, centro, plexo. Nesta forma eles são percebidos por videntes como vórtices (redemoinhos) de energia vital, espirais girando em alta velocidade, vibrando em pontos vitais de nosso corpo. Os chakras são pontos de interseção entre vários planos e através deles nosso corpo etéreo se manifesta mais intensamente no corpo físico.

Os *Vedas* (2.000 a.C.) contêm os mais antigos registros sobre chakras de que se tem notícia. Quando foram escritos, a Yoga já sistematizava o conhecimento e o trabalho energético dos chakras.

São sete os principais chakras, dispostos desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça, e cada um corresponde à uma das sete principais glândulas do corpo humano. Cada um destes chakras está em estreita correspondência com certas funções físicas, mentais, vitais ou espirituais. Num corpo saudável, todos esses vórtices giram a uma grande velocidade, permitindo que a “prana” flua para cima por intermédio do sistema endócrino. Mas se um desses centros começa a diminuir a velocidade de rotação, o fluxo de energia fica inibido ou bloqueado – e disso resulta o envelhecimento ou a doença.

Os chakras são conectados entre si por uma espécie de tubo etéreo (“nadi”) principal chamado “sushumna”, ao longo do eixo central do corpo humano, por onde dois outros canais alternados: “Ida”, que sai da base da espinha dorsal à esquerda de sushumna, e “pingala”, à direita (na mulher estão invertidas estas posições).

Os nadis conduzem e regulam o “prana” (energias Yin e Yang) em espirais concêntricas. Estes nadis são os principais, entre milhares, que percorrem todo o corpo em todas as direções, linhas meridianos e pontos. Para os hindus os nadis são sagrados, é por meio da “sushumna” que o yogi deixa o seu corpo físico, entra em contato com os planos superiores e traz para o seu cérebro físico a memória de suas experiências.

Bom, expliquei sobre os cristais, linhas energéticas, pirâmides e suas relações com os chakras do planeta Terra (as Linhas de Ley) e os monumentos ressonando com os chakras dos seres humanos (mais uma vez: “tudo o que está em cima é como o que está embaixo”). Somente quando os cientistas perceberem que TUDO está em sincronicidade e passarem a estudar o planeta como um único e gigantesco mecanismo perfeito é que podemos pensar em “evolução”. Até lá, acupuntura, feng-shui, cristais e astrologia serão “pseudociências”; Linhas de Ley, energias telúricas, triângulo das

bermudas e círculos de pedra serão “coisas inexplicáveis”; pirâmides serão “tumbas do faraó”... E nada disso estará relacionado!

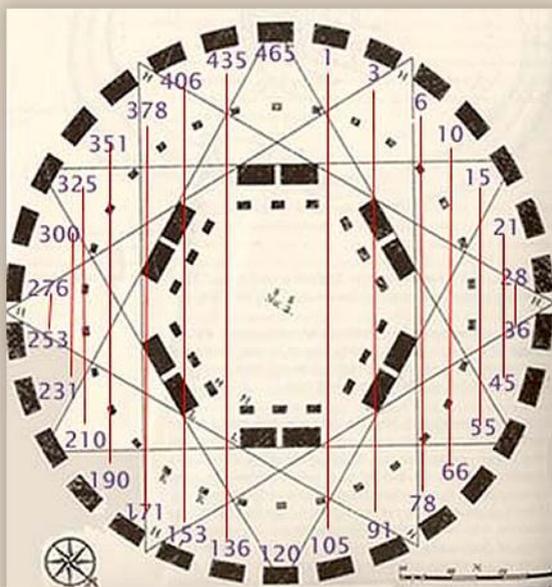
Neste ponto eu imagino que vocês já descobriram que a “Arca da Aliança” nada mais é do que algum tipo de fonte de energia altamente poderosa, a ponto de derrubar cidades apenas com “o som de trombetas”. Isto explica porque tantas pessoas, incluindo o tio Adolf Hitler e cia., tentaram (e tentam) colocar as mãos nela.

Em breve eu falarei mais detalhadamente sobre os chakras, e então começo a falar também sobre Árvore da Vida, Arca da Aliança e Templo de Salomão... Porque todas estas coisas estão ligadas com tudo o que eu disse até agora.

Até breve...

93, 93/93

Stonehenge vista de cima



FÍSICA QUÂNTICA E A ARCA DA ALIANÇA

04.11.2008

Eu juro pelos deuses que este vai ser o último post envolvendo eletromagnetismo e universos paralelos...

Como todos aqui já estão cansados de saber, acreditava-se que toda a matéria do universo fosse constituída por ÁTOMOS. Mais tarde, estes átomos foram divididos em Elétrons, Prótons e Nêutrons.

A física de hoje tem uma espécie de tabela que contém todas as partículas elementares: São seis tipos de *quark* (os tijolos dos prótons e nêutrons, que constituem basicamente tudo o que você enxerga), seis *léptons* (elétrons, neutrinos e mais quatro primos próximos deles) e quatro partículas “fantasmas”, sem peso nenhum, feitas de energia pura. Elas são os *bósons* – os tijolos das forças da natureza. A mais notória é o fóton, o tijolo (ou bóson, se você preferir) da força eletromagnética.

Os fótons que correm por aí são chamados de “luz” ou até mesmo de “sinal de celular” – duas manifestações da força eletromagnética, ainda que bem distintas. As outras partículas de energia pura são os *glúons*, os elementos que mantêm os quarks “colados” (*glued*) uns aos outros. Temos também os “bósons da força nuclear fraca”, conhecidos como *bóson We* e *bóson Z*.

Fechando o grupo das partículas elementares, vem a mais curiosa delas: o *Bóson de Higgs*. Ele entra como uma ferramenta para explicar porque existem partículas “fantasmas”, sem massa, e “concretas”, com massa. A ideia é que, na verdade, todas as partículas seriam fantasmas (para os Ocultistas, o restante da Árvore da Vida fora Malkuth). Mas algumas deixariam para trás seu estado fantasmagórico ao interagirem com o oceano de bósons de Higgs que permeia o Universo – a ideia foi do físico Peter Higgs, que acabou batizando a coisa. Pronto. Tudo explicado. Os rosacruzinhos chamavam estas partículas de “Energia Espírito”.

(sim, o termo foi usado erroneamente por Kardec e mantém-se até os dias de hoje com um significado completamente diferente de sua ideia inicial fora dos círculos iniciáticos, mas isso é assunto para quando chegarmos no século XIX).

Resumindo: creio que todos concordam que TUDO no universo é formado a partir de uma energia única (vamos chamar de “blocos fundamentais” porque eu sei que “Energia Espírito” vai arrepiar os ouvidos sensíveis de muitos por aqui); e que ela apenas se diversifica na aparência; e que esta diversificação se deve simplesmente ao fato de que estes blocos não contêm a mesma quantidade desta energia. Se todos os blocos fundamentais da composição do universo se apresentassem da mesma maneira, seríamos absolutamente incapazes de diferenciá-los... Em outras palavras: madeira, aço, vidro, borracha, água, uma laranja... Todos se apresentariam exatamente da mesma maneira para nossos sentidos objetivos. Até mesmo o ar que respiramos não poderia ser diferenciado de uma pedra!

Mas vivemos em um mundo com infinitas matizes. Como?

Para responder esta pergunta, precisamos definir o que vem a ser vibração, ou energia vibratória. Para os físicos, trata-se de uma propagação de ondas caracterizadas por frequência, comprimento e amplitude constantes ou variáveis.

Para ilustrar o que vem a ser esta impressão, vamos nos ater a um exemplo simples: Imagine as ondas no mar e um barquinho sobre elas. Conforme as ondas se movimentam, o barco oscila para cima e para baixo, mas não se mexe. Para um observador estático, o barco estaria se movimentando apenas para cima e para baixo.

Agora vamos começar a dar nó na sua cabeça.

Este exemplo considera ondas em cenário em 2 dimensões físicas (e uma temporal) e um observador em 1 dimensão física (e uma temporal). Agora vamos imaginar um cenário matematicamente possível de ondas se propagando em N dimensões cujos efeitos só são

percebidos pelo observador que está em um mundo com 3 dimensões físicas e uma temporal...

E nós temos o que chamamos de “realidade”.

Então, onde você está vendo uma maçã, na verdade, temos vibrações destes blocos fundamentais em N planos dimensionais cujo resultado palpável no plano físico seria um objeto com forma de maçã, cor de maçã, gosto de maçã, cheiro de maçã, textura de maçã e, quando em contato com os seus dentes, barulho de maçã.

Estas variações se devem à variação da frequência, comprimento e amplitude destas ondas em N dimensões. Os rosacruzistas da Idade Média chamavam esta multiplicidade de “teclados vibratórios” e conseguiram designar diversos fenômenos físicos dentro do mesmo diagrama. Desde raios cósmicos até as cores, cheiros e texturas.

Há um experimento simples para demonstrar isto, realizado pelo cientista rosacruz John Dalton no século XIX. O experimento consistia em girar uma bola de aço ao redor de si mesma, com velocidade crescente. Enquanto a rotação mantinha-se fraca, não havia alteração perceptível. Aumentando o movimento, chegou a um ponto onde os contornos da esfera já não eram mais perceptíveis. E depois outro momento onde o movimento começou a emitir um som. Aumentando a rotação ainda mais, a emissão de som tornou-se mais aguda e em seguida a bola tomou uma coloração avermelhada. No máximo de velocidade mecanicamente possível na época, a bola começou a emitir calor. Segundo Dalton, uma rotação infinitamente mais rápida faria a bola se tornar invisível e acabaria por desintegrá-la.

Colocando estes dados em nosso “Teclado de Espírito” temos, do ponto de vista metafísico, em apenas UMA escala:

- Raios Cósmicos
- Raios Gama
- Raios X
- Ultravioleta
- O espectro de cores visíveis

- Infravermelho
- Calor
- Micro-ondas
- Ondas de rádio
- Ultrassons
- Ondas sonoras
- Odores
- Sabores
- Infrassons
- Matéria

H. Spencer Lewis, *Imperator* da AMORC, chegou a construir um aparelho que convertia notas musicais em cores entre suas várias invenções e descobertas científicas.

Os iniciados gregos, os sacerdotes egípcios e aqueles que vieram antes deles já mediam as frequências pelo número de vibrações por segundo, especialmente no campo da música. A prova disto está na Câmara dos Reis e nos estudos pitagóricos que falarei mais adiante. Além disto, eles já haviam percebido que a nota emitida por uma corda tinha uma frequência que também variava na proporção de seu comprimento. Trabalhando com uma harpa, ele descobriu que a frequência dobra de uma oitava para a outra, ou seja, se o Dó vibra a 256hz, a oitava superior será 512hz e assim por diante.

O número mágico “7”

Dentro de uma oitava, na música existem sempre 7 gradações, repetidas em um ritmo cada vez mais grave e cada vez mais agudo... Dó ré mi fá sol lá si e o dó da oitava seguinte... Ou sete cores no arco-íris, sete tons básicos de perfume, sete temperos básicos e assim por diante. Claro que dentro destas 7 notas básicas existem uma infinidade de sub tons, sub cores e sub cheiros, formando todo o multiverso que conhecemos.

Os leitores mais atentos já perceberam que, se esta sequência de sete notas se repete em todos os campos do teclado de vibrações,

existe um dó, um ré, um mi, um fá, um lá e um si em todas as escalas o teclado, ou seja, existe uma correspondência de cheiro para o dó, uma cor, uma cor psíquica, um sabor, uma textura, e assim por diante... Quem já estudou alguma coisa de alquimia e kabbalah começa a entender porque associamos certos planetas a certas cores, metais, sons, incensos, velas e músicas em nossos rituais...

O mundo invisível

Como eu disse acima, estamos estudando a projeção de N dimensões em nossas 3 dimensões físicas. E estas vibrações se sobrepõem e se combinam. Um exemplo prático é que o mesmo dó quando tocado por um piano, violino, violão, bateria, saxofone, etc. são bastante diferentes, apesar de serem perfeitamente identificados como dó.

Conforme eu tinha explicado no artigo *O Grande Computador Celeste* [no Cap.1: Astrologia], existem dimensões fora do que chamamos “plano material”. Traduzindo para uma linguagem científica:

Quando falamos de sons, existem os infrassons, a faixa de sons audíveis e os ultrassons. Quando falamos de cores, temos o infravermelho, a faixa de cores visíveis e o ultravioleta. Quando falamos de cheiros, existem os cheiros que não conseguimos sentir, a faixa de cheiros humana e os feromônios. E quando falamos de matéria, temos a escala tangível de densidades e as faixas que não conseguimos detectar AINDA.

São nestas faixas que ficam os “fantasmas”, “sonhos”, “pensamentos”, “construtos astrais”, “emoções” e afins. Acreditem, assim como os cientistas ortodoxos descobriram o infravermelho, ultravioleta, infrassom e o ultrassom, é apenas uma questão de tempo até existirem aparelhos capazes de detectar estas outras dimensões materiais.

O visível e o invisível

Estas faixas de vibração de matéria às vezes se sobrepõem. É possível interferir nestes campos eletromagnéticos sutis através de ondas mentais ou emocionais. É o que as religiões espiritualistas chamam de médiuns (aquele que é mediador).

Da mesma maneira que perfumistas conseguem identificar cheiros que não conseguimos, estas pessoas enxergam vibrações que não somos capazes de enxergar, ou escutam vozes que não escutam, ou sentem cheiros que não estão no plano físico. Boa parte destas pessoas, por pura ignorância, são taxados de “loucos” ou “esquizofrênicos”. Da mesma forma, entidades que estejam nestas outras faixas de vibração conseguem, mediante esforço mental, afetar o plano material (os chamados “poltergeists”, “ouijas”, “jogo do copo”, “mesas girantes”, “possessão” e outros fenômenos parapsíquicos).

Da mesma forma os ocultistas conseguem aprisionar espíritos em círculos, praticar exorcismos, traçar círculos de proteção ou limpar as energias de algum local.

A explicação sobre faixas de frequência vibratória demonstra facilmente que praticamente TODAS as histórias de assombrações, fantasmas e poltergeists nada possuem de sobrenatural, sendo apenas manifestações energéticas de planos sobrepostos. Claro que, obviamente, existe uma quantidade ABSURDAMENTE ENORME de charlatões ou embusteiros neste meio, como o John Edward, por exemplo. Mas se por acaso alguma pessoa de sua confiança (sua mãe, ou tia, ou avô) tiver alguma história “sobrenatural” para contar, especialmente se ele tiver planetas do seu mapa astral no signo de Peixes, pense duas vezes antes de achar que ele está louco.

Muita gente não gosta de estudar estes fenômenos porque os profanos adoram misturar “mundo espiritual” com “religião”. Quem não gostar da parte religiosa destes estudos (e eu sou um deles), procure pela internet por “espiritualismo laico” ou “Rosacruz Áurea”

e você vai encontrar pessoas que estudam estes fenômenos totalmente desvencilhados de religião. Alguns até mesmo são ateus!

E, da mesma maneira, cores, sons, cheiros, texturas e principalmente música podem afetar nossos estados mentais e emocionais, pois suas vibrações interferem nas vibrações sutis de nossos pensamentos e emoções (é o velho truque de pintar as paredes das *fastfoods* de vermelho e amarelo para despertar o apetite). Estudamos este tipo de coisa na SEMIÓTICA e em MENSAGENS SUBLIMINARES. Nos rituais de magia cerimonial, estes fatores são fundamentais para harmonizar as frequências mentais desejadas para cada tipo de operação mágica (vou falar mais sobre isso quando falar de xamanismo).

E onde diabos entram os chakras?

Calma, criança, já vamos chegar lá... Antes vamos falar de magnetismo.

A Terra, além de gerar um campo eletromagnético que todo mundo já aprendeu na escola, possui uma energia interna chamada energia telúrica. Da mesma forma que um ímã forma linhas de força (todo mundo já fez a brincadeira da LIMALHA DE FERRO na escola, certo?), na Terra, por causa da interação das linhas telúricas com as linhas magnéticas, temos as LINHAS DE LEY conforme já expliquei noutro artigo.

Novamente, de acordo com Hermes Trimegistro, “Tudo o que está em cima é como o que está em baixo”. Desta maneira, o ser humano, por seu metabolismo, também pode ser considerado um corpo energético. Na realidade, todas as suas ações, desde o modo de se deslocar (que produz som) até seus pensamentos produzem vibrações. E as Linhas de Ley no ser humano são as linhas energéticas e os pontos de acupuntura, tão conhecidos pelos orientais.

E, da mesma maneira que ímãs se atraem e se repelem de acordo com suas polaridades, pessoas se atraem ou se repelem de acordo com

suas emanções, mas isto é feito em um plano mais sutil das nossas N dimensões. Para nossos sentidos objetivos, fica apenas aquela sensação inexplicável de “não fui com a sua cara”.

Os chakras são o equivalente etéreo das glândulas. Da mesma maneira como as glândulas regulam a produção de certas substâncias necessárias para a sobrevivência de nosso corpo físico, os chakras regulam a absorção e a distribuição destas energias dentro do nosso corpo astral (que nada mais é do que um de nossos sete corpos, ou se preferirem uma linguagem mais científica, um dos corpos que coexistem em nossas N dimensões metafísicas).

Os chakras são em número de 7 (mas você já não está mais surpreso com isso, certo?) e estão associados a cores, sons, cheiros e tudo mais na nossa escala.

Como este texto já ficou enorme, semana que vem finalizamos os Chakras. Já sabemos o que eles são; mas, para que servem?

A CONSTANTE DE BOLTZMAN

18.11.2008

No último artigo, aprendemos que matéria é energia e que o que chamamos de “realidade” na verdade é apenas o que conseguimos compreender em um universo de 3 dimensões físicas e 1 temporal da projeção de vibrações de múltiplas dimensões, cuja maioria nossos cientistas ainda não conseguem medir.

Neste texto, vamos tentar explicar alguns destes planos. Para isto, temos de recorrer à sabedoria dos antigos hindus, que já conheciam estes planos de consciência em 5.000 a.C.

O ser humano, os demais seres e tudo quanto existe são constituídos de uma infinidade de combinações de matéria-energia, de todos os graus de densidade e complexidade. Cada uma dessas combinações ou graus de matéria-energia representam um nível

particular da “Consciência-Energia” em escala cósmica, presente em toda manifestação universal.

A tradição oriental fornece uma visão ordenada e simplificada deste fato, apresentando os diversos níveis de consciência estratificados em camadas. Dessa forma, situa-se o plano mais denso (o físico-material-sólido) em um extremo da escala, caracterizado pela máxima diferenciação de formas, densidade e Ignorância (imersão da Consciência na Matéria); e, no outro extremo, o plano divino, o plano da unidade, caracterizado pela máxima sututilização da matéria-energia, indistinção de formas e máxima plenitude de Ser (emersão da Consciência na Matéria).

Do nível mais denso, diferenciado, para o mais sutil, temos:

- Plano físico (sólido, líquido, gasoso, 10. a 40. etérico) – este é o plano mais palpável, onde vive a “ciência ortodoxa”.

- Plano astral (vital ou emocional, das energias nervosas e emocionais)

- Plano mental ou Manásico (das energias de pensamento ou mentais)

- Plano intuicional ou Búdico (das energias psíquicas ou de alma)

- Plano espiritual ou Átmico (onde se manifestam as essências espirituais)

- Plano monádico ou Anupadaka (onde se manifestam as mônadas, redutos últimos das individualidades espirituais)

- Plano divino ou Adi

Embora todos os fenômenos envolvam processos simultâneos nos diversos planos ou níveis de matéria-energia, cada plano pode ser visto como possuidor de um determinado conjunto de leis ou princípios de operação envolvendo em “seu espaço” todas as realidades energéticas desse plano.

Ok, ok, eu sei que compliquei agora. Estou pensando em como explicar isto sem simplificar demais (para não parecer que estou

tirando da cartola estas informações) e ao mesmo tempo sem falar grego (ou hindu).

Tentando em uma linguagem mais simples... É a mesma coisa que dizer que existem 7 planos físicos dimensionais sobrepostos, como camadas em uma imagem editada em *photoshop*, cada um mais sutil que o anterior. E quando se mexe em uma delas, acaba-se afetando a imagem nas outras camadas.

E o homem está imerso nestas sete dimensões. Diz-se, portanto, que o homem possui 7 corpos correspondentes aos respectivos planos de consciência/energia. A Personalidade do homem (“eu inferior” ou EGO) é constituída pelas energias dos planos físico, duplo-etérico (onde ficam os chakras, que fazem a ligação entre o físico e o astral), o vital (ou astral) e mental inferior. Em contrapartida, os planos mental superior, intuicional (ou búdico) e espiritual (ou átmico) fornecem as energias e materiais constitutivos da Tríade Espiritual (que chamaremos “eu superior”).

As bonecas russas chamadas MATRIOSKA possuíam tradicionalmente 7 “corpos” e eram originalmente utilizadas para explicar este conceito nas Escolas de ocultismo, antes de se tornar um brinquedo popular na Rússia.

Esta parte é mais complicada, porque cada tradição dá nomes diferentes e divide estes corpos agrupando-os de maneira ligeiramente diferente. Para facilitar a compreensão pelos espíritas que acompanham a coluna, o “corpo físico” engloba o físico e o mental inferior (o mental objetivo); entre o físico e o astral temos os chakras fazendo a conexão entre eles e em seguida o “perispírito” (que inclui o astral, conectado ao físico pelo “cordão de prata”) e finalmente o “espírito” (que inclui o mental superior, intuicional e átmico).

Ok. Até aqui eu entendi... São sete corpos sobrepostos. E daí?

De cara, isto explica facilmente algo “inexplicável” que o [Kentaro] Mori mencionou no artigo dele desta semana [o Kentaro Mori também tem um coluna no *Sedentário & Hiperativo*, onde fala sobre ciência e ceticismo]: Quando alguém decide realizar algum

movimento, o seu EU (Atmã) toma uma decisão, esta decisão é passada para seus sentidos subjetivos, depois para seus sentidos objetivos e em seguida para o corpo físico que você está pilotando.

E, pelas medidas, a passagem da consciência objetiva (detectada pelos instrumentos) para o corpo físico demora entre 200 a 350 ms. É o caso de uma experiência científica comprovando algo ocultista que ainda não pode ser detectado pelos instrumentos atuais.

Claro, isso não prova o que estou dizendo, mas demonstra que EXISTE algo que causa este atraso. E como eu disse anteriormente, é uma questão de tempo até os cientistas ortodoxos descobrirem o que os ocultistas conhecem há séculos.

Projetando seus pensamentos

Da mesma maneira que podemos interagir com o mundo físico através dos nossos sentidos objetivos (segurando uma caneta com nossas mãos), todos nós somos capazes de interagir e realizar ações nos outros planos (astral, mental, etc.).

Vamos fazer um exercício simples de visualização: Imagine uma maçã repousando ao lado do teclado. Mas não “pense” na maçã... “visualize” uma maçã... relaxe... respire calmamente, concentre sua mente e veja todos os detalhes da textura dela, a cor, o brilho, se ela está lustrosa, vívida, imagine o cheiro dela... afaste todos os outros pensamentos e concentre-se apenas nessa maçã.

Dê uma mordida imaginária nela e sinta o gosto dela na sua boca, a textura esfarelado enquanto o suco preenche sua boca e o cheiro invade suas narinas... se você fez direitinho, pode até mesmo estar com água na boca neste momento. E, durante um curto espaço de tempo, você acaba de criar uma forma-pensamento.

Esta maçã que você acaba de criar é tão sólida quanto qualquer objeto real, apenas existe em outra dimensão e, portanto, a princípio, não interage com o plano físico.

Da mesma forma que se você soltar uma caneta ela cai no chão, se você parar de pensar nesta maçã, ela deixa de receber seus estímulos

e, com o tempo, esta forma-pensamento se dissolverá sozinha no plano mental. Se você colocar emoção neste exercício, a maçã permanecerá por mais tempo e com maior intensidade. Fazendo uma junção do mental com o emocional, conseguiremos trazer esta projeção do plano mental para o plano astral sem grandes dificuldades. Basta colocar “sentimento” na sua visualização.

Ok, o exemplo da maçã é simples, mas entender a relação entre emoção e visualização será necessário quando explicarmos qual a razão dos famosos “sacrifícios” na magia negra ou do “ectoplasma” que faz com que entidades do astral possam ser vistas no físico, poltergeists, de “círculos de proteção”, da THELEMA (vontade) e todas as coisas que envolvem passagens de matéria-energia de um plano vibratório para o outro.

O grande mago Aleister Crowley dizia que “a magia é a soma da imaginação com a vontade”. Mais para frente veremos como ele estava certo.

O ruído mental e a concentração

Pois bem... Quando você “pensa que está pensando”, a voz que ecoa na sua mente nada mais é do que uma projeção dos seus pensamentos reais (do seu EU superior) entrando em ressonância com o seu corpo físico (seu cérebro de carne, cheio de SINAPSES que fazem esta conexão entre o plano mental e o físico).

Apesar do seu corpo mental subjetivo e do seu Atmã possuírem todo o conhecimento acumulado de todas as suas vidas passadas, a conexão entre o seu corpo superior e o EGO (corpo inferior) é falha e está rompida desde a “queda”.

[Não vou falar sobre isto agora, mas para vocês meditarem um pouco... Nosso corpo inferior e nosso corpo superior estão atualmente separados. A origem da palavra “religião” vem do latim “Religare”, que é o ato de reconectar o nosso “eu inferior” ou mundano com o nosso “eu superior”, devolvendo ao ser humano a essência divina que todos possuímos e que perdemos um dia – como vocês podem

deduzir, religiosidade não tem NADA a ver com ficar rezando e obedecendo o que o pastor/padre diz, muito pelo contrário...Tem a ver com a descoberta do deus dentro de cada um de nós – “conhece-te a ti mesmo”].

Algumas pessoas possuem esta conexão mais entrosada. São os tais “GÊNIOS” que compõem sinfonias com 5 anos de idade, falam 50 línguas, pintam ou tocam maravilhosamente bem. Na verdade, não há nenhum segredo “inexplicável” da ciência nisso: eles conseguem recuperar as informações que seus Atmãs já possuíam de vidas passadas. O mesmo ocorre com alguns autistas.

Nossa intuição, palpites ou o tal do “sexto sentido” são fagulhas desta conexão entre o superior e o mundano atuando. Oráculos como o Tarot ou Runas também fazem a “ponte” entre estes dois estados de consciência. O Beethoven também é um ótimo exemplo disso (e, para não perder o costume, Beethoven era maçom, já que teve um sujeito que afirmou que eu “dou autoridade para as pessoas que cito no meu texto só porque elas eram maçons ou rosacruzistas, mas isso não significa que elas sejam boas no que faziam”).

Ao contrário da mente subjetiva, que é direta e inspirada pelo seu “eu superior”, a mente objetiva gosta de divagar e flutuar entre diversos pensamentos fúteis e egóicos...

Vamos fazer outro exercício: experimente relaxar e “não pensar em nada” e verá como isso é difícil... tente “esvaziar a sua mente” e não pensar em nada... em segundos, sua cabeça estará cheia de pensamentos caóticos e desordenados, misturando-se lembranças, imagens, sons, frases repetidas várias vezes... tudo se torna rapidamente um caos. Ainda mais se você estiver com algum problema ou algo que envolva seu emocional (como dissemos, as emoções intensificam as formas-pensamento).

Se você pudesse visualizar o plano Mental, nesta situação veria que, ao redor do seu ser está se formando um verdadeiro “depósito de lixo” mental. Estas imagens vão se desfazendo com o tempo, claro, mas

dependendo da situação, permanecem (é de onde vem a expressão “ambiente carregado”) e, dependendo de que tipo de emoções estão associadas a estes pensamentos, estas formas começam a atrair certos seres no plano astral... Falaremos mais sobre isso em outros artigos.

O plano astral

O plano astral é um pouco mais denso do que o plano mental. Nesta faixa de vibração sutil estão todos os chamados “fantasmas”, as projeções astrais, os *succubi* e *incubi* (ou Anima e Animus), os corpos projetados das pessoas que estão dormindo, os Cascões Astrais, etc.

Absolutamente todas as pessoas possuem a habilidade de se projetar no astral e o fazem durante a noite, enquanto o corpo físico dorme. Infelizmente, a maior parte da população atual (que eu chamo carinhosamente de “gado”, quando não estou perto dos ouvidos sensíveis dos politicamente corretos) está tão adormecida que geralmente mantém seus corpos astrais “repousando” ao lado do corpo físico, inertes.

O maior problema é justamente fazer a conexão entre o nosso plano astral e a lembrança no cérebro. Estima-se que 89% das pessoas está com a mente tão pobre e sem treinamento que não consegue sequer lembrar de suas projeções (são os que “não sonham”), cerca de 8% retém alguma lembrança (projeção sem lucidez, chamada de sonho), e finalmente, 2% conseguem manter uma projeção completamente lúcida. O REM [*rapid eye movements*] e os ciclos nada mais são do que meros reflexos no plano físico do que está acontecendo no plano astral/mental.

Quando as pessoas se projetam, as ligações do duplo-etérico entre o corpo físico e astral formam o que se convencionou chamar de “cordão de prata”. Este cordão conecta o seu corpo astral ao físico e só existe em pessoas que estejam vivas/encarnadas (“fantasmas” não possuem cordões de prata, pois não estão ligados a nenhum corpo físico).

Conhecendo os mecanismos que regem o plano astral, fica simples de explicar todo tipo de fenômeno envolvendo “fantasmas”. Eles são

consciências que trafegam nestas faixas vibratórias que não detectamos.

Como os “fantasmas dos mortos” e os vivos (durante o sono) convivem no mesmo plano, podemos explicar toda a cultura dos povos antigos (orientais, celtas, astecas, maias, incas, hindus, índios, etc.) em relação aos “Espíritos Ancestrais”, pois é literalmente isso que acontece: os ancestrais de um clã se mantêm por perto no “outro mundo”, auxiliando aquele grupo.

Isto também explica os incontáveis relatos de pessoas que sonham com entes queridos que acabaram de falecer e dezenas de milhares de outros casos de encontros entre os vivos e os mortos.

Existe uma documentação gigantesca sobre estes fenômenos mediúnicos. E também uma quantidade astronômica de charlatões e uma igual quantidade de mentiras forjadas de má-fé (como por exemplo, a farsa que DAVID NASSER montou no jornal “O Cruzeiro” contra Chico Xavier, que até hoje alguns céticos-ignorantes tomam por verdadeira).

Isso é muito triste, pois além de ter de lidar com a ignorância cética e religiosa generalizada, os médiuns ainda precisam aguentar os embusteiros (sejam por dinheiro ou por má fé das próprias Igrejas caça-níqueis, que fabricam ex-pais-de-encosto, ex-bruxos e ex-macumbeiros a torto e a direito para propositadamente minar a credibilidade dos sérios).

Influências do material no astral

Sons (música, mantras), odores, cores e alguns materiais conseguem afetar diretamente estas construções astrais. Como eu expliquei no artigo passado, quando se coloca uma determinada música em um ambiente, as ondas sonoras que varrem o plano físico também possuem uma contraparte que se espalha pelo astral e mental, higienizando o ambiente em uma vibração que se deseja.

Os MANTRAS e cantos gregorianos ou o atabaque da umbanda/candomblé possuem frequências específicas para ativar certos chakras para certas atividades.

O elemento Ar também afeta o astral. Incensos espalham suas fragrâncias pelo plano físico e possuem sua contraparte mental e astral. Claro que existem incensos e incensos – que variam desde varetas inócuas que ajudam apenas a tornar o ambiente mais agradável até os incensos preparados pelos alquimistas para seus rituais.

Certas drogas também atuam no desligamento do corpo astral/mental do físico, especialmente o LSD e outros ácidos relacionados, muito comuns na década de 70 nos movimentos de contracultura. O chá do Santo Daimé também funciona, assim como o *peyote* e outras ervas fumadas no “cachimbo da paz” dos índios.

O bafo do dragão (ópio), chá de cogumelo e o haxixe também funcionam bem. De todas as drogas, apenas a cocaína (não o chá de folhas de coca, a droga industrializada) e as anfetaminas (balas, doces, *speed*, etc.) fazem o caminho oposto (travam a conexão com o “eu superior”).

Cores afetam diretamente o plano mental/emocional/astral. Existem diversos estudos psicológicos e de semiótica a respeito de como as cores nos influenciam. Vocês já devem ter visto aquelas imagens onde se coloca um prato de comida sobre um fundo (azul, vermelho, amarelo, etc.), e a cada fundo nossa impressão a respeito do prato muda. Fica a sugestão para o [Kentaro] Mori fazer uma matéria sobre como as cores influenciam nosso psicológico. Há um campo muito vasto e legal para discutir.

E, finalmente, alguns materiais como a prata, sal, água e a pólvora afetam diretamente o astral, de onde, por exemplo, surgiram as lendas sobre “matar lobisomens” com prata...

Lobisomens nada mais são do que projeções astrais zoomórficas, que podem ser rompidas com contato com a prata – nos campos, ou sob influência de Linhas de Ley, estas criaturas astrais podem ser avistadas no plano físico, o que deu origem a estas histórias.

Bruxas voando em vassouras, bichos-papões, elementais (fadas, gnomos, ondinas e salamandras), vampiros, fantasmas, monstros do lago Ness (talvez até OVNI) surgiram destas faíscas de contato do mundo invisível com o visível.

Os egípcios

Apenas para retomarmos ao tema principal da coluna, que é a História das Sociedades secretas, vamos falar um pouco da relação disto tudo com os egípcios.

Nas iniciações egípcias, uma das primeiras etapas consistia em colocar o candidato a iniciação dentro de um sarcófago e deixá-lo “morto” durante três dias.

Neste tempo, os mestres se reuniam ao redor do sarcófago e, utilizando-se de mantras e rituais que, em conjunto com as estruturas geométricas das pirâmides, providenciavam uma projeção astral consciente do iniciado, de modo que ele pudesse ver seu próprio corpo deitado no sarcófago e entender que, na realidade, ele não era um “corpo vivendo uma experiência espiritual”, mas seu verdadeiro EU é um “espírito que usa as vestes de carne”.

O nome desta parte do ritual de iniciação ficou conhecido como “Barca de Ísis”, porque a sensação que você tem quando se é projetado para o astral desta forma é a de o deslizar de um barco, e os sacerdotes no astral revestiam seus corpos astrais com formas dos deuses conhecidos e os instruíam nas etapas finais do mistério, antes do batismo e renascimento pelas águas.

Mais tarde, nos mistérios Elêusis (gregos), a Barca de Ísis foi substituída pelo “Barqueiro Caronte”, e nos ritos judaicos foi substituído pela “Arca da Aliança” e pela “Escada de Jacob”. O ritual de ser enterrado ou morto simbolicamente para renascer (notem a beleza da lenda da FÊNIX – origem grega, certo? Hmmm...) existe até hoje em praticamente todas as tradições ocultistas, às vezes disfarçado de “câmara das reflexões”.

Após este período, o iniciado “renasce” quando um dos mestres chegava até o sarcófago onde ele estava “morto” e dizia “Levanta-te e saia”. Na bíblia, existe até uma passagem onde um grande mestre faz esta iniciação com o irmão de sua esposa.

Ok, acabamos nos empolgando de novo e não falamos nem de chakras nem da Arca da Aliança (na verdade falamos sim, para quem conseguiu ler nas entrelinhas)... Em breve: chakras, mantras, e como colocar abaixo as muralhas de Jericó tocando trombetas.

CHAKRAS, KUNDALINI E TANTRA

25.11.2008

Nos artigos anteriores estudamos como os seres humanos possuem corpos em diversas dimensões, e como estes corpos se relacionam; e conseguimos até mesmo explicar de onde surgiram as histórias da Arca de Noé, da Barca de Ísis e do Barqueiro Caronte...

Hoje, vamos voltar um pouco mais no tempo e estudar algo que os hindus já conheciam 7.000 anos atrás. Usando uma linguagem simplificada, os chakras são centros captadores e transformadores de Prana (os campos eletromagnéticos que circulam a Terra através de suas LINHAS). Estas rodas de energia situam-se no segundo dos sete corpos, entre o físico e o astral e possuem contrapartes no físico:

Muladhara, chakra vermelho (ou raiz)

Situado na base da coluna, este chakra governa a dimensão física e todos os aspectos sólidos do corpo, mantido pela recepção das energias telúricas distribuídas por esse primeiro chakra. Ele energiza e fortalece o corpo sendo responsável pelo seu bem-estar físico. É o centro de energia através do qual se experimenta “luta ou fuga”.

Exterioriza-se como a glândula suprarrenal, governa os rins, a coluna vertebral, sistema de esqueleto, linfa, sistema de eliminação e

reprodução e possui vibração de cor vermelha. Possui 4 pétalas, mas normalmente apenas duas estão abertas nos não-iniciados.

É o chakra mais sexual de todos, o mais básico e o mais primitivo. É o único que está sempre ativo em todas as pessoas, não importa o quão *gado* ela seja. É o chakra que lida com a força.

Ele também é o mais fácil de ser estimulado. Qualquer propaganda de apelo sexual ou pornografia faz com que este chakra gire mais rapidamente, excitando o indivíduo. É um chakra mais forte nos homens.

Isto explica algumas coisas: a primeira é porque os homens “pensam com a cabeça de baixo”. Faça este chakra ressoar e ele tomará o controle dos outros 6 (lembram que eu falei que apenas este está funcionando no *gado*?), fazendo com que o indivíduo atue completamente pelo instinto mais primitivo. A publicidade e os fabricantes de cerveja conhecem como ninguém esta regra.

Cor vermelha, batidas rítmicas específicas (as batidas de escola de samba são um bom exemplo, mas o funk é de longe o melhor exemplo de como estas vibrações ressoam com o chakra raiz) despertam esta parte animal e sexual do homem.

Nos iniciados, o controle deste chakra lhes dá uma vitalidade sobre-humana (é o chakra desenvolvido nas respirações do chi-kung nos exercícios iniciais das artes marciais e através da posição de “mapu” ou cavalo), capacidade de controlar a ereção e ejaculação pelo tempo que desejar (é a base da magia sexual), resistência à doenças, saúde de ferro e instintos de autodefesa.

Svadhishthana, chakra laranja (ou sexual)

O segundo chakra localiza-se dois dedos abaixo do umbigo. É dominado pela água, a essência da própria vida, Esse chakra é o centro da procriação e por se achar diretamente associado à lua (Yesod), afeta com suas marés emocionais (humor, sentir-se bem). A criatividade e a inspiração de criar começam no segundo chakra. A energia prânica que circula nesse Chakra governa a circulação do sangue e o mantém em bom equilíbrio por todos os fluídos do corpo,

igualmente governa os órgãos genitais (ovários e testículos), as atitudes nos relacionamentos, sexo e comportamento sexual, o sentir, reprodução e assimilação. Exterioriza-se como a glândula gônada, glândulas sexuais masculinas e femininas, que encarnam a força vital. Sua cor vibratória é Laranja e possui 6 pétalas.

Ao contrário do primeiro chakra, este lida com as forças de SEDUÇÃO e Magnetismo Pessoal. Obviamente, é um chakra feminino e, quem tem um mínimo de experiência de vida já deve ter entendido todas as diferenças sutis entre homens e mulheres em relação a sexo e sedução neste ponto.

A menstruação e o ciclo lunar são extremamente importantes para o controle e domínio deste chakra nas mulheres, necessário para as maiores magias sexuais femininas e orgasmos muito mais intensos.

Bons vendedores, negociantes e pessoas com um bom grau de sedução possuem algumas pétalas desenvolvidas. Nem preciso dizer qual é o prêmio para o ocultista quando ele desenvolve este chakra, preciso?

Manipura, chakra amarelo (ou plexo solar)

Localizado no centro do abdome, centro de compensação de energia para os outros chakras, o solar funciona como receptor e emissor de energias. Exterioriza, energiza e controla o pâncreas, fígado, baço, estômago, vesícula, intestino grosso e até certo ponto o intestino delgado. Governa a liberdade, poder, controle, auto definição, intelecto, aceitação e visão.

A cor vibratória é o amarelo. O plexo solar é a sede do fogo no interior do corpo. Ele assume aqui importância particular, porque é também a sede dos medos, das angústias e dos ódios.

Este chakra engloba o Karma, a caridade, a boa e má companhia e o serviço prestado aos outros.

Por ser do elemento fogo, expansão energética que dá origem ao movimento, a tradição fenomênica dessa expansão é o calor. O Manipura é o chakra da força. Combinado com o domínio do chakra básico, permite ao iniciado fazer aquelas demonstrações

“inexplicáveis” de chi-kung. Todas as demonstrações de força física sobre-humana dependem do bom fluxo de energia entre os chakras inferiores.

Este chakra também possui uma importância enorme na mediunidade. É através dele que o médium doa a energia para os espíritos e também é através dele que os espíritos, larvas astrais e vampiros “roubam” nossa energia.

Na Grécia e em Roma, os ocultistas sempre souberam que era através deste chakra dos sacerdotes e virgens vestais que os Oráculos recebiam sua energia materializar suas vozes (os Oráculos nada mais eram do que espíritos avançados que se comunicavam com os sacerdotes e consulentes, de maneira idêntica ao que os médiuns fazem hoje em dia). Por esta razão, chamavam estes oráculos de *Venter Loquis*, ou “A Voz que vem do ventre”, que mais tarde deu origem aos ventriloquismo dos mágicos profanos (que são truques mundanos de projeção da própria voz).

É através dele que atuam as principais linhas de defesa psíquica. É o segredo para se conseguir entrar em um ambiente carregado e estar protegido (como eu ensino meus amigos policiais, delegados e investigadores a se protegerem quando vão a uma cena de homicídio, para não levarem estas energias para suas famílias depois, por exemplo).

A falta de controle deste chakra é o responsável por chegar em casa no final do dia “esgotado” ou “drenado” de energias, especialmente se você trabalha em um ambiente de corporação onde um quer ferrar o outro ou em ambientes pesados/ruins como hospitais, igrejas e presídios.

Anahata, chakra verde (ou cardíaco)

Localizado no centro do peito, o quarto chakra é o do coração. Exterioriza-se como o timo. Governa o coração, sangue, sistema circulatório. Influencia o sistema imunológico e endócrino, sistema de respiração. Centro através do qual sentimos o amor, o dar, relacionar-se, aceitação. Sua vibração é da cor verde, vindo a evoluir

para rosa com a prática da compaixão, do amor pessoal e universal. O chakra do coração é a sede do equilíbrio corporal.

Esse é o chakra mais complicado de ser desenvolvido, e ao mesmo tempo o mais simples. É a pedra filosofal, o *Lápis azuli*, o desapego aos bens materiais, o perdão, o *ágape* fraternal pelo planeta. É o chakra que faz a conexão entre o seu corpo astral e o cósmico, muitas vezes chamado de “crístico”, é a harmonização do corpo interior e exterior. Este chakra era explorado ao máximo nas cerimônias de iniciação da Pirâmide e nos Círculos de Pedra, despertando os maiores sentimentos de bondade e magnanimidade dos governantes iniciados.

É complicado de explicar sobre a abertura e desenvolvimento deste chakra, porque as religiões misturam esta sensação com os famosos “êxtases religiosos”. A mitologia católica é rica nestes exemplos em seus santos e volta e meia vemos estas fagulhas em crentes. Vou mexer em um vespeiro agora, vamos ver se vocês conseguem entender o que é este “despertar crístico”:

É o famoso “eu vi Jesus” que algumas pessoas acabam despertando sem querer através das rezas (que nada mais são do que mantras) ou devoção cega ou ritos eclesiásticos. Exercícios que, no passado e nas ordens ocultistas, servem para despertar o seu DEUS INTERIOR e colocar os iniciados em comunhão com o universo, acabaram manipulados e deturpados pelas igrejas para controlar os fiéis, mas isso não significa que não funcionem!

E, como o gado está mergulhado na ignorância, entendem que “Jesus falou comigo”... Sentem-se eufóricos, não conseguem explicar o que sentiram, não conseguem compreender esta situação, sentem-se “tocados pelo cósmico” e o triste é que, no final, acabam dando todo o seu dinheiro para alguma igreja caça-níqueis que não teve nada a ver com este despertar...

Aqueles que sabem o que estão desenvolvendo, verão que este chakra está ligado diretamente a Tiferet, o centro da Kabbalah, o despertar dos iniciados, o SOL, o que os egípcios chamavam de

“Hati” (o deus esposo de Meret, responsáveis pelos *Hieros Gamos* nas cerimônias egípcias)... Calma, não precisam ficar desesperados, eu VOU falar sobre tudo isso mais para a frente!

Vishuda, chakra azul (ou laríngeo)

Localizado na base do pescoço, este chakra exterioriza-se como a glândula tireoide e governa os pulmões, cordas vocais, brônquios e metabolismo. Sede da abundância e da prosperidade como resultado da forma como agimos na vida.

Através deste chakra, aprender-se a receber e deixar as coisas fluírem sem criar condições que impeçam você de desfrutar da experiência. Centro de expressão e de comunicação, está ligado ao verbo dividido, onde o que você fala cria. Sua vibração e de coloração azul clara.

É um chakra ligado diretamente aos Mantras. É ele que providencia a energia para fazer com que as vocalizações ressoem em todos os universos de frequência, harmonizando ambientes, dissolvendo cascóes astrais, larvas, canalizando a energia do astral para o físico (pergunte a qualquer faixa preta de Karatê se o “kiai” funciona ou não – ele está diretamente relacionado com este chakra).

Desenvolve a eloquência, capacidade de comando e de raciocínio lógico. Permite ao iniciado compreender com maior nitidez o mundo acausal e as sincronicidades (“coincidências”) que ocorrem ao seu redor o tempo todo, como se todo o planeta conversasse com ele ao mesmo tempo. Domina a intuição, mas pelo ponto de vista masculino, que é o conhecimento da sincronicidade.

O Vishuda (chamado de “Khu” pelos egípcios) também é a porta de conexão com o Plano Astral. É por ele que os espíritos e outras entidades se conectam ao médium no plano físico (para psicografia, pinturas mediúnicas e todo tipo de ato onde o médium é “controlado” por uma força externa). O descontrole deste chakra somado ao descontrole do 3º chakra é o que abre as portas do corpo da pessoa a entidades astrais e faz com que essas pessoas com

mediunidade (muitas vezes despreparadas) escutem as “vozes” ou sejam “possuídas pelo demônio”, “encostos”, etc.

Também é desta relação de controle que se originou a lenda dos vampiros “morderem o pescoço”. Todas as egrégoras de controle (vício de cigarro, jogo, drogas, bebidas, perversões, *succubi, incubi...*) também se conectam através deste chakra.

Ajna, chakra índigo (ou frontal)

O terceiro-olho, que os egípcios chamavam de “Ba”. Um chakra predominantemente feminino, responsável por quase todas as percepções extra-sensoriais. Exterioriza-se como a glândula pituitária. Governa o cérebro inferior e o sistema nervoso, os ouvidos, crescimento, sistema endócrino e plexo carotídeo. Através desse centro consideramos nossa natureza espiritual. Sua vibração é de cor azul escuro.

Este chakra também era muito desenvolvido durante as iniciações egípcias e hindus. Despertando-o, o ser realiza que é um espírito imortal num corpo temporário de carne.

Os Lemurianos possuíam este chakra muito desenvolvido. Por sua elevada estatura e pelas descrições de seu “grande olho no centro da testa”, são responsáveis por todas as lendas a respeito dos ciclopes nos textos antigos.

Para ativá-lo e desenvolvê-lo, o melhor mantra para vibrar em harmonia com este chakra é o famoso “AUM”. Também é possível ativá-lo através de gemas como a coral ou opala, muito utilizados na Índia (repare que todos os deuses indianos possuem alguma joia em sua frente) e também nos faraós, através da “coroa de serpente”, e posteriormente nos reis (repare que as coroas antigas possuem uma grande joia em sua frente).

Sahashara

O sétimo chakra ou coroa está localizado no topo da cabeça, plexo cerebral, centro da testa. Este chakra é o chakra ligado à iluminação. Exterioriza-se como a glândula Epífese, também chamada Pineal e

governa a parte superior do cérebro, regendo o sistema nervoso que simbolicamente representa o sistema de integração do Homem com seu Deus Interior.

Sua vibração é a violeta ou às vezes a combinação de todas as cores: Luz branca. Induz ao sentimento de confiança de estar sendo guiado pelo universo. Rege as experiências interiores mais profundas e transformadoras, que se traduziram em sabedoria de alma.

Na iconografia, é muito comum retratar os deuses egípcios, faraós e deuses hindus com um halo luminoso sobre suas cabeças ou ao redor delas. Isso é reflexo destas pétalas abertas e emanando a luz cósmica. E SIM, é isso mesmo que você está pensando... Esta é a explicação científica para a origem das auréolas dos santos na iconografia católica.

Já destrinchamos cada um dos sete chakras pessoais. Agora vamos aos secundários: mãos, plantas dos pés e língua:

Os chakras palmares são usados para redirecionar a energia que o estudante recebeu, canalizou e está projetando. São essenciais em práticas de reiki e chi-kung de cura, e também a origem de todas as técnicas de “curas pelas mãos”.

Os chakras plantares são captadores de energia telúrica. Por esta razão, os celtas, wiccans, hindus, xamãs e sacerdotes de várias religiões ligadas à terra enfatizam o bem estar que andar descalço sobre a grama ou terra traz. Na realidade, você está absorvendo a energia telúrica (que vai complementar o prana, que é absorvido através do ar) para abastecer sua biomáquina magnética (ou corpo humano, se preferir). O Sol é a terceira fonte de energia e os alimentos sua fonte material de energia.

Chakras plantares são vulneráveis a ataques astrais e uma das “portas dos fundos” para se atacar pessoas que pensem estar protegidas nos chakras principais... É em razão disto que surgiu a

crendice popular de que um morto irritado vem “puxar seu pé” durante a noite.

A língua é utilizada na vocalização de desejos e também para o ato de beijar, em inúmeros ritos sexuais, que funciona como uma das portas energéticas entre o casal, por isto é tão importante em uma relação. Também pode servir para dissipar energia (por esta razão, todas as escolas que lidam com energia ensinam a manter a boca fechada e a língua tocando o céu da boca quando fizerem as respirações).

Além deles, existem muitos outros pequenos pontos de intersecção energético em nosso corpo, chamados de pontos de acupuntura, que funcionam de maneira análoga às Linhas de Ley do Planeta Terra. Como vocês também devem ter reparado, eles fazem uma relação direta com as cores do espectro luminoso, demonstrando mais uma vez a harmonia das Faixas de Vibração que mencionei em uma coluna anterior.

A Kundalini

Ok, tio Marcelo, já entendemos todo o conceito, mas que provas você tem que os antigos conheciam mesmo toda esta ciência?

Bem, crianças, a chave para entender todo o funcionamento destes processos está representado simbolicamente na serpente. Como os meridianos que passam através dos chakras (chamados Nadi) possuem a forma de uma serpente, os antigos o associaram à serpente e à sabedoria (Kundalini pode ser entendida como “a serpente enrolada”).

Para os gregos, as sacerdotisas mais importantes eram chamadas de pítias ou pitonisas (ou “aquela que domina a serpente”). Basta observar a história do Oráculo de Delfos para ver que ele foi estabelecido após “Apolo derrotar a serpente Píton”, ou seja, o deus solar/tiferet (4º chakra) dominando a serpente/kundalini.

Todos os faraós eram representados com a tiara de serpente, ou a disputa entre Moisés cujo cajado se transformava em uma serpente para engolir o dos adversários (o Pentateuco é totalmente ocultista e simbólico – um dia eu explico a bíblia sob o ponto de vista ocultista, vocês vão adorar).

Na Índia, a serpente Kundalini era reverenciada como sinônimo de poder divino, os Astecas, Maias e Incas veneravam a “grande serpente voadora”, os xamãs colocam a serpente como sinônimo de sabedoria... Ou seja, a serpente está associada a sabedoria e poder em todas as religiões... Bem, quase todas.

Existe uma religião em especial que morre de medo da serpente, tanto que até a transformou em um demônio que tenta os “pobres coitados inocentes” a experimentar a “Árvore do Conhecimento”...

Árvore da Vida da Kabbalah, Yggdrasil dos nórdicos, Pomos de Ouro das Hesperides na mitologia grega, Ankh na mitologia egípcia, Árvore da sombra dos deuses na mitologia hindu, Morada de Quetzacoatl para os astecas... Quanta “coincidência” que civilizações tão distantes e desconhecidas entre si venerem essa mesma árvore da mesma maneira... E porque a tal Igreja morre de medo dela? O que o tal “conhecimento” dessa árvore vai fazer de mal às pobres ovelhinhas?

Mas eles também veneram esta árvore... Ou você acha MESMO que o que Moisés desceu carregando do monte Sinai foram aqueles códigos morais simplórios? Dez mandamentos? Dez sephiroth? Mais pra frente eu explico da onde surgiram aqueles mandamentos, mas pergunta para qualquer judeu o que são os 49 dias do Sefirat ha Ômer e ele vai te dizer se tem ou não a ver com a Kabbalah.

Kundalini e o Caduceu de Hermes

Lembram que eu falei acima sobre alguns chakras serem masculinos e outros femininos? Pois bem. Recapitem o texto e vocês verão que o primeiro chakra é masculino, o segundo feminino,

o terceiro masculino e assim por diante... E o sétimo chakra é universal.

Na magia sexual, os casais aprendem a compartilhar a energia destes chakras um com o outro, fazendo com que o prana circule entre os dois amantes não apenas agindo como um catalizador destas energias, mas fazendo com que o chakra forte de um entre em sincronia com o chakra fraco do outro, acelerando ambos os corpos, mentes e espíritos em uníssono. E o resultado disso é... *Divino*.

E a forma energética que fica entre estes chakras entrelaçados é mais ou menos a dos símbolos conhecidos como Cajado de Aesclepius, para uma pessoa; ou Caduceu, para duas pessoas [ver imagem ao fim do artigo].

Uma delas é bastante conhecida no mundo cético – é o famoso símbolo da Medicina. Ah, se os médicos soubessem da onde se originou o símbolo deles... Mas, essas coisas de chakras não existem, não é mesmo?

Ritos sexuais

Claro que esta é a magia sexual envolvendo apenas para um casal, mas existem certos ritos secretos extremamente poderosos chamados *Hieros Gamos*, onde sacerdotes e sacerdotisas canalizam esta força para a celebração de festividades importantes.

Quem já leu o *Código DaVinci* ou assistiu ao filme *De olhos bem fechados* (aquele com o Tom Cruise e a Nicole Kidman) já tem uma vaga ideia do que se trata...

Quem ainda acha que eu não estou falando sobre a Arca da Aliança, é melhor rever o texto e ler nas entrelinhas, porque eu já estou falando das arcas há algum tempo... Vocês estão focados demais numa caixa de madeira e ouro, e não no *conteúdo* dela...



O Caduceu



O Cajado
de Asclepius

HIEROS GAMOS E MAGIA SEXUAL

02.12.2008

*“I am all that has been, that is, that shall be,
and none among mortals has yet dared to raise my veil.”*

Hoje vamos falar de algo que certamente vai interessar para todo mundo (ou quase todo mundo). **Sexo!**

Na Antiguidade, entre os estudiosos, sacerdotes e iniciados, o sexo era considerado algo sagrado e uma maneira de se reconectar com o EU divino que habita cada um de nós, como uma das formas mais bonitas de “Religare” e sempre esteve associado a muitas comemorações e rituais de fertilidade.

O reino do sexo mágico é o domínio e o poder do feminino.

Antes de começar, quero deixar claro que sempre existiu o sexo “vulgar” ou profano, que a maioria das pessoas conhece e pratica normalmente. O sexo sagrado, conforme eu comecei a explicar no artigo passado, envolve todo um ritual de entrelaçamento das energias entre os chakras fortes masculinos e femininos durante o ato sexual entre dois iniciados.

Durante esta relação, o casal canaliza e amplia suas energias através de seus chakras, desde o Muladhara na penetração, despertando a Kundalini (serpente sagrada), florescendo por entre os nadis dos amantes até o Sahashara, gerando um fluxo gigantesco das energias telúricas e projetando-as para o universo, ou utilizando estas sobras de energia para a realização de determinados rituais.

Através do sexo sagrado, o corpo da mulher se torna um templo a ser venerado e o enlace entre o sacerdote (que assume o papel de um deus) e a sacerdotisa (que assume o papel de uma deusa) adquire uma conotação ritualística capaz de despertar grandes energias e até fazer com que eles cheguem à iluminação (e a orgasmos muito mais fortes!).

Suméria

Os rituais sexuais existem desde os primórdios da humanidade e estiveram presentes em todas as grandes culturas da humanidade. As primeiras referências a eles, e também a mais famosa, é o *Hieros Gamos*, ou “Casamento Sagrado”. Este ritual era realizado na Suméria, 5.500 anos atrás. Nele, a alta sacerdotisa assumia o papel do Avatar da grande deusa Inanna e fazia sexo com o rei ou imperador, que assumia o papel do deus Dumuzi, para mostrar sua aceitação pela deusa como governante justo daquela região.

Isto era feito diante da corte, pois naquele tempo não haviam tabus para se praticar sexo em público se fosse em uma cerimônia religiosa. O símbolo desta união era um chifre, também chamado de “cornucópia” (uma referência clara à vagina da Grande Deusa em sua abertura e o falo do grande deus em seu chifre), do qual brotavam frutas, verduras e toda a fartura dos campos.

Era uma associação óbvia entre os rituais sexuais de fertilidade e as colheitas que se originavam das plantações energizadas por tais rituais. O símbolo da cornucópia foi eternizado na Mitologia grega, através dos ritos Dionísios com sua forte presença no Olimpo, e mantém-se até os dias de hoje como símbolo de fartura.

No Egito, existiam primariamente três classes de sacerdotes iniciados: o Culto ao Templo Solar, cujo templo principal ficava em Hélios, baseado nos mistérios de Osíris de sua morte e ressurreição, da conspiração de Seth, da vingança de Hórus e seu triunfo. Este culto lidava essencialmente com energias MASCULINAS em seus rituais, baseados na força e simbolismo do sol, movimentando os aspectos de Yang (positivos, fortes, racionais, diretos).

Desta ordem surgiam os comandantes dos exércitos do Templo e, posteriormente, os Cavaleiros Templários e a Maçonaria, descendente direta dos templários. Esta é a razão pela qual apenas HOMENS são iniciados na maçonaria. Não se trata de um “clube do bolinha” ou de nenhum preconceito com as mulheres, como muitos detratores alegam, mas, essencialmente, os rituais maçônicos são de

energia Yang, e a presença de uma mulher no templo em uma loja solar apenas atrapalharia toda a egrégora (Existem organizações para-maçônicas como as Fraternidades Femininas e ordens como as Filhas de Jó para mulheres, mas a ritualística é outra, especialmente voltadas para as meninas e mulheres. Muito diferente do golpe da “maçonaria feminina” que non ecziste!).

Obs.: quando as cerimônias são públicas, os rituais são, obviamente, diferentes...

Além desta Ordem, existia a Ordem dos Mistérios de Ísis, voltada apenas para MULHERES. Estas ordens lidam com a energia lunar, com o Yin, com a intuição, com a sedução, com as emoções sutis que pertencem ao campo do feminino. Da mesma forma, era proibida a presença de homens em uma loja de Ísis. Ísis recebeu vários nomes em seus cultos: Islene, Ceres, Rhea, Venus, Vesta, Cybele, Niobe, Melissa, Nehalennia no norte; Isi com os hindus, Puzza entre os chineses e Ceridwen entre os antigos bretões.

O terceiro tipo de Ordem eram as Ordens de Ísis e Osíris, ou as ordens mistas. Estas eram ordens espirituais, preocupadas com o estudo das ciências e dos fenômenos naturais. Pode-se dizer que foram as primeiras ordens de cientistas do planeta, estudando ao mesmo tempo fenômenos físicos, matemáticos e espirituais. Destas ordens, Grandes iniciados como o faraó Tuthmosis III, Nefertiti, Akhenaton (ou Amenhotep IV) e Moshed (ou Moisés para os íntimos) estabeleceram as bases de praticamente todas as escolas iniciáticas que surgiram, inclusive todos os ramos das Ordens Rosacruz.

Cada templo era formado por até 13 membros (do sexo masculino/solar, feminino/lunar ou misto, com qualquer número de homens e mulheres, dependendo da ordem). Quando haviam mais iniciações, estas lojas eram divididas em mais grupos contendo 5, 7 ou 11 estudiosos. Era comum que membros da Ordem do Sol ou da

Lua participassem nestas ordens mistas, assim como até hoje é comum maçons ou wiccas participarem das ordens rosacruceanas.

Treze pessoas em um grupo era considerado o ideal, pois constituía um CÍRCULO COMPLETO, cada um dos iniciados representando um dos signos do zodíaco, ao redor do Grande Sacerdote. Como veremos mais para a frente, isto será válido em outras culturas como a celta, romana, bretã e até africana.

Um quarto grupo era formado por sacerdotes especialmente escolhidos do Templo do Sol e do Templo da Lua, para as festividades das Cheias do Nilo, Morte e Ressurreição de Osíris, Início do ano e várias outras celebrações importantes. Estas celebrações eram *Hieros Gamos*, onde um sumo-sacerdote coordenava (mas não participava!) do sexo ritualístico entre 6 casais (totalizando 13 pessoas). Estes casais eram geralmente (mas não obrigatoriamente) casados e assumiam suas posições no círculo formando o hexagrama, com o sacerdote ao centro. Estes rituais poderiam ser realizados em um Templo ou em alguns casos, dentro de pirâmides, que estavam ajustadas para as frequências que eles desejavam ampliar para o restante da população (ou do planeta). Mais tarde, o mesmo princípio será usado nos festivais celtas, mas já chegaremos lá.

Em grandes festividades, outros iniciados participavam (fora do círculo principal, que era formado pelos casais mais poderosos), formando um segundo círculo externo ou grupos, dependendo do número de pessoas. Estas sacerdotisas assumiam a representação da deusa Meret, a deusa das danças e das festividades, e os sacerdotes assumiam a representação de Hapi, deus da fecundidade e das cheias do Nilo.

É importante ressaltar que nestes rituais cada sacerdote transava apenas com a sua parceira.

Era comum o uso de máscaras (com cabeças de animais representando os aspectos relacionados ao ritual/deus que estava sendo realizado), o que mais tarde dará origem ao Baile de Máscaras (que secretamente abrigavam *Hieros Gamos*) e posteriormente ainda

os Bailes de Carnaval. Após as festividades, havia dança, celebrações e sexo não-ritualístico/hedonista.

Estas sacerdotisas eram chamadas de Meretrizes, nome que mais tarde foi deturpado pela Igreja Católica.

Do lado complementar das Meretrizes estavam as Virgens Vestais, que eram virgens que trabalhavam um tipo diferente de energia e eram consideradas as Protetoras do Fogo Sagrado. Elas existem desde o Egito, mas ficaram mesmo conhecidas no período grego e romano. Falarei sobre elas daqui a pouco.

Paralelamente aos ritos egípcios, existiam rituais sexuais ligeiramente diferentes na Índia, mas baseados nos mesmos princípios de união dos chakras para despertar a kundalini.

Tantra

A palavra tantra vem do védico e pode significar “teia” ou “libertação da escuridão” ou ainda “aquilo que amplia o conhecimento”. Eu não vou dar detalhes sobre a origem do Tantra, porque me estenderia por muitas páginas...

Basicamente, o tantra possui uma filosofia de amor. Amor ao semelhante, à natureza, à vida, ao sexo, ao despertar. O ato sexual mágico dentro do tantra é apenas UMA das manifestações desta filosofia maravilhosa (o tantra é uma maneira de se viver, que inclui vegetarianismo, cultivo ao corpo, mente e espírito, respeito pelas coisas vivas, paz, harmonia com o cósmico, à devoção ao feminino, ao estudo da poesia, música, etc.).

O grande problema disso para as *otoridades* é que um homem tântrico está mais preocupado em tratar bem sua(s) amante(s), apreciar um bom vinho ou fazer uma boa massagem em uma amiga do que pegar em armas e ir até um país distante chacinar seus inimigos para que as *otoridades* adquiram mais poder...

Para isso, precisam de soldados cruéis, sem compaixão e sem sentimentos (“certo, seu zero-dois?”). Então, quando os Arianos tomaram a Índia, lá por 2.000 a.C., eles tornaram esta religião

proibida (de onde veio o significado de “libertação da escuridão” pois o movimento acabou caindo na escuridão/ clandestinidade).

O principal ritual de sexo tântrico é chamado de Maithuna. Neste ponto, existem 3 vertentes do Tantra: o Caminho da mão esquerda, que prega a realização destes rituais com estranhos, para atingir um máximo de erotização, voltado para o prazer e que deu origem a livros e textos como o Kama-Sutra; o Caminho da mão direita, que prega que o Maithuna deve ser feito apenas com sua companheira, o que gera uma intimidade maior e uma energia muito maior no ritual; e finalmente o Caminho do Meio (meu favorito) que prega um meio termo: rituais sexuais para serem desenvolvidos com uma parceira, mas não excluindo a participação de amigas ou conhecidas no processo.

Durante o ato sexual, o homem assume o papel de Shiva e a mulher de Shakti. O papel da mulher é sempre o de uma deusa a ser venerada e existe todo um ritual antes do sexo: ela depila todo o corpo (pode ser feito no dia anterior), prepara um banho com ervas e perfumes e se arruma ritualisticamente, o homem prepara os incensos, música e o ambiente.

Uma relação de Maithuna demora no mínimo 4 horas, mas há relatos de rituais que chegam a demorar 21 dias (já não se fazem mais iniciados como na Antiguidade...). O Maithuna é programado segundo o ciclo dos signos e as fases da lua (na lua cheia Shakti tem mais potência sexual e na lua crescente Shiva está mais viril. Na lua nova, ambos estão relativamente sexuais e na minguante a energia pode não estar muito propícia).

A preocupação com os exercícios para desenvolver os chakras, a vestimentas (nada sintético ou que bloqueie os chakras), a alimentação (nem pense em fazer um Maithuna com um bicho morto no seu estômago!), a meditação e concentração, os incensos... TUDO é importante neste tipo de ritual.

Rituais Tântricos

Ao contrário da ritualística egípcia, que é extremamente rígida em relação a escolha dos parceiros, as festas tântricas eram basicamente hedonistas (voltadas para o desenvolvimento do ser humano através do prazer e felicidade), podendo haver troca de parceiros (caminhos central e da mão esquerda somente), mais de uma parceira/parceiro em uma transa, etc.

As palavras chaves nestas festas são o respeito entre todos os participantes e a consensualidade. Pode-se dizer que estes grupos mantiveram-se sempre de maneira secreta em praticamente todas as sociedades, até os dias de hoje nas casas de swing (ou “troca de casais”, como a mídia adora colocar, dando a falsa impressão que as mulheres nestes locais nada mais são do que “moedas de troca” quando uma ideia melhor seria “compartilhar” – é, eu sou muito chato com os termos corretos, porque palavras têm poder).

Hoje muito do conceito destas festas foi distorcido e estragado (com direito até a pessoas que contratam garotas de programa para montar casais falsos e participar das putarias), embora dentro deste universo existam ainda grupos que agem como verdadeiras Sociedades Secretas, com regras de conduta muito rígidas e mantêm as ideias originais das FESTAS HEDONISTAS com o respeito e a seriedade que elas deveriam ter.

Grécia e Roma

O culto a Ísis e Osíris migrou do Antigo Egito para a Grécia, onde Toth tornou-se Hermes e os mistérios de Osíris tornaram-se o culto a Dionísio (*Dyonisus*).

Antes de mais nada, quem era Dionísio? Nascido de Zeus e Perséfone, Dionísio atraiu a fúria de Hera, que enviou os titãs para mata-lo. Zeus o protegeu enviando raios e trovões para despedaçar os titãs, mas quando conseguiu derrota-los, sobrou apenas o coração de Dionísio. Zeus colocou seu coração no ventre de Semele, uma de suas sacerdotisas, que se tornou sua segunda mãe... Portanto Dionísio era conhecido como “o nascido duas vezes”. Curioso não?

Novamente temos o culto a morte e ressurreição de Osíris na iniciação e os rituais que demonstravam claramente a vida após a morte. Interessante notar que Semele era uma sacerdotisa do culto a Zeus, e portanto uma virgem vestal. Vocês perceberão que ao longo da história, muitos iniciados nasceram de “virgens” (cujo termo possuía o significado real de “espiritualmente pura”). A título de curiosidade, Hórus, Rá, Zoroastro, Krishna, Platão, Apolônio, Pitágoras, Esculápio e aquele outro cara famoso na Bíblia também nasceram de “virgens”.

Os cultos de Dionísio também eram conhecidos pelo nome de culto ao Deus Baco (*Bacchus*) e suas sacerdotisas iniciadas nos cultos lunares eram conhecidas como Menades ou Bacantes. O poeta Homero escreveu que elas “iam para as montanhas e realizavam estranhos rituais”. O culto começou na Grécia, mas sua popularidade cresceu a ponto de se tornar conhecida em Roma a partir de 200 a.C.

Registros famosos destes rituais de Bacchanalia foram escritos por uma sacerdotisa e poetisa chamada Sappho, cujo templo de Mytilene ficava na Ilha de Lesbos, por volta de 600 a.C. Estes textos retrataram alguns dos rituais envolvendo sexo mágico entre as iniciadas e uma série de poemas narrando o amor entre mulheres. Da perseguição religiosa, surgiram as palavras Safada (no sentido depreciativo para a mulher) e Lésbica.

Os cultos solares eram mais populares em cidades como Esparta, cujos exércitos voltados para o aperfeiçoamento do corpo e da mente usavam os treinamentos físicos desenvolvidos pelos Guardiões do Templo, incluindo muitos ritos de iniciação (especialmente um dos mais importantes, que é mostrado no filme/HQ *300 de Esparta*, quando Leônidas precisa, quando jovem, enfrentar um período de tempo no deserto/montanha e matar um lobo com as próprias mãos, trazendo sua pele para comprovar o feito de coragem). Mais tarde falaremos novamente sobre capas vermelhas nos celtas.

Nos cultos de Dionísio, o *Hieros Gamos* também assumia a forma de relações sexuais entre os deuses, para a realização de diversas comemorações ou rituais. Vamos ao chamado “panteão Olímpico”: Zeus, Hera, Poseidon, Afrodite, Ares, Atenas, Hermes, Hefesto, Apolo, Ártemis, Demeter e Hestia. Exatamente 6 homens e 6 mulheres. Completando com Dionísio como sumo-sacerdote, estava preparado o Círculo Completo para o *Hieros Gamos* (como curiosidade, cada deus desse estava relacionado a um signo do zodíaco, mas se quiserem saber, vão fazer a lição de casa, eu não vou falar quem é o que). Também relacionando com as Linhas de Ley, o Monte Olimpo fica “coincidentemente” em um destes cruzamentos energéticos do planeta.

As reuniões destes grupos recebiam o nome de *Orgion* (palavra em grego que significa “ritual secreto”) e eram presididas pelo Orgiophanta. Da latinização surgiu a palavra Orgia, e nem preciso dizer o que aconteceu com o significado desta palavra.

Em 180 a.C., o senado editou o *Senatus consultum de Bacchanalibus* estabelecendo regras claras para a realização destas festividades e ritos. Desnecessário dizer que os cultos secretos continuaram, apenas caíram na clandestinidade dentro das Ordens Secretas. Os *Hieros Gamos* continuaram ocorrendo, com a latinização dos deuses envolvidos.

As principais festas aconteciam nos Solstícios e Equinócios, especialmente o Sol Invictus (quem assistiu aquele filme *De olhos bem fechados* pode ver um ritual de *Hieros Gamos* moderno, ocorrendo justamente no Natal – *Dies Natalis Solis Invicti...* Quer dizer, uma pequena parte dele).

O culto Solar ganhou muita força em Roma, através do culto a Mithra, o Deus-Sol, El Gabal, Sol Invictus (e, como devoto deste deus, farei uma coluna dedicada a ele em breve). O exército romano usava todos os símbolos do Templo Solar, inclusive a famosa “saudação a Mithra”, que mais tarde foi usada pelos exércitos de Hitler, um dos maiores ocultistas do século XX, como a saudação

tradicional nazista, e também usada por Francis Bellamy para a saudação à bandeira americana (que foi substituída em 1942).

As Vestais

Além dos cultos solar e lunar, existiam também as Vestais (*sacerdos vestalis*) que eram as sacerdotisas da deusa Vesta e encarregadas de manter aceso o Fogo Sagrado de Vesta. Este fogo era o santuário mais importante de cada cidade romana e deixar uma chama destas apagar era passível de pena de morte. Caso uma chama se apagasse, os sacerdotes precisavam acender uma tocha em um templo vestal em uma cidade próxima e trazer este fogo sagrado até o altar.

Se você pensou em “tocha olímpica”, acertou... É a origem da tocha. Agora algo que você talvez não sabia: A origem sagrada deste fogo remonta ao fogo que Prometeu roubou dos deuses, e que lhe custou o castigo eterno [até Hércules o libertar, quando foi substituído pelo centauro Quíron – voluntariamente].

Outra das coisas que provavelmente você não saiba é que Prometeu é citado pelo poeta Ascilus e Hesíodo como “o Portador da Luz”, cujo nome em grego é Phosporos. Talvez você não reconheça o nome dele em grego, mas em latim eu tenho certeza que você conhece: “Lúcifer – A Estrela da Manhã, o Portador da Luz”.

Surpresos? Bem, hoje vocês aprenderam que aquele bando de esportistas carregando aquelas tochas na olimpíada e toda aquela festa serve para manter viva a chama de Lúcifer. Bacana, não?

As Vestais tinham de ser virgens, pois a energia e os chakras delas vibram e podem ser trabalhados de maneira diferente. Os ocultistas chamam isto de Chastitas, de onde vem a palavra castidade. Na rosacruz chamam estas meninas de columbas e elas são responsáveis por algumas das partes mais bonitas da ritualística.

A Chastitas não precisa envolver a falta de amor. Aliás, ele desenvolve nas sacerdotisas/sacerdotes que escolhem este caminho a virtude do *Ágape*, ou amor pela humanidade. O iniciado Platão foi

um dos que mais estudou este tipo de ritualística, de onde se originou o termo “amor platônico”.

Sócrates estudou este processo e desenvolveu o chamado *Chastitas Pederastia*, que é uma relação de amor casto entre um jovem e um adulto do mesmo sexo (normalmente um guerreiro mais velho e o aprendiz de soldado, especialmente nos exércitos gregos).

Mas este “amor” a que ele estava se referindo não era o amor homoerótico (que incluía sexo), mas sim o amor fraternal de um Mestre de Guilda para com o Aprendiz. Para tentar traçar um paralelo, pode-se pensar na relação entre o Batman/Robin, o Sr. Miagui/Daniel-san e jedi/padawan.

A Igreja deturpou a palavra “pederasta” como sinônimo pejorativo para homossexual. Disto seguem aquelas lendas absurdas que os soldados gregos eram gays. Também foi uma das acusações mentirosas que a Inquisição usou contra os Templários, já que esta tradição da pederastia se estendeu para o conceito de Cavaleiro/escudeiro ou Mestre/aprendiz.

A Castidade funciona através de uma alquimia diferente, transformando o que seria o desejo carnal e sexual em uma energia espiritual através do desenvolvimento dos chakras superiores e do controle dos chakras inferiores. Exemplos deste tipo de iluminação incluem os monges budistas, monges shaolins, os padres da Igreja, algumas santas e outros eremitas da literatura religiosa e ocultista.

A Igreja Católica tentou copiar estes preceitos de monges nos padres, mas esqueceu de avisá-los que isso precisa ser treinado. O resultado disto são pessoas que “fazem votos de castidade” mas não sabem exatamente o que estão fazendo e não acreditam em chakras. E com isso ficam todos complexados e cheios de necessidades carnis, naturais de todos os homens. E esta é a origem dos coroinhas...

(tá... essa dos coroinhas foi brincadeira...)

Bom... o texto está ficando enorme e eu ainda estou na metade... Em breve a gente continua com os Celtas, Bruxarias e os “sacrifícios de virgens” inventados pela Igreja.

BRUXARIA E PAGANISMO

05.12.2008

Anteriormente falamos sobre as origens da magia sexual, os Ritos na Suméria, o *Hieros Gamos* egípcio, as três principais divisões dos estudos iniciáticos e de como a Santa Igreja adora pegar expressões sagradas das outras religiões e transformar em palavras sujas.

Hoje vamos continuar nosso passeio através da história da magia sexual, de Roma até os dias de hoje.

Vou seguir com a narrativa por três pontos de vista diferentes: o masculino, do Templo Solar, que regeu basicamente os exércitos e guerreiros; o feminino, do Templo Lunar, que coordenava as sacerdotisas; e as Fraternidades Mistas, que formavam a maioria dos grupos envolvidos nas festividades pagãs do *Hieros Gamos*.

Prostitutas Sagradas

Voltando um pouco na nossa narrativa, ainda na Babilônia, o culto a Ishtar era famoso pelos templos dedicados a Inanna e Ishtar (ou Astarte), a grande deusa da Babilônia. Nestes templos, ficavam as mais sagradas das sacerdotisas, dedicadas à deusa do amor e da sexualidade. O nome Prostituta vem de “Aquelas que se prostram (diante de Ishtar)” ou “Aquelas que se expõem”.

Nestes templos, as “Ishtartu” ou “Damas dos prazeres” tinham o domínio sobre sua sexualidade, oferecendo-se para estranhos em troca de donativos para o templo, em rituais de adoração a Ishtar. Mulheres que desejavam se casar, para obter as bênçãos de fertilidade da deusa, precisavam passar um período de sete dias na porta do templo para obter dinheiro suficiente para a doação, no chamado “dote”. Este ritual pré-nupcial era chamado “Fornicatio”, de onde

surgiu mais tarde a palavra “fornicação”, tão odiada pelos fundamentalistas.

O local onde ocorriam estas negociações era chamado de “Fornix” (Câmaras Arqueadas – mais tarde “Fornix” se tornaria sinônimo de bordel). Durante este tempo, recebiam instruções das sacerdotisas nas artes de amar e de agradar aos homens.

Muitas famílias nobres enviavam suas filhas para servirem como Harlots (o termo em inglês hoje em dia é utilizado com o sentido de prostituta, sem tradução para o português) por anos. A Harlot entrava em um templo como uma Virgem Vestal e sacrificava sua virgindade ritualisticamente para o sacerdote que a iniciaria nos mistérios do *Hieros Gamos*.

Esta primeira relação era muito importante, pois o sacrifício de sangue para Ishtar marcava a iniciação destas sacerdotisas e era algo considerado muito sério e muito importante (até os dias de hoje, dentro de algumas Ordens Invisíveis). O linho na qual ficavam as manchas de sangue era queimado e dedicado às deusas, consagrado em uma grande festa de acolhida.

Mais tarde, de uma maneira completamente deturpada pelos profanos, isto acabaria dando origem a dois costumes medievais: a “*Prima Noche*”, na qual o Senhor Feudal requisitava o direito de transar com qualquer mulher que fosse se casar e a exibição do lençol sujo de sangue como “prova” da virgindade da “mercadoria” com a qual o nobre havia se casado.

Outra curiosidade era que, se a garota não havia “dedicado” sua virgindade à deusa Ishtar, e transado sem as devidas ritualísticas (ou seja, fora do templo de Innana/Ishtar), dizia-se que havia “perdido” sua virgindade e não podia se tornar uma prostituta sagrada. Seu dote, obviamente, era muito menor do que o das Harlots.

As Harlots eram tão procuradas que, após este período de dedicação ao templo, havia muitos pretendentes que se apresentavam para pagar o dote dessas garotas a fim de poder se casar com elas.

Curiosamente, apesar de todo o culto de sexo sagrado, Ishtar é reverenciada com o nome de “a virgem”, implicando com isso que

seus poderes e sua criatividade não dependiam de nenhuma influência masculina. As mulheres detinham o poder e o controle. Entre os gregos, era conhecida como Afrodite; e entre os romanos, Vênus.

A partir do Código de Hamurabi, em aproximadamente 1750 a.C., tudo isso mudou. A mulher passou a necessitar da permissão de seu marido ou pai para tudo, o poder das sacerdotisas foi massacrado e Innana e Ishtar perderam muito do prestígio que possuíam, tornando-se divindades menores e, posteriormente, demônios da luxúria.

Muitos dos templos, para não serem fechados por ordem dos governantes, precisaram forjar casamentos falsos para que pudessem continuar funcionando, mas as mulheres passaram a ter de obedecer a estes maridos, o que acabou dando origem aos primeiros “cafetões”.

Em menos de 100 anos, os Templos de Prazer acabaram se tornando algo muito mais parecido com o que temos hoje, com o afastamento da ritualística e apenas a troca de moedas por sexo (geralmente para as mãos do homem que controlava estes grupos). A adoção de escravas para suprir as necessidades dos homens e a degradação do valor das mulheres acabou jogando estes locais para a margem da sociedade, onde estão até os dias de hoje, infelizmente.

Enquanto isso, no mundo dos machos...

Conforme estávamos discutindo, o Culto Solar era composto apenas por homens e girava em torno do uso da magia para expandir as habilidades de batalha, capacidade de raciocínio matemático, engenharia, construções utilizando a geometria sagrada, táticas de combate e filosofia.

Na medida do possível, eles tentavam proteger as sacerdotisas, mas o próprio fato de não haverem mulheres nos exércitos e as Ordens serem quase totalitariamente militares tornava tudo muito complicado. As Ordens lunares tornaram-se secretas, abrigadas entre os celtas e romanos e bem longe das garras judaico-cristãs. Já as solares haviam adquirido um poder sem precedentes.

Suas características ocultistas principais estavam no posicionamento e construção de obeliscos nas Linhas de Ley para marcar os principais locais de rituais e conectar outros monumentos nestas linhas invisíveis. Estes monumentos servem para ajudar a ajustar a Terra para permitir melhores colheitas, paz, harmonia e prosperidade nas regiões ao seu redor. Um Obelisco representa acima de tudo um Raio de Sol Petrificado (isso é bem óbvio, mas é uma coisa que as pessoas nunca param para pensar...) que cai sobre a terra em um ponto específico.

Uma segunda característica era muito importante dentro dos cultos solares, que era a iniciação de seus principais guerreiros e líderes. Como eu havia dito na outra coluna, esta iniciação dos comandantes era feita enviando-o para algum lugar bastante inóspito armado apenas com uma adaga e esperava-se que ele não apenas sobrevivesse como trouxesse uma prova de suas capacidades de caçador.

Esta prova era a pele do animal (um lobo, urso ou veado). Nos celtas, bretões e druidas, o mais tradicional eram os gamos ou alces, que o iniciado precisava também remover os chifres e trazê-los presos em sua cabeça. A capa vermelha do rei simboliza a pele coberta de sangue do animal. As capas dos soldados romanos, dos exércitos de Esparta e dos guerreiros celtas (além das bandeiras nazistas) simbolizavam este poder. Nos nórdicos, eles vestiam as peles de ursos (*Bersekir*, da onde se originou o termo *Berserker* para designar os guerreiros imbatíveis do norte que lutavam sob o efeito de poderosos rituais xamânicos).

Os chifres na cabeça representam o deus das florestas encarnando naquele sacerdote/guerreiro, o que seria de vital importância no *Hieros Gamos*, pois mostraria que aquele iniciado estava apto a incorporar o avatar de Cernunnos/Baco/Dionísio/Dummuuz nos rituais.

Este hábito iniciático de usar os chifres na cabeça do principal sacerdote do *Hieros Gamos* é a origem da COROA (que nada mais é do que chifres simbolizados em metal nas pontas da coroa, somados às joias da sabedoria divina). Estes chifres às vezes eram simbolizados

por aquele “penacho” que vocês já devem ter visto nos legionários romanos, ou então pela coroa de louros dos imperadores.

Tropa de Elite, osso duro de roer...

Estas ordens solares (e conseqüentemente a maioria dos exércitos da Antiguidade) estavam organizadas da seguinte forma: Cada Centurião (também chamado *Hekatontharchos* em grego) comandava uma Centúria, que era formada por 100 soldados, organizados em 10 *contubernium*, e comandada por um Decurion. Estas *contubernia* eram formadas por 8 combatentes (chamados de octeto) e mais 2 não combatentes (que cuidavam dos cavalos, comidas, armas e armaduras do octeto).

Estes grupos eram tão unidos que acabavam sendo punidos ou recompensados como um todo. Caso algum dos membros de um *contubernium* cometesse algum ato de covardia ou traição, o grupo todo era escolhido para pagar. Neste caso, os dez soldados pegavam palitos de trigo e aquele que tirasse o menor palito era apedrejado pelos nove colegas. Desta prática, chamada Decimatio, surgiu o conceito do “puxar o palito menor” como sinônimo de má sorte, além da origem da palavra “dizimar” como matança.

Cada seis centúrias formavam uma *Cohorte* e o conjunto destas *cohortes* formava a Legião. O Grão Mestre destas ordens era chamado de Monos Archen (que significa em grego “Um comandante”). *Monosarchen* é a origem da palavra Monarca (*Monarch* em inglês).

Ok, mas o que esta história sobre exércitos romanos têm a ver com a Teoria da Conspiração? MUITO... Mas por enquanto, não vou contar o por quê. No momento, basta que vocês saibam que uma *Cohorte* nos tempos de Jesus era formada por 600 homens pesadamente armados.

Celtas, Druidas e a Bruxaria

Fora dos cultos altamente secretos das Bacantes ou dos soldados do Templo Solar, o culto à natureza continuava a todo vapor entre os celtas, druidas e bretões.

Os druidas traçam suas raízes em 300 a.C. Os primeiros registros deles foram feitos pelo escriba grego Sotion de Alexandria no século II a.C. Os pitagóricos os chamavam de Keltois (Aquele que domina o carvalho). Em latim eram chamados de *druides* (que tem a mesma origem da palavra Driade, que significam as “ninfas da floresta” na mitologia grega, que nada mais eram que as sacerdotisas celtas que realizavam seus ritos nas florestas).

Do Egito, os ritos migraram tanto para a Grécia quanto para as Ilhas Britânicas. Da mesma maneira que os sábios gregos construía panteões, templos e obeliscos utilizando-se da geometria sagrada, os bretões e celtas erguiam círculos de pedra com a mesma função. Enquanto os gregos realizavam as Bacchanalias, os celtas e bretões realizavam os festivais de Solstícios e Equinócios, bem como as Festas de Beltane e Samhain, onde eram celebrados os *Hieros Gamos*.

Nos ritos sagrados, o aspecto masculino da divindade era representado primariamente por dois deuses: Cernunnos e o “*Green Man*” (Homem Verde). Cernunnos é o Deus Chifrudo das florestas, representando todas as forças viris da natureza. Seus chifres podiam ser tanto de carneiro (com toda a simbologia fálica que eu comentei noutros artigos) quanto de gamos (representando a iniciação dos sacerdotes dentro da tradição solar). De qualquer forma, era a personificação do poder masculino do universo. O Grande Deus. Era sempre representado vestindo peles de animais e muitas vezes com o casco de bode. Cernunnos possui as mesmas atribuições do deus Pan (grego) e do deus Pashupati (hindu). A título de curiosidade, o nome Pan vem do grego *Paon*, que significa “Pastor”... Ah, a ironia...

Agora... Deus chifrudo? Com pés de bode? Aparecendo nos Sabbaths? Onde a gente já ouviu falar disso? Ah, claro! A Igreja Católica espalhou pelo mundo afora que esta era a imagem do diabo (Do tinroso! Do inominável! Do coisa-ruim!) que todos deviam

temer e fugir. Estes ataques virulentos continuam até os dias de hoje, não apenas pela Santa Igreja mas também por todas as suas descendentes evangélicas. Eles diziam (dizem) até que as bruxas transavam com bodes, com o demônio e com os outros sacerdotes durante os rituais “satânicos”.

Outra das personificações do Grande Deus era o chamado “*Green man*”. Uma imagem construída a partir da própria floresta, cujo rosto formado por plantas (ou um sacerdote com o corpo pintado de verde) representava a FERTILIDADE, o renascimento das plantas após o inverno...

Da parte da Deusa, as sacerdotisas representavam o poder feminino. Eu vou falar mais sobre os ritos quando falar especificamente sobre Bruxaria e as origens da Wicca. Por ora, basta dizermos que mulheres peladas dançando ao luar associadas a livres pensadores não agradavam em nada ao controle da Igreja e, desta forma, a nudez e o sexo foram automaticamente associados ao PECADO (até os dias de hoje).

Devemos grande parte disto a um babaca chamado Santo Agostinho, que por volta de 400 d.C. reescreveu a Gênese associando a expulsão de Adão e Eva do Paraíso ao sexo e ao tal do “pecado original”.

A partir de então, bruxaria foi associada ao satanismo e qualquer desculpa era uma desculpa para mandar estas pessoas para a fogueira, e assim tem sido até os dias de hoje.

O Carnaval

Com a perseguição religiosa, os *Hieros Gamos* passaram a ser celebrados disfarçados de bailes de máscaras, também conhecidos como Carnavais. A origem do Carnaval remonta das Saturnálias, que eram festas romanas em honra ao deus Saturno, organizadas entre 23 de Dezembro e 6 de Janeiro, regadas a muito sexo, danças, sacrifícios aos deuses e troca de presentes entre as pessoas (*Saturnalia et sigillaricia*, que deu origem às trocas de presentes no natal). Para não coincidir com as festividades de Solis Invictus, os romanos acabaram

jogando esta data mais e mais para a frente no calendário até chegar a janeiro/fevereiro.

A origem do nome Carnaval vem de “*Carrus Navalis*” (Carro Naval) simbolizando a barca de Apolo que era levada através das multidões nas ruas. Esta barca, desnecessário dizer, era a versão romana da Barca de Caronte, que por sua vez, era a versão grega da Arca da Aliança, que era a versão judaica da Barca de Ísis.

As máscaras de carnaval são versões das máscaras dos deuses egípcios nos rituais que eu mencionei aqui. Desta maneira, os sacerdotes dos deuses antigos (agora já totalmente escondidos em sociedades secretas) podiam se reunir em Bailes de Máscaras e, longe dos olhares da Igreja, realizar seus rituais em paz.

Ou seja, da próxima vez que você assistir um desfile de carnaval na televisão, lembre-se que tudo aquilo começou com as pirâmides da Atlântida e as iniciações dos Faraós... (dá vontade de chorar).

Magia sexual homossexual

Para finalizar, infelizmente, sinto dizer que não existem rituais sexuais homossexuais, por uma razão que, se vocês acompanharem estes textos desde o capítulo dos chakras, deve estar evidente. Todo o fluxo de energias sexuais, do tantra ao *Hieros Gamos*, opera na diferença energética entre os chakras masculinos e femininos, como uma bateria eletromagnética onde os chakras de cada participante fazem as vezes de polos positivos e negativos. No caso de APENAS pessoas do mesmo sexo (isso não vale, por exemplo, se estiverem duas mulheres e um homem ou dois homens e uma mulher em um ritual tântrico) esta conexão não funciona. É como tentar fazer uma bateria com dois polos positivos ou negativos.

As mulheres possuem uma vantagem sobre os homens neste aspecto. Durante a magia, a utilização de fluídos corporais potencializa os resultados do ritual. Em ordem de poder temos: a saliva, sêmen, líquidos vaginais, sangue e, finalmente, o mais poderoso de todos: o sangue menstrual (chamado Menstruum).

Por isso, determinados ritos femininos (as Bacantes, por exemplo) eram realizados em certas luas (e as leitoras sabem que quando muitas mulheres convivem juntas, os ciclos menstruais tendem a se alinhar). Desta maneira, as sacerdotisas estariam em seus períodos menstruais em determinados rituais e este “extra” compensa a presença de um homem.

Já para os homens, não há nada que se possa fazer.

Mas isto poderia ser contornado? Talvez, em teoria. Aleister Crowley foi um dos primeiros a estudar variações destes rituais para homossexuais masculinos, em 1874, chegando a inventar um 11º grau na OTO apenas dedicado a este tipo de magia (a OTO vai apenas até o grau 10). Oscar Wilde, George Cecil Ives e Montague Summers tentaram alguma coisa semelhante em 1899, através de uma Ordem Secreta composta apenas de homossexuais chamada “Order of Chaeronea”, que durou pouco tempo.

Talvez apenas o Dumbleodore saiba a resposta...

A ARCA DA ALIANÇA, DOKTOR JONES?

16.12.2008

*Também farão uma arca de madeira, de acácia;
o seu comprimento será de dois côvados e meio,
e a sua largura de um côvado e meio,
e de um côvado e meio a sua altura.
– Êxodo 25:10*

Olá crianças,

A palavra “Arca” vem do hebraico Aron, que significa “caixa” ou “urna”. De acordo com a bíblia, suas dimensões são de 2,5 x 1,5 x 1,5 cúbitos (1,12m x 67,5cm x 67,5cm), curiosamente, a mesma medida do “sarcófago” da “tumba do Faraó” que as pessoas conhecem como Pirâmides do Cairo. Este sarcófago foi o único objeto encontrado

dentro da pirâmide, pois a arca era o único objeto que ficava dentro daquela estrutura geométrica sagrada.

Uma das coisas que ainda não havia mencionado ainda quando falei sobre as pirâmides (e engraçado que ninguém teve a curiosidade de perguntar) é que a chamada “Câmara dos Reis” possui 10,40m de comprimento por 5,20m de largura (arredondando), na proporção exata de 2×1 . Estas são as mesmas proporções do Mar de Bronze do Templo de Salomão, de todos os templos gregos e a base de todas as catedrais construídas pelos templários, além de serem das mesmas proporções de algumas coisas bastante importantes tanto em templos maçônicos quanto em templos rosacruzes.

Porém, curiosamente, a altura da câmara dos reis é de 5,81m (arredondando também) ao invés de ser 5,20 (que seria esperado para perfazer “dois quadrados”). Por que esta altura extra? O que estes números têm de especial? A resposta estará nos próximos artigos, quando chegarmos a 532 a.C... Eu adianto que tem a ver com a geometria sagrada. Mas fica o desafio aos físicos e matemáticos que sempre nos prestigiam por aqui.

A Arca do Comprometimento

Existem diversas teorias sobre o que seria exatamente a Arca da Aliança. Certamente não era uma caixinha de ouro onde se guardavam pedaços de pedras com 10 mandamentos escritos, pois, como demonstramos, ela já estava acoplada no interior da Pirâmide desde antes do Dilúvio e era parte integrante de um sistema que movimentava massas enormes de energia.

Existem diversas teorias, mas a mais provável é que a chamada “arca da aliança” fosse o receptáculo para um equipamento Atlante capaz de absorver e gerar grandes quantidades de energia Mana, que era usada em conjunto com a geometria sagrada da Grande Pirâmide.

Eu vou propositalmente pular toda a parte do Moisés, porque preciso falar sobre Kabbalah antes de explicar o que são os Dez Mandamentos de verdade. Aquelas regrinhas tipo “não matarás”,

“não roubarás” e etc. constavam TODAS do código das leis Egípcias, então Moisés as trouxe do Egito... Elas não foram recebidas de Deus.

Os dez Mandamentos dizem respeito às dez sephiroth da Árvore da Vida. Mas como explicar Árvore da Vida vai demorar uns 3 artigos, e eu não quero deixar nada pela metade na virada do ano, assumam que isso é tudo simbólico: o que havia dentro da Arca era o Mana (acumulador e gerador de energia) e as tábuas e a vara são metáforas para os códigos de disciplina e preparação iniciáticas que permitiriam a um iniciado ativar o poder do que estava realmente dentro daquela estrutura.

Instruções para construir sua própria Arca da Aliança

(10) Também farão uma arca de madeira, de acácia; o seu comprimento será de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio, e de um côvado e meio a sua altura. (11) E cobri-la-ás de ouro puro, por dentro e por fora a cobrirás; e farás sobre ela uma moldura de ouro ao redor; (12) e fundirás para ela quatro argolas de ouro, que porás nos quatro cantos dela; duas argolas de um lado e duas do outro. (13) Também farás varais de madeira de acácia, que cobrirás de ouro. (14) Meterás os varais nas argolas, aos lados da arca, para se levar por eles a arca. (15) Os varais permanecerão nas argolas da arca; não serão tirados dela. (16) E porás na arca o testemunho, que eu te darei. (17) Igualmente farás um propiciatório, de ouro puro; o seu comprimento será de dois côvados e meio, e a sua largura de um côvado e meio. (18) Farás também dois querubins de ouro; de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório. (19) Farás um querubim numa extremidade e o outro querubim na outra extremidade; de uma só peça com o propiciatório fareis os querubins nas duas extremidades dele. (20) Os querubins estenderão as suas asas por cima do propiciatório, cobrindo-o com as asas, tendo as faces voltadas um para o outro; as faces dos querubins estarão voltadas para o propiciatório.

– Êxodo 25:10~20

A arca ficava originalmente guardada em Shiloh (Josué 18:1; I Samuel 3:3), mas era levada frequentemente à frente de batalha. Chegou a destruir as muralhas da cidade de Jericó e era comumente carregada à frente dos exércitos para limpar o terreno da presença de todos os animais peçonhentos. Os sacerdotes que carregavam a Arca (chamados Arcanitas) eram os únicos que podiam tocar na arca, e eles eram iniciados e usavam vestes protetoras para tocar na arca. Qualquer outra pessoa que a tocasse, era fulminada por algum tipo de “energia divina” (ou a carga de eletricidade gerada pelo Mana).

Uma vez, ela foi capturada pelos Filisteus (I Samuel 4). Após sua captura, a Arca foi movida para Asdod, onde fez com que todos os soldados da cidade fossem infectados com horrendas chagas e tumores. Em seguida, foi levada para Gath, onde causou os mesmos efeitos, e posteriormente Ekron. Após dizimar estas duas cidades, a arca retornou para os judeus após sete meses capturada.

A partir de então, foi guardada em Beth-Shemesh e, mais tarde, na Casa de Abinadab. Após três meses, foi enviada para a Casa de Obed-Edom e finalmente transferida para Jerusalém.

O Tabernáculo

Antes da Arca ficar permanentemente guardada no Templo, ela era carregada pelos sacerdotes através dos desertos, e de tempos em tempos os israelitas construíam um templo chamado Tabernáculo (a palavra Taverna, onde os maçons se encontravam para suas reuniões na Idade Média, vem desta raiz). O tabernáculo dos hebreus (durante o Êxodo) era uma tenda portátil, organizada com cortinas coloridas, montada de forma retangular e seguindo as mesmas proporções da Câmara dos Reis. Esta estrutura era erguida todas as vezes que o exército fosse acampar, orientada sempre a partir do Leste.

Ao centro desta tenda ficava um santuário retangular envolvido em pele de bode, com o teto formado com pele de carneiro. Dentro desta estrutura, eram estabelecidas duas áreas: O local sagrado e o local mais sagrado de todos, separados por um véu. Dentro desta tenda interna ficavam um candelabro de sete braços ao sul, um altar com

doze fatias de pão ao norte, um altar para queima de incenso ao oeste. Qualquer semelhança com os rituais e círculos celtas que eu vou comentar mais para a frente NÃO são meras coincidências...

A disposição das estacas também seguia uma estrutura rígida. Elas precisavam estar espaçadas de modo que totalizassem 60 estacas (20 ao norte, 20 ao sul, 10 ao oeste e 10 ao leste), de acordo com Êxodo 35:18. Dentro da estrutura externa, tudo precisava ser montado seguindo rigidamente a colocação, de acordo com as diagonais traçadas a partir de alguns postes específicos, de modo que a Arca ficasse coincidentemente sobre a mesma posição que ficava (proporcionalmente falando) na Câmara dos Reis na Grande Pirâmide.

O sacerdote iniciado desenvolvia certos ritos que eram amplificados pela estrutura simbólica ao seu redor... Mas, imagine que legal seria se levassem esta arca e fizessem um templo especial em um local especial nesta cidade especial que eu mencionei acima... Não seria supimpa?

O Primeiro Templo

Antes de falar sobre o Primeiro Templo, umas poucas palavras sobre o rei David. Normalmente o pessoal faz confusão porque o Rei David é sempre retratado jovem e Salomão é retratado velho. Para separar: David foi o que matou Golias com o golpe de funda, ele é o PAI de Salomão. Salomão é o rei sábio que merece um post só para ele. O símbolo de Davi (Conhecido como Magen David ou Selo de Salomão entre os Ocultistas) é o Hexagrama. Guardem bem isso: Hexagrama tem tudo a ver com Árvore da Vida e tudo a ver com o Ankh Egípcio. De acordo com as *otoridades*, o Ankh é apenas o desenho da fivela do cinto da deusa Ísis (é rir para não chorar...).

No início de seu reinado, Davi ordenou que a Arca fosse trazida para Jerusalém, onde ficaria guardada em uma tenda permanente no distrito chamado Cidade de Davi. Então Davi começou a planejar e esquematizar a construção de um grande Templo. Entretanto, esta obra passou às mãos de seu filho Salomão.

No Templo, foi construído um recinto (chamado na bíblia de oráculo) de cedro, coberto de ouro e entalhes, dois enormes querubins de maneira à semelhança dos que havia na Arca, com um altar no centro onde ela repousaria. O recinto passou a ser vedado aos cidadãos comuns, e somente os levitas e o próprio rei poderiam se colocar em presença da Arca.

Em Jerusalém, aproximadamente no ano 1000 a.C., o Rei Salomão construiu o Templo para abrigar a Arca, seguindo exatamente as mesmas proporções da Câmara dos Reis da Grande Pirâmide.

A Arca ficou depositada em um lugar chamado “O mais sagrado dos locais sagrados” e depois disso nunca mais é mencionada na bíblia aparecendo em festas ou batalhas.

O Primeiro Templo foi destruído em 586 a.C., pelos babilônicos, liderados por Nabucodonosor, e muitos dos estudiosos profanos acreditam que a arca tenha sido destruída neste ataque, mas as Ordens Secretas dizem que a Arca da Aliança foi removida para um local seguro, tanto que não consta de nenhuma das listas de itens e tesouros que os babilônios saquearam... E, convenhamos, a Arca da Aliança estaria no topo da lista se eles tivessem colocado as mãos nela.

E onde esta arca estava escondida este tempo todo? Quem a removeu pouco antes dos ataques e a escondeu? Quem a encontrou e quando? A resposta para isso estará em 1108 d.C., quando nove cavaleiros vindos da Europa acamparam nos estábulos do Templo durante nove anos e escavaram no local exato onde ela estaria enterrada... Mas isto já é outra história, que será contada mais para a frente.

A PIRÂMIDE DO FARAÓ DEL DEBBIO I

12.03.2008

Hoje, o Tio Marcelo se autoproclama Faraó Del Debbio I e decide que vamos construir uma pirâmide aqui no Brasil, com tecnologia de 2008.

Este post será uma homenagem ao amigo Kentaro Mori. Ele sempre traz [em sua coluna no *Sedentário & Hiperativo*] informações técnicas muito interessantes desmistificando enigmas e ilusões, então hoje serei eu o cético e usarei apenas da matemática e da engenharia, sem nada de ocultismo, para estudar um dos maiores mitos da história.

Vamos deixar claro que eu não estou dizendo uma palavra a respeito de QUEM, COMO, QUANDO ou POR QUE elas foram construídas. Este post vai demonstrar apenas a título de curiosidade como se construiriam as pirâmides com tecnologia de 2008. E quanto tempo demoraria, ok?

Uma das vantagens de se estar ligado a tantas Ordens Iniciáticas é que o tio Marcelo consegue acesso fácil e rápido a praticamente qualquer empresa grande no Brasil e até mesmo em outros países com apenas alguns telefonemas, e recebe carta branca para ficar fuçando e perguntando o que quiser lá dentro. Então poderemos pegar alguns orçamentos que normalmente o público não tem acesso. Outra facilidade é o fato de eu ser arquiteto, então estou acostumado com canteiros de obras e sei que tipo de questionamentos são relevantes para uma obra deste porte.

Em primeiro lugar, vamos às nossas hipóteses. A pirâmide de Gizé possui 230m de lado e 146m de altura quando foi construída. Suas paredes possuem inclinações precisas de $51^{\circ} 51'14''$. Seus blocos de pedra são encaixados milimetricamente, sem espaço para passar um mero pedaço de papel. Possuem câmaras e túneis de acesso que não foram escavados, mas sim deixados vazios durante o processo de

construção (ou seja, foram planejados antes da construção) e que são elaborados com precisão absoluta. Sabe-se que as pirâmides foram construídas utilizando-se aproximadamente 80% de pedras de calcário rochoso, de pedreiras distantes cerca de 60-80km do Cairo, e que 20% de sua estrutura foi composta de pedras nobres, em especial o Alabastro e o Mármore Negro, trazidas da pedreira de Assuã, localizadas a cerca de 725km de Gizé, através do Nilo.

Cálculos Iniciais

Usando a fórmula do volume de uma pirâmide, temos $(B \times H)/3 = 2.556.850 \text{ m}^3$ de pedra. Não estou levando em consideração as câmaras e túneis dentro da pirâmide, apenas o volume “bruto” dela para fins de orçamento aproximado. A maior parte do volume da pirâmide é construído com blocos inteiros de Calcário Rochoso. O calcário possui densidade 2,8, portanto, temos que o peso estimado de uma pirâmide é 7.159.150 toneladas, dos quais 1.431.830 toneladas (revestimentos e pedras nobres) vieram de Assuã de barco e 5.727.320 toneladas vieram de pedreiras próximas, localizadas a até 80km de distância. Destes blocos de calcário, cerca de 6% em peso é constituído de blocos de 70 toneladas (aproximadamente 5.000 blocos) e teremos de pensar em uma maneira de extraí-los e transportá-los da pedreira até nossa obra.

A primeira coisa que precisamos verificar são as pedreiras de calcário rochoso. Analisando algumas das maiores pedreiras de calcário do Brasil, consegui as seguintes informações: De acordo com a ABRACAL (Associação Brasileira de Produtores de Calcário), uma pedreira de 6 hectares produz cerca de 14.000 toneladas de blocos no tamanho adequado por ano.

Com dois telefonemas para alguns amigos que trabalham no Cairo, consegui a informação que as pedreiras que os “egípcios” utilizaram para obter os blocos (Toura e Maadi) não tinham mais do que 28 hectares somadas (e isso são pedreiras grandes, relativamente falando). Fazendo uma regra de 3 básica, temos uma produção de 65.000 toneladas por ano de blocos.

De posse destes dados, temos que apenas para extrair todas as pedras para montar a Pirâmide, utilizando-se de equipamentos de 2008, levaríamos 82 anos. Uma conta simples que já destrói completamente qualquer hipótese das pirâmides terem sido construídas em 20 anos...

Mas o faraó Del Debbio I tem pressa! Queremos construir a pirâmide no mesmo período de tempo alegado pelas lendas. Se um bando de egípcios seminus de 4.000 a.C. conseguiu, nós vamos conseguir também!

Procurando minas de calcário

Em 2000, a produção total de calcário no estado de São Paulo foi de 3.230.000 toneladas, dos quais apenas 16% nos tamanhos adequados para a construção dos blocos de 2,5 ton. mínimos (pouco mais de 516.800 toneladas por ano). Vamos usar TODA a produção de calcário do estado de São Paulo para a construção da minha tumba.

Com TODA a produção de blocos de calcário do estado de São Paulo (que corresponde a cerca de 21% da produção total do Brasil) nas mãos do Faraó Del Debbio I, vamos recalcular o tempo para a construção da Pirâmide:

Com 1.416 toneladas de blocos por dia de produção, precisaremos de 11 anos (4.045 dias) para extrair tudo. Dane-se o estado de São Paulo, o Faraó Del Debbio tem pressa. Temos apenas 20 anos para construir as pirâmides!

Para nossas operações terrestres, usaremos o caminhão 31260E da Volkswagen, o maior e mais poderoso caminhão da linha comercial 2008, que é um dos mais modernos da frota brasileira, capaz de carregar até 31 toneladas por vez. Utilizando-se de guindastes mecanizados do tipo GR 9.000 da Rodomaq, conseguimos colocar um bloco de pedra de 2,5 toneladas dentro do caminhão e ajustá-lo em cerca de 10 minutos, de acordo com o engenheiro responsável.

Um caminhão 31260E carrega até 12 blocos de 2,5 toneladas de cada vez, o que demoraria 120 min. para carregá-lo. Supondo uma estrada

bem asfaltada, em uma velocidade segura, faríamos o trecho de 80 km em 1h30. Descarregando o caminhão no local da obra e retornando em segurança, todo o processo de ida e volta demoraria 7 horas.

Ao todo, teríamos de carregar 5.383.681 toneladas de pedras em blocos de até 12 toneladas usando nossos caminhões Volkswagen.

Fazendo a divisão de 5.383.681 toneladas por 30 toneladas, temos 179.456 viagens. Levando em conta nossa produção de 1.416 ton. por dia, demoraríamos 3.802 dias para fazer todas as viagens (ou 10,5 anos). Para tanto, utilizaríamos uma frota de 30 caminhões (que trabalhariam 24 horas por dia, 7 dias por semana, sem feriados ou pausas). Não há razão para usarmos mais caminhões, pois estes já estariam trabalhando no limite, já considerados 20% extras para eventuais falhas mecânicas (obrigado pessoal da Brasspress e RodoJumbo pelas informações).

Alguns engenheiros alegaram que estes caminhões trabalhando desta maneira selvagem não durariam 10 anos, então um deles pediu para que ficasse constando que a frota ideal total seria de cerca de 50-60 caminhões, sendo substituída ao longo do tempo.

Os outros 343.640 toneladas em blocos de 70 toneladas seriam um problema. A Granero e outras companhias de transporte que pesquisei carregam até no máximo 60 toneladas indivisíveis em seus veículos e os maiores caminhões da Volvo e Scania carregam apenas 50 toneladas... Então teríamos de ir buscar outros caminhões especiais para isso.

Encontramos uma carreta, capaz de carregar até 470 toneladas, mas não achei o nome dela. Para sustentar essa estrutura, a carreta tem 266 pneus, além de outros 30 dos cavalos mecânicos. O veículo tem 93 metros de extensão, 8,70 metros de altura e anda a 5 km/h. Precisamos de uma autorização especial AET e cada viagem pode chegar a custar até R\$ 100.000,00

Para carregá-la com os blocos de 70 toneladas (cabem 6 blocos por vez), demoramos cerca de 2h por bloco, ou seja, 12 horas para carregá-la, 16 horas para viajar (totalizando 56 horas por trajeto ida e volta)

levando 420 toneladas. Para transportar 343.639 toneladas, precisaremos de 818 viagens, ou seja, 45.808 horas (5,2 anos).

Sabemos que as pedras maiores estão na base da pirâmide, então pelo menos os 5 primeiros anos serão destinados para as pedras de 70 toneladas, então talvez consigamos fazer um “estoque” de pedras de 12 toneladas e 2,5 toneladas para usar no futuro, aumentando assim nossa frota de caminhões 31260E nos primeiros anos e economizando pelo menos uns 3 anos do projeto. Por outro lado, não adianta carregarmos as pedras menores para a pirâmide, pois isto atrapalharia o desembarque das super carretas.

O preço dos materiais, pelas tabelas de 2007, são de aproximadamente 100,00 por tonelada de blocos de calcário e entre 250,00 a 400,00 a tonelada de mármore nobre e alabastro. Mas acho que por ser irmão maçom, eu teria direito a algum desconto. O total estimado, em material apenas, sairia na faixa de 4 bilhões de reais (1% do PIB do Brasil de 2007). Mas isto não inclui nem transporte e nem mão de obra!

Outro dos problemas é como fazer a terraplanagem do terreno. Consultei algumas das empresas de topografia de irmãos e descobri que conseguir um platô que fique PERFEITAMENTE NIVELADO sobre a areia de um deserto é uma tarefa impossível. Pior ainda se planejamos “empurrar” os blocos... O mero deslocamento das pedras já desnivelaria TODO o trabalho executado, e a areia deslocada nunca permitiria um encaixe tão perfeito dos blocos. Ao contrário do que as *otoridades* querem que vocês acreditem, não basta ir empilhando blocos de pedra sobre a areia, pois com o tempo, a areia cede e toda a estrutura afunda (por exemplo, a torre de Pisa, que nem em areia foi construída).

Para se construir em cidades como Santos ou Las Vegas, é necessário consultar engenheiros navais e de estruturas, para indicar as compensações necessárias a serem feitas para se edificar sobre solo tão precário (e estou falando de prédios de 10, 12 andares... a pirâmide tem o equivalente a 49 andares). Em outras palavras, é necessário uma FUNDAÇÃO para manter toda esta estrutura firme

(ainda mais que ela não se deslocou um milímetro em 12.500 anos... ops... 6.000 anos).

Muitos teóricos da conspiração (e eu não estou entre eles) afirmam que há uma pirâmide enterrada abaixo da pirâmide, de mesmo tamanho e voltada para baixo, formando um octaedro, para servir como fundação. Isso resolveria nosso problema, mas destruiria de uma vez por todas as teorias de tumba do Faraó e escravos egípcios empurrando blocos... Pena que o governo egípcio proíbe qualquer tipo de pesquisa neste sentido, então nunca saberemos a verdade.

De qualquer maneira, os trabalhos de terraplanagem de uma área deste tamanho teriam de ser executados por alguma empresa do porte da Engepar especializada em barragens. O tempo estimado para deixar o terreno preparado para receber a pirâmide girou em torno de 6 meses a 1,5 anos, mas não tive garantias de inclinação de zero graus como na pirâmide. Eu deveria esperar algo em torno de $0,5^\circ$ a $1,5^\circ$ de inclinação.

Transporte por rios

Para nossas operações marítimas, vamos usar um dos maiores navios em operações aqui no Brasil, da Hamburg-Süd, chamado “Aliança Brasil PPSO”, com capacidade máxima de 1850 Teus (Teu é uma unidade de medida que representa containers com 20 pés, neste caso, carregados com 14 toneladas), que é um navio com 200m de comprimento, possui mais de 28.000 toneladas de deslocamento e velocidade de 20 nós. Este navio é tão grande que existem apenas 5 em operação neste volume no Porto de Santos (para ter uma ideia de comparação, as caravelas de Cabral carregavam 250 toneladas cada)

As docas do porto de Santos, o maior porto do Brasil, são capazes de carregar em média, 40 containers por hora (ao custo de 70 dólares por container). Um navio do porte do Aliança Brasil demoraria, então, 46 horas para carregar e 20 horas para viajar (em um total de 132 horas entre carregar, viajar, descarregar e voltar). Isso, claro, contando que tivéssemos dois portos do tamanho de Santos à nossa disposição.

Carregar 1.431.830 toneladas usando este navio demoraria 55 viagens, ou aproximadamente 310 dias. Menos de um ano. Esta seria a parte mais fácil do projeto.

Faltou um último detalhe. Os blocos das pedreiras são escavados com erro de até 3% em tamanho. Os blocos das pirâmides são PERFEITOS em suas medidas. Eu reclamei com o engenheiro chefe e ele me disse que é possível contratar especialistas para recortar no canteiro da obra com precisão milimétrica, mas este trabalho poderia demorar até cerca de 3 a 12 horas por bloco, para ficar da maneira 100% perfeita que as pirâmides exigem.

Contas rápidas levam ao nosso conhecimento que, para lapidar os cerca de 260.000 blocos das paredes externas, câmaras e túneis, seriam necessários aproximadamente 2.600.000 horas. Com uma equipe de 500 especialistas (ou seja, praticamente todos os especialistas brasileiros), conseguiríamos fazer todo este trabalho em cerca de um ano inteiro. Certamente o faraó Queops tinha especialistas muito melhores que os formados pelo SENAC.

Resolvida a logística de escavações e transporte, vamos colocar os blocos uns sobre os outros:

Precisamos levar todos estes blocos de 70 toneladas, 12 toneladas e 2,5 toneladas até a sua posição na Pirâmide. Sabemos que ela possuía 146m de altura. A hipótese de rampas é ridícula, pois não podemos construir rampas com inclinação maior do que 10%, o que significa que as rampas quando estivéssemos no topo da pirâmide teriam 1,5 quilômetros de comprimento... Uma rampa destas teria 5m x 145m x 1.450m, ou seja, 525.625 metros cúbicos de areia, suficiente para encher 6 maracanãs até a boca de areia. Algum de vocês já foi a um estádio de futebol para ter uma noção de quanta areia é isso?

A maior escavadeira do mundo, a Bagger 288, consegue movimentar 76.445 m³ por dia. Este monstro demoraria uma SEMANA para construir uma rampa como a descrita acima. Supondo, claro, que milagrosamente toda a terra movimentada chegasse ao formato desejado da rampa em um passe de mágica.

Vamos usar guindastes e gruas!

Podemos construir rampas de acesso metálicas para caminhões nos primeiros estágios da pirâmide. Mas com o tempo, eles se tornariam complicados. No primeiro andar, teríamos algo em torno de 53.000 m² (230×230) para manobrar os caminhões e guindastes GR 9.000, mas certamente precisaríamos usar guindastes para posicionar os blocos da base.

Para posicionar os blocos gigantes de 70 toneladas, usaremos guindastes da Demac ou Lorain (aluguel de 250,00 por hora). Posicionar um bloco de 70 toneladas em um canteiro de obras demora cerca de 2 horas, mas o engenheiro me disse que há erro de até 5% da maneira que escolhi. Podemos medir com sensores de laser (semelhante ao que usam no metrô para alinhar os túneis), mas mesmo assim o balanço dos guindastes poderia tirar os blocos do prumo. Sugerimos empurrar com um trator, mas a maioria dos tratores empurra até 30 ou 40 toneladas no máximo. Sugeri usarmos nossos peões de obra para empurrar. “Se o faraó conseguiu, eu também consigo” – pensei. E o engenheiro riu na minha cara. Totalmente impraticável.

Pessoas empurrando blocos de pedra na areia fariam no máximo com que elas mesmas afundassem quando começassem a puxar ou empurrar os blocos, sem que ele se movimente. Se usarem troncos para “rolar” as pedras, precisariam pensar em uma maneira de RETIRAR estes troncos debaixo das pedras (embora nenhum botânico que eu contatei conseguisse me indicar uma palmeira que aguentasse 70 toneladas de pressão).

Só para não parecer que eu estou exagerando... 70 toneladas é o peso de 70 fuscas, compactados em um bloco de aproximadamente 2 x 2,5 x 5 m. Se imaginarmos escravos MUITO fortes e marombados, capazes de puxar 200kg cada um, precisaríamos de 350 escravos para puxar cada um destes 5.000 blocos. E estamos falando de PUXAR, porque empurrar é impossível... Vamos empilhar 350 homens uns sobre os outros... A última vez que eu verifiquei, dois corpos não

ocupavam o mesmo lugar no Plano Material. Então como ajustar a posição milimétrica dos blocos sem empurrá-los?

O segundo problema de empurrar é que isso poderia arrebentar o piso e a terraplanagem. Decidi não me preocupar com estes problemas mundanos e ignorar isto. Concretando o primeiro andar da pirâmide, teríamos uma base forte (desde que ela não cedesse) para continuar subindo.

Resolvido as primeiras etapas da pirâmide, usaremos, então, o modelo de guindaste MC310K12, um dos maiores guindastes em uso aqui no Brasil, para elevar os blocos de 12 e 2,5 toneladas. Ele eleva 12 ton. a uma altura de 57,50m, com uma lança de 70m. Com ele, conseguiremos construir até cerca de 50m de altura... Só faltam 100m para chegar ao topo.

Neste ponto do percurso, temos um problema, chamado Câmara dos Reis. Há dentro dela uma pedra única de 50 toneladas, de mármore negro vindo de Assuã. Como nenhum guindaste chegaria até a posição onde ela está e as rampas de areia são impraticáveis, optamos por usar um helicóptero militar, mas infelizmente, o maior helicóptero brasileiro, o Baikal, carrega miseráveis 4 toneladas. Mesmo o Mi-26, o maior helicóptero de carga americano, segundo a WFF, carrega apenas 20 toneladas (confesso que isso foi uma surpresa, eu achava que helicópteros carregassem mais peso). Então abandonamos os helicópteros... E aquela história das Pipas do Kentaro levando 11 toneladas me parece cada vez mais história para cético dormir...

Sem helicópteros, tivemos de construir uma rampa, usando estruturas metálicas extra resistentes combinada com um guindaste na ponta para içar a pedra. Tempo estimado de operação: duas semanas.

Espero que dessa vez eu lembre de colocar um sarcófago DO TAMANHO CERTO, já que o de Quéops é menor do que deveria ser... Faraó burro!

Também descobri que existe uma grua nova na Espanha chamada Potain MD1400, a maior grua em atividade na Europa, capaz de elevar pesos a até 200m de altura, flecha de 50m e 30 toneladas de carga. Deve dar, embora a flecha desta grua não seja suficiente para chegar no centro da pirâmide, o que força nossos homens a montarem esquemas de cordas para direcionar e posicionar as pedras do Topo.

Pyramidion

Fica faltando uma última pedra, uma réplica da pirâmide com 9m de altura esculpida em uma única peça de mármore negro, chamada Pyramidion, pesando entre 6 e 7 toneladas. Com a grua espanhola, podemos fazer este trabalho sem grandes complicações de engenharia.

Claro que os prazos que eu forneci nesta coluna são para cada uma das etapas separadamente. Quando construirmos a pirâmide, estas etapas terão de entrar dentro de um cronograma de logística: enquanto as pedras são cortadas e transportadas, outros engenheiros e peões estarão responsáveis pela colocação delas no canteiro de obras. Trabalhando sem parar 24 horas por dia, 7 dias por semana, sem feriados nem descansos (segundo os textos usados como base, os “egípcios” trabalhavam apenas 3 meses por ano), estimamos a construção da Pirâmide com tecnologia de 2008 em cerca de 13 a 14 anos, a um custo que pode chegar fácil a 18 bilhões de reais.

E, como eu sou uma das dez pessoas mais modestas do Planeta (e a modéstia me impede de dizer em qual posição eu estou), terei todo este trabalho e **NÃO VOU COLOCAR O MEU NOME EM LUGAR NENHUM** da pirâmide.

Faltou lembrar que todo este trabalho é para apenas UMA pirâmide, quando na verdade, o conjunto possui TRÊS pirâmides (então teríamos de multiplicar todo este trabalho por três...). Eu sempre soube que a história de escravos empurrando pedras era ridícula, mas agradeço ao Mori pelo texto dele das pipas, que me fez

ir atrás de empresas de engenharia para ver o quanto, na verdade, é IMPRATICAVEL a teoria dos escravos da tumba do faraó.

As pessoas acreditam nela simplesmente porque as *otoridades* disseram e porque nunca ninguém foi atrás de ver as dimensões envolvidas. De qualquer maneira, fica demonstrado a impossibilidade de cumprir estas metas no prazo e condições descritas pelas *otoridades*.

Agora, quem construiu as pirâmides e como, ninguém sabe ao certo... Mas definitivamente não foram escravos seminus arrastando blocos de pedras rampa acima no deserto ou empinando pipas.

3. Egrégoras

QUAL É O COLETIVO DE PENSAMENTOS?

09.12.2008

“Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és.

Saiba eu com que te ocupas e saberei também no que te poderás tornar.”

– Johann Wolfgang von Goethe

Egrégora. Do grego “egregoroi”, do latim “gregariu”, do celta “egregor”, do francês “égrégor”, do alemão “eggregore”, do finlandês “egregoi”...

O senhor está acompanhando, seu zero-cinco?

Comecei este texto com uma brincadeira com o filme “Tropa de Elite” porque ele exemplifica bem o que é uma egrégora. Tanto o treinamento realizado pelos soldados do verdadeiro Bope quanto a capacidade que o filme teve de mexer com o inconsciente coletivo aqui no Brasil.

Mas, o que é uma Egrégora?

Uma Egrégora representa o conjunto de formas-pensamento de duas ou mais pessoas, voltado para uma determinada finalidade. O conhecimento a respeito de Egrégoras talvez seja uma das coisas mais importantes dentro do ocultismo. A Egrégora forma o coração e o espírito de todas as Ordens Iniciáticas e profanas. É ela quem protege e auxilia os magistas em seus trabalhos.

Mas vamos por partes...

Em primeiro lugar: o que vem a ser uma “forma-pensamento”?

Conforme eu havia explicado noutros artigos, existem dimensões físicas fora do que chamamos “plano material”, que os ocultistas dominam há séculos, mas que os cientistas ortodoxos ainda estão engatinhando em suas experiências. Nestas outras faixas vibratórias residem os pensamentos, emoções e conceitos, além dos chamados “fantasmas” ou “espíritos”. O plano sutil mais próximo do Plano Material é o Plano Astral.

Eu já comecei a falar sobre o Plano Astral nos artigos anteriores, mas como este assunto é demasiadamente extenso, com certeza voltaremos a ele ainda muitas vezes nos próximos artigos.

Por estarmos mergulhados neste oceano de vibrações eletromagnéticas sutis, nossos corpos de carne (que, como demonstrei no artigo sobre os Chakras, são verdadeiras transmissores e receptores eletromagnéticos) estão constantemente em ressonância com estas vibrações externas que se manifestam ao nosso redor.

Colocando em palavras mais simples: pensamentos, emoções e intenções são capazes de afetar diretamente as pessoas através destas ressonâncias. Podemos fazer uma analogia dos seres humanos como transmissores/receptores eletromagnéticos, cujos pensamentos afetam e são afetados pelo ambiente que nos cerca.

Podemos emitir determinadas vibrações através da vontade e do pensamento, mas também estamos sujeitos a receber e absorver emanções que estejam ao nosso redor.

Da mesma maneira que podemos interagir com o mundo físico através dos nossos sentidos objetivos (segurando uma caneta com nossas mãos, por exemplo), todos nós somos capazes de interagir e realizar ações no Plano Astral.

Para entender melhor, vamos fazer um exercício simples de visualização: Imagine uma taça de vinho tinto repousando ao lado do teclado. Mas não “pense” na taça, “visualize” esta taça, e relaxe... Respire calmamente, concentre sua mente e veja todos os detalhes da

textura do vidro, a cor, o brilho, a transparência do copo, o reflexo da luz, a cor característica do vinho, imagine o cheiro delicioso... Afaste todos os outros pensamentos e concentre-se apenas nessa taça. Imagine sua mão pegando esta taça, o aspecto liso e frio do vidro em contato com seus dedos, o líquido mexendo dentro da taça enquanto você a ergue no ar. Observe o vinho contra a luz... Dê um gole imaginário nesta taça e sinta o gosto do vinho na sua boca, o sabor adocicado enquanto o líquido preenche sua boca e o cheiro do *bouquet* invade suas narinas... Se você fez direitinho, pode até mesmo estar com água na boca neste momento. E, durante um curto espaço de tempo, você acaba de criar uma forma-pensamento. Basta que, nesse momento, TODA a sua concentração estivesse voltada para esta criação.

Esta taça de vinho que você acaba de criar é tão sólida quanto qualquer objeto “real”, apenas existe em outra dimensão mais sutil e, portanto, a princípio, não interage com o plano físico. Em alguns instantes, ela será dissolvida e retornará ao que chamamos de “fluido astral”. Dependendo da emoção e da quantidade de tempo que você se dedicar a esta construção astral, ela acaba se cristalizando e passa a ficar ali, diante do computador, no exato local onde você a visualizou.

Saber como trabalhar estas construções astrais é algo importantíssimo, pois delas dependem os círculos de proteção, os rituais de banimento e de conjuração, gárgulas, templos astrais, defesas psíquicas, proteção contra vampiros energéticos e um campo aberto para facilitar suas projeções. Por esta razão, os exercícios de visualização e concentração dos quais já falei noutros artigos precisam estar dominados. A imaginação e a visualização devem fazer parte do arsenal básico de qualquer estudante de ocultismo.

Já uma egrégora é o conjunto de formas-pensamento criadas por um grupo, com uma mesma finalidade. Como disse aquele mago famoso da bíblia, “Onde dois ou mais se reunirem em meu nome, eu estarei entre eles”. Ou seja: quando duas ou mais pessoas se reúnem

ao redor de um único objetivo, estas formas-pensamento se somam e geram algo maior, mais dinâmico. E quanto mais concentrados, intensos e constantes forem estes pensamentos, maior o campo de atuação desta egrégora. Aqui está o segredo e a base da Ritualística, ou seja, da repetição.

Aliás, a título de curiosidade, “ritual” vem do grego “Arithmos” (Número) da qual surge também a palavra “Aritmética” e “ritmo”, mostrando que matemática, música e magia sempre andaram de mãos dadas.

Quanto mais se repete a ritualística, maior e mais forte é a Egrégora; Quanto mais concentração se coloca nos pensamentos, maior e mais forte é a Egrégora; quanto mais emoção se coloca nesta ritualística, mais forte é a Egrégora. Em algum tempo, este verdadeiro colosso de energia mental/emocional/espiritual adquire “vida própria” e passa a auxiliar a causa para qual aquele grupo trabalha.

É bom notar que não apenas pessoas no Plano Material colaboram com a Egrégora, mas também as Pessoas que estiverem no Plano Astral (é extremamente comum que antigos mestres que já faleceram continuem a participar de reuniões dentro das ordens e instituições que faziam parte).

Por causa da Egrégora, Grupos Iniciáticos costumam se reunir sempre nos mesmos dias e horários da semana. Desta maneira, mesmo se um membro não puder comparecer, ele pode emanar pensamentos para colaborar na Grande Obra. O simples fato dele se posicionar mentalmente dentro do templo durante o período de trabalho já o coloca em sintonia com a egrégora que estiver ativada.

Abrindo e Fechando as Egrégoras

Muita gente sempre me pergunta como é que eu consigo fazer parte de uma dúzia de ordens iniciáticas sem ficar louco. A resposta para isso é simples: todo trabalho e operação ocultista é composta de três partes: a “Abertura dos Trabalhos”, o “Trabalho” e o “Fechamento dos Trabalhos”.

Fazendo uma analogia, pode-se imaginar a egrégora como sendo uma piscina (ou lago, ou mar, dependendo da egrégora). Quando vou nadar, eu me aproximo da piscina, retiro minhas roupas profanas, coloco paramentos adequados (shorts, maiôs, sungas, biquínis, pés de pato, snorkels, prancha de surf, boias, etc.), passo meu protetor solar, e somente depois de todo o “ritual” é que estou preparado para nadar. Da mesma forma, quando saio da piscina, eu me enxugo, tiro a água do corpo, limpo o protetor solar, tomo um banho, visto minhas roupas e somente depois volto ao mundo profano.

Ninguém entra na água de terno e gravata nem sai por ai andando de maiô no meio da Avenida Paulista. Fazendo os trabalhos de abertura e fechamento de Egrégora corretamente, é possível frequentar palestras na Rosacruz Áurea na quarta-feira, realizar um *Esbath Wiccan* na quinta-feira, visitar um Terreiro de Umbanda na sexta-feira, participar de um ritual budista no sábado, de uma missa cántara/templária no domingo e de uma loja maçônica na segunda-feira sem ficar maluco. E, antes que alguém pergunte, este exemplo NÃO foi hipotético...

E esta ritualística de abrir e fechar egrégoras se repete em absolutamente todos os lugares: Desde os maçons, rosacruzes e demolays que se paramentam para seus trabalhos até patricinhas e dançarinas de bailes funk que se vestem e se maquiam antes de sair para a balada, passando por médicos, bombeiros, policiais, professores, cientistas, trabalhadores que “batem cartão”, padres com suas batinas rezando uma missa, pais-de-santo com suas roupas brancas, médiuns kardecistas com seus aventais, sacerdotes e sacerdotisas wiccans com seus mantos (ou sem roupas), torcedores de times de futebol que vestem a camisa de sua torcida antes de irem ao jogo, lutadores que vestem seus kimonos antes de praticarem seus treinos e assim por diante. TUDO o que envolver estar “no mundo profano”, uma transição para um ato e um posterior retorno ao mundo profano está ligado diretamente a uma Egrégora. Assistir

passivamente uma novela é pertencer a uma egrégora. O problema é selecionar quais delas você quer participar...

E qual a importância de fechar uma Egrégora?

Quando você abre os trabalhos em uma Egrégora, você se coloca em um estado mental compatível com as vibrações desta egrégora. Quando você retorna ao mundo exterior sem fechar os trabalhos, a egrégora continua exercendo influência sobre as suas ações e pensamentos. O problema com isso é que, dependendo do tipo e poder desta egrégora, a pessoa acaba sendo literalmente DOMINADA por estes pensamentos e emoções.

Vou dar alguns exemplos simples, mas bastante importantes:

Todo mundo deve conhecer pessoas que gostam de, no domingo, vestir a camisa do seu time, sentar na frente da TV, assistir uma partida de futebol e depois voltar aos seus afazeres normais. Times de futebol são egrégoras. Uma partida de futebol é um ritual de confronto entre duas egrégoras adversárias. Ao final dos “trabalhos”, os obreiros (torcedores) retornam às suas vidas normais, fechando as portas destas egrégoras.

Por outro lado, todo mundo deve conhecer pessoas que não são capazes de se desligar disso, tornando-se literalmente escravas de seus times. Tatuam o símbolo do time no próprio corpo, agridem pessoas de outras egrégoras, gastam tempo e energia propagando ódio em e-mails, piadas, xingamentos, brigas e discussões com pessoas ligadas a outros times, passam a semana inteira gastando horas de pensamento preocupadas se o time está na zona de rebaixamento ou não ao invés de tomarem o controle das suas próprias vidas. Em pouco tempo, a vida desta pessoa está completamente dominada por esta egrégora. Um perfeito zumbi.

Vemos casos como esses todos os dias nos noticiários.

Aliás, times de futebol são exemplos maravilhosos de egrégoras e do controle que elas podem exercer sobre as criaturas. Quando as

pessoas se conectam a estas egrégoras, seus corpos se tornam unos com a ideia; alguns chegam até mesmo a morrer de ataques cardíacos durante finais de campeonato. Só quem já esteve em um estádio de futebol sabe o que é sentir esta energia fluindo e como a torcida faz diferença em uma partida de futebol.

Uma egrégora PODE desviar uma bola para que ela bata na trave ao invés de fazer um gol, PODE fazer um jogador se contundir no meio da partida, errar um pênalti ou acertar um chute impossível... A egrégora influencia, mas não decide. Como disse certa vez o comentarista João Saldanha: “Se macumba ganhasse jogo, campeonato baiano terminava sempre empatado”.

Outro exemplo interessante são os fumantes: a egrégora do cigarro é absurdamente poderosa. Quando alguém pensa em abandoná-la, ela toma providências para manter a mente da pessoa acorrentada. Some-se isso ao fato de que, cada vez que se acende um cigarro, alguma entidade astral “gruda” na pessoa para usufruir desta energia e com isto temos uma explicação muito precisa do porquê é tão difícil largar o vício.

Por outro lado, pode-se combater uma egrégora com outra egrégora. Quando um alcoólatra passa a frequentar uma A.A., ele passa a se conectar com OUTRA egrégora, que por sua vez é antagônica à egrégora da bebida. Uma pessoa que esteja ligada à A.A. possui MUITO mais chances de abandonar e vencer um vício do que uma pessoa que está tentando sozinha, pois sua força de vontade passa a ser acrescida do poder desta outra egrégora.

Mas, independente da guerra astral que está sendo travada, o ser humano vai ter a última palavra. Lembram que eu falei ali em cima que nosso corpo é um transmissor/receptor eletromagnético? Pois bem... Serão as atitudes da pessoa que permitirão a influência da egrégora X ou Y, que determinarão se ela conseguirá sobrepujar o vício ou não. Existe uma máxima ocultista que diz “É impossível ajudar quem não quer ser ajudado”; ou ainda “Não entregue pérolas aos porcos”.

Se o nível mental da pessoa é baixo, ela vai ser dominada por toda a sua vida.

E claro que as *otoridades* sabem disso. Aliás, acham isto maravilhoso. As grandes companhias adoram estes conceitos. Os clientes vestindo suas marcas e repetindo seus slogans como se fossem bordões. As religiões caça-níqueis AMAM estes conceitos, e pode apostar que elas se utilizam de todos eles para manter seus fiéis aprisionados.

Aprendendo a fechar as Egrégoras

Como vocês podem estar imaginando, a partir do momento que se tem consciência de como estas energias funcionam, torna-se simples. “Um horário para cada coisa e cada coisa no seu horário e local”. Sabendo trabalhar estas energias mentais, você perceberá que seus trabalhos renderão mais e seu nível de stress diminuirá consideravelmente.

Acostume-se a limitar os seus horários de trabalho. Quando estiver no seu horário de lazer, não pense no trabalho; quando estiver no trabalho, não pense no seu lazer. Concentre-se APENAS no que estiver fazendo, e faça direito.

Qual a relação de um iniciado com uma egrégora?

Muita gente perguntou na coluna passada o que representa ser um iniciado. A resposta está ligada ao artigo de hoje. Um iniciado é alguém que foi ACOLHIDO por uma egrégora. Quando eu falo em uma Iniciação dentro da pirâmide ou de um círculo de pedra, ou de um batismo, quero dizer que o iniciado está entrando em contato com as chaves astrais que vão permitir a ele acessar estas egrégoras mais poderosas.

Em um momento de dificuldade, o iniciado pode resgatar energias desta reserva para auxiliá-lo no que precisar (e estiver de acordo com os preceitos da egrégora, claro).

Exercício prático: Como ir melhor na escola.

Estabeleça um grupo de estudos. Faça com que todos leiam meus artigos para se familiarizarem com o conceito de egrégora. Reúna os amigos que precisam estudar para uma prova (mas também funciona sozinho, embora, como vimos acima, mais mentes significam mais vibrações no mesmo objetivo – ou mais gente te atrapalhando, então escolha direito seus colegas de estudo).

Estabeleça um horário fixo. Neste horário, acenda um incenso e diga em voz alta: “Eu, fulano de tal, declaro abertos os trabalhos com a finalidade de estudar para a prova X pelas próximas horas. Que a partir deste momento, nada possa nos distrair ou perturbar”. Claro que você terá desligado celulares, TV, iPods e o que quer que possa distraí-los neste tempo. Quando acabar, feche os livros e diga em voz alta: “Eu, fulano de tal, declaro encerrados os estudos para a prova X no dia de hoje”. Faça isso nos dias que for estudar... Aliás, tente estabelecer o mesmo horário sempre.

Na hora da prova, apenas diga para você mesmo: “Eu, fulano de tal, desejo acessar os conhecimentos arquivados nos meus períodos de estudo” (Mas você precisa dizer estas frases... Não vale só pensar... O VERBO é necessário para trazer estas chaves da nossa pequena egrégora do plano metal para o físico).

Depois você me diz como foi na prova...

O mesmo vale para qualquer tipo de trabalho, estudo ou reunião. Antes de começar, abra os trabalhos definindo exatamente o que você pretende fazer, quando terminar, feche os trabalhos. Você perceberá como tudo na sua vida irá render mais...

Até breve, crianças...

Enquanto isso, meditem sobre a pergunta abaixo:

Você é mesmo dono dos seus pensamentos?

Ou alguém está pensando por você?

O SEGREDO DE “O SEGREDO”

12.12.2008

*“Pois onde se acham dois ou três reunidos
em meu nome, aí estou eu no meio deles.”*

– Mateus 18:20

Olá crianças,

Devemos levar em consideração que não se “abre uma egrégora”, mas sim “abre-se os trabalhos dentro de uma egrégora”. Da mesma forma que não se “fecha uma egrégora”, mas sim “fecham-se os trabalhos dentro de uma egrégora”. As egrégoras já estão lá antes de você nascer e continuarão lá depois que você morrer... Você não abre e nem fecha nada!

Egrégoras, por definição, são fruto de DUAS ou mais pessoas. Visualizações de uma pessoa são chamadas construções astrais. Egrégoras também não são criadas do dia para a noite. São necessários MESES ou mesmo ANOS para se estabelecerem. Algumas já estão no planeta há MILÊNIOS.

E não pense que isto é algo “místico” ou “religioso”. Da mesma forma que Igrejas, cultos ou Ordens Secretas possuem suas egrégoras, qualquer faculdade de física, química, engenharia e qualquer laboratório de biologia, química ou física, seja ele da sua escola ou da NASA, possuem sua própria egrégora, que por sua vez estão conectadas a egrégoras maiores do mesmo tipo de pensamento.

E qual a relação das Egrégoras com a nossa vida?

Toda. Quantas vezes não entramos em algum ambiente e nos sentimos desconfortáveis, com mal estar ou até mesmo ficamos com dores de cabeça após algum tempo? O que acontece é que nossos sete corpos, como geradores e receptores eletromagnéticos, ressoam com o ambiente e as pessoas ao nosso redor, onde quer que nos encontremos. Se o ambiente está carregado com uma egrégora que se

comporta de uma maneira oposta aos nossos pensamentos, com certeza ocorrerá um choque entre elas e normalmente “os incomodados que se mudam” (claro que existem círculos de proteção pessoal e isolamentos psíquicos, mas isso é OUTRA história que eu comento noutro artigo...).

Como já dissemos anteriormente, os planos mentais/astrais e espirituais também vibram em frequências mais altas ou mais baixas. Conforme você está em ressonância com cada tipo de vibração, você atrai aquilo que você pensa. É a origem dos termos profanos “estar de alto astral” (que significa “o estado de vibração de meu corpo está em ressonância com as altas vibrações do astral”) e “estar de baixo astral”.

Quanto mais opostas as egrégoras, piores as sensações; quanto mais afinidade, melhores as sensações.

Esta é a base científica da “Lei da Afinidade” que esses livros de autoajuda estão transformando em modinha por aí recentemente, mas não fazem muita noção de como tudo isso funciona.

Fazendo uma comparação simples, seria a mesma coisa que eu escrever um livro chamado *Como operar um acelerador de partículas no CERN*. Meu livro traria passo a passo tudo o que um leigo precisa fazer para realizar com sucesso uma experiência em um acelerador de partículas. O livro diria “entre na sala, coloque sua fantasia de cientista, ligue o aparelho, calibre assim, assim, assado, digite XYZ, coloque os parâmetros tais e tais, blá, blá, blá, e aperte o botão vermelho”. Pronto. O leigo fez uma experiência com o acelerador de partículas...

MAS isto não o torna um cientista, não o torna conhecedor de física e muito menos uma pessoa que realmente saiba operar um acelerador de partículas... E se acontecer uma vírgula de parâmetros fora do que está no livro, TODA a experiência vai dar errado, ou pior, em alguns casos, trazer consequências que, em último caso, podem ser catastróficas.

Mas os exemplos descritos no livro *O Segredo* [de Rhonda Byrne] funcionam? Em termos...

Mozart, Beethoven, Abraham Lincoln, Benjamin Franklin e outros exemplos ali eram Iniciados e sabiam o que estavam fazendo. Não estavam copiando “receitas de bolos”. Ganhar na loteria, ganhar carros zero km, o amor da sua vida e tudo mais o que estão prometendo não vão “cair do céu”. Além de Visualizar, você vai precisar BATALHAR por isso tudo...

E a questão da crença?

Não há crença ou descrença... Perguntar para alguém “você acredita na Lei da Atração?” ou “você acredita na Lei do Karma?” é tão estúpido quanto perguntar “você acredita na Lei da Gravidade?”. Não faz a MENOR DIFERENÇA se a pessoa acredita ou não nestas leis, ela está sujeita à suas ações de qualquer maneira. O fato de alguém não acreditar na Lei da Gravidade não vai fazê-la voar da mesma maneira que o fato de uma pessoa não acreditar na Lei da Atração ou Lei do Karma não vai fazê-la atrair egrégoras diferentes das que está atraindo ou deixar de sofrer as consequências das ações que realiza.

Entrando em sintonia com as Egrégoras

Como vocês já perceberam, estamos envolvidos a todo instante com dezenas, centenas, milhares de egrégoras de todos os tamanhos (de uma maneira análoga a uma rádio que está envolvida por dezenas, centenas, milhares de frequências ao mesmo tempo). Carl Gustav Jung chamou este mar de egrégoras de “Inconsciente coletivo”.

Para os iniciados, este mar de ideias é uma fonte inesgotável de inspiração, um universo de deuses, alegorias e mistérios a serem explorados, a fonte primordial na qual bebem todos os grandes artistas, inventores, cientistas e escritores.

Porém, a imensa maioria da população mundial está tão adormecida que suas mentes são um enorme depósito de poluição mental, ou seja, é como se o seu “rádio mental” estivesse o tempo todo com chuviscos, sintonizando dezenas de estações ao mesmo tempo. Preocupados em quem matou fulana na novela, que time está

em qual divisão, que celular ele deve comprar, que cerveja deve tomar para conquistar as mulheres, ou sintonizado nas estações que as *otoridades* querem que você sintonize. Não é de se admirar que o planeta esteja um caos.

E como “sintonizamos” direito estas estações? Através da meditação e controle de nossos pensamentos.

Isto ocorre da mesma maneira que sintonizamos uma rádio: se queremos escutar futebol, colocamos na rádio que transmite futebol; se queremos escutar música, colocamos na rádio que tem a música que queremos; se queremos escutar notícias, colocamos na estação de notícias. Não ficamos mudando de estação a cada 5 segundos.

Existe uma máxima zen budista que diz “Esteja presente no presente”. As pessoas comuns ficam pensando no trabalho quando estão na cama com suas esposas, ficam pensando na praia quando estão no trabalho, ficam pensando no trânsito da volta quando estão na praia, ficam pensando no futebol quando estão fazendo prova, nos problemas da vida quando estão no cinema e na namorada quando estão estudando... Ou seja, não fazem nada direito; nada rende e eles não sabem por que não têm tempo para nada. Sem contar o stress.

Aprendendo como funcionam as egrégoras, nossa vida se torna muito mais produtiva: Quando estamos com uma amiga na cama, aquilo é a única coisa no universo que existe naquele momento; quando estamos almoçando, desligamos nossos celulares e apreciamos a companhia que está almoçando com a gente; quando estamos no trabalho, não ficamos batendo papo na internet; quando estamos no cinema, assistimos o filme; quando estamos em ritual, estamos em contato com o divino; quando estamos treinando, estamos esculpindo nossos corpos; e assim por diante.

Assim como o conhecimento de nossos chakras e do fluxo de energias internas, precisamos conhecer também o fluxo de energias externas que entram em contato com nossos corpos para estarmos sempre em equilíbrio. Através do autoconhecimento e do trabalho com as egrégoras, conseguiremos muitos prodígios.

Como uma amiga comentou comigo depois da palestra da semana passada, “Quando o orador terminou de ler todo o seu currículo e você levantou para falar, eu achava que você era um daqueles professores de 50 anos... Como você consegue tempo para fazer todas estas coisas?”. Não há nenhum “segredo” nisso. É tudo uma questão de abrir e fechar as portas de cada coisa que você for fazer. Qualquer pessoa que se dedique consegue.

Exemplos de como abrir e fechar trabalhos no mundo profano

Todos devem se lembrar do costume de nossos avós de “dar graças” antes das refeições. Apesar de ter adquirido uma casca religiosa, este era (e é) um costume ocultista que os sacerdotes egípcios já tinham 6.000 anos atrás.

Quando uma pessoa senta à mesa, esta ação de dar graças a alguma divindade, seja ela externa ou interior, é o que abre os “trabalhos” desta refeição em conjunto com uma egrégora de tranquilidade (seja ela budista, egípcia, nórdica, wiccan, cristã, católica, etc.). O ato de comer é um ritual. O que não quer dizer que você precise comer em silêncio (a menos que você esteja sozinho, o que torna este momento o melhor do dia para meditar em silêncio); mas, se estiver acompanhado, aproveite este momento para conversas construtivas ou reuniões de negócios proveitosas (ao invés de apenas ficar falando mal das pessoas que não estão presentes). Ao final da refeição, agradeça ao seu deus interior e volte ao mundo profano.

Locais de Influência

Assim como todos os outros fenômenos eletromagnéticos, existem locais na Terra que intensificam estas vibrações e outros que as prejudicam. Círculos de Pedras, Pirâmides e Catedrais (que foram erguidas sobre Linhas de Ley) servem como potencializadores de determinadas egrégoras, em rituais que sejam realizados ali.

O Vaticano ou uma igreja católica são centros da egrégora do catolicismo; um estádio de futebol é o centro da egrégora de um time; um terreiro de umbanda, um centro kardecista ou uma Loja

Maçônica intensificam os trabalhos ali realizados; um presídio ou um laboratório também intensificam as ideias ali debatidas.

Todos os especialistas em futebol dizem que é mais difícil derrotar um time quando ele está “em casa”. Por quê? O campo é do mesmo tamanho, as traves estão no mesmo lugar, a bola é a mesma e ninguém além dos 22 jogadores e juízes estão em campo... Qual é a diferença, então?

Mas as estatísticas fornecem dados incontestáveis de que é mais complicado vencer um jogo estando “no campo adversário”. Por quê? Por causa das influências de Egrégora. Como eu disse anteriormente, elas não são suficientes para ganhar, mas influenciam.

Da mesma maneira, quando médiuns escolhem locais especialmente preparados para manifestações espirituais, não é uma “desculpa”, mas sim uma preparação do ambiente para vencer as barreiras físicas/astrais e permitir estas manifestações no plano físico.

Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece

Esta é toda a base do tal do *O Segredo*. A ressonância entre egrégoras. Peça e receberá.

Da mesma forma que cada onda de rádio e TV viaja pelo espaço e tem uma frequência característica de vibração, a onda de cada emissora tem uma frequência própria, diferente da frequência das demais emissoras. Sintonizar uma emissora significa fazer seu receptor de rádio ou TV entrar em ressonância com a onda da emissora.

Da mesma forma que ocorrem com as egrégoras. Se seus pensamentos ressoam de uma determinada maneira, mais cedo ou mais tarde você encontrará ondas provenientes de alguma egrégora que esteja vibrando nesta mesma frequência.

E através da sincronicidade, o universo conspirará para que você e estas egrégoras se aproximem. E isto não tem absolutamente NADA a ver com bem, mal, céu, inferno, merecer, desmerecer, ocultistas, céticos ou religiosos. Funciona até mesmo se você for ateu! A palavra chave aqui é VONTADE (Thelema).

4. Jesus

BOTA O NATAL NA CONTA DO PAPA!

24.12.2008

O Papa [Bento XVI] diz que Jesus era um pobrezinho, nascido de um carpinteiro e de uma virgem, no meio de uma manjedoura (cocheira), no dia 25 de dezembro do ano um; e, neste mesmo dia, três reis magos estavam perambulando pelo deserto quando avistaram uma estrela de Belém, que os guiou até o estábulo. Chegando lá, entregaram a ele incenso, ouro e mirra. Em seguida, por causa da perseguição do rei Herodes, José, Maria e Jesus fogem para o Egito. A vida de Jesus a partir de então até seus trinta anos desapareceu, sem nenhuma explicação plausível...

O que o tio Marcelo tem a dizer sobre isso?

Como já foi demonstrado no vídeo *Zeitgeist*, a imagem do Jesus Cristo que a Igreja católica e evangélicas vendem para seus fiéis nada mais é do que uma colcha de retalhos de mitos solares, deuses antigos e religião *pagani* (“pagani” que dizer “das pessoas que vivem no campo”, da onde vem o termo “pagão”), costurados pelo Imperador Constantino I e seus asseclas no século IV para manterem-se no poder (visto que os cristãos estavam se tornando muito numerosos e iriam, com o tempo, sobrepujar os adoradores dos deuses romanos).

Mas, se existiam “cristãos”, certamente existiu também uma pessoa histórica denominada “o Cristo”, no qual baseavam-se seus ensinamentos. Afinal de contas, quem foi o verdadeiro Jesus histórico?

Cristo, ou Christos (em grego), significa “messias” e que foi usado para traduzir a palavra Mashiash, que por sua vez significa “o ungido” ou “o ungido por Jeová”. No antigo testamento, a palavra Ungido é usada exclusivamente para designar os Reis Judeus (e isto é extremamente importante para se entender o Cristo histórico). Além disso, a palavra Christos havia sido utilizada nas Escolas de Mistérios para designar Avatares anteriores a Jesus.

Yeshua Ben Yosef nasceu no dia 6 de janeiro de 7 a.C., essênio, filho de um dos Mestres mais importantes de sua comunidade e de uma das mais sagradas sacerdotisas das Religiões Antigas. Nasceu em uma caverna em Quram, considerada o Templo mais sagrado dos Essênios. Através da Astrologia, os Grão-Mestres (Reis e Magos) das Escolas de Mistério mais importantes do Antigo Oriente sabiam ONDE e QUANDO o Avatar iria nascer. Eles trouxeram presentes ritualísticos e celebraram o Ritual do Nascimento da Criança da Luz. Em seguida, Yeshua foi enviado para o Egito para estudar junto dos melhores professores das Antigas Tradições e fazer todas as iniciações nas Pirâmides até estar preparado para sua missão: ser o legítimo Rei dos Judeus, que estavam sob o domínio dos Romanos.

Uau, tio Marcelo! A sua versão é bem diferente da do Papa! Você pode explicar cada uma das partes desta história? Assim podemos brincar de “O que é mais provável”...

Jesus era rico ou pobre?

Usando a própria Bíblia como referência, de acordo com Mateus 1:1-16, temos:

Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão (1:1). A Abraão nasceu Isaque; a Isaque nasceu Jacó; a Jacó nasceram Judá e seus irmãos;(1:2), a Judá nasceram, de Tamar, Farés e Zará; a Farés nasceu Esrom; a Esrom nasceu Arão; (1:3) a Arão nasceu Aminadabe; a Aminadabe nasceu Nasom; a Nasom nasceu Salmom;(1:4) a Salmom nasceu, de Raabe, Booz; a Booz nasceu, de

Rute, Obede; a Obede nasceu Jessé;(1:5) e a Jessé nasceu o rei Davi. A Davi nasceu Salomão da que fora mulher de Urias;(1:6) a Salomão nasceu Roboão; a Roboão nasceu Abias; a Abias nasceu Asafe;(1:7) a Asafe nasceu Josafá; a Josafá nasceu Jorão; a Jorão nasceu Ozias;(1:8) a Ozias nasceu Joatão; a Joatão nasceu Acaz; a Acaz nasceu Ezequias;(1:9) a Ezequias nasceu Manassés; a Manassés nasceu Amom; a Amom nasceu Josias; (1:10) a Josias nasceram Jeconias e seus irmãos, no tempo da deportação para Babilônia. (1:11) Depois da deportação para Babilônia nasceu a Jeconias, Salatiel; a Salatiel nasceu Zorobabel; (1:12) a Zorobabel nasceu Abiúde; a Abiúde nasceu Eliaquim; a Eliaquim nasceu Azor;(1:13) a Azor nasceu Sadoque; a Sadoque nasceu Aquim; a Aquim nasceu Eliúde;(1:14) a Eliúde nasceu Eleazar; a Eleazar nasceu Matã; a Matã nasceu Jacó; (1:15) e a Jacó nasceu José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama Cristo (1:16).

De acordo com o Evangelho apócrifo de Thiago (Tiago 1:1), temos:

Segundo narram a memória das doze tribos de Israel, havia um homem muito rico, de nome Joaquim, que fazia suas oferendas em quantidade dobrada, dizendo:

“O que sobra, ofereça-o para todo o povoado e o devido na expiação de meus pecados será para o Senhor, a fim de ganhar-lhe as boas graças.”

Ou seja: Yeshua era descendente DIRETO do Rei Davi e do Rei Salomão (aquele que construiu o Templo Sagrado, que detinha a Arca da Aliança, que dominou os 72 espíritos da Goécia e que dispunha das Minas do Rei Salomão) por parte de pai, e tinha como avô por parte de mãe um homem que “fazia suas oferendas em quantidade dobrada” e era dono de inúmeros rebanhos. Duas famílias extremamente ricas e poderosas.

O que é mais provável?

- 1) Jesus era um pobrezinho que nasceu em um estábulo.
- 2) Jesus tinha um avô descendente direto do Rei Salomão e o outro avô era uma das pessoas mais ricas de Belém, ambos conectados com as maiores ordens detentoras dos conhecimentos ocultos de sua época.

Qual a profissão de José?

Conforme eu havia explicado nos artigos anteriores, todo o Templo Solar estava estruturado ao redor dos ensinamentos trazidos por Moisés do Egito, como a geometria sagrada, engenharia, arquitetura, matemática, astrologia, magia ritualística e medicina. Todo o simbolismo dos graus das Escolas de Mistérios antigas girava em torno da construção do Templo de Salomão, do Tabernáculo e da Arca da Aliança.

Sendo assim, os títulos iniciáticos começavam em “Aprendiz”, “Companheiro” e “Mestre” e evoluíam pelos graus simbólicos relacionados a estas artes (e assim o são até os dias de hoje). Desta maneira, temos os Escultores, os Telhadores, os Pedreiros, os Ourives, os Guardas do Templo, os bibliotecários...

Isto é a mesma coisa que dizer “o tio Del Debbio é um pedreiro livre” e alguém na rua achar que eu sou um peão de obras! Dentro dos Templos Solares, o grau mais alto dentro da hierarquia simbólica é o de “Mestre Carpinteiro”, ou ainda “Carpinteiro da Arca da Aliança”, pois é ele quem trabalha a acácia para construir a Arca da Aliança.

O que é mais provável?

- 1) José trabalhava fazendo banquinhos de madeira para ganhar a vida.
- 2) José era uma das pessoas com maior conhecimento místico de seu tempo, pertencente ao último grau de iniciação dentro dos Essênios, com o título simbólico de “Mestre Carpinteiro”.

Maria era Virgem?

Tanto quanto a sua mãe, nobre leitor(a). Na bíblia original, Maria é descrita em hebraico como “Almâ”, que significa “Aquele que já tem idade para ter filhos, mas que ainda não teve nenhum”. Quando as primeiras traduções para o grego foram feitas, usaram a palavra “Parthenos”, que significa Virgem (quem não teve relações sexuais ainda) ao invés de “Neanis”, que significa Donzela.

Além disto, Maria não era uma mulher qualquer. Para carregar um Avatar em seu ventre, Maria teria de estar iniciada e com todos os chakras desenvolvidos até o ponto máximo que uma mulher humana poderia, para ser capaz de conceber um espírito de tamanha pureza. Existem textos rosacruzados que descrevem a infância de Maria no Egito como uma Virgem Vestal e sua preparação posterior para o casamento com Yosef, que também detinha todas as iniciações na Tumba do Faraó... Ops... Câmara das Iniciações.

O que é mais provável?

- 1) Jesus nasceu de uma mulher que não teve relações sexuais.
- 2) Maria era uma Grande Sacerdotisa das Antigas Tradições, cuja pureza da alma e preparação mental e espiritual lhe permitiram carregar um Avatar em seu ventre.

Ele nasceu em uma Manjedoura?

Nos primeiros textos cristãos, Jesus é descrito como tendo nascido em uma gruta. A primeira pessoa a usar o termo Manjedoura foi São Francisco de Assis, em 1224, quando montou o primeiro presépio, baseado nos textos selecionados pelo Concílio de Nicéia.

A palavra original para designar o local onde Jesus nasceu é “Kephra”, que significa “Caverna” ou “Templo”. A caverna é considerada o templo mais sagrado de todos, porque não foi construído pelas mãos do homem, mas esculpido na Terra diretamente pelas mãos de Deus.

A Caverna era (e ainda é) usada em inúmeras iniciações (Hermes Trismegistos nasceu em uma caverna, Zeus fica escondido em uma

caverna, Hades reinava em uma caverna, a caverna de Platão, o mito de Orfeu e Eurídice, O Rei Arthur adormecido em uma caverna, etc.). Para os Celtas, Essênios, Gregos e Bretões, a caverna era o único templo no qual um Avatar poderia nascer, pois nada construído pelas mãos dos homens poderia ser tão puro.

E, além disso, não era qualquer caverna. Era o complexo de Quram, as mais sagradas cavernas dos Essênios, conhecidas como o centro de estudos e congregações mais importantes daquela região.

O que é mais provável?

- 1) Jesus nasceu no meio das vaquinhas, cavalos e cabritos.
- 2) O Avatar nasceu no templo mais sagrado dos Essênios, cercado pelos melhores magos e terapeutas de sua época.

Ele nasceu no dia 25 de Dezembro?

Definitivamente não. Este era o dia do Solstício de Inverno, que foi adotado pela Igreja Católica para usurpar a data de comemoração do *Dies Natalis Solis Invicti*, a grande festa em honra ao deus Mithra. Existem controvérsias em relação a data em que Yeshua nasceu, mas as duas principais correntes são: 6 de Janeiro (data que até hoje na Europa é comemorada como o “Dia de Reis”), e 20 de Maio (data que era comemorado o nascimento de Yeshua nas Igrejas Cristãs primitivas até o ano 366, quando o natal passou a ser “oficialmente” no dia 25 de dezembro). O ano estimado de seu nascimento é 7 a.C.

O que é mais provável?

- 1) Jesus nasceu no dia 25 de dezembro.
- 2) A Igreja Católica usurpou esta data para associar o nascimento de um Jesus-Apolo fictício que agradasse aos romanos, aproveitando as festividades do *Natalis Solis Invicti*.

Quem eram os três reis Magos? O que eram os presentes?

Grãos Mestres das Escolas de Mistério do Oriente. A tradição ocultista os nomeia Hormizdah (ou Melquior), rei da Pérsia,

Yazdegerd (ou Balthazar), rei de Sabá e Perozadh (ou Gathaspa ou Gaspar), rei do país dos Árabes. Os presentes que eles traziam é uma alegoria ao Ritual da Criança da Luz, realizado desde o Antigo Egito até os celtas, composto de magos que representam os quatro elementos.

Eles sabiam da data do nascimento do Avatar porque eram Astrólogos e possuíam toda uma rede de mensageiros e magos dentro das Ordens Ocultas. Desta maneira, quando o filho de um rei nascia, nos parece lógico que os reis e grão-mestres das principais ordens fossem lhe prestar homenagem.

Desta forma: Melchior trouxe ouro, que representa o elemento TERRA; Balthazar trouxe mirra, que representa o elemento ÁGUA e Gaspar trouxe Incenso, que representa o elemento AR no círculo.

Ok, tio Marcelo... Mas são apenas 3 reis... Para fazer o círculo pagão precisamos de 4 reis-magos... E o quarto elemento?

Ora, crianças... Vocês estão esquecendo o óbvio... José, pai de Jesus pertencia à linhagem de Salomão e, portanto, também era um Rei-Mago... Ele representava o FOGO.

O que é mais provável?

1) Três reis sábios perambulando pelo deserto no meio da neve e carregando presentes valiosíssimos são guiados por uma estrela até uma cocheira e dão estes presentes pra um bebê que estava por lá

2) Os três Reis Magos vieram prestar homenagens ao filho de um Rei-Mago que nasceu, que estava predestinado a ser o Avatar e o futuro rei dos Judeus.

E a fuga para o Egito?

Nesta altura do campeonato, vocês já devem estar pensando que não foi exatamente uma “fuga”, mas sim uma viagem necessária para a Escola dos Mistérios, onde o Avatar seria iniciado nas mais sagradas tradições pelos maiores magos, mestres e professores do planeta, para

no futuro dar continuidade à linhagem de Salomão e assumir o trono de Davi, libertando os judeus do domínio dos invasores romanos.

A história de Herodes mandar matar as crianças não existe em nenhum documento histórico. Provavelmente foi uma história inventada pelo Concílio de Nicéia para acobertar o que a família de Jesus realmente foi fazer no Egito.

Existem diversos textos rosacruzados que narram as iniciações de Yeshua nas Pirâmides, da mesma forma que seu pai e da mesma forma que João Batista, seu primo, e Lázaro, irmão de sua futura esposa. Lembram que eu falei sobre esta iniciação por mergulho nas águas, representando as informações que foram protegidas do Dilúvio? Pois é, os cristãos passaram a conhecer esta iniciação como “batismo”.

O que é mais provável?

1) Uma fuga para o Egito, porque algum imperador alucinado mandou matar todas as crianças de um reino.

2) O Avatar foi levado para o Egito (e posteriormente para a Europa, África e Ásia) para fazer todas as Iniciações que os Antigos Faraós fizeram e estudar com os maiores sábios de seu tempo, para ter o conhecimento necessário ao futuro Rei dos Judeus.

Mas, por que a Igreja inventou tantas mentiras?

Simple. Foi algo necessário para manter o poder. Constantino I era o Imperador ROMANO e Yeshua era o grande libertador JUDEU. Yeshua era praticamente o OPOSTO do que o Imperador precisava. Em segundo lugar, o concorrente direto de Jesus era Mithra, que era filho do Sol, todo poderoso, deus realizador de milagres, enquanto Yeshua era apenas um homem, como Buda. A Igreja PRECISAVA de alguma “coisa” que pudesse competir de igual para igual com um deus. E buscou características de Apolo, Dionísio, Adonis e Khrisna para “embelezar” aquele judeu revolucionário e torna-lo mais palatável ao senado romano.

Mas claro que esta versão fantasiosa do nascimento de Cristo não apareceu do nada. Precisamos entender que do Concílio de Nicéia até os dias de hoje tivemos 1.700 anos de mão de ferro, inquisição e fogueiras para matar e destruir TODOS os que sabiam da verdade. Lembrem que a razão pela qual as Ordens Secretas são chamadas de “secretas” é que, se elas fossem expostas, seus membros seriam mortos, para garantir que todas estas coisas permanecessem enterradas.

E, como eu sempre digo, não precisam acreditar em nada do que está aqui... Examinem bem os dois lados (o meu e o do Papa) e decidam por vocês mesmos qual deles faz mais sentido e tem mais lógica, de acordo com seu grau de consciência.

Feliz *Die Natali Solis Invicti* para todos!

YOD-HE-SHIN-VAV-HE E MARIA MADALENA

28.12.2008

Como vimos no artigo anterior, Yeshua nunca foi o pobrezinho coitadinho nascido de uma virgem e de um carpinteiro que a Igreja Católica fez as pessoas acreditarem durante a Idade Média, nem nasceu em uma manjedoura porque não havia vagas nos hotéis de Belém por causa do recenseamento, e muito menos três reis perdidos no deserto entregavam presentes para qualquer moleque nascido em estábulos que encontrassem pela frente.

Paramos a narrativa quando Yeshua é levado por seus pais para ser educado no Egito; mais precisamente nas Pirâmides do Cairo, e lá permanece estudando. A Bíblia nos dá um hiato de quase 30 anos...

O que aconteceu neste período?

Antes de continuarmos, precisamos explicar algumas coisas que os leitores estavam confundindo:

A primeira é “Se Yeshua é tão fodão quanto os ocultistas falam, porque ele não soltou bolas de fogo pelos olhos e raios elétricos pelo traseiro e matou todos os romanos?”.

A resposta para isso é óbvia. Yeshua é um humano como qualquer outro. Ele come, dorme, vai no banheiro e solta puns como eu ou você. Seu “poder” vem de sua iluminação e de seu conhecimento e do “ser Crístico” que foi despertado nele, assim como Buda, Krishna, Salomão, Davi, Moisés ou os Faraós. Claro que os conhecimentos alquímicos, astrológicos e místicos que possuía fazem com que Jesus fosse um ser humano muito superior aos demais, tanto física quanto mentalmente... Um Mestre de bondade, caridade e iluminação, mas não o torna um super-homem. Cinco soldados com espadas dariam cabo dele com a mesma facilidade com que dariam cabo do Dalai Lama.

Quando Yeshua nasceu, os romanos já dominavam Jerusalém desde 63 a.C., e Herodes já estava no poder desde 37 a.C.

Quando os romanos substituíram os selêucidas no papel de grande potência regional, eles concederam ao rei Hasmoneu Hircano II autoridade limitada, sob o controle do governador romano sediado em Damasco. Os judeus eram hostis ao novo regime e os anos seguintes testemunharam muitas insurreições. Uma última tentativa de reconquistar a antiga glória da dinastia dos Hasmoneus foi feita por Matatias Antígono, cuja derrota e morte trouxe fim ao governo dos Hasmoneus (40 a.C.); o país tornou-se, então, uma província do Império Romano.

Em 37 a.C., Herodes, genro de Hircano II, foi nomeado Rei da Judéia pelos romanos. Foi-lhe concedida autonomia quase ilimitada nos assuntos internos do país, e ele se tornou um dos mais poderosos monarcas da região oriental do Império Romano. Grande admirador da cultura greco-romana, Herodes lançou-se a um audacioso programa de construções, que incluía as cidades de Cesaréia e Sebástia e as fortalezas em Heródio e Masada.

Dez anos após a morte de Herodes (4 a.C.), a Judéia caiu sob a administração romana direta. À proporção que aumentava a opressão romana à vida judaica, crescia a insatisfação, que se manifestava por violência esporádica, até que rompeu uma revolta total em 66 d.C. As forças romanas, lideradas por Tito, superiores em número e armamento, arrasaram finalmente Jerusalém (70 d.C.) e posteriormente derrotaram o último baluarte judeu em Massada (73 d.C.), mas falarei sobre isso mais para a frente.

Portanto, estas Ordens das quais estamos discutindo (Pitagóricas, Essênias, etc.), das quais Yossef e Maria faziam parte, já precisavam se manter “secretas” desde o Tempo de Pitágoras.

A conexão de Yeshua com a Ordem Pitagórica e com os ensinamentos orientais é simples de ser demonstrada. O nome Yeshua representa “Aquele que vem do fogo de Deus” ou, como mais tarde a Igreja colocou, “O Filho de Deus”, representando um sacerdote solar.

Cabalisticamente, Deus é representado pelas letras hebraicas Yod-Heh-Vav-Heh ou o tetragrama YHVH que simbolizam os 4 elementos e toda a Árvore da Vida. Estas letras são dispostas em um quadrado ou uma cruz. O alfabeto hebraico não possui vogais, e o nome de Deus precisava ser passado apenas oralmente de Iniciado para Iniciado. Quando surgia nos textos, os sacerdotes precisavam oculta-lo e usavam outras palavras para designá-lo. Eis o verdadeiro significado do mandamento “Não tomarás o nome de Deus em vão”.

A letra SHIN representa o espírito purificador. O fogo celestial que remove o Impuro (tanto que, como veremos mais adiante, ela representa o Arcano do Julgamento no tarot). Da evolução do quatro vem o número cinco, o pentagrama sagrado dos Pitagóricos, representado pela união dos 4 elementos mais o espírito (SHIN). Note que são os MESMOS elementos utilizados na bruxaria, no xamanismo, nas Ordens Egípcias, na wicca e na magia celta.

O pentagrama será, então, representado pelas letras Yod-Heh-Shin-Vav-Heh, ou YHSVH ou Yeshua. Este título já havia sido usado por

Rama, Krishna, Hermes, Orfeu, Buda e outros líderes iluminados do passado.

A Infância de Jesus

De sua infância até seus 30 anos, Jesus viajou por muitos lugares, conhecendo a Índia, a Bretanha e boa parte da África. Sabia falar várias línguas, incluindo o grego, aramaico e o latim. Conhecia astrologia, alquimia, matemática, medicina, tantra, kabbalah e geometria sagrada, além das leis e políticas tanto dos judeus quanto dos gentios.

De toda a sua infância, a Igreja deixou escapar apenas um episódio ocorrido aos 12 anos, quando Jesus discute leis com os sábios e rabinos mais inteligentes de Jerusalém (Lucas 2:42-50). Todo o restante foi destruído, já que seria embaraçoso para a Igreja ter de explicar onde o Avatar estava aprendendo tudo o que sabia. A versão oficial é que foi a “inteligência divina”, mas a verdade é muito mais óbvia e simples: Yeshua sabia tudo aquilo porque estudou. Conhecimento não vem de “graças dos céus”, mas de estudo e trabalho.

Jesus e Maria Madalena

Depois da febre Dan Brown, na qual a Opus Dei e todas as facções possíveis e imaginárias da Igreja tentaram abafar, criticar ou ridicularizar, sem sucesso, o mundo inteiro ficou sabendo do casamento de Jesus e Maria de Magdala. Foi um belo chute no saco da hipocrisia clerical e muita gente se sentiu finalmente vingada vendo os bispos e pastores desesperados pensando em como varrer tudo isso para debaixo do tapete sem a ajuda das fogueiras da Inquisição.

Para entender como este casamento aconteceu, precisamos passar por algumas explicações. A primeira é o fato de Jesus ser chamado de Rabbi (Rabino, ou Mestre) por todo o Novo Testamento. O título de Rabbi é passado de iniciado para iniciado desde Moisés, através de um ritual chamado Semicha (“ordenamento”). No período do Antigo

Testamento, de acordo com o Judaísmo, para se tornar Rabbi, uma pessoa precisa obrigatoriamente preencher três requisitos:

- 1 – Ser um homem;
- 2 – Ter conhecimento profundo da Torah e das Leis judaicas;
- 3 – Ser casado.

Com isso, sabemos que Yeshua, por ser um líder religioso considerado um Rabbi por seus discípulos, era obrigatoriamente CASADO (não importando com quem) ou NUNCA poderia ter recebido este título. Além disso, naqueles tempos, qualquer líder religioso que estivesse na casa dos 30 anos e ainda fosse solteiro certamente seria considerado algo completamente fora dos padrões e digno de nota.

Sabemos, então, que Yeshua era casado... Mas com quem? Que mulher poderia ser digna do Mestre Carpinteiro?

A resposta é uma sacerdotisa vestal chamada Maria de Magdala, irmã de Lázaro e Marta. Assim como Yeshua, ela foi educada e preparada desde criança para ser a companheira do Avatar. Tinha grandes conhecimentos das artes lunares, divinatórias, dança e magia sexual, além de conhecimentos de astrologia, geometria, medicina e matemática. Assim como Maria, mãe de Yeshua, Maria de Magdala também era considerada uma “virgem”.

Lázaro, o irmão de Maria Madalena, é o sacerdote iniciado pelo próprio Yeshua. A bíblia cita isso como a “Ressurreição de Lázaro”, mas claramente percebemos que se trata de uma Iniciação Egípcia, lidando com a morte e renascimento do Sol. Lázaro era um iniciado muito importante em sua época, membro de uma das famílias mais ricas da Betânia, assim como os outros apóstolos também eram pessoas influentes. Passou três dias confinados em uma caverna (o templo religioso mais importante para os Essênios), sendo resgatado do Reino dos Mortos simbólico no terceiro dia por Yeshua.

Vamos ver o que a Bíblia fala de Maria Madalena...

Segundo o Novo Testamento, Jesus de Nazaré expulsou dela sete demônios, argumento bastante para ela pôr fé nele como o predito Messias (Cristo). (Lucas 8:2; 11:26; Marcos 16:9). Esteve presente na crucificação, juntamente com Maria, mãe de Jesus, e outras mulheres (Mateus 27:56; Marcos 15:40; Lucas 23:49; João 19:25); e do funeral (Mateus 27:61; Marcos 15:47; Lucas 23:55).

Do Calvário, voltou a Jerusalém para comprar e preparar, com outros crentes, certos perfumes, a fim de poder preparar o corpo de Jesus como era costume funerário, quando o dia de Sábado tivesse passado. Todo o dia de Sábado ela se conservou na cidade – e no dia seguinte, de manhã muito cedo “quando ainda estava escuro”, indo ao sepulcro, achou-o vazio, e recebeu de um anjo a notícia de que Jesus Nazareno tinha ressuscitado e devia informar disso aos apóstolos (Mateus 28:1-10; Marcos 16:1-5,10,11; Lucas 24:1-10; João 20:1,2; compare com João 20:11-18).

Maria Madalena foi a primeira testemunha ocular da sua ressurreição e foi quem foi usada para anunciar aos apóstolos a ressurreição de Cristo (Mateus 27:55-56; Marcos 15:40-41; Lucas 23:49; João 19:25).

Ela também aparece como a pecadora que ungiu os pés de Jesus (Lucas 7:36-39) e como a mulher que derrama óleo perfumado sobre sua cabeça (Mateus 26:6-7), mas a “versão oficial” em nenhum momento afirma que essas mulheres eram a Madalena. Para a Igreja Católica, eram 3 mulheres distintas.

Agora vamos explicar cada uma destas passagens:

Bodas de Caná

Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, e estava ali a mãe de Jesus; e foi também convidado Jesus com seus discípulos para o casamento.

E, tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm vinho.

Respondeu-lhes Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.

Disse então sua mãe aos serventes: Fazei tudo quanto ele vos disser.

Ora, estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas.

Ordenou-lhe Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima.

Então lhes disse: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E eles o fizeram.

Quando o mestre-sala provou a água tornada em vinho, não sabendo donde era, se bem que o sabiam os serventes que tinham tirado a água, chamou o mestre-sala ao noivo e lhe disse: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho.

Assim deu Jesus início aos seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e os seus discípulos creram nele.

– João 2: 1,11

As Bodas de Caná é a passagem do Novo Testamento que narra o Casamento de Jesus com Maria Madalena (e não a Santa Ceia, como Dan Brown afirma).

A versão “oficial” não fala de quem é o casamento; mas, pelo bom senso, veremos que não faz muito sentido a versão do papa:

Imagine que você convidou Jesus e seus amigos para sua festa de casamento e, de repente, a mãe dele começa a dar ordens e palpites para os seus serviçais... Não tem muita lógica, não é mesmo? E, se é Jesus quem transforma água em vinho, porque o mestre-sala vai agradecer ao noivo? A resposta é óbvia.

Basta conhecer um pouco de cultura judaica para saber que, em um casamento judeu, e mais especificamente o casamento dinástico, a ÚNICA pessoa que pode dar ordens para os serviçais é a mãe do noivo, que é a pessoa responsável pela organização da festa... E tudo faz muito mais sentido agora. Já transformar água em vinho certamente não seria uma grande dificuldade para um Avatar.

O Ritual Sagrado da Unção com Nardo

Como já vimos, as regras do matrimônio dinástico não eram banais. Parâmetros explicitamente definidos ditavam um estilo de vida celibatário, exceto para a procriação em intervalos regulares.

Um período extenso de noivado era seguido por um Primeiro Casamento em setembro, depois do qual a relação física era permitida em dezembro. Se ocorresse a concepção, havia então uma cerimônia do Segundo Casamento em março para legalizar o matrimônio.

Durante esse período de espera, e até o Segundo Casamento, com ou sem gravidez, a noiva era considerada, segundo a lei, uma *almah* (“jovem mulher” ou, como erroneamente citada, “virgem”).

Entre os livros mais pitorescos da bíblia está o Cântico dos Cânticos – uma série de cantigas de amor entre uma noiva soberana e seu noivo. O Cântico identifica a poção simbólica dos esposais com o unguento aromático chamado nardo. Era o mesmo bálsamo caro que foi usado por Maria de Betânia para ungir a cabeça de Jesus na casa de Lázaro (Simão Zelote) e um incidente semelhante (narrado em Lucas 7:37-38) havia ocorrido algum tempo antes, quando uma mulher ungiu os pés de Jesus com unguento, limpando-os depois com os próprios cabelos.

João 11:1-2 também menciona esse evento anterior, explicando depois como o ritual de ungir os pés de Jesus foi realizado novamente pela mesma mulher, em Betânia. Quando Jesus estava sentado à mesa, Maria pegou “uma libra de bálsamo puro de nardo, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo” (João 12:3).

No Cântico dos Cânticos (1:12) há o refrão nupcial: “Enquanto o rei está assentado à sua mesa, o meu nardo exala o seu perfume”. Maria não só ungiu a cabeça de Jesus na casa de Simão (Mateus 26:6-7 e Marcos 14:3), mas também ungiu-lhe os pés e os enxugou depois com os cabelos em março de 33 d.C. Dois anos e meio antes, em setembro de 30 d.C., ela tinha realizado o mesmo ritual três meses depois das bodas de Caná.

Em ambas as ocasiões, a unção foi feita enquanto Jesus se sentava à mesa (como define o Cântico dos Cânticos). Era uma alusão ao antigo rito no qual uma noiva real preparava a mesa para o seu noivo. Realizar o rito com nardo era maneira de expressar privilégio de uma noiva messiânica, e tal rito só se realizava nas cerimônias do Primeiro e do Segundo Casamento. Somente como esposa de Jesus e sacerdotisa com direitos próprios, Maria poderia ter ungido-lhe a cabeça e os pés com unguento sagrado.

Então, *cheque mate*, papa.

Este rito também é narrado no Salmo 23, um dos meus favoritos (só perde para o Salmo 133):

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

Deitar-me faz em pastos verdejantes; guia-me mansamente a águas tranquilas.

Refrigera a minha alma; guia-me nas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos; unges com óleo a minha cabeça, o meu cálice transborda.

Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

O Salmo 23 descreve Deus, na imagem masculina/feminina da época, como pastor e noiva. Da noiva, o salmo diz “Prepara-me uma mesa... Unge-me a cabeça com óleo”.

De acordo com o rito do *Hieros Gamos* da antiga Mesopotâmia (a terra de Noé e Abraão), a grande deusa, Inana, tomou como noivo o pastor Dumuzi (ou Tammuz), e foi a partir dessa união que o conceito da Sekiná e YHVH evoluiu em Caná por meio das divindades intermediárias Asera e El Eloim.

No Egito, a unção do rei era o dever privilegiado das irmãs/noivas semidivinas dos faraós. Gordura de crocodilo era a substância usada na unção, pois era associada à destreza sexual, e o crocodilo sagrado dos egípcios era o Messeh (que corresponde ao termo hebraico Messias: “Ungido”). Na antiga Mesopotâmia, o intrépido animal real (um dragão de quatro pernas) era chamado de MushUs.

Era preferível que os faraós desposassem suas irmãs (especialmente suas meio irmãs maternas com outros pais) porque a verdadeira herança dinástica era passada pela linha feminina.

Alternativamente, primeiros de primeiro grau maternos também eram considerados. Os reis de Judá não adotavam essa medida como prática geral, mas consideram a linha feminina um meio de transferir realeza e outras posições hereditárias de influência (mesmo hoje, o judeu verdadeiro é aquele nascido de mãe judia). Davi obteve sua realeza, por exemplo, casando-se com Micol, filha do rei Saul. Muito tempo depois, Herodes, o Grande, ganhou seu status real desposando Mariane da casa real sacerdotal.

Assim como os homens que eram designados para várias posições patriarcais assumiam nomes que representavam seus ancestrais – como Isaac, Jacó e José – também as mulheres seguiam sua genealogia e escalão. Seus títulos nominais incluíam Raquel, Rebeca e Sara. As esposas das linhas masculinas de Zadoque e Davi tinham o posto de Elisheba (Elizabeth, ou Isabel) e Miriam (Maria), respectivamente. Por isso a mãe de João Batista é chamada de Isabel e a de Jesus, Maria, nos Evangelhos. Essas mulheres passaram pela cerimônia de seu Segundo Casamento só quando estavam com três meses de gravidez, quando a noiva deixava de ser uma almah e se tomava uma mãe designada.

Ou seja: Através destas passagens bíblicas, sabemos que, além de casada com Jesus, Maria Madalena teve filhos com ele.

Os Sete Demônios

“Expulsou sete demônios” é uma expressão simbólica esotérica e representa que Jesus e Maria Madalena realizaram os rituais sagrados

de magia sexual (os sete demônios representam os sete chakras despertados nos rituais sexuais, como eu já havia explicado em colunas anteriores). Estas alegorias são descritas várias vezes na Bíblia, especialmente no Apocalipse, quando se fala de “Sete Igrejas” e “Sete Selos” que precisam ser “rompidos”. Isto nada mais é do que o ser humano desenvolvendo sua energia kundalini e explorando todo o seu potencial divino, aflorando e abrindo os sete chakras.

Maria Madalena foi a principal discípula de Jesus e sua grande companheira. Em lugar algum da Bíblia ela é referida como uma “prostituta” embora eu já tenha conversado com vocês a respeito de como a Igreja Católica (e evangélica) trata as sacerdotisas das outras religiões.

A primeira citação oficial da Igreja a respeito da “prostituta Maria Madalena” foi feita pelo papa Gregório I em 591 d.C., para coibir o culto a Maria Madalena (Notre Damme) no Sul da França (falarei sobre o herege “Culto à Virgem Negra” mais tarde).

Maria Madalena é a figura feminina mais sagrada para os Templários e todas as catedrais chamadas de “Notre Damme” na França construídas pelos Templários foram dedicadas a ela (inclusive a Notre Damme de Paris, que mereceria um artigo só para ela de tanto simbolismo oculto que possui).

Santa Maria Madalena, a prostituta arrependida, foi canonizada em 886 e transformada em Santa pela Igreja Ortodoxa, que dizia que suas relíquias estavam em Constantinopla. De acordo com a versão oficial, Madalena e Maria (mãe de Jesus) foram até o Éfeso onde passaram o restante de suas vidas e seus ossos foram levados para Constantinopla após sua morte... Mas a inconveniente tradição francesa insistia que Maria Madalena, sua filha Sara (Santa Sara Kali), Lázaro e outros companheiros aportaram em Marseille, vindos do Egito, e se juntaram aos nobres que ali viviam, continuando uma dinastia de reis-pescadores que mais tarde daria origem aos Merovíngios.

COMO ASSIM, ZEUS NUNCA TRAIU HERA?

30.12.2008

Zeus: o homem; a lenda. O Deus mais poderoso de todos os deuses, senhor do Olimpo e chefe do Panteão grego, capaz de fulminar qualquer mortal que desejasse com um raio. Filho do Titã Crono e da deusa Réia, Irmão de Poseidon, Rei dos Mares e de Hades, Rei do Subterrâneo. Assim como Cronos era o deus mais novo dos Titãs, assim Zeus também era o mais novo de todos os deuses olímpicos.

Hoje veremos porque, apesar de inúmeras alegações de adultério, o Zeus original nunca traiu Hera e, mais importante... Como isso explica muita coisa a respeito da história de Jesus Cristo.

Esta semana eu deveria continuar a história que comecei sobre o Yeshua ben Yossef, mas achei melhor deixar algumas coisas melhor explicadas antes de prosseguir, pois vi que muita gente estava com dificuldades em entender as razões pelas quais a bíblia é tão confusa em alguns pontos. Em breve retornaremos a história de Yeshua...

Zeus

Como todos vocês sabem (ou deveriam saber), Zeus foi o filho mais novo de Saturno (também chamado Cronos, filho de Urano e Gaia). Quando destronou seu pai e chegou ao poder, um oráculo o havia instruído que, assim como ele havia destronado seu pai, seu filho o destronaria também. Para impedir que isto acontecesse, ele decidiu devorar todos os seus filhos. Assim, conforme eles iam nascendo, ele os ia devorando: Hestia, Demeter, Hera, Hades, Poseidon e Zeus. Mas quando chegou a vez de Zeus, Réia entregou a Cronos uma pedra embrulhada em trapos, que ele engoliu.

Enquanto isso, Zeus estava a salvo, sendo cuidado pelos dáctilos e alimentando-se do leite da cabra Amaltéia e de mel de abelhas até atingir a idade adulta.

Antes de enfrentar seu pai, Zeus pediu a Metis (a prudência) que lhe desenvolvesse um remédio que passaram secretamente para

Cronos, fazendo com que ele vomitasse os outros 5 irmãos de Zeus. Com o auxílio de seus irmãos, Zeus ataca Cronos e os titãs em uma luta que demora dez anos. Ao final da batalha, vencedor, Zeus divide com seus irmãos o Reino das Águas, dos Céus e do Subterrâneo, tornando-se assim o Senhor do Olimpo.

Zeus casou-se sete vezes: A primeira com a Oceanida Metis, que ele acabou engolindo para evitar ter um filho com ela (pelo mesmo motivo que não queria ser destronado por um filho homem, como foram seus pai e avô). Mas ele ficou com uma tremenda dor de cabeça quando fez isso e teve de pedir a Prometeus que abrisse um talho em sua cabeça para que a dor passasse. Quando ele fez isso, Atenas nasceu do rasgo que foi feito (em versões posteriores, Hefesto é quem abre um talho em sua cabeça).

A segunda esposa foi Themis, com a qual teve as três Horas (Eunomia, Dike e Eirene) e as três Moiras (Kloto, Lachesis e Atropos).

A terceira esposa foi Eurynome, com a qual teve as três graças.

A quarta esposa foi Demeter, com a qual teve Perséfone.

A quinta esposa foi Mnemosine, com a qual teve as nove Musas (Kleio, Euterpe, Thaleia, Melpomene, Terpsikhore, Erato, Polymnia, Urânia e Calfope).

Sua sexta esposa foi Leto, com a qual teve Apolo e Ártemis,

E finalmente, sua sétima e última esposa foi Hera, com a qual teve Hebe, Ares, Enyo, Hephastios (Hefesto) e Eileithya.

E a história termina aqui. Sem amantes. Como vocês já devem ter percebido, este é um texto iniciático. Os deuses remetem aos planetas (que remetem às virtudes da Alquimia), as sucessões remetem às Eras da humanidade e os casamentos de Zeus são um texto preparatório para o *Hieros Gamos*.

Cada uma de suas esposas remete a um dos sete Chakras que devem ser abertos, bem como cada uma das histórias de suas filhas reflete uma das características que ocorrem com o aflorar destas energias. Por isso são apenas e tão somente SETE esposas e por isso

que até a sexta esposa Zeus não possui nenhum filho homem. Apenas Apolo (o Deus-Sol) é o filho que vai destrona-lo (que representa a dualidade atingida pela abertura do sexto chakra na magia sexual).

Com Hera estão abertos todos os sete chakras e montados os seis casais olímpianos do culto Dionísico, para a celebração do *Hieros Gamos*. Com os outros seis deuses que vão sendo introduzidos ao longo da narrativa, formam-se os 6 casais necessários para a cerimônia.

Independente de se “acreditar” ou não em chakras e *Hieros Gamos*, creio que todos concordam que estamos falando de uma religião e, portanto, de algo que possui uma liturgia e ritualística própria e, como tais, precisam ser ensinadas para os próximos iniciados.

Mas tio Marcelo, e o Hércules? E as amantes?

Devagar, crianças...

Para entender como tudo isso aconteceu, é muito importante levarmos em conta o TEMPO e o LOCAL em que as coisas acontecem.

As lendas de Hércules não começam com ele se chamando Hércules. Em sua origem, elas narram as histórias de Alcides (Sim... Não ria, o nome verdadeiro do Hércules é Alcides!) e um ciclo de histórias narrando a passagem do sol através dos doze signos (calma de novo... Esses textos NÃO se chamavam *Os doze trabalhos de Hércules* ainda!).

Com o tempo, Alcides (cujo nome significa “aquele que possui grande força”) tornou-se tão popular que alguns escritores (profanos) decidiram que um herói deste calibre não poderia ser filho de um mortal, e compilaram estas aventuras colocando que Alcides deveria ser filho de Zeus. Alcides era filho originalmente de Anfitrião e Alcmena. Para burlar a história original, fizeram com que Zeus se disfarçasse de Anfitrião enquanto seu marido estava fora em uma guerra. Deste modo, não iriam irritar os fãs de Alcides maculando sua pobre mãezinha. Note que estas histórias foram escritas cerca de

DUZENTOS anos depois do texto sobre o casamento de Zeus e Hera ter sido escrito.

Para justificar o novo nome e a nova ascendência divina, Eurípides escreveu *Herakles Furioso* em 460 a.C. (ou seja, DUZENTOS E QUARENTA anos depois do texto original) onde Alcides se casava com Megara, filha da rainha de Tebas, e tinham filhos, mas que quando Hera descobria da “infidelidade” de Zeus, lançava uma maldição sobre Alcides e fazia com que ele enlouquecesse e matasse sua esposa e filhos. O oráculo de Pítia diz a Alcides que a única maneira de voltar à sanidade seria pedir desculpas a Hera e dedicar-se a ela como servo. Daí o nome: HERA-KLES (ou “Glória de Hera”) e somente então ele realizava os doze trabalhos (astrológicos), conforme conhecemos hoje.

Aescius escreveu *Prometeus*, no qual Herakles liberta Prometeus de suas correntes, entre outras aventuras, em cerca de 450 a.C. (dez anos depois); e vários outros escritores começaram a contar aventuras de Herakles. Ele se tornou mais famoso que os Beatles e todas as Cidades Estados inventavam histórias sobre ele.

Herakles esteve por todas as cidades, derrotou todos os monstros, caçou todos os javalis, participou de todas as batalhas no lado vencedor, comeu todas as menininhas e foi pai de todos os Imperadores e Príncipes. Até duas histórias onde ele tem colegas gays existem...

A morte de Herakles é contada por Ovídio em *Metamorfoses*, em 30 a.C., ou seja, SEISCENTOS anos depois do texto original sobre o casamento de Zeus e Hera e QUATROCENTOS anos depois da própria história do Alcides!

MAS... Lembremos que estamos na Grécia Antiga... Não existe internet, jornais ou televisão. O que REALMENTE acontecia era que cada escritor ou filósofo de cada vilazinha onde Judas perdeu as botas (ops, Judas não tinha nascido ainda... *sorry*) achava a história do Herakles o máximo e decidia inventar uma lenda local que envolvesse o herói. O ponto é que para todos os efeitos, para aquela

Cidade, existia UMA aventura do Herakles, talvez uma segunda aventura narrada por algum comerciante vindo de outro local. Para se ter uma ideia, até em Barcelona existem narrativas de aventuras do herói. Mas estas narrativas NÃO circulavam...

Quando os historiadores europeus passaram a estudar a literatura grega, no século XVIII, eles fizeram o que chamamos de “Empilhamento”, que foi compactar todas as histórias de diferentes tempos e locais como se fossem uma coisa só, procurando uma cronologia coerente... MAS NÃO ERA PARA SER COERENTE! NUNCA FOI! Por isso este bando de amantes e filhos e aventuras ao redor do mundo.

O mesmo aconteceu com Zeus. Herakles se tornou famoso e, a partir dele, todo mundo queria que o seu herói da sua cidade também fosse “filho de Zeus”. Todo rei queria dizer que sua dinastia era descendente de Zeus... Até o Leônidas dos 300 de Esparta dizia que era da linhagem de Zeus, oras bolas! E aí temos a galeria de amantes: Antiope, Calisto, Danae, Egina, Electra, Europa, Io, Laodamia, Leda (cuja filha com ela foi Helena de Esparta, mais conhecida como Helena de Tróia), Maia, Niobe, Pluto, Semele e outras. Juntando tudo, Zeus deve ter tido uns 50 a 60 filhos).

Mas, assim como Herakles, na cabeça de cada escritor em cada Cidade Estado, suas histórias eram a “única” escapada de Zeus. E os estudiosos empilharam as histórias, tentando juntar algum sentido ou cronologia onde não deveria existir nenhuma.

(estão começando a entender onde eu quero chegar em relação à bíblia?)

O que chamamos de *Bíblia Sagrada* é, na verdade, uma coleção de inúmeros textos iniciáticos, históricos, narrativos e astrológicos reunidos pelo critério chamado “Interesses da Igreja Católica”. Ela inclui o Tanak judaico, que por sua vez consiste de três partes: os Ensinaamentos (compostos do Pentateuco ou Torah que, como já

falamos, trata-se de textos iniciáticos relacionados com a Kabbalah – Gênese, Exodius, Leviticus, Numerus e Deuteronômio), as Profecias (que vai da chegada dos judeus à Terra Prometida até os Profetas – de Joshua até os 12 profetas) e as Escrituras (Salmos, provérbios, o livro de Jó até Crônicas).

O Livro dos Salmos é praticamente um Livro de Magias... Cada Salmo é parte de um ritual diferente de Magia Teúrgica, com um poder mântico ENORME, além de invocações de anjos, proteções, ataques e defesas astrais e afins. Por isso, antes de se achar o revoltadinho e xingar a bíblia, pense duas vezes... TODO ocultista sério que se preze precisa obrigatoriamente conhecer muito bem a bíblia, porque ela traz um monte de coisas legais escondidas. Ela ensina até mesmo a montar o seu próprio deck de tarot!

Já o Novo Testamento é uma salada de frutas criada ao longo de 500 anos de “ajustes” da Igreja. Ele inclui trechos sérios, trechos inventados, trechos truncados, trechos apagados, trechos mexidos... Existem até referências a capítulos de livros que NÃO EXISTEM.

Graças a isso, existem mais de DOIS MIL... Isso mesmo crianças... DOIS MIL erros históricos, contradições, erros científicos, profecias que não se realizaram, absurdos e injustiças na Bíblia. Podem conferir todos eles no site *skepticsannotatedbible.com*.

Tudo isso porque a Igreja Católica dos séculos III até VIII tentou “consertar” e “encaixar” textos que foram feitos por pessoas diferentes em tempos diferentes falando sobre coisas diferentes para formar uma única história que parecesse coerente.

Só achei necessário fazer esta coluna intermediária para explicar porque eu cito as falhas da Bíblia usando a PRÓPRIA bíblia sem que isso seja uma contradição. Porque, por exemplo, os Salmos explicam como é o Casamento Dinástico e mais tarde, quando Constantino e seus bispos pegaram os trechos que explicavam o casamento de Yeshua e Maria Madalena nas Bodas de Caná e nos episódios do óleo e foram apagá-los, provavelmente não sabiam o que fazer com eles,

porque Constantino era um SACERDOTE PAGÃO e não tinha a menor ideia das tradições hebraicas ou do que significava aquilo.

Tanto que basta olhar o Novo Testamento com calma para ver como os textos das mulheres (oficialmente são duas mulheres diferentes) que lavam os pés de Jesus com óleo não fazem sentido algum... Dá pra ver nitidamente que estão truncadas ou jogadas ali no meio sem nexos.

As razões pelas quais a Igreja precisou fazer estas adaptações serão explicadas *tim tim por tim tim* em artigos futuros. No próximo artigo voltaremos à nossa programação normal...

PITÁGORAS E BUDA, OS PROFESSORES DE JESUS

06.01.2009

Hoje falaremos sobre os ensinamentos de Yeshua, o Jesus histórico real. Já falamos sobre como, onde e quando ele nasceu, mas o que ele pregava? Quais as lições que ele passou, tão opostas a Roma e ao Vaticano para que sua história tenha sido apagada, distorcida e adulterada dos registros “oficiais”? Para começarmos a entender a maneira como Yeshua e seus apóstolos pensavam, precisaremos retornar cerca de 6 séculos no passado e conhecer o trabalho de outro grande ocultista, Pitágoras.

Pythagoras de Samos nasceu entre 580 e 572 a.C. e foi um filósofo e ocultista, fundador da Escola Pitagórica. Reverenciado pela massa cética como o pai da matemática, Pitágoras foi, como muitos outros cientistas, muito mais do que isso. Com o conhecimento adquirido nas iniciações nas Pirâmides, Pitágoras foi considerado um dos maiores homens de seu tempo, equivalente a Leonardo DaVinci durante o Renascimento.

Antes de mais nada, vamos estudar a origem de seu nome, Pythagor, ligado ao Oráculo de Delfos. Antes de ser chamado Delfos, este famoso oráculo era conhecido como Pythia e foi fundado no século 8 a.C., embora o local tenha sido usado para práticas xamânicas desde

o século 11 a.C., ou seja, no mesmo período em que Salomão construía seu Templo. É importante ressaltar que o Templo do Oráculo de Delfos possuía as mesmas medidas sagradas da Câmara dos Reis e do Templo de Salomão. Certamente uma coincidência.

A história mitológica deste Templo dizia que no local vivia uma gigantesca serpente chamada Pythia (que deu origem ao nome Píton) e que Apolo, o deus solar, havia dominado e derrotado esta serpente e, a partir do corpo dela, construiu o oráculo.

A simbologia desta história é óbvia. A serpente Pythia, assim como em todas as outras culturas, representa a kundalini sendo dominada pelo aspecto Crístico-Solar (Tiferet, na Kabbalah), resultando em um estado de consciência elevado (“Conhece a ti mesmo”).

O nome Pythein (apodrecida, em grego) representava os vapores exalados de um caldeirão (qualquer semelhança com as bruxas celtas NÃO é mera coincidência, como veremos mais para a frente), que colocavam as sacerdotisas iniciadas do templo lunar, chamada Pitionísiás (Pythia), em um estado de transe onde recebiam instruções de mestres de outros planos vibracionais (assim como médiuns de hoje em dia recebem mensagens provenientes dos espíritos). Quem assistiu ao filme *300 de Esparta* viu uma representação de como funcionavam estes oráculos.

O nome destas possessões era *Venter Loquis* (ou a “voz que vem do ventre”), pois os antigos já sabiam que os espíritos utilizavam-se do chakra Manipura, ou Plexo Solar, para obterem energia para estas manifestações (muito tempo depois, no século XVI, charlatões utilizavam truques mundanos de projeção de voz para imitar estas manifestações, dando origem ao que se conhece hoje por Ventriloquismo).

O nome iniciático de Pitágoras significa “aquele que fala (Agor-) a verdade das Pythias (Pyth-)”, ou seja, *Pyth-Agor*. Assim como muitos outros sábios, seu nascimento foi profetizado por outras Pythias e ele nasceu de uma virgem. Seus ensinamentos nada mais eram do que os mesmos ensinados pelos Egípcios em suas Escolas dos Mistérios.

Os pitagóricos estudavam a fundo a matemática, filosofia, a geometria sagrada, proporções áureas, o pentagrama, a ligação entre religião e ciência, numerologia, astrologia, reencarnação, vegetarianismo e a música. A associação entre música e magia é muito antiga e poderosa...

O símbolo dos Pitagóricos é o Pentagrama, ou Pentemychos. O Pentagrama possui uma relação especial com o Planeta Vênus. Observando o céu e anotando a posição da “Estrela Matutina” durante 8 anos, o traçado do chamado “período sinódico” de Vênus forma um Pentagrama (período sinódico é o tempo que um planeta leva para retornar a uma mesma posição em relação ao sol por um observador na Terra).

Portanto, desde sempre o Pentagrama representou o Planeta Vênus, ou seja, a Estrela Matutina, ou seja, Prometeus, ou seja, Lúcifer. O Planeta Vênus também está ligado ao sagrado feminino, às deusas celtas e aos Templos Lunares (Vênus-Afrodite, a deusa arquetipal feminina). Não é muito difícil imaginar como a Igreja Católica chegou a associações toscas entre “satanismo” e “pentagrama” e “adoradores do diabo” e “sacerdotisas/bruxas” e “queimem as bruxas”, não é mesmo? (Não podemos esquecer que o próprio nome Yeshua vem do Pentagrama: Yod-He-Shin-Vav-He).

Pitágoras e a Sociedade Pitagórica viveram através de seus discípulos ilustres como Sócrates, Platão (que, não por coincidência, foi quem primeiro citou a Atlântida, lar de todo o conhecimento ocultista, em seus textos Critias e Timaeus), Aristóteles e finalmente Alexandre, o Grande.

Pitágoras recrutava jovens “Livres e de Bons Costumes” para serem seus estudantes. A palavra “Livre” para os pitagóricos não tinha conotação de escravo/liberto, mas sim de “Livres-pensadores”. Uma das frases mais importantes de Pitágoras é “Nenhum homem que não controla a própria vida pode ser considerado livre”.

Gauthama Buddha

Em 563 a.C. nascia de Mahamaya (“Rainha Maya”) uma pessoa muito especial, chamada Siddharta Gautama. Mahamaya, a mãe de Buda, era certamente uma sacerdotisa especialmente preparada para a recepção de um Avatar na Terra, que os escritores costumam colocar com o termo “virgem” (apesar dela, assim como todas as outras virgens, terem tido relações sexuais ritualísticas para conceber os Avatares). Segundo a história do Budismo, Maya não teve filhos durante 20 anos de casamento com o rei Suddhodana. Certo dia, ela sonhou com um elefante branco e no dia seguinte, acordou grávida. Desta gravidez nasceu Siddhartha.

Após um período de peregrinações e estudos, acompanhado de alguns seguidores, Buda atingiu a iluminação com a idade de 35 anos, após passar um período de 49 dias meditando.

(Vou abrir um parênteses aqui, pois estes 49 dias meditando são os mesmos 49 dias que Moisés passou meditando no deserto antes de receber os 10 mandamentos, no período que os judeus chamam de *Sefirat ha Ômer*, um exercício de Kabbalah que é contado todos os anos pelos judeus).

Os sacerdotes e iniciados chamavam-se de Theravada e pregavam os ensinamentos de Buda. Segundo eles, qualquer pessoa que conseguisse despertar do “sono da ignorância” (olha outra conexão do filme *Matrix* nestes ensinamentos) poderia ser chamado de Buda. De acordo com estes ensinamentos, houveram muitos Budas antes de Gautama e haveriam muitos Budas depois... Yeshua inclusive.

Os budistas estudam a fundo os fatos e leis que regem nossa realidade, como Reencarnação, Karma e Dharma, além de desenvolvimento de toda a estrutura de chakras dos iniciados, tal qual os antigos Indianos e os Egípcios. O objetivo desta iluminação é despertar os sete chakras, chegando ao estado de Nirvana, ou a comunhão com o cósmico. Os Theravada pregavam também o

desapego às coisas materiais, o assistencialismo e a caridade, realizando curas com suas habilidades iniciáticas.

Durante o século 3 a.C., os Theravada chegaram ao Egito (narrado através do encontro do embaixador Ashako na corte de Ptolomeu II em 250 a.C.) e de lá partiram para as terras dos judeus e para a Grécia. Ali ficaram conhecidos como Therapeutae (de onde se origina a palavra “terapeuta”). Os Therapeutae eram considerados médicos sagrados, estudiosos e filósofos e muitos de seus iniciados trocaram conhecimentos com os membros das outras ordens secretas pitagóricas.

Os Essênios

Os Therapeutae que viviam na região de Nazaré e especialmente próximos de Quram eram chamados de Essaioi, do aramaico Yssyn (“terapeutas” ou “médicos”) ou, como nós os conhecemos: Essênios.

Os Essênios trouxeram consigo todos os ensinamentos iniciáticos da Escola Pitagórica somados aos ensinamentos budistas. No período em que Yeshua pregava, estima-se que havia cerca de 4.000 essênios espalhados pela Palestina, além de suas famílias e seguidores.

Os Essênios pregavam o desapego aos bens materiais, uma vida vegetariana e voltada para o lado espiritual. Viviam em comunidades grandes e comunais, com camponeses, estudiosos, filósofos e matemáticos. Seus mestres eram chamados de “Mestres Carpinteiros”.

João Batista foi um dos Essênios mais conhecidos de todos os tempos. Padroeiro de todas as Ordens Templárias, fazia as iniciações aprendidas no Egito no Rio Jordão.

Com isso podemos traçar uma linha de conhecimento que se ocultou desde o Egito até Jerusalém, passando por Moisés, Davi, Salomão, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Orfeu, Dionísio, os Terapeutas, as Ordens Essênias e, finalmente, o Buda judeu.

Jesus pregava a RESPONSABILIDADE ESPIRITUAL (a responsabilidade pela sua própria vida, pensamentos e atos). Jesus

também pregava os mesmos ensinamentos sobre Reencarnação, Karma e Dharma ensinados nas Escolas de Mistérios e nas filosofias orientais, que nada mais são do que as leis que regem nossa realidade material, tão palpáveis quanto a Lei da Gravidade. Conhecendo a si mesmo (através da astrologia, kabbalah e outros estudos iniciáticos), as pessoas conseguem descobrir quais suas missões e trabalhar em suas oitavas mais altas para o desenvolvimento e eventual escape da Roda de Sansara ou Ciclo de Reencarnações, tornando-se um iluminado (“Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar” – Apocalipse 3:8). Desta forma, Jesus pregava que QUALQUER pessoa poderia se tornar Buda, ou Iluminado, bastando para isso seguir os seus passos.

Muitas pessoas irritadas com a Igreja Católica atacam a imagem de Jesus dizendo que a Igreja roubou os ensinamentos de Buda para colocá-los como sendo de Jesus, como “Amar ao outro como a ti mesmo” ou “oferecer o amor para acabar com a guerra” que virou “oferece a outra face” e outros, mas isso é apenas mais uma das falhas que Constantino e seu “Jesus-Apolo” forjado esqueceram de tapar. Os ensinamentos de Yeshua/Jesus são iguais aos de Buda não porque a Igreja os copiou, mas sim porque Yeshua era discípulo das tradições budistas theravada! Lembrem-se do que eu falei sobre Empilhamentos.

Note que isto é o total oposto a uma igreja DOMINADORA, que quer mandar no que você faz ou deixa de fazer, nos seus pecados, no seu dinheiro e na sua vida.

Agora podemos ter uma ideia de porque os ensinamentos de Yeshua irritavam tanto as *otoridades* da época e também a Roma, que começa a mandar matar os cristãos... Basta pensar o seguinte: se você fosse um ditador religioso que prega que todos devem te obedecer e te dar dinheiro ou ir para o Inferno, e aparece um barbudo falando que todo o seu gado é livre para fazer o que bem quiser e tomar responsabilidade pelas suas ações, o que você faria? Mandava matar o desgraçado, isso sim!

SERIA YESHUA UM X-MEN?

24.02.2009

*“To the rational mind,
nothing is Inexplicable,
only Unexplained.”
– The Doctor*

Os famosos “milagres de cura pelas mãos” atribuídos a Jesus, como vocês verão nos próximos artigos, nada possuem de “sobrenatural” ou “divino”, sendo apenas resultado do controle e desenvolvimento dos chakras através de exercícios de respiração e movimentação de prana (energia), utilizados desde 5.000 a.C. até os dias de hoje.

Hoje em dia esta técnica possui diversos nomes: Reiki (Japonês), Tao-Yin Gong (Chinês), Cura Xamânica (xamanismo), Cura pelas Mãos (Umbanda), Cura Essência (essênios), Cura através do Passe (religiões espiritualistas), Johrei (Igreja Messiânica), Cura Prânica, e assim por diante, mas todas elas, sem exceção, derivam de um princípio básico de fluxo das energias vitais através dos chakras do doador gerando um equilíbrio no receptor.

Na bíblia, Yeshua é descrito como realizando diversas curas através da Imposição de Mãos. Passei o final de semana dando uma olhada nas 4 escrituras “tradicionais” e fiz uma compilação dos milagres oficiais de cura atribuídos a ele (acho que está completo, mas se esqueci alguma coisa, por favor avisem nos comentários que eu completo):

Cura de um Leproso (Mateus 8: 2-4, Marcos 1:40-42, Lucas 5:12-13);

Cura do servo de um centurião romano (Mateus 8:5-13, Lucas 7:1-10);

Cura da Sogra de Pedro (Mateus 8:14-15, Marcos 1:30-31, Lucas 4:38-39);

Cura dos dois Gadarenos (Mateus 8:28-34, Marcos 5:1-15, Lucas 8:27-35);

Cura de um Paralítico (Mateus 9:2-7, Marcos 2:3-12, Lucas 5:18-25);
 Cura de uma mulher com hemorragia (Mt 9:20-22, Mc 5:25-29, Lc 8:43-48);
 Cura de dois cegos (Mateus 9:27-31);
 Cura de um endemoniado que não podia falar (Mateus 9:32-33);
 Cura do homem com a mão atrofiada (Mt 12:10-13, Mc 3:1-5, Lc 6:6-10);
 Cura de um cego e mudo (Mateus 12:22, Lucas 11:14);
 Cura da filha de uma cananéia (Mateus 15:21-28, Marcos 7:24-30);
 Cura de um menino possuído por espíritos (Mt 17:14-18, Mc 9:17-29, Lc 9:38-43);
 Cura de 2 cegos, entre eles Bartimeu (Mt 20:29-34, Mc 10:46-52, Lc 18:35-43);
 Cura de um surdo e gago (Marcos 7:31-37);
 Cura de um possuído dentro da Sinagoga (Marcos 1:23-26, Lucas 4:33-35);
 Cura de um cego em Betsaida (Marcos 8:22-26);
 Cura de uma mulher encurvada (Lucas 13:11-13);
 Cura de um homem com hidropisia (Lucas 14:1-4);
 Cura de dez leprosos (Lucas 17:11-19);
 Cura do servo do sumo sacerdote (Lucas 22:50-51);
 Cura do filho de um oficial em Cafarnaum (Lucas 4:46-54);
 Cura de um inválido à beira do tanque de Betesda (Lucas 5:1-9);
 E, finalmente, a cura de um cego de nascença (Lucas 9:1-7).

Podemos notar a “semelhança” entre a posição das mãos da imagem de Jesus católico com muitas das imagens de Vishnu (o deus supremo responsável pela preservação do universo), ou das inscrições nos templos sagrados egípcios.

Mas a verdade é que esta habilidade de cura através da imposição de mãos já era conhecida desde a Antiga Índia e Egito, sem mencionar os xamãs siberianos, índios americanos, sacerdotes Astecas, Maias e Incas, sendo amplamente utilizada pelos curandeiros e sacerdotes de todas as religiões, ordens e fraternidades. Por ser

extremamente simples, qualquer pessoa pode começar a treiná-las se desejar.

O que é o Prana?

Como meus irmãos do site *Saindo da Matrix* (que eu recomendo adicionar aos seus favoritos!) colocaram, Prana é a energia cósmica do universo (pelo menos a parte que está acessível à nossa dimensão). Os hindus a chamam de Prana (ou Purana), os chineses de Chi (ou Ki), Wilhelm Reich chamava de Orgone, e no espiritismo se conhece por Energia Imanente (ou primária).

Pode ser visto em dias de sol, com o céu bem aberto. Para isso, fiquem deitados de costas, olhando para o céu. Após algum tempo a vista relaxa, abrindo o campo da retina, e será possível ver minúsculas bolinhas brancas, às vezes com um pronto preto. Surgem por um segundo ou dois, deixam um ligeiro traço e tornam a desaparecer. Se você persistir na observação e expandir a visão, começará a ver que todo o campo pulsa num ritmo sincronizado. Nos dias de sol, as bolinhas de energia, brilhantes, movem-se depressa. Nos dias enevoados, mais translúcidas, movem-se devagar e são em menor número. Numa cidade envolta em névoa e fumaça, são menos abundantes, escuras, e movem-se muito devagar.

É preciso tomar cuidado para não confundir o Prana com a pulsação natural do sangue dentro do olho ou pequenas sujeiras no humor aquoso, que também formam filetes contra uma superfície clara (mas nesses casos, estas manchas são escuras, amorfas e “deslizam” através do olho, como se estivessem escorregando dentro dele...). O prana não se mexe quando você movimenta os olhos, ele possui seu próprio movimento e forma emanações a partir de seres vivos. Dá um certo trabalho diferenciar e é preciso tomar cuidado para depois não aparecer um cético achando que você está confundindo uma coisa com a outra...

No Oriente dá-se o maior valor à respiração, pois é através dela que retiramos a energia para o nosso veículo extrafísico. Nós fazemos isso toda noite, ao dormir. O corpo astral fica planando pouco acima do

físico pra poder “se encher” de prana (através dos chakras). Infelizmente isso é um processo inconsciente e poucos lembram de algo assim. Mas existem diversas técnicas de Yoga pra absorção do Prana acordados. Recomenda-se fazer isso logo pela manhã, pois o ar é mais rico em energia.

Uma outra técnica, aprendida com Oráculo, recomenda que se coloque um copo com água pra receber os primeiros raios do sol. Assim, a água se energiza, pois ela absorve muito prana. É dessa forma que o planeta se limpa dos miasmas mentais de seus habitantes. Imagine a poluição mental que fica no ar com tanto stress, violência, desesperança, fome, etc. A chuva é um bálsamo, pois os pingos, ao caírem, vão “recolhendo” o prana da atmosfera e, como flechas, destroem as energias do pensamento de baixa vibração.

Como captamos e trabalhamos este Prana?

Através dos Chakras e dos Nadis. Através da respiração e do controle emocional e mental, podemos direcionar este fluxo de energias através de nossos corpos e até mesmo carregá-los para outras pessoas que estejam desequilibradas energeticamente. Já passei um exercício básico em uma coluna antiga e existem muitas técnicas disponíveis em livros e cursos, sendo os de Reiki os mais famosos e disponíveis para o público atualmente. Eu recomendo os livros *Reiki – Sistema Tradicional Japonês* e *Reiki Universal*, ambos do autor Johnny de Carli.

Cura pelas mãos

Além dos sete chakras principais do corpo humano, temos mais alguns chakras importantes nas palmas das mãos, solas dos pés e língua. Os dois chakras subplantares funcionam como grandes captadores de energia. Através deles pode-se absorver grande parcela de prana bastando apenas estar em contato com a terra através dos pés descalços. Por serem portas de entrada de energia, os pés também funcionam como portais para ataques astrais, de onde vem a frase que

todo mundo já deve ter ouvido que os mortos irritados “vem puxar o pé” dos vivos.

Por outro lado, as mãos são chakras de projeção, ou seja, locais por onde a energia pode ser direcionada para outras pessoas para realizar curas físicas, emocionais, mentais ou espirituais, ajudando a reequilibrar o organismo.

Então um estudante de yoga, reiki, chi kung ou qualquer outro nome que esta MESMA técnica seja chamada pode, através da respiração e concentração, absorver e trabalhar esta energia internamente e projetar o excesso através das mãos para outro corpo que esteja necessitado, organizando e equilibrando estas energias. Note que não precisa necessariamente ser uma cura física, mas mental ou espiritual também (ela pode ser usada para acalmar ou até mesmo para remover obsessores de uma pessoa).

Desta maneira, para qualquer pessoa que já possua algum contato com Reiki ou outras formas de cura energéticas, independente da filosofia de vida que possua, sabe que a explicação para os milagres bíblicos de cura realizados por Jesus nada mais são do que uma faculdade que pode ser aprendida e treinada por qualquer um. Claro que no caso de um Avatar esta manipulação do prana atinge níveis muito maiores e mais potentes do que nas pessoas comuns, produzindo efeitos permanentes como cura de cegos, leprosos, surdos, mudos, etc.

Cura prânica vs. Medicina Moderna

Infelizmente, apesar da medicina moderna estar extremamente avançada, ela parece focar única e exclusivamente na “remediação” das doenças que existem apenas porque as pessoas deixaram que elas existissem, entupindo-os de químicas e drogas. O conceito oriental de cura da doença começa em não ter a doença. É sabido que todas as doenças se manifestam no Plano Astral antes de chegarem ao físico. Uma vida saudável, equilibrada física, emocional, mental e espiritualmente vai fazer com que a pessoa não esteja em

desequilíbrio prânico e, conseqüentemente, não fique doente com facilidade.

Claro que não significaria que as pessoas não ficariam doentes, só reduziria muito a necessidade das pessoas tomarem remédios ou irem a hospitais. Também não adianta nada falar “vamos acabar com os médicos e formar apenas curandeiros” porque a nossa sociedade já está doente e, da maneira como está agora, médicos ortodoxos SÃO extremamente necessários, infelizmente. Ainda vão décadas (ou séculos) para criar uma consciência que permita aos médicos se aposentarem...

O conselho que eu posso dar aos médicos que leem esta coluna é: estudem Reiki, Johrei, Yoga, acupuntura e chi-kung. Vai facilitar bastante o trabalho de vocês (como um complemento). Seria legal os leitores que já tiveram alguma experiência com Reiki, Johrei, Chi-kung, acupuntura e Passes Mediúnicos se manifestassem para mostrar que essas técnicas realmente funcionam.

Milagres de Transmutação e Milagres Simbólicos

Além das curas, está na bíblia que Jesus realizou outros tipos de milagres, que são características que hoje chamamos de “Aporte” (fazer objetos aparecerem no Plano Material, se teleportarem ou desaparecerem). São eles: Transformar Água em Vinho (João 2, 1-11); Alimentar 5.000 pessoas com 5 pães e 2 peixes (João 6, 5-13); Andar sobre as Águas (João 6, 19-20); Grandes pescarias (João 21 1-11); Pescou peixes que enchiam dois barcos (Lucas 5, 1-11); Alimentou 4.000 pessoas com 7 pães e alguns peixes (Mateus 15, 32-38); Secou uma figueira infrutífera (Mateus 21, 18-22).

Dois “milagres” são descrições de iniciações. Lázaro (João 11, 1-44) e o “Filho da Viúva” (Lucas 7, 11-15). Não que ele não fosse capaz de ressuscitar alguém (há um relato de Yeshua fulminando uma outra criança quando era guri, levando uma bronca de sua mãe e ressuscitando o amiguinho em seguida, que é narrado nos evangelhos apócrifos), mas a maneira como são descritas na bíblia e as pessoas envolvidas remetem a procedimentos iniciáticos egípcios. Os três dias

de espera, a morte e ressurreição simbólicas e a posterior ordenação dos ressuscitados em sacerdotes indicam isso acima de qualquer dúvida razoável.

Moral da história: Jesus era fodão, ele era o Cara, o Mestre, ele era um X-Men. Mas isso não significa que nós não possamos seguir seus passos e nos tornarmos divinos também, ao invés de abaixarmos nossas cabeças e obedecermos a pretensos “representantes” dele. A única coisa que te impede é a preguiça espiritual (Acídia, segundo São Tomás de Aquino). Falarei mais tarde sobre os 7 pecados capitais e as formas de combatê-los, segundo a Alquimia.

JUDAS, O MELHOR AMIGO DE JESUS

26.03.2009

*“Parte de um plano secreto,
amigo fiel de Jesus,
eu fui escolhido por ele
para pregá-lo na cruz.
Cristo morreu como um homem,
um mártir da salvação,
deixando para mim seu amigo
o sinal da traição.
Se eu não tivesse traído
morreria cercado de luz,
e o mundo hoje então não teria
a marca sagrada da cruz.
E para provar que me amava
pediu outro gesto de amor,
pediu que o traísse com um beijo
que minha boca então marcou.”
– Raul Seixas, 1979*

A música acima foi composta pelo melhor cantor brasileiro de todos os tempos, Raul Seixas, em conjunto com meu irmão alquimista Paulo Coelho, sob a orientação do Mestre Marcelo Motta. Poderia ser apenas, como a Igreja gosta de colocar para cada sujeira que varremos para fora do tapete eclesiástico, “mais uma ficção inspirada por Dan Brown”, se não fosse o detalhe dos *Evangelhos de Judas* terem sido descobertos e autenticados pela *National Geographic* em 2006, confirmando cada linha da música do Raulzito acima de qualquer dúvida razoável. Como explicar o fato desta canção ter sido escrita 27 anos antes?

Para compreender a história de Judas Iscariotis, precisamos entender a história dos doze apóstolos. Nessa altura do campeonato, vocês já devem ter percebido que Tiago, João, André e Pedro não eram exatamente “pescadores”, mas apenas o grau simbólico destas pessoas dentro da organização de Yeshua. Pescadores, Peixes e outras alegorias referentes ao mar e ao “pescar almas” indicam o sacerdócio dentro da transição da Era de Áries para a Era de Peixes. Como veremos nos próximos artigos, especialmente as lendas do Rei Arthur, a figura do “Rei-Pescador” será muito comum também nas alegorias medievais.

Judas, no original Yehudhah ish Qeryoth ou Iouda Iskariotis (Iouda significa “abençoado” e Iskariotis significa “Sicário”, que é um punhal especial usado por assassinos zelotes denominados Sicários, uma seita judaica contrária ao domínio romano em Jerusalém naquela época). O nome dele, portanto, pode ser traduzido como “Lâmina abençoada”. Judas era ninguém mais, ninguém menos que o guarda-costas pessoal de Yeshua/Jesus.

Mas, se ele era considerado o guarda-costas pessoal de Yeshua e um de seus melhores amigos, tão íntimo a ponto de ficar com ciúmes da esposa de Yeshua, Maria Madalena, quando esta realiza o ritual sagrado de perfumar os pés de Jesus, por que ele o trairia?

De acordo com a Bíblia (Mateus 26, 20-23), Jesus teria dito:
*Ao anoitecer reclinou-se à mesa com os doze discípulos;
e, enquanto comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me
trairá.*

*E eles, profundamente contristados, começaram cada um a
perguntar-lhe: Porventura sou eu, Senhor?*

Respondeu ele: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá.

E um pouco mais para a frente (Mateus 26, 46-48) diz:

*Então voltou para os discípulos e disse-lhes: Dormi agora e
descansai. Eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo
entregue nas mãos dos pecadores.*

Levantai-vos, vamo-nos; eis que é chegado aquele que me trai.

As *otoridades* dizem que isso seria uma “premonição” ou uma “profetização”, mas uma explicação muito mais racional nos diria que Jesus não está fazendo previsões, mas sim DANDO UMA ORDEM: “Um de vós me trairá”. Ao contrário da imagem de “cordeiro humilde” pregada pela Igreja (sem trocadilho), Yeshua era um revolucionário, lutando pela libertação do povo judeu do domínio romano. Uma de suas frases célebres: “Eu não vim trazer a paz, mas a espada” (Mateus 10, 34 e Lucas 12, 51), expressa bem esta posição de Jesus e seus seguidores. Aliado com os Essênios, com os Zelotes e com os Sicários, coisa boa ele não estava querendo, com certeza.

Agora, responda à seguinte pergunta: se você fosse o governador romano responsável pelo domínio de Jerusalém e pelo controle da cidade, você deixaria um legítimo rei dos Judeus mancomunado com zelotes, sicários e essênios, fazendo curas milagrosas e angariando cada vez mais fãs, dando sopa na sua cidade?

Nem eu.

Então seria necessário capturar e matar este agitador cabeludo e rebelde.

Em João 18,12, é dito: “Então a coorte, e o tribuno, e os servos dos judeus prenderam a Jesus e o maniataram”. Ora, uma coorte romana é constituída de seis centúrias e cada centúria é constituída de 80 legionários... Ou seja, para que o governador romano enviaria 480 legionários pesadamente armados com lanças e escudos para capturar um carpinteiro? *Seria Yeshua um X-Men?*

Por que a necessidade da traição?

Yeshua estava reunido com cerca de 5.000 pessoas que formavam a vila de Getsemani, formada em sua maioria por camponeses, mulheres e crianças. Estando cercados por quase 500 soldados armados, estas pessoas seriam totalmente massacradas se os zelotes não entregassem seu líder.

Um pouco exagerado para capturar “uma dúzia de pescadores”, não é mesmo?

Yeshua avaliou a situação: caso não se entregasse, haveria um massacre de inocentes e uma precipitação da revolta que estavam planejando (que só aconteceria alguns anos depois, na chamada “Revolta dos Judeus”); mas, caso se entregasse, poderia passar como um líder fraco, que entrega sua luta ao menor sinal de problemas. Depois de dar as ordens para a única pessoa que sabia que poderia confiar (Judas), Yeshua, José de Arimathea e Simão Mago começaram a preparar o plano que seria necessário para retirar Yeshua com vida da cruz.

Seguimos com a história como a conhecemos. Os soldados capturam Yeshua e o levam para o sinédrio para ser julgado. Aqui é necessário fazer uma pausa. Graças a Constantino (sempre ele, sempre ele!), o mundo inteiro acredita que foram os JUDEUS que mataram Jesus, o que serviu de base para todo tipo de perseguição a eles durante todos estes últimos 2.000 anos, mas a verdade seja dita e é simples de provar: quem crucificou Yeshua foram os ROMANOS.

Se os judeus tivessem matado Yeshua, teria sido através do apedrejamento, tão comum e tão descrito em todo o Velho Testamento. Mas quem crucificava seus inimigos ao longo de suas estradas eram os romanos.

Vocês concordam que ficaria meio complicado para Constantino vender a imagem do Messias para os romanos se os próprios romanos mataram Yeshua? É como tentar vender a imagem de Fidel Castro como líder espiritual para os americanos!

E a coroa de espinhos e o manto vermelho? A Igreja nos ensinou que isso era uma “zombaria” com Jesus, mas ofereço outro ponto de vista: Sabendo que foram os ROMANOS que crucificaram Yeshua, creio que a mensagem que estavam passando para os judeus dominados era bem clara: **AQUI ESTÁ O SEU REI. NÓS VAMOS CRUCIFICÁ-LO.** Tanto que as iniciais INRI vêm do latim (língua dos romanos): Iesua Nazarenus Rex Iudeorum.

Ah, tio Marcelo, mas eu já ouvi que INRI significa “Igni Natura Renovatur Integra” ou as siglas dos 4 elementos “Iam (água), Nour (fogo), Ruach (ar) e Iabeshah (terra)”. Eliphaz Levi dizia que INRI significa “Isis Naturae Regina Ineffabilis”... Qual está certo?

Naquele momento histórico, Rei dos Judeus, mas seria um erro achar que havia apenas um significado. Uma das coisas que aprendi nesses 19 anos dentro do ocultismo é que NADA acontece por acaso: nenhuma sigla, nome, cor, símbolo ou mensagem escolhida acontece por causa de um “tempo linear” acausal. Não existem coincidências, existe apenas a ILUSÃO de coincidência. Portanto provavelmente TODAS as alternativas estavam certas ao mesmo tempo, em diferentes “espaços temporais”. Complexo? Você ainda não viu nada. Estude tarot, kabbalah e oráculos para você ver...

A escolha do local foi providencial: a Gólgota. Terreno pertencente a José de Arimathea, garantiria que a crucificação ocorreria longe dos olhos do povo, que NÃO teve acesso à crucificação, ao contrário da

crença popular. Eles acompanharam o cortejo, mas ficaram longe das três cruzeiras, observando à distância.

Antes de começarmos: quanto tempo vocês acham que os romanos deixavam um condenado preso na cruz? 1 hora? 12 horas? 1 dia? 2 dias? Uma semana?

A resposta correta é: até o cadáver se transformar em um esqueleto ou até você colocar outro condenado no seu lugar! A função de uma crucificação é passar uma mensagem clara sobre o que vai acontecer com você se você desafiar a Legião. Não importa se você “morreu na cruz”... Os romanos não vão te tirar de lá, ok?

A menos que...

...eles tivessem um plano.

Como já havíamos visto, Yeshua dominava completamente sua energia interna, kundalini, chakras e todas as técnicas de regeneração e manipulação de energias conhecidas. Eles estavam certos que ele conseguiria resistir a um dia na cruz e, para seus planos, apenas um dia bastaria.

Cristo é crucificado de manhã. Ele permanece durante o dia com Simão o Mago aos pés da cruz, enquanto José de Arimathea consegue com Pilatos autorizações para remover o corpo da cruz. Durante o passar do tempo, vamos novamente à bíblia:

“Jesus disse: “tenho sede.” Havia aí uma jarra cheia de vinagre. Amarraram uma esponja ensopada de vinagre na vara, e aproximaram da boca de Jesus. Ele tomou o vinagre e disse: “Tudo está realizado.” (João 19: 28,30).

A Igreja nos diz que isto foi mais uma “maldade” dos “terríveis” judeus. Coitadinho... Dar vinagre para o pobre infeliz pregado na cruz... Que cruel!

Ora. O líquido que ofereceram para Jesus é chamado de Posca, misturado com um pouco de mirra. O efeito desta bebida é o de um

ANESTÉSICO que facilita a projeção astral e também serve para bloquear a dor, conhecido desde a antiguidade pelos alquimistas essênios e rosacruz (e esse líquido eu posso garantir para vocês que funciona, porque já experimentei pessoalmente). Não nos esqueçamos que Simão o Mago não era conhecido como Simão O MAGO à toa, certo? Ele estava aos pés da cruz por um motivo...

Yeshua ficaria até a noite na cruz, quando seria retirado, mas no meio da tarde, começou a dar sinais de que não aguentaria o dia todo. Outro detalhe que sempre passa batido era o de que os romanos quebravam as pernas dos condenados para que eles morressem mais rápido, já que, sem a sustentação das pernas, o pulmão seria comprimido com mais força e o condenado morreria mais rápido por sufocamento (daí a expressão “me quebraram as pernas” para indicar um problema que acaba com suas esperanças mais cedo). E ninguém fez isso com Yeshua.

A solução para isso foi “matá-lo” antes, com uma lança, para apressar sua retirada da cruz. Para isso, Yeshua se finge de morto e um dos soldados o perfura com uma lança para mostrar aos outros que ele estava morto. Na mitologia católica, a lança que perfura Jesus Cristo na cruz é conhecida como a Lança do Destino.

Agora começam as curiosidades... Vocês não acham estranho uma lança que MATOU o filho de deus ser considerada SAGRADA pela Igreja? Não deveria ser um objeto AMALDIÇOADO? Por que justo os templários veneravam esta lança e tinham um grande cuidado com sua proteção?

A resposta é clara... A Longinus não matou Yeshua, mas o salvou de ter as pernas quebradas pelos outros soldados romanos.

No folclore medieval, São Longinus (sim, o cara que MATA Jesus vira santo na Igreja Católica, vai entender...) é retratado como um cego cujo sangue do messias que espirra sobre seus olhos o cura da cegueira (Espera... Um soldado CEGO vigiando a cruz?) e ele se converte ao cristianismo... Na verdade, todo este anedotário criado posteriormente, acrescido de outros detalhes, serviu apenas para

reforçar a ideia de que os judeus seriam uns traidores da própria raça e assassinos do messias vaticânico.

Removido da cruz, levam Yeshua para o Santo Sepulcro (hummm, cavernas novamente...) que eram propriedade de José de Arimathea. Neste local, um sacerdote chamado Nicodemus e outros discípulos essênios literalmente “revivem” Yeshua com suas habilidades curativas prânicas. Ao final dos trabalhos, Yeshua se encontra com sua esposa Maria Madalena e são escoltados para um local seguro.

Alguns dias depois, ele reaparece para os discípulos e a história da “ressurreição” começa rapidamente a se espalhar. Sabendo que os governadores romanos não engoliriam aquela história por muito tempo, Yeshua, seu filho e Maria Madalena (na época grávida) foram retirados de Jerusalém.

Yeshua foi para o oriente, José de Arimathea foi junto com o filho de Yeshua, Yossef, para as Ilhas Britânicas, onde chegou a Gastonbury levando o “Cálice Sagrado”. Maria Madalena foi levada para o Egito para dar a luz para Sara, filha de Yeshua.

Após o nascimento, Madalena é escoltada para o Sul da França, onde os essênios (agora com outros nomes, formando outros grupos naquela região) passam a proteger a Linhagem Real. Um detalhe interessante é que Madalena e sua filha contrastavam muito com os habitantes do sul da França, sendo chamadas de “Madonna Negra” por causa de seu tom de pele (não vai me dizer nessa altura do campeonato que você acredita na história do Jesus loiro de olhos azuis, né?).

Os habitantes do Sul da França (Languedoc) fizeram diversas estátuas e o culto à “Virgem Negra” se tornou muito popular entre os Cátaros e entre os Templários. A Igreja dirá durante a Idade Média que imagens da “Virgem Negra” eram uma deturpação SATÂNICA de nossa senhora Aparecida quando queimava os Templários e, mais tarde, dirão para os cétricos que a cor negra das estátuas se devia “às velas que eram queimadas aos pés de Nossa Senhora, que escureciam as imagens”. Mas o FATO é que as Virgens Negras representavam (e

representam) Maria Madalena carregando em seus braços Santa Sara Kali (Kali = negra), padroeira dos ciganos.

O filho de Yeshua e José de Arimathea chegam à Inglaterra, onde fundam a primeira Igreja Cristã. De acordo com as lendas posteriores, ele chega ao continente levando consigo “o Cálice Sagrado”, mas... “Um garoto que era rei mas não sabia, acompanhado por um ancião sábio, permanecendo escondido no meio dos profanos até que chegasse o momento de revelar sua descendência real”...

Já ouviram esta história antes? Vou dar uma dica. Começa com Rei e termina com Arthur.

QUE FIM LEVARAM OS APÓSTOLOS?

09.12.2010

Notei que ficou faltando falar a respeito dos doze apóstolos, os sacerdotes que acompanharam Yeshua em sua jornada e foram os primeiros responsáveis pela expansão das doutrinas espirituais essênias (e também os primeiros mártires), até a dominação romana e Constantino, o picareta, que transformou a história de Yeshua, um revolucionário judeu, em um mito Jesus-Apolo para agradar aos cidadãos romanos.

Afinal de contas, quem eram e que fim tiveram os doze apóstolos?

*“Ele chamou para si os seus discípulos,
e deles escolheu doze, a quem ele chamou de apóstolos.”
– Lucas 6:13*

Simão Zelote

Também conhecido como Simão de Jerusalém, Simão Zelote ou Simão, o Cananeu. Fazia parte da mesma seita judaica que Judas, os Zelotes. O momento no qual se ocorreu o chamamento de Simão

para se unir aos apóstolos não é muito claro na Bíblia. Sabe-se apenas que foi convidado ao mesmo tempo que André, Simão Pedro, Tiago e João, filhos de Zebedeu, Judas Iscariotes e Judas Tadeu (Mateus 4:18-22).

Após a crucificação, Simão retorna às Pirâmides do Egito, base de todo o conhecimento esotérico ocidental, junto com São Marco e São Filipe, onde estabelece as bases da Igreja Copta. Assim como José e Jesus, Simão possuía o grau de Mestre Carpinteiro, sendo retratado carregando um serrote.

Simão foi crucificado na Armênia.

Posteriormente, devido à grande quantidade de imagens e esculturas retratando Simão com um serrote em suas mãos, a Igreja Católica colocou oficialmente que a causa de sua morte foi ter sido “serrado ao meio”.

Judas Tadeu

São Judas Tadeu, ou Judas Lebeu, ou Judas, irmão de Tiago, ou Judas Tomás (nos apócrifos) é o autor da epístola de Judas. Os textos gnósticos o colocam como irmão de Yeshua.

Segundo a Igreja Ortodoxa, foi Judas Tadeu quem levou o cristianismo à Armênia e Pérsia, tendo terminado seus dias crucificado junto com Simão Zelote.

Judas Tadeu é representado carregando uma régua de carpinteiro e um machado, símbolo dos construtores em madeira (e mais tarde símbolo da Ordem dos Carbonários).

A Igreja Católica adaptou a imagem tradicional de São Judas carregando a machadinha, dizendo que ele foi “decapitado”.

São Judas Tadeu é considerado o Santo das causas Perdidas. Também é conhecido como o “Santo esquecido”, pois muitas pessoas o confundem com Judas Iscariotis. Algumas dioceses o renomearam extraoficialmente para “São Tadeu” (*Thaddeus* na bíblia inglesa) para evitar confusão. Para os que gostam de futebol, ele é considerado patrono do time do Flamengo.

Mateus

São Mateus, também conhecido como Levi, era um coletor de impostos. Segundo a tradição, ele teria escrito um dos quatro evangelhos considerados oficiais pela Igreja de Roma. Os especialistas afirmam, porém, que o texto em grego possui um estilo e maneira de descrever as ações diferente da utilizada na época, levantando suspeitas de que teria sido escrito posteriormente e que Mateus e Levi teriam sido pessoas diferentes (tanto que “Mateus” não é nem mencionado nos Evangelhos de João).

Terminou seus dias pregando na Palestina e na Etiópia, onde foi martirizado.

Filipe

São Filipe, ou Saint Phillip, já era um dos discípulos de Yeshua e foi ele quem apresentou Nathanael (ou Bartolomeu) para ele. Nascido na cidade de Bethsaida, estava relacionado com André e Pedro dentro da comunidade essênica. De acordo com a Igreja Alexandrina, Filipe era casado e tinha filhos.

Junto com Bartolomeu, Filipe ficou encarregado de pregar na Grécia e Síria. Após quase vinte anos de pregações, acabou crucificado em 54 d.C. na cidade de Hierapolis.

Tiago Menor

Tiago, filho de Alfeu, também conhecido como Santiago Menor (para distingui-lo de Santiago Maior e Tiago, o Justo), é referido no Novo Testamento como um irmão do apóstolo Judas e filho de Maria, esposa de Cléofas. Foi o primeiro bispo de Jerusalém (anos 42 a 62 d.C) o mesmo que escreveu uma das Epístolas do Novo Testamento. Como “Alfeu” também é mencionado como pai de Levi, é possível que os apóstolos Tiago e Mateus sejam irmãos.

É conhecido como “James” na bíblia Inglesa (que também é a razão pela qual “James Potter”, pai do Harry Potter foi traduzido como “Tiago” em português). Seu símbolo é uma serra de carpinteiro.

Flávio Josefo em sua obra *Antiguidades Judaicas* narra que este apóstolo tomou para si o encargo de dirigir a Igreja de Jerusalém após a partida de Pedro e que participou ativamente do primeiro Concílio da Igreja, que tratava da questão da circuncisão e da pregação do evangelho para os pagãos, evento este que teria ocorrido por volta de 54 d.C.

Tiago foi o líder da comunidade cristã daquele local por cerca de dezoito anos, provocando a fúria dos sacerdotes judeus, em especial o sumo sacerdote Anás II, que instigaram as turbas dos judeus a trucidarem Tiago.

Tomé

São Tomé, o padroeiro dos ateus e céticos, também conhecido como São Tome Didymus ou São Tomé Didimo ou Thomas, na bíblia inglesa. Os textos Apócrifos o chamam de Judas Tomé. O engraçado é que Tomé não é exatamente um nome, mas um adjetivo, que significa “gêmeo”, o mesmo vale para Didymus, que é gêmeo em grego. Mas permanece a pergunta: Irmão gêmeo de quem? O livro apócrifo *Livro de Tomé, o Adversário* diz que Tomé é irmão de Yeshua.

Da mesma forma que se acredita que Pedro e Paulo disseminaram as sementes do cristianismo pela Grécia e Roma, Marcos pelo Egito e João pela Síria e Ásia Menor, Tomé teria levado a Palavra à Índia, tendo sido o primeiro dos Católicos do Leste.

As várias denominações da moderna da Igreja oriental dos Cristãos de São Tomé atribuem suas origens à sua tradição oral, datada de fins do século II, que alega ter Tomé chegado a Maliankara, próxima à vila de Moothakunnam, na região de Paravoor Thaluk, em 52 d.C. Esse vilarejo está localizado a 5km de Kodungallur, no Estado indiano de Kerala, e contém as igrejas dedicadas a São Tomé, popularmente conhecidas como Ezharappallikal (“As Sete igrejas e meia”). Essas igrejas estão em Cranganor, Couião, Niranam, Nilackal (Chayal), Kokkamangalam, Kottakkayal (Paravoor), Palayoor (Chattukulangara) e Thiruvithamkode – a meia-igreja.

Foi provavelmente o mais ativo do apóstolos ao leste da Síria. Uma tradição informa que ele pregou até à Índia. Os cristãos indianos chamados Martoma, uma denominação muito antiga dentro do Cristianismo, o reverenciam como o fundador dela. Segundo esta igreja, Tomé foi morto lá pelas lanças de quatro soldados.

[*Nota do editor:* Tomé também empresta seu nome ao título de um dos evangelhos apócrifos de maior profundidade espiritual, *O Evangelho de Tomé*, encontrado em Nag Hammadi em 1945 juntamente com inúmeros outros apócrifos. Não é tão improvável que tenha sido originalmente escrito ou ditado pelo próprio Tomé.]

João

João, ou John, é o único dos apóstolos que morreu de morte natural em idade avançada. Ele era o líder da Igreja na região da cidade de Éfeso, e é-se dito de que tinha Maria, a mãe de Jesus, em sua casa, de quem cuidava. Durante a perseguição do imperador romano Domiciano, pelo meio da década de 90 d.C., ele foi exilado na Ilha de Pátmos. Foi ali, segundo se crê, que ele teria escrito o último livro do Novo Testamento: o *Livro do Apocalipse*. O Livro do Apocalipse (Ou Livro das Revelações), que em sua essência, é uma versão do *Livro de Toth* que ensina os iniciados a construírem seus próprios Arcanos do Tarot. O Apocalipse é constituído de 22 capítulos, cada um dedicado a um arcano diferente. Como utiliza de muitas alegorias e os católicos levam absolutamente TUDO ao pé da letra, eles acham que o livro trata do fim do mundo, da besta do apocalipse, do fogo do inferno, de serpentes e trombetas. Deste livro saiu toda a mitologia em torno do número 666 [ver Cap.6: Demônios].

Existe uma controvérsia a respeito do João Evangelista e João de Patmos serem pessoas diferentes.

Judas Iscariotis

Também conhecido como Judas Sicário, acabei de falar sobre ele no último artigo.

Alguns estudiosos entendem que o nome Judas foi diabolizado no Novo Testamento, com a intenção de agredir o povo judeu, como sendo responsáveis morais pela morte de Cristo. Judas, em grego Ioudas, é uma transliteração do nome hebraico Judá. Durante muito tempo, a Igreja Católica associou a figura de Judas Iscariotes ao povo judeu pelo fato de não terem aceitado Jesus de Nazaré como o prometido Messias (ou Cristo). Esta convicção uniu-se a outros fatores antisemitas, servindo de justificação para a perseguição religiosa. Mais tarde, como veremos, ela foi utilizada pela doutrina dos Cavaleiros Teutônicos e, posteriormente, pelo Regime Nazista.

Judas pode ter sido morto, ter se suicidado ou, de acordo com os textos apócrifos que ele mesmo escreveu, ter se retirado para o deserto para passar seus dias em meditação.

Pedro

Pedro, cujo nome original era Simão (Marcos 3:16) e em muitas igrejas é conhecido como Simão Pedro, dono de uma das companhias marítimas de Bethsaida, na Galiléia (João 1:44, João 12:21) e chamado na bíblia de “pescador”. Alguns textos medievais o chamam de “Simon Bar”, “Jochanan” (os textos aramaicos) e “Kephra” (que significa “Rocha”, nos textos gregos).

Nos Evangelhos Sinóticos, o nome de Pedro sempre encabeça a lista dos discípulos de Jesus. Assim como seu irmão André, antes de seguir Jesus, tenha sido discípulo de João Batista entre os essênios.

O apóstolo Pedro, depois de ter exercido o episcopado em Antioquia, tornou-se o primeiro Bispo de Roma. Depois de solto da prisão em Jerusalém, o apóstolo viajou até Roma e aí ficou até ser expulso com os judeus e cristãos pelo imperador Cláudio, época em que voltou a Jerusalém e participou da reunião de apóstolos sobre os rituais judeus no chamado Concílio de Jerusalém. Após esta reunião, ficou em Antioquia (como o seu companheiro de ministério, Paulo, afirma em sua carta aos gálatas). É tido pelos católicos como o primeiro papa. Foi mártir na cidade de Roma em cerca de 64 d.C., durante a perseguição do imperador Nero.

Junto com Paulo de Tarso (também conhecido como São Paulo, que NÃO era um dos apóstolos originais, ao contrário do que muita gente pensa), fundaram o bispado de Roma que, por “ter sido fundado por dois apóstolos” tinha primazia sobre os demais bispados.

Pedro foi crucificado de cabeça para baixo no Circo de Nero a seu próprio pedido, por não se sentir de valor suficiente para morrer da mesma forma que o seu Senhor havia morrido. São Pedro também é tradicionalmente o detentor das “Chaves do Paraíso”, que abrem as portas do céu. Mas falarei sobre isso outro dia...

Ironicamente, a cruz que representa o primeiro papa hoje é considerada um símbolo “satânico”. Mas quem foi que fez esta associação? Tio Marcelo foi pesquisar e descobriu que a foram os EVANGÉLICOS (mas não os pastores estelionatários brasileiros... os evangélicos pentecostais americanos foram os primeiros a associar a cruz de São Pedro ao anticristo, em uma tentativa de atacar os católicos novaiorquinos logo no começo do século XX). Mais tarde, os pseudo-satanistas de plantão adotaram esta cruz como seu símbolo, na década de 60. Engraçado que, graças a Hollywood, todo mundo pensa que esta associação é antiga, dos tempos medievais, talvez... Mas ela não tem nem um século.

André

André, ou Andrew, foi discípulo de São João Baptista, e cedo se tornou um dos primeiros seguidores de Jesus (com Pedro, de quem era irmão, e Tiago).

Após a crucificação de Yeshua, André foi para a “terra dos canibais”, que hoje são os países que compuseram a ex-União Soviética, região identificada por Cítia, por Eusébio de Cesaréia. Os cristãos daquela região atestam que ele foi o primeiro a levar o Evangelho para lá. Ele também pregou na Ásia Menor, hoje conhecida como Turquia, e na Grécia, onde acabou sendo crucificado em uma cruz em forma de X.

A tradição narra ainda que foi crucificado em 30 de novembro do ano 60 d.C. em Patras, no Peloponeso (na então província romana da Acaia, correspondente ao sul da moderna Grécia – como referência para os mochileiros, Patras é a cidade em que você chega na Grécia se vier de barco pela Itália usando o Europass), numa cruz dita Cruz decussata (em forma de X), a qual tomou o nome de Cruz de Santo André. De acordo com a tradição, as suas relíquias foram trasladadas de Patras para Constantinopla, e mais tarde, pelos Cavaleiros Templários, para a cidade escocesa de Saint Andrews. Santo André é considerado patrono da Escócia e sua cruz é usada na bandeira deste país.

Também é considerado o fundador da igreja em Bizâncio (Constantinopla e, atualmente, Istambul), motivo pelo qual é considerado o primeiro Patriarca de Constantinopla.

Tiago Maior

São Tiago maior, ou Tiago, filho de Zebedeu, era filho de Zebedeu e Salomé (não confundir com a mulher que mandou matar João Batista; esta Salomé, mãe de Tiago, era, ao lado de Maria Madalena, uma das principais discípulas de Yeshua), e irmão do apóstolo São João Evangelista.

Os nomes Tiago e Jaime derivam indiretamente do latim Iacobus, por sua vez uma latinização do nome hebraico Jacob (aportuguesado em Jacó).

Com o decorrer do tempo, o nome evoluiu em diversas direções, de acordo com as línguas: manteve-se Jakob em alemão e em outras línguas nórdicas, James em inglês, Jacques em francês.

Yeshua chamava Tiago e João de Boanerges, ou seja, “Filhos do Trovão”, assim como Thor ou Ares.

Foi o primeiro apóstolo a morrer, e teria sido mandado decapitar por ordem de Herodes Agripa I, rei da Judeia, cerca do ano 44 d.C., em Jerusalém. É, aliás, o único apóstolo cuja morte vem narrada na Bíblia, nos Atos dos Apóstolos, 12, 1-2 (“Ele (Herodes) fez perecer pelo fio da espada Tiago, irmão de João”). Esta espada que decapitou tanto

São João Batista quanto Tiago Maior tornou-se uma relíquia templária. Falarei mais sobre ela quando chegar na lenda do Rei Arthur e Excalibur [ver Cap.10].

O seu corpo foi, então, transportado para a Espanha, e sepultado na Galiza, no lugar de Compostela (depois chamado, em sua honra, Santiago de Compostela). Sobre essa tumba viria a ser erguida a Catedral de Santiago de Compostela e teria tido início a Peregrinação a Santiago de Compostela, a terceira cidade mais importante no cristianismo (atrás apenas de Jerusalém e Roma).

Bartolomeu

São Bartolomeu, ou Nathanael, tem muito pouco escrito sobre ele nos evangelhos clássicos.

Fez viagens missionárias para muitas partes. Porém tal informação é passada através de uma tradição. Ele teria ido a Índia com Tomé, voltou à Armênia, e foi também à Etiópia e ao sul da Arábia. Existem várias informações de como ele teria encontrado a sua morte como mártir do Evangelho no Cáucaso, sendo a mais difundida a de que teria esfolado vivo e, depois, decapitado pelo governador de Albanópolis, atual Derbent. Suas relíquias estão atualmente em Roma.

Matias, o suplente

Matias foi o escolhido entre os 120 principais seguidores de Yeshua para ficar no lugar de Judas Iscariotes.

Uma tradição diz que São Matias foi para a Síria com André; pregou o Evangelho na Judéia, seguindo para a Etiópia e, posteriormente, se dirigiu para região da Cólquida (agora conhecida como Geórgia Caucasiana), onde foi crucificado. Um marco localizado nas ruínas da fortaleza romana de Gônio, atual Apsaros, nas modernas regiões georgianas de Adjara indicam que Matias estará sepultado naquele lugar.

[Obs.: a história do cristianismo antigo prossegue no Cap.9: História Oculta]

JESUS, O ÍDOLO DOS ATEUS

30.11.2009

O termo *atheos* surgiu durante a Grécia Antiga, em aproximadamente 500 a.C., onde o termo significava “sem Deus”, ou “aquele que cortou seus laços com os deuses”, e designava um sacerdote que estava rompendo seus laços com seu antigo templo.

O termo foi muito usado nos primeiros séculos após as pregações do Avatar Yeshua, em debates entre helenistas (os sacerdotes gregos), essênios e outras facções de cristãos primitivos (antes do Vaticano) onde cada um dos lados usava o termo para designar pejorativamente o outro. Este termo nunca era designado para um membro do povão e seria impensável alguém se autoproclamar “ateu”. Era o equivalente a um xingamento.

E Jesus, para os helenistas, era o exemplo máximo dos ateus.

Uma das primeiras coisas que eu aprendi quando estudava Religiões e Mitologias comparadas é a de nunca julgar um movimento religioso ou filosófico com os olhos do presente. Para entender o que realmente estava se passando, é necessário nos colocarmos no tempo e no espaço onde cada movimento religioso ou filosófico ocorreu.

E o mesmo vejo acontecer com o dito “movimento ateu” aqui no Brasil. Sempre que leio em algum lugar um alegado ateu que diz, “Eu não acredito em Deus”, eu penso, “Não acredita em Deus ou não acredita no Deus psicopata, vingativo e ao mesmo tempo amoroso e magnânimo (dupla personalidade?) que a Igreja Católica inventou e empurrou goela abaixo durante toda a sua vida?”.

Deus não é um velho sentado na montanha

Entendendo a Kabbalah, podemos perceber que o Jeová (YHVH) bíblico, em suas duas faces, nada mais é do que a representação dual das esferas Geburah (Força, representando a grande restrição e molde das formas) e Chesed (Misericórdia, representando o grande provedor universal) atuando sobre as esferas mais baixas da Árvore da Vida (que é um mapa dos estados de consciência do ser humano). Não há nada que já não estivesse DENTRO do ser humano o tempo todo.

Yeshua sabia disso, e o Deus (Keter) que ele pregava é um deus simbólico das arestas que devemos aparar em nós mesmos para atingir o nível de consciência divino. Em outras palavras, Jesus ensinou aos homens como se tornarem deuses (Yeshua era chamado de “O Portador da Luz” em algumas ordens cristãs primitivas... Este nome... “Portador da Luz”, lembra alguma coisa para vocês?).

Outra coisa que precisamos deixar claro é que, hoje em dia, a maioria das pessoas acha que Deuses eram algo como os X-Men: criaturas fantásticas cheias de poderes que lançavam raios e trovões, voavam, acertavam flechas a quilômetros de distância e podiam transformar chumbo em ouro. Na verdade, fora dos círculos do povão, os Iniciados sempre souberam que os deuses nada mais são do que grandes egrégoras voltadas para a personificação de forças naturais.

São Iniciações nas quais você aprende no Plano físico (Malkuth) a lapidar sua forma de pensar (Hod), sentir (Netzach) e intuir (Yesod) de modo a dominar os seus 4 elementos interiores para permitir o contato com o ser Crístico (e tem cético que acha até hoje que os quatro elementos da alquimia são literais... terra, ar, água e fogo).

Alegorias

Muitos dos ensinamentos da kabbalah são passados adiante através de alegorias, cujas chaves, imagens e desenhos são necessárias para se entender (e principalmente SENTIR) a mensagem que se quer passar. Para os obtusos que não conseguem enxergar nada além do

Plano Material, estas alegorias nada mais são do que “contos de fadas”.

Tomemos um exemplo clássico: Todo mundo sabe que os alquimistas são capazes de “transformar chumbo em ouro”. Mas transformamos o chumbo do ego no ouro da essência. Vocês acreditam que outro dia numa rede social um dos líderes de comunidades céticas estava em uma discussão exigindo “provas laboratoriais” da transformação de chumbo em ouro? Tem como ser mais patético do que isso?

Vamos pegar outro exemplo, um conto de fadas clássico: “A princesa está aprisionada em um castelo ou masmorra, protegida por um dragão. Um cavaleiro de armadura reluzente vai até ela, derrota o dragão e salva a princesa, casando-se com ela e, como Rei e Rainha, são felizes para sempre”.

Isto nada mais é do que uma alegoria dentro da Kabbalah para demonstrar o caminho de um iniciado até estar purificado para receber o ser Crístico e tornar-se um boddisathva (ou iluminado, ou christos, ou mestre ascencionado, ou qualquer outro nome que queiram dar para isso).

Dentro da simbologia, a princesa representa Yesod, nossa intuição, aprisionado na Pedra Bruta (que é o castelo ou masmorra, representando o plano material de Malkuth).

Através do cavaleiro, que SEMPRE tem uma armadura brilhante e representa todas as sete virtudes, personifica o SOL crístico (Tiferet) da beleza que vai trabalhar esta reforma íntima.

O Dragão representa os 4 elementos (além de ser uma serpente de asas, ele cospe fogo, voa pelo ar, nada na água e caminha sobre a terra) que, por sua vez, representa o caminho de evolução da consciência através das esferas de Hod (razão), Netzach (emoção) e Malkuth (físico), chegando até Tiferet (espiritual).

A luta entre o dragão e o cavaleiro representa a essência divina sendo despertada e dominando cada etapa dos 4 elementos (material, intelectual, emocional e espiritual) até que a fagulha divina (princesa) é libertada e se casa com o cavaleiro (no chamado

Casamento Alquímico – ver poema de William Blake e música do Bruce Dickinson de mesmo nome) e tornam-se Rei (Hochma) e Rainha (Binah), ultrapassando o Véu de Paroketh e escalando a Árvore da Vida. Falaremos mais sobre isso quando começarem os artigos sobre a Kabbalah.

Podemos lembrar também da história Perseu e Andrômeda, ou mesmo da alegoria católica para “São Jorge derrotando o dragão” e muitas, muitas outras...

Então, a moral da história é: Enquanto as pessoas ficarem procurando por deuses fora de si mesmos, sempre existirá algum pilantra disposto a vendê-los e a dizer o que vocês podem e o que não podem fazer. O Oráculo de Delfos dizia “Conhece a ti mesmo, e conhecerá os deuses e as maravilhas do Universo”. E é disso que se trata a alquimia, astrologia e a kabbalah. Tornar-se você mesmo um deus.

Mas tio Marcelo, e os deuses?

Use os outros deuses para obter sabedoria. Não os Venere (do latim Venerationem, ou “curvar-se à”), mas os Admire (do latim Admirationem, ou seja “exalte seus sentimentos”). Todos os deuses de todas as mitologias possuem histórias por trás deles e todas estas histórias trazem grandes ensinamentos.

Por outro lado, os deuses formam grandes e poderosas Egrégoras, cheias de energia para serem usadas por aqueles que sabem como acessá-las. Você acha mesmo que pessoas muito mais inteligentes que você iriam venerar um “deus com cabeça de elefante”? A alegoria de Ganesha (meu deus favorito, aliás) é uma das mais lindas e completas lições de vida que já encontrei nas mitologias.

Mas voltando ao assunto – então surge a grande questão, “Se todos os deuses estão dentro de seus pensamentos apenas, mas todo pensamento é projetado no astral, então os deuses estão ao mesmo tempo no Universo e dentro de você”, o que nos remete ao Oráculo

de Delfos novamente. Parece uma serpente mordendo a própria cauda...

Entendendo os ateus e céticos

Muitas pessoas, lendo meus artigos nesta coluna, devem achar que eu odeio os ateus e céticos ou sou o nêmesis deles, mas nada está mais afastado da verdade. Eu compreendo perfeitamente a posição na Árvore da Vida em que eles estão (da mesma maneira como também compreendo os fanáticos religiosos ou os místicos hippies ou os ateus materialistas).

Tem gente que deve imaginar até que eu e o Kentaro Mori [outro colunista do *Sedentário & Hiperativo*, focado em ceticismo e ciência em geral] somos inimigos mortais, mas a verdade é que às vezes passamos madrugadas inteiras batendo papo online, e eu o acho um cara muito inteligente e muito gente boa.

Ele tem me ajudado a bolar alguns parâmetros científicos rigorosos para experimentos em alguns laboratórios rosacruz, e eu tenho passado pra ele imagens, fotos e ideias que não tive tempo de pesquisar para ele me ajudar a descobrir se são hoaxs [boatos falsos] ou não.

Como o ocultista William Blake disse, “Sem opostos não há progresso”.

Todo ocultista é, obrigatoriamente, um cético. Se não for, vai virar um *esquisotérico* comprador de revistas de horóscopo, amigo dos gnomos de Além da Lenda, abraçador de árvores, entoador de mantras hippies, leitor de revistas de *pink wicca* e outras modinhas toscas, o que não os tornaria nem um pouco diferentes de um fanático religioso ou de um cético tapado.

Dentro da kabbalah, todos estes casos são desvios do Caminho do Equilíbrio (a título de curiosidade, caminho 25, Arcano XIV, a Temperança): Os materialistas puros (Malkuth), os misticóides (Yesod), os fanáticos céticos (Hod) e os fanáticos religiosos (Netzach).

Todos os excessos dos 4 elementos que precisam ser equilibrados na alquimia!

Para entender um ateu, precisamos nos colocar no lugar dele, e acompanhar o desenvolvimento do termo ao longo da história: A partir de Constantino, a religião “oficial” de Roma passou a ser aquele “cristianismo frankenstein” que ainda vamos estudar, mas qualquer pessoa que não estivesse de acordo com a doutrina romana seria considerado um pagão (vindo do latim *pagani*, ou “pessoa do campo”) ou ateu (“que não possui deuses”).

Esta classificação era meramente filosófica, pois ambos deveriam converter-se ou iriam para a fogueira e nenhum dos dois tipos realmente acabava se convertendo.

No caso dos Pagani, a Igreja bolou formas de absorver, converter seus deuses em diabos e transformar datas festivas em datas católicas (vide 25 de Dezembro). No caso dos ateus, não havia muito o que se fazer a respeito. Uma das curiosidades é que, ironicamente, a imensa maioria das pessoas consideradas *atheos* pela Igreja encontrava-se dentro das fraternidades rosacruz (os filósofos iluminados).

Por que “Iluminados”?

Porque dentro destas escolas de pensamento, considera-se que quem está no começo de sua trilha espiritual está “nas trevas da ignorância” e, conforme vai galgando os degraus do autoconhecimento e se lapidando, adquirindo cada vez mais “luz da sabedoria”, até que passa a irradiar esta luz para outras pessoas, ou seja, tornar-se iluminado.

Note que esta “luz” só aparece com muito esforço. Ficar sentado de cabeça baixa esperando alguém te iluminar vai te transformar apenas em uma pedra que recebe luz, mas o brilho precisa vir de dentro para fora, através da lapidação dos defeitos capitais (os tais “7 pecados” que eu vou esmiuçar em artigos futuros). A pessoa precisa “buscar” esta luz através do ceticismo e do ocultismo e, nesta jornada, torna-se um buscador. Note novamente a semelhança com a história de Prometeu/Lúcifer.

Voltando aos Ateus

Posso imaginar um ateu brasileiro como uma pessoa com inteligência acima da média, que tem entre 16 e 40 anos e morou no Brasil por quase toda a sua vida. Esta pessoa foi alimentada com bizarrices durante toda a sua vida:

Falaram para ele na escola que um sujeito colocou dois animais de cada espécie em um barquinho durante 40 dias para escapar da chuva, falaram que Deus criou o mundo em 7 dias, que a Terra tem 6.000 anos de idade, que uma torre desmoronando era a responsável pelas línguas da Terra e por ai vai... E que tudo isso era “a palavra de Deus”.

Mais tarde, jogam na nossa cara um Jesus-Apolo com uma história toda picotada e incompreensível e dizem que “ele morreu pelos nossos pecados” ou “morreu para nos salvar”. E pior, que se não acreditarmos nele, este deus bondoso e magnânimo nos lançará nas profundezas do inferno para sermos torturados pela ETERNIDADE.

Qualquer pessoa que tenha um mínimo de inteligência e cultura vai começar a questionar tudo isso.

As pessoas mais velhas, por terem passado 30... 40 anos ouvindo estas histórias em um período sem troca de informações (não havia internet) e onde a dominação educacional, moral e dogmática era MUITO mais pesada do que a nossa certamente terão muito mais dificuldades em largarem este pensamento. Temos de ter paciência e compreender a posição deles: eles nunca tiveram acesso ao conhecimento “oculto”.

Os mais jovens passam pelo estágio da negação: tendo uma inteligência acima da média, escutam essas coisas e assistem ao show de horrores e injustiças que é a cultura do dízimo e pensam, “Que merda é essa? Isso não pode ser sério!”, e passam a se considerar ateus.

É o que eu considero um “ateu estágio 1”. A criação do não-deus como resposta aos absurdos das Igrejas caça-níqueis. A imensa

maioria do pessoal que eu conheço que se denomina “ateu” começa nesta posição.

A partir deste estágio, a pessoa pode se dividir em três categorias: as que adquirem uma revolta interior tão grande com isso que assumem uma forma mais agressiva de contestar esta religião, abraçando qualquer outra coisa que lhe apresentem apenas como resposta direta aos ataques dos crentes... O problema com isso é que estas pessoas geralmente são manipuladas por iniciados em NOX e Goetia para servirem de gado energético com seus “rituais satânicos” disponíveis na internet (um dia eu falo mais sobre satanismo sério) ou montam a sua “religião do não-deus católico” e saem por ai pregando. Esse pessoal, que costumamos chamar de “satanistas das redes sociais“, leram meia dúzia de livros do Aleister Crowley, não têm a menor ideia de como a ritualística funciona e geralmente são vampirizados e usados como baterias energéticas para iniciados de verdade das Fraternidades Negras.

A segunda categoria é a dos preguiçosos mentais, que decidem parar seu ceticismo por ai. Decidem que “todas as religiões são iguais, não preciso estudar nenhuma, ninguém presta, são todos picaretas e são todas iguais”, e normalmente pensam o mesmo das ciências ocultas, fazendo uma *mistureba* com os charlatões, videntes e afins (e eu também nem vou culpá-los por isso, porque a coisa é realmente suína no ramo misticóide). Eles normalmente consideram efeitos espirituais como fraudes (e também não podemos julgá-los, já que a maioria das coisas que aparecem na TV é mesmo uma palhaçada), mas nunca se deram ao trabalho de buscar pessoalmente qualquer tipo de comprovação, seja para sim, seja para não. Desta categoria surgem os fanáticos-céticos.

Falar “Deus não existe” é, na melhor das hipóteses, uma demonstração de ignorância, arrogância e prepotência, que assumiria que o indivíduo estudou tudo o que há para ser estudado no planeta e, do alto do conhecimento total, poderia tecer algum comentário

semelhante. Por outro lado, falar “Deus existe” quando esse “Deus” é aquela aberração fabricada pela Igreja Católica também é um contrassenso... Oh, a ironia.

E percebemos que o comportamento destes céticos é **EXATAMENTE IGUAL** ao dos fanáticos religiosos. Ambos são “donos totais da verdade suprema e absoluta incontestável”. Discutir com eles é tão ou mais perda de tempo do que discutir com um pastor evangélico.

A terceira categoria é a que eu respeito. Estes buscadores céticos estudam as outras religiões e filosofias (e por estudar não quero dizer “fuçaram na wikipedia”) e entendem os princípios de suas filosofias e doutrinas, chegando até mesmo a absorver e comparar seus ensinamentos sem se deter nos dogmas impostos (Não mentir, não roubar, não matar, ter ética...). Eles podem chegar à conclusão que “nenhuma das religiões que conheci até agora me serve” (esta resposta eu respeito), mas isso não os impede de continuar estudando e respeitando quem ainda não chegou neste estágio.

Eventualmente ele pode encontrar uma filosofia que lhe sirva, OU continuará uma eterna busca. O mesmo vale para os tais “fenômenos sobrenaturais” (e também pode ser estendido para as informações que eu coloco nesta coluna).

Eu, pessoalmente, acredito que não existe nada “sobrenatural”; existem apenas coisas “naturais” que a ciência ortodoxa não teve capacidade para explicar ainda. Incluindo os espíritos e a magia.

Alguns buscadores acabam chegando a um deus-pessoal, ou seja, o chamado EU SOU. Se basta ter um adorador para qualificar um Deus, se você adorar (do latim Adore, ou “conversar, conhecer”) a si mesmo, isto não configuraria o suficiente para classificá-lo como um Deus? Neste estágio, eles deixam de se tornar um “sem-deus” e se tornam a própria divindade, sem necessidade de procurar nada externo (olha o Oráculo de Delfos novamente, crianças).

O Deus-Ciência

Posso afirmar que o universo que conhecemos foi criado no Big Bang (sopro divino), que formou as galáxias, estrelas e planetas, todos compostos dos mesmos átomos originais, apenas combinados de maneira diferente. Os seres humanos são um amontoado de átomos provenientes desta poeira cósmica, que um dia morrerão e serão recombinaados em outros átomos para formar outros seres humanos; assim “reencarnando”. Um dia, quando o universo parar de se expandir e passar a se comprimir, ele acabará no Big Crush e todos os átomos retornarão à origem (embora esta teoria ainda esteja sendo intensamente debatida entre os físicos).

Chame o Big Bang de “Deus” e temos: “O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, e um dia retornará ao criador. O homem é Deus”. E a Kabbalah se prova certa mais uma vez, mesmo no maior dos materialismos.

*Non nobis, Domine, Domine, non nobis, Domine
Sed nomini, sed nomini, tuo da gloriam.*

5. Magia e Kabbalah

FAZE O QUE TU QUERES, HÁ DE SER O TODO DA LEI

05.03.2008

O dicionário Webster classifica religião como “o serviço e veneração a Deus ou ao sobrenatural; um conjunto de leis ou um sistema institucionalizado de atitudes religiosas, crenças e práticas; a causa, princípio ou sistema de crenças efetuada com ardor e fé”. Ele também coloca a palavra Ritual como sendo “uma forma estabelecida de cerimônia; um ato ou ação cerimonial; qualquer ato formal ou costumeiro realizado de maneira sequencial”.

Porém, nenhum dicionário vai conseguir dar a vocês a verdadeira definição de Magia. Magia é um processo deliberado no qual eventos do desejo do Mago acontecem sem nenhuma explicação visível ou racional. Os católicos/evangélicos chamam estes eventos de Milagres quando são produzidos por eles e de “coisas do demônio” quando são produzidos por outras pessoas. As religiões ortodoxas acabaram presas em uma armadilha que elas mesmas criaram a respeito dos rituais e da magia. Embora a Igreja Católica (e as Evangélicas por extensão, com seus óleos sagrados, águas do rio Jordão e círculos de 318 pastores) use e abuse de rituais de magia baixa em seus cultos, o mero comentário que seus fiéis estejam usando rituais de magia pode te arrumar confusão.

Então... como os magos definem magia? Um Ritual de Magia é apenas e tão somente a canalização de energias de outros planos de existência, através de pensamentos, gestos, ações e vocalizações

específicas, em uma forma manifestada no Plano Físico. O nome que se dá a isso é Weaving (tecer), de onde se originam as palavras Witch (bruxa) e Wiccan (bruxo). Não confundir com a baboseira new age que se difundiu no Brasil e que chamam de “wicca” por aí. Estou falando de coisas sérias.

A ideia por trás da magia é contatar diversas Egrégoras (chamadas de Deuses ou Deusas) que existem em uma dimensão não material. Os magos trabalham deliberadamente estas energias porque as Egrégoras adicionam um poder enorme ao Mago para a manifestação de sua vontade (Thelema, em grego).

O primeiro propósito de um ritual é criar uma mudança, e é muito difícil realizá-las apenas com a combinação dos arquétipos e de nossa vontade solitária. Para isto, precisamos da assistência destas “piscinas de energia” que chamamos de Divindades.

Tudo o que é usado durante a ritualística é um símbolo para uma energia que existe em outro plano. O que define se o contato irá funcionar ou não depende do conhecimento que o Mago possui destas representações simbólicas usadas no Plano Material. O estudo e meditação a respeito da simbologia envolvida nas ritualísticas é vital para o treinamento de um mago dentro do ocultismo.

Para conseguir trazer estas energias das Egrégoras para o Plano Físico, os magos precisam preparar um circuito de comunicação adequado, de maneira a permitir o fluxo destas energias. Isto é feito através da ritualística, do uso de símbolos, da visualização e da meditação.

Para manter este poder fluindo em direção a um objetivo, é necessário criar um Círculo de Proteção ao redor da oficina de trabalho. Este circuito providencia uma área energética neutra que não permitirá que a energia trabalhada escoar ou se dissipe. Este círculo pode ser imaginário, traçado, riscado ou até mesmo representado por cordas (como a famosa “corda de 81 nós” usadas nas irmandades de pedreiros livres na Idade Média).

O círculo de proteção também pode ser usado para limpar um ambiente, para afastar energias negativas ou entidades astrais indesejadas.

Para direcionar este controle e poder, o mago utiliza-se de certas ferramentas de operação, para auxiliar simbolicamente seu subconsciente a guiar os trabalhos no plano mental e espiritual. É por esta razão que a maioria das escolas herméticas utiliza-se dos mesmos instrumentos, como taças, moedas, espadas, adagas, incensos, caldeirões, ervas e velas. O uso de robes e roupas consagradas especialmente para estas cerimônias também é necessário para influenciar e preparar a canalização das energias destas egrégoras.

Para contatar corretamente cada egrégora, o Mago necessita da maior quantidade possível de símbolos para identificar e representar corretamente a divindade, poder ou arquétipo que deseja. Apenas despertando sua mente subconsciente o Mago conseguirá algum resultado prático em seus experimentos. E como o subconsciente conversa apenas através de símbolos, somente símbolos podem atrair sua atenção e fazer com que funcionem adequadamente.

Podemos fazer uma analogia destas egrégoras como sendo cofres protegendo vastas somas de recursos, cujas portas só podem ser abertas pela chave correta. Rezas, orações, práticas mágicas e venerações “carregam” estes cofres e rituais específicos “abrem” estes cofres. Cada desenho, imagem, vela, cor, incenso, plantas, pedras, símbolo, gestos, movimentos e vocalização adicionam “dentes” para esta chave, como um verdadeiro chaveiro astral (qualquer semelhança com o Keymaker do filme Matrix NÃO é mera coincidência). De posse da simbologia correta do ritual e da realização precisa de cada passo da ritualística, o Mago é capaz “girar a chave”, contatar a egrégora e acessar estes recursos.

Ao final do ritual, estes deuses ou formas arquetipais são liberados para que possam manifestar o desejo para qual foram chamados durante o ritual e também permite que o Mago volte a funcionar no mundo normal. Manter os canais de conexão com os poderes ativos

após o ritual ter sido completado tornaria impossível para uma pessoa viver uma vida normal.

Os magos enxergam o universo como um organismo infinito no qual a humanidade o moldou à sua imagem. Tudo dentro do universo, incluindo o próprio universo, é chamado de Deus (Keter). Por causa desta interação e interpenetração de energias, os iniciados podem estender sua vontade e influenciar o universo à sua volta.

Para conseguir fazer isto, o iniciado precisa encontrar seu próprio Deus interior (chamado pelos orientais de Atmã e pelos ocidentais de EU SOU, ou seja, o seu verdadeiro EU). Este é o verdadeiro significado da “Grande Obra” para a qual nós, alquimistas, nos dedicamos. Tornar-se um mestre da Grande Obra pode demorar uma vida inteira, ou algumas vidas.

A magia ritualística abre as portas para sua mente criativa e para o seu subconsciente. Para conseguir realizar apropriadamente os rituais de magia, o magista precisa desligar o seu lado esquerdo do cérebro (chamado mente objetiva ou consciente, que lida com o que os limitados cétricos chamam de realidade) e trabalhar com o lado direito (ou criativo) do cérebro. Isto pode ser conseguido através de meditação, visualização e outras práticas religiosas ou ocultistas para despertar.

O lado esquerdo do cérebro normalmente nos domina. Ele está conectado com a mente objetiva e lida apenas com o mundo material denso (chamado de Malkuth pelos cabalistas). É o lado do cérebro que lida com lógica, matemática e outras funções similares e também o lado do cérebro responsável pela culpa e por criticar tudo o que fazemos ou pretendemos fazer. Na Kabbalah chamamos este estado de consciência de Hod.

O lado criativo do cérebro pertence ao que chamam de “imaginação”. É artístico, visualizador, criativo e capaz de inventar e criar apenas através de uma fagulha de pensamento. Com o desequilíbrio entre as energias da Razão e da Emoção, o indivíduo pode pender tanto para o lado “cético-ateu” quanto para o lado

“fanático religioso”. Os verdadeiros ocultistas são aqueles que dominam ambas as partes de sua consciência.

Uma das primeiras coisas que alguém que pretende enveredar por este caminho precisa fazer é aprender a eliminar qualquer sensação de falha, insatisfação ou crença materialista no chamado “mundo real”. Esta é a esfera do gado e dos rebanhos.

Diariamente, todos nós somos bombardeados com estas mensagens negativas na forma de “essas coisas não existem”, “imaginação é faz-de-conta”, “só acredito no que posso tocar”, “magia é coisa de filme” e outras baboseiras, condicionando o gado desde pequeno a se comportar desta maneira. Esta é a razão pela qual amigos e companheiros devem ser escolhidos cuidadosamente, não importa a idade que você tenha. *Diga-me com quem anda e te direi quem és.*

Ideias a respeito de limitações ou falhas devem ser mantidas no nível mínimo e, se possível, eliminadas completamente. Para isto, existem certas técnicas de meditação que ensinarei nas colunas futuras.

Desligando o lado esquerdo

Durante um ritual, o lado esquerdo do cérebro é enganado para sua falsa sensação de domínio pelos cantos, gestos, ferramentas, velas e movimentações. Ele acredita que nada ilógico está acontecendo ou envolvido e se torna tão envolvido no processo que esquece de “fiscalizar” o lado direito. Ao mesmo tempo, as ferramentas se tornam os símbolos nas quais nosso lado direito trabalhará.

Existem diversas maneiras de se treinar para “desligar” a mente objetiva durante uma prática mágica. Os mais simples são a meditação, contemplação, rezas e mantras, mas também podemos usar a dança, exercícios físicos até a beira da exaustão, atividades sexuais e orgasmos, rodopios, daydreaming, drogas alucinógenas ou até mesmo bebedeira até o estado de semi-inconsciência. O Exercício da Vela é um ótimo exercício para treinar este desligamento da mente objetiva [buscar no *Teoria da Conspiração*].

Emoções

O lado esquerdo do cérebro não gosta de emoções (repare que a maioria dos fanáticos céticos parecem robzinhos, ao passo que os fanáticos religiosos parecem alucinados), pois emoção não é lógica. Mas as emoções são de vital importância na realização dos rituais. A menos que você esteja REALMENTE envolvido de maneira emocional e queira atingir os resultados, eu recomendo que você feche este browser e vá procurar uma página com mulheres peladas, porque não vai atingir nenhum resultado prático na magia.

Emoções descontroladas também não possuem lugar na verdadeira magia, mas emoções controladas são VITAIS para a realização correta de rituais. O segredo é soltar estas emoções ao final da cerimônia (eu falarei sobre isso mais para a frente).

O primeiro passo para realizar magias é acreditar que você pode fazer as coisas mudarem e acontecerem. A maioria do gado do planeta está tão tolhido de imaginação e visualização que não é capaz nem de dar este primeiro passo, pois acreditam que “estas coisas não existem”. Enquanto você não conseguir quebrar a programação que as *otoridades* colocaram em você desde criança, as manifestações demorarão muito tempo para acontecer.

É o paradoxo do “eu não acredito que aconteça, então não acontece”.

Para começar a fazer as mudanças que você precisa, é necessário matar hábitos negativos. Falarei sobre a Estrela Setenária e os Sete defeitos capitais da alquimia (ou “sete pecados” da Igreja) mais para a frente. Conforme você for mudando seus hábitos, descobrirá que você gostará mais de você mesmo e os resultados mágicos começarão a fluir.

Esta é a origem dos famosos “livros de autoajuda” que nada mais são do que a aplicação destes princípios místicos travestidos de explicações científicas. O livro *O segredo* nada mais é do que uma compilação de ensinamentos iniciáticos desde o Antigo Egito. Ele não funciona para a maioria dos profanos simplesmente porque o

gado não possui a disciplina mental, a imaginação e a vontade (Thelema) para executar o que deve ser executado.

O Bem e o Mal

Algumas Escolas iniciáticas, religiões judaico-cristãs e filosofias de botequim irão te dizer que realizar magias para você mesmo é egoísta e “magia negra”. Esqueça estas besteiras... Se você não é capaz de operar e manifestar para você mesmo, você nunca conseguirá manifestar nada para os outros.

Não existe “magia branca” ou “magia negra”. O que existe é a INTENÇÃO. A magia é uma ferramenta, como um martelo. Você pode usá-lo para construir uma casa ou para abrir a cabeça de um inocente a pancadas. Quando Aleister Crowley disse, “Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei”, ele disse isso para iniciados que já tinham total noção do que deviam ou não fazer dentro da Grande Arte, não para um zé mané iniciante.

Cansei de ver misticóides das redes sociais interpretando esta frase como sendo “vou fazer o que minhas paixões de gado me dizem para fazer”, usando as palavras do grande Crowley para justificar suas imbecilidades.

O Karma é uma Lei Imutável. Assim como a Lei da Gravidade, a Lei do Karma não dá a mínima se você acredita nela ou não, ela simplesmente existe: você sofrerá suas ações. Ponto final.

Por esta razão, é essencial pensar nisso quando se fala em magia. Normalmente, utilizar este tipo de conhecimento para causar o mal gratuito não vale o preço kármico a se pagar depois. Simples assim.

Willpower, baby

A força de vontade humana é uma força real e muito poderosa. Ela é possível de ser disciplinada e produzir o que a uma primeira vista parecem resultados sobrenaturais. A força de vontade é direcionada pela imaginação, que é o domínio do lado direito do cérebro. O universo não é aleatório. “Tudo o que está em cima é igual ao que está embaixo”. Ele é constituído de padrões e conexões, como um

fractal multidimensional de ações. Através das correspondências, do conhecimento dos padrões e da força de vontade, você será capaz de utilizar as forças arquetipais para seus próprios propósitos, sejam eles bons ou malignos.

Os deuses, demônios, devas, elementais, anjos enochianos, djinns, exús, emanações divinas, qlipoths e entidades astrais são amorais. O poder simplesmente está lá. COMO você vai utilizá-lo é que se torna responsabilidade dos magos. Tanto a magia branca quanto a magia negra trazem resultados, mas no final das contas, todos teremos de nos acertar com a Balança de Anúbis e os preços devem ser pagos. Infelizmente, a maioria das pessoas tem esta ideia errada de que Karma significa “punição” ou “recompensa”. Isto vem de um sincretismo com as religiões judaico-cristãs. Karma significa apenas que cada ação traz uma reação de igual força. E que as pessoas são responsáveis por aquilo que fazem.

A simbologia dos deuses *per se* são apenas estímulos para serem usados pela humanidade como catalisadores para uma elevação da consciência e a melhoria do ambiente ao redor do mago. Os rituais, em seu senso mais puro, lidam com transformações no mundo. O conhecimento destas ações é o motivo pela qual as Ordens (a maioria delas) trabalha em ações globais além das ações locais. E esta também é a razão pela qual as *otoridades* tanto temem e perseguem os magos, bruxos e membros de ordens secretas. Eles não querem que o status quo se modifique, pois perderiam todo o poder e o controle sobre o rebanho que possuem.

Carl Jung disse que experiências espirituais são diferentes de experiências pessoais, sendo que a segunda estaria em um nível mais elevado. Isto acontece porque normalmente nem todos em um grupo possuem a concentração ou a dedicação necessária para elevar todo o grupo ao mesmo patamar de consciência (uma corrente é tão forte quanto o mais fraco de seus elos). ESTA é a razão pela qual as ordens secretas (especialmente as invisíveis, já que as discretas já estão sendo

contaminadas faz um tempo pelo gado de avental) escolhem com tanto cuidado seus membros.

Muita gente choraminga a respeito do porque as Ordens Iniciáticas serem tão fechadas, e do porque este conhecimento ficar preso nas mãos de poucas pessoas, mas a verdade é que pessoas perturbadas ou cujo grau de consciência não esteja no mesmo nível do grupo acabarão agindo como sífoes de energia ou criarão caos suficiente para estragar a egrégora das oficinas.

Meditação

O conceito de participar de um ritual ou entrar em um templo sagrado (seja ele um círculo de pedra, uma pirâmide ou uma igreja católica) é o de atingir um estado de consciência conhecido na Índia como “a outra mente”. Durante um ritual, todos os participantes são ao mesmo tempo atores e plateia, ativando áreas da mente que não são usadas durante o dia-a-dia. Através deste jogo, conseguimos libertar nossas mentes e espíritos destes grillhões e alcançar que está além.

HERMES TRIMEGISTUS

30.04.2010

*“O que está em cima é como o que está embaixo.
E o que está embaixo é como o que está em cima.”*

O que é magia? Esta é uma questão que, mesmo em círculos esotéricos, levanta muita discussão. Vários autores e filósofos em todas as épocas teceram variadas interpretações a respeito do assunto. Entretanto, os elementos-chave de todas as definições existentes parecem concordar em apenas um ponto: Magia (ou Magick) envolve o uso da mente humana para causar uma alteração: Mudança no mundo, mudança do próprio indivíduo, mudança para com os outros.

Aleister Crowley definiu magia como “a Arte ou Ciência de causar uma mudança. Para que esta ocorra em conformidade com a Vontade”. Doreen Valiente define magia como “a ciência do controle das forças secretas da natureza”. Scott Cunningham chama a magia de “o movimento de energias naturais para criar uma mudança necessária”. Mas é Margot Adler que tem a definição que considero ser a mais interessante de todas. Ela diz:

“Magia é uma palavra conveniente para toda uma coleção de técnicas, todas as quais envolvem o uso da mente. Neste caso, veremos que todas estas técnicas envolvem a mobilização da confiança, vontade e emoção, direcionadas a partir do reconhecimento da necessidade, do uso das faculdades da imaginação, principalmente através da habilidade de visualizar, a fim de entender como outros seres funcionam na natureza para que possamos usar este conhecimento de forma a atingir os fins necessitados”.

Magia, portanto, é um instrumento da mente e, como tal é mental por natureza. Magia é um meio através do qual a vontade (Thelema), a emoção (Emotionem) e a imaginação (Imaginatio) criam uma mudança verdadeira no mundo físico. Como, porém, pode um instrumento mental e não físico criar uma alteração no mundo físico e corpóreo? A resposta está na Verdade de que o universo em si mesmo é Mental por natureza e que a mente é a chave para abrir os poderes do Cosmo.

“Substância” pode ser definida como aquilo que está por dentro de todas as manifestações exteriores. Atrás de toda aparência exterior neste mundo e em todos os outros mundos, deve existir uma realidade substancial. Um imenso Panteão de deuses e deusas mostranos como o homem tentar dar nome a esta realidade substancial. Como John Barnes afirmou certa vez, “O Todo é a Realidade Substancial que está escondida em todas as manifestações de vida. O

Todo é a Grande Avó-Avô que criou a si mesma, que sempre existiu e que irá existir para sempre.”

Uma das chaves para entender como o Universo funciona nos foi dada por Hermes-Toth, também conhecido como Hermes Trismegistus. Algumas pessoas o consideram um deus, outras um grande iniciado, e algumas ainda acreditam que este nome represente uma das primeiras Ordens Iniciáticas do Antigo Egito e Grécia, cujos trabalhos de seus Iniciados perduram até os dias de hoje, através da ciência conhecida como Hermetismo. A seguir, falarei um pouco sobre quem foi esta figura e o que ele nos deixou de legado.

Toth

Toth (ou Thoth) é considerada uma das divindades mais importantes do Egito. Também chamado de “O escriba dos Deuses”, ele é geralmente descrito como tendo a cabeça de um Íbis.

Sua contraparte feminina era Maat, deusa da Justiça, e seu principal templo ficava em Khemennu (que os gregos chamavam de Hermopolis e os árabes de Eshmunen). Mas Toth também tinha templos iniciáticos em Abydos, Hesert, Urit, Per-Ab, Rekhui, Ta-ur, Sep, Hat, Pselket, Tamsis, Antcha-Mutet, Bah, Amen-heri-ab e Takens. Nestes templos, seus discípulos aprendiam as bases do que chamamos de “Livro de Toth”, ou como é conhecido pelos profanos, o Tarot.

As 78 lâminas, também chamada “Espelho da Alma”, são capazes de reproduzir simbolicamente todos os fluxos de energia que permeiam uma situação (as pessoas acreditam que o Tarot serve para “prever o futuro” mas isto não é verdade. Seu uso principal é para autoconhecimento). Falarei mais sobre Tarot em artigos futuros.

Ele era considerado o coração e a língua de Rá, assim como a vontade de Rá traduzida para a fala (o Verbo). Dentro do Panteão Egípcio, ele possuía diversas funções muito importantes (entre elas, ensinar a escrita, magia, ciência, astrologia e ajudar no julgamento dos mortos).

Toth também é responsável pelo governo dos Planetas e das estações. É chamado de “Senhor das palavras Sagradas”, pois foi ele quem inventou os hieróglifos e os números. Por ter sido o primeiro magista, Toth possuía mais poder até mesmo do que Osíris ou Rá.

Em algumas representações, podemos vê-lo com a crescente lunar sobre sua cabeça e sua figura carregando uma palheta e cinzel. Toth possuía duas esposas, Seshat e Nehmauit. Seu festival principal acontecia no décimo nono dia do mês de Toth, alguns poucos dias após a lua cheia do começo do ano.

Toth é considerado deus da Magia, escrita, invenções, profecia, música, tarot, conhecimento, ciências, medidas, matemática, fala, oráculos, julgamento, desenhos, arquitetura, gramática, teologia, hinos, aprendizado, livros, registros Akashicos, paz e orações.

Hermes

Hermes também é tido como uma das mais importantes divindades gregas do Panteão Olímpico. Considerado o mais jovem dos deuses, ele é o protetor de todos os viajantes e ladrões, é o mensageiro dos deuses, responsável por levar a palavra dos deuses até os mortais (qualquer semelhança com Prometeu ou Lúcifer NÃO é mera coincidência); Hermes é o deus da eloquência, ao lado de Apolo, é o Deus dos diplomatas e da diplomacia (que era chamada de Hermeneus pelos gregos) e é o deus dos mistérios e interpretações (da onde vem a palavra Hermenêutica). Além disto, era um dos únicos deuses que tinha permissão para descer ao Hades e partir quando desejasse. Todos os outros (incluindo Zeus) estavam sujeitos às leis de Hades.

Hermes tinha vários símbolos, mas os mais tradicionais eram as sandálias com asas, o caduceu (que curiosamente representa a Kundalini, duas serpentes enroscadas em um cajado) e a tartaruga (de cujo casco ele criou a primeira Lira).

Como inventor de diversos tipos de corrida e também das lutas, Hermes era considerado o patrono dos atletas. Finalmente, era tido como o inventor do Fogo (em alguns textos anteriores a Prometeu) e

considerado um deus pregador de peças, que adorava aprontar com seus irmãos (isto desde seu nascimento, quando a primeira coisa que fez quando aprendeu a andar foi roubar os bois de Apolo e escondê-los). Hermes era patrono dos alquimistas, magos e filósofos.

Mercúrio

Para os romanos, Mercúrio surgiu da fusão do deus Turms (Etrusco) com as características de Hermes grego, em aproximadamente 400 a.C. Mercúrio tornou-se assim o deus do comércio (em muitos países o símbolo do Caduceu é usado para indicar administração e não medicina), das estradas e das relações de diplomacia. Mercúrio não era tão popular entre os romanos como Hermes era entre os gregos, sendo considerado um deus menor dentro do Panteão romano.

Mercúrio era patrono do comércio, transportes, sucesso, magia, viagens, apostas, atletas, eloquência, mercadores e mensageiros.

Hermes Trimegistus

Hermes Trismegistus é a tradução em latim e significa “Hermes, o três vezes grande”.

Trata-se do nome dado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas ao deus egípcio Toth ou Tehuti, identificado com o deus grego Hermes. Ambos eram os deuses da escrita e da magia nas respectivas culturas.

Toth simbolizava a lógica organizada do universo. Era relacionado aos ciclos lunares, cujas fases expressam a harmonia do universo. Referido nos escritos egípcios como “duas vezes grande”, era o deus do verbo e da sabedoria, sendo naturalmente identificado com Hermes. Na atmosfera sincrética do Império Romano, deu-se ao deus grego Hermes o epíteto do deus egípcio Toth.

Como “escriba e mensageiro dos deuses”, no Egito Helenístico, Hermes era tido como o autor de um conjunto de textos sagrados, ditos “herméticos”, contendo ensinamentos sobre artes, ciências e religião e filosofia – o *Corpus Hermeticum* – cujo propósito seria a

deificação da humanidade através do conhecimento de Deus. É pouco provável que todos esses livros tenham sido escritos por uma única pessoa, mas representam o saber acumulada pelos egípcios ao longo do tempo, atribuído ao grande deus da sabedoria.

Segundo Clemente de Alexandria, eram 42 livros subdivididos em seis conjuntos. O primeiro tratava da educação dos sacerdotes; o segundo, dos rituais do templo; o terceiro, de geologia, geografia, botânica e agricultura; o quarto, de astronomia e astrologia, matemática e arquitetura; o quinto continha os hinos em louvor aos deuses e um guia de ação política para os reis; o sexto era um texto médico.

Também é creditado a Hermes Trismegistus *O Livro dos Mortos*, ou *O Livro da Saída da Luz*, e o mais famoso texto alquímico – *A Tábua de Esmeralda*.

Os Escritos Herméticos

Os escritos herméticos são uma coleção de 18 obras Gregas. Estes escritos contêm os aspectos teórico e filosófico do Hermetismo em seu aspecto teosófico. O período bizantino é marcado por uma outra coleção de obras herméticas, que também são relacionadas ao Hermes Trismegistus e contêm uma tradição hermética popular a qual é composta essencialmente por escritos relacionados a astrologia, magia e Alquimia. Esta versão popular encontra sustentação ou base nos diálogos herméticos, apesar dele se distanciar da magia.

A prática da magia, entretanto, não está distante das praticas realizadas no antigo Egito, a qual em uma última análise é a fonte de todos os diálogos herméticos, pois o Hermetismo lá floresceu e, portanto estabelece uma conexão entre as duas tradições herméticas: filosófica e magia.

Os ensinamentos de Hermes-Toth chegaram à atualidade baseados em escassos documentos que constituem o *Kabalion*, *A Tábua da Esmeralda*, *Pistis Sophia*, *Corpus Hermeticum*, e alguns outros papiros. Naturalmente que o acervo de ensinamentos de Toth estão

contidos em muitos outros documentos que foram preservados e mantidos sob a guarda de Ordens Iniciáticas. Tratam-se de documentos originais e cópias que foram preservados do incêndio da Biblioteca de Alexandria. Entre os documentos preservados existem aqueles que deram base ao desenvolvimento da Alquimia.

As sete Leis Herméticas

As sete principais leis herméticas se baseiam nos princípios incluídos no livro *Kabalion* que reúne os ensinamentos básicos da Lei que rege todas as coisas manifestadas. A palavra Kabalion, na língua hebraica significa tradição ou preceito manifestado por um ente de cima. Esta palavra tem a mesma raiz da palavra Kabbalah, que em hebraico, significa recepção. De acordo com Hermes Trismegistus:

(1) Lei do Mentalismo

O universo é mental ou Mente. Isso significa que todo universo fenomenal é simplesmente uma criação mental do TODO... Que o universo tem sua existência na Mente do TODO.

Uma outra maneira de dizer isso é: “tudo existe na mente do Deus e da Deusa que nos ‘pensa’ para que possamos existir. Toda a criação principiou como uma ideia da mente divina que continuaria a viver, a mover-se e a ter seu ser na divina consciência.”

“O Universo e toda a matéria são consciência do processo de evolução.”

Minha opinião é que toda a matéria são como os neurônios de uma grande mente, o universo consciente, que “pensa”.

Todo o conhecimento flui e reflui de nossa mente, já que estamos ligados a uma mente divina que contem todo o conhecimento.

É claro que não estamos conscientes de “todo o conhecimento” em qualquer momento dado, por que seria uma tarefa exorbitante manuseá-lo e processa-lo e ficaríamos loucos no processo.

Os cinco sentidos do cérebro humano atuam tanto como filtros como fontes de informação. Eles bloqueiam uma considerável soma de informação – caso contrário seríamos esmagados por informações

que nos bombardeiam minuto a minuto como sons, cheiros e até ideias, e não seríamos capazes de nos concentrarmos nas tarefas específicas em mãos.

Mas sob condições corretas de consciência podemos moderar, ou até desligar o processo de filtração, com a consciência alterada, o conhecimento universal (Registros Akáshicos) torna-se acessível.

(2) Lei da Correspondência

“Aquilo que está em cima é como aquilo que está embaixo.”

Essa lei é importante porque nos lembra que vivemos em mais do que um mundo.

Vivemos nas coordenadas do espaço físico, mas também vivemos em um mundo sem espaço e nem tempo.

A perspectiva da Terra normalmente nos impede de enxergar outros domínios acima e abaixo de nós. A nossa atenção está tão concentrada no microcosmo que não nos percebemos no imenso macrocosmo à nossa volta. O princípio de correspondência diz-nos que o que é verdadeiro no macrocosmo é também verdadeiro no microcosmo e vice-versa.

Portanto podemos aprender as grandes verdades do cosmo observando como elas se manifestam em nossas próprias vidas.

Por isso estudamos o universo: para aprender mais sobre nós mesmos.

Na menor partícula existe toda a informação do Universo.

A Lei da Correspondência, em conjunto com a Lei da Causa e Efeito, é a explicação para o funcionamento perfeito do Tarot e da Astrologia, bem como de todos os outros oráculos.

(3) Lei da Vibração

“Nada está parado, tudo se move, tudo vibra.”

No universo todo movimento é vibratório. O todo se manifesta por esse princípio. Todas as coisas se movimentam e vibram com seu próprio regime de vibração. Nada está em repouso. Das galáxias às partículas subatômicas, tudo é movimento.

Todos os objetos materiais são feitos de átomos e a enorme variedade de estruturas moleculares não é rígida ou imóvel, mas oscila de acordo com as temperaturas e com harmonia. A matéria não é passiva ou inerte, como nos pode parecer a nível material, mas cheia de movimento.

A Lei da Vibração rege toda a comunicação entre espíritos e matéria, bem como a conjuração de elementais, devas, exús, orixás, anjos enochianos e qualquer outro tipo de serviçal astral. Também rege os princípios de atração e repulsão entre indivíduos, a harmonia e as egrégoras.

(4) Lei da Polaridade

“Tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem o seu oposto. O igual e o desigual são a mesma coisa. Os extremos se tocam. Todas as verdades são meias-verdades. Todos os paradoxos podem ser reconciliados.”

A polaridade revela a dualidade, os opostos representando a chave de poder no sistema hermético. Mais do que isso, os opostos são apenas extremos da mesma coisa. Tudo se torna idêntico em natureza. O polo positivo + e o negativo – da corrente elétrica são uma mera convenção.

O claro e o escuro também são manifestações da luz. A escala musical do som, o duro versus o flexível, o doce versus o amargo. Amor e o ódio são simplesmente manifestações de uma mesma coisa, diferentes graus de um sentimento.

(5) Lei do Ritmo

“Tudo tem fluxo e refluxo, tudo tem suas marés, tudo sobe e desce, o ritmo é a compensação.”

Pode se dizer que o princípio é manifestado pela criação e pela destruição. É o ritmo da ascensão e da queda, da conversão da energia cinética para potencial e da potencial para cinética. Os opostos se movem em círculos.

É a expansão até chegar o ponto máximo, e depois que atingir sua maior força, se torna massa inerte, recomeçando novamente um novo ciclo, dessa vez no sentido inverso. A lei do ritmo assegura que cada ciclo busque sua complementação.

(6) Lei do Gênero

“O Gênero está em tudo: tudo tem seus princípios Masculino e Feminino, o gênero se manifesta em todos os planos da criação.”

Os princípios de atração e repulsão não existem por si só, mas somente um dependendo do outro. Tudo tem um componente masculino e um feminino independente do gênero físico. É semelhante ao princípio *animas animus* que Carl Jung e seus seguidores popularizaram, ou seja, que cada pessoa contém aspectos masculinos e femininos, independente do seu gênero físico, nenhum ser humano é 100% homem ou mulher, e isso é até astrologicamente explicado, uma vez que todos nós somos influenciados por todos os signos (uns mais, outros menos), e metade do zodíaco é feminino, enquanto que a outra metade é obviamente masculina (Esse é mais um argumento que suporta a igualdade entre Deus/Hochma e Deusa/Binah dentro das Esferas da Kabbalah).

Em todas as coisas existe uma energia receptiva feminina e uma energia projetiva masculina, a que os chineses chamavam de Yin e Yang.

(7) Lei de Causa e Efeito

“Toda causa tem seu efeito, todo o efeito tem sua causa, existem muitos planos de causalidade, mas nenhum escapa à Lei.”

Nada acontece por acaso, pois não existe o acaso, já que acaso é simplesmente um termo dado a um fenômeno existente e do qual não conhecemos e a origem, ou seja, não reconhecemos nele a Lei à qual se aplica.

Esse princípio é um dos mais polêmicos, pois também implica no fato de sermos responsáveis por todos os nossos atos e é muito mais

cômodo deixar os acontecimentos ao “acaso” ou ao “divino”. Também é conhecido como Lei do Karma.

Hermes/Toth na Kabbalah

A Árvore da Vida representa um mapa dos estados de consciência humanos. Vamos falar mais detalhadamente sobre isso em artigos futuros, mas vou fazer a referência agora e vocês podem retornar e ler novamente este texto mais tarde, ok?

Em razão de sua eloquência e inteligência privilegiada, Mercúrio está associado na Kabbalah à oitava esfera (sephira), chamada Hod (explendor). Hod representa a razão pura, a lógica, a matemática, o ceticismo e os desertos dos códigos rígidos e cartesianos, em contraste com Netzach (Vênus) que representa a Emoção Pura.

Hod está associado ao Planeta Mercúrio, ao metal mercúrio, ao incenso de sândalo, Mastic e Storax, à cânfora, lavanda, lírios, marjoran e mirtila e ao caduceu. Seu elemento é o Ar.

Hod influencia os Caminhos Shin (31), a Inteligência Perpétua, conectando a Razão ao Plano Material, servindo de filtro entre as ideias que permeiam o mundo material e o que pode ser aproveitada delas (este é literalmente o caminho do despertar dos cétricos), Resh (30), o Sol, que conecta a Razão ao Plano Astral, perfazendo a segunda trilha que um mago deve percorrer na consciência, usando a razão de maneira questionadora no Plano Astral, Peh (27), a Torre, o caminho turbulento que conecta a esfera da Razão Pura à esfera da Emoção Pura.

Imaginar este estado de consciência é como colocar um fanático cétrico com um fanático religioso para discutir. Mais cedo ou mais tarde, a estrutura vai rachar ao meio. Da conexão entre Hod e Tiferet (Sol) há o Caminho 26, Ayin, o Diabo, o caminho da iluminação através da razão ou através do Caminho da Esquerda, como vocês já devem ter ouvido falar por aí – o famoso “Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei”.

E, finalmente, o caminho 23, Mem, que liga a Razão às planícies de provação de Marte/Geburah, simbolizando a estagnação do Enforcado.

EXERCÍCIO PRÁTICO

Templo Astral

O Templo Astral é uma das primeiras coisas que um estudioso de ocultismo aprende a fazer, em praticamente qualquer Ordem ou Fraternidade que ingresse. Ele é chamado de Oficina Astral, Sanctum, Templo, Local de Descanso, Santuário e muitos outros nomes.

Trata-se de uma construção no Plano Mental e Astral de um refúgio onde o magista pode descansar a mente, preparar uma viagem astral e guardar suas ferramentas. Trata-se de um local onde ele pode até mesmo realizar rituais se não dispor de espaço físico no Plano Material para tal.

Em primeiro lugar, sente-se em um local confortável, mantenha os pés paralelos, a coluna ereta e as mãos relaxadas sobre as coxas. Relaxe e respire bem devagar e profundamente. Mantenha a Respiração 4-4-4 (significa inspirações de 4 tempos, retenção do ar por 4 tempos e expiração em 4 tempos... por exemplo, se você demora 10 segundos para inspirar, segure o ar 10 segundos e expire o ar em 10 segundos... se demora 6 segundos, segure o ar por 6 segundos, e assim por diante) e os olhos fechados.

Quando sentir que está bem relaxado, comece a contar lentamente de dez até zero enquanto visualiza os números no ar. Comece a contar bem devagar enquanto relaxa ainda mais o corpo e a mente.

10... Relaxe o couro cabeludo. Imagine sua cabeça ficando mais leve, como se estivesse se dissolvendo em uma névoa azulada. Sinta as terminações nervosas desligando e toda a sua cabeça se soltando.

9... Faça o mesmo para o pescoço. Relaxe todos os músculos do pescoço, externos e internos. Deixe o pescoço completamente relaxado.

8... Relaxe os ombros... Solte os ombros e deixe-os caírem. Não exerça nenhuma força sobre eles.

7... Relaxe o braço esquerdo. Sinta ele se dissolver e deligar-se.

6... Faça o mesmo com o braço direito.

5... Relaxe o abdômen e a barriga. Neste momento, você deve estar com o torso completamente relaxado de desligado, talvez sinta um leve formigamento ou escute um pequeno zumbido. Sensação de calor no corpo também é razoavelmente comum.

4... Relaxe completamente sua perna esquerda.

3... Relaxe agora a perna direita.

2... Relaxe o pé esquerdo. Sinta todos os ossos do pé desligarem e se fundirem ao cósmico.

1... Faça o mesmo com o pé direito.

Zero... Relaxe os dedos dos dois pés...

Todo este processo deve demorar aproximadamente um ou dois minutos. Em seguida, você deve imaginar o que seria o seu “Templo Astral”, ou seja, sua base de operações no Astral. Lembre-se que ela pode ser QUALQUER COISA: seu quarto de dormir, uma cabana na floresta, uma sala de um castelo, uma ilha, um quarto de Hogwarts, um hotel, um escritório, uma cobertura com vista para a praia, Stonehenge, uma Pirâmide, uma igreja, um templo maçônico, um campo florido, uma mansão vitoriana, um laboratório, um submarino de pedra, uma fortaleza voadora... Enfim, QUALQUER COISA que você idealizar. Não há limites para a sua imaginação. Basta que seja um local onde você se sinta bem.

Comece pequeno. Imagine primeiro apenas uma parte deste local, como por exemplo, um quarto. Com o tempo, ele irá ficando maior e

mais detalhado em sua mente. Este local só precisa possuir a princípio quatro objetos: Uma cama, uma escrivaninha, uma tela mental (um painel, prancha, quadro branco, lousa ou qualquer outro lugar que você possa projetar imagens) e um local onde você possa beber um pouco de água.

Visualize você mesmo entrando neste Santuário através de um portal. Pelos próximos minutos, imagine você mesmo passeando por este lugar, explore todos os seus sentidos. Imagine o cheiro do local, a textura das paredes, os sons que você escutaria neste lugar, as cores, o movimento. Quanto mais vívido e colorido você conseguir imaginar, melhor. Quanto mais detalhes colocar, melhor; quanto mais você excitar seus sentidos, melhor.

Quando você sentir que explorou o suficiente ou sentir que sua concentração está começando a entrar em devaneios, imagine a si mesmo tomando um copo de água dentro deste local e deite-se na cama que você projetou. Imagine você mesmo relaxando e se preparando para sair deste Templo. Conte lentamente de zero até cinco enquanto acelera a mente. Quando chegar ao número cinco, abra os olhos e retorne ao Plano Material.

Bom... Você acaba de criar uma construção astral. Por enquanto, ela será tão efêmera quanto você pensar nela, com a tendência a se dissolver em pouco tempo. Este exercício é repetido pelo número de vezes que você achar necessário. Se souber desenhar ou pintar, faça imagens ou esboços deste local em papel, descreva os objetos que você encontrou lá, os cheiros, as cores...

Se você já é iniciado e possui ferramentas de trabalho mágicas, você pode “leva-las” consigo em sua próxima jornada, criando (ou descobrindo) a forma astral dela dentro do seu Templo. Se souber quais são os seus animais de poder, pode deixá-los no Templo Astral para que patrulhem e protejam sua criação. Quanto mais vezes você fizer e mais você exercitar sua Visualização, mais rápido esta Construção Astral se cristalizará.

É comum que, nas primeiras vezes que vocês façam este exercício, o Templo Astral fique se modificando ou que você não consiga manter uma imagem nítida ou ainda que algumas coisas aconteçam nele sem o seu consentimento (como se ele tivesse uma vontade própria). Isto acontecerá até que você esteja plenamente satisfeito e comece a cristalizar a estrutura, formando um local que mais tarde servirá de base para futuros experimentos e exercícios. Em pouco tempo ele adquirirá uma forma mais estável e “sólida”.

Com o tempo, você levará objetos para lá (espadas, cálices, taças, candelabros, caldeirões, velas, incensários, adagas, pentáculos) e estes objetos permanecerão no astral.

Existe um filme chamado *Amor além da Vida* (*What Dreams may Come*) com o Robin Williams e Anabella Sciorra que trata bem deste assunto. A construção Astral que vocês acabaram de fazer neste exercício é exatamente o mesmo tipo de construção que os personagens deste filme criam quando morrem, com a diferença que você estará criando seu refúgio a partir de agora.

PAX

ALL YOU NEED IS LOVE!

03.05.2010

Olá crianças,

No artigo anterior falamos sobre a Razão: um dos 3 pilares da Magia e também dos 3 estados de consciência que precisam ser trabalhados e dominados dentro de cada um de nós. Falei sobre os deuses associados à razão, à lógica e ao entendimento e como os antigos utilizavam-se destas alegorias e representações para facilitar o domínio destes conceitos.

Agora falaremos sobre o contraponto feminino em nossa mente. Associado ao elemento Água, ao naipe de taças (copas) e ao sagrado feminino, a Emoção está representada na esfera de Netzach.

Inanna

A representação mais antiga de Netzach era a deusa Inanna.

Inanna era a deusa do amor, do erotismo, da fecundidade e da fertilidade, entre os antigos Sumérios, sendo associada ao planeta Vênus.

Era especialmente cultuada nos enormes e importantes templos em Ur, mas era alvo de culto em todas as cidades sumérias.

Inanna surge em praticamente todos os mitos, sobretudo pelo seu carácter de deusa do amor (embora seja sempre referida como a virgem Inanna). Inanna representava também a primavera e as festividades relacionadas com o plantio.

Sua história conta que como a deusa se tivesse apaixonado pelo jovem Dumuzi (um deus que antes era humano, representante das plantações, que todo ano morria e posteriormente era ressuscitado... já viram este mito em algum lugar antes?). Durante o Inverno, tendo Dumuzi morrido, a deusa Inanna desceu aos Infernos para o resgatar dos mortos, para que este pudesse dar vida à humanidade, agora transformado em deus da agricultura e da vegetação no final dos tempos tenebrosos.

É cognata das deusas semitas da Mesopotâmia (Ishtar) e de Canaã (Asterote e Anat), tanto em termos de mitologia como de significado.

Ishtar

Da deusa Inanna, surgiu na suméria o culto a Ishtar.

Ishtar é a deusa mãe dos acádios, herança dos seus antecessores sumérios, cognata da deusa Asterote dos filisteus, de Isis dos egípcios, Inanna dos sumérios e da Astarte dos Gregos. Mais tarde esta deusa foi assumida também na mitologia Nórdica como Easter – a deusa da fertilidade e da primavera.

Esta deusa era irmã gêmea de Shamash (que era o deus solar – preste atenção que isto é importante!) e filha do deus Sin, o deus lunar (e isto também será importante). Até este momento da história, quando os homens não tinham muita certeza sobre como as mulheres geravam os filhos, as principais divindades eram todas matriarcais, e associadas ao Sol.

Assim como Inanna, Ishtar também é representada pelo planeta Vênus.

Eu já falei sobre os ritos sexuais do *Hieros Gamos*, então não vou repetir. Além destes rituais, o mais importante festival em honra a Ishtar consistia na Celebração do Equinócio da Primavera.

Neste ritual, os participantes pintavam e decoravam ovos (símbolo da fertilidade) e os escondiam nos campos. Para quem não fez as contas ainda, o Equinócio da Primavera cai aproximadamente dia 21 de Março, início do período de plantações.

Estes ovos continham runas e magias de Sigil pintadas cuidadosamente sobre eles. Estes ovos eram enterradas nos campos e, quando os ovos eram destruídos pelos arados, os desejos escritos nos ovos se realizavam. Esta é a origem dos ovos “coloridos” de “Páscoa” (na verdade, eles não eram apenas “pintados”, mas escritos com runas e sigils de várias cores, representando cada cor e símbolo dos desejos a serem realizados)... Calma que chegaremos nos coelhos daqui a pouco.

(Um parênteses – hoje em dia, quando alguém vai em um templo de Umbanda e Candomble e recebe uma instrução de um Exú ou Bombo-Gira para acender tantas velas de tal cor para realizar um pedido, ou quando amarramos fitas de cores específicas nos galhos de uma árvore no Japão, no festival de Tanabata, ou quando desligamos nossa mente pintando mandalas com areia colorida, estamos falando do MESMO tipo de magia ritualística, apenas em formas e culturas diferentes – fim do parênteses).

Ísis

Ísis é a deusa suprema do panteão egípcio; a grande mãe, a grande deusa, a criadora da vida. Ela era descrita como tendo pele clara, olhos azuis e cabelos negros. Junto com Osíris e Hórus, fazia parte da trindade sagrada dos deuses egípcios.

As lendas diziam que suas sacerdotisas eram capazes de controlar o clima prendendo ou soltando seus cabelos. Seus sacerdotes conheciam como ninguém as artes de trabalhar com metalurgia. Assim como nas culturas anteriores, o culto à deusa-mãe que representava as forças da natureza era muito difundido. Ísis era a deusa da sabedoria, detentora de todos os poderes mágicos dentro nas iniciações das Pirâmides (o chamado “Véu de Ísis”). Repare no “carretel de empinar pipas” que ela carrega em sua mão esquerda. Mais tarde falaremos sobre ele.

Ísis era casada com seu irmão Osíris e ambos governavam o Egito. Enquanto Osíris estava espalhando suas ideias de civilização pelo mundo, Isis governava o Egito. Porém, seu irmão Seth era um deus violento e invejoso e queria o trono para si. Quando Osíris retornou a Menphis, Seth convocou 72 auxiliares e o convidou para um banquete. Durante o jantar, ele mostrou um belíssimo baú e disse que qualquer pessoa que coubesse dentro dele seria seu dono. Osíris coube perfeitamente, mas Seth e seus seguidores fecharam o baú com chumbo derretido e jogaram a caixa no Nilo.

A caixa chegou na Fenícia, onde uma árvore de Tâmaras cresceu ao seu redor. Mais tarde, quando esta árvore foi cortada e levada para fazer um pilar de um templo no palácio do rei, o odor da árvore era tão maravilhoso e diferente que a história acabou chegando até os ouvidos de Ísis e Seth.

Seth chegou primeiro ao baú e despedaçou o corpo de Osíris em 14 pedaços, que espalhou pelo Egito. Quando Ísis conseguiu chegar até o baú, ficou desesperada e começou a procurar pelas partes de Osíris por toda a terra, até que conseguiu recuperar todas as partes de seu amado (exceto seu falo, que havia sido devorado por um caranguejo) e levá-lo para os pântanos da deusa cobra Buto. Ali, utilizando-se de

magias de Thoth e Anubis, Ísis conseguiu reanimar a essência de seu amado tempo suficiente para gerar um filho (sem contato sexual), chamado Hórus. Ísis era considerada uma deusa-virgem até então, de onde pode-se dizer que Hórus nasceu de uma Virgem.

Hórus simboliza a criança do solstício de Inverno; a esperança que o sol mais uma vez surgirá após o tenebroso inverno.

Em seguida, Ísis realiza os ritos de embalsamar, preparando Osíris para a viagem ao Próximo Mundo. Ísis e Hórus permanecem no pântano de Buto até que Hórus esteja forte o suficiente para desafiar seu tio Seth.

Quando estava em idade adequada, foi chamado um conselho dos deuses e Hórus pediu a eles que recuperasse o trono que era seu por direito. Todos os deuses votaram para que o trono permanecesse com Seth, exceto Toth (a Razão). O trono permanecia com Seth.

Ísis começou a proferir maldições e Seth ficou furioso, ameaçando matar um deus por dia até que os deuses decidissem a seu favor. Para evitar maiores problemas, Rá ordenou que a votação fosse movida para um santuário em uma Ilha e deu instruções ao barqueiro Ani para que nenhuma mulher cruzasse aquelas águas.

Ísis, então, decidiu usar um estratagema: transformou-se em uma linda donzela e, disfarçada, subornou Ani para que a levasse até a ilha de santuário de Seth, onde o seduziu com sua beleza. Quando Seth estava prestes a cair em sua sedução, Ísis contou a ele que era uma viúva com um filho, cuja herança em gado havia sido tomada injustamente por seu tio estrangeiro, e perguntou o que ela deveria fazer para ajudar o filho da viúva. Seth disse a ela que o filho dela era o verdadeiro herdeiro.

Ísis foi, então, até o conselho dos deuses onde contou a todos o que havia acontecido e, dado que o julgamento foi proferido pela própria boca de Seth, os deuses não tiveram outra alternativa senão entregar o trono a Hórus.

Seth pediu, então, que o trono fosse disputado em uma batalha entre os dois, e o conselho concordou. A partir de então, os dois

deuses combatem, sendo responsabilidade de Toth velar para que haja sempre equilíbrio entre as estações.

Isis era considerada uma deusa LUNAR. Ao contrário de suas predecessoras, que eram divindades solares, a partir do Egito as deusas femininas que possuem as atribuições sexuais e de fertilidade passam a adquirir atributos lunares. Isto se deve, em parte à associação do ciclo menstrual feminino (de 28 dias) com os ciclos lunares e, em parte, com a tomada do poder pelo Patriarcado, que elevou o Sol à categoria de deus masculino dominador todopoderoso.

Afrodite

De acordo com a Teogonia, de Hesíodo, Afrodite nasceu quando Urano (pai dos titãs) foi castrado por seu filho Cronos/Saturno, que atirou os genitais cortados de Urano ao mar, que começou a ferver e a espumar, esse efeito foi a fecundação que ocorreu em Tálassa, deusa primordial do mar. De aphros (“espuma do mar”), ergueu-se Afrodite e o mar a carregou para Chipre. Assim, Afrodite é de uma geração mais antiga que a maioria dos outros deuses olímpicos.

Após destronar Cronos, Zeus ficou ressentido, pois tão grande era o poder sedutor de Afrodite que ele e os demais deuses estavam brigando o tempo todo pelos encantos dela, enquanto esta os desprezava a todos. Como vingança e punição, Zeus fê-la casar-se com Hefesto, que usou toda sua perícia para cobri-la com as melhores joias do mundo, inclusive um cinto mágico do mais fino ouro, entrelaçado com filigranas mágicas.

Segundo Homero, Afrodite e Hefesto se amavam mas, pela falta de atenção deste, que estava sempre envolvido com os trabalhos encomendados pelos deuses, Afrodite começou a trair o marido com Ares.

Suas festas eram chamadas de “Festas Afrodisíacas” e eram celebradas por toda a Grécia, especialmente em Atenas e Corinto. Suas sacerdotisas eram consideradas prostitutas sagradas, que representavam a própria Afrodite, e o sexo com elas era considerado

um meio de adoração e contato com a Deusa. Com o passar do tempo, e com a substituição da religiosidade matriarcal pela patriarcal, Afrodite passou a ser vista cada vez mais como uma Deusa frívola e promíscua, como resultado de sua sexualidade liberal.

Afrodite/Vênus representa as paixões incontroladas, o espírito deixado levar pelo sentimento, as forças primordiais do SENTIR, incontroláveis. Vênus simboliza a emoção pura. O desejo, ciúmes, amizade, amor, ódio, luxúria, a arte, inspiração, etc. Todos os sentimentos que não podem ser controlados pela Razão são de domínio de Vênus. Tudo o que não pode ser contabilizado, quantificado ou racionalizado pertence à Esfera de Vênus... A esfera de Netzach.

Eostre

Eostre ou Ostera é a deusa da fertilidade e do renascimento na mitologia anglo-saxã, na mitologia nórdica e mitologia germânica. A primavera, lebres e ovos pintados com runas eram os símbolos da fertilidade e renovação a ela associados.

A lebre (e NÃO um coelho) era seu símbolo. Suas sacerdotisas eram capazes de prever o futuro observando as entranhas de uma lebre sacrificada (claro que a versão “coelhinho da páscoa, que trazes pra mim?” é bem mais comercialmente interessante do que “Lebre de Eostre, o que suas entranhas trazem de sorte para mim?”, que é a versão original desta rima).

A lebre de Eostre pode ser vista na Lua cheia [com um bom exercício de imaginação, as partes mais escuras da lua cheia formam uma lebre] e, portanto, era naturalmente associada à Lua e às deusas lunares da fertilidade.

De seus cultos pagãos originou-se a Páscoa (Easter, em inglês e Ostern em alemão), que foi absorvida e misturada pelas comemorações judaico-cristãs. Os antigos povos nórdicos comemoravam o festival de Eostre no dia 30 de Março. Eostre ou Ostera (no alemão mais antigo) significa “a Deusa da Aurora” (ou novamente, o planeta Vênus). É uma Deusa anglo-saxã, teutônica, da

Primavera, da Ressurreição e do Renascimento. Ela deu nome ao Sabbat Pagão, que celebra o renascimento chamado de Ostara.

Afrodite/Vênus na Kabbalah

A Árvore da Vida representa um mapa dos estados de consciência humanos. Vamos falar mais detalhadamente sobre isso em artigos futuros [alguns destes artigos não se encontram nesta edição, mas podem ser achados no *Teoria da Conspiração*], mas vou fazer a referência agora e vocês podem retornar e ler novamente este texto mais tarde, ok?

Em razão de sua ligação com o amor incondicional e com as emoções, Vênus está associado na Kabbalah à sétima esfera (sephira), chamada Netzach (Vitória). Netzach representa a emoção pura, o amor, desejo, luxúria, as águas torrentes das paixões. Enquanto Hod, sua contraparte racional, é simbolizada pelos ventos frios do deserto, Netzach é associada ao elemento Água e ao lado feminino de nossos pensamentos.

Netzach está associado ao planeta Vênus, ao metal cobre, ao incenso de benzoin e rosas, às rosas, à cor verde, à esmeraldas, velas e aos cinturões. Netzach influencia os Caminhos de Qof (29), a “antiga bruxa”, a conexão entre o Emocional e o Plano Físico, representado pelo sentimento que deu origem a todas as grandes festividades ao redor das fogueiras; Tzaddi (28) a “Estrela”, que liga as fortes conexões entre o Plano Astral e o Emocional. É um caminho tão importante que Aleister Crowley o substituiu com o caminho de Heh (Imperador) no cruzamento do Abismo (falaremos sobre isto mais adiante, mas por enquanto, lembrem-se da frase “Todo Homem e toda Mulher é uma estrela”).

Peh (27), a Torre, o caminho turbulento que conecta a esfera da Razão Pura à esfera da Emoção Pura. Imaginar este estado de consciência é como colocar um fanático cético com um fanático religioso para discutir. Mais cedo ou mais tarde, a estrutura vai rachar ao meio.

Da conexão entre Netzach e Tiferet está Nun (24), a terrível Morte através do sacrifício pela Humanidade, a maneira do caminho da Mão Direita para se chegar a Ascensão. A frase usada *ad nauseam* pelos católicos e evangélicos (“Jesus morreu para nos salvar”) vem de uma má interpretação ou de uma interpretação literal deste caminho. O quinto caminho, conectando os rituais de fertilidade com a esfera da prosperidade (Hesed) é o caminho de Koph (21), também conhecido como a “Roda da Fortuna”, que rege os ciclos da natureza.

Assim como os excessos de Hod criam os fanáticos-céticos, os excessos de Netzach criam os fanáticos religiosos: Aqueles que acreditam em algo baseados apenas na fé, sem razão nem imaginação. Como eu já disse alguns posts atrás, fanáticos ateus e fanáticos religiosos são duas faces da mesma moeda, e aqui está a demonstração. Sem equilíbrio e domínio dos quatro elementos não vamos a lugar nenhum, ficando perdidos e isolados nestas esferas que, como vocês podem observar, ocupam o mesmo grau dentro do mapa da consciência humana.

Os símbolos de Vênus

O primeiro e mais conhecido deles é o Pentagrama. Observando o céu e anotando a posição da “Estrela Matutina” durante 8 anos, o traçado do chamado “período sinódico” de Vênus forma um Pentagrama (período sinódico é o tempo que um planeta leva para retornar a uma mesma posição em relação ao sol por um observador na Terra).

O outro símbolo de Vênus, que também é a sua representação planetária utilizada por cientistas e ocultistas, é o que até hoje também simboliza o sexo feminino. Ele possui a chave para entender o caminho de Nun através da Mão Direita (somente através do amor e do sacrifício pela humanidade é que se consegue atingir a Iluminação).

Examinemos o símbolo de Vênus por um momento: um círculo sobreposto a uma cruz. A cruz representa o Plano Material e o Microcosmos, enquanto o círculo representa o Espírito e o

Macrocosmos. A cruz representa o ciclo de reencarnações, os quatro elementos que precisam ser dominados para se chegar até o estado de Iluminado, enquanto o círculo representa o ciclo divino, já fora da Roda de Samsara. O ponto central do símbolo é a esfera de Tiferet – O Sol.

Também quero que vocês prestem atenção na estrutura da Árvore da Vida. Quando estudamos as relações entre o Microcosmo e o Macrocosmo na alquimia, podemos sublinhar alguns dos caminhos mais relevantes para este processo de Autoconhecimento: Aleph, Beth, Vav, Chet, Yod, Lamed, Sameck, Peh e o mais importante de todos: Tav.

Quando marcamos estes caminhos na Árvore, temos um símbolo idêntico ao de Vênus, ou seja, um círculo no topo, sobreposto a uma cruz abaixo.

E este também é o símbolo da Árvore da Vida, retratado pelos Antigos Egípcios através do Ankh, o Símbolo da VIDA ETERNA [ver imagem ao final deste artigo].

E qual seria a razão pela qual o símbolo astronômico de Vênus e o Símbolo da Árvore da Vida e do caminho até Deus serem os mesmos?

Porque não importa quanto conhecimento você adquira (Hod), não importa o quanto você seja fodão em alquimia e magia (Yesod), não importa o quão rico e bem estruturado você esteja no Plano Material (Malkuth), sem AMOR você não vai chegar a lugar nenhum.

E o Símbolo de Netzach/Vênus representa o “Tudo o que está acima é igual ao que está abaixo”. De nada adianta um mundo com tecnologia melhor que a Atlântida se a humanidade continua fazendo as mesmas merdas...

Love, love, love, love, love, love, love, love, love.

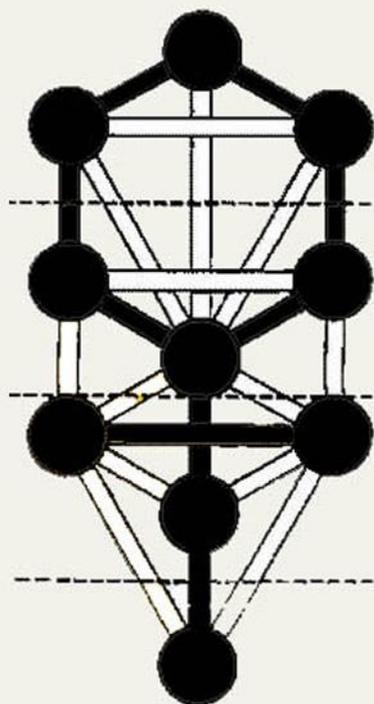
There's nothing you can do that can't be done.

Nothing you can sing that can't be sung.

Nothing you can say but you can learn how to play the game

*It's easy.
There's nothing you can make that can't be made.
No one you can save that can't be saved.
Nothing you can do but you can learn how to be in time
It's easy.
All you need is love, all you need is love,
All you need is love, love, love is all you need.
Love, love, love, love, love, love, love, love, love.
All you need is love, all you need is love,
All you need is love, love, love is all you need.
There's nothing you can know that isn't known.
Nothing you can see that isn't shown.
Nowhere you can be that isn't where you're meant to be.
It's easy.
All you need is love, all you need is love,
All you need is love, love, love is all you need.
All you need is love (all together now)
All you need is love (everybody)
All you need is love, love, love is all you need.*

O Ankh formado na Árvore da Vida



6. Demônios

O DIABO NÃO É TÃO FEIO QUANTO SE PINTA

26.04.2008

Já falamos sobre o Jesus Histórico, e o mais lógico para continuarmos nossa jornada através da história (até mesmo para explicar o que seria o Baphomet dos Templários mais adiante) será explicar como a Igreja Católica transformou todos os deuses das outras religiões em demônios, deturpando seus significados.

Nos próximos artigos, apresentarei a vocês Lucifer, Lilith, Astarte, Belial, Poseidon, Cernunnos, Exú e muitas outras divindades que foram covardemente desonrados pela Igreja, tornando-se caricaturas sinistras com a finalidade de causar medo aos fiéis e garantir um bom dízimo.

Para começar, Pan: o bode e os chifres...

Especialmente para a coluna de hoje, como convidado especial, tomei a liberdade de pegar emprestado um texto maravilhoso do irmão Wagner Veneziani Costa, do sensacional *Blog do Editor* da editora Madras. Não deixem de colocá-lo em seus favoritos.

Obs.: Fiz uma revisão no texto para deixá-lo mais fluido e mais próximo do meu estilo do texto, pois muita gente achou o estilo do Wagner meio truncado.

O Pan (pão) Nosso de Cada Dia – A Grande Dádiva de Deus

Durante todo o texto, tentarei fazer uma análise comparativa do Deus Pan em todas as civilizações, como suas lendas, mitos, histórias infantis e as diversas palavras que surgiram do nome dele, tais como pânico, panacéia, panteísmo entre tantas outras. O Deus Pan é muitas vezes chamado de Fauno, Sylvanus, Lupercus, o Diabo (no Tarô). Seu lado feminino é a Fauna; é Exú (na Umbanda), o Orixá fálico; Capricórnio (na Astrologia); Dionísius (deus do vinho); Baco (dos famosos bacanais). Muitas vezes é comparado aos deuses caçadores; ou ainda, a Tupã (Pajé, Caboclo).

O deus Pan é uma antiquíssima divindade grega, cultuada originalmente na região da Arcádia (uma área rural muito importante na antiguidade, pois foi o local onde muitas das Escolas de Hermetismo se reuniam). Pan é o guarda dos rebanhos que, tem por missão fazer multiplicar. Deus dos bosques e dos pastos, protetor dos pastores, veio ao mundo com chifres, orelhas e pernas de bode. Pan é filho de Mercúrio.

A explicação para a alegoria de um deus misto (bode + humano) ser filho de Mercúrio é muito simples: era bastante natural que o mensageiro dos deuses, sempre considerado intermediário, estabelecesse a transição entre os deuses de forma humana e os anteriores, de forma animal. Parece, contudo, que o nascimento de Pan provocou certa emoção em sua mãe, que ficou assustadíssima com tão esquisita conformação. De acordo com Hesíodo, quando Mercúrio apresentou o filho aos demais deuses, todo o Olimpo desatou a rir.

“Mercúrio chegou à Arcádia, que era fecunda em rebanhos. Ali se estende o campo sagrado de Cilene; nesses páramos, ele, deus poderoso, guardou as alvas orelhas de um simples mortal, pois concebera o mais vivo desejo de se unir a uma bela ninfa, filha de Dríops. Realizou-se enfim o doce himeneu. A jovem ninfa deu à luz o filho de Mercúrio, menino esquisito, de pés de bode e testa armada de dois chifres. Ao vê-lo, a nutriz abandona-o e foge. Espantam-na

aquele olhar terrível e aquela barba tão espessa. Mas o benévolo Mercúrio, recebendo-o imediatamente, colocou-o no colo, rejubilante. Chega assim à morada dos imortais, ocultando cuidadosamente o filho na pele aveludada de uma lebre. Depois, apresenta-lhes o menino. Todos os imortais se alegram, sobretudo Baco, e dão-lhe o nome de Pan, visto que para todos constituiu objeto de diversão.”

As ninfas zombavam incessantemente do pobre Pan, por causa do seu rosto repulsivo, e o infeliz deus, ao que se diz, tomou a decisão de nunca amar. Mas Cupido é cruel, e afirma uma tradição que Pan, desejando um dia lutar corpo a corpo com ele, foi vencido e abatido diante das ninfas que riam.

Existem diversas lendas associadas a Pan. Uma delas diz respeito à flauta que sempre o acompanhava. Esta história diz o seguinte: Certa vez, Pan se apaixonou pela ninfa Sirinx, mas não foi correspondido. Sendo assim, Sirinx vivia fugindo do deus metade homem metade bode, até que se escondeu dele em um lago e se afogou. No lugar da sua morte, nasceram hastes de junco que Pan cortou e transformou em uma flauta de sete tubos, a qual se tornou um atributo dele. Sirinx, então, imortalizava-se.

Pan também era o deus da fertilidade, da sexualidade masculina desenfreada e do desejo carnal. Como o nome do deus significava “tudo”, no mais amplo sentido da natureza: a fertilidade. Para os alquimistas e para os estudiosos da filosofia, Pan passou a ser considerado um símbolo do Universo e a personificação da Natureza; e, mais recentemente, representante de todos os deuses.

Celebrar a Pan é celebrar a natureza, a sexualidade de maneira primal, a bebida, o prazer e a boa música. Suas festas eram marcadas por cantos, danças, vinhos e ritos de magia sexual envolvendo fertilidade e prosperidade, dedicadas às plantações, colheitas e rebanhos.

Faunos

Os romanos tinham um panteão de deuses que foi, em sua maioria, “herdado” da cultura grega. Portanto, quase todos os deuses romanos possuem seus correspondentes gregos.

Sylvanus e Faunus eram divindades latinas cujas características são muito parecidas com as de Pan, que nós podemos considerá-las como o mesmo personagem com nomes diferentes.

Entre os romanos, faunos eram deidades de florestas selvagens com pequenos chifres, pernas de cabra e um pequeno rabo. Eles acompanhavam o deus Faunus, eram alegres, habilidosos, e viviam sempre cantando e se divertindo. Faunos são análogos aos sátiros gregos.

Faunos é o deus da natureza selvagem e da fertilidade, também considerado o doador dos oráculos. Como o protetor dos rebanhos, ele também é chamado Lupercus (“aquele que protege dos lobos”).

Uma tradição particular conta que Faunus era o rei de Latium, o filho de Picus e neto do deus Saturno. Depois de sua morte, ele foi divinizado como Fatuus, e surgiu um culto pequeno em torno da sua pessoa, na floresta sagrada de Tibur (Tivoli).

Em 15 de fevereiro (a data de fundação do templo), seu festival, o Lupercalia, era célebre. Sacerdotes (chamados Luperci) vestiam peles de cabra e caminhavam pelas ruas de Roma batendo nos espectadores com cintos feitos de pele de cabra. Outro festival dedicado à sua homenagem era o Faunalia, realizado próximo das épocas de colheita, para invocar seus atributos de prosperidade.

Sua contraparte feminina é a Fauna, a deusa das florestas. Ao contrário de Pan, que possuía os atributos da virilidade associados ao bode, Fauna era a senhora das matas e de todas as plantas. Suas seguidoras eram as Ninfas e as Dríades (que curiosamente possuem a mesma origem etimológica da palavra Druida – significando “aqueles que conhecem as árvores”).

Levando chifres

Para os católicos (e posteriormente os evangélicos), os chifres passaram a representar o Demônio, o cordeiro ou cabrito, que era sacrificado em redenção do pecado. Mas os chifres sempre foram sinais de algo Divino.

Na Babilônia, o grau de importância dos deuses era identificado pelo número de chifres atribuídos a eles. Moisés fora representado plasticamente com chifres na testa (na famosíssima estátua de Michelangelo), bem como o próprio Alexandre, o Grande, encomendara uma pintura do seu retrato, mostrando-se com chifres de carneiro na testa.

Os antigos judeus conheciam esse simbolismo, recebido das mitologias circunvizinhas. Se'irim geralmente pode ser traduzido por bode. Habitam os lugares altos, os desertos, as ruínas... No Gênesis, vemos que os filhos de Jacó degolaram um bode para com seu sangue manchar a túnica de José (Gn. 37:31).

O termo vulgar “bode” é designado pela mesma palavra que se emprega em outras partes para designar um sátiro. A palavra hebraica sa'ir significa propriamente “o peludo” e se aplica tanto ao bode como a qualquer outro sátiro, elemental ou divindade inferior, na mentalidade popular.

O termo “levar chifres” como pejorativo veio mais tarde, por conta dos romanos. As rainhas guerreiras celtas possuíam haréns de homens responsáveis por lhe dar prazer enquanto o rei estivesse em batalhas (de maneira análoga aos haréns tão comuns de mulheres). Isto, para os romanos (e, posteriormente para os católicos), era um absurdo.

Na sua visão machista, os reis celtas que permitiam estes concubinos eram “menos homens” que os guerreiros romanos e começaram a espalhar a associação entre o “portar chifres” (lembrem-se do que já falamos sobre a simbologia dos chifres de alce e os reis europeus) e o “sua mulher dormiu com outro homem”.

Um desdobramento interessante que falarei no futuro é a história de Gwenhwyfar, uma destas rainhas, que deu origem posteriormente à personagem chamada Guinevere, esposa do rei Arthur.

Gwenhwyfar possuía concubinos enquanto o rei estava em batalhas e, mais tarde, na cristianização destes mitos, o concubino de Guinevere se torna seu “amante” (e, posteriormente, nas mãos do Francês Chrétien de Troyes, este amante do rei Inglês se torna o cavaleiro francês Lancelot... é, a história do Rei Arthur que vocês conhecem é uma salada de frutas histórica composta de várias lendas empilhadas, mas isso é tema para outro artigo).

Para os Celtas, o Deus Cornífero

O Deus Cornífero é representado por um ser com cabeça humana, chifres e pernas de cabra ou cervo. Ele é o guardião das entradas e do círculo mágico que é traçado para se começar o ritual. É o deus pagão dos bosques, o rei do carvalho e senhor das matas. É o deus que morre e sempre renasce (o Senhor das Estações do ano). Seus ciclos de morte e vida representam nossa própria existência.

Os chifres e a capa vermelha representavam o rito de iniciação, tanto que estão presentes até os dias de hoje na figura alegórica da Coroa e da Capa Vermelha dos Reis europeus.

Mas por que essa imagem diabólica tão horripilante? O chifre apresentava conotação sagrada, como um sinal “divino”, desde dez mil anos a.C., no período Neolítico, representando também fertilidade e vitalidade. Acreditava-se que os chifres recebiam poderes especiais vindos das estrelas e dos céus (a simbologia da cauda formada pelos cometas).

Basta observar as histórias da Cornucópia, que eram chifres das quais brotavam frutas, verduras e vegetais suficientes para alimentar a todos, em um sinal de fartura e prosperidade.

Existem várias versões do Deus Cornífero, como o Deus Cernunnos (versão celta e galo-romana). Na religião pagã Wicca, criada por Gerald Gardner, acredita-se que o Deus Cornífero seja o guardião das entradas e do círculo dos ritos.

Segundo a Wicca, o Deus Cornífero nasceu da grande Deusa, divindade suprema para os wiccanianos, representada por várias faces.

Uma das versões do Deus Cornífero é a que o considera protetor dos pastores e dos rebanhos. Uma versão do Deus Osíris – considerado pelos egípcios o deus da agricultura e da vida para além da morte.

Em algumas cavernas da França, foram encontradas pinturas do período Paleolítico, com homens fantasiados de veado, representando o Deus Cernunnos. Muitas vezes, ele era representado em imagens, acompanhado de uma serpente, e em tempos mais modernos, com uma bolsa cheia de moedas.

Geralmente, ele é representado sentado e de pernas cruzadas, talvez assumindo a posição de um xamã.

Considerado também o deus da caça e da floresta, hoje é um deus ou ser divino quase esquecido, lembrado apenas nas religiões pagãs.

Podemos perceber claramente que nenhum destes deuses nunca foi relacionado a um ser “infernai”. Mas nos dias atuais, em que imaginamos o Diabo ou um ser infernal, o que nos vem à mente é uma imagem demoníaca, maléfica, um ser com chifres e pernas de cabra. Existiu conspiração religiosa na deturpação da imagem do Deus Cernunnos? Teriam criado essa farsa apenas para acabar com as antigas religiões? A resposta parece óbvia.

Exu – O Orixá Fállico

Exu também tem os seguintes epítetos ou atributos: Exu Lonan, o Senhor dos Caminhos; Exu Osije-Ebo, o Mensageiro Divino; Exu Bará, o Senhor (do movimento) do Corpo; Exu Odara, Senhor da Felicidade; Exu Eleru, o Senhor da Obrigação Ritual; Exu Yangi, o Senhor da Laterita Vermelha; Exu Elegbara, o Senhor do Poder da Transmutação; Exu Agba, aquele que é o ancestral; Exu Inã, o Senhor do Fogo.

Exu é o Orixá que rege o jogo de Búzios, uma modalidade divinatória. Diz um mito que Exu é o único Orixá que tinha esse poder, mas decidiu compartilhá-lo com Ifá em troca de receber as oferendas e pedidos antes de qualquer outro Orixá.

Assim como Hermes, Exu é o mensageiro dos deuses, seu poder é o de receber e transportar os pedidos e oferendas dos seres humanos ao Orum, o Mundo dos Deuses. É o Senhor dos Caminhos, das encruzilhadas, das trocas comerciais e de todo tipo de comunicação. Ele representa também a fertilidade da vida, os poderes sexual, reprodutivo e gerativo. Não podemos nos esquecer de que o sexo, diferentemente do que os católicos e evangélicos dizem (uma coisa de luxúria, de pecado), é na verdade um ATO SAGRADO. Talvez por isso, por ele ser o poder sexual, os cristãos o comparem com o Demônio.

A origem do mito de associação de Exu com o Diabo vem dos Jesuítas. Quando os escravos estavam fazendo o sincretismo de suas religiões africanas com os Santos Católicos, os Jesuítas desconfiaram que havia alguma coisa errada... Nas religiões africanas, não existe a figura do diabo, apenas de deuses com características humanas. Então eles encontraram um símbolo fálico representando o Exu e tiveram a “brilhante ideia” de associar o pênis ereto com o sexo (pecado) com o Diabo para completar o panteão católico.

Adicione dois séculos de deturpação católica e (posteriormente) evangélica e temos a imagem do Exu como ela é nos dias de hoje.

Sem falar que normalmente a figura do Senhor Exu é colocada com chifres, rabo, pintado de vermelho, imagem bem parecida com a que os cristãos “desenham” o Diabo... Então, o Exu verdadeiro das religiões africanas nada tem em comum com o diabo lúdico, e as esquisitas estátuas comercializadas e utilizadas arbitrariamente em terreiros são frutos da imaginação de visionários que não enxergam nada além das manifestações dos baixos sentimentos em formas deprimentes, nos seres que lhes são afins.

Laroiê, Senhor Exu! (“Ninguém tira a saúde e a riqueza”).

Diabo e Ayin – Caminho 26

Quando pergunto a qualquer pessoa se Deus é onipresente, onisciente e onipotente, e elas normalmente respondem que sim, concluo com a seguinte pergunta: Então, quem é o Diabo?

Elas ficam sem resposta... Ora, esse Demônio, tão difundido pelas religiões judaico-cristãs, não existe. O conceito de bem ou mal é relativo, está intrinsecamente ligado ao ser humano, dentro de cada um de nós e não fora.

O Diabo só existe dentro de nossos corações frágeis e reina naqueles que não dominam suas emoções e navegam conforme a maré dos acontecimentos, sem rumo certo. Na Kabbalah, o Diabo é o caminho que leva de Hod (a Razão) a Tiferet (a Iluminação). É o caminho da esquerda, o entendimento de que para atingirmos a iluminação devemos encarar nossos erros e medos de frente e nos tornarmos responsáveis por tudo aquilo que fazemos, de maneira fria.

O arcano do tarot representa nossas paixões, vontades verdadeiras e intrínsecas, removidas de falsidade ou falsas hipocrisias. Talvez por isso seja tão temida entre os leigos que mexem com o tarot, que o associaram à “maldade”. Seu signo associado é Capricórnio, o signo da tradicionalidade, da severidade, das linhas corretas.

Tupan

Tupã ou Tupan (que na língua tupi significa “trovão”) é uma entidade da mitologia tupi-guarani.

Os indígenas rezam a Nhanderuvuçu e a seu mensageiro Tupã, que não era exatamente um deus, mas sim uma manifestação de um deus.

Tupã não era “deus” como os jesuítas quiseram fazer com suas “brilhantes ideias” para catequizar à força os índios, mas sim um Mensageiro dos Deuses, ou seja, possuía as mesmas características de Hermes e Exu.

Para os que acham que isso é exagero, basta verificar o que o nosso amigo jesuíta Padre Quevedo inventa e distorce sobre a Umbanda e o Kardecismo nos dias de hoje e veremos que os Jesuítas CONTINUAM com essa mania de mentir e distorcer a cultura alheia, mesmo em pleno 2008.

Câmara Cascudo afirma que Tupã “é um trabalho de adaptação da catequese”. Na verdade, o conceito “Tupã” já existia, não como

divindade, mas como conotativo para o som do trovão (Tu-pá, Tu-pã ou Tu-pana, golpe/baque estrondante); portanto, não passava de um efeito, cuja causa o índio desconhecia e, por isso mesmo, temia.

Oswaldo Orico é da opinião de que os indígenas tinham noção da existência de uma Força, de um Deus superior a todos. Assim ele diz: “A despeito da singela ideia religiosa que os caracterizava, tinha noção de Ente Supremo, cuja voz se fazia ouvir nas tempestades – Tupã-cinunga, ou ‘o trovão’, cujo reflexo luminoso era Tupãberaba, ou ‘relâmpago’. Os índios acreditavam ser o deus da criação, o deus da luz. Sua morada seria o Sol”.

Pandora

Na mitologia grega, Pandora (“bem-dotada”) foi a primeira mulher, criada por Zeus como punição aos homens pela ousadia do titã Prometeu em roubar dos céus o segredo do fogo.

“Caixa de Pandora” é uma expressão utilizada para designar qualquer coisa que incita a curiosidade, mas que é preferível não tocar (como quando se diz que “a curiosidade matou o gato”). Tem origem no mito grego da primeira mulher, Pandora, que por ordem dos deuses abriu um recipiente (há polêmica quanto à natureza deste, talvez uma panela, um jarro, um vaso, ou uma caixa tal como um baú...) onde se encontravam todos os males que desde então se abateram sobre a humanidade, ficando apenas aquele que destruiria a esperança no fundo do recipiente.

Existem algumas semelhanças com a história judaico-cristã de Adão (Adan) e Eva em que a mulher é, também, responsável pela desgraça do gênero humano.

Desde que Zeus (Júpiter) e seus irmãos (a geração dos deuses olímpicos) começaram a disputar o poder com a geração dos Titãs, Prometeu era visto como inimigo, e seus amigos mortais eram tidos como ameaça.

Sendo assim, para castigar os mortais, Zeus privou o homem do fogo; simbolicamente, da luz na alma, da inteligência... Prometeu,

“amigo dos homens”, roubou uma centelha do fogo celeste e a trouxe à terra, reanimando os homens.

Ao descobrir o roubo, Zeus decidiu punir tanto o ladrão quanto os beneficiados. Prometeu foi acorrentado a uma coluna e uma águia devorava seu fígado durante o dia, o qual voltava a crescer à noite.

Para castigar o homem, Zeus ordenou a Hefesto (Vulcano) que modelasse uma mulher semelhante às deusas imortais e que tivesse vários dons. Atena (Minerva) ensinou-lhe a arte da tecelagem, Afrodite (Vênus) deu-lhe a beleza e o desejo indomável, Hermes (Mercúrio) encheu-lhe o coração de artimanhas, imprudência, ardis, fingimento e cinismo, as Graças embelezaram-na com lindíssimos colares de ouro...

Zeus enviou Pandora como presente a Epimeteu, o qual, esquecendo-se da recomendação de Prometeu, seu irmão, de que nunca recebesse um presente de Zeus, o aceitou. Quando Pandora, por curiosidade, abriu uma caixa que trouxera do Olimpo, como presente de casamento ao marido, dela fugiram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Pandora ainda tentou fechar a caixa, mas era tarde demais: ela estava vazia, com a exceção da “esperança”, que permaneceu presa junto à borda da caixa.

Outra lenda grega diz que Pandora é a deusa da ressurreição. Por não nascer como a divindade, é conhecida como uma semideusa. Pandora era uma humana ligada a Hades. Sua ambição em se tornar a deusa do Olimpo e esposa de Zeus fez com que ela abrisse a ânfora divina. Zeus, para castigá-la, tirou a sua vida. Hades, com interesse nas ambições de Pandora, procurou as Pacas (dominadoras do tempo) e pediu para que o tempo voltasse. Sem a permissão de Zeus, elas não puderam fazer nada.

Hades convenceu o irmão a ressuscitar Pandora. Graças aos argumentos do irmão, Zeus a ressuscitou dando a divindade que ela sempre desejava. Assim, Pandora se tornou a deusa da ressurreição. Para um espírito ressuscitar, Pandora entrega-lhe uma tarefa; se o espírito cumprir, ele é ressuscitado. Pandora, com ódio de Zeus por

ele tê-la tornado uma deusa sem importância, entrega aos espíritos somente tarefas impossíveis. Desse modo, nenhum espírito conseguiu nem conseguirá ressuscitar.

Peter Pan

O menino mágico que voa sem medo de envelhecer, mas não quer crescer...

Peter Pan leva-nos aos gnomos e fadas comuns em histórias europeias antigas. Esses “arquétipos”, como Jung deveria dizer, têm reaparecido na “mente coletiva” com grande frequência, ou seja, Peter, visto pela ótica mítica do deus Pan, deus dos bosques, representa a natureza selvagem que habita dentro de cada um de nós.

Peter Pan toca sua flauta com nostalgia no filme de Hogan. Sem tristeza, porém. Afinal, ele só pode ter pensamentos felizes, pois só assim se pode voar.

Terra do Nunca, fadas, imaginação... Fica de lição de casa para os sedentários assistir novamente ao desenho animado do Tio Disney.

Finalizando...

Os chifres sempre foram representações da luz, da sabedoria e do conhecimento entre os povos antigos. Portanto, como podemos perceber, desde tempos imemoráveis os chifres foram considerados símbolos de realeza, divindade, fartura, e não símbolos do mal como muitos associaram e ainda associam. O chifre sempre simbolizou a força de um animal, ou o poder de uma pessoa ou nação.

Podemos dizer, então, que o Deus, a Grande Mãe e o Deus Cornífero representam juntos as forças vitais do Universo Cornífero. É o mais alto símbolo de realeza, prosperidade, divindade, luz sabedoria e fartura. É o poder que fertiliza todas as coisas existentes na Terra.

Já as patas de bode sempre representaram o contato com a terra, a virilidade, a prosperidade e a fertilidade, próprias de quem trabalha no campo e não tem medo de galgar as montanhas do espírito em direção ao seu topo.

Pan representa a Árvore da Vida, a liberdade do ser humano de desfrutar a natureza em paz e harmonia, de manter o contato com a divindade e a liberdade de pensamento. Pan representa o sexo como fonte de prazer para o homem e a mulher, bem como uma maneira de se chegar ao estado divino sem a necessidade de “pedágios”.

E por esta razão, foi tão necessário para a Igreja transformá-lo no “adversário” e, através de séculos de terror e mentiras que ela mesma criava (e cria até hoje) para seus fiéis, estamos hoje com uma imagem totalmente deturpada da natureza e de seus deuses antigos.

Forte Abraço.

BELZEBU, SATANÁS E LÚCIFER

08.05.2008

Os mais sensíveis devem ter tremido nas bases apenas com a mera menção destes nomes. Isto mostra como a lavagem cerebral a que somos submetidos todos os dias desde criança é poderosa.

Continuando nossa pequena série de como os Deuses da Antiguidade foram transformados em “demônios” pela nossa grande amiga Igreja Católica, hoje o tio Marcelo explicará sobre a origem dos nomes da famosa “Trindade Satânica”. Começaremos este artigo com uma das armas mais importantes do adversário: o Tridente!

Afinal de contas, diabo que se preze não pode ser visto sem ele...

Trishula, o Tridente de Shiva

Para estudar a história das religiões, devemos mergulhar o mais fundo que pudermos e depois analisar cada passo historicamente, assim conhecemos direito a origem de cada coisa e entendemos como elas foram manipuladas pela Igreja. Começaremos com a Índia:

Na tradição hindu, Shiva é o destruidor (ao lado de Brahma, o criador e Vishnu, o mantenedor). Na verdade Shiva destrói para

construir algo novo, assim, prefiro chamá-lo de “renovador” ou “transformador”. Suas primeiras representações surgiram no neolítico (4.000 a.C.) na forma de Pashupati, o Senhor dos Animais. Assim como Kali, Shiva é o destruidor do Ego, dos defeitos e das podridões que precisam ser limpas em nossas almas para que possamos nos desenvolver.

O tridente mais antigo que se tem registro é o Trishula, a arma principal de Shiva, retratado aproximadamente 6.000 anos atrás. É com essa arma que ele destrói a ignorância nos seres humanos. Suas três pontas representam as três qualidades da matéria: *tamas* (a inércia), *rajas* (o movimento) e *sattva* (o equilíbrio). Eles também representam os três Nadis (*Ida*, *Pingala* e *Sushumna*) que correm ao lado da coluna e que são muito importantes no processo de circular a energia através dos chakras e pela Kundalini.

Portanto, para os Indianos e durante mais de 4.500 anos, o tridente foi o símbolo de sabedoria; uma arma sagrada que todos nós devemos sempre lembrar de carregar conosco.

O Mudra de Trishula

Uma das armas mágicas mais simples e eficazes que um magista pode carregar consigo são os chamados “mudras”. Mudras são posições de mãos aliadas a respirações, que ajudam a direcionar e canalizar a energia dentro de nós e ao nosso redor para determinadas ações, através de eletromagnetismo. O chamado “Mudra de Trishula” é formado unindo nossos polegares aos dedos mínimos e deixando os outros três dedos levemente afastados, na forma de um tridente.

Mahakal

Mahakal é um deus que se originou dos cultos a Shiva e ficou famoso em toda a Indonésia. Ele é considerado o senhor da Morte e da Ressurreição, aquele que destrói toda a ignorância e todos os defeitos para que as pessoas possam renascer e desenvolver suas qualidades. Ele também carregava um tridente em uma de suas mãos e uma serpente na outra. A serpente, como já vimos em artigos

anteriores, é o símbolo da Kundalini e do despertar de nossa consciência cósmica.

Ou seja, antes de começarmos a querer despertar nossa consciência cósmica e nossos poderes de X-Men, temos primeiro de destruir nosso Ego e nossos defeitos cardinais. Onde já ouvimos algo semelhante?

– *JESUS, JESUS, JESUS...*

Isso mesmo, crianças... Yeshua disse em uma de suas parábolas:

“Não se põe vinho velho em odres novos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho, e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam” (Mateus 9,17).

E o que este ensinamento quer dizer? Que a Morte é necessária. Devemos SACRIFICAR nossos defeitos e nossos pensamentos malignos, mesmo que eles tenham acabado de nascer, no ALTAR de nossos pensamentos, para que, somente limpos de nosso ego e de nossos defeitos, possamos desenvolver a Serpente/dragão (Kundalini, a consciência cósmica) que existe dentro de nós.

– Epa! Sacrificar? Nascidos? Altar? Dragão? Tridentes? Humm, podemos ver que muitas das coisas que foram distorcidas pela Igreja Católica a respeito de outras religiões começam a fazer sentido.

Poseidon

Dos três deuses principais da mitologia grega (Zeus, Poseidon e Hades), Poseidon era o senhor dos grandes mares. A ele cabiam os domínios de todos os mares e, conseqüentemente, de todo o entorno nas quais o mundo estava contido (simbolicamente, os grandes mares do Abismo envolvem as sete esferas inferiores dentro da Árvore da Vida).

Poseidon, portanto, representava o senhor dos limites, aquele que domina as águas do abismo, com um poder que originalmente era até superior ao de seu irmão Zeus.

Simbolicamente, enquanto Zeus possuía o Raio como arma principal (novamente uma referência à Kabbalah e à Árvore da Vida, e uma das mais importantes de todas), Poseidon era o detentor do Tridente, a chave para a libertação da Roda de Sansara. A arma mais importante de todas, pois era através dela que o ser humano consegue dominar os quatro elementos e se tornar senhor do seu Destino.

Como símbolo, o tridente era usado por todas as pessoas como símbolo de proteção. Talvez apenas ficasse no mesmo plano de popularidade que o Falo de Pan/Fauno ou do Pentagrama de Vênus/Astarte/Afrodite (desnecessário dizer o que aconteceu com esses outros símbolos, certo?). E assim permaneceu, como um dos símbolos mais poderosos e importantes da antiguidade, até a chegada de Constantino, o picareta, e da criação da Igreja Católica Apostólica Romana, quando o tridente passou a fazer parte do arsenal de badulaques para assustar os fiéis.

Deus de um é o demônio do outro...

Retornemos no tempo até cerca de 4.000 a.C. A uma determinada altura na história dos antigos habitantes da zona da mesopotâmia, começou a existir uma confusão relativa à identificação dos deuses. Cada lugar adorava um mesmo deus, mas com um nome diferente, e isto tudo fomentou a dificuldade de hoje em identificarmos a diferença entre os deuses.

Quando uma região entrava em guerra com a outra, os deuses de uma se tornavam os “Adversários” (Shaitans) da outra religião e, quando o povo era absorvido, estes deuses também eram absorvidos e transformados em deuses menores OU demônios, conforme a necessidade (como podemos ver, esta não é uma prática original do cristianismo de Roma, e já existe desde sempre).

Vou usar como exemplo fácil dois tipos de entidades: Devas e Asuras.

Se você procurar pelo panteão hindu, os Devas e os Asuras eram tipos diferentes de divindades. Alguns Asuras eram bons e alguns

eram malvados. Os Devas, por outro lado, eram divindades equivalentes aos Anjos católicos, mensageiros dos deuses e auxiliares da humanidade.

Por outro lado, se fomos observar a mitologia Persa (e depois o Zoroastrismo), nos quais foram aplicados o conceito de Bem x Mal, veremos que os Devas acabaram se tornando “A personificação de todo o mal imaginável”, e os Ahuras (Asuras) são a personificação das divindades e os servos dos deuses do bem.

Ou seja, os anjos dos hindus são os demônios dos Persas, e vice-versa.

Baal

Na Mesopotâmia existia um deus chamado Baal. Ele possuía os mesmos atributos de Zeus ou Odin. Era o pai celestial, senhor cósmico que vigiava a Terra e fulminava as pessoas com relâmpagos se fosse necessário. Era o deus da fartura e da fertilidade, em cuja morada ficava a cornucópia (aquele chifre que brotava comida em abundância) e assim por diante...

O nome Baal deu origem a Beliel, o qual vem referido até no novo testamento. Este personagem teve a sua origem muito anteriormente como o príncipe do mundo, título que lhe garantia uma superioridade em relação aos outros componentes da divindade desta época. Este deus era conhecido também por Enki – O Senhor da Terra

Existem inúmeras referências a ele na bíblia:

Números 22:41 (Os Hebreus tinha Altares a Baal)

Juízes 2:13 (o povo de Israel serviram Baal e Asterath)

Juízes 6:25 (Deus manda destruir o Altar de Baal)

1 Reis 16:31 (Jeroboão adora Baal)

1 Reis 18:19 (Desafio entre Yahweh, Baal e Asterath)

1 Reis 22:54 (Acázias adora Baal)

2 Reis 10:19-28 (Jeú arma uma cilada aos sacerdotes de Baal)

2 Reis 11:18 (Destruição do Templo de Baal)

2 Reis 17:16 (Novamente adoração a Baal)
2 Reis 23:05 (Referência aos adoradores de Baal, da Lua, do Sol e de outros planetas.)
2 Crônicas 23:17 (A morte de Matã, o sacerdote de Baal)
Jeremias 2:8 (O profeta questiona o poder dos sacerdotes de Baal e outros deuses)
Jeremias 7:9 (Adoração a Baal entre pecados como o furto e o assassínio?)
Jeremias 11
Jeremias 12:16 (Juras por Baal)
Jeremias 19:05 (Sacrifícios de Crianças a Baal)
Jeremias 23:13 (Samaritanos Loucos profetas de Baal)
Jeremias 32:29 (Os caldeus adoraram Baal)
Jeremias 32:35 (Outra referência ao sacrifício de Crianças)

Sacrifício de crianças

Naquele tempo, existia um costume de sacrificar crianças para garantir a colheita de uma vila. Normalmente o primogênito. Não apenas os mesopotâmicos, mas também os cartagineses, rivais dos romanos no controle do Mediterrâneo e derrotados por Roma nas Guerras Púnicas, costumavam sacrificar crianças para oferecer aos deuses.

Na bíblia, vemos isso no sacrifício que Abraão vai fazer de Isaac e é impedido pelo anjo, indicando alegoricamente que a humanidade não necessitava mais deste tipo de sacrifício.

Existia em Cartago uma estatueta de Baal de proporções imensas. A imagem tinha as mãos voltadas para a frente e ligeiramente inclinadas em direção à terra, sobre as quais eram colocadas as crianças escolhidas para o sacrifício: sem apoio, as crianças escorregavam e caíam em uma grande fogueira, acesa aos pés da estátua. Para o povo cartaginês, os seres imolados tornavam-se divindades. Músicos tocavam flautas e tambores durante o ritual, e as próprias mães entregavam seus filhos para os sacerdotes.

A palavra “Baal” significa “Senhor”, e cada cidade ou aldeia fenícia contava com seu Baal; e o mais importante era o de Tiro, chamado pelos seguidores de Baal Afelkart (este nome deu origem mais tarde ao “demônio” chamado Belfegor, que consta dos bestiários medievais que eu falarei mais para a frente).

Muitos fenícios (assim os gregos chamavam os cananeus), durante períodos de guerra, de seca ou de outras pragas, ofereciam o primeiro filho ao deus. O nome deste sacrifício é “Moloch”, e o termo acabou se tornando sinônimo do deus cananeu. No Antigo Testamento, o livro do Levítico adverte os fiéis: “Não darás teu filho em oferenda a Moloch, nem profanarás o nome do teu Deus”.

Baal + Zebub = Belzebu

Zebub é o nome hebreu para “As coisas que podem voar” ou, no sentido mais específico, os gênios do ar, silfos ou outras entidades astrais do ar e dos céus. Baal, como já vimos, significa “Senhor”. Desta maneira, Baal-Zebub significa “Aquele que é o senhor dos gênios elementais do ar”.

Belzebu como “Senhor das Moscas” surge da interpretação distorcida da bíblia do Rei James que chama Baal-Zebub de “Lord of the things that can fly”; sendo que, em inglês, “fly” também quer dizer “mosca”. Então para justificar a aura “maléfica” de Belzebu, nada mais conveniente do que associá-lo a coisas repugnantes...

Em 1863, Collin de Plancy escreve o “dicionário infernal” e reinventa Belzebub como uma mosca gigante. O dicionário infernal foi um dos inúmeros livros que pesquisei em minha *Enciclopédia de Mitologia* [livro de autoria de Marcelo Del Debbio, publicado pela Daemon Editora].

Daemons

Os Daemons são os anjos da guarda das pessoas. Esta palavra grega significa “Espíritos”; eles representam os espíritos guias ou Mentores (o nome dado no Espiritismo) que cuidam de cada pessoa durante sua encarnação. Segundo os ocultistas, toda pessoa possuía seu

próprio Daemon, responsável por acompanhá-la e protegê-la em caso de perigo, na medida do possível.

De seu nome surgiu a palavra Daemonium, ou mais tarde “Demônio”, para designar os seres malignos e tocar o terror nas cabecinhas dos pobres fiéis que, morrendo de medo do tinoso, se afastariam dos ensinamentos de qualquer outra religião que não fosse a deles (e tem sido assim até os dias de hoje).

Satanás

A origem deste nome vem da tradução de Shaitan. Shaitan (hebraico), ou Satanás (aramaico), significa “Adversário” e pode ser usado até mesmo para designar seu oponente no xadrez ou videogame. Para um time de futebol, os torcedores dos outros times podem ser chamados de shaitans... É uma palavra como qualquer outra, usada pelos povos antigos para designar qualquer povo que fosse oponente ao seu durante uma batalha e, mais tarde, estendido aos deuses destes povos.

Na bíblia, costumam dizer que a palavra está associada a um ente misterioso que teria se rebelado e deixado de servir a Deus e que aparece em Ezequiel 28: 12 a 19. Satanás também aparece no livro de Jó, como o “adversário” que disputa com Deus para ver até quanto conseguiriam torrar a paciência do pobre do servo.

Vocês podem ver com seus próprios olhos que não aparece nada sobre chifres, patas de bode ou tridentes relacionados com o tal “adversário” na Bíblia. Apenas referências isoladas a deuses fenícios, babilônicos, touros de ouro e outras divindades...

Com o tempo (1.600 anos, para ser mais exato), foi construída toda uma salada de frutas envolvendo deuses das religiões adversárias (ou “satânicas”, usando a etimologia correta da palavra) para gerar todo este folclore demoníaco que temos hoje em dia.

Lúcifer e Prometeus

Lúcifer (em hebraico, *heilel ben-shachar*, em grego *heosphoros*), representa a estrela da manhã (a estrela matutina), a Estrela D'Alva, o planeta Vênus.

A palavra “Lúcifer” significa “o que leva a luz”. A designação descritiva de Isaias 14:4, 12, provém duma raiz que significa “brilhar” (Jó 29:3), e aplicava-se a uma metáfora aplicada aos excessos de um rei de Babilônia, filho do rei Shachar, não a uma entidade em si. Os usos desta palavra no Velho Testamento e no Novo Testamento são COMPLETAMENTE DIFERENTES.

Basta ler a bíblia com atenção para perceber que Isaías não estava falando do “Diabo” (aquela criatura tradicional que os evangélicos se borram de medo), mas usando imagens retiradas de um antigo mito cananeu, nos quais Isaías referia-se aos excessos de um ambicioso rei babilônico (o pecado associado a Vênus é a Luxúria, e o rei ambicioso deixou-se levar pela luxúria e caiu dos céus de onde estava).

Na religião romana, Lúcifer ou Lucifurgo tinha as mesmas atribuições de Prometeus. Responsável por ter trazido a Luz (inspiração) dos deuses para os humanos, estaria condenado a permanecer com eles, sendo visto apenas durante a manhã ou ao cair da noite (tal qual o planeta que representava).

“Portador da Luz”, “Estrela da manhã”, “Estrela da alva”, “Estrela Matutina” e todas estas denominações querem dizer “aquele que nos traz a Iluminação”. Lembrem-se que Vênus sempre esteve conectado ao AMOR (esfera 7 da Kabbalah, Netzach) e, através do Caminho 24 (Nun, o sacrifício pela Humanidade) podemos seguir os passos de Yeshua através da bondade, do amor e do sacrifício pela humanidade e chegar a Tiferet (esfera do SOL cósmico, que representa os seres iluminados como Buda, Jesus, Krishna, etc).

É interessante que o Novo Testamento fale sobre a “estrela da alva” (2 Pedro 1:19) e a “estrela da manhã” (Apocalipse 2:28; 22:16).

Em todas estas passagens, fica bem claro que a estrela da manhã também não é “Satanás” ou qualquer outra criatura blasfema. Lendo

com calma, fica muito fácil perceber de quem Pedro está falando: O próprio Jesus é a brilhante estrela da manhã que abençoa seus servos fiéis, conforme vocês mesmos podem ler na *bíblia online*.

Simple e direto: Jesus é aquele que traz a luz, Jesus é aquele que traz a iluminação, Jesus é o “portador da luz divina”; ou seja: JESUS É LÚCIFER.

Ok... Ok... Eu sei que agora deve ter muita gente babando diante dos monitores, incrédulos, com os olhos arregalados e pensando “como assim?!”.

Releiam todo o texto, respirem fundo... Esqueçam por um minuto a imagem falsa e o jogo de palavras que foi colocado na cabeça de vocês durante toda a sua vida. Pense historicamente e racionalmente. Siga as palavras de acordo com sua ORIGEM e o que elas realmente significavam. Esqueçam historinhas de anjos caídos e afins... Existe toda uma metáfora para essa “Queda” (e ela envolve Capela, Algol, teosofia e outras coisas que são *advanced* Teoria da Conspiração e que explicarei no devido tempo). Por enquanto, vamos ficar no século IV, quando Yeshua se torna o adversário do Jesus-Apolo da Igreja Romana...

Para haver uma unificação dos fiéis ao redor da Igreja de Roma, era necessário haver um “Nós contra Eles”. Para justificar o Cristo-Apolo de Constantino, eles precisavam de adversários (Shaitans) e, assim sendo, transformaram todos os deuses de todas as outras religiões em demônios.

Mas prestem atenção: isto não foi feito pela Igreja do dia para a noite... Isto foi um processo que levou anos, décadas, séculos... E muitos “adversários” (shaitanistas) queimando na fogueira...

E para quem acha que isso é algo medieval e que faz parte do passado, podemos citar o processo de demonização das Religiões Afro que ocorre nas Igrejas evangélicas nos dias de hoje, onde transformaram babalorixás em “pais de encosto”, Exus em

“demônios”, Bombo-Gira em “prostitutas” e outras barbaridades *dízimicas* (acho que inventei esta palavra, mas tudo bem).

Om Namah Shivaya.

ZARATUSTRÁ, MITHRA E BAPHOMET

14.05.2008

Se para a Igreja Católica existia um deus “do bem”, seria necessário inventar deuses “do mal” para servirem como opositores. Para entender como surgiram os demônios, precisamos entender quem eram os deuses das religiões “adversárias” (Shaitánicas).

E, de quebra, também desvendaremos os mistérios de Baphomet!

Diabo e Diabolos

Antes de prosseguir, é necessário fazer um adendo. Muitos religiosos gostam de inventar traduções adaptadas às suas necessidades para certas palavras, normalmente de maneira tosca e grosseira, mas que dependendo da erudição com que são colocadas, acabam enganando os desavisados.

“Diabo” vem de “Diabolos”, cujo significado está atrelado a outra palavra bem conhecida: “Símbolos”. Diabolos significa “Aquilo que nos separa”; enquanto Símbolos significa “Aquilo que nos une”. Desta maneira, uma seita “diabólica” significa, no sentido correto da palavra, “uma seita que nos separa”. Já a relação entre símbolo e união é bem fácil – basta imaginar um time de futebol. O símbolo do time é o brasão que une os torcedores.

Assim falou Zaratustra

Zaratustra, às vezes chamado de Zoroastro, é o fundador do Zoroastrismo. Ele foi um verdadeiro iniciado, nascido na Pérsia cerca de 1.000 anos antes de Cristo. Desde muito cedo, Zoroastro já demonstrava sabedoria fora do comum; aos 15 anos realizava valiosas

obras religiosas e era conhecido e respeitado por sua bondade para com os pobres e pelo sistema religioso-filosófico que criou.

Seus sacerdotes, os Magi (sábios), eram vegetarianos, reencarnacionistas, espiritualistas e conheciam muito bem a astrologia. Zoroastro reformulou uma religião chamada Mazdeísmo, com uma visão mais positiva do mundo.

Para entender melhor esta religião, precisamos estudar a estrutura social da época: os persas estavam divididos em três classes – os sacerdotes, os guerreiros e os camponeses. Os Ahuras (“senhores”) eram venerados apenas pela primeira classe; Mithra era um Ahura venerado na classe dos guerreiros; e os camponeses possuíam seus próprios deuses da fertilidade.

O Zoroastrismo prega a existência de um Deus único, Ahura Mazda (“Divindade Suprema”), a quem se credita o papel de criador e guia do universo (Keter, na Kabbalah). Desta divindade emanam seis espíritos, os Amesas Spenta (Imortais Sagrados), que auxiliam Ahura Mazda em seus desígnios.

São eles: Vohu-Mano (Espírito do bem), Asa-Vahista (Retidão suprema), Khsathra Varya (Governo Ideal), Spenta Armaiti (Piedade sagrada), Haurvatat (Perfeição) e Ameretat (Imortalidade). Estes seres travam uma batalha dentro de cada pessoa contra o princípio do mal: Angra Mainyu, por sua vez acompanhado de entidades malignas: O Mau pensamento, a mentira, a rebelião, o mau governo, a doença e a morte.

A grande questão do bem e do mal, colocada por Zoroastro, se resolve DENTRO da mente humana. O bom pensamento cria e organiza o mundo e a sociedade, enquanto o mau pensamento faz o contrário. Esta opção é feita no dia-a-dia da pessoa e ninguém pode fazer uma opção definitiva, pois este é um processo dinâmico e progressivo.

O nome Mithra (Sol) era visto como o “Deus da Luz”. Os vedas o chamavam de Varuna e os persas de Ahura Mazda.

Zoroastro teve muitos problemas em tentar implementar a religião monoteísta, tentando se opor aos sacerdotes de Mithra e os sacrifícios

sangrentos dos touros. Zoroastro foi assassinado por sacerdotes de Mithra no templo de Balkh.

Após este período, o culto a Mithra floresceu. Seu dia sagrado, o Solis Invictus, é comemorado a 25 de Dezembro, mesma data do nascimento de Hórus e celebrando a “vinda da nova luz” (claro que não existia o dia *25 de Dezembro* com este nome, pois o calendário gregoriano só seria inventado muitos séculos depois; a data era calculada pelas luas e pelos astros para cair no Solstício de Inverno, a noite mais longa do ano).

Mithra era considerado o “Filho de Deus” – filho de Ahura Mazda, recebeu a incumbência de matar o touro primordial. Mithra nasce em uma gruta (lembrem-se do que falamos nos outros artigos sobre cavernas, certo?) e o céu é sua casa. Matar o touro é o motivo principal do culto mitraico.

Isto é tão importante para compreendermos várias coisas dentro de diversas culturas que eu vou repetir: *“matar o touro é o motivo principal da religião mitraica”*.

E tudo isto tem a ver com Astrologia e as precessões (você assistiu *Zeitgeist*, certo?). Então Mithra simboliza o signo de Áries (o guerreiro) substituindo o signo de Touro nas Eras Cósmicas.

Nos rituais Mitraicos, o boi era sacrificado e imolado (queimado), e sua carne e sangue eram oferecidos aos sacerdotes como oferendas de poder. Eles também consumiam vinho e realizavam rituais sexuais, onde através do sexo e do vinho, chegavam ao êxtase, ou a comunhão com Deus.

Do culto a Mithra também surge a história do Minotauro, onde a cada ano, sete pares de jovens eram oferecidos em seu sacrifício (representando os sete pecados capitais – falaremos mais sobre isto no futuro).

Teseu, o guerreiro (Áries), encontra o caminho do labirinto e mata o minotauro (touro), restaurando a paz. A lenda de Teseu é uma derivação iniciática dos cultos a Mithra.

Outro aspecto cultural derivado do Mitraísmo são as touradas. Nela, o guerreiro entra em uma arena (a arena representa a Terra) e precisa derrotar em combate o touro, tal qual Mithra fez com o touro primordial. No final da batalha, o touro é imolado e servido como banquete aos sacerdotes e guerreiros da irmandade.

Na bíblia temos referência ao touro quando Moisés desce do monte Sinai com os mandamentos (Kabbalah) e depara com os sacrifícios ao bezerro de ouro. Outra referência astrológica.

Posteriormente, os Essênios e Yeshua (Jesus) substituem o touro imolado e o sangue pelo pão e vinho egípcios: o pão representando o corpo de Osíris e o vinho o sangue de Osíris (“tomai e comei todos vós; este é o meu corpo e o meu sangue que é derramado por vós” é uma oração EGÍPCIA e representa o sacrifício de Osíris). Jesus, como iniciado, estava celebrando o culto ao Deus-Sol na chamada “Santa Ceia”.

Com o tempo, as pessoas passaram a preferir a eucaristia vegetariana de Yeshua ao invés do banquete carnívoro de Mithra, e o ritual de culto ao Deus-Sol acabou se transformando no que chamamos hoje de Eucaristia. Embora o ritual original tenha sido modificado e sobrevivido até os dias de hoje, de uma forma ou de outra.

Os celtas também tinham o costume de fazer sacrifícios ao Deus-Sol. Mas ao invés do touro, sacrificavam o Javali, símbolo do sol. Quem já leu as aventuras de Asterix sabe que toda vitória era comemorada com um grande banquete celebrado por toda a vila, em um *Ágape Fraternal*. O mesmo ocorria nas legiões romanas e entre os sacerdotes Mitraicos. Note que a tábua redonda (ops, eu disse “tábua”... eu quis dizer “Mesa”) ao redor da fogueira forma justamente o símbolo astrológico do SOL (um círculo com um ponto central).

Outro costume de Batismo de Fogo, muito popular entre os soldados romanos de alta patente, consistia no Taubólio, o ritual de

sacrifício do touro. Sobre uma forte estrutura em forma de rede de aço, era imolado um touro pelos sacrificadores e seu sangue escorria sobre o iniciado, que fica abaixo desta estrutura, nu, em uma fossa escavada no chão. Ali recebe o sangue sobre a cabeça e banha com ele todo o seu corpo. Ao sair da fossa, todos se precipitavam à sua frente, saudando-o. Após a imolação, recolhiam-se os órgãos genitais do touro (cojones), que eram cozinhados, preparados e servidos ao iniciado.

Apesar de parecer nojento, o ritual é impressionante...

As tradições Mitraicas permaneceram em Roma até o século IV, coexistindo com o Cristianismo. Em 325 d.C., o Concílio de Nicéia fixou o deus “verdadeiro” e iniciou-se a queda do culto a Mithra.

Mithra é o padrinho da Igreja Católica, já que roubaram sua festa de aniversário (25 de dezembro), seu dia de celebração (as missas são celebradas no Domingo de manhã – Dia do Sol e hora do sol), o chapéu que os papas, cardeais e bispos usam chama-se Mitra, e o templo maior de Mithra ficava em um lugar conhecido como Colina Vaticana, que também foi “substituído” pela Igreja principal católica.

Tertuliano presenciou as cerimônias de culto à Mithra e chamou este ritual de “Paródia Satânica da Eucaristia”, ou “Missa Negra” e muitas das histórias bizarras inventadas sobre o “satanismo” foram derivadas destes cultos. Da distorção destas festividades surgiram as famosas “missas satânicas” nas quais se “usava uma mulher nua como altar, bebia-se sangue e comia-se carne ao invés de pão e vinho, os sacerdotes vestiam-se de preto e usavam o terrível pentagrama” e por aí vai... Uma mistura de cultos celtas, gregos e mitraicos, com um pouco de criatividade mórbida para assustar os crentes, e *voilà*.

No Concílio de Toledo, em 447, a Igreja publicou a primeira descrição oficial do diabo, a encarnação do mal: “Um ser imenso e escuro, com chifres na cabeça e patas de bode”. Claramente uma mistura de Mithra, Pan e Cernunnus.

Claro que quase todos nós prestamos homenagens a Mithra até os dias de hoje: Festividades realizadas no dia dedicado ao Sol (Domingo – Sun-day), envolvendo sacrifícios de bois imolados cuja carne e sangue são consumidos pelos sacerdotes, junto com vinho ou cerveja. A Igreja Católica chama isso de “Paródia Satânica da Eucaristia”, mas as pessoas costumam chamar estas homenagens a Mithra de “Churrasco de Domingo”.

Baphomet

(agradecimentos ao irmão Cezaretti)

Para entender a criação e a falsa associação desta figura meio homem meio bode com a Maçonaria, teremos que seguir um longo e tortuoso caminho iniciando no século XII.

Depois da Primeira Cruzada, no ano 1119 em Jerusalém, surge um pequeno grupo de militares formando uma ordem religiosa tendo como seu principal objetivo proteger os peregrinos visitantes à Palestina. Ficaram conhecidos como os Cavaleiros Templários.

Falarei muito mais sobre eles em uma série de artigos futuros, mas por enquanto basta sabermos que, devido à necessidade de enviar dinheiro e materiais regularmente da Europa à Palestina, os Cavaleiros Templários gradualmente desenvolveram um eficiente sistema bancário que nunca existira [de fato, eles inventaram os bancos].

Assim, levando uma vida austera com uma forte disciplina, defendendo com desinteresse as Terras Santas, recebendo doações de benfeitores agradecidos, os Templários acumularam com o passar dos anos grande riqueza. Tais poderes, militar e financeiro, os tornaram respeitados e confiáveis para a população da época.

Os Templários financiavam, através de vultosos empréstimos, muitos reis da época. Porém, por volta do ano 1300 os Templários sofreram diversas derrotas militares, deixando-os em uma posição vulnerável e assim, suas riquezas se tornaram objeto de ganância e ciúme para muitos.

Na época o Rei francês Felipe IV (Felipe, o Belo) estava envolvido em uma tumultuada disputa política contra o Papa Bonifácio VIII e ameaçava com a possibilidade de embargar seus impostos ao clero. Tal agressividade do Rei contra o sumo pontífice era principalmente devido à corte francesa estar falida. Então o Papa Bonifácio, em 1302, editou a Bula Unam Sanctam, uma declaração máxima do papado, que condenava tal atitude.

Os partidários de Felipe então aprisionaram Bonifácio que escapou pouco tempo depois, mas veio a falecer logo em seguida. Em 1305 Felipe, com uma trama política e pressão militar, obteve a eleição de um dos seus próprios partidários, inclusive amigo de infância, como Papa Clemente V e o convenceu a residir na França, onde estaria sob seu controle todo movimento eclesiástico (Este era o começo do denominado “Cativeiro Babilônico do Papado”, de 1309 a 1377, durante o qual os Papas viveram em Avignon e sujeitos a lei francesa).

Novamente, falarei mais sobre isso quando chegar a vez de falar sobre os Templários, mas por ora, basta sabermos que o Papa estava sob o controle total do rei Felipe, o Belo.

Agora com o Papa firmemente sob seu controle, Felipe voltou-se para os Cavaleiros Templários e a fortuna deles, e denunciou os Templários à Igreja por heresia – e esta aceitou tal denúncia. Então em 1307, com o consentimento do Papa, Felipe ordenou uma perseguição aos Templários prendendo-os e jogando-os em calabouços, incluindo o Grão Mestre Jacques de Molay, que foi acusado de sacrilégio e satanismo.

Em 1312, o Papa, agora um boneco do Rei, emitiu a ordem que suprimia a ordem militar dos Templários com subsequente confisco da riqueza por Felipe (Os recursos ingleses dos Templários foram confiscados de forma semelhante pelo Rei Edward II da Inglaterra, sendo a maior parte desta imensa fortuna para Portugal, onde foi criada mais tarde, em 1319, a Ordem de Cristo).

Claro que os Templários já sabiam das intenções de Felipe e, quando seus exércitos invadiram os castelos templários, não acharam nem uma moeda sequer do fabuloso tesouro templário, nem a Arca

da Aliança, nem o Santo Graal, que foram enviados em 12 galeões para fora da França.

Assim, os Templários deixaram de existir daquela data em diante e muitos de seus membros, inclusive Jacques de Molay, foram torturados e obrigados a se declararem “réus confessos” para uma miríade de crimes, inclusive uma lista 127 acusações e 9 subitens! Estas incluíram tais coisas como a “reunião noturna secreta”, homossexualismo (embasado no símbolo da Ordem, que é dois soldados montando o mesmo cavalo), cuspir na cruz, negar a Cristo, etc.

Entre as acusações contra os Templários havia uma que haviam produzido algum tipo de “cabeça barbuda”. O tal do Baphomet.

Existem várias teorias, inclusive as que dizem que seria um relicário contendo a cabeça de João Batista ou a cabeça de Cristo, a Mortalha de Turin, uma imagem de Maomé (o pai da religião islâmica), entre outras...

Após ser torturado por 7 anos, o Mestre Jacques de Molay acabou, após sua prisão, queimado vivo em praça pública com fogo brando, e muitos templários também foram mortos, ou fugiram para outros países. O que vem a ser exatamente o “Baphomet” nunca foi descrito pela Inquisição, mas é fácil perceber que se trata de uma mistura feita pela Igreja dos ritos antigos egípcios, gregos e romanos, para variar.

Mas... E aquela imagem demoníaca?

Mais de 500 anos depois dos Templários, em 1810 na França, nasce Alphonse Louis Constant, filho de um sapateiro.

Bem cedo, ainda criança, ganhou as atenções de um padre da paróquia local que providenciou para que Alphonse fosse enviado para o seminário de *Saint Nichols du Chardonnet* e mais tarde para *Saint Sulpice*, estudando o catolicismo romano com o objetivo ao sacerdócio.

Mas deixou o caminho do catolicismo para se tornar um ocultista. De qualquer forma, enquanto vivo seguiu o caminho esotérico e

adotou o pseudônimo judeu de Eliphaz Lévi, que dizia ser uma versão judaica de seu próprio nome.

O trabalho de sua vida foi escrever volumes enormes sobre Magia que incluíam comentários extensos sobre os Cavaleiros Templários e o Baphomet. De todos seus trabalhos o mais conhecido é o que contém a ilustração de Baphomet, assinada pelo próprio Eliphaz Lévi, e era usado como uma fachada para o livro *A Doutrina da Alta Magia*, publicado em 1855.

Levi também afirmava que se a pessoa reorganizasse as letras de Baphomet invertendo-as, adquiriria uma frase latina “TEM OHP AB” que é a abreviação de “Templi Omnium Hominum Pacis Abbas”, ou em português, “O Pai do Templo da Paz de Todos os Homens”. Uma referência ao Templo do Rei Salomão, capaz de levar a paz a todos.

A palavra “Baphomet” em hebraico é como segue: Beth-Pe-Vav-Mem-Taf. Aplicando-se a cifra Atbash (método de codificação usado pelos cabalistas judeus), obtém-se Shin-Vav-Pe-Yod-Aleph, que soletra-se Sophia, palavra grega para “sabedoria”.

E o que esta imagem significa?

Na Alquimia, o uso de alegorias e imagens é muito comum para expressar idéias e conceitos. Vamos analisar com calma a figura do Baphomet [ver a ilustração de Levi ao fim do artigo]:

- A imagem possui a cabeça com características de chacal, touro e bode, representando os chifres da sabedoria, virilidade e abundância. O chacal representa Anúbis (o deus-chacal) e também o “Mercúrio dos Sábios”; o Touro representa o elemento terra e o “Sal dos Filósofos”; e o bode representa o Fogo e o “Enxofre fixo”. Juntos, a cabeça da imagem representa os três princípios da Alquimia.

- A tocha entre seus chifres representa a sabedoria divina e a iluminação. Tochas estão associadas ao espírito nos 4 elementos; e colocadas sobre a cabeça de uma imagem representam a inspiração divina. Isso pode ser observado até os dias de hoje, em personagens de

quadrinhos que, quando tem uma ideia, aparece uma lâmpada sobre suas cabeças (grande Walt Disney!).

- O conjunto dos dois chifres também representam as duas colunas na Árvore da Vida e o fogo sendo o equilíbrio entre elas. A lua branca representa a magnanimidade de Chesed (Júpiter), e a lua negra o rigor de Geburah (Marte).

- O pentagrama na testa de Baphomet representa Netzach (Vênus), o Pentagrama, o símbolo da proteção e da magia. Importante notar que ele se encontra voltado com a ponta para cima. As pernas cruzadas associadas ao cubo representam Malkuth.

- Nos braços do Baphomet estão escritos “Solve” no braço que aponta para cima e “Coagula” no braço que aponta para baixo. Solve representa “dissolver a luz astral”; e coagula significa “coagular esta luz astral no plano físico”. Em outras palavras: tudo aquilo que você desejar e mentalizar no plano astral irá se manifestar no plano físico. Alguém aí assistiu ao filme *O Segredo*?

- Os braços nesta posição representam o “Tudo o que está acima é igual ao que está abaixo”; ou “O microcosmo é igual ao macrocosmo”; ou “Assim na Terra como no Céu”. É a mesma posição dos braços representada no Arcano do Mago no tarot.

- A imagem possui escamas, representando o domínio sobre as águas, ou emoções.

- A imagem possui asas, representando o domínio sobre o Ar, ou a razão.

- A imagem possui patas de bode, representando seu domínio sobre a Terra, ou o material. Também representam a escalada espiritual.

- A imagem possui fogo em seus chifres, representando o domínio sobre o Fogo.

- Os seios representam a maternidade e a fertilidade, e também o hermafroditismo, simbolizando que a alma não possui sexo e que não “somos” homens ou mulheres, mas “estamos” homens ou mulheres.

- A imagem está parcialmente coberta, parcialmente vestida (atenção, irmãos e fraters), representando que o corpo não está apenas no plano material (roupas), mas por debaixo da matéria está também

o espírito (parte nua). Podemos perceber isto melhor nos arcanos Estrela e Lua no tarot.

- Baphomet está sentado sobre o cubo. O cubo e o número 4 representam o Plano Material, e estar sentado sobre ele representa o domínio sobre o plano material (vide arcanos Imperador e Imperatriz no tarot).

- O falo do Baphomet é o Caduceu de Hermes, representando a Kundalini e as energias sexuais ativadas, a virilidade e todo o desenvolvimento dos chakras.

- Finalmente, a figura representa a Esfinge, aquela que guarda os portais das iniciações, pela qual os covardes não passarão. *Aquele que teme uma figura por pura ignorância nunca será um iniciado.*

Associações mentirosas com a Maçonaria

Para analisarmos como esta figura foi parar nas mãos dos ignorantes evangélicos e católicos, precisamos explicar quem foi Leo Taxil (seu verdadeiro nome era Gabriel Antoine Jogand Pagès).

Taxil havia sido iniciado na Maçonaria, mas fora expulso ainda como aprendiz. Por vingança, acabou por inventar uma ordem maçônica “altamente secreta” chamada Palladium (que só existia na imaginação fértil de Taxil), supostamente comandada por Albert Pike (o Grão Mestre da Maçonaria na época). Seu objetivo, então, era revelar à sociedade tal misteriosa e maléfica Ordem.

Ficou famoso com isso e ganhou uma audiência com o Papa em 1887. Assim, a Igreja Católica alegremente patrocinou e financiou a campanha de Taxil, inclusive a edição de seus livros.

Albert Pike (1809-1891) era um Brigadeiro General da Confederação na Guerra Civil Americana que, quase sozinho, foi responsável pela criação da forma moderna do Rito Escocês Antigo e Aceito. Abastado, literato e detentor de uma extensa biblioteca, foi o Líder Supremo da Ordem de 1859 até à data da sua morte em 1891, tendo escrito diversos livros de História, Filosofia e viagens, sendo o mais famoso *Moral e Dogma*.

O panfleto de lançamento do livro de Taxil pode-se ver Baphomet com algumas modificações e um avental maçônico cobrindo o falo. O livro *Os Mistérios da Franco Maçonaria* descreve um grupo de maçons endiabrados que dançam ao redor do Baphomet puxado por um ex-padre, nada mais nada menos, que o famoso e falecido “Pai do Baphomet”, Eliphaz Lévi (falecido em 1875). Leo Taxil ganhou muito dinheiro, inclusive do Vaticano, enganado todo tipo de crédulos.

Finalmente, em 19 de abril de 1897, em um salão de leitura, Taxil iria apresentar uma tal senhorita Vaughan, que na verdade nunca existiu, renunciando a Satã e convertendo-se ao catolicismo. A igreja ansiosamente aguardou tal apresentação. Na data o salão lotou de pessoas do clero católico, maçons e jornalistas. Depois de um palavreado enorme, cheio de volteios, Taxil então finalmente revelou que nada tinha a revelar, porque nunca havia existido tal “Ordem Palladium”. Foi um tumulto imenso.

De fato, Gabriel Jogand tinha fabricado a história inteira como uma farsa monumental às custas da igreja. No final, foi chamada a polícia para os ânimos fossem controlados e tudo não acabasse em uma imensa briga e quebra-quebra. Taxil morreu dez anos depois, em 1907, com 53 anos.

Em suma, Baphomet nasceu de uma lenda dos Templários, ganhou forma nas mãos de Eliphaz Lévi e foi associado à Maçonaria por Leo Taxil.

E daqui, o resto é história. A fraude, apesar de ter sido revelada por seu criador, continua e é aceita como “verdade absoluta e incontestável” por novas gerações de religiosos ignorantes (ou de má-fé).

A Maçonaria é difamada por uma acusação absurda, e também por aqueles que pensam ser religiosos corretos, e acabam por perpetuar uma mentira inconscientemente.

O Baphomet de Eliphas Lévi



666, O NÚMERO DA BESTA

23.05.2008

*“Let him who hath understanding
reckon the number of the beast
for it is a human number
its number is six hundred threescore six.”
– Apocalipse 13:18*

Hexakosioihexekontahexaphobia. A lavagem cerebral das Igrejas é tão grande que a ciência precisou inventar um termo para descrever “o medo irracional relacionado ao número 666”...

Mas o que este número possui de tão especial?

Talvez um dos números mais belos e mais injustiçados pela Igreja, o 666 possui profundos significados esotéricos, que remontam desde os tempos egípcios. Ao contrário da crença popular, incentivada por todo tipo de malucos religiosos e “satânicos”, a história do número 666 começa junto com a Kabbalah, nos primórdios da história judaica.

Antes de explicar o que vem a ser o 666, precisarei explicar o que é um Kamea dentro da tradição da Kabbalah. Um Kamea é um “quadrado mágico” contendo os números e nomes (da conversão numérica para o alfabeto hebraico) divinos que servem como janelas para entender a natureza do ser humano e como ela interage com o macrocosmos.

Um Kamea é representado como um quadrado contendo divisões internas, de acordo com a sefira da Kabbalah que aquele planeta representa: Então o Kamea de Saturno/Binah é um quadrado dividido em 3×3 , o de Júpiter/Chesed 4×4 , o de Marte/Geburah 5×5 , o do Sol/Tiferet 6×6 , o de Vênus/Netzach 7×7 , o de Mercúrio/Hod 8×8 e o da Lua/Yesod 9×9 .

Cada Kamea possui em seu interior os números de 1 até o quadrado da Sefira, dispostos de maneira que a SOMA de todas as linhas e colunas seja sempre o mesmo número.

Assim sendo, o Kamea de Saturno possui números de 1 a 9 (e cada linha/coluna soma 15), o de Júpiter de 1 a 16 (e cada linha/coluna soma 34), o de Marte de 1 a 25 (e cada linha/coluna soma 65), o do Sol de 1 a 36 (e cada linha/coluna soma 111), o de Vênus de 1 a 49 (e cada linha/coluna soma 175), o de Mercúrio de 1 a 64 (e cada linha/coluna soma 260) e o da Lua de 1 a 81 (e cada linha/coluna soma 369).

Além disto, cada Planeta está associado diretamente a um número sagrado, que é a somatória de todos os valores dentro do Kamea. Assim sendo, o número associado de Saturno/Binah é 45 (1+2+3+4+5+6+7+8+9), Júpiter/Chesed é 136, Marte/Geburah é 325, Vênus/Netzach é 1225, Mercúrio/Hod é 2080 e a Lua/Yesod é 3321.

E o Sol?

Se somarmos os números do Kamea do SOL, teremos $1+2+3+4(\dots)+34+35+36\dots$. Adivinhem que número resulta desta soma? Isso mesmo... Pode fazer as contas na sua calculadora, eu espero.

Calculou?

Exato. 666.

Assim sendo, na Kabbalah, o número 666 sempre representou Tiferet, o SOL. Desde muito e muitos milhares de anos atrás... Simples assim. Nada de tinhosos, capetas, apocalipses nem dragões de sete cabeças ainda.

Tiferet representa o ser Crístico que habita dentro de todos nós. Dentro da Kabbala, representa todos os deuses iluminados e solares: Apolo, Hórus, Bram, Lugh, Yeshua, Krishna, Buda, todos os Boddhisatwas, todos os Mestres Ascencionados, todos os Serenões, todos os Mentores, todos os Pretos-velhos e assim por diante. Escolha uma religião ou filosofia e temos um exemplo máximo a ser atingido.

Tiferet representa a união do macrocosmos com o microcosmos, o momento onde o homem derrota o dragão simbólico (que representa os quatro elementos) e se torna um iluminado e, como tal, senhor de seu próprio destino. Tiferet é o mais alto grau de consciência que um encarnado pode atingir.

Desta maneira, quando se tornar um iluminado e senhor de seu próprio destino, o homem não vai mais se submeter aos mandos e desmandos de nenhuma religião dogmática... Estão começando a entender da onde vem a associação da Igreja entre o 666 e o “anticristo”?

Mas ainda estamos muitos mil anos antes do Apocalipse (Livro das revelações)... O 666 ainda aparecerá na bíblia antes disso.

O 666 e a Bíblia

Quase todas as pessoas acreditam que o número 666 aparece apenas no tal do “Apocalipse”, ou *Book of Revelations* (*Livro das revelações*), mas a verdade é que este número já aparece bem antes na própria bíblia, em um contexto muito mais significativo e esotérico, como veremos logo a seguir:

Vamos observar 1 Reis 10:1-18, que fala sobre o encontro de Salomão com a Rainha do Sabá, o momento onde o conhecimento da Kabbalah é mesclado com as grandes tradições africanas (e isto será muito importante em artigos futuros, quando eu for falar de Umbanda e Candomblé e suas raízes dentro da Kabbalah). Salomão encontra-se com a rainha do Sabbath, que lhe faz inúmeras perguntas e ele consegue responder a todas, deixando-a impressionada com seu conhecimento. Há muitas histórias interessantes que se desdobram deste acontecimento, mas uma coisa de cada vez – hoje é o 666.

Eu gosto de usar a versão do King James, de 1611:

10: 1 And when the queen of Sheba heard of the fame of Solomon concerning the name of the LORD, she came to prove him with hard questions.

10: 2 *And she came to Jerusalem with a very great train, with camels that bare spices, and very much gold, and precious stones: and when she was come to Solomon, she communed with him of all that was in her heart.*

10:3 *And Solomon told her all her questions: there was not [any] thing hid from the king, which he told her not.*

10: 4 *And when the queen of Sheba had seen all Solomon's wisdom, and the house that he had built,*

10: 5 *And the meat of his table, and the sitting of his servants, and the attendance of his ministers, and their apparel, and his cupbearers, and his ascent by which he went up unto the house of the LORD; there was no more spirit in her.*

10: 6 *And she said to the king, It was a true report that I heard in mine own land of thy acts and of thy wisdom.*

10: 7 *Howbeit I believed not the words, until I came, and mine eyes had seen [it]: and, behold, the half was not told me: thy wisdom and prosperitie exceedeth the fame which I heard.*

10: 8 *Happy [are] thy men, happy [are] these thy servants, which stand continually before thee, [and] that hear thy wisdom.*

10: 9 *Blessed be the LORD thy God, which delighted in thee, to set thee on the throne of Israel: because the LORD loved Israel for ever, therefore made he thee king, to do judgment and justice.*

10:10 *And she gave the king an hundred and twenty talents of gold, and of spices very great store, and precious stones: there came no more such abundance of spices as these which the queen of Sheba gave to king Solomon.*

10: 11 *And the navy also of Hiram, that brought gold from Ophir, brought in from Ophir great plenty of almug trees, and precious stones.*

10: 12 *And the king made of the almug trees pillars for the house of the LORD, and for the king's house, harps also and psalteries for singers: there came no such almug trees, nor were seen unto this day.*

10: 13 *And king Solomon gave unto the queen of Sheba all her desire, whatsoever she asked, beside [that] which Solomon gave her*

of his royal bounty. So she turned and went to her own country, she and her servants.

10: 14 Now the weight of gold that came to Solomon in one year was six hundred threescore and six talents of gold,

Ou seja, em 1 Reis 10:14 (e também em Crônicas 9:13) temos o número 666 mencionado pela primeira vez na Bíblia, quase MIL anos antes do “Apocalipse”. E aparecendo “coincidentemente” associado à figura do maior ocultista do Velho Testamento, Shlomo HaMelech, o rei Salomão!

HaShem (Deus) oferece a ele tudo o que quisesse, mas ele pede apenas por Sabedoria e Conhecimento. O peso em ouro que Salomão recebia anualmente era de 666 talentos. Este número representa a emanção solar e está relacionada diretamente com os Mistérios Iniciáticos da Construção do Templo (Beith haMikdash) como um canal para escoar o fluxo de energia direto da fonte para o mundo.

O Templo Simbólico também conecta a Rainha (mãe Terra, Malkuth) com o Rei (o Sol, a fonte divina) e envolve os mecanismos mais profundos da simbologia da criação.

Desta forma, vemos que o número 666 não é maligno, embora o poder que representa, quando usado fora do equilíbrio, pode causar graves destruições ou danos. Com um conhecimento básico de Kabbalah, ao examinarmos a primeira frase do Livro das revelações, temos:

“Here is wisdom. Let him that hath understanding count the number of the beast: for it is the number of a man; and his number [is] Six hundred threescore [and] six.”

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

Wisdom (Sabedoria) e *Undestanding* (Entendimento) são as duas esferas mais altas da Kabbalah, Hochma e Binah. A Besta é Chayah (Chorozon, para quem estuda Thelema), o Abismo que separa o mundo divino do mundo das ilusões em que vivemos. Aquela separação entre as esferas 1, 2 e 3 e o Mundo das Ilusões (Matrix).

O Chayah é um nível especial de iniciação dentro do Chayoth HaKodesh, que vai representar a escolha final de um Magister Templi quando ele chega a iluminação. Portanto é um número humano e ao mesmo tempo divino. O número do Sol.

As conexões entre Tiferet e Binah/Hochma representam os dois vértices do “continuum”, ou seja, o começo e o fim, o alfa e o ômega. 666 representa a pessoa capaz de manipular as emanções divinas e ainda assim permanecer humano encarnado. Nas tradições indianas, este estado é chamado e Vajra (o trovão... isso lembra algum deus grego ou nórdico?).

O Livro de Toth... ops, das Revelações...

O livro do Apocalipse de São João (para católicos e ortodoxos) ou *Apocalipse de João* (para protestantes) ou *Revelação a João* é um livro da Bíblia de Constantino — o livro sagrado do cristianismo — e o último da seleção do Cânon bíblico.

Antes de começar a explicar o que significa, temos de nos deter na palavra “apocalipse”. A palavra apocalipse (termo que foi usado por F. Lücke APENAS em 1832, ou seja, quase 18 séculos DEPOIS que o livro foi escrito) significa, em grego, “Revelação”. Um “apocalipse”, na terminologia do judaísmo e do cristianismo, é a revelação divina de coisas que até então permaneciam secretas a um iniciado escolhido por Deus. Por extensão, passou-se a designar de “apocalipse” aos relatos escritos dessas revelações. Apocalipse nunca quis dizer “fim do mundo” ou outras loucuras semelhantes.

O Livro das Revelações foi escrito por João, um dos mais esotéricos apóstolos, a quem Jesus chamava de “Discípulo amado” e “Filho do trovão”. Ele é composto de 22 capítulos, cada um deles dedicado a um dos Arcanos Maiores do Tarot, e repleto de simbologias.

O apocalipse contém descrição de cada um dos Arcanos Maiores do Tarot, além de diversas alusões ao trabalho de esculpir a pedra bruta dentro de cada um de nós, princípios da alquimia e da Grande Arte. Posso citar rapidamente o famoso “dragão de sete cabeças” que representa ao mesmo tempo os sete chakras e os sete defeitos capitais que precisam ser trabalhados no ser humano. Também nos remonta à Hidra de Lerna e os 12 trabalhos iniciáticos de Hércules, que também derrota um “lagarto de inúmeras cabeças”, e da história de São Jorge, entre diversos heróis de outras mitologias que derrotam dragões e salvam princesas.

Obviamente, a Igreja nunca vai admitir isso, afinal de contas, tarot, alquimia e afins são “feitiçaria”; e “feitiçaria leva você diretamente para o Inferno”, então... Como admitir que existem instruções para um iniciado montar seu próprio deck de tarot dentro da bíblia?

O 666 que não existiu na Idade Média

É muito importante notar que a associação entre o número 666 e qualquer coisa demoníaca, satânica ou anticristo NUNCA existiu durante a Antiguidade, Idade Média, Renascimento ou Idade Moderna. Não há NENHUM registro deste número como sendo adorado ou utilizado pelos pagões, hereges, bruxas ou feiticeiros queimados pela Inquisição. Nem mesmo as mentiras forjadas pela Igreja contra os Templários continham qualquer alusão a este número. Não havia qualquer ligação que fosse entre 666 e “diabo” ou “fim do mundo” ou “anticristo”.

Sei que a lavagem cerebral da mídia faz com que vocês acreditem que o número 666 foi associado ao diabo e ao fim do mundo desde sempre, mas é muito importante lembrar que, antes de Gutemberg, em 1456, simplesmente não existiam exemplares da bíblia que não fossem copiados à mão por monges e mantidos trancados à sete chaves dentro das Ordens Iniciáticas e da Igreja (assistam ao filme *O Nome da Rosa*), ou seja, NADA de conhecimento deste número por parte da população.

MESMO depois de Gutemberg, a bíblia ainda era um item extremamente raro e caro de se obter. Só para vocês terem uma noção da raridade e do quão caro era uma bíblia, o primeiro registro de uma bíblia usada dentro de uma loja maçônica (e olha que os maçons de antigamente eram REALMENTE poderosos) data do meio do século XVIII. Ao contrário do imaginário popular, o povão só tomou realmente conhecimento do conteúdo da bíblia depois da metade do século XIX. Bíblias dentro de casa só se tornam uma realidade depois da metade do século XX.

Mas então, da onde veio todo este medo?

O número 666 chama-se Aleister Crowley

Nascido na Inglaterra em 1875, Aleister Crowley foi uma das maiores autoridades esotéricas de nosso tempo. Menino prodígio, Crowley lia a Bíblia em voz alta aos quatro anos. Incansável estudioso das denominadas ciências ocultas, deixou uma vasta obra teórica, onde tenta mostrar como desenvolver e entrar em contato com a energia interior, e usá-la produtivamente para modificar por completo a vida. Crowley afirmava que essa energia que durante muito tempo procurou desenvolver através de ritos sexuais seria totalmente liberada com a chegada da Nova Era, período em que as leis sociais seriam definitivamente rompidas para que todos pudessem finalmente viver em plenitude.

Crowley, que se autointitulava a Grande Besta 666, para desvincular-se totalmente de preconceitos religiosos, esforçou-se durante toda a sua vida para popularizar o esoterismo, e mais de uma vez revelou segredos de seitas fechadas, afirmando que o conhecimento é livre, e assim deve permanecer.

Somente por volta de 1904, quando Aleister Crowley assume o título de “To Mega Therion” (A Grande Besta), cuja soma numérica é 666 (Tiferet), e começa a ficar realmente famoso nos jornais europeus é que a associação entre o número e o *Livro do Apocalipse* passa a ser convenientemente explorada pela Igreja e pelos alucinados de plantão.

Crowley chamou tanta atenção para a magia que a Igreja não mediu esforços para demonizá-lo. A partir de Crowley, há a associação entre 666 e magia; e conseqüentemente a bruxaria e ao diabo, no caldeirão de medos que a Igreja sempre gosta de agitar.

Em 1904~1910 surgem os primeiros panfletos e matérias alertando para o número 666 e a distorção sobre o “anticristo” (quando já percebemos que, na verdade, não existe um anticristo, pois ninguém será contra o ser crístico que habita dentro de todos nós, mas sim contra as bases ditatoriais e dogmáticas da Igreja Católica-Evangélica).

A partir de então, foi uma enxurrada de sensacionalismo barato associando bruxas, diabos, satãs, anticristos e tudo mais que você puder imaginar relacionado ao “Número da Besta”. Da mesma forma, a partir da metade do século XX, quando Anton la Vey funda a *Church of Satan* (Igreja de Satã) e adota o 666 como “número da sorte” (e, na minha opinião, laVey não fazia a menor idéia do que realmente representa o 666), ele passa definitivamente para o imaginário popular como associado ao final dos tempos, ao capeta, ao tihoso e toda a ladainha de livros, filmes e textos que vocês estão cansados de saber...

Onde está Crowley?

Darei detalhes sobre Crowley, LaVey, MLO, ONA, ToS, CoS, LHP, o satanismo moderno, satanistas de redes sociais (também conhecido como “mamãe, olha como eu sou malvado!”), músicas, jogos e outras modas “satânicas” nos próximos artigos.

Resumindo, o que é necessário ser compreendido (para que possa ser ultrapassado), é que o número 666 jamais pôde (pode e poderá) estar associado a um ser humano específico, a uma organização particular, ou ainda, a quaisquer regiões, cidades ou países. Então as maluquices de associá-lo a Nero, a Júlio César, aos templários, ao Bill Gates, ao George Bush, ao Osama Bin Laden ou a qualquer outra pessoa não passam de invencionices sem nenhum fundamento ocultista.

OS DEMÔNIOS (AGORA, DE VERDADE!)

03.09.20010

Dando continuidade à série sobre os Demônios, falaremos agora sobre as entidades hostis que habitam o Plano Astral [você podem ler sobre o Plano Astral no capítulo seguinte – Yesod].

A Goécia e os 72 demônios de Salomão

Apesar de ser atribuído ao rei Salomão – que, segundo o folclore judaico, tinha o poder de controlar os demônios do céu, da terra e do inferno –, o texto da *Clavicula* não tem nada a ver com o legendário soberano judeu. Pela estrutura da composição do texto, ele deve ter sido escrito por volta do sec. XII d.C. provavelmente na região do Império Bizantino, que herdou boa parte do conhecimento clássico e helenístico, inclusive no que se refere ao esoterismo.

Muitos dos títulos usados nos textos (Príncipes, Duques, Barões...) não existiam nos tempos bíblicos e, portanto, não poderiam ter sido usados naquela época.

O *Lemegeton Clavicula Salomonis*, na minha opinião, se trata de uma compilação dos 72 “espíritos das trevas”, que deveriam fazer a contraparte dos 72 anjos cabalísticos, ou derivados dos nomes de Deus.

Como todos os tratados de magia medieval, a *Clavicula* descreve um procedimento ritualístico bastante complexo, com a utilização de toda uma parafernália cerimonial de robes, pantáculos, amuletos e talismãs, que devem ser confeccionados seguindo à risca as precisas instruções contidas em cada capítulo. Um leitor moderno que vá ler o texto à procura de um manual prático ficará decepcionado – pode-se dizer o que for dos rituais seguidos pelos magos medievais, menos que eles são práticos.

Mesmo problema, aliás, do *Livro de Abramelin*. E não ajudam nada as constantes advertências de que o menor erro pode fazer com que a alma do mago seja arrastada para o inferno pelas entidades que eles tentam imprudentemente evocar.

E quais seriam estas entidades?

Bem, para entender o que estes magos estavam invocando, precisamos retornar um pouco no tempo e estudar as magias cerimoniais e tribais africanas (ou nossa contraparte moderna da Umbanda, Condomblé, Wodun, Santeria, Vodun e ritos caribenhos de invocação dos mortos). Ou mesmo entender o fenômeno das mesas girantes estudadas pelo maçom Allan Kardec ou as tábuas de Oui-ja dos séculos XVIII e XIX. Embora mais “educados” em suas aparições para a fina nata européia, todos os princípios acima lidam com basicamente a mesma coisa: a manifestação de seres espirituais no Plano Físico.

Sabemos que as entidades que vivem no Astral são basicamente o MESMO tipo de pessoa que vive no Plano Físico; apenas não possuem um corpo de carne ou as limitações que possuímos aqui. Sendo assim, *a índole e a moral destas pessoas varia da mesma maneira que a índole e a moral das pessoas que estão vivas*. E o trabalho dos feiticeiros ou magistas consiste em chamar e contratar as pessoas certas para realizar o trabalho desejado.

No Plano Material, quando temos um problema de hidráulica em casa, contratamos um encanador para resolver o problema; se o problema é na fiação, chamamos um electricista; se estamos doentes, chamamos um médico; e assim por diante...

No Plano Astral, a coisa funciona da MESMA MANEIRA.

Quando um xamã indígena realiza um ritual de invocação de um “espírito ancestral” para, por exemplo, ajudar no tratamento de uma pessoa doente, é exatamente isso que ele está fazendo: entrando em comunicação com os antigos médicos da tribo que examinarão a pessoa e dirão o que há de errado com ela.

Quando um Guia em um templo de Umbanda ou Candomblé examina uma pessoa, ele está observando as alterações e distúrbios na aura (campo eletromagnético) e sugerindo algum tratamento para sanar aquele problema.

No mundo físico, se alguém precisar “eliminar” um oponente, pode contratar os serviços de um matador de aluguel. Claro que isso é considerado criminoso, antiético, ilegal, etc., mas é uma possibilidade que existe!

No Mundo Astral, acontece a mesma coisa. Pode-se contratar os serviços de pessoas especializadas em separar casais, manipular a índole das pessoas, quebrar objetos, atrapalhar negócios ou até mesmo aleijar, adoecer ou mesmo matar um outro ser vivente. Nenhuma surpresa.

No mundo físico, os bandidos se agrupam em gangues, com símbolos, ritualísticas próprias (máfia russa, tríade, yakusa, etc.), vestem máscaras para não serem identificados e usam do terror e intimidação para impor respeito e medo nas suas vítimas (como por exemplo, nas armaduras samurai japonesas).

No Plano Astral ocorre a exata mesma coisa. Como o duplo-etérico (perispírito) é MUITO mais maleável do que nossa pele física, é possível modificar e transformar nossa estrutura espiritual para ficarmos com a aparência que desejarmos, o que inclui chifres, garras, dentes afiados e qualquer outra coisa que você pensar que vá assustar os crentes. E eles sabem disso e usam destas modificações astrais como maneira de intimidação, desde sempre.

Na antiguidade, os médiuns videntes eram capazes de enxergar estas formas e dos relatos delas surgiram as descrições que tradicionalmente associamos aos demônios, como asas, chifres, dentes, garras, rapo, espinhos e tudo mais. Outros assumem formas animais como lobos ou serpentes; outros ainda assumem formas vampíricas, monstruosidades ou deformidades (eu vi certa vez no astral um ser extremamente pálido, quase albino, careca, vestindo um robe negro, que possuía 6 olhos avermelhados no rosto, quatro do

lado direito e dois no esquerdo, uns sobre os outros, e que ficavam piscando de maneira desordenada...).

Também há entidades que se utilizam de correntes, pregos, ganchos, piercings, espetos e toda forma de agressões e auto-mutilações sado-masoquistas que você puder imaginar (Clive Barker certamente inspirou-se nestes seres para criar os cenobitas nos seus livros da série *Hellraiser*). O Baixo-Astral ou Baixo-Umbral está repleto deste tipo de criaturas.

Nos cultos afros, chamam estas entidades de Kiumbas, de onde vem a palavra quimbanda, ou “magia negra”. No espiritismo, chamam estas entidades de “obsessores” ou “espíritos trevosos”, no hermetismo chamamos estas entidades de “seres goéticos”. Tome muito cuidado com a mistura que a mídia e os cristitas fazem com os cultos africanos:

UMBANDA , CANDOMBLÉ e QUIMBANDA são religiões bem diferentes entre si, embora os cristitas misturem tudo e chamem de “Macumba”.

E o termo “magia negra” é utilizado errôneamente, pois não há “cor” na magia, existe o uso que se faz da magia. Assim como o gênio da lâmpada na história de Aladin, estas entidades fazem o que o magista as comandar.

O ritual e toda a ritualística envolvida serve para se entrar em conexão com as entidades astrais. Para tanto, os magistas dividem as ritualísticas de invocação e evocação em três tipos: a Teurgia, a Magia Natural e a Goécia.

A Teurgia lida com os anjos e com os seres de luz, lida com os 72 nomes de Deus, com suas manifestações, com as sephiroth da Kabbalah e com os Salmos bíblicos (sim, crianças, mais uma vez a Bíblia se mostra extremamente valiosa para o estudante de ocultismo).

A Magia Natural lida com Elementais (gnomos, ondinas, silfos e salamandras), Orixás, Exus, Devas, Asuras, Djinnns, Efreetis e outras criaturas da natureza.

E finalmente, a Goécia lida com os seres do baixo-umbral.

Tendo os rituais certos, nos dias e horários certos, consegue-se contatar estas criaturas; mas apenas contactá-las: é como ter à mão o telefone do Cabeleira e do Zé Pequeno. O Ritual apenas chama estas entidades, o segundo passo é negociar com elas o preço do serviço. E não usei o Zé Pequeno de exemplo à toa... Negociar com estas entidades é como negociar com os traficantes do filme *Cidade de Deus*, você nunca sabe o que poderá acontecer.

Acho que com isto conseguimos fechar a série desmistificando os demônios. Se tiverem alguma dúvida deixem nos comentários que eu tento responder aqui mesmo ou, se for o caso, abro uma nova sessão de “Perguntas e Respostas” [até hoje há muitos que comentam no *Teoria da Conspiração* com perguntas sobre o assunto; a divulgação desta obra, e a leitura da mesma, ajudam muito a resolver tantas dúvidas (que são absolutamente pertinentes), e provavelmente devem elevar enormemente o conhecimento esotérico (de verdade) das pessoas].

7. Yesod

BEM-VINDO AO DESERTO DO REAL

04.06.2008

Sem explicar o que é o chamado “Plano Astral”, será muito difícil entrar em detalhes sobre como exatamente funciona a mecânica por trás dos Anjos, Demônios, Devas, Asuras, Elementais, Exus, Anjos Enochianos, Fantasmas e Gênios.

Da mesma maneira, estava devendo para vocês uma explicação gnóstica sobre o filme *Matrix*, então este período do tempo-espaço em relação à coluna me parece o ponto exato para comentar três coisas aparentemente distintas, mas ao mesmo tempo intrinsecamente conectadas: Yesod, o Plano Astral e Matrix.

Tome a pílula vermelha e siga o tio Marcelo para descobrir o quão funda é a Caverna de Platão...

Yesod

Para os que fizeram os exercícios do Sefirat ha Ômer [contagem dos 49 dias entre a Páscoa e o dia de Pentecostes, onde em cada noite há uma meditação sobre uma esfera da Árvore da Vida], já devem estar bastante clara qual é a função de Yesod dentro das emanações divinas.

Yesod se situa abaixo de Tiferet e entre Netzach e Hod. É chamada de “Fundamento” ou “Fundação” e funciona como um reservatório onde todas as inteligências emanam seus atributos, que são misturados, equilibrados e preparados para a revelação material. É

compilação das oito emanções e forma o Plano dos Pensamentos, Plano Astral, ou a Base da Realidade.

Malkuth é o plano físico puro, chamado de Plano Material, que nossos sentidos objetivos podem ver, ouvir, cheirar, tocar e provar, mas incapaz de perceber qualquer tipo de consciência além disto. Malkuth é o mundo criado das ilusões para nos manter em torpor ou, fazendo nossa comparação, Malkuth é a Matrix.

Em Malkuth vivem os adormecidos. Pessoas que acordam, tomam café, vão para suas baias em seus trabalhos, trabalham, almoçam, trabalham, vão para casa, jantam, assistem novela, assistem futebol, dormem e no dia seguinte acordam de novo... Fazem isso durante a vida toda, aposentam-se e morrem, sem nunca terem realmente vivido.

Suas almas estão presas em casulos sem imaginação, sugadas pelo sistema que mantém a ilusão funcionando, tal qual é retratado simbolicamente no filme.

Yesod representa os bastidores da realidade. O mundo real na qual são programados os acontecimentos que surgirão no mundo ilusório. Para fazer uma analogia, imaginemos que Malkuth seja um prédio comercial. Yesod será, então, toda a fundação: canos, fios, dutos de ar, fosso do elevador, esgotos, toda a parte elétrica e hidráulica que faz o prédio funcionar. Quando se aperta um interruptor na parede, a luz da sala acende. Os ignorantes chamam isso de “coincidência”, mas qualquer pessoa que tenha um conhecimento maior de ciência sabe que, por trás daquele interruptor correm fios elétricos escondidos na Fundação e que, quando se aperta um botão neste interruptor, uma série de conexões simples são acionadas, fazendo com que a eletricidade chegue até a lâmpada, acendendo-a.

Magia é compreender como os condutores de energia da realidade material funcionam e apertar os botões certos para que as lâmpadas certas se iluminem.

Yesod representa a Intuição; o sexto sentido; o despertar. Infelizmente, assim como Morpheus diz a Neo no começo do filme,

ninguém vai conseguir explicar para você o que é o Plano Astral. Você precisa ter esta experiência sozinho para compreender. E a maioria das pessoas passa sua vida toda como gado, inconscientes da realidade ao seu redor, como baterias inertes de um sistema controlado por egrégoras que mantêm as pessoas ocupadas demais rezando para deuses externos, com medo de falsos diabos e trabalhando como escravas para mantê-las no poder. As famosas *otoridades* – no filme, elas são representadas pelos Agentes da Matrix.

Uma das melhores cenas do filme ocorre logo no começo, quando Thomas (Tomé, escritor do principal evangelho apócrifo) Anderson (Andras [homem]+Son [filho], ou seja, “Filho do Homem”, em uma analogia a Jesus/Yeshua) está dormindo diante da tela e aparece o texto “Acorde, Neo”. Esta cena resume a fagulha que vai despertar dentro de cada um de nós em direção ao Cristo; a Princesa dos contos de fada; a espada presa dentro da pedra; a Branca de Neve adormecida em um caixão de vidro.

Minutos após despertar, um hacker diz a ele “você é meu salvador... Meu Jesus Cristo”. Simbolicamente, isto representa que mesmo esta pequena fagulha de controle sobre a realidade é suficiente para despertar seguidores, de tão perdidas que as pessoas estão.

As referências ao caminho do Sábio na Kabbalah continuam: quando Neo chega a nave (que tem o Nome de Nabucodonosor, o rei da Babilônia que no Livro de Daniel teve um enigmático sonho que precisa ser interpretado) cujo número de série é “MARK III NR. 11? (Marcos, Capítulo 3, versículo 11: “E os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e clamavam, dizendo: Tu és o Filho de Deus”). Neo passa pela morte e ressurreição e finalmente, no final do filme, chega a Tiferet, “o escolhido”.

Para os gnósticos, o Deus Supremo (Keter) é totalmente perfeito, e, por isso, estranho e misterioso, “inefável”, “inalcançável”, “imensurável luz, pura, santa e imaculada” (Apócrifo de João). Para este Deus existem outros seres menos divinos no Pleroma (similar ao

Paraíso, uma divisão desse universo que não é a Terra), que é dotado de um sexo metafórico masculino (Hochma) ou feminino (Binah).

Pares desses seres são capazes de produzir descendência, que são, eles mesmos, emanções divinas perfeitas em si mesmas (a analogia no filme é a criação de múltiplas matrix pelos computadores). O problema surge quando um EON ou Ser chamado SOPHIA (Sabedoria em grego, representado no filme pela Oráculo), uma mulher, decide “levar adiante sua semelhança sem o consentimento do Espírito” – que gera uma descendência sem sua consorte (Apócrifo de João).

A antiga visão era a de que as mulheres oferecem a matéria na reprodução, e os homens, a forma. Por isso, o ato de Sophia produz uma descendência que é imperfeita ou até mesmo mal formada, e ela a afasta dos outros seres divinos do Pleroma, levando-a para outra região isolada do cosmos. Essas deformadas e ignorantes deidades, as vezes denominadas DEMIURGOS (o Arquiteto, no filme), que equivocadamente acreditam ser o único Deus.

Os gnósticos identificam o Demiurgo como o Deus Criador psicopata do Antigo Testamento, o qual decide criar os Arcontes (Anjos), o mundo material (Malkuth/Terra) e os seres humanos. Embora as tradições variem, o Demiurgo normalmente é enganado dentro do alento divino ou espírito de sua mãe Sophia que antigamente vivia nele, dentro do ser humano (especialmente Apócrifo de João, ecos do Gênesis 2-3).

Para os gnósticos, somos pérolas no lodo, espíritos divinos (bom) aprisionados num corpo material (mau) e num mundo material (mau). O Paraíso é nosso verdadeiro lar, mas estamos exilados do Pleroma.

Felizmente, para o Gnóstico a salvação está disponível na forma de Gnose ou Conhecimento, dado pelo Redentor Gnóstico, que é o Cristo, a figura enviado pelo Altíssimo para libertar a espécie humana do Demiurgo, tal qual Neo é o “escolhido” para libertar as pessoas do jugo do Arquiteto.

Quando Neo é desconectado e desperta pela primeira vez em Nabucodonosor, em meio a um brilhante espaço branco iluminado (linguagem cinematográfica para indicar o despertar), seus olhos ardem, conforme explica Morpheus, porque ele nunca os havia usado antes. Tudo que Neo havia visto até aquele ponto o foi através do olho da mente, como num sonho, criado através de um software de simulação.

Tal como um antigo Gnóstico, Morpheus explica que a respiração (prana, chi-kung, tai-chi, reiki) conduz Neo pelo programa de treinamento de artes marciais e que não há nada a fazer com seu corpo, a velocidade ou sua força, os quais são todos ilusórios. Mais ainda, eles dependem unicamente de sua mente, que é real.

Ainda outro paralelo com o Gnosticismo, ocorre na figura dos Agentes, como o Agente Smith e seu opositor, o equivalente gnóstico de Neo e todos os demais que tentam sair de MATRIX. A IA criou esses programas artificiais para funcionarem como “porteiros” – os Guardas das portas – que possuem todas as chaves. Esses Agentes são parentes dos ciumentos Arcontes criados pelo Demiurgo para bloquearem a ascensão do Gnóstico quando tentam deixar o mundo material. Eles defendem as portas em sucessivos níveis ao paraíso (e.g. Apocalipse de Paulo, Divina Comédia de Dante, textos Babilônicos narrando os sete infernos, a estrela setenária dos alquimistas e assim por diante).

Sobre a questão do Samsara, até mesmo o título do filme evoca a visão budista de mundo. MATRIX é descrita por Morpheus como “uma prisão para a mente”. É uma “construção” dependente feita de projeções digitais interconectadas de bilhões de seres humanos (egrégoras) que desconhecem a natureza ilusória da realidade na qual vivem, e são completamente dependentes do “hardware” implantado em seus corpos reais e dos programas (softwares/mapas astrais) elaborados (para fazer a máquina funcionar), criados pelo Demiurgo. Essa “construção” é parecida com a idéia budista do SAMSARA, a qual ensina que o mundo, no qual vivemos nossas vidas diárias, é

feito unicamente de percepções sensoriais formuladas por nossos próprios desejos.

O problema, então, pode ser examinado em termos budistas. Os humanos são aprisionados no ciclo da ilusão (Maya), e sua ignorância acerca do ciclo os mantém atados a ele, totalmente dependentes de suas próprias interações com o programa e com as ilusões da experiência sensorial que ele provê, bem como das projeções sensoriais dos demais. Essas projeções são consolidadas pelos enormes desejos humanos de acreditarem que o que eles percebem como real é real de fato (para eles). É o mundo dos materialistas, ateus e céticos.

Este desejo é tão forte que derruba Cypher, que não pode mais tolerar o “deserto do real”, e procura uma maneira de ser reinserido na Matrix. Tal como combina com o Agente Smith num restaurante fino, fumando um charuto com um copo grande de brandy, Cypher diz: “Eu sei que este bife não existe; eu sei que quando eu o levo a minha boca Matrix está dizendo ao meu cérebro que ele é suculento e delicioso. Depois de 9 anos você sabe o que está mais claro para mim? Que a ignorância é a felicidade!” (*Ignorance is bliss*).

A contrapartida é a vida monástica dentro da nave: comem uma gororoba vegetariana, vestem-se com trapos, não possuem bens materiais e treinam um kung fu que beira o sobrenatural. Possuem a humildade de quem já se despojou dos bens materiais, tal qual os monges do monastério de Shaolin.

Em determinada parte do filme, Morpheus diz a Neo, “Há uma diferença entre conhecer o caminho e percorrer o caminho”. E como Buda ensinou aos seus seguidores, “Vocês, por vocês mesmos, devem fazer o esforço; só os Despertos são Mestres”.

Para quem já está no Caminho da Iluminação, Morpheus é somente um Guia. Em última instância, Neo precisará reconhecer a Verdade por ele mesmo.

Reinos Subterrâneos

Na Antiguidade, o estado de consciência de Yesod era representado por Hades, o Reino Subterrâneo. Como tal, podia ser acessado apenas

pelos seres chamados Psychopompos (“Condutores das Almas”), que eram apenas cinco: Hermes, Hecate, Caronte, Morpheus e Thanatos. Cada um deles descreve exatamente os estados de consciência que habitam o Plano Astral.

Começemos por Morpheus, o senhor dos sonhos e o nome do Personagem de Lawrence Fishburn como condutor de Neo (que representa nossa consciência crística que deve ser trabalhada até nos tornarmos “o Escolhido”). Morpheus é o senhor dos sonhos, indicando que uma das maneiras de acessarmos o Plano Astral é durante o sono, quando conseguimos atingir os estados de ondas teta e alfa, necessários para atingirmos a chamada superconsciência (ou meditação profunda, ou transe, dependendo para quem você pergunta). Anote aí no seu caderno: Sonhos.

A segunda Psychopompos é chamada de Hecate, deusa dos Templos Lunares. Ela representa os aspectos da consciência atingidos através do Ajna Chakra (o sexto chakra). Hecate representa as danças sagradas, o sexo mágico, o tantra, o despertar da kundalini, os oráculos (tarot, runas...) e todos os Templos que lidam com a energia lunar/feminina dentro da magia. Hecate também é conhecida como a “Deusa Tríplice” (Trinity).

Anote aí no seu caderno: Oráculos e Magia Sexual.

O terceiro deus condutor de almas é Caronte. Caronte é o barqueiro que conduz os viajantes até os Reinos de Hades. A lenda de Caronte deriva das histórias do Barco de Ísis e das antigas iniciações egípcias onde os sacerdotes e iniciados eram colocados em transe nas pirâmides e tinham sua alma liberta do corpo para que vissem a si mesmos deitados aos pés dos outros sacerdotes e tomassem consciência de que eram espíritos habitando temporariamente um corpo físico.

Quando fazemos Viagens Astrais induzidas, a sensação de se desligar do corpo no momento em que saímos do Plano Material é

muito semelhante ao deslizar que sentimos quando estamos dentro de um barco. Desta maneira, Caronte representa as Viagens Astrais Conscientes. Tanto a lenda de Orfeu quanto a de Hércules (e também Dionísio, Psique e Enéias) representam iniciados em cultos Dionísicos e o despertar da consciência. Os Barcos Espirituais (tanto de Caronte quanto de Ísis) estão representados na forma dos Hovercrafts.

Anote no caderno: Viagens Astrais Conscientes.

Hermes representa o Templo Solar, a magia atuando sobre a Luz Astral. Hermes representa o mensageiro dos Deuses, aquele que domina o caduceu (kundalini) e trabalha com a imaginação de maneira racional. Ele representa os grandes magos e conjuradores, os grimórios que lidam com a conjuração de espíritos, o contato consciente entre os que estão no Plano Material e os que estão no Plano Astral. Assim como Salomão, Eliphaz Levi e Crowley, Hermes representa todos os iniciados e médiuns capazes de estabelecer contatos entre o Plano Material e o Plano Espiritual.

Como já vimos, o Caduceu e os Chakras representam a porta de entrada e o controle sobre as energias que atuam sobre Yesod e o Plano Astral. Hermes aparece no filme *Matrix* na forma de “Mercúrio”, como o espelho que engloba Neo e o guia através da jornada que fará o despertar final.

Anote no seu caderno: Mediunidade, Imaginação e Vontade atuando sobre a Luz Astral.

Por fim, temos Thanatos, deus da morte. Irmão de Hypnos (o sono), Thanatos representava a morte e os espíritos dos mortos, que eram transportados por ele até o Reino Subterrâneo. O Reino dos Mortos. Thanatos está representado na máquina que descarta Neo nos esgotos assim que ele desperta e Thanatos o reconhece como não pertencente àquele local.

Anote aí como o quinto item: Espíritos dos Mortos.

A partir destas alegorias, podemos compreender que o Plano Astral é habitado por diversas criaturas, objetos, egrégoras, seres e entidades que possuem uma complexa e intrincada estrutura de organização, a partir das quais explicaremos todas as lendas, contos e bases de muitas religiões e filosofias espiritualistas.

Homens e Espíritos

Começaremos nossa jornada da comunicação entre homens e espíritos pelo Xamanismo. Há mais de 40.000 anos as tribos mais antigas conseguiam entrar em contato com o Mundo Astral de diversas maneiras. Seus sacerdotes comunicavam-se com os espíritos dos antepassados em busca de conselhos e indicações enquanto dormiam ou durante rituais envolvendo ervas capazes de alterar o estado de consciência dos participantes no ritual. Os xamãs também eram capazes de entrar em contato com o Reino Espiritual através de oráculos e rituais de conjuração de seres que eles chamam de Elementais.

Nas religiões Aborígenes (Austrália) e Tribais (Africanas), os nativos possuem o mesmo nome para designar o “Reino dos Sonhos” e o “Reino dos Mortos”. Nestas religiões, os deuses e os espíritos iluminados conseguem se comunicar com os sacerdotes através da mediunidade deles (fazendo conexões entre seu corpo astral e os chakras dos médiuns, os espíritos conseguem agir através do corpo de um médium). Além dos espíritos, outras entidades astrais (chamadas de Devas pelos hindus, Orixás pelos africanos e Elementais pelos celtas) também são capazes de incorporar um médium capaz de recebê-los.

Na Babilônia, os cultos a Astarte envolviam danças sagradas, sexo sagrado e contato com os mortos através dos oráculos.

Entre os hindus, o tantra fazia a ponte entre o despertar da kundalini e a iluminação do ser humano através do sexo sagrado. Com a abertura e desenvolvimento dos chakras, os praticantes tornavam-se canais poderosos de conexão com o cósmico, despertando habilidades consideradas sobrehumanas.

Os Egípcios conheciam como ninguém os desdobramentos astrais, potencialidades dos chakras, telepatia e diversas outras habilidades que são preservadas até os dias de hoje dentro das Ordens Iniciáticas como a Rosacruz, Templários e Maçonaria.

Entre os gregos, as sacerdotisas de Hecate também eram conhecidas pelo nome de Ptionísia ou Oráculo (mais uma conexão com o filme *Matrix*) e conseguiam estabelecer um contato entre os vivos e os mortos para obter conselhos e previsões.

Do ponto de vista ocultista, praticamente não há diferença entre um oráculo grego da antiguidade e um centro espírita Kardecista, salvo pela ritualística. Os princípios e os mecanismos envolvidos são rigorosamente os mesmos.

O rei Salomão utiliza seu conhecimento sobre o astral para deixar um dos maiores legados ocultistas, o *Ars Goetia*, ou os 72 espíritos (falarei sobre eles mais adiante, quando retornarmos aos trilhos dos posts sobre demônios). Chamavam estes conhecimentos de Arte Real. Paralelamente, temos os judeus e seu vasto estudo sobre a kabbalah e os 72 nomes de Deus (chamados vulgarmente de “anjos cabalísticos”). Salomão compartilha estes conhecimentos com a rainha de Sheba, que os leva para os Reinos africanos e mistura este conhecimento com as religiões tribais, dando origem aos cultos africanos que muitos séculos mais tarde dariam origem indireta ao Candomblé, Umbanda, Santeria, Vodou e Quimbanda.

Da Grécia, os oráculos chegavam até praticamente todos os pontos do mundo conhecido. Rituais de magia que lidavam com o astral são descritos em diversos poemas e praticados por comandantes, soldados e sacerdotes iniciados.

Dos romanos e dos celtas, este conhecimento também chegou até a Europa, onde as bruxas utilizavam-se deste contato para conversar com os antepassados, conjurar elementais e adquirir conhecimento e iluminação. As belíssimas obras de arte deixadas por todos estes povos são um retrato claro da interação entre vivos e mortos, espíritos e sonhadores, deuses e mortais.

Os nórdicos possuíam lendas a respeito das Valkírias, dos Einherjar, das runas e de toda a estrutura de contato entre os vivos e os mortos. Suas lendas refletem um profundo conhecimento dos iniciados a respeito da Árvore da Vida. Um dos cursos que mais gosto de ministrar é justamente o de runas, pois cada uma das 24 pedras do Oráculo encerra uma lenda rica e profunda; desde a famosa “Ponte do arco Íris”, guardada por Heimdall, que representa o caminho de Tav na Árvore da Vida, até a própria estrutura da origem das runas, provenientes do sacrifício de Odin durante nove dias (nove esferas fora do mundo material na Kabbalah).

THANATOS: I SEE DEAD PEOPLE

11.06.2008

Em nosso último artigo, falamos sobre o filme *Matrix*, o Plano Astral e as diversas maneiras de se interagir com a esfera de Yesod, o estado de consciência representado pelo Mundo Subterrâneo nas antigas mitologias. Falamos sobre os Psychopompos (os famosos “condutores de almas”) das mitologias antigas e o que eles realmente representam e finalmente fizemos cinco anotações em nossos cadernos, que passaremos a utilizar nesta coluna.

Hoje falaremos sobre fantasmas, espíritos, vampiros e outros habitantes do Plano Astral...

Os Ancestrais e os Planos vibratórios

Em todas as mitologias de todos os povos do planeta, sem exceção, existem contos e textos descrevendo o encontro de seres do Plano Material com seres do Plano Astral. Chamados pelos profanos de Fantasmas, Assombrações, Espíritos, Encostos, Poltergeists, Kamis, Veneráveis, Ancestrais e outros infindáveis nomes, estes seres são basicamente pessoas EXATAMENTE como nós; apenas estão em outra faixa de vibração, indetectável para a maioria das pessoas.

Entendendo este princípio simples, fica muito fácil de explicar todos os fenômenos ditos “paranormais” ou “sobrenaturais”...

Para entender como todo este processo de Diferentes Vibrações funciona, vamos fazer uma analogia simples, analisando nossos cinco sentidos: Em nossa visão, detectamos uma faixa de vibrações do espectro que vai do vermelho ao violeta. Abaixo desta faixa, temos o chamado Infravermelho e acima o Ultravioleta, cores que existem, mas somos incapazes de detectar. O primeiro aparelho capaz de detectar infravermelho foi construído a menos de dois séculos, mas graças às telecomunicações, esta é uma das áreas da ciência ortodoxa que mais avançamos nas últimas décadas.

Nos sons, temos uma faixa audível para o ser humano entre 20Hz e 20kHz. Abaixo deste valor temos os chamados Infrasons e acima disto os chamados Ultrasons, que os seres humanos não são capazes de detectar.

Nos gostos, além dos 4 sabores tradicionais (salgado, doce, azedo e amargo), os cientistas descobriram um quinto sabor, já conhecido há muito tempo pelos orientais com o nome de Umami; e recentemente cientistas descobriram que alguns ratos são capazes de sentir um sexto tipo de sabor. Ainda há muito debate sobre isso e os cientistas não chegaram a nenhum acordo a respeito disso, mas sabe-se que existem sabores que não são detectados pelo paladar humano, apenas por alguns animais.

Nos cheiros, existem odores que o ser humano consegue captar e outros que não consegue detectar (chamados feromônios). O estudo nesta área ainda está engatinhando e mal se projetam aparelhos capazes de detectar odores para uso prático, como detectar explosivos, drogas e outros aparelhos. Nos dias de HOJE, o melhor aparelho para se detectar explosivos continua sendo um cachorro. Ou seja, a ciência ortodoxa não é capaz de detectar com precisão nem ao menos odores ou gostos, quanto mais matéria sutil como a Luz Astral e o Pensamento.

Finalmente chegamos ao tato. Sabemos através de Einstein que a matéria é energia, coisa que os antigos ocultistas conheciam há

milênios (apenas usavam palavras diferentes para expressar a mesma idéia). Todos os objetos considerados “sólidos” são, na verdade, grandes vazios eletromagnéticos compostos de cargas positivas e negativas, que por estarem no mesmo plano de vibração, seus campos eletromagnéticos as repelem, causando a sensação de “físico” que possuímos ao tocar em um objeto “sólido”. Mesmo assim, existem partículas que são tão pequenas que nossos instrumentos não são capazes de pesar, como os Neutrinos (e somos bombardeados o tempo todo por milhões deles por segundo, vindos do Sol).

Os Sete Corpos

Para os ocultistas, os seres humanos possuem sete corpos. A saber: O Corpo Físico (este de carne e osso), o Duplo Etérico (que possui uma infinidade de nomes, de acordo com a tradição estudada: perispírito, campo etérico, corpo vital, biossoma, corpo ódico, corpo bioplasmático, prânamâyakosha, Veículo de Prana, etc). O Duplo etérico faz a ligação entre nossos corpos mais sutis e o nosso corpo físico, adotando a mesma forma que nosso corpo físico. Estudar o duplo-etérico é extremamente importante para compreendermos a maioria das lendas a respeito de fantasmas e assombrações.

Depois dele vem o Corpo Astral propriamente dito. Aquele que se desdobra nas projeções astrais e que permanece ligado ao físico pelo chamado cordão de prata. Os espíritas chamam este corpo de “alma”, os gregos chamavam de Psique.

O Quarto corpo é chamado Corpo Mental. Aqueles que supõe que a mente é o cérebro estão totalmente equivocados. A mente é energética, pode permanecer independente da matéria densa, pois é um corpo à parte, constituído de matéria mental. A mente elabora os pensamentos que se expressam por meio de cérebro. Pensamentos, mente e cérebro são três coisas totalmente distintas. Como o Kentaro Mori demonstrou em um artigo antigo, entre o ato de se desejar um movimento e o corpo físico efetivamente se movimentar, há um pequeno intervalo de tempo, necessário para se passar a informação da mente para o corpo astral, para o duplo etérico e finalmente para o

corpo físico. O cientista Benjamin Libet chamou isso de “potencial pré-motor”.

Desta maneira, a razão converte a mente em um campo de batalha. O processo de racionalização extremada acaba rompendo as delicadas membranas do corpo mental, aprisionando-os no corpo físico (ver texto sobre Hod). Segundo a filosofia oriental e gnóstica, o pensamento deve fluir silencioso sereno e integralmente, sem o batalhar das antíteses (ver Netzach).

O corpo mental pode viajar através do tempo e do espaço, independentemente do cérebro físico. Em um determinado processo do estudo esotérico, o discípulo aprende a se desdobrar em corpo astral. Já em corpo astral, aprende a abandonar este corpo e a ficar no corpo mental. De acordo com a Teosofia, o corpo mental da raça humana encontra-se no início de sua evolução, estando quase que completamente desorganizado (chamado corpo mental lunar).

O Corpo Causal (ou da Vontade) é o chamado quinto corpo e vem a ser o veículo da alma humana. No ser humano comum, este corpo ainda não está formado, tendo encarnado dentro de si mesmo apenas uma fração da alma humana. Tal fração é denominada “essência” e no zen budismo japonês “Budhata”. É a Lua dos Alquimistas, a princesa dos contos de fadas, que precisa ser libertada dos castelos do Mundo Material.

Podemos e devemos estabelecer diferença entre o seu corpo da vontade de seres humanos comuns e correntes, do tipo lunar e o corpo da vontade consciente de um Mestre. O legítimo corpo da vontade permite ao adepto realizar ações nascidas da vontade consciente e determinar circunstâncias. O Corpo Causal é a tal “força de vontade” que os leigos tanto apregoaram em filmes como “o Segredo”. É através deste corpo que materializamos nossas “telas mentais” para a realização de desejos.

O sexto corpo é chamado de “Budhi” ou Alma Divina. É um corpo totalmente radiante que todo ser humano possui, porém, ao qual ainda não está intimamente ligado. É Tiferet na Kabbalah, o “Espírito Crístico” de Jesus, o deus-solar dos Antigos e o Sol do

Casamento alquímico dos hermetistas. É o cavaleiro de Armadura Brilhante dos contos de fadas. Quando desenvolvido plenamente, faz com que nos tornemos verdadeiramente iluminados.

O sétimo corpo é chamado Átmico, Atman ou Atmã. Chamado também de o Deus interno, o real ser, o íntimo de cada um, o EU SOU.

Atman, em si mesmo é o ser inefável, o que está além do tempo e da eternidade. Não morre e nem se reencarna, é absolutamente perfeito. Atman se desdobra na alma espiritual, esta se desdobrando na alma humana, a alma humana se desdobra na essência e essa essência se encarna em seus quatro veículos (corpo físico, etérico, astral e mental), se veste com eles.

Isto colocado, podemos entender o primeiro deus Psycopompo: Thanatos, o Deus dos Mortos. O Plano Astral é a morada daqueles que ainda não encarnaram ou que estão em fase intermediária entre duas encarnações.

Quando uma pessoa morre (ou “desencarna”, ou “passa para o oriente eterno”, como preferirem), ela abandona seu corpo material e permanece no Astral com seus seis corpos sutis, na forma que seu duplo-etérico (perispírito) possuía quando faleceu. Neste ponto de nossa trama, existem MUITAS histórias e possibilidades. Estas pessoas são chamadas de “Espíritos” pelos kardecistas e são eles que se comunicam na maioria das vezes em sessões mediúnicas. Eles também formam os “encostos”, “assombrações”, “fantasmas” e outros.

Após algum tempo no Astral, os mortos abandonam seu duplo etérico, que se dissolve, e permanecem apenas com seu Corpo Astral, que vai para Planos de Consciência mais sutis, onde recebe outro duplo-etérico na ocasião de um novo nascimento. Quanto mais evoluído é o espírito, menos tempo ele passa na forma de seu Perispírito.

Cascões Astrais

Quando o duplo-etérico é abandonado, ele pode resultar nos chamados cascões astrais, que são formas vazias possuidoras da imagem de alguém que faleceu recentemente. Muitas vezes estes cascões astrais podem ser habitados temporariamente por elementais (muitas vezes as imagens projetadas em centros espíritas não são na realidade a pessoa falecida, mas apenas o cascão astral dela, animado por um elemental). Os ocultistas chamam estes seres de Doppelgangers.

“Eles se movem por aí, como pessoas normais. Vêem o que querem ver, e não enxergam uns aos outros” [trecho de um diálogo no filme *O Sexto Sentido*].

No Plano Astral, o duplo etérico funciona EXATAMENTE como nosso corpo físico, limitado apenas pelo nosso subconsciente. Se uma pessoa acredita que a parede é sólida, então ela se torna sólida para ele. Se é um iniciado e sabe que pode atravessar uma parede, então ele assim o fará (mas como veremos a seguir, a imensa maioria dos habitantes do astral é tão ignorante quanto suas contrapartes do Plano Físico). A Vontade (Thelema) é o que realmente comanda dentro dos Planos sutis. As pessoas que sabem como Yesod funciona rapidamente se tornam “chefes” das massas ignorantes de espíritos.

I see dead people

No Astral, as pessoas enxergarão aquilo que estiver na mesma frequência de vibração que elas; muitas vezes não saberão sequer que estão mortos. Já tive experiências de resgate em que as pessoas simplesmente não acreditavam que haviam morrido. A senhora havia falecido durante o sono e achava que seus netos e filhos apenas não prestavam mais atenção a ela...

Alguns animais (gatos especialmente) são capazes de sentir estas vibrações. Crianças e sensitivos também enxergam dentro de algumas faixas do Astral. O nome que se dá para as pessoas que possuem estas

faculdades é Clarividente (antigamente chamados de médiuns-videntes), embora existam também Clariaudientes (que escutam), olfativos (que sentem cheiros) e táteis (que sentem impressões). Hoje em dia termos como “videntes” não são muito utilizados, pois acabaram se tornando associados a charlatões e vigaristas.

Importante ressaltar que estas faculdades não estão necessariamente conectadas entre si: Um médium pode incorporar (usando a psicografia, psicofonia e etc) e não ter clarevidência nenhuma, por exemplo.

“Problemas de esquizofrenia são frequentes em médiuns ostensivos, que possuem a capacidade física da mediunidade. A glândula pineal manda toda essa carga de informações para o hipotálamo e afins, assim surgindo vários problemas. O médium treinado recebe essas informações pelo lobo-préfrontal, o a parte cerebral que lida com a ética humana”(Dr. Sérgio Felipe de Oliveira).

Enxergar o Astral exige um misto de habilidade nata e treino. Há pessoas que nascem com este dom (assim como pessoas nascem daltônicas, ou seja, enxergam menos cores no espectro, outras nascem clarividentes e enxergam uma gama maior de frequências vibratórias) enquanto outras precisam treinar por anos a fio para desenvolver estas faculdades.

Existem alguns facilitadores para despertar estes processos. Um deles é o vegetarianismo. Limpar o corpo das impurezas energéticas contidas na carne facilita o despertar destes sentidos; não beber, não fumar e manter o corpo sem relações sexuais por alguns dias também vai facilitar o processo (não apenas disso, mas de projeções astrais também).

Fantasma, Vampiros e Aparições

Antigamente, as pessoas se alimentavam com comidas mais limpas, sem toxinas, agrotóxicos, venenos, sabores artificiais e conservantes químicos, e possuíam mais propensão ao contato mediúnico. A

explicação ridícula que se ouve por ai é que as pessoas de antigamente eram mais burras ou supersticiosas, ou esquizofrênicas, por isto acreditavam em fantasmas.

Como já foi demonstrado e provado inúmeras vezes, a maioria dos casos de “loucura” nada mais é do que mediunidade exacerbada somada a ignorância cética. Os astrólogos de antigamente chamavam a casa 12 no Mapa Astral de “Casa dos Loucos” porque constatavam que a grande maioria dos internos dos institutos de psiquiatria possuíam muitos planetas no signo de Peixes nesta casa.

No campo, onde a alimentação e o ar eram mais saudáveis, estes efeitos de contato entre o Material e o Astral eram mais freqüentes e algumas pessoas conseguiam enxergar os espíritos obsessores agindo. Destes contatos surgiram as lendas dos vampiros, lobisomens e bruxas voadoras.

Vamos explicar algumas das características dos vampiros de maneira científica:

1) Obsessores são entidades astrais que se conectam à pessoas vivas com o objetivo de sugarem fluidos sutis. Um corpo astral não é capaz de fumar, nem de obter prazer a partir da ingestão de nicotina, mas pode se “encostar” em uma pessoa e, através do chakra Umeral (um chakra que fica na parte de trás da nuca), absorver as sensações de prazer que o fumante possui quando traga um cigarro. Este processo de fluidificação é o mesmo usado pelos kimbas (espíritos trevosos) para absorver o sangue de um sacrifício ou a comida de um despacho de macumba (explicarei sobre isso mais para a frente). Obsessores também se “alimentam” de sensações: alegria, tristeza, dor, saudade, raiva... Boa parte dos casos de DEPRESSÃO nada mais são do que obsessores que incitam estas sensações na pessoa para depois se alimentarem delas.

Por precisarem estar literalmente acoplados energeticamente em suas vítimas, os espíritos os chamaram de “espíritos obsessores”, os espiritualistas chamam de “espíritos encostados” e os toscos dos evangélicos adaptaram a expressão para “encostos”. Da posição de

“sugar o pescoço” surgiu a lenda que vampiros mordem o pescoço de suas vítimas.

2) Estas entidades existem apenas no Plano Astral. Quando um vidente as enxergava diante do espelho, via apenas a criatura, mas não seu reflexo (pois o espelho reflete apenas o Plano Material). Disto vem a lenda de que os Vampiros não possuem reflexo em espelhos.

3) As entidades mais baixas são constituídas de miasmas astrais (restos energéticos que compõem os cascões usados por estes seres para se manifestar no Astral, de maneira semelhante ao duplo-etérico) e a luz solar dissolve estes miasmas. Disto surgiu a lenda que vampiros queimam no sol, pois seus cascões astrais são literalmente DISSOLVIDOS pela luz solar (você nunca reparou que pessoas depressivas evitam ao máximo a luz solar?).

4) Água Lustral também é outro material que afeta o Plano Astral. Água Lustral é feita a partir de sal marinho e água (água do mar também serve). É o motivo pelo qual os Orixás recomendam tanto banhos de mar para ajudar em problemas espirituais, além de ser um dos locais mais fortes para despachos.

Surfistas, nadadores, mergulhadores e pessoas que trabalham com o mar também concordam com a sensação de limpeza que o mar traz quando se lida com ele.

A Igreja Católica, que tudo copia, também apoderou-se da água lustral, só que a chama de “Água Benta”. Ao utilizarmos água lustral em nossos rituais, dissolvemos as miasmas astrais. Disto resultou na lenda de que vampiros são afetados por água benta. Ela literalmente corrói a “pele” dos obsessores e cascões astrais. Também explica a lenda de que os vampiros não podem cruzar água corrente.

5) Símbolos religiosos, assim como a baqueta ou “varinha mágica”, são canalizadores da Vontade (Thelema) do ocultista. Através dele, podemos forçar nossa vontade a dissolver o miasma dos cascões astrais

e forçar a entidade para fora do cascão que está acoplado na pessoa (esta é uma das bases do Exorcismo, que explicarei em posts mais adiante). Já sabendo disso, estas entidades se afastam da presença do mago. Por isto que se diz nas lendas que “a cruz só funciona com quem acredita nela”.

A Baqueta, quando atravessada no cascão astral, também dissolve completamente o miasma. Por isso dizem que vampiros tem medo do crucifixo. A baqueta de madeira atravessando o corpo do obsessor também é a origem da “estaca” matando vampiros.

6) Igrejas e Templos (rosacruz, maçônicos, thelemitas...) normalmente possuem egrégoras e rituais especiais que impedem a presença deste tipo de criatura. Dizemos que o templo “está coberto” contra a presença destas entidades. Por esta razão, as lendas dizem que demônios, assombrações e vampiros não podem pisar “solo sagrado”.

7) Obsessores e obsediados mantêm uma relação de harmonia vibratória entre eles. Um espírito obsessor só consegue permanecer em um local onde haja uma afinidade emocional ou vibracional, caso contrário eles não serão capazes de acoplar ou serão mantidos afastados. Disto surgiu a lenda de que vampiros só podem entrar em um local se forem convidados.

Uma das coisas mais interessantes sobre as lendas dos vampiros é que Bram Stoker, o escritor que imortalizou o Drácula, era membro da Golden Dawn, uma ordem iniciática muito conhecida no começo do século XIX. *Quando ele colocou estas características em seu romance, ele sabia muito bem sobre o que estava escrevendo.*

“Três deveres de um druida:

curar a si mesmo;

curar a comunidade;

curar a Terra.

Pois se assim não fizer, não poderá ser chamado de druida.”

– Tríades da Ilha da Bretanha

No artigo passado falamos sobre Thanatos, deus dos mortos, e sua relação com o Astral. Continuando a linha de raciocínio, falaremos hoje sobre Hecate, a deusa tríplice, representação da mediunidade.

Hecate

Hecate (ou Hécate) é uma divindade grega, filha dos titãs Perses e Astéria. A origem de seu nome se deve à palavra egípcia Hekat que significaria “Todo o poder”.

Em sua versão original, Hecate está associada a Ártemis (irmã gêmea de Apolo, o Sol, representando a luz da lua cheia) e a Perséfone (filha de Zeus e Demeter, personificação do sagrado feminino e das faculdades associadas à sensualidade feminina). Juntas, as três simbolizavam as 4 fases da Lua. Enquanto Ártemis representava a lua cheia e o fulgor feminino (*girl power*), Perséfone, em suas duas caracterizações (a doce Coré e a sombria Perséfone) representava respectivamente as fases Crescente e Minguante da lua e, finalmente, Hecate representava a Lua Nova, ou sombria.

Ok... Pausa para explicar a lenda de Perséfone:

Na mitologia grega, Perséfone ou Coré (correspondente à deusa romana Proserpina e Cora). Era filha de Zeus e da deusa Deméter, da agricultura, tendo nascido antes do casamento de seu pai com Hera.

Quando os sinais de sua grande beleza e feminilidade começaram a brilhar, em sua adolescência, chamou a atenção do deus Hades (Demeter representa Malkuth, o Plano Material; Hades representa Yesod, o Plano Astral; Perséfone representa a feminilidade relacionada com a intuição feminina, que transita entre estas duas esferas) que a pediu em casamento.

Zeus, sem sequer consultar Deméter, aquiesceu ao pedido de seu irmão. Hades, impaciente, emergiu da terra e raptou-a levando-a para seus domínios (o Mundo Subterrâneo), desposando-a e fazendo dela sua rainha.

Sua mãe, ficando inconsolável, acabou por se descuidar de suas tarefas: as terras tornaram-se estéreis e houve escassez de alimentos. Deméter, junto com Hermes, foi buscá-la ao mundo dos mortos (ou segundo fontes posteriores, Zeus ordenou que Hades devolvesse a sua filha).

Como, entretanto, Perséfone tinha comido algo (uma semente de romã, a mesma fruta que coincidentemente era cultivada nos jardins do Templo de Salomão) concluiu-se que não tinha rejeitado inteiramente Hades. Assim, estabeleceu-se um acordo: ela passaria metade do ano junto a seus pais, quando seria Coré, a eterna adolescente, e o restante com Hades, quando se tornaria a sombria Perséfone. Este mito justifica ao mesmo tempo o ciclo anual das colheitas e as duas representações da lua e seus aspectos na magia cerimonial.

E agora, voltando a Hecate:

Hecate é venerada como “a mais próxima de nós”, pois se acreditava que, nas noites de lua nova, ela aparecia com sua horrível matilha de cachorros fantasmas diante dos viajantes que por ali cruzavam. Ela enviava aos humanos os terrores noturnos e aparições de fantasmas espectros. Também era considerada a deusa da magia e da noite, mas em suas vertentes mais terríveis e obscuras.

Era associada a Ártemis, mas havia a diferença de que Ártemis representava a luz lunar e o esplendor da noite. Também era

associada à deusa Perséfone, a rainha dos infernos, lugar onde Hécate vivia.

Dada a relação entre os feitiços e a obscuridade, os magos e bruxas da Antiga Grécia lhe faziam oferendas com cachorros e cordeiros negros no final de cada lua nova. Era representada com três corpos e três cabeças, ou um corpo e três cabeças. Levava sobre a testa o crescente lunar (tiara chamada de pollos), uma ou duas tochas nas mãos e com serpentes enroladas em seu pescoço. Como já estudamos em matérias anteriores, Tochas simbolizam o FOGO, sinal da sabedoria divina, e cobras representam o despertar da Kundalini, o fogo sagrado dentro de cada um.

Deusas Tríplices

Com a associação clara entre o feminino e a Lua, existiam muitas deusas tríplices, que carregavam consigo certas atribuições e que agiam como se fossem uma única entidade. Entre elas podemos destacar as Moiras, as Erínias e as Parcas, assim como as Norms (nórdicas), Bridghit (três deusas com o mesmo nome) e Morrigan (que com suas irmãs Badb e Macha faziam as vezes das Fúrias celtas).

Dos cultos egípcios e gregos, a representação do Sagrado Feminino na forma de “deusas tríplices” espalhou-se pela Europa. Os celtas possuíam a representação da mulher associada a três deusas chamadas Bridgith (Ou Brigit, ou Brígida, ou posteriormente Santa Brígida na Igreja Católica).

A Deusa Tríplice representa os mesmos aspectos gregos do feminino: donzela, mãe e anciã. Bridgit era filha de Dagda (e, portanto, meia irmã de Cermait, Aengus, Midir e Bodb Derg – um dia no futuro eu falo sobre eles... é uma história muito interessante) e suas sacerdotisas estavam associadas à chama sagrada, da mesma maneira que as Virgens Vestais gregas e egípcias. Suas 19 sacerdotisas permaneciam no Templo de Kildare, cercadas por um fosso natural que nenhum homem poderia cruzar.

O Templo de Kildare foi uma das principais fontes usadas na criação da lenda de Avalon. Morrigan, por sua vez, foi a deusa

utilizada como base para a criação de Morgana, meia irmã do mítico Rei Arthur (falaremos sobre isso mais para a frente).

As Deusas e as Incorporações

Retornando no tempo até os cultos de Astarte, era extremamente comum (para não dizer mandatário) que a principal sacerdotisa de cada culto, em determinado momento do ritual, incorporasse a deusa. Quando digo “incorporar”, quero dizer EXATAMENTE da maneira como vemos diariamente em centros espíritas e templos de Umbanda/Candomblé.

A sacerdotisa possuía todos os atributos e características necessárias (além de um treinamento espiritual, emocional e mental) para deixar seu corpo limpo e preparado; entrava em transe ritualístico profundo e utilizava sua condição de médium para incorporar a deusa, que conversava com seus seguidores dando-lhes informações e conselhos.

Isto faz nossa segunda ligação com os Psycopompos e seus profundos significados esotéricos: Hecate representa esta conexão entre os médiuns e o Plano Astral.

Os druidas

Druidas (e druidesas) eram pessoas encarregadas das tarefas de aconselhamento, ensino, jurídicas e filosóficas dentro da sociedade celta. A palavra Druida significa “aquele que tem conhecimento do carvalho”.

O carvalho, nesta acepção, por ser uma das mais antigas e destacadas árvores de uma floresta, representa simbolicamente todas as demais. Ou seja, quem tem o conhecimento do carvalho possui o saber de todas as árvores. Está intimamente ligado ao título de “aquele que trabalha com a madeira”, vindo dos tempos do Rei Salomão e da Arca e, para quem não caiu a ficha ainda, o mesmo título de “Mestre Carpinteiro” dos antigos Essênios. A ritualística druida é muito parecida com o cristianismo primitivo da doutrina Cátara.

É importante dissociar as palavras “Druida” de “Celta”, porque muita gente faz confusão. Celta é o nome do povo, enquanto Druida é o nome dado a uma casta de sacerdotes especiais que viviam entre os celtas e agiam como conselheiros destes. É a mesma relação entre “judeus” e “rabinos”.

Druidas e Mediunidade

A conexão entre Druidas e Mediunidade vem do Xamanismo (que é uma das origens de toda a magia celta) e das incorporações dos xamãs com os Espíritos dos Antigos (ou Espíritos Ancestrais). Da mesma maneira que os xamãs incorporam os espíritos ancestrais, os grandes sacerdotes druidas não apenas incorporavam os Deuses em seus rituais, mas também estudavam estas interações entre o Plano Material e o Plano Espiritual.

Com o advento da Igreja Católica, estas práticas ficaram cada vez mais secretas e mais restritas, sob pena de fogueira; e muitos dos conhecimentos ocultistas da antiguidade tiveram de se refugiar nas Ordens Secretas, especialmente sob a proteção Templária e Rosacruz.

O Sagrado feminino, a intuição e a mediunidade foram esmagados e permaneceram em dormência até o Renascimento. Neste período, qualquer manifestação de mediunidade era vista como “coisa do demônio” e passível de fogueiras e exorcismos. Existem diversos casos na literatura medieval que retratam casos de mediunidade como sendo tratados como “possessão demoníaca” e afins. O mundo permanecia (ainda permanece?) em uma Idade das Trevas.

Dos druidas aos maçons

Nascia em Lyon a 3 de Outubro de 1804 Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec), um professor, pedagogo e escritor francês que se notabilizou como o codificador do chamado Espiritismo, denominado “Doutrina Espírita”.

Nascido numa antiga família de orientação católica com tradição na magistratura e na advocacia, desde cedo manifestou propensão para o estudo das ciências e da filosofia.

Fez os seus estudos na Escola de Pestalozzi, no Castelo de Zähringenem, em Yverdun, na Suíça (país protestante), tornando-se um dos seus mais distintos discípulos e ativo propagador de seu método, que tão grande influência teve na reforma do ensino na França e na Alemanha. Aos quatorze anos de idade já ensinava aos seus colegas menos adiantados.

Concluídos os seus estudos, o jovem Rivail retornou ao seu país natal. Profundo conhecedor da língua alemã, traduzia para este idioma diferentes obras de educação e de moral, com destaque para as obras de François Fénelon, pelas quais manifestava particular atração.

Era membro de diversas ordens, entre as quais da Academia Real de Arras, que, em concurso promovido em 1831, premiou-lhe uma memória com o tema: “Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?”.

Existe uma grande suspeita que Leon Denizard tenha feito parte da Maçonaria, pertencente à Grande Loja da França. Se não foi iniciado, passou sua vida inteira cercado por amigos membros desta sublime ordem. Deve ter conhecido as teorias básicas de Astrologia (pelo contato e estudo com Camille Flammarion, um dos maiores astrônomos franceses de todos os tempos, fundador em 1887 da Sociedade Astronômica da França).

Camille Flamarion era tão seu amigo que fez o discurso para o enterro de Kardec. Para os espíritas que acompanham a coluna terem uma idéia da importância de Flamarion para o espiritismo, procurem nos textos da Gênese, uma das obras básicas da doutrina espírita, o texto *Uranografia Geral – Estudo do Espaço e Tempo*, pelo médium CF. CF são as iniciais de Camille Flamarion.

Cético e estudioso, Léon teve contato com os estudos a respeito das “mesas girantes” em 1855, paralelamente a cientistas e ocultistas como Sir William Crookes (membro do Royal College of Chemistry, pai da

espectrologia), Alfred Russel Wallace (coautor da teoria da evolução das espécies, juntamente com Darwin), John Willian Strutt (prêmio Nobel da física de 1904), Michael Faraday (físico, que apesar de não ser ocultista também estudou estes fenômenos relacionados ao eletromagnetismo – sua especialidade), Oliver Lodge (membro da Royal Society, inventor do telégrafo sem fio), entre muitos outros. Interessante notar que as pessoas que estudavam seriamente estes fenômenos eram cientistas importantíssimos, ganhadores do Nobel de Física e outros pesquisadores voltados para áreas da física e da química.

Os tipos de mediunidade

Léon começou seus estudos observando a Manifestação dos Espíritos sobre a Matéria, que através da vontade (Thelema) dos seres espirituais, combinados com a energia plasmada do médium, rompem a barreira entre os campos vibracionais e permitem manifestações no Plano Material. A partir disto, surgem as famosas “mesas girantes” que são uma manifestação grosseira desta força, suficiente apenas para erguer as mesas no ar e fazê-las girar.

A partir das manifestações grosseiras (que também são a origem de barulhos em casas ditas “mal assombradas” e outros fenômenos), surgiram os estudos a respeito de Manifestações Inteligentes (ou seja, pancadas rítmicas, respondendo a perguntas como “sim” ou “não”, barulhos indicando princípios rudimentares de comunicação entre Planos e assim por diante). Neste sentido, Léon também estudou a criação de ruídos, movimentos e suspensões e aumento e diminuição do peso dos corpos.

Na segunda etapa, estudou as manifestações físicas espontâneas, ou seja, a criação de ruídos mais específicos, arremessos de objetos e fenômenos de transporte, bem como as manifestações visuais, aparições e aparições dos espíritos de pessoas vivas. Estudou também os lugares assombrados, linguagem dos sinais, tiptologia alfabética, escrita direta e pneumatofonia.

Na área da psicografia, estudou a psicografia indireta, através de cestas e pranchetas, e a psicografia direta, através dos médiuns.

O capítulo XIV do seu *Livro dos Médiuns* trata especificamente sobre as mediunidades, listando as 72 mediunidades diferentes, entre elas os médiuns de efeitos físicos, elétricos, sensitivos, audientes, falantes, videntes, sonambúlicos, curadores, pneumatógrafos, etc. Entre os médiuns escreventes temos os médiuns mecânicos, intuitivos, semimecânicos, inspirados e de pressentimento e assim por diante. Recomendo que vocês leiam os dois livros básicos (*Livro dos Espíritos* e *Livro dos Médiuns*).

Léon adotou o pseudônimo de Allan Kardec, uma de suas encarnações passadas como druida, e é considerado o fundador do Espiritismo, uma das filosofias espiritualistas que eu considero mais sérias.

Conscienciologia

Termino o artigo citando o professor Waldo Vieira e um livro fantástico chamado *700 Experimentos de Conscienciologia* (1994) onde, com o auxílio de laboratórios, foram feitas diversas experiências dentro do método científico para comprovar e estudar os fenômenos parapsicológicos. Hoje o IIPC é um dos institutos mais sérios no estudo destes fenômenos de forma científica e laica.

No Brasil, o espiritismo acabou adotando um pouco do viés religioso e cristão ao invés de sua proposição original científica. Infelizmente o sincretismo religioso, os misticóides da dita “Nova Era”, os charlatões e as chamas violetas da vida transformaram a palavra “espiritismo” em uma mixórdia tão grande que os espíritas originais precisam se denominar “Kardecistas” para evitar confusões, tamanha a quantidade de loucuras que inventaram por ai [Del Debbio costuma usar mais o termo “Kardecismo” do que “espiritismo”; na edição desta obra, no entanto, optei por converter a maior parte para “espiritismo”, que era, afinal, a intenção original de Kardec – ele não *criou* a doutrina espírita, apenas a *codificou*].

Enquanto isso, neste curral chamado Brasil, os coletores de dízimos fazem a festa com suas charlatanices de desencapetamento, exorcismos da madrugada, óleos de Jerusalém, água do Rio Jordão e afins, deixando a ciência e o ocultismo sério como pequenos oásis neste imenso mar de créu.

Perdidos no meio de assuntos religiosos e esotéricos que não têm nenhuma idéia a respeito, as Igrejas caça-níqueis seguem por ai Vandalizando Templos de Umbanda e de outras religiões “Em nome de Jesus”.

MacBeth!

HERMES: METAIS, ERVAS E PENTAGRAMAS

26.06.2008

“É verdade, certo e muito verdadeiro.

O que está em baixo é como o que está em cima e o que está em cima é como o que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa.

E assim como todas as coisas vieram do Um, assim todas as coisas são únicas, por adaptação.

O Sol é o pai, a Lua é a mãe, o vento o embalou em seu ventre, a Terra é sua ama;

O Pai de toda Telesma do mundo está nisto.

Seu poder é pleno, se é convertido em Terra.

Separarás a Terra do Fogo, o sutil do denso, suavemente e com grande perícia.

Sobe da Terra para o Céu e desce novamente à Terra, e recolhe a força das coisas superiores e inferiores.

Desse modo obterás a glória do mundo.

E se afastarão de ti todas as trevas.

Nisso consiste o poder poderoso de todo poder.

Vencerá todas as coisas sutis e penetrará em tudo o que é sólido.

*Assim o mundo foi criado.
Esta é a fonte das admiráveis adaptações aqui indicadas.
Por esta razão fui chamado de Hermes Trismegistos, pois possuo as
três partes da filosofia universal.
O que eu disse da Obra Solar é completo.”*

Nos artigos passados falamos sobre Thanatos, deus dos mortos, e sua relação com o Astral. Em seguida, comentei sobre Hecate e a intuição. Continuando a linha de raciocínio, falaremos hoje sobre Hermes, a manifestação da vontade (Thelema) no Astral.

Ao contrário de Hecate, que representava a parte passiva da espiritualidade, através da mediunidade, Hermes representa a parte ativa da mediunidade, ou a capacidade dos seres no Plano Físico atuarem sobre o Astral [Chico não gostava de falar sobre o assunto, mas certamente que “o telefone também toca de cá para lá”].

Esta atuação acontece na forma de mantras (ou palavras de poder), de objetos mágicos (círculos, espada, taças e outros objetos magnetizados pela luz astral) e da vontade do magista. Deste tipo de atuação surgiram as bases a respeito dos exorcismos, conjurações e banimentos.

Hermes

Hermes é tido como uma das mais importantes divindades gregas do Panteão Olímpico. Considerado o mais jovem dos deuses, ele é o protetor de todos os viajantes e ladrões, é o mensageiro dos deuses, responsável por levar a palavra dos deuses até os mortais (qualquer semelhança com Prometeu ou Lúcifer NÃO é mera coincidência); Hermes é o deus da eloquência, ao lado de Apolo, é o Deus dos diplomatas e da diplomacia (que era chamada de Hermeneus pelos gregos) e é o deus dos mistérios e interpretações (da onde vem a palavra Hermenêutica). Além disto, era um dos únicos deuses que tinha permissão para descer ao Hades e partir quando desejasse. Todos os outros (incluindo Zeus) estavam sujeitos às leis de Hades.

Hermes tinha vários símbolos, mas os mais tradicionais eram as sandálias com asas, o caduceu (que curiosamente representa a Kundalini, duas serpentes enroladas em um cajado) e a tartaruga (de cujo casco ele criou a primeira Lira) e sua flauta de 7 notas.

Como inventor de diversos tipos de corrida e também das lutas, Hermes era considerado o patrono dos atletas. Finalmente, era tido como o inventor do Fogo (em alguns textos anteriores a Prometeu) e considerado um deus pregador de peças, que adorava aprontar com seus irmãos (isto desde seu nascimento, quando a primeira coisa que fez quando aprendeu a andar foi roubar os bois de Apolo e escondê-los). Hermes era patrono dos alquimistas, magos e filósofos.

Hermes representa HOD, ou seja, a RAZÃO. Como pudemos ver, a razão está diretamente ligada à VONTADE dentro da Magia. A escolha simbólica de Hermes como o terceiro Psycopompo traduz bem esta manifestação da magia.

Influências do Físico no Astral

Desde a antiguidade sabemos que determinados elementos físicos são capazes de atuar nos elementos sutis do Astral. Os mais conhecidos e que acabaram se tornando parte de inúmeros folclores são o Sal, o Mercúrio, o Enxofre, a Prata, o Ouro e os outros metais alquímicos. As plantas afetam o astral por causa de suas auras, que interagem eletromagneticamente com as nossas e com elementos dos planos sutis, como explicarei abaixo.

O Sal

O sal absorve emanções negativas, cristalizando-as e limpando o ambiente. Disto derivam diversos costumes que perduram até os dias de hoje.

O mais comum de todos é o “banho de sal grosso”. Água com sal marinho é uma das melhores substâncias para remover miasmas astrais de um corpo. E o melhor banho energético de todos continua sendo o banho de mar. Os antigos tinham o costume de deixar-se banhar por sete ondas para limpar quaisquer miasmas ou impurezas

que tivessem. Ao contrário dos ignorantes, que “pulam” sete ondas, o correto é deixar as sete ondas cobrirem TOTALMENTE o seu corpo. Claro que as dondocas com seus vestidos caríssimos de final de ano não vão sair ensopadas do mar, então esse costume foi “ajustado”. O tio Marcelo adianta que pular sete ondas não serve para absolutamente NADA; a limpeza só funciona se você for inteiramente banhado pela água salgada.

Banhos de sal grosso podem fazer o mesmo efeito, mas há uma ressalva. Como ele age como um solvente, se a pessoa já estiver debilitada, em certos casos, não é recomendado. O melhor é um “banho de ervas”, como explicarei mais abaixo.

O sal grosso pode ser colocado nos cantos de uma sala para absorver miasmas, funcionando como uma “fossa séptica astral” (funciona pelo mesmo princípio da “Firmeza” nas tradições africanas, mas de eficácia obviamente muito menor). A cada 3 ou 7 dias, quando o sal estiver empapado, recolha e jogue em água corrente ou aos pés de uma árvore e troque o sal. Na Europa é comum espalhar sal por sobre o batente das portas, pela mesma razão.

A palavra Salário vem de “salarium argentum” que é a medida em prata ou ouro recebida pelos soldados romanos suficiente para comprar determinada quantia de sal (ao contrário do imaginário popular, eles não recebiam diretamente em sal; se fosse assim, seria muito mais rentável ficar na beira do mar coletando sal o dia inteiro do que ir para batalhas se arrebentar em troca de um punhado de cristais brancos). A palavra “Salarium” vem das estradas até as minas de sal (“Via Salarium”) que estes soldados protegiam. Os “Assalariados” eram os soldados que guardavam estas estradas.

O valor do sal estava muito associado ao seu poder mágico, por isso era costume das pessoas carregar consigo pequenos saquinhos de sal grosso e ervas amarrados em seu corpo para absorver emanções negativas. Nas tradições africanas este saquinho era chamado de Patuá e no Japão esta prática é conhecida como Kusudama. Os celtas usavam trevos como principal erva nestes amuletos, de onde veio a tradição do trevo de quatro folhas como planta da sorte.

Derramar este sal era considerado má-sorte, pois deixava a pessoa desprotegida contra ataques astrais ou psíquicos. Desse costume também vem a expressão “fulano não vale o sal que come” que mais tarde se tornou “não vale o que come”.

Lágrimas também entram na categoria de fluidos capazes de absorver más emanções (especialmente porque vem acompanhado de emanções emocionais mais fortes). Nem preciso falar a respeito da quantidade de lendas e contos medievais a respeito de “lágrimas” e seus processos curativos. A própria palavra “saudade” vem de “saldare”, em referência às lágrimas vertidas pelo sentimento de falta de determinada pessoa.

E finalmente temos a Água Lustral, e posteriormente a cópia da Igreja chamada “água benta”, muito utilizada para limpar instrumentos mágicos, locais e consagrações.

O Enxofre

Um dos mais efetivos materiais de remoção de miasmas, o enxofre era muito utilizado em defumações na antiguidade. Antes dos principais rituais religiosos ou em locais muito carregados, era costume passar com defumadores contendo mirra, louro e enxofre, especialmente em locais onde haviam muitos sacrifícios. Mais tarde, a Igreja iria inventar a associação entre o Diabo e o cheiro de enxofre baseado nisto.

No oriente, o enxofre era utilizado na forma de pólvora e fogos de artifício para dissolver miasmas e outras entidades obsessoras, especialmente elementais e construtos astrais malignos. Disto vem o costume de usar fogos de artifícios em comemorações. Eles são usados para literalmente “limpar o ambiente”.

A pólvora também é utilizada pelos cultos africanos em sessões de “descarrego” justamente por esta propriedade de dissolver larvas astrais que estejam porventura enraizadas no duplo-etérico da pessoa (e muitos picaretas universais também estão tentando adaptar a prática “em nome de Jesus” – até arrumaram a desculpa para o cheiro de enxofre que fica depois). Também é utilizada na bruxaria celta e

nórdica dentro de caldeirões (a razão prática pela qual caldeirões precisam ser de ferro).

Os metais alquímicos

Os sete metais alquímicos (ouro [sol], prata [lua], mercúrio [mercúrio], cobre [vênus], ferro [marte], estanho [júpiter] e chumbo [saturno]) afetam em diferentes graus e intensidades os fluidos astrais. Por esta razão, são utilizados em diferentes rituais com diferentes finalidades, que não vêm ao caso agora.

Os mais conhecidos nas lendas são a prata, associada a Yesod/Lua/Astral, que dissolve miasmas ao toque (de onde originou a lenda da prata como sendo o metal capaz de ferir lobisomens e vampiros); o ferro (que é utilizado em portões e grades de cemitérios para não deixar espíritos irados trespassarem os limites da necrópole; e também deu origem à lenda de que fadas e elementais não podem tocar ferro frio, o que é uma verdade).

Ervas

As plantas também possuem duplo-etérico e conseqüentemente, uma aura. Quando falamos de “banho de ervas”, queremos dizer que as ervas em questão precisam ser maceradas (esfareladas com suas próprias mãos e deixar a seiva – que é o SANGUE da planta – misturar com água). Qual a ciência por trás disso? Normalmente o Guia ou Médium é capaz de enxergar alguma perturbação no duplo-etérico da pessoa e recomenda uma erva adequada para estabelecer o equilíbrio (de onde surgiu a lenda a respeito de determinados orixás serem senhores de determinadas plantas).

Com esta seiva misturada à água, o banho fará com que ambos os campos eletromagnéticos sutis entrem em contato e se equilibrem. As plantas mais comuns para estes banhos são a arruda e o manjeriço, mas existem dezenas de tipos de banhos de ervas diferentes, de acordo com o tipo de problema. Algo importante e que quase ninguém sabe é que após tomar um banho de ervas não devemos nos

enxugar, mas apenas secar levemente nosso corpo, deixando-o terminar de secar naturalmente.

Da mesma maneira, existem os chás de ervas, nos quais as ervas são fervidas e bebidas posteriormente, com efeitos curativos dos mais diversos.

Cristais

Com o conhecimento de que nossos corpos são máquinas eletromagnéticas, muitas doenças nada mais são do que o desequilíbrio energético nos nadis (dutos) em nosso duplo-etérico. Neste sentido, o que acupuntura faz é direcionar estes fluxos energéticos de maneira adequada e equilibrar o balanço de prana dentro do organismo, eliminando a causa da doença logo em seu estágio inicial.

Os cristais funcionam de forma análoga; eles geram campos magnéticos sutis que ressoam com os campos eletromagnéticos de cada chakra específico, auxiliando o fluxo de prana e reestabelecendo o equilíbrio e saúde.

MAS eu preciso fazer uma mega-hiper-super ressalva aqui. São ALGUNS cristais específicos, aplicados em alguns pontos certos do corpo e da maneira apropriada. Não é essa loucura alucinada dos misticóides da Nova Era e suas feiras de badulaques exotéricos (com “X”). Comprar cristais “Além da Lenda” e deixá-los em cima do seu corpo não vai adiantar em NADA. Um dia eu escrevo um artigo só sobre cristais, desmistificando essas loucuras que a gente vê por aí.

Desnecessário dizer que nada disso é reconhecido pela ciência ortodoxa mas, para ser sincero, eu prefiro assim, pois se do jeito que está já existem uns 90% de charlatões místicos, imagine se alguém emite um certificado das *otoridades* dizendo que funciona mesmo... Imagine que, se com conselhos sérios como o CRM já existem milhares de charlatões se passando por médicos e *trocentos* problemas de cirurgias e picaretagens que vemos por aí nos jornais (sem falar dos “místicos”), que caos acontecerá com seres irresponsáveis do gado posando de “doutores em cristais”...

Além disso, existe o desinteresse natural da “ciência médica” em relação a métodos gratuitos de cura e saúde... Quantos bilhões são gastos anualmente fabricando drogas que não precisamos? Quem lucra com isso não tem o menor interesse que as populações sejam “equilibradas energeticamente”... Aliás, fazem o possível para isso ser o mais ridicularizado possível. Para que se equilibrar com Ioga, respirações e alimentação adequada quando você pode simplesmente ficar doente e gastar dinheiro com remédios caros!

Como eu costumava dizer, *as superstições são os cadáveres das antigas práticas religiosas e mágicas...* Quando se remove a razão e o conhecimento dos motivos, sobra apenas a repetição cega e a credence.

Conjurações

Sempre existiu uma certa confusão entre os limites da mediunidade e da magia de conjuração. Desde o xamanismo e suas manifestações tribais mais primitivas aborígenes e africanas, existiam duas classes de magistas. Em essência, ambos trabalhavam com o mesmo princípio, apenas variando as frequências astrais de suas conjurações.

Ao contrário da mediunidade, onde o médium irá “receber” passivamente um espírito, na Magia cerimonial o magista irá ordenar ativamente que o espírito venha até sua presença e obedeça sua vontade.

E a palavra chave para tudo isso é “vontade”. Através do domínio de seu consciente e subconsciente, o magista é capaz de canalizar sua vontade através da Luz Astral e influenciar os corpos sutis tanto dos espíritos dos mortos (Thanatos) quanto as habilidades mediúnicas de outras pessoas (Hecate).

O Círculo e as Ferramentas

O círculo delimita o espaço de trabalho do magista. Ele é considerado uma manifestação da vontade do mago e uma extensão de seus domínios. Pode-se traçá-lo fisicamente no chão ou

mentalmente no espaço (fisicamente será melhor para iniciantes, pois desta maneira se conseguirá manter a concentração mais facilmente, ainda mais quando a mente estiver ocupada com todos os outros detalhes da ritualística).

As ferramentas exigirão uma matéria apenas para elas. As mais comuns são o bastão, a espada, o athame, o pantáculo, a taça, o incensário, as velas, as roupas e o cetro (ou varinha). Com eles, o magista é capaz de direcionar sua vontade e canalizar suas manifestações mentais no astral com maior efetividade.

Fazendo a comparação com Thanatos: através da vontade, um magista consegue interferir no astral o suficiente para afetar quaisquer seres astrais/espíritos que estejam nas proximidades, seja removendo miasmas, seja afastando-os ou até mesmo aprisionando-os (as histórias a respeito dos gênios dentro de garrafas não são meras alegorias).

Fazendo a comparação com Hecate: através da vontade, o magista consegue interferir na mediunidade de uma pessoa, aumentando ou diminuindo a sensibilidade, cortando os canais de ligação entre os médiuns e os espíritos ou facilitando/simulando esta comunicação através de outros objetos (Espelhos mágicos oraculares, por exemplo... “Espelho espelho meu, você acha que o tio Walt Disney colocou esta passagem à toa na Branca de Neve?”)

★★★

EXERCÍCIO PRÁTICO DE IMAGINAÇÃO E VONTADE

Pode ser feito em seu quarto ou local de descanso.

Em primeiro lugar, encontre o Leste.

Fique de pé, mantendo os pés em esquadro, o pé direito apontado para o leste. Deixe o braço esquerdo caído ao lado do corpo e junte os dedos polegar, indicador e médio da mão direita, formando o Kureba Mudra. A posição dos dedos no Kureba mudra parece como se você estivesse segurando um giz de cera invisível.

Respire calma e relaxadamente alguns instantes, até estar plenamente concentrado, e comece:

Trace um Pentagrama no Ar, localizado à sua frente, começando do 1 e seguindo a ordem numérica, de acordo com a imagem. Imagine que ele seja formado por uma luz azul muito forte e brilhante. INSPIRE enquanto traçar o risco de 1 para 2, EXPIRE quando traçar o risco de 2 para 3, INSPIRE quando traçar o risco de 3 para 4, segure a respiração quando traçar o risco de 4 para 5 e EXPIRE quando traçar o risco de 5 para 1.

Se você souber qual é, imagine agora o símbolo do signo de Aquário dentro do pentagrama, se não souber, *vai pesquisar*. Faça um ponto dentro do pentagrama e deslize seu corpo e o braço no ar 90 graus para a direita, ficando de frente para o SUL e traçando uma linha de luz azul na altura do seu ombro, ao seu redor, formando um círculo onde você estiver. É importante manter a concentração e inspire enquanto estiver traçando este círculo.

De frente para o SUL, repita o traçado do segundo pentagrama, seguindo as mesmas instruções de respiração do primeiro pentagrama.

Imagine o símbolo do signo de Leão dentro do pentagrama.

Novamente, gire o corpo 90 graus para a direita, ficando de frente para o Oeste; trace o círculo começando do EXATO ponto onde parou no sul e continue até o oeste.

De frente para o OESTE, repita o traçado do terceiro pentagrama, seguindo as mesmas instruções de respiração do primeiro pentagrama.

Imagine o símbolo do signo de Escorpião dentro do pentagrama.

Novamente, gire o corpo 90 graus para a direita, ficando de frente para o Norte; trace o círculo começando do EXATO ponto onde parou no oeste e continue até o norte.

De frente para o NORTE, repita o traçado do quarto pentagrama, seguindo as mesmas instruções de respiração do primeiro pentagrama.

Imagine o símbolo do signo de Touro dentro do pentagrama.

Novamente, gire o corpo 90 graus para a direita, ficando de frente para o Leste, onde você começou o exercício; trace o círculo

começando do EXATO ponto onde parou no norte e continue até o exato ponto onde você começou a traçar o círculo.

Agora vem o exercício de imaginação e vontade... Esta estrutura precisa ser mantida na sua imaginação com o máximo de detalhes possível: luz, o brilho azulado influenciando no físico, imaginar as paredes do local iluminadas fracamente por esta luz, os quatro pentagramas flutuando no espaço, ao redor dos 4 pontos cardeais no círculo e o próprio círculo luminoso contínuo.

Depois do exercício, você pode fazer o que quiser na sala, mas tente manter esta construção mental pelo maior tempo que conseguir. Se estiver fora do quarto, imagine a estrutura montada dentro dele; quando voltar, enxergue o conjunto. Se estiver em outro lugar e imaginar sua sala de estudos, imagine a estrutura dentro dela.

Mas tio Marcelo, isso é alguma forma de círculo de proteção?

Talvez... Por enquanto é apenas um exercício de concentração e imaginação. Nada mais. E não esqueça de fazer os outros exercícios que eu passei noutros artigos [há muitos exercícios descritos no *Teoria da Conspiração*; há uma categoria chamada “Exercícios” que pode ser acessada na coluna esquerda do site].

MORPHEUS: DREAM A LITTLE DREAM OF ME

07.07.2008

*Mr. Sandman, bring me a dream;
Make him the cutest that I've ever seen;
Give him two lips like roses and clover;
Then tell him that his lonesome nights are over.
Sandman, I'm so alone,
Don't have nobody to call my own;
Please turn on your magic beam;
Mr. Sandman, bring me a dream.*

É engraçado como funciona a sincronicidade. Este final de semana [ver data original do artigo abaixo do título], enquanto Neil Gaiman estava autografando na Feira Literária de Parati (FLIP), todo o nosso projeto de textos sobre os Psycopompos (os deuses que representam a interação do Plano Físico com o Plano Astral), após passar por Thanatos, Hecate e Hermes, chega justamente a Morpheus, personagem que foi imortalizado na forma de Sandman por este autor.

A seguir, o que o mundo dos espíritos e o mundo dos sonhos têm em comum?

Morpheus

Morpheus, ou Morfeus em português (palavra grega cujo significado é “aquele que forma, que molda”) é o deus grego dos sonhos. Morpheus possui a habilidade de assumir qualquer forma humana e aparecer nos sonhos das pessoas como se fosse a pessoa amada por aquele determinado indivíduo. Seu pai é o deus Hipnos, do sono. Os filhos de Hipnos, chamados de Oneiroi, são personificações de sonhos, sendo eles Phobetor (que os deuses chamavam de Icelus), e Phantasis (de cujo nome originou a palavra “fantasia”). Morfeu foi mencionado pela primeira vez no texto *Metamorphoses* de Ovídio como um deus vivendo numa cama feita de ébano numa escura caverna decorada com flores, mas também aparece na Odisséia, na Eneida e na Teogonia.

Morpheus representa a presença da alma humana nos Reinos de Hades (Yesod) durante o sono. Sua alegoria nos demonstra o conhecimento que os iniciados possuem sobre este aspecto da interação do corpo físico com o astral. A partir do conhecimento da ligação entre estes pontos, podemos explicar facilmente alguns mitos que com certeza muitos de vocês já passaram:

Sono e Sonhos

Antes de mais nada, precisamos definir alguns parâmetros e termos:

Sono é um estado em que cessam as atividades físicas motoras e sensoriais.

Sonho é a lembrança dos fatos, dos acontecimentos ocorridos durante o sono.

A ciência ortodoxa, analisando tão somente os aspectos fisiológicos das atividades oníricas, ainda não conseguiu conceituar com clareza e objetividade o sono e o sonho. Sem considerar a emancipação da alma, sem conhecer as propriedades e funções do duplo-etérico (perispírito para os espíritas), fica realmente difícil explicar a variedade das manifestações que ocorrem durante o repouso do corpo físico. Alguns psiquiatras e psicólogos já analisam os sonhos como atividades do psiquismo mais profundo.

Assim chegamos a Sigmund Freud, o precursor dos estudos mais avançados nesta área. Ele julgava que os instintos, quando reprimidos, tendem a se manifestar; e uma destas manifestações seria através dos sonhos. Isto numa linguagem simbólica representativa do desejo.

Alfred Adler introduziu em Psicologia o “instinto do poder”. Nossa personalidade gravitaria em torno da autoafirmação, do desejo do domínio.

Jung considerou válidas as duas proposições. Descobriu que nos recessos do inconsciente, existe uma infraestrutura feita de imagens ou símbolos que integram a mitologia de todos os povos. São os arquétipos, reminiscências de caráter genérico que remontam a fases muito primitivas da evolução.

Mas foi mesmo o irmão Allan Kardec, através da Codificação Espírita, quem realmente, analisou amplamente os sonhos em seus aspectos fisiológicos e espirituais.

O *Livro dos Espíritos*, Cap. VIII, analisando a emancipação espiritual, coloca o sono como a primeira fase deste fenômeno, que antecede ao sonambulismo e ao êxtase que seriam estados mais profundos de independência pelo desprendimento parcial do Espírito.

Por exemplo, na questão 400, do *Livro dos Espíritos*, Kardec indaga:

“O espírito permanece voluntariamente no seu envoltório corporal?”

R: “É como se perguntasse se o prisioneiro está satisfeito sob as chaves. O Espírito encarnado aspira incessantemente à libertação e quanto mais grosseiro é o envoltório, mais ele deseja ver-se desembaraçado.”

Na questão 401 :

“Durante o sono, a alma repousa como o corpo?”

R: “Não. O Espírito jamais está inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não mais necessitando do Espírito, ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

Na questão 402, Kardec indaga:

“Como podemos julgar a liberdade do Espírito durante o sono?”

R: “Pelos sonhos.”

E chegamos a um ponto muito interessante: Quantos de vocês sonham?

Divisões e tipos de sonhos

Sonhos estão divididos em três tipos básicos...

Comum, ou cerebral: São aqueles que refletem nossas vivências do dia a dia. O Espírito desligando-se, parcialmente, do corpo, absorve as ondas e imagens de sua própria mente, das que lhe são afins e do mundo exterior, já que nos movimentamos num turbilhão de energias e ondas vibrando sem cessar nas egrégoras a que somos

diariamente submetidos. Nos sonhos comuns, quase não há exteriorização perispiritual. São muito frequentes dada a condição da humanidade.

A maioria das pessoas nem chega a lembrar-se dos sonhos, acreditando que simplesmente “não sonha”. Boa parte destas pessoas passa a noite inteira com o duplo-etérico deitado ao lado do corpo imaginando estar descansando, pois seu corpo está tão cansado e sua mente tão vazia que simplesmente não consegue exteriorizar sua vontade para lugar nenhum.

Sonhos reflexivos: Nesta segunda etapa, há maior exteriorização que nos sonhos comuns. O corpo astral e mental registra acontecimentos, impressões e imagens, arquivadas no subconsciente, isto é, no cérebro do corpo fluídico, duplo-etérico ou perispírito.

Esses sonhos poderão refletir fatos remotos, imagens da atual encarnação, imagens captadas das egrégoras que estejam influenciando mais intensamente a pessoa e assim por diante. Contudo, é mais freqüente revivenciar acontecimentos de outras vidas, cujas lembranças nos tragam esclarecimentos, lições ou advertências, se orientados por mentores espirituais.

Eventualmente, é neste nível de exteriorização que ocorrem as comunicações entre os seres astrais e os seres humanos. Como o duplo-etérico flutua muito próximo ao corpo (às vezes sem deixar a mesma área onde ele se encontra), os seres astrais é que precisam se aproximar das pessoas para transmitir qualquer tipo de comunicação.

Infelizmente, dada a completa falta de preparo e treinamento da maioria das pessoas, nesta etapa os sonhos acabam sendo confusos, com pouco aproveitamento e poucas recordações.

Mas neste tipo de sonho acontece um dos fenômenos mais comuns e que com certeza boa parte dos leitores já deve ter passado pelo menos uma vez na vida: a Catalepsia Projetiva.

Falarei mais sobre isso daqui a pouco.

Exteriorização do Duplo-Etérico: Neste tipo de sonho, há mais ampla exteriorização do perispírito. Desprendendo-se do corpo e adquirindo maior liberdade, a alma terá uma atividade real no plano espiritual. Léon Denis chama a estes sonhos de etéreos ou profundos, por suas características de mais acentuada emancipação da alma.

“O Espírito se subtrai à vida física, desprende-se da matéria, percorre a superfície da Terra e a imensidade onde procura os seres amados, seus parentes, seus amigos, seus guias espirituais (...) Dessas práticas, conserva o Espírito impressões que raramente afetam o cérebro físico, em virtude de sua impotência vibratória.”

– Livro dos Espíritos

Neste tipo de sonho, teremos que considerar a lei de afinidade. Nossa condição espiritual, nosso grau evolutivo, irá determinar a qualidade de nossos sonhos, as companhias astrais que iremos procurar (ou que irão nos procurar) e os ambientes nos quais permaneceremos enquanto o nosso corpo repousa.

Como tudo mais no astral está ligado às emoções, quando confrontados com situações “importantes” como finais de campeonatos de futebol ou de novelas, o povo eventualmente consegue atingir este estágio mental e desprender-se do corpo para vivenciar alguma experiência extra-material. Muitos chegam a se encontrar nos estádios e sonhar com a partida de futebol.

Creio que todo mundo já sonhou em fazer uma prova ou entregar um trabalho ANTES do dia da tal prova importante realmente acontecer. Ou de chegar atrasado a esta prova ou de perder o trabalho...

Nos sonhos, as pessoas costumam frequentar locais astrais semelhantes com a sua índole. E isso quer dizer que mesmo os mais recatados pais de família, quando acham que ninguém os está vigiando, podem frequentar prostíbulos e bares astrais (sim, eles existem, de todos os tipos, cores, tamanhos e formas imagináveis),

hotéis e motéis ou até mesmo pontos de drogas astrais (sim, eles também existem, só que neste caso, os duplos-etéricos dos vivos é que vampirizam outros vivos que estejam usando drogas, fumando, fazendo sexo ou bebendo – não existe jantar grátis, crianças).

Claro que enquanto isso, outras pessoas são chamadas para estudar, visitam bibliotecas, centros de pesquisa, lojas maçônicas astrais e templos Rosacruz nos planos mais sutis. Muitos também colaboram em resgates quando acontecem acidentes naturais, terremotos e inundações, quando há muitos mortos e existe a necessidade de se remover o corpo astral de pessoas (e engraçado que geralmente estas pessoas são ateus e materialistas) que estejam presos no corpo e acreditam que ainda estão vivos e presos em escombros. Normalmente é um tanto complicado convencê-los que estão mortos...

Catalepsia Projetiva

Provavelmente, uma das perguntas mais feitas na história da coluna tem relação com este fenômeno de paralisia (a outra é “por que não se aceitam mulheres na Maçonaria?”).

Ocasionalmente, o projetor pode sentir uma paralisia de seus veículos de manifestação, principalmente dentro da faixa de atividade do cordão de prata. Essa paralisia é chamada de “catalepsia projetiva ou astral”. Não deve ser confundida com a catalepsia patológica, que é uma doença rara.

A catalepsia projetiva pode ocorrer tanto antes como após a projeção. Geralmente, ela acontece da seguinte maneira: a pessoa desperta durante a noite e descobre que não pode se mover. Parece que uma força invisível lhe tolhe os movimentos. Desesperada, ela tenta gritar, mas não consegue. Tenta abrir os olhos, mas também não obtém resultado. Alguns criam fantasias subconscientes imaginando que um espírito lhes dominou e tolheu seus movimentos. Geralmente, esse fenômeno dura apenas alguns instantes, mas para a pessoa parece que decorreram horas de agonia.

Por incrível que pareça, essa catalepsia é benigna e pode produzir a projeção, se a pessoa ficar calma e pensar em flutuar acima do corpo físico.

A essa altura, o leitor que alguma vez tenha sofrido essa experiência, deve estar pensando que essa técnica de saída do corpo é bastante perigosa. Entretanto, ela não apresenta nenhum risco, pelo contrário, é totalmente inofensiva. É um fenômeno que acontece com muitas pessoas, todas as noites, em todo o planeta. Se o leitor questionar as pessoas de seu círculo familiar e de amizades, constatará que muitas delas já passaram por esse tipo de experiência algum dia.

Portanto, se algum dia o leitor se encontrar nessa situação em uma noite qualquer, não tente se mover como um desesperado e nem se afobe. Fique calmo, lembre do tio Marcelo e pense firmemente em sair do corpo e flutuar acima dele. Não tenha medo nem ansiedade e a projeção se realizará.

Caso o leitor não pretenda se arriscar e deseje recuperar o controle de seu corpo físico, basta tentar, com muita calma, traçar um pentagrama com a ponta dos dedos e, imediatamente, irá readquirir o movimento. Entretanto, se a catalepsia projetiva ocorrer, não desperdice a oportunidade e procure sair do corpo.

Cientificamente falando, o cérebro de carne paralisa os músculos para prevenir possíveis lesões, já que algumas partes do corpo podem se mover durante o sonho. A explicação que é dada pela ciência ortodoxa é que se uma pessoa acorda repentinamente, o cérebro pode pensar que ela ainda está dormindo e manter a paralisia, mas não são capazes ainda de explicar as “alucinações” que acontecem muitas vezes neste período.

CARONTE: AUTO DA BARCA DO INFERNO

17.07.2008

*There Chairon stands,
who rules the dreary coast –
A sordid god: down from his hairy chin
A length of beard descends,
uncombed, unclean;
His eyes, like hollow furnaces on fire;
A girdle, foul with grease,
binds his obscene attire.*

Dando continuidade ao quinto e último Psicopompo, falarei brevemente sobre Caronte, o condutor das almas. Para quem pegou o barco andando, os outros quatro deuses que possuem livre trânsito no Reino Subterrâneo de Hades e representam interações do Plano Material com o Astral são: Thanatos, Hecate, Hermes e Morpheus.

Começarei este artigo com um texto de um colega chamado Fernando Kitzinger, sobre a figura mitológica de Caronte:

Os gregos e romanos da antiguidade acreditavam que essa era uma barca pequena na qual as almas faziam a travessia do Aqueronte, um rio de águas turbilhonantes que delimitava a região infernal. O nome desse rio veio de um dos filhos do Sol e da Terra, que por ter fornecido água aos titãs, inimigos de Zeus (Júpiter), foi por ele transformado em rio infernal. As suas águas negras e salobras corriam sob a terra em grande parte do seu percurso, donde o nome de rio do inferno, que também lhe davam.

Caronte era um barqueiro velho e esqualido, mas forte e vigoroso, que tinha como função atravessar as almas dos mortos para o outro lado do rio. Porém, só transportava as dos que tinham tido seus corpos devidamente sepultados e cobrava pela travessia, daí o costume de se colocar uma moeda na boca dos defuntos. Segundo o mitólogo Thomas Bulfinch, ele “recebia em seu barco pessoas de todas as

espécies, heróis magnânimos, jovens e virgens, tão numerosos quanto as folhas do outono ou os bandos de ave que voam para o sul quando se aproxima o inverno. Todos se aglomeravam querendo passar, ansiosos por chegarem à margem oposta, mas o severo barqueiro somente levava aqueles que escolhia, empurrando o restante para trás”.

Segundo a lenda, o barqueiro concordava apenas com o embarque das almas para as quais os vivos haviam celebrado as devidas cerimônias fúnebres, enquanto as demais, cujos corpos não haviam sido convenientemente sepultados, não podiam atravessar o rio, pois estavam condenadas a vagar pela margem do Aqueronte durante cem anos, para cima e para baixo, até que depois de decorrido esse tempo elas finalmente pudessem ser levadas.

A região onde o poeta latino Virgílio (70 -19 a.C.) situa a entrada da caverna que leva às regiões infernais, é um trecho vulcânico perto do vulcão Vesúvio, na Itália, todo cortado de fendas por onde escapam chamas impregnadas de enxofre, enquanto do solo se desprendem vapores e se levantam ruídos misteriosos vindos das entranhas da terra. Por outro lado, o rio Aqueronte, que desaguava no mar Jônio, tinha suas nascentes localizadas no pântano de Aquerusa, charco próximo a uma das aberturas que os antigos acreditavam conduzir aos infernos.

Também chamado Barqueiro dos Mortos ou Barqueiro dos Infernos, Caronte não é mencionado nem por Hesíodo nem por Homero, mas as referências que os mitólogos fazem a seu respeito geralmente o apresentam como um deus idoso, mas imortal, de olhos vivos, o rosto majestoso e severo; sua barba é branca, longa e espessa, e suas vestes são de uma cor sombria, porque manchadas do negro limo dos rios infernais.

A representação mais comum que os pintores antigos dele fizeram, é de pé sobre a sua barca, segurando o remo com as duas mãos. Um mortal nela não podia entrar, a não ser que tivesse como salvo-conduto um ramo de acácia de uma árvore fatídica consagrada a Proserpina, divindade que raptada por Plutão, tornou-se rainha das

regiões das sombras. A Sibila (profetisa) de Cumas deu um desses ramos a Enéias, herói lendário, quando este quis descer aos infernos para rever seu pai. Pretende-se que Caronte foi punido e exilado durante um ano nas profundezas do Tártaro, por ter dado passagem a Hércules na sua barca, sem que esse herói tivesse o magnífico e precioso ramo em seu poder.

O estudo das sepulturas gregas do século IV a.C. revela a existência de uma crença na vida além túmulo. As pinturas nos vasos mortuários mostram os vivos voltando ao túmulo para enfeitar a lápide com fitas, untá-la de óleo ou então para depositar oferendas como frutas, vasinhos de argila, coroas de louros. Algumas vezes os vivos estão conversando com o morto, enquanto este toca algum instrumento distraidamente. Estes vasos pintados mostram ainda a famosa barca de Caronte, divindade encarregada de transportar para o mundo subterrâneo as almas daqueles que já haviam morrido.

Caronte representa as Viagens Astrais ou Projeção da Consciência, a quinta maneira de interação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Projeção da Consciência é a capacidade que todo ser humano tem de projetar a sua consciência para fora do corpo físico. Essa experiência tem recebido diversas nomenclaturas, dependendo da doutrina ou corrente de pensamento que a mencione: Viagem Astral (Esoterismo), Projeção Astral (Teosofia), Experiência Fora do Corpo (Parapsicologia), Desdobramento, Desprendimento Espiritual ou Emancipação da Alma (Espiritismo), Viagem da Alma (Eckancar), Projeção do Corpo Psíquico ou Emocional (Rosacruz), Projeção da Consciência (Projeciologia), etc.

É sabido, desde a mais remota antiguidade, que a “Experiência Fora do corpo” é um fato, envolvendo técnicas nítidas de cunho científico. Porém, devido ao desconhecimento sobre o assunto, grupos desinformados geraram fantasias sobre os “perigos” que envolveriam o processo, aliás inexistentes.

Desse desconhecimento advieram reservas e ideias errôneas, ficando o assunto restrito à uma minoria com pseudo controle e domínio de suas técnicas e consequências. Hoje, a “Projeciologia” insere-se na Parapsicologia como ciência adstrita, digna do maior crédito, contando com pesquisadores de vulto como Wagner Borges, Waldo Vieira, Sylvan Muldoon, Hereward Carington, Robert A. Monroe, entre tantos outros nacionais e internacionais, em vasta bibliografia.

A viagem astral (projeção astral ou projeção da consciência) consiste na exteriorização da consciência para fora do corpo físico ou definindo de outra forma, sair do corpo físico utilizando com veículo da consciência, o perispírito ou Duplo-Etérico.

Durante a noite, todos nós passamos, conscientemente ou não, por esta experiência. Dormir é necessário não somente para restaurar a vitalidade física como também para restaurar a vitalidade do corpo astral. O sono representa a desunião dos corpos astral e físico com a finalidade de “liberar” o duplo ou corpo astral, de modo que ele possa coletar energia e vitalidade de fontes astrais.

Todos nós, quando dormimos, deixamos os nossos casulos físicos, e saímos em nossos corpos astrais . Os sinais e sensações desta saída do corpo você talvez já conheça. Uma sensação de entorpecimento, sensação de vibrações pelo corpo, ruídos estranhos que você escuta na hora de dormir, sensação de flutuar ou de aumento corporal.

Lembra daquela sensação de queda que te acordou de repente, como se estivesse escorregando na cama? Quem ainda não teve o sonho vívido de voar? Quem de nós alguma vez já não sonhou que via um amigo distante, e logo depois recebia notícias suas, um telefonema ou uma carta do mesmo, que “coincidentemente” se lembrara de nós naquela mesma ocasião?

Será que você mesmo não se lembra daquela experiência aterradora em que se sentiu paralisado e pensou que havia morrido?

Estes são apenas uns poucos exemplos de fenômenos que estão ligados à Viagem Astral. Trata-se de um fenômeno absolutamente natural, que faz parte das capacidades inerentes a todo ser humano.

Se você quiser também pode aprender a fazer viagens astrais conscientes.

Viagem Astral e Mitologia

A viagem astral é conhecida desde o início da nossa história. Ela faz parte da mitologia de muitas sociedades primitivas e relatos da mesma podem ser encontrados em todas as formações sociais. Provavelmente devido à perseguição religiosa, manteve-se oculta durante a Idade Média, sendo estudada e pesquisada em sociedades secretas, quadro que se manteve até o século XIX. Foi só em 1905 que, com a divulgação das projeções conscientes de Vincent Newton Turvey, na Inglaterra, pôde a viagem astral vir à público e se tornar matéria de estudos por pesquisadores do mundo inteiro. Mesmo assim ainda permanece muita ilusão à respeito do tema.

Há quem pense que a capacidade de sair conscientemente do corpo seja uma capacidade restrita a seres altamente espiritualizados. Felizmente, nos dias atuais, o estudo da projeção astral não mais se restringe à nenhuma religião ou crença. Em qualquer livraria encontramos centenas de títulos dedicados ao tema (infelizmente a maioria lixo), mas a sua discussão pública tem permitido que um número cada vez maior de pessoas desenvolvam suas capacidades anímicas para realizá-la.

Psicossoma ou Duplo-Etérico

O Duplo-Etérico pode ser definido como contraparte extrafísica do corpo físico, ao qual se assemelha e com o qual coincide minuciosamente, parte por parte. É uma réplica exata do corpo físico em toda a sua estrutura. O Duplo-Etérico é constituído de matéria astral, que vibra numa frequência mais sutil e é infinitamente mais refinada do que a matéria física que constitui o corpo físico. É normalmente invisível e intangível ao olhar e toque físicos. O Duplo-Etérico coincide com o corpo físico durante as horas em que a consciência está totalmente desperta. Mas, no sono, os laços que mantêm os veículos de manifestação unidos se afrouxam e o Duplo-

Etérico se destaca do corpo físico. Essa separação é que constitui o fenômeno da projeção astral.

Normalmente, o Duplo-Etérico, quando projetado além do físico, mantém a forma daquele corpo, de modo que o projetor é facilmente reconhecido por aqueles que o conhecem fisicamente. Ele também é denominado de corpo astral, perispírito, duplo astral, corpo fluídico, etc.

O Duplo-Etérico é ligado ao corpo físico por um apêndice energético conhecido como cordão de prata.

Cordão de Prata

O Duplo-Etérico é ligado ao corpo físico por um apêndice energético conhecido como cordão de prata, através do qual é transmitida a energia vital para o corpo físico, abandonado durante a projeção. Em contrapartida, o cordão de prata também conduz energia do corpo físico para o Duplo-Etérico, criando um circuito energético de ida-e-volta. Esse interfluxo energético mantém os dois veículos de manifestação em relação direta, independentemente da distância em que o Duplo-Etérico estiver projetado. Enquanto os dois corpos estão próximos, o cordão é como um cabo grosso. À medida que o Duplo-Etérico se afasta das imediações do corpo físico, o cordão torna-se cada vez mais fino e sutil.

O cordão de prata também tem recebido diversas denominações: cordão astral, cordão fluídico, fio de prata, teia de prata, cordão luminoso, cordão vital, cordão energético, etc.

Um dos medos básicos do iniciante é o de que o cordão energético venha a se partir durante a projeção, acarretando, assim, a morte do corpo físico. Tal medo é infundado, pois isso não acontece. Por mais longe que o projetor estiver, o cordão de prata sempre o trará de volta para dentro do corpo físico. Também é impossível o projetor se perder fora do corpo ou não querer voltar ao físico. Para voltar, basta pensar firmemente no seu corpo físico e o retorno se dará automaticamente. É nesse instante que muitos projetores têm a sensação de queda e acordam assustados no corpo físico. É o famoso

“sonhar que está caindo” que todos vocês já devem ter experimentado alguma vez.

O cordão de prata é um feixe de energias, um emaranhado de filamentos energéticos interligados. Quando ocorre a projeção, esses filamentos energéticos, que estavam embutidos em toda a extensão do corpo físico, projetam-se simultaneamente de todas as partes dele e se reúnem, formando o cordão de prata. Os principais filamentos energéticos são aqueles que partem da área da cabeça.

Como acontece

A Projeção pode ser involuntária ou voluntária.

Na projeção involuntária, a pessoa sai do corpo sem querer e não entende como isso aconteceu. Geralmente, a pessoa se deita e adormece normalmente. Quando desperta, descobre que está flutuando fora do corpo físico na proximidade deste ou à distância, em locais conhecidos ou desconhecidos. Em alguns casos, a projeção ocorre antes mesmo da pessoa adormecer.

Na maioria das projeções involuntárias, a pessoa projetada observa seu corpo físico deitado na cama e fica assustada, imaginando que está desencarnada. Alguns projetores ficam tão desesperados que mergulham no corpo físico violentamente na ânsia de escapar daquela situação estranha. Outros pensam que estão vivendo um pesadelo e procuram, desesperadamente, acordar seu corpo físico. Entretanto, outras pessoas que se projetam involuntariamente se sentem tão bem nessa situação que nem se questionam sobre que fato é aquele, como ocorreu e porquê.

A sensação de liberdade e flutuação é tão boa que nada mais importa para elas. Ao despertar no corpo físico, algumas imaginam que aquela vivência era um sonho bom. Muitos sonhos de voo e de queda estão relacionados diretamente com a movimentação do Duplo-Etérico durante a projeção.

Existem as projeções voluntárias, nas quais a pessoa tenta sair do corpo pela vontade e consegue. Nesse caso, o projetor comanda o desenvolvimento da experiência e está totalmente consciente fora do

corpo; pode observar seu corpo físico com tranquilidade; viajar à vontade para lugares diferentes no plano físico ou extrafísico; encontrar com outros projetores ou com entidades desencarnadas. Pode voar e atravessar objetos físicos, entrando no corpo físico à hora que desejar.

Na projeção voluntária, a pessoa tem pleno conhecimento do que ocorre e procura desenvolver o processo à sua vontade. Na projeção involuntária, a pessoa não tem conhecimento do que ocorre e, por isso, tem medo da experiência. Esse medo está na razão direta da falta de conhecimento das pessoas sobre o fato em questão.

Estado vibracional

São vibrações intensas que percorrem o Duplo-Etérico e o corpo físico antes da projeção. Algumas vezes, essas vibrações se intensificam e formam anéis energéticos que envolvem os dois corpos. Ocasionalmente, o estado vibracional pode produzir uma espécie de zumbido ou ruído estridente que incomoda o projetor. Na verdade, essas vibrações são causadas pela aceleração das partículas energéticas do Duplo-Etérico, criando assim um circuito fechado de energias. Essas energias são totalmente inofensivas e têm como finalidade a separação dos dois corpos.

Tipos de Projeção

Projeção consciente – É aquela na qual o projetor sai do corpo e mantém a sua consciência lúcida durante todo o transcurso da experiência extra-corpórea.

Projeção semiconsciente – É aquela na qual a lucidez da consciência é irregular e o projetor fica sonhando fora do corpo, totalmente iludido pelas idéias oníricas.

Projeção inconsciente – É aquela na qual o projetor sai do corpo totalmente inconsciente. É um sonâmbulo extrafísico. Infelizmente, a maioria dos encarnados está nessa situação. Em toda a projeção, os amparadores estão presentes assistindo e orientando o projetor, mesmo que ele não os perceba. Na maioria das vezes, eles ficam

invisíveis e intangíveis ao projetor. A projeção em que o amparador ajuda o projetor a sair do corpo é denominada de Projeção Assistida.

Projeção e sonho – Muitas pessoas confundem projeção com sonho. Outras confundem sonho com projeção. As diferenças entre sonho e projeção são bem óbvias:

- * No sonho, a consciência não tem domínio sobre aquilo que está vivenciando. É totalmente dominada pelo onirismo.

- * Na projeção, a consciência tem pleno domínio sobre si mesma.

- * No sonho, não há coerência.

- * Na projeção, a consciência mantém o seu padrão normal de coerência, ou até mais ampliado.

- * No sonho, a capacidade mental é reduzida.

- * Na projeção, a capacidade mental é ampliada.

Benefícios da Projeção

- * O projetor, fora do corpo, observa eventos físicos e extrafísicos, independentemente do concurso dos seus sentidos físicos.

- * Nas horas em que o seu corpo físico está adormecido, o projetor observa, trabalha, participa e aprende fora do corpo.

- * O projetor constata, através da experiência pessoal, a realidade do mundo espiritual.

- * Pode encontrar com espíritos desencarnados, comprovando assim, para si mesmo, “in loco”, a sobrevivência da consciência além da morte.

- * Pode substituir a crença pelo conhecimento direto, através da experiência pessoal.

- * Pode ter a retrocognição extrafísica, isto é, lembrando de suas vidas anteriores e comprovando, realmente, por si mesmo, a existência da reencarnação.

- * Pode prestar assistência extrafísica através de exteriorização de energias fora do corpo, para doentes desencarnados e encarnados.

- * Pode fazer a desobsessão extrafísica.

- * Pode encontrar com pessoas amadas fora do corpo.

* Pode adquirir conhecimentos, diretamente, com amparadores fora do corpo.

8. Alquimia

HARRY POTTER E AS NÚPCIAS ALQUÍMICAS

01.08.2010

Esta semana, vou citar alguns pontos interessantes de comparação entre o Castelo de Hogwarts e o Castelo “Casa do Sol”, que representa Tiferet, o coração dos iniciados, nos textos de alquimia clássica. Sim, o tio Marcelo é fã do Harry Potter. Acredito que qualquer escritor ou escritora que faça uma criança de 12 anos ler 3.600 páginas de texto merece ser a mulher mais rica da Inglaterra. Além disso, Harry Potter está recheado de citações de ocultismo que passam despercebidas para os olhos dos leigos.

Um destes casos é o fantástico livro *As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz* (Chymische Hochzeit Christiani Rosencreutz), escrito em 1614 e utilizado na iniciação de algumas ordens rosa-cruzes, que serviu de modelo para o Castelo de Hogwarts.

As Núpcias Químicas representam um dos símbolos arquetípos da transformação alquímica. Existem muitos trabalhos sobre esse assunto por muitos ocultistas, místicos e autores posteriores. Manly Hall até mesmo dedicou um capítulo inteiro a esse livro em seu famoso livro *Secret Teaching of All Ages* (O Ensino Secreto de Todas as Eras). As Núpcias Químicas representam a união da pessoa, o espírito e a sociedade.

Antes de entrarmos nos detalhes dessa história, vamos examinar o que é a Alquimia e por que ela é importante para o autoconhecimento. O *Dicionário de Nova Era* define Alquimia como “uma busca pelos segredos da vida pela transmutação dos

metais básico em ouro no Ocidente; descobrindo o Elixir da Vida no Oriente.”

Alquimia vem do árabe Al’Kimia, que significa “do país dos negros” ou, “aquilo que vem do Egito”. Era usado para se referir aos estudos herméticos e iniciáticos que tiveram origem no Egito (ou Atlântida, se preferirem forçar um pouco mais a barra).

No livro intitulado *The Secret Doctrine of the Rosacrucians* (A Doutrina Secreta dos Rosa-Cruzes), escrito em 1614 sob um pseudônimo, o autor revela que o propósito principal da Alquimia não é tornar-se rico descobrindo como converter chumbo em ouro; ao contrário, o propósito principal é mental e espiritual. Ele usa o termo “Alquimia Mental” e “Alquimia Espiritual”. Transformar o “chumbo do Ego” no “ouro da Essência”, associando metais a planetas e seus defeitos. Desta forma, temos:

Sol – Orgulho, ouro.

Lua – Acídia (preguiça espiritual), prata.

Mercúrio – Inveja, mercúrio.

Vênus – Luxúria, cobre.

Marte – Ira, ferro.

Júpiter – Gula, estanho.

Saturno – Avareza, chumbo.

Esse autor também diz que as referências alquímicas ao “enxofre”, “mercúrio” e “outros elementos químicos” que nada mais são do que alegorias para exprimir o reto pensar, reto falar e reto agir. Estas alegorias levam a pessoa a buscar a Pedra Filosofal (ou pedra cúbica, ou Vitriol), que também é conhecida como Elixir da Vida. Essa última revelação é extremamente importante, pois o primeiro livro de Rowling chama-se Harry Potter e a Pedra Filosofal. Nesse livro, uma busca é iniciada para descobrir a Pedra Filosofal, a partir da qual vem o “Elixir da Vida”.

No capítulo 13 de Harry Potter e a Pedra Filosofal, ficamos sabendo que o professor Dumbledore (o diretor da Escola de Magia de

Hogwarts) era amigo de Nicolau Flamel, que aperfeiçoou o Elixir da Vida por meio do processo da Alquimia. Assim, Flamel obteve a Pedra Filosofal, e é mostrado como sendo o possuidor original dela. Em seguida, nos próximos parágrafos, ficamos sabendo que essa Pedra Filosofal de Flamel produzia o Elixir da Vida, “que torna quem o bebe imortal”.

Finalmente, ficamos sabendo que Flamel tinha 666 anos de idade quando obteve a Pedra Filosofal e bebeu pela primeira vez do Elixir da Vida! Assim, Rowling vincula corretamente o número dos iluminados com a Alquimia e sua busca pela vida eterna por meio do ocultismo. A associação entre Tiferet, 666, a iluminação e o pavor aloprado da Igreja com este número já foi detalhado em artigos anteriores.

Agora, vejamos quais tipos de coisas Rowling incluiu em seus livros da série Harry Potter que vieram diretamente desse famoso livro *As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz*.

1. Figuras na parede que se movem como se estivessem vivas

Nos livros de Harry Potter – em todos eles – os quadros nas paredes movem-se como se estivessem vivos: “Estava cansado demais para se surpreender que as pessoas nos retratos ao longo dos corredores murmurassem e apontassem quando eles passavam ...”; ou “O castelo estava silencioso... Os dois passaram pelos quadros que resmungavam e as armaduras que rangiam...”

Assim, os retratos nas paredes do castelo em que funciona a Escola de Magia de Hogwarts eram animados, como se estivessem vivos. Eles se moviam nos quadros e conversavam um com o outro. No segmento acima, as armaduras rangiam porque as pessoas no quadro estavam se movendo!

Além disso, cada uma das quatro Casas de Fraternidade (cada uma representando um elemento, mas vocês já imaginaram isso, certo?) no campus tinha somente uma porta de entrada e era guardada por

figuras falantes. Cada aluno tinha de dizer a senha daquele dia para entrar na Casa de Fraternidade:

“Não pararam de correr até chegaram ao retrato da Mulher Gorda no sétimo andar... ‘Focinho de porco, focinho de porco’, ofegou Harry e o quadro girou para a frente. Eles entraram de qualquer jeito na sala comunal e desmontaram, trêmulos, nas poltronas.”

“Os dois passaram pelos quadros que resmungavam e as armaduras que rangiam e subiram a estreita escada de pedra, até chegarem, finalmente, à passagem onde se escondia a entrada secreta para a Grifinória, atrás do retrato a óleo de uma mulher muito gorda, de vestido de seda rosa. ‘Senha?’, perguntou ela quando os dois se aproximaram. ‘Ãã...’, murmurou Harry. Eles não sabiam a senha do novo ano, ainda não tinham encontrado o monitor da Grifinória, mas o socorro chegou quase imediatamente; ouviram um tropel de passos às costas e quando se viraram deram com Hermione que corria ao encontro deles... ‘Pode nos poupar o sermão’ – disse Rony impaciente – ‘e nos dizer qual é a nova senha.’ ‘É maçarico’, respondeu Hermione... o retrato da mulher gorda se abriu ...”

No livro *As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz* encontramos o herói rosa-cruz, Christian Rosenkreutz, no fabuloso castelo do Rei e da Rainha da Esfera Supercelestial. Esse castelo chama-se “Casa do Sol” (sol, Tiferet, 666, pedra filosofal, magia, iniciados... heim? heim?).

O Rei e a Rainha nada mais são do que representações de Hochma e Binah, ou o Adão e Eva primordiais da bíblia alegórica. Eles também são representados por todos os finais de contos de fada nos quais o casamento entre o Cavaleiro e a Princesa os tornam Reis e rainhas que “vivem felizes para sempre”.

Christian pouco percebe que a razão pela qual foi convidado a esse castelo foi para testemunhar pessoalmente a reencarnação dos seis reis menores e de suas rainhas por meio do processo da Alquimia.

Claro que para vocês que já acompanham a coluna, sabem que estamos falando do *Hieros Gamos*.

À medida que Christian percorre os corredores desse castelo celestial, observa algo muito estranho nas paredes. “Existiam ali na parte inferior e superior do quarto imagens maravilhosas, que se moviam, como se estivessem vivas...”

2. A Besta Fabulosa no Livro *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*

No terceiro livro da série, Harry, Ron e Hermione são levados a uma aula chamada “Trato das Criaturas Mágicas”. O instrutor era o gigante Hagrid. Embora as criaturas nesse curso fossem fortes, perigosas e imprevisíveis, Hagrid gosta muito delas e tenta fazer os alunos gostarem também.

“Trotavam em direção aos garotos mais ou menos uma dezenas dos bichos mais bizarros que Harry já vira na vida. Elas tinham os corpos, as pernas traseiras e as caudas de cavalo, mas as pernas dianteira, as asas e a cabeça de uma coisa que lembrava águias gigantes, com bico cruéis cinza-metálico e enormes olhos laranja-vivo. As garras das pernas dianteiras tinham uns quinze centímetros de comprimento e um aspecto letal.”

Assim, a cabeça, pernas dianteiras e asas dessa criatura eram a de uma águia gigante; no entanto, o restante do animal era como um cavalo. Essa criatura chamava-se “Hipogrifo”. Hagrid fala aos alunos sobre esse animal:

“Agora, a primeira coisa que você precisam saber sobre os hipogrifos, é que são orgulhosos... Eles se ofendem com facilidade. Nunca insulte um bicho desses, pois pode ser a última coisa que vão fazer na vida... Sempre esperem que o hipogrifo faça o primeiro movimento... É uma questão de cortesia, entendem?”

Harry e seus amigos adquirem a afeição de um hipogrifo chamado Bicuço, e no final do livro, o animal salva-os de Voldermort, permitindo que montem nele e levando-os voando até um lugar seguro.

Em *As Núpcias Químicas*, Christian testemunha uma batalha muito estranha no castelo entre duas criaturas. “No interlúdio, um leão e uma besta fabulosa, que tinha corpo de cavalo e cabeça e asas de águia, são colocados para lutar um contra o outro, e o leão venceu, o que foi também um belo espetáculo”.

3. O espírito brincalhão que paira sobre o castelo atazanando as pessoas

Nos livros de Harry Potter, Rowling colocou um espírito brincalhão que ela chama de Pirraça, o Poltergeist! Pirraça gosta de entrar nas salas de aula e nos dormitórios da Escola Hogwarts, pregando peças que ele acha “engraçadas”. Fazer os alunos entrarem em apuros é também o papel de Pirraça nos livros. Veja um dos diálogos:

“Quando Filch baixou a pena, ouviu-se um forte estampido no teto da sala, que fez a lâmpada a óleo chocalhar. ‘PIRRAÇA!’ – rugiu Filch, atirando a pena no chão num assomo de raiva. – ‘Desta vez eu te pego, eu te pego!’ Pirraça era o poltergeist da escola, uma ameaça aérea e sorridente que vivia a provocar desordem e aflição. Harry não gostava muito do Pirraça, mas não pôde deixar de se sentir grato pelo seu senso de oportunidade...”

Em *A Pedra Filosofal*, Harry, Rony e Hermione estavam andando nas proximidades da sala de aula de Feitiços no meio da noite, para ir enfrentar Malfoy em um duelo de bruxos. Subitamente, Pirraça os encontra e percebe que estão infringindo um dos regulamentos da Escola, andando nos corredores àquela hora. Vamos acompanhar a narrativa:

“Não tinham caminhado nem dez passos quando ouviram o barulho de uma maçaneta e alguma coisa disparou da sala de aula à frente deles. Era Pirraça. Avistou os garotos e soltou um guincho de prazer. ‘Cale a boca, Pirraça, por favor, você vai fazer a gente ser expulso’. Pirraça soltou uma gargalhada. ‘Passeando por aí à meia-noite, aluninhos? Tsk, tsk. Que feinhos, vão ser apanhadinhos.’ ‘Não se você não nos denunciar, Pirraça, por favor.’ ‘Devia contar ao Filch, devia – disse Pirraça bem comportado, mas seus olhos cintilavam de maldade – É para seu próprio bem, sabem?’. ‘Saia da frente’ – disse Rony com rispidez, baixando o braço de Pirraça. Foi um grande erro. ‘ALUNOS FORA DA CAMA! – berrou Pirraça – ‘ALUNOS FORA DA CAMA NO CORREDOR DO FEITIÇO!’”

No livro rosa-cruz, *As Núpcias Químicas*, Christian viu esse mesmo tipo de espírito movimentando-se na Casa do Sol do Rei e da Rainha. “Deveríamos comparecer diante das Reais Pessoas, subindo as escadas em forma de caracol no referido salão, onde as mesas já estavam ricamente servidas, e essa era a primeira vez que éramos convidados à mesa do Rei. O pequeno altar estava colocado no meio do salão, e as seis insígnias reais referidas estavam colocados em cima dele. Neste momento o jovem Rei teve uma atitude muito gentil conosco; apesar de não poder estar feliz no fundo do coração, conversou um pouco conosco. No entanto, ele suspirava muito, ao que o Pequeno Cupido apenas zombava e fazia graça... Quase toda a conversação tola durante o banquete era provocada pelo Pequeno Cupido, que nunca nos deixava (e a mim, particularmente) em paz. Ele sempre provocava alguma situação desagradável.”

4. Unicórnio e Fênix

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, Rowling fala sobre os unicórnios “branco brilhantes” que vivem na Floresta Proibida. Nos capítulos finais, Hagrid leva Ron, Hermione, Harry e Malfoy para a Floresta Proibida para tentar descobrir quem está matando os unicórnios. Vamos acompanhar a narrativa:

“Havia salpicos nas raízes de uma árvore, como se o pobre bicho tivesse de debatido de dor por ali. Harry viu uma clareira adiante, através dos galhos emaranhados de um velho carvalho. ‘Olhe’, murmurou, erguendo o braço para deter Malfoy. Alguma coisa muito branca brilhava no chão. Eles se aproximaram aos poucos. Era o unicórnio, sim, e estava morto. Harry nunca vira nada tão bonito nem tão triste. As pernas longas e finas estavam em ângulos estranhos onde ele caía e sua crina espalhava-se nacarada sobre as folhas escuras.”

Em *As Núpcias Químicas*, Christian Rosenkretz descreve a cena no jardim em que viu o unicórnio pela primeira vez... “Assim, o jardim que ultimamente estava bem cheio, logo ficou vazio; de forma que além dos soldados não havia nenhum outro homem. Depois que o silêncio foi mantido pelo espaço de cinco minutos, apareceu caminhando para frente um lindo unicórnio branco como a neve, com um colar dourado com algumas letras inscritas em volta do pescoço (...) e assim o unicórnio retornou ao seu lugar com alegria.”

Em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, Rowling dá um lugar de proeminência ao pássaro mítico e lendário, a Ave Fênix. Na batalha na Câmara Secreta, Harry é salvo graças à intervenção de Fawkes, a fênix de Dumbledore. A fênix atacou e perfurou ambos os olhos da serpente, fazendo-a sangrar muito. Essa ação permitiu que Harry escapasse e vencesse a serpente. Mais tarde, a fênix fez um sinal para Harry agarrá-la pela cauda para levá-lo dali. Assim, Harry segurou-se na cauda estranhamente quente da fênix. Rony segurou-se nas roupas de Harry com uma mão e agarrou a mão de Gina com a outra e a ave milagrosamente carregou todos eles para fora da Câmara Secreta, colocando-os em segurança.

Em *As Núpcias Químicas*, Christian vê uma “fênix gloriosa” no Castelo do Sol.

Além disso, no sexto dia – dos sete – Christian Rosenkreutz e outros adeptos assistiram a um ovo sagrado eclodir e um pássaro sair para fora. A princípio, esse pássaro era fraco e todo vermelho, e depois mudou a plumagem para uma cor preta após beber sangue humano, e depois mudou para branco como a neve, e depois para uma bela mistura de várias cores. O comportamento também mudava durante essas transformações físicas de selvagem para mais domesticado.

Em seguida, os adeptos puseram a ave em uma banheira em que havia um líquido branco, como leite. Esse banho removeu todas as penas da ave e depois os adeptos a pintaram de azul brilhante. Os adeptos a levaram para o andar superior, onde foi colocada perto de um altar e recebeu algo para beber. “Subitamente, a ave atacou a serpente branca que vivia na cabeça da morte, fazendo-a sangrar abundantemente”.

5. Ambos os castelos são cercados por lagos que comportam grandes navios

Rowling descreve a Escola de Magia de Hogwarts nas proximidades de um grande lago. Circulam rumores sobre a existência de um grande monstro nas águas do lago. Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, um grande navio traz os Mestres da Magia da escola de Durmstrang, para Hogwarts, para participarem de um Torneio dos Campeões do Tribruxo. O grande navio que trazia os alunos de Durmstrang emergiu das águas profundas do lago e atracou próximo à Hogwarts.

Em *As Núpcias Químicas*, a Casa do Sol também está nas proximidades de um grande lago. Após os Reis menores e suas Rainhas serem decapitados em um ritual, a noite vem, e Christian Rosenkreutz adormece na cama. Subitamente, ele é despertado por uma luz muito brilhante e vai até a janela para ver o que está acontecendo. Ele vê seis navios aportando próximos ao castelo, flutuando nas águas do lago. Os caixões de cada Rei e Rainha foram embarcados, um par de caixões por navio. Em seguida, os navios

partiram para o Monte Olimpo, onde os Reis e suas Rainhas retornaram à vida, de acordo com os preceitos da Alquimia.

6. O teto estrelado da Sala de Banquetes

Em Hogwarts, o salão principal no qual todos se reúnem possui em seu teto uma ilusão que reflete o céu estrelado. Tal qual o Salão maravilhoso, os templos celestiais são conhecidos por serem representações do cósmico e, como tais, possuem estrelas pintadas em seus firmamentos, mesmo quando localizados em lugares fechados. Quem tiver oportunidade de um dia visitar um Templo Maçônico poderá observar este detalhe peculiar.

7. As Casas e os 4 elementos

Assim como na alquimia, a Escola de Magia de Hogwarts está dividida em 4 Casas, representando cada uma delas um dos tradicionais elementos alquímicos. Desta forma, Grifinória representa o elemento Fogo, Sonserina representa a Água, Corvinal (Ravenclaw) o Ar e Huffepuff a Terra. Isto pode ser visto nas cores dos uniformes, nas insígnias e nos animais escolhidos para simbolizá-los.

O álbum do Bruce Dickinson “Chemical Wedding” é baseado neste livro. Quem ficou curioso a respeito e desejar ler esta maravilhosa obra, pode encontrá-la disponível aqui: www.levity.com/alchemy/chymwed1.html

*How happy is the human soul
Not enslaved by dull control
Left to dream and roam and play
Shed the guilt of former days
Walking on the foggy shore
Watch the waves come rolling home
Through the veil of pale moonlight
My shadow stretches out its hand...*

CHORUS:

*And so we lay, we lay in the same grave
Our chemical wedding day
[x2]
Floating in the endless blue
My seed of doubt I leave to you
Let it wither on the ground
Treat it like a plague you found
All my dreams that were outside
In living colour, now alive
And all the lighthouses
Their beams converge to guide me home...*

BRANCA DE NEVE E OS SETE PECADOS CAPITAIS

06.08.2010

“Uma vez, no auge do inverno, quando flocos de neve caem como plumas das nuvens, uma rainha estava sentada à janela de seu palácio, costurando as camisas de seu marido. Nisto, levantou os olhos, espetou um dedo e caíram gotas de sangue na neve. E vendo o vermelho tão bonito sobre o branco, a rainha pensou: – Queria ter uma filha tão alva quanto a neve, tão vermelha como este sangue e tão negra como o ébano desta janela. Pouco tempo depois lhe nasceu uma filha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e com uns cabelos negros como ébano. Por isso lhe puseram o nome de Branca de Neve. Mas, quando ela nasceu, a mãe morreu...”

Assim começa um dos mais famosos contos de fadas para crianças... Mas será mesmo que a Branca de Neve foi escrito originalmente como um inocente conto para colocar pequerruchos insones na cama?

Acompanhe a versão original e o simbolismo profundo por trás de um dos contos favoritos do tio Marcelo, e também do tio Walt Disney:

Logo de saída, a história de Branca de Neve nos indica que o ponto de vista a ser tomado para entendê-la mais profundamente é, sem dúvida, o iniciático. Chama atenção que o personagem central, Branca de Neve, sintetize em si as três cores que simbolizam, no Hermetismo, as três etapas da prática espiritual estabelecida por aquela doutrina: o negro, o branco e o vermelho, que correspondem respectivamente, ao Nigredo, Albedo e Rubedo dos alquimistas. Além disso, os sete anões, que trabalham numa mina buscando ouro, são uma clara alusão a outro aspecto do simbolismo alquímico, que nos informa ser a meta do alquimista a transformação dos metais impuros em ouro.

Não é também por acaso que a história se divide claramente em três partes. Na primeira, Branca de Neve vive no castelo comandado pela rainha má desde o nascimento (Malkuth) até quando foge do caçador pela floresta; na segunda, vive na casa dos sete anões até se engasgar com a maçã envenenada; na terceira, vive no castelo do príncipe unida com ele, “felizes para sempre”. É evidente aqui a aplicação do simbolismo do número três aos graus do conhecimento e, por extensão, às três fases da realização na via espiritual.

A essência e o objetivo da via espiritual iniciática é a união com Deus. Essa união só é possível porque ser homem é sê-lo à imagem e semelhança de Deus. O mito de Adão (Hochma) e Eva (Binah) nos ensina que, depois da queda, este aspecto essencial do humano tornou-se ineficiente. Por isso, toda e qualquer tentativa de reintegração da forma humana no seu Arquétipo infinito e divino, (a tal da volta ao Paraíso), só é possível se antes for regenerada à pureza do estado original humano. Por conta disso, chegamos à máxima alquímica da “transmutação do chumbo em ouro”, que nada mais é do que a reintegração da natureza humana na sua nobreza original.

Comparando a história da Branca de Neve com a mitologia Bíblica, de modo análogo ao relato do Gênesis, o conto diz que, no princípio, viviam em harmonia complementar um par de opostos, o Rei e a Rainha-Mãe boa (novamente: Adão e Eva primordiais, ou Hochma e Binah, além do Abismo).

Com a morte da Rainha-Mãe e após o nascimento de Branca de Neve instaura-se um desequilíbrio, uma espécie de afastamento da unidade, que é representado pela chegada da rainha má (o Demiurgo). Assim, depois da morte da mãe, Branca de Neve perde sua dignidade de princesa no castelo do pai e se torna uma serva da madrasta má. Branca de Neve, apesar de ter a marca das três cores, que a qualifica como um ser especial, cai numa função subalterna dentro do mundo profano, marcado pela dualidade, pela dispersão, pelas paixões e dominado pela rainha má (que simboliza ao mesmo tempo as paixões vis e a Igreja dogmática). O conto nos mostra que é necessário reunir em si o disperso, reintegrar-se em retiro além da floresta e nas montanhas, para depois se unir ao Espírito, que aqui é sem dúvida figurado pelo Príncipe (Tiferet, ou o espírito Crístico).

A rainha madrasta descobre que Branca de Neve é a mais bela quando esta última faz sete anos. A rainha má é obcecada com a comparação quantitativa do aspecto estético (beleza física) e, portanto, apenas sensorial da realidade (Malkuth, a Matrix... vocês entenderam...). Ela é incapaz de perceber qualquer beleza interior. A unidade do belo, do bem e da verdade que todas as tradições religiosas e filosóficas sérias proclamam não existe na rainha má, por causa de uma concentração exagerada da inteligência dela no aspecto mais externo da realidade material (a ciência).

No íntimo do ser humano, o bem é bonito e o belo é verdadeiro. Significativamente, e por compensação, a rainha má manda um caçador matar Branca de Neve e trazer-lhe o coração, para que ela o coma. O coração, que no simbolismo astrológico e cabalístico é representado pelo Sol, e no alquímico pelo ouro, é considerado, nas mais diversas tradições, a morada do espírito, o centro (anatômico e simbólico) do ser onde habita o divino. No entanto, o coração que a

rainha come (ou que ela pode comer) é o de um animal, que o caçador compadecido sacrifica no lugar de Branca de Neve. Consciente, daí por diante da enorme ameaça de destruição existente no mundo da rainha, e insatisfeita com ele, a alma qualificada (Yesod) foge correndo pela floresta. Sua vida acaba num mundo e se inicia em outro. Mas, essa iniciação não acontece antes que ela passe por uma provação que se revela, no fundo, uma purificação.

A floresta e as provas antes da iniciação

“A pobre Branca de Neve ficou sozinha, e transida de dor se pôs a caminhar, no escuro da floresta, por entre as árvores sem saber que rumo tomar. De repente começou a correr assustada com o barulho dos trovões, com o clarão dos relâmpagos e com a chuva que começava a cair. Correu saltando pedras e atravessando sarças; e os animais selvagens pulavam quando ela passava, mas não lhe faziam mal. Ela correu até seus pés se recusarem a continuar, e como já era noite e viu uma choupana ali perto, entrou nela para descansar. Na choupana era tudo muito pequeno, porém nada podia ser mais limpo ou mais gracioso. No centro, via-se uma mesa coberta com uma toalha branca, e nela estavam sete pratinhos, cada um com sua colher, sua faca e seu garfo; havia também sete copinhos do tamanho de dedais. De encontro à parede se viam sete pequenos leitos, numa só fileira cobertos, cada um deles, com lençóis brancos como a neve.”

O texto parece sugerir que as provações iniciáticas são ritos preparatórios da iniciação propriamente dita. Elas representam uma preparação necessária, de tal forma que a iniciação mesma é como se fosse sua conclusão ou seu fim imediato. É bom lembrar que elas tomam a forma de viagens simbólicas em certas tradições (maçonaria, rosacruz, druidismo, wicca) e podem mesmo se apresentar como uma busca ou procura, que conduz o indivíduo das trevas do mundo profano para a luz da iniciação.

No fundo, as provações são essencialmente ritos de purificação; e essa é a explicação verdadeira para essa palavra num sentido

claramente alquímico. A corrida de Branca de Neve pela floresta representa de modo muito preciso exatamente isso: uma viagem do mundo profano – figurado pelo castelo da rainha má, que é um mundo de maldade e mentira, o reflexo da mentalidade dela mesma – até o local claro, limpo e protegido, nas montanhas, onde se localiza a casa dos sete anões. É uma viagem do mundo exterior para um outro interior, onde ela vai encontrar e aprender a lidar com as sete faculdades de conhecimento corporal que estão esquecidas no mais íntimo dela mesma (os tais sete pecados capitais).

A chuva que aparece na nossa história mostra que o essencial nos ritos de purificação é que eles operam pelos “elementos”, entendidos no sentido cosmológico do termo, pois que elemento implica em ser simples; e dizer simples é o mesmo que dizer incorruptível. A água é um dos elementos mais usados nos ritos de purificação de quase todas as tradições (ver batismo egípcio, pela qual até mesmo Yeshua passou, e o batismo copiado em todas as tradições católicas/cristãs/essênias).

Talvez porque ela simbolize a substância universal. Notem a presença da limpeza e da cor branca na casa dos anões, indicadores de que, depois da corrida pela floresta, a purificação se completou.

A casa dos anões é o Plano Mental, na qual todas as batalhas pela evolução do ser serão travadas até a conclusão do conto.

“Depois, estava tão cansada que se deitou numa das camas, mas não se sentiu à vontade. Experimentou outra e era muito comprida; a quarta era muito curta; a quinta dura demais; porém, a sétima era exatamente a que lhe convinha, e metendo-se nela se dispôs a dormir, não sem antes ter-se encomendado a Deus. Quando era noite regressaram os donos da choupana. Eram os sete anões que sondavam e perfuravam as montanhas em busca de ouro. A primeira coisa que fizeram foi acender sete pequenos lampiões, e imediatamente se deram conta – depois de iluminada toda a habitação – de que alguém havia entrado ali, já que não estava tudo na mesma ordem em que haviam deixado. (...) Observando seus leitos gritaram: – Alguém deitou nas nossas camas! Mas, o sétimo anão correu à dele, e vendo

Branca de Neve dormindo nela, chamou os companheiros que se puseram a gritar de assombro e levantaram seus sete lampiões iluminando a menina.”

Depreende-se desse trecho da história que, desde o ponto de vista das iniciações, a purificação tem como fim conduzir o ser a um estado de simplicidade indiferenciada comparável com o da matéria prima (ou pedra bruta), para usar uma expressão da alquimia, afim de que ele se torne apto a receber o *Fiat Lux* iniciático; é preciso que a influência espiritual, cuja transmissão vai dar a ele essa iluminação primeira, não encontre nenhum obstáculo devido a pré-formações desarmônicas provenientes do mundo profano (ou, em palavras mais claras, é necessário passar pelas provações dos sete planetas, por isso Branca de Neve deita-se em todas as camas). Relaxada e entregue, Branca de Neve não oferece nenhuma resistência à luz dos sete lampiões dos anões.

Os anões

Abandonar o mundo escuro e encontrar a luz tem suas consequências. Existem algumas indicações, sobre quais são essas consequências da “saída da floresta escura”. Nos primeiros versos do Inferno, na *Divina Comédia* de Dante Alighieri (outro grande iniciado: um dia vou explicar para vocês o real significado deste maravilhoso texto medieval), ele mesmo informa que a floresta representa o estado de vício e ignorância do homem. Estar perdido na floresta é o mesmo que estar perdido no labirinto da multiplicidade da manifestação (*Labirinto do Fauno*, anyone?).

Ora, a saída da floresta escura, ou, o que dá no mesmo, a morte ao mundo profano, implica logicamente numa mudança de mentalidade que surge como a primeira parte da fase inicial de mudança no direcionamento geral do ser, que é necessária para alcançar um grau mais elevado de clareza e iluminação. É evidente que a primeira providência prática, para alcançar essa mudança mental, está na revisão dos pontos de vista e das convicções pessoais,

dos hábitos mentais, dos coágulos das emoções negativas, etc. Ou seja, lapidar a pedra bruta até chegar ao elixir da longa vida.

Por isso mesmo, Branca de Neve deve se submeter a certas condições para poder ficar na casinha dos anões. As condições para ela ficar na casa eram: primeiro, seguir os conselhos deles para não abrir a porta para ninguém, porque a rainha má com o poder de se disfarçar e enganar, poderia atacá-la e matá-la; e segundo, manter a casinha sempre limpa e arrumada. Essa disciplina (em Branca de Neve) e essa limpeza interior (na casa dos anões, que representa nossa mente) são um espécie de treino para dominar todas as tendências obscuras e irracionais da alma, ambas necessárias para a realização do ouro interno, na sua pureza e luminosidade imutáveis.

Isto corresponde ao que a alquimia chama de “extração dos metais nobres a partir dos metais impuros por meio da intervenção dos elementos solventes e purificadores, como o mercúrio e o antimônio, em conjunção com o fogo, e que se efetua inevitavelmente contra a resistência e a revolta das forças caóticas e tenebrosas da natureza” (bonito este texto, não?).

Ora, crianças... Os anões são os conhecedores da técnica que permite a realização desse trabalho, porque eles sabem extrair ouro da montanha. Na alma do homem são como que lampejos primitivos de consciência, de iluminação e de revelação. Anões são os gênios da terra, os famosos gnomos (e sim, eles existem mesmo... não como essas baboseiras pseudo-new-ages os retratam, mas um dia falo mais sobre eles).

Como o texto nos diz que são sete, eles correspondem exatamente aos sete metais/planetas que os alquimistas designavam pelos mesmos símbolos usados na astrologia para os sete planetas. Sol - ouro, Lua - prata, Mercúrio - mercúrio, Vênus - cobre, Marte - ferro, Júpiter - estanho e Saturno - chumbo.

Essas correspondências colocam em evidência a relação que existe entre a alquimia e a astrologia e que se fundamenta no princípio que a Tábua de Esmeralda exprime assim: “O que está embaixo é como o

que está em cima“. Por isso, Saturno, que é o planeta mais alto para Astrologia, pois corresponde ao sétimo céu; equivale, na Alquimia, ao chumbo, que está no ponto mais baixo da hierarquia. A hierarquia dos planetas é ativa, enquanto a dos metais é passiva.

No próprio filme da Disney, alguns dos anões representam estas características dos metais e dos planetas, como por exemplo, Mestre/Doc – o mais velho dos anões, representa o Sol, o líder. Feliz/Happy – representa a bonança e a fartura de Júpiter, gordinho e feliz. Juntos são os dois anões mais gordinhos na concepção de Disney. Em seguida temos Zangado/Grumpy representando a Ira de Marte, Dengoso/Bashful representando a beleza de Vênus, Soneca/Sleepy representando a Lua e seu pecado capital Preguiça, Atchim/Sneezy representando as atormentações de Saturno e Dunga/Dopey – Mercúrio, o mais rápido dos planetas, e também o menorzinho deles.

Mas, voltemos à parte do texto que descreve na linguagem simbólica e, portanto, mais rica do conto original:

“Quer ser encarregada de nossa casa? Será nossa cozinheira, fará as camas, lavará a roupa, coserá, fará meias para nós e conservará tudo limpinho e arrumado. Se trabalhar bem ficaremos com você, não terá falta de nada e será nossa Rainha. Branca de Neve respondeu: – Aceito, de todo meu coração! E foi assim que ela ficou com os anõezinhos e tomou conta da casa deles. De manhã os anões saíam pelas montanhas para procurar ouro, e quando regressavam, à noite, encontravam a comida preparada. Durante o dia a menina ficava sozinha, e por isto os anões nunca deixavam de lhe dizer quando saíam: – Tome cuidado com sua madrasta, que mais cedo ou tarde acabará sabendo que você está aqui, e não deixe entrar ninguém.”

O tempo que Branca de Neve fica na casa dos anões é um tempo de treinamento, disciplina interior e aprendizado. É nesse período, durante o qual acontecem seus três perigosos encontros com a madrasta disfarçada, que ela aprende a usar a sabedoria representada

pelos anões (que no fundo está nela mesma) para lidar com os elementos ainda não ordenados que têm dentro de si.

As práticas ou rituais – implícitas no processo iniciático – preparam para o contato com o poder unificador do Espírito (Tiferet, a iluminação), cuja presença exige que a substância psíquica tenha se tornado um todo unificado. Os elementos mais ou menos dispersos de nossa personalidade mundana são, desse modo, compelidos a juntar-se. E, alguns deles chegam enraivecidos, vindos de lugares ocultos, remotos ou obscuros com os poderes inferiores ainda agarrados a eles. É mais correto dizer, neste caso, que é o inferno que ascende do que afirmar que é o praticante que desce nele.

Quem sai do seu castelo enraivecida pela inveja e vai procurar Branca de Neve é a Madrasta, *e não o contrário!* Essa guerra das forças inferiores conduz a uma verdadeira batalha que tem a alma como campo de luta (a tal simbologia da luta entre o “céu” e o “inferno” pelas nossas almas).

As três tentativas da rainha má para matar Branca de Neve mostram, que no começo do caminho os elementos psíquicos pervertidos estão de certo modo adormecidos e afastados do centro da consciência, do mesmo modo que a madrasta está no castelo, longe da casa dos anões. Eles devem ser primeiramente acordados, pois não podem ser redimidos e transformados dentro do seu sono. E é no momento em que despertam, num estado de ódio enfurecido contra a nova ordem, que existe sempre o risco de que eles se apossam de toda a alma.

O que não acontece no conto porque os anões, que são as partes de conhecimento da alma, não são atingidos pela rainha e por isso salvam a princesa nas duas ocasiões em que a madrasta disfarçada tenta matá-la. A primeira através de sufocação com um espartilho apertado e a segunda com um pente envenenado na cabeça (estas partes acabaram ficando de fora da versão de desenho animado, mas constam da versão original do conto).

Esses episódios são descrições simbólicas da transformação do metal vil em metal nobre. As faculdades corporais de conhecimento,

representadas pelos anões, começam a atuar de modo consciente, e é através de seu uso que Branca de Neve se salva por duas vezes.

A morte de Branca de Neve

A palavra morte deve ser compreendida neste caso no seu sentido mais geral, segundo o qual pode-se dizer que toda a mudança de estado, qualquer que seja, é ao mesmo tempo uma morte em relação a um estado antecedente e um nascimento em relação ao estado seguinte (como no mito da Fênix).

A iniciação é geralmente descrita como um segundo nascimento que implica, logicamente, na morte para o mundo profano. É bom lembrar que toda mudança de estado deve se passar nas trevas, no escuro, o que explica o simbolismo da cor negra quando relacionada a esse assunto. O candidato à iniciação deve passar pela obscuridade completa antes de alcançar a verdadeira luz.

É nesta fase de obscuridade que se dá a chamada “descida aos infernos”, que é uma espécie de recapitulação dos estados antecedentes, através da qual as possibilidades relacionadas ao estado profano serão definitivamente esgotadas, afim de que o ser possa, daí por diante, desenvolver livremente as possibilidades de ordem superior que ele carrega consigo e cuja realização pertence propriamente ao domínio iniciático.

No nosso conto, Branca da Neve “morre” ou muda de estado, depois que come uma maçã. Come? Não. Ela se engasga. Os anões conseguem ressuscitar Branca de Neve por duas vezes, mas não são competentes para fazê-lo quando se trata da maçã porque, como explicaremos em seguida, a maçã representa, não uma provação de ordem corporal, e sim uma do domínio da inteligência, pois que a maçã é o fruto símbolo do conhecimento.

A maçã

Desde a maçã de Adão e Eva até o pomo da Discórdia, passando pelo pomo de ouro do jardim das Hespérides, encontramos, em todas as circunstâncias, a maçã como um meio de conhecimento. Ela está

carregada de duplicidade pois, ora é o fruto da Árvore da Vida que está no meio do Paraíso e ora é o fruto da Árvore da Ciência do bem e do mal que, paradoxalmente, lá também se encontra. Pode ser, portanto, conhecimento unificador que confere a imortalidade ou conhecimento desagregador que provoca a queda.

Se examinamos seu simbolismo, também, desde o ponto de vista de sua estrutura física, podemos constatar novamente essa duplicidade característica dos meios de conhecimento. Assim, ela é símbolo do conhecimento, pois um corte feito perpendicularmente ao eixo revela que, no seu íntimo, está um pentagrama, símbolo tradicional do saber, desenhado pela própria disposição das sementes (faça o teste em casa, crianças!). Por outro lado, o pentagrama é também um símbolo do homem-espírito e desde esse ponto de vista ela indica, ao mesmo tempo, a involução do espírito dentro da matéria.

“A Rainha disfarçada bateu à porta, e Branca de Neve enfiou a cabeça e disse:

– Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões me proibiram isso.

– Pior para mim, disse a velha, pois terei de voltar para casa com minhas maçãs. Mas, olhe, eu lhe dou esta de presente.

– Não tenho coragem de comer, respondeu Branca de Neve.

– Será que está com medo? – gritou a velha.

– Olhe vou parti-la em duas metades; você come a parte de fora e eu comerei a de dentro (a maçã estava preparada com tanta habilidade que só as partes vermelhas estavam envenenadas).”

Os anões não enterraram Branca de Neve, mesmo depois que a encontraram envenenada pela maçã e não conseguiram ressuscitá-la, porque depois de passar por essa fase, Albedo, não se volta mais ao Nigredo, pois o processo segue em frente para o Rubedo, que é a união com o Espírito representado pelo príncipe. As cores alquímicas e seu simbolismo (indicadas também pelas aves que lamentam Branca de Neve) são claramente mostradas no texto abaixo:

“Quando os anõezinhos regressaram à noite encontraram Branca de Neve estendida no chão e aparentemente morta. Levantaram-na e procuraram nela alguma coisa venenosa, desapertaram-lhe o vestido e até lhe despentearam os cabelos e a lavaram com água e vinho. Mas, de nada serviu. A querida menina parecia realmente morta. Estenderam-na então num ataúde e os sete anões colocaram-se à sua volta e choraram sem cessar durante três dias e três noites. Depois quiseram enterrá-la, mas vendo-a tão fresca e com as faces tão coradas disseram uns para os outros:

– Não podemos enterrá-la na terra negra.

E encomendaram uma caixa de cristal transparente. Através dela se via o corpo de Branca de Neve por todos os lados e os anões escreveram seu nome em letras douradas no vidro, dizendo que ela era filha de um rei. Depois colocaram a caixa de cristal no alto de uma rocha e sempre ficava ali um deles vigiando. Até os animais selvagens lamentaram a perda de Branca de Neve: primeiro chegou um bufo, depois um corvo e por último uma pomba. Durante muito tempo Branca de Neve permaneceu placidamente estendida em seu féretro. Nada mudou em seu rosto e parecia que estava adormecida, pois continuava negra como ébano, branca como a neve, vermelha como o sangue.”

Como dissemos acima, a maçã é um símbolo do Mundo. Mas, o que a rainha má oferece a Branca de Neve é APENAS o aspecto mais externo, mais atraente e venenoso deste Mundo com o qual ela tem que entrar em contato para dominá-lo (novamente, temos um paralelo com Matrix). A história nos conta que, apesar de aparentemente morta, Branca de Neve mantinha o mesmo frescor de pele e a beleza luminosa do tempo em que estava viva. Isso nos indica que a alma, com o corpo transfigurado e dissolvido nela, está pronta para que o Espírito aja sobre ela e a torne indestrutível.

“Passaram-se meses, e aconteceu que o filho do rei viajava pelo bosque, e entrou na casa dos anões para passar a noite. Não tardou a dar-se conta do ataúde de cristal no alto da rocha, contemplou nele a bela jovem que repousava, e leu a inscrição dourada. Depois que leu, disse, dirigindo-se aos anões:

– Deem-me esta caixa, e pagarei o quanto quiserem por ela.

Mas os anões responderam:

– Não venderemos nem por todo o ouro do mundo.

– Então quero-a de presente, disse o príncipe, porque não poderei viver sem Branca de Neve.

Os anões vendo a ansiedade com que ele fazia o pedido, ficaram compadecidos, e acabaram entregando a caixa, e o príncipe ordenou a um dos seus servos que a carregasse nos ombros. Mas, aconteceu que este tropeçou numa raiz, e com o baque, saltou no chão o pedaço da maçã envenenada que estava na boca de Branca de Neve. Imediatamente esta abriu os olhos e levantando a tampa da caixa de cristal, voltou a si, e perguntou:

– Onde estou eu?

– Está salva e a o meu lado! – respondeu o príncipe cheio de alegria. E lhe contou o que havia sucedido, terminando por lhe suplicar que o acompanhasse ao castelo do rei seu pai, pois ele a queria para esposa. Branca de Neve aceitou, e quando chegaram ao palácio celebraram-se as bodas o mais rapidamente possível, com o esplendor e magnificência adequados a tão feliz sucesso.”

O pedaço da maçã, que Branca de Neve não engoliu e, portanto, não se tornou parte dela, é um último vestígio do mundo que nela se mantinha, de certo modo, sobreposto. Ele é retirado com a presença do príncipe. O Espírito, então, dá a forma final à alma.

Existe uma versão do conto, bem antiga, na qual o Príncipe mantém relações sexuais com a Branca de Neve e o movimento da transa é que faz o pedaço de maçã escapar da garganta da princesa. Esta versão é mais interessante do ponto de vista do *Hieros Gamos*, mas certamente daria alguns problemas com a censura se estivesse no desenho da Disney.

E a Rainha má?

“A rainha má a princípio resolveu não ir às bodas, mas depois não pode resistir ao desejo de ver a jovem Rainha, e, quando entrou e reconheceu Branca de Neve, de tanta raiva, e de tanto assombro, ficou como pregada no chão. Levaram-lhe então, seguros por uma tenazes, uns sapatos de ferro, aquecidos em brasa, e com eles a rainha teve que bailar até cair morta.”

O mundo manifestado, feito de agitação e desejo, esgota-se em seu próprio movimento, quando posto em frente da unidade do Espírito. O casamento, símbolo da unidade e do encontro dos opostos toma aqui uma acepção específica: é a união da alma com Espírito. União impossível de acabar porque é feita de uma felicidade absoluta que está além e acima da Matrix. Por isso todos os contos iniciáticos acabam com a expressão “e viveram felizes para sempre”.

É bom lembrar que o sapato tem entre suas acepções simbólicas duas principais: é, primeiramente, representação do viajante e, portanto, do movimento. Simboliza não só a viagem para o outro mundo, mas a caminhada em todas as direções, neste mundo mesmo. Em segundo lugar, é uma prova da identidade da pessoa, como em Cinderela, que é reconhecida pelo príncipe porque seu pé cabe num sapatinho de cristal.

Na história de Branca de Neve, o pé da rainha má cabe num sapato de ferro em brasa. Enquanto a delicadeza do cristal é a marca da identidade de Cinderela (outro dia eu falo sobre Cinderela), a rainha má é reconhecida pelo peso, dureza e densidade do ferro.

O símbolo deve pertencer sempre de uma ordem inferior à daquilo que é simbolizado; assim as realidades do domínio corporal, que são as de ordem mais baixa e mais estreitamente limitadas, não são simbolizadas por coisa alguma porque tal símbolo é completamente desnecessário, já que elas podem ser apreendidas diretamente por qualquer um.

Por outro lado, qualquer fenômeno ou acontecimento (por mais insignificante que seja), devido à correspondência que existe entre todas as ordens de realidade, pode ser tomado como símbolo de algo de ordem superior, da qual ele é de certo modo uma expressão sensível, pois que deriva dela do mesmo modo como uma consequência deriva de seu princípio.

Agradecimentos ao irmão astrólogo Cid de Oliveira pelo texto original que eu expandi e adicionei comentários meus.

SEVEN, A ORIGEM DOS SETE PECADOS CAPITAIS

09.09.2010

Como hoje é meu aniversário, escolhi fazer uma pausa nos textos mais científicos para escrever alguma coisa mais leve, voltada para o conhecimento interior. Na verdade, um exercício interessante que vai ajudar a explicar a origem de certas palavras que todo mundo usa diariamente, mas pouca gente conhece o real significado delas.

Falarei sobre os Sete “Pecados” Capitais e as Sete Virtudes.

Em primeiro lugar: ninguém nunca se perguntou qual a diferença entre os Dez Mandamentos e os sete Pecados Capitais? Porque os pecados, que a Igreja tanto fala e que são formas certas de levar uma pessoa para o tal do Inferno, mencionados na *Divina Comédia*

(escrita por Dante Alighieri, um iniciado) não estão na bíblia em lugar algum?

Os chamados “Pecados Capitais” são originários da alquimia e das tradições iniciáticas muito antigas, remontando dos antigos rituais egípcios e babilônicos. Antes de começar, vamos usar a nomenclatura certa: DEFEITOS capitais.

Os defeitos capitais são em número de sete, diretamente relacionados com o avanço espiritual, e estando cada um deles associado a um Planeta, de acordo com uma estrutura denominada “Estrela Setenária”.

Orgulho

Defeito capital relacionado com o SOL e, na minha opinião, o mais difícil de ser destruído.

Em sua síntese, Orgulho é um sentimento de satisfação pessoal pela capacidade ou realização de uma tarefa. Sua origem remonta do latim “superbia”, que também significa supérfluo.

Algumas pessoas consideram que o orgulho para com os próprios feitos é um ato de justiça para consigo mesmo. Que ele deveria existir, como forma de elogiar a si próprio, dando forças para evoluir e conseguir uma evolução individual, rumo a um projeto de vida mais amplo e melhor. O orgulho em excesso pode se transformar em vaidade, ostentação, soberba, apenas então sendo visto apenas então como algo de negativo.

Outras pessoas classificam o orgulho como “exagerado” quando se torna um tipo de satisfação incondicional ou quando os próprios valores são superestimados, acreditando ser melhor ou mais importante do que os outros. Isso se aplica tanto a si próprio quanto ao próximo, embora socialmente uma pessoa que tenha orgulho pelos outros é geralmente vista no sentido da realização e é associada como uma atitude altruísta, enquanto o orgulho por si mesmo costuma ser associado ao sentimento de capacidade e egoísmo.

O Orgulho é um defeito muito traiçoeiro, justamente porque, conforme coloquei no parágrafo anterior, a maioria das pessoas não o enxerga como um “defeito”, mas como uma “recompensa” moral ou espiritual por um trabalho que executaram. Por esta razão, é muito mais difícil livrar-nos dele, pois, ao nos acostumarmos com a recompensa, nos sentimos inferiorizados se não somos “reconhecidos” por nossos feitos.

Em minhas palestras sobre alquimia, sempre coloquei o orgulho como o último (e mais complexo) dos defeitos a serem finalmente destruídos, pois, ao contrário da preguiça ou da raiva, por exemplo, que são (na minha opinião) mais simples de serem trabalhados, o orgulho está enraizado em nosso pensamento de uma maneira intrínseca. É muito fácil cair na tentação de, ao “final” do caminho, batermos com as mãos no peito como o Fariseu da parábola de Lucas ou nos sentirmos injustiçados caso ninguém “reconheça” nossa “evolução”.

Aprender a trabalhar a via interior como algo íntimo para nós mesmos (e não para mostrarmos aos outros) certamente é o primeiro passo para o desenvolvimento espiritual.

A virtude cardinal do Sol é a MAGNANIMIDADE. A capacidade de brilhar e iluminar os outros ao seu redor. A virtude de brilhar pelo reto pensar, reto falar e reto agir. Assim como o orgulho é o pior de todos os vícios, a magnanimidade é a maior de todas as virtudes.

São Thomas de Aquino determinou sete características como inerentes ao orgulho:

Jactância – ostentação, vanglória, elevar-se acima do que se realmente é.

Pertinácia – uma palavra bonita para “cabeça-dura” e “teimosia”. É o defeito de achar que se está sempre certo.

Hipocrisia – o ato de pregar alguma coisa para “ficar bem entre os semelhantes” e, secretamente, fazer o oposto do que prega. Muito comum nas Igrejas.

Desobediência – por orgulho, a pessoa se recusa a trabalhar em equipe quando não tem suas vontades reafirmadas. Tem relação com a Preguiça.

Presunção – achar que sabe tudo. É um dos maiores defeitos encontrados nos céticos e adeptos do mundo materialista. A máxima “tudo o que sei é que nada sei” é muito sábia neste sentido. Tem relação com a Gula.

Discórdia – criar a desunião, a briga. Ao impor nossa vontade sobre os outros, podemos criar a discórdia entre dois ou mais amigos. Tem relação com a Ira.

Contenda – é uma disputa mais exacerbada e mais profunda, uma evolução da discórdia onde dois lados passam não apenas a discordar, mas a brigar entre si. Tem relação com a Inveja.

Acídia (Preguiça)

Isto provavelmente quase ninguém entre vocês deve saber, mas o nome original da Preguiça é Acídia. Acídia é a preguiça de busca espiritual. Quando a pessoa fica acomodada e passa a deixar que os outros tomem todas as decisões morais e espirituais por elas. É muito fácil de entender porque a Igreja Católica substituiu a Acídia pela Preguiça dentro dos “sete pecados”! Trabalhar pode, mas pensar não!

A preguiça está ligada diretamente à LUA. Mas você já devia ter desconfiado disso... Qual o dia da semana onde sentimos mais as influências destas energias? *Moonday*.

A virtude cardeal relacionada com a Lua é a HUMILDADE. É necessário lembrar que estamos sempre falando em termos espirituais dentro da alquimia. Em sua origem, a Humildade (Humilitas) está relacionada a “fazer o seu trabalho sem esperar reconhecimento e sem esperar por recompensas”. Humilde não é sinônimo de “coitadinho”, de “idiota”, de “pobrezinho” e outras tolices que vocês foram forçados a engolir por causa da Igreja.

Uma pessoa humilde não precisa (nem deve) ser um pateta. “Cordeiro Humilde”, nas palavras de Yeshua, significa “Aquele que tem as características de Áries e faz o seu trabalho sem esperar

reconhecimento”. Bem diferente do coitadinho medíocre que a Igreja espera que você seja.

São Thomas de Aquino determina sete características como filhas da acídia:

Desespero – quando o homem considera que o objetivo visado se tornou impossível de ser alcançado, por quaisquer meios, gerando um abatimento que domina o seu afeto.

Pusilanimidade – covardia, falta de ânimo, falta de coragem para encarar um trabalho árduo e que requer deliberação.

Divagação da mente – é quando um homem abandona as questões espirituais e se instala nos prazeres exteriores, permanecendo com sua mente rondando assuntos do âmbito material.

Torpor – estado de abandono onde a pessoa ignora a própria consciência.

Rancor – ressentimento contra aqueles que querem nos conduzir a caminhos mais elevados, o que acaba gerando uma agressividade. Está relacionado à Ira. Posso ver muito de rancor em relação aos textos ateístas e outros textos religiosos mais fanáticos..

Malícia – desprezo pelos próprios bens espirituais, resultando em uma opção deliberada pelo mal. Está ligada diretamente ao materialismo e à Luxúria. Hoje em dia tornou-se sinônimo de sexualidade explícita.

Preguiça – a falta de vontade ligada aos esforços físicos.

Ira

Defeito capital ligado diretamente a MARTE, representado acertadamente pelos Deuses da Guerra. A ira é o mal uso da energia agressiva de marte. Ao invés de direcioná-la para o sexo ou para os esportes, a pessoa canaliza este excesso de energia para a destruição. “Faça amor, não faça a guerra”. Com tantas travas e tabus sexuais, não é de se admirar que fanáticos religiosos sejam tão violentos.

A Virtude cardeal relacionada com marte é a DILIGÊNCIA, ou seja, a capacidade de guiar a energia e a capacidade de produzir de maneira efetivamente produtiva.

São Thomas de Aquino determina seis características inerentes como sendo filhas da Ira:

Insulto – uma forma de violência verbal, na qual o interlocutor visa ofender ou agredir moralmente o atacado, atingindo algum ponto fraco para humilhar o outro.

Perturbação – agitação física e psíquica produzida por emoções intensas e acumuladas. Um dos maiores problemas na psicologia, a tensão das emoções acumuladas pode gerar todo tipo de problemas no organismo.

Indignação – sentimento de ira em relação a uma ofensa ou ação injusta.

Clamor – queixa ou súplica em voz alta, reclamação, gritos tumultuosos de reprovação. Quando a Ira extravasa de uma pessoa para um grupo, como se fosse uma entidade viva (na verdade, astralmente, o Clamor É uma entidade viva, manifestada pelas Fúrias).

Rixa – briga, desordem, contestação, tumulto. A Rixa tem ligação com o Orgulho

Blasfêmia – difamação do nome de um ou mais deuses. A Ira voltada para dentro de si mesmo.

Inveja

Defeito capital ligado ao Planeta MERCÚRIO. Hoje em dia, as pessoas utilizam-se do termo “inveja” de maneira errada. Seu sentido original quer dizer “Caminhar segundo o passo espiritual de outra pessoa”. Ter inveja de outra pessoa é tomar seu próprio caminho com base nos esforços e resultados obtidos por outras pessoas. A Inveja como a conhecemos hoje é a parte material do defeito.

Por esta razão que a Virtude cardeal associada a Mercúrio é a PACIÊNCIA. A paciência é a capacidade de caminhar

(espiritualmente) no seu próprio ritmo. Não é sinônimo de “lerdeza” ou de “calma” ou de “ir devagar”... Ir devagar é para gente devagar! Ter paciência é ter a capacidade de avançar nos estudos iniciáticos no seu próprio passo.

São Thomas de Aquino determina cinco características inerentes como sendo filhas da Inveja:

Exultação pela Adversidade – diminuir a glória do próximo. Por causa do sentimento de inveja, a pessoa tenta de todas as maneiras diminuir o resultado do trabalho e das glórias das pessoas ao redor.

Detração – significa falar mal às claras. Possui os efeitos semelhantes aos do murmúrio, com as mesmas intenções, mas mais abertamente. A diferença entre os dois é que a detração está maculada pelo Orgulho de se mostrar como causador do dano.

Ódio – o efeito final da inveja: o invejoso não apenas se entristece pelas conquistas do outro e deseja o fim das glórias e objetivos alcançados pelo próximo, mas passa a desejar o mal sob todos os aspectos para aquela pessoa também.

Aflição pela Prosperidade – A tristeza pela glória do próximo. Ocorre quando não se consegue de nenhuma maneira diminuir as realizações da outra pessoa, então passa a se entristecer com o resultado das conquistas alheias.

Murmuração – Também conhecido como fofoca, consiste em espalhar mentiras, meias-verdades, distorções, mentira (associada à Avareza) ou fatos embaraçosos ou depreciativos em relação a outra pessoa, com o intuito de prejudicar o próximo.

Gula

A gula, como já era de se esperar, era uma característica do Planeta JÚPITER. Júpiter, como o benfeitor da astrologia, rege a fartura e a prosperidade. O defeito é a gula e a virtude é a caridade.

Ora... Estamos lidando com Excessos. A Gula é absorver o que não se necessita, ou o que é excedente. Pode se manifestar em todos os quatro planos (espiritual, emocional, racional e material). Claro que

a igreja distorceu o sentido original da alquimia, adaptando-a para o mundo material, então hoje em dia, gula é sinônimo apenas de “comer muito”.

A virtude relacionada a Júpiter é a CARIDADE. A caridade lida com a maneira que tratamos nossos excessos. Ao invés de consumi-los sem necessidade, os doamos para quem não os possui. A caridade não está relacionada apenas a dinheiro, mas também aos 4 elementos da alquimia (espiritual, emocional, racional e material). Esta coluna, por exemplo, faz parte dos meus projetos de caridade intelectual.

São Thomas de Aquino determina cinco características inerentes como sendo filhas da gula:

Loquacidade Desvairada – a desordem no falar, o excesso de palavras atrapalhando e causando confusão mental. Está relacionada ao elemento Ar.

Imundície – aparência desleixada devido à falta de higiene por estar preocupado em demasia com a obtenção de excessos. Não tem o mesmo significado desta palavra em nosso vocabulário moderno, onde imundície quer dizer apenas “excesso de sujeira”, mas sim uma imundície espiritual, ligada à falta de cuidado com o corpo físico por conta dos excessos.

Alegria Néscia – desordem do pensamento e das emoções através do descontrole da vontade, muito associada ao ato de beber. Ligada ao elemento Água.

Expansividade Debochada – O excesso de gesticulações e movimentos do corpo ao comunicar, causando tumulto e desordenação.

Embotamento da inteligência – obstrução da razão devido ao consumo desordenado de alimentos.

Luxúria

Defeito capital ligado ao Planeta VÊNUS, quer dizer em seu sentido original “deixar-se dominar pelas paixões”. Em português, luxúria foi completamente deturpado e levado apenas para o sentido

físico e sexual da palavra, mas seu equivalente em inglês (Lust) ainda mantém o sentido original (pode-se usar expressões como “lust for money”, “lust for blood”, “lust for power”). A melhor tradução para isso seria “obsessão”.

A luxúria tem efeito na esfera espiritual quando a pessoa passa a ser guiada pelas suas paixões ao invés de sua racionalidade. Para chegar ao autoconhecimento, é necessário domar suas paixões (vide a representação do Arcano da Força no tarot!).

A virtude associada a Vênus é a TEMPERANÇA (do latim temperatia), ou a virtude de quem é moderado.

São Thomas de Aquino determina 8 características inerentes como sendo as filhas da Luxúria:

Cegueira da Mente – é aquela que nos impede de ver os acontecimentos, situações e ações ao nosso redor. A pessoa fica tão entregue às suas paixões que não consegue raciocinar nem intuir a respeito do mundo ao seu redor.

Amor de Si – faz com que a pessoa feche seus sentimentos para dentro de si mesmo, gerando um amor egoísta que segundo Thomas de Aquino é a origem de todos os outros pecados.

Ódio de Deus – com a vontade dominada pelas paixões, o indivíduo abandona a busca espiritual para se dedicar aos afazeres prazerosos mundanos, esquecendo sua busca por Deus no processo. Do esquecimento, estas paixões acabam se tornando ódio ao criador e a todo o mundo espiritual.

Apego ao Mundo – os vícios e as paixões criam no indivíduo um apego ao mundo e aos seus desejos e ambições, desviando totalmente o foco espiritual de sua missão.

Inconstância – deixar-se dominar pelas paixões faz com que o indivíduo se torna inconstante, balançando sua dedicação à Grande Obra para dedicar-se às perseguições dos prazeres mundanos.

Irreflexão – quando as paixões cegam o indivíduo, ele fecha-se a todo estímulo externo ou interno, procurando apenas satisfazer seus instintos, sem refletir nas conseqüências de seus atos.

Precipitação – da mesma forma, a urgência em saciar seus apetites e prazeres gera no indivíduo uma precipitação em agir sem pensar, tomando ações e atos sem o devido pesar.

Desespero em relação ao mundo futuro – os atos mal pensados ou não pensados causam tantos problemas ao indivíduo que o levam a uma situação de desespero em relação ao seu futuro, quando se vê obrigado a encarar os resultados de suas ações.

Avareza

A Avareza (avaritia) é o defeito capital relacionado ao planeta SATURNO. Caracteriza-se pelo excesso de apegos pelo que se possui. Normalmente se associa avareza apenas ao significado materialista, de juntar dinheiro, mas sua manifestação nos outros elementos (espiritual, emocional e mental) é mais sutil e perniciosa. A avareza é a origem de todas as falsidades e enganações.

A virtude associada ao planeta Saturno é a CASTIDADE, ou a pureza dos costumes. Do latim castitas, quer dizer “de sentimentos puros”. Normalmente a associação errada de “sentimentos puros” com a palavra “castidade” usada da maneira incorreta leva à associação de “abstinência sexual feminina” com “pureza”, esquecendo que esta pureza é Espiritual. A Mãe de Jesus que o diga.

São Thomas de Aquino determina sete características inerentes como sendo as filhas da Avareza:

Mentira – ao procurar para si coisas que não lhe pertencem, o avaro pode se servir do engano. No desespero para não perder o que possui ou adquirir mais coisas que realmente não necessita, o avaro pode apelar para a falsidade. Se este se verificar através de simples palavras, caracteriza-se a mentira, mas se for através de juramento, então está classificada como Perjúrio.

Quanto ao engano em si: se for aplicado contra outras pessoas, classifica-se como Traição, se for em relação a coisas, classifica-se como Fraude.

Inquietude – excesso de afã para juntar para si gera excessivas preocupações e cuidados.

Violência – ao procurar para si bens alheios, o indivíduo pode se servir da violência, tamanha a ganância que possui, ao ver seus desejos negados pelo outro. O sentido esotérico se perdeu e violência hoje em dia é sinônimo de agressão, descaracterizando a razão causadora da agressão.

Dureza de Coração – o excesso de apegos pelo que se tem produz a dureza no coração, pois não permite à pessoa usar de seus bens para socorrer aos irmãos. Para ser misericordioso, é necessário saber gastar seus bens excedentes.

Lição de Casa

Utilizando-se da estrela Setenária, São Thomas de Aquino afirma que a bondade divina era tão grande que para cada Defeito Capital existiam DUAS virtudes que poderiam ser utilizadas para combatê-lo. Assim sendo, basta seguir as pontas da estrela para as virtudes associadas dos planetas opostos e meditar sobre quais virtudes podem ser utilizadas para combater os sete pecados capitais.

9. História Oculta

QUEIMA ELE, JESUS!

24.09.2008

Depois destes últimos meses estudando a origem dos demônios inventados pela Igreja Católica e fartamente utilizados pelas evangélicas, vamos retornar no tempo e passar para dois temas que vocês estavam aguardando: Templários e Rei Arthur.

Como veremos a seguir, estas duas histórias estão diretamente associadas aos descendentes de Jesus e Maria Madalena, bem como a guerra política, religiosa e mágica que Roma travou com os ocultistas/cientistas por mais de 1.600 anos.

Para quem chegou agora, eu recomendo ler os artigos antigos sobre a história de Yeshua [estes artigos compõe o Cap. 4: Jesus desta edição].

Continuemos, então, com um pouco de história antiga...

Terminamos nossa narrativa histórica no resgate de Yeshua da crucificação, quando os iniciados Essênios conseguem, através de acordos políticos com Pilatos, remover o corpo de Yeshua para o sepulcro (o “Santo Sepulcro”) e curá-lo através de imposição de mãos. Jesus reúne-se com seus apóstolos mais algumas vezes, e isto ficou retratado no Novo Testamento como se fosse uma “ressurreição”.

Mais tarde, ainda temendo a revolução, seus discípulos precisaram separar sua família e enviá-los para locais seguros. Maria Madalena, grávida, foi enviada sob proteção para o Egito, onde permaneceu

durante quase um ano, quando se reencontrou com Yeshua no Sul da França. Falaremos sobre a Madonna Negra em artigos futuros.

Outro dos filhos de Yeshua foi para Glastonbury, acompanhado de José de Arimatéia, seu tio. O terceiro filho de Yeshua, Barrabás (Barr Abas significa “filho de uma pessoa muito importante”), permaneceu com ele, e muitos dizem que acabou se tornando um dos mentores intelectuais da Primeira Grande Revolta dos Judeus, que começa em 66 d.C. Yeshua termina seus dias na Caxemira.

A revolução começou na Cesárea, quando os judeus atacaram uma guarnição da legião romana em frente a uma sinagoga de Jerusalém, em reação à provocação de alguns gregos. Naquela época, era muito comum a disputa religiosa e filosófica entre Helenistas e Judeus: um grupo de gregos sacrificou pássaros em frente à sinagoga como uma provocação e, como os soldados romanos nada fizeram para impedir, os judeus começaram uma revolta atacando os gregos e os soldados. Esta primeira batalha ficou conhecida como a Batalha de Beth-Horon.

Os romanos estavam em vantagem de 5 homens para cada judeu, mas através de uma guerrilha bem planejada, os soldados treinados de Yeshua conseguiram matar uma legião inteira romana.

Muito puto da vida, o Imperador Nero decidiu acabar com os judeus de uma vez por todas.

Aliás, a vida de Nero não foi fácil: ele teve de lidar com revoltas na Inglaterra (60-61) orquestradas por guerreiros ligados a Boudicea, a rainha das tribos de Iceni e provavelmente pertencente aos clãs que acolheram os descendentes de Yeshua. As tribos daquela região estavam em relativa paz com os romanos, até a morte de Presutagus, marido de Boudicea. Como os romanos não reconheciam mulheres como legítimas herdeiras, o governador das Ilhas não quis reconhecer a autoridade de Boudicea, invadindo seu castelo. Boudicea foi chicoteada e suas filhas estupradas pelos romanos.

Como retaliação, os guerreiros celtas atacaram e destruíram 3 das mais importantes cidades romanas, incluindo Londinun (Londres) matando mais de 70.000 invasores no processo. Os rebeldes só

retrocederam quando a legião comandada por Gaius Suetonius Paulinus conseguiu derrotá-los na batalha de Watling Street.

Boudicea serviu como uma das bases da heroína celta chamada Gwenhwyfach, que muitos séculos depois se tornaria Guinevere, esposa do Rei Arthur. Assim como as outras rainhas celtas, Boudicea possuía concubinos (homens encarregados de lhe dar prazer sexual enquanto o rei estivesse longe em batalhas). Este costume celta irá horrorizar os púlicos católicos muitos séculos depois, e Guinevere terá um “amante” para “consertar” esta narrativa. É uma história interessante que contarei mais para a frente, mas adianto que o termo “carregar chifres” como sinônimo para adultério veio deste costume celta.

No meio destas confusões, Nero fazia o que todo Imperador e Papa romano faz melhor: mandava matar os judeus/cristãos (note que o termo “cristãos” usado aqui se refere aos judeus discípulos e seguidores de Yeshua, não aos católicos apostólicos romanos, como a Igreja mentirosamente quer que você acredite quando chama estes caras de “mártires do catolicismo”). As pessoas que iam para os leões eram judeus, maniqueístas, marcionistas, setianos, essênios, ofitas, bogomilos, valentinos e outras seitas judias.

Em 64, um incêndio de enormes proporções devastou 4 dos 14 bairros de Roma e destruiu severamente outros 7 bairros. Nero acusou os cristãos de cometerem este crime e utilizou todo este processo para dar as desculpas necessárias para inaugurar as festividades de jogar os cristãos na arena com os leões.

Flavio Josefus

Outro personagem importante em nossa história é Mattitياهو ben Yosef ha-Kohen, fariseu que nasceu em 37 d.C.; a data da sua morte não é exata – algo entre 95 e 100 d.C. Líder da revolta dos judeus contra o domínio de Roma na década de 60 d.C. e depois da derrota entregou-se aos romanos, caindo nas graças de Vespasiano – comandante das legiões romanas – ao profetizar que este se tornaria imperador. Como sua profecia se confirmou, ele tornou-se protegido

do imperador romano, recebeu o título de cidadão e foi nomeado Flávio, o nome da dinastia romana dominante na época.

Flávio Josefo – como é conhecido hoje – passou a residir em Roma e escreveu algumas obras históricas, entre elas *As Guerras Judaicas*, *Antiguidades Judaicas* e *Contra Apião*, fornecendo pormenores da destruição de Jerusalém em 70 d.C., da qual foi testemunha ocular, e detalhes sobre outros aspectos da história dos hebreus não registradas na Bíblia.

Sei que esta parte será um pouco chata, mas é necessária para entendermos o que aconteceu com a doutrina de Yeshua após seu exílio. Enquanto o Império romano entrava em guerras cada vez mais violenta contra os judeus, sua expansão ocorreu em direção às Ilhas Britânicas.

Masada

A única fonte histórica para o episódio é a obra do judeu romanizado Flavius Josephus, *Guerra dos Judeus*. Entretanto, os historiadores modernos concordam que realmente um grupo de Zelotes matou a si e às próprias famílias e incendiou algumas construções em Masada. Vocês lembram quem era um dos líderes dos Zelotes, não? Isso mesmo! Judas, o melhor amigo de Jesus.

Quando os zelotes tomaram a fortaleza em 66, após eliminar uma coorte da Legio III Gallica ali estacionada, encontraram um bem sortido estoque de armas, bem como quantidade de ferro, bronze e chumbo para o fabrico de armas e munição. Os armazéns estavam completos com grãos, óleos, tâmaras e vinho; as hortas forneciam alimentos frescos; os canais, escavados na pedra de calcário, coletavam e conduziam as águas pluviais para grandes cisternas subterrâneas, com capacidade superior a 200 mil galões.

Na Primavera de 73 d.C., a fortaleza encontrava-se ocupada por 960 zelotas, incluindo mulheres e crianças, sob o comando de Eleazar ben Yair. Outro comandante zelota, um dos envolvidos na defesa de Jerusalém, era Judas, que havia retirado para Masada após a queda de Jerusalém. A guarnição vinha resistindo por dois anos a um assédio

das legiões romanas, constituindo-se no último foco de resistência judaica.

Nesse momento, o governador romano, general Flavius Silva, reassumiu as operações militares no sul da Judéia. Em fim de março, à frente da Legio X Fretensis, marchou de Jerusalém para o Mar Morto.

As tropas tomaram posição diante de Masada, passando a construir oito acampamentos de campanha na planície do lado Oeste da elevação. Foi principada ainda uma muralha de circunvalação ao redor de Masada, com cerca de três metros de altura, que se estendia por mais de duas milhas de comprimento, amparada por fortes e torres.

No lado Oeste, 137 metros abaixo do topo de Massada, e separado por um vale rochoso, havia um promontório chamado de Penhasco Branco. Os engenheiros militares romanos decidiram que, a partir desse promontório, seria construída uma única rampa para o topo do monte, iniciando-se a movimentação de terras.

A rampa assim construída, apresentava um gradiente de 1:3 e uma base de 210 metros. Em pouco tempo avançou os 100 metros de altura e, em sua extremidade foi montada uma plataforma de 22 metros de altura por 22 de largura. Em seguida, uma torre de cerco de 28 metros de altura foi posicionada contra a muralha. Do seu alto, os artilheiros romanos faziam disparos com os escorpões e balistas, enquanto que na sua base, um aríete golpeava a base da muralha.

Quando a muralha foi rompida, os legionários que penetraram pela brecha constataram a existência de uma segunda muralha, interna. Ao atacá-la, por sua vez, com o aríete, constatou-se que esta fora construída com vigas de madeira alternadas com pedra, técnica que absorvia os golpes de aríete. Desse modo, a 2 de Maio, promoveu-se o incêndio desta muralha, iniciando-se os preparativos para o assalto final no dia seguinte.

Enquanto isso, na fortaleza, os zelotas acompanhavam os preparativos romanos, constatando a iminência do assalto romano. Durante a noite, decidiram que preferiam morrer a ser escravizados

ou mortos pelos romanos. Sacrificaram assim as mulheres e crianças, e depois os próprios defensores, até que restaram apenas dez e o comandante Eleazar ben Yair. Tiraram sortes para ver qual deles sacrificaria os demais. Após cumprir a sua tarefa, o último homem ateou fogo ao palácio, e lançou-se sobre a própria espada, ao lado da família morta.

Na manhã do dia 3 de Maio, os legionários ultrapassaram a brecha aberta na muralha interna, encontrando a fortaleza em silêncio. Chamando os rebeldes à luta, apresentou-se uma anciã seguida por uma mulher jovem, parente de Eleazar, e cinco crianças pequenas, que haviam se escondido em um dos condutos de água subterrâneos.

Masada era conhecida como uma das principais bases de resistência dos judeus. Um dos líderes deste agrupamento não era outro senão Barrabás. De acordo com as lendas templárias, Barrabás foi um dos dez últimos homens a se sacrificar, mas que seus filhos estariam a salvo fora da fortaleza antes do ataque romano.

Esta lenda é interessante, porque ela explica a origem de outra lenda que surgiu na Idade Média a respeito dos romanos estarem procurando o “Santo Graal” em Masada, mas que os judeus conseguiram retirá-lo de lá antes do derradeiro ataque. Neste caso, o “Cálice Sagrado” (San Graal, Sangreal, ou simplesmente “sangue real”) eram os descendentes de Jesus que estavam em Masada com os zelotes.

Estava encerrada assim a Primeira Revolta dos Judeus.

A Gnose

Gnosticismo designa o movimento histórico e religioso cristão que floresceu durante os séculos II e III, cujas bases filosóficas eram as da antiga *Gnose* (palavra grega que significa conhecimento), com influências do neoplatonismo e dos pitagóricos. Este movimento reivindicava a posse de conhecimentos secretos (a “gnose apócrifa”, em grego) que, segundo eles, os tornava diferentes dos cristãos alheios a este conhecimento. Originou-se provavelmente na Ásia menor, e

tem como base as filosofias pagãs, que floresciam na Babilônia, Egito, Síria e Grécia.

O gnosticismo combinava alguns elementos da Astrologia e mistérios das religiões gregas, como os mistérios de Elêusis, com as doutrinas do Cristianismo. Em seu sentido mais abrangente, o Gnosticismo significa “a crença na Salvação pelo Conhecimento”.

Entre 100 e 300 d.C. surgiram muitos grupos cristãos que traziam o conhecimento pregado por Yeshua, derivado tanto da ritualística egípcia quanto dos conhecimentos do oriente.

Entre eles podemos destacar:

Mandeísmo

Mandeísmo é uma religião pré-cristã classificada por estudiosos como gnóstica.

Os mandeístas são assim classificados devido à etimologia da palavra manda em mandeu: conhecimento, que é a mesma palavra gnosis em grego. É considerada uma das religiões gnósticas remanescentes até os dias atuais, junto com o gnosticismo de Samael Aun Weor (que alguns segmentos gnósticos não aceitam).

Os mandeístas veneram João Baptista como o Messias e praticam o ritual do batismo. Possuem cerca de 100.000 adeptos em todo o mundo, principalmente no Iraque.

A religião mandeísta tem uma visão dualística mais estrita que a maioria dos gnósticos. Ao invés de um grande pleroma, existe uma clara divisão entre luz e trevas. O senhor das trevas é chamado de Ptahil (semelhante ao Demiurgo gnóstico) e o gerador da luz (Deus) é conhecido como “a grande primeira Vida dos mundos da luz, o sublime que permanece acima de todos os mundos”. Quando esse ser emanou, outros seres espirituais se corromperam, e eles e seu senhor Ptahil criaram o nosso mundo.

A escritura mandeísta mais importante é o *Ginza Rba*. A linguagem usada por eles é o mandeu, uma sub-espécie do aramaico.

Basilismo ou Basilíades

Basílides (circa de 117-138 d.C.) foi um Filósofo gnóstico de Alexandria, possivelmente originário de Antioquia, atual cidade turca na província de Hatay. Admitiu um princípio incriado, o Pai, cinco hipóteses emanadas dele e trezentos e sessenta e cinco céus, um dos quais é o nosso mundo, comandado por YHVH (Yahweh, Jeová ou Javé). Santo Irineu e Santo Hipólito refutaram as suas doutrinas. Basílides foi, com Valentino, o mais célebre dos gnósticos.

Carpócratos

Carpócrates de Alexandria foi o fundador de uma seita gnóstica na primeira metade do Século II d.C.

Filósofo e teólogo do Século II, suas opiniões são uma mescla de cristianismo e platonismo. Sustentava que o mundo foi criado por anjos caídos. Por isso, esta criação era ruim e somente poderia o homem liberar-se dela através da Gnose, ou ciência divina.

Algumas fontes ligam Carpócrates ao Mandeísmo.

Ceritios (não confundir com Coríntios)

Cerinto (c. 100 d.C.) foi um dos primeiros líderes do antigo gnosticismo que foi reconhecido como herético pelos primeiros Cristãos devido aos seus ensinamentos sobre Jesus Cristo e suas interpretações sobre o cristianismo. Ao contrário dos ensinamentos da Cristandade ortodoxa, a escola gnóstica de Cerinto seguiu a lei Judaica, negando que o deus supremo tinha feito o mundo físico e negando a divindade de Jesus. Na interpretação de Cerinto, o espírito de “Cristo” veio a Jesus no momento do seu batismo, guiando-lhe em todo o seu ministério, mas abandonando-o momentos antes de sua crucificação.

Cerinto, assim como os ebionitas, usava apenas uma versão do *Evangelho de Mateus* como escritura, rejeitando os demais escritos, principalmente os do apóstolo Paulo, por o considerar apóstata da lei. Esforçava-se e se sujeitava aos usos e costumes da lei judaica e à

maneira de viver dos judeus. Venerava a cidade de Jerusalém como se fosse a casa de Deus.

Cerinto ensinou numa época em que a relação do Cristianismo com o Judaísmo estava se tornando irreconciliável. Para definir o criador do mundo como Demiurgo, combinou a filosofia grega com os ensinamentos sincréticos dos gnósticos. Sua descrição de Cristo como um espírito sem corpo que residido temporariamente no homem Jesus combina com o gnosticismo de Valentino.

A tradição Cristã antiga descreve Cerinto como um contemporâneo e oponente de João, o Evangelista, que escreveu o *Evangelho segundo João* contra ele. Tudo que nós sabemos sobre Cerinto vem da escrita de seus oponentes teológicos.

Maniqueísmo

Filosofia religiosa sincrética e dualística ensinada pelo profeta persa Mani (ou Manes), combinando elementos do Zoroastrismo, Cristianismo e Gnosticismo, condenado pelo governo do Império Romano, filósofos neoplatonistas e cristãos ortodoxos.

Ela divide o mundo entre Bem, ou Deus, e Mal, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.

A igreja cristã de Mani era estruturada a partir dos diversos graus do desenvolvimento interior. Ele mesmo a encabeçava como apóstolo de Jesus Cristo. Junto a ele eram mantidos doze instrutores ou filhos da misericórdia. Seis filhos iluminados pelo sol do conhecimento assistiam cada um deles. Esses “episcopos” (bispos) eram auxiliados por seis presbíteros ou filhos da inteligência. O quarto círculo compreendia inúmeros eleitos chamados de filhos e filhas da verdade ou dos mistérios. Sua tarefa era pregar, cantar, escrever e traduzir. O quinto círculo era formado pelos auditores ou filhos e filhas da compreensão. Para esse último grupo, as exigências eram menores.

Mais tarde, no Sul da França, os maniqueístas e o druidismo formariam as bases do Catarismo.

Menandritas

Menandro foi um patriarca gnóstico da corrente caldeu-síria, uma das figuras mais importantes do Gnosticismo. Como Simão o Mago, era da mesma cidade de seu Mestre e transmitiu os ensinamentos Gnósticos e como também mágicos. A sua doutrina afirmava que a Gnose podia entender e controlar as forças da Natureza. O centro de suas atividades era a cidade de Antioquia. Menandro e seus discípulos afirmavam que havia uma entidade superior ao Demiurgo, o Inefável, na administração do mecanismo Universal. Foi o primeiro Gnóstico a separar as duas entidades.

Marcionismo

Fundado em 144 d.C. em Roma por Marcião de Sinope (110-160), um religioso cristão do segundo século, e um dos primeiros a serem denunciados pelos cristãos como um herético.

O Marcionismo rejeita o Antigo Testamento. Alguns cristãos julgam mesmo que os marcionistas sejam anti-semitas. A palavra marcionismo é mesmo por vezes usada para referir as tendências anti-judaicas nas igrejas cristãs. Seus textos foram uma das bases que muitos e muitos séculos depois serviram de inspiração para a filosofia da *Thulegesellschaft* (ordem secreta por trás da filosofia nazista).

Mas Marcião tornou-se famoso em sua época, o que acabou tornando os judeus muito impopulares em Roma (anote isso no seu caderno: naquela época, os judeus eram muito impopulares em Roma! Isto ajudará a entender o porquê de Constantino deturpar tanto a história de Yeshua para se adaptar aos anseios de um povo que desejava um messias mais parecido com Apolo/Mithra do que com um “rei judeu”).

Saturninos

Saturnino de Antioquia (sec. II d.C.) foi outro renomado teólogo, foi também um grande Cabalista e profundo conhecedor do *Zend Avesta* e do Gnosticismo. Seus ensinamentos eram tão conhecidos que até mesmo Papius confessou haver tomado muitas de suas fórmulas como base de estudos. Ele pregava a castidade e abstinência sexual como forma de religião com deus.

Setitas ou Setianitas

O Setianismo foi um grupo de antigos gnósticos, que datam sua existência antes do cristianismo. São assim chamados devido à sua veneração à Sete, que teria sido o escolhido de Deus para a promessa de se organizar uma sociedade humana perfeita. Apesar de ter uma origem judaica, suas doutrinas tem uma forte influência do platonismo.

Tome cuidado para não confundir: em inglês, este culto é chamado de *Sethianism*. As vezes muitos confundem com Set, Deus egípcio, a sua veneração em inglês é chamada de *Setianism*.

Existe um trecho de um texto gnóstico descoberto em 1945 em Nag Hammadi, no Egito, nomeada *A Revelação de Adão*, onde Adão é referido como pai de Seth e que passou todo o conhecimento secreto a ele: “Estas são as revelações que Adão desvelou ao seu filho Seth; e o seu filho ensinou a seus descendentes. Este é o conhecimento secreto que Adão entregou a Seth; é o santo de batismo daqueles que adquirem o conhecimento eterno...”

Lá pelo século III d.C., havia cerca de 80 a 90 seitas cujos ensinamentos variavam por toda uma gama do Budismo ao Judaísmo ortodoxo, passando pelo Helenismo clássico, com todas as variações possíveis e imaginárias a respeito da divindade de Yeshua, da virgindade de Maria, de Reencarnação e Karma, até o Olimpo e Hades (que mais tarde se transformarão no “Céu e Inferno” no catolicismo), sobre a traição ou não de Judas, sobre o culto à Madonna Negra, sobre o Sangue Real, sobre o sexo sagrado e sobre o

uso de magia e teurgia, além de debates intermináveis sobre quais textos sagrados cada uma destas facções adotava como verdadeiros.

No próximo artigo: O Imperador Constantino botando ordem no galinheiro.

TRINTA E DOIS PAPAS E UMA GARRAFA DE RUM

01.10.2008

No artigo passado falei sobre o início das revoluções judaicas, da expansão do Império Romano e da guerra entre os Imperadores Romanos (que veneravam os deuses greco-romanos e acreditavam nos preceitos da cultura helenística) e os rebeldes que defendiam o tal do Jesus Cristo (Yeshua).

Acredito que a forma mais prática de entender o que aconteceu é fazer uma breve lista de todos os papas e suas contribuições para o esqueleto desta religião que estava se formando. Começaremos pelo primeiro papa:

Pedro (Petrus I) cuja mitologia católica o coloca como sucessor de Jesus. Na verdade, cada um dos doze apóstolos tomou os ensinamentos e espalharam-se pelo mundo para continuar o trabalho iniciático essencial e espiritualista que Yeshua fazia parte. São Pedro e São Paulo ficaram em Roma, onde Pedro se tornou “Bispo de Roma”, ou seja, o responsável por implantar a religião essencial dentro da boca do leão (literalmente). A palavra Bispo significa “supervisor”. Foi crucificado de cabeça para baixo pelos exércitos do imperador Tiberius Claudius. O símbolo de Pedro passou a ser a cruz de ponta cabeça. Assim como Yeshua, a história de Pedro foi “absorvida” para dar suporte aos interesses do catolicismo. Seus seguidores, porém, ao usar a cruz de ponta cabeça como símbolo, foram taxados de “satanistas”.

Lino I foi o segundo papa, coordenou o bispado de 67 a 76 d.C. e foi o responsável pelo decreto que obrigava as mulheres a cobrirem a cabeça dentro de um templo. A ICAR diz que ele morreu como mártir, mas evidências históricas dizem que isto é improvável. Foi substituído por Anacleto I, que teve muita sorte: neste período ocorreu a erupção do Vesúvio (79), com as cidades de Pompéia e Herculano soterradas e os relatos do começo do “fim do mundo” ajudaram a elevar a popularidade do cristianismo. Dele são atribuídos uma série de orientações que condenam o culto de objetos “mágicos e de feitiçaria” e de aceitarem comida oferecidas aos deuses pagãos. Também a ele é atribuída a instauração da “Saudação e Bênção Apostólica” na abertura das mensagens papais. Anacleto é perseguido pelo imperador Domiciano e morre nos leões.

Clemente I assume o bispado em 88 d.C. Neste pontificado ocorreu uma segunda perseguição aos cristãos, na época de Domiciano. Mais tarde, Clemente foi preso no reinado de Trajano. Condenado a trabalhos forçados nas minas de cobre de Galípoli, converteu muitos presos e por isso foi atirado ao mar com uma pedra amarrada ao pescoço. Clemente é importante porque foi ele quem primeiro passou a utilizar a palavra “Amém”, de origem dos rituais egípcios (onde significa “Assim seja!”) nas cerimônias cristãs.

O quinto papa, Evaristo (que ficou no bispado de 97 a 105 d.C.) e o sexto papa Alexandre I (106 a 115 d.C.) não fizeram grandes coisas e não são muito lembrados. Alexandre foi o bispo que absorveu o costume dos magistas romanos e gregos de utilizar água Lustral em seus rituais, que passou a chamar de “água benta” a partir de seu pontificado.

Durante este período, João Evangelista escreve seu evangelho, que ficou conhecido posteriormente como *Apocalipse* ou *Livro das Revelações*, um dos mais gnósticos e controversos textos da bíblia.

O sétimo papa foi Sisto I. Suas principais contribuições para a igreja cristã foram no sentido de sistematizar e normalizar os vários procedimentos sagrados nas cerimônias religiosas, como o de que qualquer objeto sagrado só poderia ser tocado por ministros

sacramentados (este procedimento foi adaptado também dos ocultistas, que trabalham com a consagração de objetos sagrados, que não devem ser tocados por mãos profanas). É atribuída a Sisto a introdução do tríplice canto do Sanctus na missa (adaptado dos ritos de Elêusis), bem como as cartas apócrifas que tratam da doutrina da Trindade e ao Primado da Igreja de Roma. Também entrou em conflito com alguns procedimentos da Igreja da Ásia.

Sisto morreu em Roma e foi sucedido por São Telésforo. Os papas e os vários martirólogos dão-lhe o título do mártir, embora não haja registo histórico de tal evento. Sisto I estava mais para gnóstico do que para um seguidor das doutrinas da ICAR, então é quase um consenso entre historiadores que sua história foi maquiada para servir aos interesses da Igreja.

O papa Telésforo tem um mandato tranquilo, de 126 a 137 d.C. O seu reinado, embora desenrolado num período de paz, quando os imperadores Adriano e Antonino não publicaram editos de perseguição aos cristãos, foi marcado por conflitos com as comunidades não cristãs. Boa parte dos costumes católicos usurpados das religiões pagãs foi feito em seu bispado, como por exemplo: a celebração da missa do galo (Também conhecida por Missa da Meia Noite, é a missa da Luz. Esta celebração é claramente inspirada nos cultos antigos, nomeadamente celtas, em que se escolhia o solstício do Inverno [22/23 de Dezembro] para prestar culto ao deus Sol. Neste ritual, os sacerdotes sacrificavam um galo em homenagem aos deuses solares), páscoa aos domingos, sete semanas de quaresma antes da páscoa (A Quaresma é uma celebração da morte de Tamuz; a lenda diz que ele foi morto por um javali selvagem aos quarenta anos. Portanto, a Quaresma celebra um dia para cada ano de vida de Tamuz) e o cancionar da Glória normalmente são atribuídos ao seu pontificado.

Em 136, é escolhido Higino como novo bispo. Ele passou maus bocados nas mãos dos gnósticos, especialmente Valentino e Cerdão. Higino mexeu nas estruturas hierárquicas e na cerimônia do batismo (adaptando-as para que ficasse mais próxima do batismo dos iniciados

essênios), instituiu as ordens menores para melhorar o serviço da Igreja e preparação do sacerdócio. O décimo papa é chamado de Pio I. O seu pontificado foi marcado por questões envolvendo judeus convertidos e com heresiarcas, como os gnósticos Valentino, Cerdão e Marcião, criador do Marcionismo. Procurou o diálogo com os filósofos e estudiosos heresiarcas gregos e egípcios que possuíam versões mais espiritualizadas dos evangelhos sagrados. Foi, provavelmente, martirizado em Roma e foi substituído por São Aniceto, cuja única contribuição foi a de proibir os padres de usarem cabelos compridos.

Em 166 é escolhido Sotero como o décimo-segundo papa. Esse não apenas teve de enfrentar as perseguições de Marco Aurélio como levou uma surra filosófica dos gnósticos, liderados por Montano, que formaram a seita dos Montanistas. A Igreja montanista se espalhou pela Ásia Menor, chegou a Roma e ao norte da África. Seu adepto mais famoso foi, sem dúvida, Tertuliano – o maior teólogo de então.

O papa Eleutério sobe ao poder em 175 d.C.. Eleutério resolveu a questão de origem judaica, sobre a distinção entre alimentos puros e impuros, libertando os cristãos de restrições alimentares. Quando morre, em 189, Vitor I assume. Vitor I estabeleceu que qualquer tipo de água, quer seja de um rio, mar ou outras fontes, pode ser utilizada no batismo, no caso de faltar água benta (e começam as acoxambranças da ritualística). Outra contribuição na absorção das crenças alheias foi o estabelecimento do domingo (Dia do Sol, em substituição do sábado) como dia sagrado, copiando os costumes pagãos para anexar suas culturas mais facilmente.

Ele também decide fazer as missas em latim ao invés de grego, para popularizar a religião em Roma. Foi substituído por São Zeferino (que introduziu o uso da patena e do cálice de cristal) e em 217 d.C. entra São Calixto I. São Calixto era tão picareta que Hipólito, o outro candidato ao papado, se proclama o primeiro Antipapa para combater seus abusos (e fica com a Igreja dividida por 20 anos).

Calixto é morto em uma revolta popular que se originou nos próprios fiéis cristãos, tamanhos os desmandos que ele cometeu, e é substituído por Urbano I.

Urbano I pegou uma época tranquila, coincidindo com a benevolência do Imperador Alexandre Severo, então passou mais do seu tempo discutindo filosofia com o Antipapa do que temendo os romanos. Ponciano tornou-se papa em 230 d.C. e deu continuidade pelas brigas filosóficas com o Antipapa Hipólito. O que foi uma tremenda burrice, porque eles haviam se acostumado com a moleza de Alexandre e baixaram a guarda...

Quando Maximino Trácio tornou-se imperador de Roma em 235 d.C., a primeira coisa que fez foi acabar com as briguinhas entre papas e antipapas e mandar todo mundo para as minas de trabalhos forçados na Sardenha. Ali morreram tanto o Papa Ponciano quanto o Antipapa Hipólito.

Antero, o décimo-nono papa, ficou pouco mais do que um mês com o poder e O Imperador fez com que se juntasse a seus amiguinhos nas minas de trabalho forçado. O papa seguinte foi um tal de Fabiano I.

Conta-nos Eusébio de Cesaréia que a eleição de Fabiano foi maravilhosa. Voltava ele de fora de Roma, com alguns amigos, quando a assembléia dos Cristãos deliberava sobre a sucessão do papa São Antero. Estavam divididos os votos e não se chegava a um acordo. Foi quando uma pomba branca, vinda não se sabe de onde, pousou sobre a cabeça do admirado Fabiano, que mais admirado ficou, quando, por unanimidade, os Cristãos romanos o apontaram como novo pontífice. Foi obrigado a obedecer. Recebeu ordens sagradas e tornou-se sucessor de São Pedro.

Fabiano teve muita sorte, além da pomba... Seu papado coincide com as mais sangrentas disputas pelo trono de Roma, e os Imperadores passavam mais tempo protegendo o próprio rabo do que perseguindo os cristãos. Ele sobreviveu a Maximiniano, os dois Górdianos, Pupiero, Balbino, Filipe (o árabe) e Décio.

Fabiano havia batizado o imperador Filipe, o que deu aos cristãos a esperança de uma Roma segura para os cristãos... Mas quando o Imperador Décio tomou o poder, a primeira coisa que fez foi picar o papa em pedacinhos e mandá-lo para os leões, só para não perder o costume.

Cornélius I sentou-se no papado por menos de 3 anos. Para variar, a disputa pelo poder da Igreja fez com que o outro candidato, Novaciano, se declarasse papa também (antipapa na terminologia técnica). Com o poder dividido (de novo), o novo Imperador Treboniano Galo, assim que pega o poder em Roma, manda os dois “papas” brigarem nas minas de trabalhos forçados de Civitavecchia, ondem morrem, para não perder o costume...

O 22º papa, Lucio I, durou cerca de 8 meses no poder. O período do Imperador Valeriano I (253-260 d.C.) foi um dos mais terríveis para os cristãos (e um dos mais prósperos para os vendedores de pipoca do Coliseu). Neste período, mais de 900 cristãos serviram de atração enfrentando gladiadores e leões. Além das perseguições, o papa teve de lidar com os hereges da seita Novaciana (discípulos de Novaciano).

Uma das coisas importantes que devem ficar bem claras é que os mártires acreditavam na REENCARNAÇÃO, de maneira muito semelhante aos espíritas dos dias de hoje. Por esta razão deixavam-se martirizar com tamanho afinco. Eles diziam que não importava quantas vezes os romanos os sacrificassem, eles retornariam para continuar pregando. Mais tarde, quando a ICAR absorveu esse “bônus” de 400 anos no catolicismo, ela “transformou” esses mártires em santos e defensores do catolicismo.

Os papas Estevão I e Sisto II passaram praticamente seus mandatos enfrentando os Novacianos e os romanos e não tiveram tempo hábil para organizar outros projetos.

Somente o 25º papa, São Dionísio, teve um respiro, pois seu papado coincide com os bárbaros tocando o terror no Império Romano e os Imperadores mais preocupados com o Asterix e seus gauleses do que com festividades à base de alimentar leões com cristãos. Nos seus

quase dez anos de papado, Dionísio conseguiu reorganizar os fiéis em Roma, derrotar os Novacianos e morrer em paz de morte natural, em 268 d.C.. Note-se o total paganismo no nome do papa.

Felix I, o papa com o mesmo nome do gato do desenho animado, voltou a ter problemas com o Imperador. Juntou-se aos fiéis nas catacumbas, para escapar à perseguição do Imperador Aureliano. Iniciou o sepultamento dos mártires sob o altar e a celebração da missa sobre seu túmulo. Segundo a tradição, o papa de número 26 teria morrido martirizado em 30 de dezembro de 274 d.C.

O Papa Eutiquiano, próximo da fila, nasceu em Luni. Foi eleito em 4 de janeiro de 275, governou a Igreja durante oito anos. Ordenou que os mártires fossem cobertos pela “dalmática” (o manto dos Imperadores Romanos), hoje vestimentas dos diáconos nas cerimônias solenes. Instituiu a benção da colheita nos campos, que é originalmente uma tradição celta e pagã. Ao invés do sexo ritualístico, foi instituída uma missa, trocando o pênis pelo hissope (nome do instrumento que é usado para aspergir água benta) e o sêmen pela água.

Caio I, que reinou de 283 a 296 d.C., foi um dos idealizadores do dízimo. Para tentar fazer média com o Imperador, foi o primeiro Papa a conseguir reunir emissários imperiais e fiéis em meio a uma acalorada discussão sobre a legitimidade de se cobrar tributos sobre os cristãos que conseguiu angariar algum tipo de simpatia do poder de Roma.

Tanto Caio I quanto seu sucessor, o papa Marcelino, sofreram perseguições do Imperador e ameaça de divisão da religião, desta vez pelos Donatistas (movimento que surgiu em 304 d.C. e condenada qualquer sacração feita por bispos corruptos. Afirmavam que a validade dos sacramentos dependia do mérito daquele que o administrava). Venceu a hipocrisia e Roma decidiu que não importa se o padre seja um pedófilo ou corrupto, seu sacramento continua valendo aos olhos da Igreja.

Marcelo I, meu xará, foi escolhido em 308 d.C. e martirizado menos de um ano depois. Decidiu que nenhum concílio poderia ser

realizado sem sua presença. Tanto Eusébio (309-310) quanto Melquíades (311-314) tiveram poucos problemas com os Imperadores, pois este período foi marcado por grandes guerras na Europa, Inglaterra e Hispania, contra os celtas e gauleses, o que fez com que os cultos cristãos tivessem relativa paz para se tornarem cada vez mais populares.

Constantino, o marqueteiro

O fato de Constantino (272-337 d.C.) ser um imperador de legitimidade duvidosa foi algo que sempre influenciou nas suas preocupações religiosas e ideológicas: enquanto esteve diretamente ligado à Maximiano, ele apresentou-se como o protegido de Hércules, Deus que havia sido apresentado como padroeiro de Maximiano na primeira Tetrarquia; ao romper com seu sogro e eliminá-lo, Constantino passou a colocar-se sob a proteção da divindade padroeira dos imperadores-soldados do século anterior, Deus Sol Invicto.

Constantino acabou, no entanto, por entrar na História como primeiro imperador romano a professar o cristianismo, na sequência da sua vitória sobre Maxêncio na Batalha da Ponte Mílvia, em 28 de outubro de 312 d.C., perto de Roma, que ele mais tarde atribuiu ao Deus cristão: segundo a tradição, na noite anterior à batalha sonhou com uma cruz brilhante nos céus, e nela estava escrito em latim “In hoc signo vinces” (“sob este símbolo vencerás”), e de manhã, um pouco antes da batalha, mandou que pintassem uma cruz nos escudos dos soldados e conseguiu uma vitória esmagadora sobre o inimigo.

Claro que isso foi uma pilantragem, para assegurar a simpatia dos cristãos. Assim como o Vidente Juscelino, Constantino comentou sobre suas visões DEPOIS que a batalha foi vencida.

Em 313 d.C., o Édito de Milão faz com que os cristãos tivessem legitimidade em Roma e os coloca em pé de igualdade com o Paganismo e com o Mitraísmo. Porém, como eram extremamente numerosos, o Imperador pretendia usá-los como massa de manobra

para se legitimar no poder. Vale lembrar que Constantino NUNCA se converteu a nada, mantendo seu status de “Sumo Pontífice” até o dia de sua morte.

O próximo passo no circo foi o de inventar que Helena (mãe de Constantino) havia ido até Jerusalém e encontrado pedaços da Vera Cruz (a cruz onde o Jesus teria sido crucificado). Sobre o local, manda erigir a “Igreja do Santo Sepulcro” e a faz local de peregrinações.

Em 325 d.C., ocorre o famigerado Concílio de Nicéia, onde Constantino reúne-se com 318 bispos (historiadores dizem que este número pode ter sido modificado para se ajustar com o número de criados de Abraão em gênesis 14:14. É daqui que vem o número 318 que a Igreja Universal usa tanto em suas propagandas) e decide “colocar ordem no galinheiro”. A quantidade de seitas, heresias, divagações e subgrupos cristãos existentes beirava uma centena, com diversos escritos de discípulos de Yeshua.

Constantino precisava de um Jesus que agradasse aos romanos, aos membros do senado e aos pagãos que seriam em breve forçados a se converter. Lembrem-se que explicamos que Yeshua era um revolucionário judeu que lutava CONTRA o Império Romano e foi crucificado por ordem do governador romano? Seria quase o mesmo que tentar angariar votos para Barak Obama usando como plataforma “o homem que adora Che Guevara”. Constantino precisava de um Jesus que fosse palatável aos olhos dos cidadãos romanos.

Para tanto, reuniu todas as escrituras que haviam disponíveis e acabou se decidindo por todos os textos que o aproximavam de um “deus solar”, como Apolo ou Mithra, muito mais agradáveis do que um “messias humano iniciado nos segredos do oriente que trouxe a busca pelo autoconhecimento”. O papa Silvestre I (de onde vem o nome da corrida de São Silvestre) não assistiu a nenhum dos Concílios, tendo de aceitar o que foi decidido. A partir de então, a Igreja recebe um NOME: Igreja Católica (católica quer dizer “universal”), Apostólica (fundamentada na doutrina dos apóstolos) Romana (porque sua sede ficará em Roma), ou a famigerada ICAR.

O papa Marcos I, que coordenou a reforma e os primeiros anos da nova Igreja “oficial”, começou a compilar a lista dos bispos e mártires, trabalhando para adaptar as necessidades históricas aos interesses do Imperador. Julio I fixa a data do “nascimento de Jesus” no dia 25 de Dezembro...

Com a morte de Constantino, seu poder se divide e surgem as Igrejas do Oriente (com sede em Constantinopla) e do Ocidente (com sede em Roma). Os cristãos que não ficaram satisfeitos com a pilantragem do Imperador começam a ser perseguidos como hereges, juntamente com os judeus, que começam a ganhar (má) fama como “o povo que matou Jesus”.

CONSTRUTORES DE TEMPLOS

08.10.2008

Já comentamos sobre o desenvolvimento das correntes filosóficas até o século V pelo ponto de vista dos Iniciados e adeptos, e pelo ponto de vista Católico Apostólico Romano. Para completar o panorama e permitir que vocês tenham uma boa noção do contexto que mais tarde será necessário para explicar a Lenda do Rei Arthur e a origem dos Cavaleiros Templários e da Maçonaria, ficou faltando falar sobre os Construtores dos Templos, os iniciados que trabalhavam com a pedra e a carpintaria, que estudavam a geometria, matemática, astrologia e as artes reais.

Egito

Pode-se dizer que a história da Maçonaria e da Rosacruz começa com os construtores de Pirâmides. Claro que quando eu digo “a história da Maçonaria e da Rosacruz” eu quero dizer os conhecimentos e estudos que foram sendo transmitidos ao longo das eras em uma corrente contínua de pensamento e egrégora, cujas Escolas de Mistérios transmitiram e aperfeiçoaram ao longo dos tempos.

O conhecimento astronômico, astrológico e matemático dos sacerdotes e construtores de pirâmides permanecia completo dentro da mesma tradição de faraós e iniciados. Considerados descendentes dos deuses, ou remanescentes de culturas mais antigas que foram destruídas pelo dilúvio, os Sacerdotes Iniciados egípcios coordenaram a construção de cerca de 100 pirâmides ao todo (sem contar as que foram tragadas pelo deserto, claro), além de mastabas, palácios e diversos complexos de templos ao longo do rio Nilo.

As proporções perfeitas e o estudo da Câmara dos Reis já foi tratado em artigos mais antigos [ver Cap. 2: Pirâmides e Energia]. Neste, falarei apenas sobre a Ordem dos Arquitetos que tratava da construção das pirâmides e outros templos. De todos os construtores de pirâmide, o mais famoso é Imhotep (sim, ele mesmo, o vilão do filme *A Múmia*). Imhotep foi um misto de arquiteto, médico e mago. Os antigos egípcios deificaram-no, identificando-o a Esculápio, deus da medicina, sendo sua tumba local de peregrinação religiosa na antiguidade. É o primeiro arquiteto cujo nome é conhecido por meio de documentos históricos escritos. Viveu no século XXVII a.C., tendo sido vizir ou ministro-chefe de Djoser, o segundo rei da terceira dinastia egípcia (por volta de 2.650 a.C.).

O conhecimento da geometria sagrada naquele período era mantido como um segredo guardado (literalmente) a sete chaves. Apenas os sacerdotes e iniciados de mais alto grau possuíam acesso às técnicas de edificar e aos avançados cálculos matemáticos necessários para que tudo ocorresse de maneira justa e perfeita no encaixe das peças.

Este conhecimento foi passado para os hebreus (através de Moisés), babilônicos (através dos Magis) e persas (através de Zoroastro); e posteriormente para os gregos.

Grécia

Pouca gente sabe, mas existem 16 pirâmides na Grécia. A mais conhecida (ou menos desconhecida) delas é a Pirâmide de Hellinikon, que fica na Argólia. O Nuclear Dating Laboratory da

Universidade de Edinburgo estimou sua construção por volta de 2700-2500 a.C., construída aproximadamente no mesmo período das pirâmides mais “novas” do Egito. As pirâmides na Grécia são menores e menos impressionantes, claro.

Hellinikon eu conheci pessoalmente; ela possui cerca de 10m de base e ergue-se a aproximadamente 4m de altura, mantendo a mesma proporção da pirâmide de Keops, em escala bem menor. Debaixo dela, um túnel leva a uma câmara, com dimensões 7,00m x 3,00m x 3,90 (as MESMAS proporções da câmara dos reis da Pirâmide de Gizé, cuja diagonal interna possui as mesmas proporções do famosíssimo “triângulo de Pitágoras”). Infelizmente, hoje em dia restaram apenas ruínas, pois muitas das pedras foram retiradas para serem usadas nas construções de vilas próximas.

Nos séculos seguintes, há uma certa transição das estruturas piramidais para os templos mais conhecidos, sem se perder as principais características de geometria e proporções. Uma das maiores influências foi notadamente o Templo de Salomão.

O Tabernáculo

Era um Templo portátil dos israelitas, construído no deserto para o período de vida nômade, e que ficou em uso até a construção do templo planejado por David, e edificado por Salomão.

A construção do Tabernáculo aos pés do Monte Sinai ocorreu no ano de 1490 a.C., um ano após Moisés ter recebido os dez mandamentos.

A palavra “tabernáculo”, que é de origem latina, significa propriamente tenda ou barraca. O Tabernáculo deveria ficar armado dentro de uma área retangular de aproximadamente 25m por 50m, conhecida como pátio do tabernáculo. Na parte Oriental, ficava o povo; no Centro, estava o altar das oferendas e dos sacrifícios (Êxodo 27); e na parte Ocidental, ficava a tenda do Tabernáculo (Êxodo 26).

O Tabernáculo propriamente dito se dividia em duas salas. A maior, era um retângulo de aproximadamente 5m por 10m (com 5,5m de altura), ficando ao lado da entrada. A menor, era um quadrado de

aproximadamente 5m por 5m. Eram separadas por uma finíssima cortina de linho, com anjos e querubins bordados em cores. Era chamada Mishkan, isto é, “habitação” em hebreu, e recomendava a ordem de DEUS a Moisés, “façam um santuário onde EU possa habitar entre eles” (Êxodo 25).

O recinto maior SANTO ou SANCTUM tinha a mesa para os pães da proposição ou presença de Deus. Ficava ao norte e à direita de quem estivesse de frente e de costas para a entrada. Pães estes oferecidos a cada sábado a Deus, e que só os sacerdotes podiam comê-los. Eram doze e de forma achatada, constituíam a proposta que o povo fazia ao Senhor de, em troca da oferta, obter as suas bênçãos. O candelabro de sete braços ficava ao sul, do lado oposto ao da mesa da proposição, portanto à esquerda de quem entrasse. E o altar do incenso (Êxodo 30), bem ao centro e próximo do Mishkan.

O recinto menor, SANTO DOS SANTOS ou SANCTA SANCTORUM, era considerado o lugar mais sagrado do mundo. Isso porque era habitação terrena do próprio DEUS. Nele estava colocada a Arca da Aliança (Êxodo 25:10; Hebreus 9:4). Somente o sumo sacerdote e apenas uma vez por ano, no dia da expiação ou humilhação (Hebreus 9:6) – que é 10 de outubro – entrava no SANTO DOS SANTOS a fim de fazer expiação pelos pecados do povo. Esta forma e disposição foram conservadas no templo de Jerusalém.

Templo de Salomão em suas 3 versões

Existiram três templos de Jerusalém, todos edificadas no mesmo local, no Monte Moriá, no setor oriental de Jerusalém, hoje ocupado em grande parte pela Mesquita de Omar. Segundo a tradição, seria o local onde Abraão foi sacrificar seu filho Isaac, como prova de submissão a Deus.

Primeiro Templo, ou de Salomão

Quatrocentos e oitenta anos depois que o povo de Israel havia saído do Egito, no quarto ano do reinado de Salomão em Israel; no mês de

fevereiro, Salomão começou a construir o Templo (1 Reis 6). No décimo primeiro ano de seu reinado, no mês de agosto, terminou completamente o Templo, levando, portanto, sete anos para construí-lo. Salomão também construiu o seu palácio e levou treze anos (13) para terminá-lo. Salomão reinou em Israel por 40 anos, sete anos da cidade de Hebrom e 33 de Jerusalém, se não me falha a memória.

O primeiro Templo construído por Salomão, entre 967 e 964 a.C., serviu como centro de culto a Deus em Israel por quase 400 anos, até sua destruição em 586 a.C., por Nabucondonossor na tomada de Jerusalém. A destruição do Templo se deu porque Salomão desobedeceu ao Senhor, pois ele havia ordenado que os israelitas não se casassem com mulheres estrangeiras, porque elas fariam com que seus corações se voltassem para outros deuses.

SALOMÃO, além da filha do rei do Egito, casou-se com mulheres hetéias e com mulheres dos países de Moabe, Edom, Amom e Sidom, num total de 700 esposas e 300 concubinas. Construiu na montanha a leste de Jerusalém, lugares para adoração de Quemos, deus de Moabe; Moloque, deus de Amom. Também construiu lugares de adoração, onde suas esposas estrangeiras queimavam incenso e ofereciam sacrifícios aos seus próprios deuses. O SENHOR DEUS de Israel, havia aparecido duas vezes para Salomão e ordenado que não adorasse deuses estrangeiros. Mas em consideração a DAVI, o Senhor permitiu a destruição do Templo somente após a morte de Salomão, no reinado de seu filho Roboão (1 Reis 11).

No dia 10 de outubro, trincheiras foram cavadas em volta da cidade, que ficou sitiada por dois anos. No dia 9 de abril, o rei Sedecias fugiu, mais foi perseguido e preso pelos Caldeus e conduzido ao rei da Babilônia em Rebla (Síria), onde foi julgado. Teve seus olhos vazados, foi acorrentado e conduzido da Babilônia; antes, porém, assisti a chacina de seus filhos.

Toda a população de Jerusalém, todos os dignatários e homens abastados, num total de 10.000, foram deportados para Babilônia. Inclusive os ferreiros e serralheiros de modo que só ficasse a população pobre do país.

Nabucondonossor em 7 de maio ordenou que o comandante de sua guarda e oficial Nabuzardã atesse fogo no Templo do senhor, no palácio real e em todas as casas de Jerusalém, além de demolir as muralhas de Jerusalém em toda sua extensão (o Menorá iluminou este templo por 400 anos).

Segundo Templo, ou de Zorobabel

Entre os 10.000 Israelitas levados cativos a Babilônia, estava o rei Jaconias. O filho de Jaconias, Zorobabel, após 70 anos de escravidão e da morte de Nabucondonossor, obteve de CIRO seu sucessor, a autorização de voltar a Jerusalém, em 536 a.C., e levantar as ruínas do Templo. Mais as obras só começaram por volta de 520 a.C.

Este atraso se deu devido ao fato que os Israelitas eram constantemente hostilizados pelos samaritanos, seus vizinhos, que tinham construído um Templo e, dominados pela inveja, se opunham à reedificação do Templo de Jerusalém. A obra só continuou após Zorobabel obter do rei Dario, sucessor de Ciro, a expedição de decreto, o qual punia com a morte os vassalos que perturbassem os obreiros nos trabalhos de reconstrução da cidade de Jerusalém e do Templo.

Esse segundo templo, ou de Zorobabel, ao que parece foi construído no mesmo lugar que o Templo de Salomão, só que menos imponente. Neste segundo templo, o “Santo dos Santos” foi deixado vazio, pois na destruição de Jerusalém em 586 a.C., a Arca da Aliança desapareceu. Diz a lenda que a “Arca da Aliança” fora conduzida aos céus. Voltaremos a falar da Arca da aliança mais tarde, com a Ordem dos Cavaleiros Templários.

Esse segundo Templo foi saqueado por Antioco IV no ano de 168 a.C. Três anos mais tarde, em 165 a.C., Jerusalém foi retomada por Judas Macabeu, que restaurou o Templo e restabeleceu o culto.

Nesta época, surge o candelabro de Nove braços, destacando-se o nono, central, que sobressai dos restantes oito, que são colocados na mesma linha horizontal. É o Hanukah, que significa restauração,

comemorando a vitória dos Macabeus (o Menorá iluminou por 420 anos este segundo templo).

Terceiro Templo, ou de Herodes

Um terceiro templo foi construído por HERODES MAGNO, que o fez com magnificência para captar a simpatia dos judeus e para satisfazer as ambições de sua mania de construções grandiosas.

O Templo tinha as mesmas disposições do tabernáculo, só que em escala maior. Sendo as dimensões internas o dobro das do tabernáculo, ou seja, 10m por 30m, e se dividia como no tabernáculo, em duas salas.

A restauração começou no ano de 20 a.C. O santuário ficou pronto em apenas 18 meses e, sem dúvida, os átrios só foram terminados no ano 64 d.C.

Este Templo foi destruído no ano 70 d.C., pelos Romanos.

Templos na Grécia

A estrutura do Templo de Salomão também foi desenvolvida na Grécia, mas moldada para receber as tradições culturais e iniciáticas daquela região. Ao invés do Deus Judeu, os templos estavam preparados para representar os aspectos das divindades gregas. Cada Templo era dedicado a um ou mais deuses, em especial Zeus, Atenas, Poseidon, Apolo, Hermes e Hera.

A estrutura permanecia basicamente a mesma. Ao invés do Sanctum, existiam os Pronaos, que eram as antecâmaras que davam entrada para o templo.

O Pronaos

Na sua utilização inicial, na Grécia Antiga, esta área situa-se frente ao mausoléu e, estando separada do edifício através de cercas, está intimamente relacionada com o culto dos mortos.

Mais tarde, nas igrejas e basílicas do começo do Cristianismo, é a área de entrada a ocidente onde os penitentes, pecadores, loucos e

mulheres permaneciam por ainda não serem admitidos dentro do templo. O Pronaos também é chamado “sala dos passos perdidos”.

Esta estrutura, de estreita ligação ao conceito de cemitério, é separada da nave através de uma parede baixa, um painel ou colunas.

Na época bizantina clássica, esta estrutura evolui para uma área retangular estreita (mas nesse caso chamada de “Litai”) da mesma largura que a nave principal do templo, ligada a esta por arcos ou portas onde se podiam também benzer os corpos antes de estes serem transportados para o interior da igreja.

O Naos

Neste espaço, delimitado por 4 paredes sem janelas, é colocada a estátua da divindade. Em templos de grandes dimensões o Naos pode funcionar como um pátio interior, sem cobertura (notar as semelhanças com os templos maçônicos e rosacruzes). A estrutura do Naos mantinha a mesma proporção da Câmara dos Reis, dividido em 3 áreas onde os iniciados ficavam em $\frac{2}{3}$ e a estátua (ou representação do aspecto Divino) ficava no $\frac{1}{3}$ restante, junto apenas com os sacerdotes principais. Este espaço era chamado de Aditon e equivalerá posteriormente ao “orientes” no templarismo/maçonaria.

Zoroastro

O templo de Zoroastro, na Antiga Pérsia, também segue as mesmas proporções da câmara dos reis, com a diferença que os sacerdotes se posicionavam em duas colunas ao redor do altar central (que podia ser representado tanto pelo fogo sagrado quanto pelas escrituras sagradas e permanecia no centro do Pronaos). Os sacerdotes de Zoroastro trabalhavam do meio dia à meia noite em seus templos e trouxeram muitas das características dos sacerdotes e iniciados hebreus e egípcios em sua ritualística.

Havia também o chamado “Templo do Fogo”, de forma circular e composto por colunas, montando uma estrutura idêntica aos Templos Gregos chamados Monópteros, como o Oráculo de Delfos ou o Oráculo de Tholos, por exemplo, e seguindo a mesma estrutura

ritualística das construções de pedra da Inglaterra e Escócia (datadas de mais de 1000 a.C). A estrutura de templo construída de maneira circular ao redor da fogueira ou, posteriormente, dos Livros Sagrados.

Dos Gregos para os Romanos

A estrutura dos templos iniciáticos gregos foi repetida também em Roma, com os belíssimos templos dedicados a Hércules (circular), Zeus/Júpiter, Afrodite/Vênus, Cronos/Saturno e muitos outros. Destes, o mais famoso era o Panteão, construído em 27 d.C. por Agrippa, que misturava os dois conceitos: por fora possuía a geometria sagrada dos templos gregos retangulares, por dentro, a estrutura circular dos templos monópteros, com a característica principal de permitir a passagem do sol através de uma abertura no alto do domo, para em determinados rituais causar o efeito da manifestação do divino no Templo.

Claro que os romanos não construíram apenas templos: eles possuem obras de engenharia muito mais complexas, como o fantástico Aqueduto de Nimes. Estes aquedutos são tão precisos e harmoniosos justamente porque foram construídos pelos detentores do mesmo conhecimento da geometria das pirâmides: as Ordens Iniciáticas dos Construtores.

Collegia Fabrorum

Na Grécia encontramos uma Ordem Iniciática chamada Confraria de Dionísio, que era uma divindade originária da Trácia e que construiu templos e palácios tanto na Grécia como na Síria e na Pérsia. Seus membros eram homens de ciência que não somente se distinguiam pelo seu saber como também porque se reconheciam por sinais e toques. Mantiveram um colégio em Theos, lugar que lhes fora designado como residência e onde eram iniciados os novos membros. Reconheciam-se por meio de toques e palavras; estavam divididos em lojas que eles denominavam colégios; cada colégio era dirigido por um Mestre secundado por inspetores que eram eleitos pelo período de um ano; celebravam assembléias e banquetes; os

mais ricos ajudavam aos que se encontravam em má situação ou doentes e relacionavam a arte de construir com o estudo de mistérios.

Estas fraternidades estudavam não apenas técnicas de construção, mas também matemática, astrologia, música, poesia, retórica, gramática e oratória, formando verdadeiros centros filosóficos de saber e conhecimento.

Da Grécia, inúmeros membros da Ordem Pitagórica estiveram em contato com estas fraternidades; entre eles, Fídias (do Colégio de Argos, responsável pela reconstrução de Atenas), Platão, Aristóteles e Alexandre Magno (conhecido como “Alexandre, o Grande”, filho de uma sacerdotisa Dionísica, que levou os engenheiros e arquitetos gregos junto com suas tropas para adquirir conhecimentos em praticamente todos os territórios conquistados, trazendo para dentro da ordem um conhecimento vastíssimo).

Destas confrarias surgiram os *Collegia Fabrorum* romanos. Grupos que ainda não podiam ser chamados de “Guildas”, mas que já traziam dentro de si o embrião do que mais tarde seria conhecido como “Maçonaria Operativa”. Seus membros eram escolhidos entre os melhores artesãos, pedreiros e escultores, permaneciam por 5 a 7 anos como aprendizes antes de passarem ao grau de Mestres, tinham leis e códigos de conduta específicos e juramento de silêncio a respeito das técnicas e métodos desenvolvidos.

Os membros do *Collegia Fabrorum* acompanhavam as legiões romanas e se tornavam responsáveis por construir as fortificações. Mais tarde, seriam designados também pelos Imperadores romanos como responsáveis pelas construções das catedrais sobre os templos sagrados dos povos dominados e a transformação dos templos pagãos em Igrejas Católicas sem perder o paganismo.

É importante guardar que os cultos de Orfismo (de Orfeus), Dionísicos, Bacantes e, posteriormente, os *Collegia Fabrorum*, sempre estiveram ligados aos deuses pagãos e aos rituais iniciáticos relacionados com a alta magia, em especial Mithra, o Sol Invicto, patrono das legiões romanas até Constantino, o *marketeiro*.

Claro que haviam círculos secretos dentro destas ordens, ramificações e especializações. O conhecimento se tornava cada vez mais especializado e disperso.

Por exemplo: a partir do século II ou III d.C., já não havia mais qualquer resquício de rituais sexuais dentro dos Collegia Fabrorum, que se especializou na arte de construção. Por outro lado, existiam ritos orgiásticos como a Saturnália e os cultos às Bacantes, sendo que muitos destes costumes já haviam sido profanados e perdido seu significado original.

Claro... Quando eu falo em “ordens iniciáticas”, os céticos costumam ficar confusos porque, na cabeça deles, aparece a imagem infantilóide de que ordens secretas são compostas de pessoas encapuzadas, sinistras, portando diversos símbolos “supersticiosos”, andando em círculos e carregando velas ao mesmo tempo em que constróem aquedutos. Mas a verdade é que, assim como nos dias de hoje, a população da época não tinha a menor idéia de quem somos e o que fazemos. E sim, os engenheiros romanos passavam pelas iniciações, com direito até mesmo a ser banhado em sangue de touro.

Alguém pode pensar, “Ah, mas hoje em dia qualquer um pode ter acesso a este tipo de conhecimento, basta fazer uma faculdade de engenharia”. Mas não raspam sua cabeça quando você entrou? Não fizeram trote contigo? São os resquícios das iniciações nas fraternidades de conhecimento, já que foram estas Ordens Secretas que deram origem às Universidades, como veremos mais adiante nesta série.

Se você é engenheiro, advogado, médico, programador, psicólogo, veterinário ou outro profissional formado, você sabe muito bem a diferença entre um iniciado e um leigo. Um leigo (um peão de obras, por exemplo) pode até ter muita experiência e acompanhar muitas obras, mas nunca será capaz de projetar uma ponte. Um leigo pode trabalhar como enfermeiro por anos, mas nunca será capaz de fazer uma cirurgia complexa. Para estas coisas, exige-se o conhecimento que é passado de *boca-a-ouvido* e que não está em nenhum livro.

E o mesmo acontece com a magia. Muita gente acha que lendo livros e pesquisando vai aprender alguma coisa, mas magia é como natação. Você pode ler todos os livros que quiser, mas só vai aprender de verdade quando entrar em uma piscina e, para isso, você pode ter um professor para te explicar os passos ou mergulhar e ver o que acontece com o conhecimento que você obteve em livros...

O CÉU, O INFERNO, E TEODORA

28.10.2010

Dando continuidade à série sobre a História Oculta, falaremos sobre mais alguns séculos de curiosidades a respeito das origens obscuras da Igreja Católica e a influência que isto tem em nossas vidas.

Como eu havia dito anteriormente, o papa Marcos I, que também foi considerado um poeta, começou a compilar a lista de bispos e mártires que se ajustassem aos interesses da Igreja Roma. Ele permaneceu no cargo apenas nove meses até seu falecimento (é o que chamamos de “papa de transição”), sendo substituído pelo 35º papa, Júlio I.

Júlio I, assim como os primeiros “papas” oficializados por Constantino, era um tremendo fingidor. Finge que comemora o nascimento de Jesus no dia 25 de Dezembro apenas para agradar às massas, pois a festa do Solis Invictus já era comemorada há pelo menos 500 anos nesta data (mas, através da “fé”, acaba convencendo tão completamente as pessoas que até os dias de hoje tem gente acreditando mesmo que Jesus nasceu neste dia). Ele provavelmente gostou da ideia, pois é em seu comando que o primeiro calendário com as festas católicas começa a ser elaborado (e adivinhem se cada data “coincidentemente” não chega a cair exatamente sobre as festas pagãs?).

O próximo papa chama-se Libério. Depois de fingir que fazia parte de uma seita ariana durante alguns anos (Arianismo é considerado mais uma heresia, pode adicionar na nossa lista), Libério retorna a Roma e vira a casaca, passando a persegui-los. Neste meio tempo, instauram um antipapa chamado Félix II (Um antipapa é como um vilão dos quadrinhos... É alguém que também se intitula papa ao mesmo tempo que o outro cardeal, e surge uma cisma. O vencedor da disputa acaba virando o papa, e o perdedor conhece a dor dos hereges e excomungados).

São Damaso I assume o cargo em 366 d.C. Neste ponto, Constantino estava no auge de seu poder, coordenando a “Reestruturação do cristianismo segundo as doutrinas de Roma” (leia-se causar muita dor em qualquer seguidor de Yeshua que não concorde em seguir o Jesus-Apolo de Constantino). Damaso é conhecido por coordenar a “tradução” da bíblia e a compilação dos capítulos e trechos que interessavam deveras ao Pontifex Maximus (líder da religião pagã em Roma). Em 376, o Imperador Graziano recusa este título, entregando-o para o papa, que sente o acumular do poder sobre os cristãos e sobre os pagões ao mesmo tempo!

Em 384 entra São Sirício, que instituiu o celibato para padres, bispos e para os cardeais. A razão para isto é que quando um padre falecia, a Igreja precisava tomar conta de sua esposa e filhos, e o papado não desejava abrir os cofres sagrados pagando pensões a viúvas e filhos. É importante lembrar que naquele período não existia “salário” para padres e pastores; todas as suas contas eram pagas pela Igreja (mais ou menos como os pastores evangélicos fazem hoje em dia). Também foi responsável pela equipe de tradução que leem e traduzem para o clero os textos que chegam das seitas devastadas.

Anastásio I ficou no poder de 399 a 401 d.C. e escreve uma bula exigindo que os sacerdotes ficassem de pé na missa durante a leitura dos evangelhos (exceto se isto lhes causasse dor ou desconforto durante a lida); Inocêncio I assume o papado em 401 para logo em seguida Roma ser saqueada pelos Visigodos. Zózimo I assume o papado após sua morte, em 417, continuando a guerra contra a

heresia do Pelagianismo (o Pelagianismo é a doutrina que diz que as pessoas vão para o céu se forem boas pessoas, independentes de “aceitarem Jesus” ou não). Esta briga entre os que pregavam a “salvação pelos atos” versus os que pregavam a “salvação apenas através da Igreja Católica” ainda duraria muitos e muitos anos. Bonifácio I, Celestino I e Sisto III sentem bem as discussões com os antipapas e com outros heréticos.

Leão I, o 45º papa, conhecido como “Magno”, não teve um papado fácil. Assumiu o trono entre 440 e 461, e neste período Roma foi saqueada pelos hunos e pelos vândalos. Mas este foi um papa macho, mesmo com as duas invasões que ele teve de passar. Há relatos que, quando Átila o Huno estava causando no ocidente, o papa montou um exército e foi até Mântua para negociar um acordo de paz com o velho Átila... todos achavam que o papa seria trucidado, mas ele conseguiu!

Em 461 assume o papa Hilário I. Ele Estabeleceu que para ser sacerdote era necessário possuir uma profunda cultura, e que pontífices e bispos não podiam designar seus sucessores. Hilarus era o deus pagão da alegria. Achei curioso o papa adotar um nome pagão, se todos os pagões são satanistas pelos próprios critérios da Igreja... O que nos demonstra que até aquele momento há uma tolerância em relação aos deuses romanos, que como veremos daqui a pouco, ficará cada vez menor.

Durante seu pontifado ocorre a Queda do Império Romano. Definitivamente a Igreja de Roma não achou isso muito hilariante. Em 483 d.C. assume Félix III (ou Félix II, dependendo se você vai contar o antipapa Félix II ou não). Para quem ficou curioso, ao todo existiram 39 antipapas reconhecidos.

Além de Felix II, aparecem outros cardeais desafiando o papado. Felix alega que eles não têm direito sobre a cadeira de Pedro. E assim, excomunhões de ambos os lados e muitos envenenamentos depois, Gelásio I assume a cadeira de Roma. No meio de antipapas e hereges (em seu papado enfrentou o Maniqueísmo, Arianismo e Pelagianismo), como primeiro ato, declara que a figura do papa não

poderia mais ser julgada por ninguém. Isto estabelece as bases da famigerada “Infabilidade papal” ou em outras palavras: “eu estou certo e vocês vão parar nas calhas de roda” (o costume da fogueira ainda estava sendo absorvido dos celtas, que queimavam seus inimigos em grandes bonecos de palha chamados Wicker Man).

Gelásio também absorveu a “Gira (festa) de São Valentin”, transformando os bacanais pagãos em algo mais palatável à moral e aos bons costumes, que chamamos hoje de “dia dos namorados” (comemorado dia 14 de fevereiro).

O papa seguinte, Anastácio I, tentou converter os francos e aquele povo pacífico que morava no sul da França e cultuava a Madonna Negra. Foi o primeiro a considerar a imagem blasfema. Dante Alighieri (um iniciado) o coloca no Inferno em seu poema *Divina Comédia* por isso.

Em 498, com o falecimento de Anastácio, dois papas começam a disputar o papado. Símaco e Lourenço possuíam igual poder político e as guerras escalaram para um estado tal de violência que decidiram chamar o rei Teodorico (que era pagão) para decidir quem deveria ser o papa. Isso é tão absurdo quanto hoje em dia chamar o Richard Dawkins para decidir quem deveria ser o papa em caso de empate.

Os dois papas foram chamados a entreter o rei com promessas e, no final do concílio, Teodorico decide que quem tinha o maior número de votos deveria ser o papa (ah... a razão!).

Nos anos seguintes, o comboio de papas formados por Símaco (498-514), Hormisdas (514-523) e João I (523-526) enfrentou todo tipo de problemas com hereges, antipapas e cismas, especialmente a de Acácio, Patriarca de Constantinopla, que estava causando com a corda toda no Oriente.

A decisão mais importante que tiveram foi a de proibir a compra do cargo de bispo com donativos e favores, pelo fim da simonia e para tentar colocar um pouco de ordem na bagunça política do Vaticano.

Felix IV (ou III, dependendo da lista) durou pouco no papado. O 54º papa tinha uma vida mais promíscua que o Clube 54, e o rei Ostrogodo o manteve completamente isolado politicamente. Quando

ele morreu, Bonifácio II (que “coincidentalmente” foi o primeiro papa de origem Germânica) assumiu, sob as bênçãos do rei germânico. É o que se chama “papa do coração”! Por alguma estranha razão, o novo papa estava totalmente alinhado com os gostos do Imperador e, talvez por esta estranha coincidência, tenha durado bastante no trono.

Em 533 assumiu o papa Mercúrio I... Mercúrio I? *Não nesta vida*. Claro que o nome foi trocado imediatamente para João II, sendo ele o primeiro papa a não adotar seu nome de batismo. João II regularizou as eleições dos papas.

O papa Agapito I durou pouco tempo. Eleito pelo Imperador do Ocidente, viajou até Constantinopla para tentar impedir Justiniano de atacar a Itália. Foi recebido em um banquete em que morreu envenenado por ordem de Teodora, esposa do Imperador. Anote este nome, “Teodora”: ela terá influência definitiva para o cristianismo em alguns instantes (sou fã de garotas como Teodora, Marosia e Lucrecia)...

Silvério, que era filho do papa Hormisdas (sim, você leu certo... FILHO do papa Hormisdas), foi indicado pelo rei dos godos, chamado Teodato, como sucessor de Agapito I, em contrapartida a Vigílio, que era o favorito de Teodora. Não sou vidente, mas poderia prever que, em um ano, ele seria morto... Silvério foi martirizado e Vigílio tornou-se papa. Como disse... Teodora é “gente que faz”.

Justiniano também precisou convocar um Concílio para lidar com outra heresia, a da Reencarnação. Vigílio não concordava com a criação deste concílio. Foi exilado e morreu. Teodora é gente que faz!

O Céu e o Inferno

Antes de prosseguir, vamos analisar como estava o contexto da Europa naquele período: de um lado estavam os Helenistas, que tinham a crença em um Reino subterrâneo (Hades) e um Reino Celestial dos Deuses (Olimpo). Para o ocultismo, estas alegorias representam os estados vibratórios do Astral, desde os Reinos mais

baixos do Umbral (onde residem os kiumbas, goécios e toda sorte de entidades que convencionou chamar de “demônios”) até os reinos mais elevados e sutis do Astral. Já os seguidores de Yeshua pregavam a reencarnação (budistas, essênios, cristãos de languedoc, druidas, hereges, etc.) que trabalha com o conceito de Roda de Reencarnações, Livre arbítrio e Karma.

O concílio deveria decidir um único critério para ser imposto em toda a Igreja “oficial” cristã. Justiniano (na verdade, Teodora) é quem estava organizando os convidados. Desta maneira, praticamente todos os convidados eram bispos ortodoxos e escolhidos a dedo pelo Imperador.

Teodora era a filha do domador de ursos da cidade. Desde cedo fez grande carreira como cortesã e conseguiu que o Imperador Justiniano se apaixonasse perdidamente por ela. Quando se tornou Imperatriz, mandou executar 500 de suas ex-companheiras de labuta, entre escravas, prostitutas e sacerdotisas pagãs. Escravocrata e extremamente cruel, Teodora, quando aprendeu a doutrina essênica, ficou com muito medo de reencarnar como uma escrava negra e ordenou a Justiniano que revisse os códigos canônicos “para que aquilo nunca pudesse ocorrer”.

Depois de um concílio totalmente fanfarrão, votou-se que a versão oficial da Igreja seria a Helenista, baseando-se em conceitos de “Céu” e “Inferno” adaptados catolicamente do Hades e Olimpo, com uma diferença: pela imposição de Teodora, não haveria “reencarnação”. Seria possível simplesmente finalizar o que quer que você tenha feito na Terra e subir aos céus se tivesse os contatos certos.

Neste concílio, oficializaram e estruturaram também uma das ideias mais geniais (e a ÚNICA original) da Igreja cristita, que são as Indulgências. Funciona assim: você paga e compra o seu lugar no Céu. Mas nada de dar cheques sem fundos, hein? (ou a IURD bota você no SPC-Serasa!).

É neste período da história que Deus passa a ter a imagem antropomórfica de “velhinho barbudo que fica sentado em um trono sobre as nuvens”, o diabo assume a forma dos deuses pagãos (o

tridente, o deus-chifrudo, as patas de bode e por ai vai... [ver Cap.6: Demônios]).

Então... Graças a uma prostituta louca, assassina e racista, os católicos, evangélicos e cristitas acreditam que passarão a eternidade ao lado de anjinhos nas nuvens cantando glória a Deus ou ficarão para sempre nas garras do coisa-ruim, ardendo nos mármoreos do inferno. Teodora é gente que faz!

As repercussões do II Concílio de Constantinopla

Após o Concílio, o 60º papa escolhido por Justiniano foi Pelágio I, que deu continuidade às novas diretrizes. Em 561 assume João III, em 575 assume Bento I, em 579 Pelágio II e em 590 finalmente senta no trono de Pedro ninguém menos do que São Gregório Magno!

São Gregório Magno é responsável por duas coisas extremamente significativas na história da Igreja: a primeira é ter difundido os Cânticos Gregorianos.

O segundo foi ter “oficializado” Maria Madalena como sendo uma prostituta. No sermão de páscoa de 591, ele lançou ferozes ataques contra Madalena e contra seus seguidores (todo o povo do Sul da França). Os atritos de Languedoc com a Igreja Católica estavam longe de terminar, mas é importante conhecer as RAZÕES pela qual a Igreja inventou esta deturpação... Eles queriam minar a influência de Madalena, esposa de Jesus, no sul da França, da mesma maneira que queriam minar a influência dos outros deuses nas outras culturas.

Enquanto a dança dos papas para convencer os Europeus que a religião deles era a correta continuava, em 570 d.C. nascia na cidade de Meca ninguém menos do que Abu al-Qasim Muhammad ibn ‘Abd Allah ibn ‘Abd al-Muttalib ibn Hashim.

Em breve: Só há um Deus e Maomé é o seu profeta!

O ALCORÃO E A PAPISA JOANA

12.11.2010

Olá crianças,

Neste artigo continuaremos contando a história oculta da Igreja Católica, e as origens do Islã, uma das religiões mais bombásticas do planeta, bem como dos acontecimentos que dariam início à formação dos Cavaleiros Templários, Hospitalários e Teutônicos. Estamos no ano de 590 d.C. e São Gregório Magno acaba de ser coroado o 64º papa.

Enquanto o papa Sabiano I (604-606) organizava o número de vezes que os sinos deveriam ser tocados antes da missa ou se as velas deveriam ou não ser mantidas acesas o tempo todo nas igrejas, o papa Bonifácio III (607) decidia quantos dias seriam necessários esperar entre a morte de um papa e a eleição do próximo, Bonifácio IV (608-615) convertia os templos Vestais de Roma em Templos dedicados à Virgem Maria, Aedodato I (615-618) criava o “timbre papal” para validar documentos; Bonifácio V (619-625) instituía “imunidade de asilo” dentro das igrejas, e Honório I (625-638) perseguia ingleses e restaurava igrejas em Roma, Abu al-Qasim Muhammad ibn ‘Abd Allah ibn ‘Abd al-Muttalib ibn Hashim estava ocupado batendo em hereges, destruindo ídolos antigos e convertendo guerreiros no deserto Árabe.

Allah Akhbar!

Para os muçulmanos, Maomé (Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso; 570-632 d.C.) foi precedido em seu papel de profeta por Jesus, Moisés, Davi, Jacob, Isaac, Ismael e Abraão. Como figura política, ele unificou várias tribos árabes, o que permitiu as conquistas árabes daquilo que viria a ser um império islâmico que se estendeu da Pérsia até à Península Ibérica.

Não é considerado pelos muçulmanos como um ser divino, mas sim, um ser humano; contudo, entre os fiéis, ele é visto como um dos mais perfeitos seres humanos.

Nascido em Meca, Maomé (louvado seja, Senhor do Universo) foi durante a primeira parte da sua vida um mercador que realizou extensas viagens no contexto do seu trabalho. Tinha por hábito retirar-se para orar e meditar nos montes perto de Meca. Os muçulmanos acreditam que em 610, quando Maomé (o Clemente, o Misericordioso) tinha quarenta anos, enquanto realizava um desses retiros espirituais numa das cavernas do Monte Hira, foi visitado pelo anjo Gabriel que lhe ordenou que recitasse uns versos enviados por Deus. Estes versos seriam mais tarde recolhidos e integrados no Alcorão. Gabriel comunicou-lhe que Deus tinha-o escolhido como último profeta enviado à humanidade.

Maomé (soberano do Dia do Juízo) não rejeitou completamente o judaísmo e o cristianismo, duas religiões monoteístas já conhecidas pelos árabes. Em vez disso, informou que tinha sido enviado por Deus para restaurar os ensinamentos originais destas religiões, que tinham sido corrompidos e esquecidos.

Na opinião dos ocultistas, Maomé (Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda) provavelmente conseguiu entrar em contato com o seu Sagrado Anjo Guardião durante suas meditações, escrevendo os versos do Alcorão da mesma maneira que, 1.300 anos mais tarde, Aiwass teria ditado o *Livro da Lei* a Aleister Crowley.

Claro que, para variar, os habitantes de Meca rejeitaram a sua mensagem e começaram a perseguí-lo, bem como aos seus seguidores (mas nós já vimos este filme antes, certo?).

Meca era nesta altura uma cidade-estado no deserto, onde se encontrava um santuário conhecido por Caaba (“Cubo”) administrado pelos Coraixitas. A Caaba era venerada por todos os árabes, sendo alvo de uma peregrinação anual. Nela se encontrava a Pedra Negra (o nome dela é Al-Hajarul Aswad para quem quiser procurar no google... é uma pedra negra com cerca de 50cm de diâmetro que segundo as lendas “foi enviada por Deus dos céus” [há

uma chance de ser um meteorito que, de fato, caiu dos céus]) e uma série de ídolos, representações de deusas e de deuses, dos quais se destacava o deus nabateu Hubal.

Alguns habitantes de Meca distanciavam-se quer dos cultos pagãos, quer do monoteísmo dos judeus e dos cristãos, declarando-se hunafá, isto é, crentes no Deus único de Abraão, que acreditavam ter sido o fundador da Caaba. Apesar de a cidade não possuir recursos naturais, ela funcionava como um centro comercial e religioso, visitado por muitos comerciantes e peregrinos.

Em 622 Maomé (Guia-nos à senda reta) foi obrigado a abandonar Meca, numa migração conhecida como a Hégira (Hijra), tendo se mudado para Yathrib (atual Medina). Nesta cidade, Maomé (À senda dos que agraciaste, não à dos abominados, nem à dos extraviados) tornou-se o chefe da primeira comunidade muçulmana. O seu tio Zubair fundou a ordem de cavalaria conhecida como a Hilf al-fudul, que assistia os oprimidos, habitantes locais e visitantes estrangeiros. O profeta foi um membro entusiasta; ajudou na resolução de disputas, e tornou-se conhecido como Al-Ameen (“o confiável”) devido à sua reputação sem mácula nestas intermediações.

Seguiram-se uns anos de batalhas entre os habitantes de Meca e Medina, que terminaram com a vitória do profeta e seus seguidores. A organização militar criada durante estas batalhas foi usada para derrotar as tribos da Arábia e estabelecer uma unidade cultural.

Após a Hégira, o profeta começou a estabelecer alianças com tribos nômades. À medida que a sua força e influência cresceu, insistiu que as tribos potencialmente aliadas se tornassem muçulmanas. Casou suas filhas com líderes de outras tribos e ele mesmo casou-se com filhas de líderes influentes.

Alguns viram agora Maomé como o homem mais poderoso da Arábia, e a maioria das tribos enviou delegações para Medina, em busca de uma aliança. Antes da sua morte, rebeliões ocorreram em uma ou duas partes da Arábia, mas o estado islâmico tinha força suficiente para lidar com elas.

Um ano antes da sua morte, o profeta dirigiu-se pela última vez aos seus seguidores naquilo que ficou conhecido como o sermão final. A sua morte em Junho de 632 d.C., em Medina, com a idade de 63 anos, deu origem a uma grande crise entre os seus seguidores. Na verdade, esta disputa acabaria por originar a divisão do islão nos ramos dos sunitas e xiitas. Os xiitas acreditam que o profeta designou Ali ibn Abu Talib como seu sucessor, num sermão público na sua última Hajj, num lugar chamado Ghadir Khom, enquanto que os sunitas discordam.

Matem o Infiel!

Trinta anos após a morte do profeta, a comunidade islâmica mergulhou numa guerra civil que deu origem a três grupos. Uma causa próxima desta guerra civil foi que os muçulmanos do Iraque e do Egito estavam muito putos da vida com os desmandos de poder do terceiro califa e dos seus governadores; outra causa foi a de rivalidades comerciais entre facções da aristocracia mercantil.

Após o assassinato do califa, a guerra eclodiu entre grupos diferentes, todos eles lutando pelo poder. A disputa sangrenta só foi terminar com a instauração de uma nova dinastia de califas que governavam desde Damasco (e esta dinastia vai continuar até as Cruzadas).

Um dos grupos que surgiram desta disputa foi o dos sunitas. Eles tomam-se como os seguidores da sunna (“prática”) do profeta tal como relatada pelos seus companheiros (a sahaba). Os Sunitas também acreditam que a comunidade islâmica (ummah) se manterá unida. Eles desejavam reconhecer a autoridade dos califas, que mantinham o governo pela lei e persuasão. Os sunitas tornaram-se o maior grupo do Islã (cerca de 84% do total).

Dois outros grupos menores surgiram também deste cisma: Os xiitas e os kharijitas, também conhecidos por “dissidentes”. Os xiitas acreditavam que a única liderança legítima era a que vinha da linhagem do primo e genro do profeta, Ali. Os xiitas acreditavam que o resto da comunidade cometera um erro grave ao eleger Abu Bakr e

seus dois sucessores como líderes. Já os kharijitas inicialmente apoiaram a posição dos xiitas de que Ali era o único sucessor legítimo do profeta, e ficaram decepcionados quando Ali não declarou a guerra no momento em que Abu Bakr tomou a posição de califa, crendo que isto era uma traição ao seu legado por Deus. Ali foi mais tarde assassinado pelos kharijitas com uma espada envenenada.

Os Kharijitas consideravam que qualquer homem, até mesmo um escravo, poderia ser eleito califa, desde que reunisse um elevado caráter moral e religioso, e que era legítimo contestar um poder considerado injusto. Como os critérios de “justo” ou “injusto” são um tanto quanto subjetivos, podemos perceber uma certa tendência para a carnificina aparecendo nesta facção.

Tanto foi que em menos de 30 anos os Kharijitas se dividiram em quatro facções: os Azraqitas, os najadat, os sufris e os ibaditas.

A facção mais radical de todas eram os Azraqitas: consideravam como pecadores todos os outros grupos de muçulmanos e advogavam a luta contra o poder instituído, praticando atos de verdadeiro terrorismo político.

Distinguiam-se por duas práticas peculiares: a primeira era uma prova de sinceridade do recém-convertido ao movimento na qual se exigia que este decapitasse um prisioneiro adversário (imtihân) e a segunda constituía o assassinato religioso, que autorizava matar homens, mulheres e crianças fora do grupo (isti'râd). Entendiam que o território no qual viviam os outros muçulmanos era um território de infiéis (dar kufir), onde era permitido pilhar e matar.

O Alcorão

Entre 650 e 656 d.C., durante o califado de Otman, o *Alcorão* (livro cujo nome significa “a recitação”) se estruturou de uma forma mais oficial. Otman nomeou uma comissão para decidir o que deveria ser incluído ou excluído do texto final do Alcorão. Foi então constituído um “livro-referência” a partir do qual se criaram cópias que foram enviadas para Meca, Iémen, Bahrein, Bassora e Kufra. Somente mil anos mais tarde, em 1694, uma versão completa do Alcorão seria

publicada no Ocidente, na cidade de Hamburgo, por Abraham Hinckelmann, um estudioso rosacruz não-muçulmano.

De 632 a 661, os muçulmanos dominaram toda a península Árabe, a Pérsia (chegando até Damasco) e partes do Egito (chegando até Trípoli). Por volta de 732, ou seja, um século após a morte de Maomé, os muçulmanos expandiram seus domínios até a Espanha.

Enquanto Isso, no Vaticano...

Severino I foi eleito em 640 e seu governo durou dois meses: como primeiro ato, desafiou o Imperador de Constantinopla criticando a Igreja Ortodoxa. Como castigo, o Imperador invadiu Roma, saqueou a cidade e matou o papa. João IV (640-642) também criticou o monotelismo e a Enciclopédia Católica diz que ele “aceitou e repatriou vários dissidentes da Igreja Copta”. Comparando os gráficos, vemos que, na realidade, estes refugiados não estavam deixando a Igreja Copta e se tornando católicos, mas sim fugindo do Egito para não terem suas cabeças cortadas pelos muçulmanos Kharijitas...

Teodoro I (642-649) conseguiu durar 7 anos criticando a heresia monofisista, até que foi envenenado por agentes do Imperador. Martinho I (649-655) convocou um concílio em Latrão para terminar de uma vez por todas com estas desavenças e acabou sendo preso e exilado para a ilha de Naxos pelo Imperador, onde acabou morrendo devido aos maus tratos.

Eugênio I (654-657) teve mais sorte. Em 655 os ataques incessantes dos muçulmanos estavam dando tanta dor de cabeça ao Imperador Constante II que ele mal tinha tempo para se preocupar com os católicos. O papa Vitaliano (657-672), vendo que os muçulmanos estavam dominando toda a Pérsia e avançando pela Espanha, tomou uma importante decisão: foi o primeiro papa a autorizar o uso de som de órgãos durante a missa.

Adeodato II, percebendo que os muçulmanos haviam tomado diversas cidades no sul da Espanha e estavam fortificando cada vez mais suas posições na Turquia, tomou uma decisão importantíssima:

foi o primeiro papa a datar os seus atos com os anos do seu pontificado e a usar nas leituras a fórmula “Salute ed apostolica benedizione”.

O papa Dono (676-678) preocupou-se em resolver uma disputa entre bispos de Ravena; Agato I (678-681) preocupou-se com a Irlanda e com a Inglaterra; Leão II viajou até Constantinopla para o III Concílio de Constantinopla, para dar fim ao monotelismo, mas a sequência de disputas filosóficas sobre a natureza divina de Jesus prosseguiu pelos governos de Bento II (684-685), João V (685-686), Conon (686-687), Sérgio I (687-701) e João VI (701-705), quando finalmente os turcos otomanos cortadores de cabeças vieram bater às portas de Roma, após terem causado por toda a Espanha durante quase 50 anos sem que o Vaticano tivesse mexido um único dado a respeito.

A expansão Omíada

Muawiya era um homem poderoso, governava a Síria, tinha o seu próprio exército e era o chefe da Casa Omíada. Com o passar do tempo, ele foi cada vez mais liderando os sentimentos de insatisfação que dominavam Medina. A autoridade de Ali foi enfraquecendo e ele acabou assassinado em 661 d.C., numa conspiração armada pelos Kharijitas (cortem-lhe a cabeça!). Ali foi o último dos califas a representar o verdadeiro conceito islâmico de governante, ou seja, aquele que combina as funções de chefe de estado com as de líder espiritual.

Muawiya proclamou-se califa, inaugurando a dinastia omíada, com capital em Damasco, que governou o mundo muçulmano por 90 anos, de 661 até 750. Ainda que Muawiya não possuísse as qualidades de um chefe religioso, ele foi um administrador eficiente e mesmo seus críticos são unânimes em afirmar que ele foi um grande estadista. Durante seu governo ele passou por cima de todas as cidades do Sul da Espanha.

Seguindo em direção à Ásia, os muçulmanos completaram a conquista de Corassã e chegaram ao território que hoje corresponde

ao Afeganistão, ocupando Cabul. Muawiya construiu uma linha de fortalezas ao longo da fronteira, o que ajudava a manter os bizantinos afastados. Herdeiro dos estaleiros bizantinos da Síria, ele criou a primeira marinha do califado, e com ela chegou a atacar Constantinopla.

A Reconstrução de Roma

João VI e Sísino enfrentaram, com o auxílio das tropas de Ravena, os sarracenos que tentaram invadir Roma. Sísino passou a maior parte dos seus 3 meses de papado reconstruindo as muralhas destruídas de Roma. Constantino passou seu papado (608-615) pregando na Alemanha (curiosamente bem longe dos sarracenos), num trabalho de fuga de evangelização que foi continuado por Gregório II, que permaneceu fugindo e pregando na Germânia de 715 a 731 (embora tenha mandado erguer e renovar as muralhas de Roma, por medo dos muçulmanos). Gregório II também foi o primeiro papa a enfrentar os iconoclastas.

Vamos quebrar tudo!

Iconoclastia (do grego eikon [ícone], klastein [quebrar]) é a doutrina que se opõe ao culto de ícones religiosos e outras obras, geralmente por motivos políticos ou religiosos. No cristianismo, a iconoclastia é geralmente motivada pela interpretação literal dos dez mandamentos, que proíbem os fiéis de adorar imagens. As pessoas envolvidas em tais práticas são conhecidas como iconoclastas, um termo que passou a ser aplicado a qualquer um que quebra dogmas ou convenções estabelecidas ou as desdenha.

As escolas iconoclastas enfatizam a compreensão e a transformação interior. São exemplos delas: o sufismo na religião islâmica, hassidismo e a cabala no judaísmo, advaita ventana no hinduísmo e o zen e o dzogchen no budismo. Esses movimentos nunca se expandiram bastante por serem considerados suspeitos pelas hierarquias religiosas estabelecidas.

O primeiro ciclo do Iconoclasmo foi constituído nas culturas judaico-cristã e islâmica e na tradição filosófica grega. O segundo durante o Império Bizantino (século VIII e IX), quando a produção, disseminação e o culto das imagens foram proibidos. A doutrina dilacerou o lado do antigo Império Romano durante mais de um século e provocou uma sangrenta guerra civil, que só terminaria em 843 d.C., com a restauração do culto aos ícones na catedral de Santa Sofia, em Constantinopla.

Gregório III (731-741) seguiu firme na batalha contra os iconoclastas e também teve uma idéia brilhante: pedir o chamado “Óbolo de São Pedro”, que eram doações de reis e governantes para a manutenção do Vaticano, uma das fontes de renda da cidade até os dias de hoje. Zacarias (741-752) foi o primeiro papa a investir e aprovar uma coroação (no caso, Pepino, o breve, rei dos Francos, em troca de fartos óbolos para a ICAR). Zacarias também enfrentou uma situação inusitada: os mercadores de Veneza estavam traficando escravos cristãos para os muçulmanos.

Os próximos sete papas (Estevão III, Paulo I, Estevão IV, Adriano I, Leão III, Estevão V e Pascoal I) passaram seu tempo bajulando ora os lombardos, ora os francos, ora os bizantinos, ora os carolígenos, dependendo de quem tinha o maior exército e ofertasse os melhores óbolos na época. O Vaticano praticamente se prostituiu diante dos reis e imperadores europeus, alternando seu apoio para quem lhe pagasse mais.

O centésimo papa, Eugênio I (824-827), organizou a Cúria Romana e preparou novamente o conjunto de leis que regiam a escolha dos papas e as transições do bispado.

Enquanto isso, no reino dos sarracenos, Al-Khawarizmi desenvolvia a Álgebra e a Geometria entre as Escolas de Estudos Árabes, difundindo os algorismos que mais tarde ficaram conhecidos como “indo-árabicos”. Com as conquistas muçulmanas, os sábios árabes tiveram contato com as Escolas Iniciáticas Egípcias e absorveram muito do conhecimento de matemática, geometria, astronomia,

astrologia, espiritualismo, kabbalah, música e alquimia (Al Kimia significa “do país dos negros”) que os antigos gregos também detinham. Hoje em dia a maior parte destes ensinamentos ainda existe, dentro da filosofia chamada Sufismo (uma corrente iniciática muçulmana que existe até os dias de hoje [Jalal ud-Din Rumi, um sufi do século XIII, é hoje um dos poetas mais lidos nos EUA]).

A Papisa Joana

Os muçulmanos foram avançando pelo território até que conseguiram invadir e saquear Roma em 846 d.C., no papado de Sérgio II. O papa Leão IV passou boa parte de seu governo (847-854) reconstruindo os muros da cidade. Quando faleceu, elegeram por unanimidade o papa João VIII... Ou melhor, a papisa Joana.

A história da papisa Joana é bem controversa. Os católicos vão negar até o último fio de cabelo que ela tenha existido, embora haja um decreto no século IX proibindo explicitamente a sua colocação na lista de papas, a falta de um “João” na lista de papas e a existência da famosa “cadeira papal” que durou do século IX ao XVI não teria razão de existência se não fosse necessário comprovar o sexo do papa por algum motivo.

Na época, o escândalo de ter uma mulher infiltrada na Igreja que tivesse chegado à condição de papa teria sido abafado de todas as maneiras possíveis, tendo esta indiscrição perdurado até quase o século XI, quando o respeitável historiador Murdoch MacGroarty (1028-1082) estava compilando a lista de papas conhecida como *Chronicles of the Popes* e chegou a 20 papas de nome João. A lista de papas de Murdoch foi aprovada por Victor III, Urbano II, Pascoal II e Alberic de Montecassino e menciona a existência de uma papisa Joana.

Quando refizeram as contas, eliminando a papisa Joana quase 200 anos depois, o papa João XXI se recusou a mudar seu título e acabou ficando uma brecha entre os papas João VIII e João XIX. É ela quem aparece na imagem do Tarot de Marselha ocupando o arcano II, que se chama “Papisa” ao invés do tradicional “Sacerdotisa”.

A história mais confiável conta que Joana nasceu na Inglaterra, filha bastarda de um padre que, para ocultar o caso, precisou fugir para a Alemanha, onde a criou como um coroinha. Quando chegou a adolescência, Joana já sabia falar três línguas e possuía uma inteligência fora do comum. Foi enviada para estudar nas melhores escolas, sempre assumindo uma identidade masculina, pois não era permitida a presença de mulheres nos monastérios. Ela possuía um amante, também padre, que a acompanhou à Inglaterra, França e Grécia. Porém, conforme ficavam mais velhos, tiveram de mudar-se para Roma, pois em todos os outros monastérios era comum os homens cultivarem barbas e a presença de Joana estava ficando difícil de ser explicada.

Joana conseguiu ser nomeada cardeal, quando teria ficado conhecida como João, o Inglês. Segundo as fontes católicas, no dia 17 de julho de 855 d.C., Leão IV faleceu.

João, em virtude de sua notável inteligência, foi eleito Papa por unanimidade. Apesar de ter sido fácil ocultar sua gravidez, devido às vestes folgadas dos Papas, terminou por sentir as dores do parto em meio a uma procissão numa rua estreita, entre o Coliseu de Roma e a Igreja de São Clemente, e deu à luz perante a multidão.

As versões também divergem sobre este ponto, mas todas coincidem em que a multidão reagiu com indignação por considerar que o trono de São Pedro havia sido profanado. Ela teria sido amarrada num cavalo e apedrejada até a morte.

O clero de Roma, ferido na sua dignidade e cheio de vergonha por aquele acontecimento singular, publicou um decreto proibindo aos pontífices atravessarem a praça pública onde tivera lugar o escândalo. Por isso, depois dessa época, no dia das Rogações, a procissão, que devia partir da basílica de São Pedro para se dirigir a Igreja de São João de Latrão, evitava aquele lugar abominável situado no meio do seu caminho, e fazia um longo roteiro.

Os ultramontanos, confundidos pelos documentos autênticos da história, e não podendo negar a existência da papisa Joana, consideraram toda a duração do seu pontificado como uma vacância

da santa sede, e fazem suceder a Leão IV o papa Bento III, sob o pretexto de que uma mulher não pode desempenhar as funções sacerdotais, administrar os sacramentos e também conferir ordens sagradas. Mais de trinta autores eclesiásticos alegam este motivo para não incluírem Joana no número dos papas; mas um fato essencialmente notável vem dar um desmentido formal à sua opinião.

A Cadeira Furada

Para impedir que um semelhante escândalo pudesse renovar-se, imaginou para a entronização dos papas um uso singular e apropriado à circunstância, o qual leve o nome de “a prova da cadeira furada”.

O sucessor de Joana foi o primeiro a se submeter a essa prova, que passou a ser realizada na eleição do pontífice, no momento em que era conduzido ao palácio de Latrão para ser consagrado solenemente. Em primeiro lugar, o papa sentava em uma cadeira de mármore branco colocada no pórtico da igreja, entre as duas portas de honra; essa cadeira não era furada, e deram-lhe esse nome porque o santo padre, ao levantar-se dela entoava o seguinte versículo do salmo cento e treze: “Deus eleva do pó o humilde para o fazer assentar acima dos príncipes!”

Em seguida, os grandes dignitários da igreja davam a mão ao papa e conduziam-no à capela de São Silvestre, onde se achava uma outra cadeira de pórfiro, furada no centro, na qual faziam assentar o pontífice.

Antes da consagração, os bispos e os cardeais faziam colocar o papa sobre essa segunda cadeira, meio estendido, com as pernas separadas, e permanecia exposto nessa posição, com os hábitos pontífices entreabertos, para mostrar aos assistentes as provas da sua virilidade. Finalmente, aproximavam-se dele dois diáconos, asseguravam-se pelo tato de que os olhos não eram iludidos por aparências enganadoras e davam disso testemunho aos assistentes gritando com voz alta: “Temos um papa!”.

Este funcionário é chamado de Carmelengo e esta função era uma das mais importantes na aprovação do novo papa. Daqui originou-se o termo “Puxa saco”.

Essa cerimônia das cadeiras furadas é mencionada na consagração de Honório III, em 1061; na de Pascoal II, em 1099; na de Urbano VI, eleito no ano de 1378. Alexandre VI, reconhecido publicamente em Roma como pai dos cinco filhos de Rosa Vanozza, sua amante, foi submetido à mesma prova. Finalmente, ela subsistiu até o décimo sexto século, e Cressus, mestre de cerimônias de Leão X, refere no jornal de Paris todas as formalidades da prova das cadeiras furadas a que o pontífice foi submetido.

Leão X foi o último papa a ter de passar pela *cerimônia de puxação de saco*.

MAROSIA: ASSASSINATOS, PAPAS E CRUCIFIXOS

24.11.2010

Continuamos com a nossa série a respeito da história oculta do Vaticano e sua expansão através da Europa, em paralelo com a evolução do poder muçulmano na Arábia e Merovíngio no Sul da França. Da Reconquista da Espanha surgirão as bases das Ordens de cavalaria que mais tarde irão culminar com a fundação da Ordem dos Cavaleiros Templários.

Após Bento III ter estreado a famigerada “cadeira papal” e mostrado os culhões para ganhar o direito de usar a Mitra, começou o processo de fortificação de Roma por conta da ameaça dos muçulmanos. Bento III enfrentou vários problemas internos na Igreja, que culminaram com a eleição do antipapa Anastácio III durante alguns meses, quando a população de Roma tirou o concorrente do trono e recolocou Bento III no poder. Seu conturbado papado durou apenas alguns meses, tendo sido “esticado” oficialmente quando suprimiram a papisa Joana das fontes oficiais.

Nicolau I foi papa de 858 a 867 d.C. e seu governo foi marcado por conflitos com a dinastia dos Carolíngios (a dinastia que sucedeu os Merovíngios no sul da França – falarei mais sobre eles nos próximos artigos), em especial o imperador Lotário II.

O papa Adriano II (867-872) tentou novas reconciliações com os cristãos do sul da França, sem sucesso. O papa João VIII sofreu finalmente o ataque dos muçulmanos, que enfrentaram as forças italianas no sul do país. Durante seu papado, o sul da Itália passou por maus bocados nas mãos dos muçulmanos.

A partir de 872, as disputas internas pelo poder em Roma tornaram-se extremamente acirradas. Tanto João VIII (envenenado) quanto Marinho I (envenenado), Adriano III (esfaqueado, talvez porque não quis tomar o veneno...), Estevão VI (estrangulado), Formoso I (circunstâncias misteriosas) e Bonifácio VI foram assassinados em menos de 12 anos, devido a disputas internas pelo poder do papado.

O Sínodo do Cadáver

Não contente em matar seu antecessor, Estevão VII também resolveu sacanear Formoso I, seu inimigo pessoal, convocando o que ficou conhecido como o “Sínodo do cadáver”. O Sínodo do cadáver, também conhecido como Julgamento do Cadáver ou ainda, em latim *Synodus Horrenda*, é o nome pelo qual ficou conhecido o episódio do julgamento póstumo do papa Formoso que se deu na basílica de São João de Latrão em janeiro de 897 d.C.

À presença de Lamberto de Espoleto (governador de Roma) e da imperatriz-mãe, rodeados de eclesiásticos, foi trazido o cadáver mumificado de Formoso, retirado sacrílegamente de seu ataúde. Foi o corpo assentado num trono e acusado do grande crime de haver aceito ser Papa (os Papas são Bispos de Roma), quando já era Bispo de Porto. Intimado a se defender, e logicamente nada respondendo, foi o morto julgado criminoso, despojado das insígnias pontificais; cortaram-lhe os dedos da destra que abençoara as multidões; o corpo foi depois atirado ao rio Tibre.

Estevão VII, aliás, acabou seus dias aprisionado por seus ex-amigos e estrangulado, para variar. O papa Romano I o substituiu: inimigo mortal de Estevão VII, o primeiro ato que fez ao chegar no pontificado foi mandar encontrar o cadáver de Formoso e erigir um magnífico mausoléu para ele, redimindo-o de todas as “injustas acusações” feitas por seu antecessor. Alguém imagina como Romano I morreu? Certo... Envenenado em novembro de 879. E foi substituído pelo papa Teodoro II, cujo papado durou apenas vinte dias... Alguém quer chutar a causa de sua morte?

O século da corrupção

A partir de Teodoro II, a situação em Roma estava complicada para o pontificado. Cada vez que um papa morria, seus opositores saqueavam suas riquezas e atacavam a memória do papa e dos aliados anteriores. Também a corrupção generalizada e a venda de indulgências estavam causando muitos problemas para a Igreja.

Bento IV reinou de 900 a 903 d.C. e, além destes problemas, ainda teve de enfrentar os húngaros no norte da Itália e os muçulmanos no sul. O papa Leão V o substituiu, mas foi encontrado morto em circunstâncias misteriosas menos de 5 meses após sua posse. Foi substituído em 904 por Sérgio III, cujos historiadores da época o acusam de ter envenenado Leão V. Com Sérgio III começa o período conhecido como Pornocracia.

Pornocracia

A pornocracia (do grego *porne*, prostituta e *kratein*, governo) foi um período na história do Papado que se estendeu da primeira metade do século X, com a instalação do Papa Sérgio III em 904 por sessenta anos, e terminou após a morte do Papa João XII em 963 d.C.

Sérgio III possuía o apoio do Imperador Teofilacto, que era casado com uma mulher chamada Teodora (não confundir com a outra Teodora de Constantinopla) e tinha uma filha chamada Marosia. Marosia é gente que faz.

A belíssima Marosia começou sua carreira política aos quinze anos, quando tornou-se amante do papa Sérgio III (com 45 anos, na época). Mais tarde, quando completou 19 anos, casou-se com o nobre Alberico I de Espoleto (em 909). Marosia teve um filho com o papa em 910, chamado Alexandre de Tusculum (que nós conheceremos daqui a pouco com o título de papa João XI).

Sérgio III governou até 911, quando foi encontrado morto em circunstâncias misteriosas e foi substituído por Anastácio III, cujo papado durou dois anos e também foi encerrado por um assassinato. Lando I permaneceu seis meses no papado e também foi envenenado.

O papa João X, que substituiu Lando, era amante de Teodora (a mãe de Marosia), e foi considerado um papa enérgico. O maior problema enfrentado pelos italianos nesse período foi (surpresa!) os ataques muçulmanos, que continuavam tocando o terror no sul da Itália. No período de seu papado, os árabes destruíram os grandes mosteiros de Subiaco e de Farfa, além de assaltarem os peregrinos que iam a Roma, vendendo-os como escravos.

De saco cheio dos cabeças de turbante, João X organizou uma coalizão de ducados e, auxiliado pela esquadra bizantina, expulsou os infiéis do sul da Itália.

O ambicioso Alberico I, marido de Marosia, que comandara as tropas da coalizão, por influência de sua esposa, comandou uma revolução para tomar o controle de Roma, na qual morreu combatendo em 924.

Marosia se torna amante de João X, mas este se recusa a ceder aos seus comandos, tratando-a apenas como mais uma de suas concubinas.

Irritada, Marosia casou-se, então, com Guido de Túscia, com cujas tropas atacou Roma, fez trucidar o comandante pontifício, Pedro (o irmão de João), diante dos olhos do pontífice. Em seguida, mandou prender João X e torturá-lo durante um ano, até que este veio a falecer.

Marosia escolhe, então, um de seus amantes, Leão VI, como novo papa (enquanto o papa ainda estava vivo e sendo torturado na prisão). Leão VI dura exatos sete meses no papado, sendo assassinado por aliados de João X.

Estevão VIII foi colocado no lugar de Leão VI e governou sob o controle de Marosia durante dois anos e dois meses, quando foi assassinado. Em 931, Marosia decidiu colocar seu próprio filho, Alexandre de Tusculum, como papa João XI, na época com cerca de 21 anos, no poder papal.

Quando o segundo marido de Marosia faleceu em 929, Marosia negociou um casamento com o meio-irmão de Guido, Hugo de Arles, autoproclamado Rei da Itália, para continuar no poder; mas Alberico II, filho de Alberico I e legítimo sucessor do trono, irritou-se com a tentativa de traição da mãe e depôs os dois picaretas, aprisionando-a em um castelo por cerca de 8 anos, até sua morte em 937 (Hugo conseguiu escapar da cidade antes de ser preso).

Por influência de Alberico II, o próximo papa, Leão VII, foi escolhido entre os monges beneditinos. Para apaziguar a iminente guerra entre Alberico II e Hugo, ele consegue uma aliança que culmina no casamento de Alberico II com Alda, filha de Hugo. Seu papado ficou conhecido pela perseguição aos judeus e também aos bruxos, cabalistas e adivinhos, que eram expulsos das terras cristãs.

Estevão IX (939-942) entrou em conflito com os interesses de Alberico e terminou seus dias confinado no Palácio de Latrão, sendo substituído por um papa mais agradável aos interesses do rei, Marino II (942-946). Após este, Agapito II tentou por dez anos colocar ordem na promiscuidade que estava tomando conta dos palácios católicos. Também tentou, em vão, reestabelecer o celibato obrigatório e organizar a comunicação entre as igrejas. Morreu em 955 e, quando as coisas pareciam que voltariam ao normal no Vaticano, Alberico II faz os cardeais colocarem Otaviano, seu filho de apenas 18 anos de idade, como sucessor de Agapito II...

Otaviano (ou melhor, papa João XII), que ficou conhecido por violar virgens e viúvas e promover verdadeiras orgias no palácio papal,

acabou assassinado pelo marido de uma de suas amantes em 964 d.C. Assim terminava a pornocracia em Roma.

Papas fantoches e o celibato

O 132º papa, Leão VIII, teve problemas com o imperador Oto I, da Alemanha, que, sob ameaça de invadir Roma, o exilou e colocou papas fantoches no comando do bispado de Roma, que nada mais faziam do que obedecer às suas ordens. Neste período, seus domínios ficaram conhecidos como “Sacro Império Romano-Germânico”. Tanto Leão VIII quanto Bento V, João XIII e Bento VI foram indicados por Oto I.

Em 974, após a morte de Oto I, Bento VI, o papa escolhido pelo Imperador foi capturado e estrangulado na prisão em uma revolução anti-germânica e substituído por um bispo romano novamente, Bento VII.

Neste papado o celibato entre os clérigos é novamente reestabelecido, desta vez por conta da farra de compra e venda de títulos eclesiásticos, que resultavam em dioceses se tornando “propriedades” de famílias através da compra do cargo de sacerdote por filhos e netos. A partir de agora, todas as igrejas retornavam ao domínio de Roma, deixando os padres e bispos sem direito a repassar suas heranças para esposas ou filhos. *Esta é a verdadeira razão pela qual a Igreja Católica exige o celibato dos seus membros eclesiásticos.*

João XIV (983-984) foi indicado pelo Imperador Oto II e também foi assassinado por opositores. João XV, também indicado pelo imperador, ficou mais dez anos no papado, sendo substituído por Gregório V (que foi assassinado) e posteriormente Silvestre II (999 a 1003).

Silvestre II foi um papa diferente: monge beneditino francês, passou muito tempo no sul da Espanha, onde teve muito contato com a cultura árabe. Antes de se tornar papa, foi um dos principais divulgadores dos numerais indo-arábicos na Europa. Foi o inventor do primeiro relógio mecânico.

Atendendo a um pedido do imperador Oto II, dirigiu por um breve período a abadia de São Columbano em Bobbio e depois voltou a Reims (983), onde, como atuou como conselheiro do arcebispo Adalberon; deteve o controle da política francesa, favorecendo a ascensão ao trono de Hugo Capeto (Capeto... Capeta... Guarde este nome e esta dinastia, ela vai explicar mais para a frente a origem do termo “capeta” como sinônimo do tinoso).

Protegido pelo imperador Oto III, que, vinte anos antes, havia sido seu discípulo em Roma, Oto III levou-o consigo, como conselheiro, à Itália, onde fez com que fosse nomeado primeiramente arcebispo de Ravena (998), e depois, com a morte de Gregório V, favoreceu sua eleição ao papado (999).

Os ideais iluministas do papa francês e do imperador alemão, contudo, não eram compartilhados pela população romana; ambos foram expulsos da cidade em fevereiro de 1001 d.C. O papa pôde voltar a Roma alguns meses depois, mas, nos dois últimos anos de vida e de reinado, toda sua vontade reformadora desaparecera: suas últimas esperanças foram destruídas com a morte de Oto III (1002).

O novo Milênio

João XVII foi um “papa de transição”... Seu papado durou 4 meses. João XVIII ficou 5 anos, e finalmente, Sérgio IV, dois anos. Mas nenhum deles foi assassinado: eram velhinhos quando assumiram o papado. Bento VII enfrentou novamente os muçulmanos no sul da Itália e, ao final do seu mandato (1024), começou a articular os príncipes europeus em um movimento para a expulsão dos muçulmanos do “santo sepulcro”. João XIX, irmão de Bento VII, deu continuidade a este movimento.

Bento IX, o homem que foi papa 3 vezes

Quando João XIX faleceu em 1032, a aristocracia romana colocou no papado Bento IX, um rapaz de 20 anos cuja função era atender aos interesses da classe campestre de Roma, que não aceitava os outros candidatos mais velhos. Por não conhecer os protocolos do papado,

sua vida era um escândalo para a Igreja. Foi removido da cátedra e substituído por Silvestre III, mas em pouco tempo, os lordes de Roma o colocaram novamente como papa. Foi deposto uma segunda vez, em 1045, onde foi substituído por Gregório VI e posteriormente Clemente II, mas os lordes não desistem nunca, e Bento IX voltou a ser eleito papa em 1047. Pena que faleceu tão jovem, vítima de “intoxicação alimentar”... Foi substituído pelo papa Damaso II, cujo pontificado durou exatos 23 dias, vindo a falecer de “intoxicação alimentar” também.

O papa Leão IX também pegou um belo abacaxi para descascar... Durante seu pontificado ocorre a Cisma do Oriente, que foi a divisão entre a Igreja Ortodoxa e a Igreja Romana. As relações entre as duas Igrejas nunca foi lá essas coisas, mas teve a gota d’água com uma discussão teológica sobre a natureza do Espírito Santo, em 1054, que terminou na excomunhão de todo mundo por todo mundo e a ruptura formal entre as Igrejas.

Tanto Bento IX quanto Damaso II, Leão IX, Vitor II, Nicolau II e Alexandre II lutaram contra uma das maiores pragas dentro da Igreja Católica: a simonia, ou comercialização das coisas sagradas. Os três papas tentaram, em vão, lutar contra a venda de indulgências, badulaques sagrados e relíquias (a coisa era tão absurda que existia até mesmo o “prepúcio sagrado”, que era exatamente isso que você está pensando... de Jesus!). E antes de achar isso absurdo, saiba que o “prepúcio sagrado” ficou em exposição na catedral de Calcuta até 1983 (século VINTE), quando foi ROUBADO. Eu fico pensando... Quanto valeria um prepúcio sagrado no mercado negro de relíquias?

As Cruzadas

Gregório VII, sucessor de Alexandre II em 1073, foi um dos papas mais influentes da história. Em 1075, Gregório VII publica o *Dictatus Papae*, que são 27 axiomas onde expressa as suas ideias sobre o papel do Pontífice na sua relação com os poderes temporais, especialmente com os imperadores do Sacro Império. Estas ideias poderão resumir-se em três modestos pontos principais:

- 1 – O Papa é senhor absoluto da Igreja, estando acima dos fiéis, dos clérigos e dos bispos, e acima das Igrejas locais, regionais e nacionais, e acima dos concílios;
- 2 – O Papa é senhor único e supremo do mundo, todos lhe devem submissão incluindo os príncipes, reis e imperadores;
- 3 – A Igreja romana nunca comete erros.

No período de 1059 até 1087, as batalhas entre o chamado “Exército do Pontificado” contra os muçulmanos no norte da África foram se tornando cada vez piores e mais sangrentas. Finalmente, quando Vitor III falece em 1087 e o papa Urbano II assume o papado. No Concílio de Clermont-Ferrand (1095) Urbano II convocou os cristãos a uma guerra contra os “infiéis” muçulmanos, a fim de reconquistar Jerusalém. Iniciaram-se assim as cruzadas, expedições militares que partiam da Europa cristã a fim de combater os muçulmanos no Oriente [maiores detalhes no Cap.11].

PSICODELIAS, RELÂMPAGOS E CATEDRAIS

04.12.2010

Justamente quando estava escrevendo este artigo, li um texto postado pelo amigo Kentaro Mori sobre um estudo feito por cientistas a respeito de padrões psicodélicos encontrados em neurônios em curto circuito. Por coincidência, acabei de ler um livro chamado *Girando a Chave de Hiram* onde o autor relaciona justamente estas conexões e a ritualística templária e maçônica. Hoje, traçarei a relação entre psicotrópicos, mantras, orgasmos, meditações, relâmpagos, limiares da dor, religião, da falta de sono e até mesmo experiências de pós-morte e sua conexão com o Plano Astral e com a estrutura das primeiras catedrais européias.

Antes de mais nada, vamos ao texto original:

Psicodelia explicada por neurônios em curto

“Está cheio de estrelas”, disse o astronauta Bowman enquanto era absorvido pelo Monolito Negro em *2001 – Uma Odisseia no Espaço*. Uma sucessão de imagens psicodélicas (criadas com fotografia slit-scan) representavam então um contato com o Divino, ou o que quer que fosse, já que o próprio Kubrick nunca deixou claro o que diabos aquele final significava. Mas era algo grande, místico, mesmo religioso.

Imagens espirais e túneis de luz afins emergem repetidamente em experiências com drogas alucinógenas, e talvez não por mera coincidência, em iconografias religiosas resultantes de “visões”, como mandalas, arte islâmica ou catedrais cristãs. Não apenas isso, surgem também em experiências de “quase morte”, alucinações de sinestésicos, cefaléias, epilepsia, distúrbios psicóticos, sífilis avançada, distúrbios do sono, tontura e mesmo em pinturas rupestres de milhares de anos.

Esta universalidade parece indicar algo maior, quiçá contato com planos superiores, ainda que cefaléias, sífilis avançada ou distúrbios psicóticos como meio de se aproximar de Deus pareça um tanto bizarro. A neurociência aliada à matemática sugere uma explicação um pouco mais mundana. Porque a ciência já anda investigando o tema.

Nos anos 1920, o neurologista alemão Heinrich Klüver dedicou-se com afinco a estudar os efeitos da mescalina (peyote), e notou como tais padrões geométricos eram repetidamente relatados por diferentes sujeitos (incluindo ele mesmo, mas esta é outra história). Os padrões acabaram classificados no que ele chamou de “constantes de forma”, de quatro tipos: (I) túneis, (II) espirais, (III) colméias e (IV) teias.

Pois estudos recentes, aliando descobertas sobre o funcionamento do córtex visual a modelos do funcionamento de neurônios sugerem que tais padrões podem surgir simplesmente de uma espécie de curto circuito no cérebro. Perturbações simples no córtex visual, quando mapeadas ao correspondente que o sujeito perceberia, podem gerar padrões notavelmente similares às constantes de forma psicodélicas.

(...) Simples assim. Nada de enxergar Deus, e sim um produto da forma como nossos neurônios processam imagens, e como reagem assim a perturbações em seu funcionamento. “Está cheio de estrelas”, mas todas em seu cérebro.

Ou não tão simples, é preciso ressaltar. Neurocientistas, cientistas que são, admitem que ainda não conseguem explicar todas as alucinações relatadas. O próprio exemplo acima envolve uma complexidade maior do que os modelos usados, e a simulação envolve mais especulação. Mesmo o modelo utilizado para simular a percepção dos sujeitos frente às perturbações em seu córtex visual é, ainda, rudimentar, envolvendo diversas simplificações. É uma área ainda em exploração, mas pelo visto, extremamente promissora. Explicaria bem porque tanto religiosos em transe quanto drogados e sífilíticos em estado avançado poderiam partilhar as mesmas alucinações visuais. São seres humanos partilhando a mesma estrutura cerebral submetida a alguma perturbação.

– Kentaro Mori (publicado em seu blog, *100Nexos*)

Espiraís, Relâmpagos e Teias de Aranha

Uma das sete leis de Hermes Trismegistrus diz que “Todas as coisas se movimentam e vibram com seu próprio regime de vibração. Nada está em repouso”.

Das galáxias às partículas subatômicas, tudo é movimento. Todos os objetos materiais são feitos de átomos e a enorme variedade de estruturas moleculares não é rígida ou imóvel, mas oscila de acordo com as temperaturas e com harmonia. A matéria não é passiva ou inerte, como nos pode parecer a nível material, mas cheia de movimento e ritmo. Ela dança.

Os primeiros contatos com o Divino muito provavelmente aconteceram por causa dos relâmpagos. Robert Lomas, em seu livro *Girando a Chave de Hiran* conta que, certa vez, estava passando de automóvel quando quase foi atingido por um raio. O raio havia passado tão perto que, por alguns segundos, não apenas a parte

elétrica de seu carro teve problemas, mas ele teve uma “visão de Deus”. Naqueles pequenos instantes, que para ele pareceram uma eternidade, Lomas teve o contato direto com o Cósmico, fundindo-se ao todo, na sensação que os ocultistas chamam de Samadhi ou “pequeno mergulho no Nirvana”. O contato com Kheter.

Durante o livro, com a ajuda de diversos neurocientistas britânicos, ele traça paralelos experimentais entre o “curto circuito” que experimentou graças ao raio e as descrições de êxtase religioso encontradas em diversas literaturas, bem como experiências de neurocientistas como Michael Persinger, Andrew Newberg e Eugene D’Aquili envolvendo o comportamento do cérebro humano.

Mas voltando aos trovões e relâmpagos... É muito provável que desde os tempos mais remotos, muitos homens tenham passado pela mesma experiência que Lomas. Este “curto circuito” e posterior expansão da mente do indivíduo pelo Cósmico certamente resultariam em uma experiência transcendental, divina. O contato com o TODO, o Grande Arquiteto do Universo.

Não é de se estranhar, então, que alguns dos deuses mais importantes de todas as mitologias faziam uso do trovão como arma (Zeus fulminando seus adversários na mitologia grega, por exemplo). Ao quase ser alvejado por um raio e sobreviver, o indivíduo ou grupo de indivíduos passava a ter um legítimo contato com a divindade cósmica, e traduzia esta sensação indescritível com o melhor que seu vocabulário pudesse conceber. Enquanto isso, no plano material, os neurônios e sinapses expostos a campos elétricos causariam a sensação que Walter Leslie Wilmshurts chamou de “Consciência cósmica”. Não é de se estranhar que os antigos construtores de catedrais, trabalhando em campanários e outros locais elevados, sob tempo ruim, invocavam a ajuda de Santa Bárbara.

Tantra e Chakras

A experiência divina não é exclusividade do contato com raios e trovões. Paralelamente a isso, os iniciados conheciam técnicas de

magias sexuais derivadas do tantra para atingir o MESMO estado de iluminação, ou Samadhi. Através de orgasmos cada vez mais fortes e intensos, e do fluxo de energias despertando cada um dos chakras dos amantes, através da Kundalini, os iniciados conseguem experimentar o mesmo estado divino descrito pelas experiências acima.

Da mesma forma, outros exercícios de meditação, contemplação e masturbação têm sido utilizados para o mesmo fim. A energia canalizada durante este “curto circuito” é muito utilizada na chamada Magia do Caos, desenvolvida por Peter J. Carroll no começo do século XX, e não é muito diferente das antigas magias sexuais celtas ou egípcias.

Aposto minhas adagas ritualísticas que, se os neurocientistas medissem o padrão do córtex visual em um casal de sacerdotes durante o *Hieros Gamos*, ou de um casal iniciado tântrico durante o Maythuna, eles encontrariam o mesmo padrão descrito por Heinrich Klüver.

Meditação, Mantras e Mandalas

Outro caminho conhecido para se atingir este estado de “curto circuito” é através da meditação. Exercícios de “desligamento da mente” zen e técnicas envolvendo mandalas, mantras ou orações repetitivas, normalmente trabalhando em um padrão espiral, fazendo com que os sentidos objetivos sejam cada vez mais neutralizados, até que haja o travamento das faculdades objetivas e, como consequência, a conexão com os planos superiores.

O mesmo processo explica claramente porque muitos fiéis cristãos, ao envolverem-se demasiadamente com as orações (especialmente no terço, que é uma derivação do japamala budista), entram neste “curto circuito” durante as orações e chegam ao mesmo estado de consciência. A diferença é que, para estas pessoas, por desconhecerem o que está acontecendo, acreditam que “Jesus falou com elas”, pois não são capazes de explicar este contato com o Cósmico e, assim como os selvagens nas cavernas, tentam explicar ao mundo o que sentiram através de seu vocabulário limitado.

Novamente, se estes padrões cerebrais fossem medidos, teríamos o mesmo padrão, tanto que eles se repetem nos desenhos das mandalas, só que de uma forma invertida. Nas experiências com psicotrópicos, o usuário enxerga os padrões depois de entrar em contato com a droga; nas mandalas, o iniciado procura os padrões ANTES de causar o “curto circuito”.

Qual padrão é a causa e qual é a consequência?

O limiar da dor

Também é conhecido que estes padrões são encontrados em cefaléias, epilepsia, distúrbios psicóticos, sífilis avançada e outras situações do limiar da dor extrema. Estes estados mentais também causam o “curto circuito”, resultando os mesmos padrões descritos acima. Isto deu origem a uma série de rituais de iniciação e ritos religiosos envolvendo perfurações e suspensões por meio de ganchos, até os famosos faquires e devotos hindus, capazes de atravessar pregos pelo nariz, anzóis pela pele e ganchos por todo o corpo. Examine o córtex deles e teremos o mesmo padrão.

Este culto à dor pela iniciação existe até os dias de hoje, tanto em iniciações que envolvam suportar a dor, como o ritual de Gkol nas tribos de Vanuatu, que consiste em se jogar do alto de uma árvore ou penhasco amarrado em cipós como prova de iniciação da puberdade para a maioridade até talhar os próprios dentes para deixá-los pontudos ou perfurar a pele com piercings e anzóis, além das flagelações.

Durante a Idade Média, existiram muitas ordens monásticas que cultuavam a auto-flagelação. Açoites e chicotes como forma de penitência foram trazidos para a Igreja católica dos templos hindus, que por sua vez traziam este costume da maneira a conectar-se com o divino através da penitência.

Podemos ver resquícios desta ritualística até mesmo no cilício, instrumento composto de espinhos que são amarrados na coxa e apertados de acordo com a vontade do usuário, causando uma dor

contínua e muito forte. O cilício ainda é muito utilizado na Opus Dei e em outras ordens religiosas monásticas.

Sexo e a Dor

Os Etruscos possuíam templos destinados a ritos sexuais que envolviam prazer e dor (o mais conhecido é a Tombe de la Fustigazione), que deram origem à Lupercália romana e, mais tarde, ao dia de São Valentino (o “dia dos namorados” gringo). Até os dias de hoje, existem dentro de ordens do caminho da mão esquerda rituais de BDSM até o limiar da dor e do êxtase, onde se consegue chegar ao mesmo “curto circuito” da meditação zen. E aposto meu pantáculo saturnino que quando a iniciada estiver em êxtase, encontraremos nela os mesmos padrões descritos por Heinrich Klüver.

As drogas e os psicotrópicos

Outro aspecto muito comum nas iniciações é o uso de psicotrópicos e libertadores da consciência. Drogas como o haxixe, ópio, peyote, mescalina, folha de coca, LSD ou até mesmo o Santo Daimé têm a finalidade de desligar os sentidos objetivos e abrir as portas da percepção. Como foi colocado acima, o efeito resultante no Plano Material é o mesmo das outras experiências. Da mesma maneira, sinestetas enxergam sons, escutam cheiros, sentem cores e algumas delas (acabei de perguntar a uma amiga sinesteta pelo chat) enxergam espirais e estrelas no momento de um orgasmo. “Mas só dos mais fantásticos”, segundo palavras dela. O que comprova nossa teoria a respeito dos orgasmos tântricos e curtos circuitos.

Dança de Roda

Outra maneira de se atingir este “curto circuito” é através da dança ou das artes marciais. Danças sagradas de roda e danças ritualísticas existem em todas as culturas e religiões, muitas das quais com extremos aspectos místicos. Entre as principais eu vou citar os Dervishes, do ocultismo muçulmano (Eepa, eu escutei certo?

Ocultismo muçulmano? Sim crianças... Chegaremos aos sufis e dervishes em breve) e suas danças de roda. Aposto meu cálice de prata que se você medir os padrões do córtex deles, obterá os MESMOS resultados supracitados.

Também posso citar as dançarinas de dança do ventre ou dança dos sete véus ritualística e, claro, os praticantes de kung fu ou tai chi (especialmente tai chi).

A Árvore da Vida

Dentro da Kabbalah, na Árvore da Vida (diagrama que mapeia todos os estados de consciência do ser humano, do mais mundano até o divino), este processo é o caminho que conecta a décima esfera Malkuth (o mundo da matéria) à nona esfera Yesod (o mundo astral, ou intuitivo e acausal), representado pela letra hebraica “Tav”, que também é o símbolo da Ordem dos Franciscanos.

O Tau ou Tav representa a imaginação e todos os processos decorrentes da libertação da mente intuitiva da mente objetiva, que incluem todos os processos criativos e visionários. É o primeiro passo para a iluminação. Não é por acaso que todos os deuses representados em Yesod trabalhem com a intuição e com a conexão com a Consciência superior.

A Geometria Sagrada e os Rituais

Muitos dos Construtores de Templos conheciam as propriedades da geometria sagrada de induzir e promover estes estados psíquicos nos iniciados durante os rituais. Desde as proporções na Pirâmide, nos Templos Gregos e Romanos até chegarmos às catedrais cristãs e, posteriormente, às mesquitas muçulmanas e aos Castelos Templários.

Este conhecimento também permanece na África (O povo sempre se esquece que o Egito fica na África! Quando os muçulmanos tomam o Cairo e Alexandria, eles absorvem muito do conhecimento que estava disponível nas escolas e bibliotecas), trazendo a geometria sagrada para a Arábia. Com as expansões, levam este conhecimento para o sul da Espanha também.

Mas isso já é outra história...

BRAHMA, VISHNU, SHIVA, OS MUÇULMANOS E O ZERO

22.02.2011

Estamos chegando às vésperas da Primeira Cruzada e das origens secretas dos Templários, Hospitalários e Teutônicos (e também das histórias do Rei Arthur, com suas dezenas de versões e adaptações, e a chegada do Tarot na Europa... sim, todos estes assuntos estão interligados e veremos isso em breve).

Hoje falaremos dos hindus, muçulmanos e da origem espiritual do número Zero.

Seja no oriente ou no ocidente, a imagem circular de uma mandala (ou diagrama sagrado) é uma das mais intensas e utilizadas formas presente na história da arte.

A Índia, o Tibete, o Islã e a Europa Medieval produziram círculos em abundância, assim como todas as culturas mais antigas, seja através da pintura, seja através das danças circulares.

A imensa maioria destes diagramas está baseado na divisão dos quatro quadrantes, com todas as partes internas inter relacionadas de uma maneira ou de outra. Estas obras de arte são de alguma maneira cosmológicas; representam um símbolo que é a própria estrutura do universo: o zero.

Para os antigos, a própria arte de edificar estava intimamente ligada com o ser humano e com sua percepção do macrocosmos e do microcosmos; os quatro elementos, as quatro estações, os doze signos atravessados pelo sol em seu percurso nos céus, os círculos de divindades que representam o próprio homem e seus múltiplos aspectos... Mas o que mais impressiona nestes diagramas é a expressão da noção do Cosmos, ou seja, da realidade como algo organizado e completo dentro de si mesmo.

A geometria antiga dependia de alguns axiomas; ao contrário da geometria euclidiana e outras mais recentes, o ponto de partida do pensamento geométrico antigo não é uma rede de abstrações intelectuais, mas uma meditação dentro de uma unidade metafísica, seguida de uma tentativa de simbolizar através do visual a ordem pura que brotava através destas experiências divinas e incompreensíveis.

É esta aproximação com o divino que separa a geometria antiga (ou sagrada) da moderna (ou mundana). A geometria antiga começa pelo número um, enquanto a matemática moderna começa pelo número zero.

Antes de avançar até os muçulmanos, eu gostaria de falar mais um pouco sobre estes dois começos simbólicos: Um e Zero, porque eles proporcionam um exemplo fantástico de como os conceitos matemáticos nada mais são do que dinâmicas de pensamento, de estruturas e de ações.

Primeiramente, vamos considerar o zero, que é uma ideia relativamente recente na história do pensamento, apesar de estar tão integrado a nossos pensamentos que mal podemos conceber um mundo sem zero. As origens deste símbolo datam aproximadamente do século VIII d.C., quando aparecem os primeiros registros em textos matemáticos na Índia. É interessante notar que, paralelamente a estas anotações, florescia na Índia neste mesmo período uma Escola de Pensamento decorrente do hinduísmo (através de Shankhara) e do budismo (através do Navarana). Esta Escola tinha ênfase no objetivo de obter a transcendência através da meditação e escapar do Karma através da renúncia ao mundo material, até mesmo através da mortificação dos corpos físicos através do auto-flagelamento.

Este estado de Nirvana era atingido através do “nada”, um cancelamento total dos movimentos e dos pensamentos dentro da consciência concreta, um estado “zen”. Este aspecto de meditação era o objetivo máximo do desenvolvimento espiritual, a fusão com o “todo” e com o “nada” ao mesmo tempo.

Muitos consideram este período da história indiana como um retrocesso, um declínio das tradições tântricas que pregavam a união e a harmonização do material e do espiritual.

Foi neste período da devoção ao “vazio” que o conceito do zero apareceu. O resultado disto foi uma manifestação tanto através de um nome específico quanto de um símbolo, tanto na matemática quanto na metafísica. Na matemática, ele acabou se tornando um número, com implicações que falarei mais adiante. Seu nome em sânscrito é “Sunya”, que significa “vazio”.

Até então, como as pessoas se viravam sem o zero?

Na Antiga babilônia, Egito, Grécia e Roma, eram utilizados símbolos que representavam quantidades, como por exemplo, I, V, X, L, C, D e M. Em valores como 1005 (MV) ou 203 (CCIII), não havia a necessidade de um zero, pois os numerais eram formados por “caixinhas” que representavam uma determinada quantidade de elementos. V melancias eram 5 melancias... XII camelos eram 12 camelos e ninguém questionava os números. O conceito de “zero” camelos era marcado com um símbolo parecido com duas barras paralelas [//], mas existia apenas como resultado de contas, por exemplo $XII - XII = //$ representando “todos os camelos foram vendidos”.

Mas anotar um carregamento vazio é muito diferente de tratar o zero como uma entidade tangível.

Aristóteles e outros matemáticos discutiram o conceito do zero filosoficamente, mas a matemática grega, fortificada pelas influências pitagóricas vindas do Egito, recusavam-se a incorporar o zero em seu sistema.

E chegamos aos muçulmanos...

Os árabes, que do século VI ao XIV d.C. funcionaram como os grandes transmissores do conhecimento do oriente para o ocidente, trouxeram com eles o conceito do zero, além de nove outros números que também haviam sido desenvolvidos na Índia. Os números, como

os conhecemos, são baseados nos ângulos formados entre os traços [por exemplo, o nosso “2” veio de um símbolo que se assemelha a letra “z”; este símbolo possui dois ângulos entre os seus traços, logo forma o “2”].

O responsável pela transformação dos números indianos em árabicos foi o matemático e alquimista Al-Khwrizmi, cujas obras serviram de base para os trabalhos do ocultista, astrólogo, alquimista e matemático chamado Al-Gorisma (da onde vem a palavra Algoritmo), que trouxe estes numerais para os acampamentos árabes na Espanha. Seus trabalhos foram traduzidos para o latim por volta do século XII. Gradualmente, este sistema “árabe” foi introduzido na Europa e começou a alavancar progressos na ciência e no pensamento filosófico. A mente menos mística e mais prática dos comerciantes árabes transformou o conceito espiritual do zero em algo que poderia ter aplicações práticas para facilitar os cálculos, especialmente envolvendo números grandes ou cheios de colunas vazias, como 155.520.972 ou 4.805.162.342 ou 2012, por exemplo.

Silvestre II (que foi papa de 999 a 1003 d.C.), inventor do relógio mecânico, bem que tentou introduzir os algarismos na Europa, mas foi severamente reprimido e, após sua morte, seus sucessores papais consideravam o zero como sendo o “número do diabo” e mantiveram os números romanos como oficiais até meados do século XII. Apenas com a força dos comerciantes, que achavam o zero muito prático para fazer contas, é que seu uso foi definitivamente implementado na Europa.

As consequências para a ciência foram enormes, especialmente na aritmética. Até aquele momento, as adições de números necessariamente resultavam em números maiores que os originais. A partir do zero, chegava-se a operações como

$$3 + 0 = 3$$

$$3 - 0 = 3$$

$$30 = 3 \times 10$$

Até que alguém chegou a “ $0 - 3 = -3$ ”... OPA, MENOS TRÊS!?

O que poderia significar aquilo? A lógica começava a quebrar. Matemáticos, rosacruzistas e alquimistas se reuniram ao redor desta incrível curiosidade. Apesar de não fazer sentido no mundo real, estes “números negativos” tinham toda uma coerência dentro do sistema e despertaram uma nova gama de artifícios. Estes números eram chamados originalmente de “números espirituais”, pois não poderiam ser verificados materialmente, apesar de seus efeitos serem sentidos dentro da aritmética.

A matemática, que até então estava associada à forma e à geometria, passava a se tornar algo abstrato, mental. Originalmente, o impulso espiritual dos hindus não permitiu que o zero ficasse no início das contagens, então nos textos antigos, o zero é sempre colocado após o nove.

Somente no século XVI, quase na Era da Razão, é que o zero foi finalmente colocado antes do um.

A partir destes conceitos, foram desenvolvidos os números irracionais (como a raiz de dois, que até então era considerado um número mágico usado na geometria sagrada), logaritmos, e finalmente os números imaginários (a raiz quadrada de um número negativo), números complexos (um número real adicionado a um número imaginário) e finalmente números literais (substituir números por letras).

Não apenas o zero se tornou indispensável para nossas vidas como seu uso transformou a maneira como vemos a natureza e nossas atitudes a respeito de nós mesmo. Originalmente, o zero representava o vazio (Sunya), mas foi traduzido para o latim como Chiffra (que significava “nada”), mas os conceitos intrínsecos do “vazio” hindu/zen é muito diferente do conceito materialista de “nada” [lembrando que o “nada” não existe nem nunca existiu nem nalgum tempo existirá – basta ler a *Ética* de Benedito Espinosa para entender melhor].

Naquele período, a palavra “Maya” em sânscrito passou de seu conceito original “véu que divide a realidade” para “ilusão”, ou o aspecto ilusório do Plano Material. Durante o materialismo da matemática na Revolução Industrial, o zero tornou-se um objeto material e o Plano Espiritual tornou-se “ilusório”.

A mente racionalista começou a negar o conceito espiritual da unidade. A unidade perdeu sua posição para o zero e o advento do zero permitiu a extrapolação para as bases do ateísmo, ou “zero Deus”, a negação do espiritual.

A noção do zero também teve um efeito em nossos conceitos. Ideias como a finalidade da morte ou o medo da morte, e todas as filosofias baseadas na não-existência após a morte devem sua origem ao zero.

Al Mamum, Al-Hakim

Quando o assunto é história da arte, eu acabo me empolgando e sempre escrevo mais do que pensei a princípio... E acabei desviando do assunto... [que bom!]

Bem... A relação entre o início das cruzadas e a expansão dos conceitos matemáticos estão interligadas na figura dos estudiosos muçulmanos. Esta integração começa em 830 d.C. quando o califa Al-Mamum tem um sonho na qual Aristóteles conversa com ele e a partir disso, decide traduzir do grego para o árabe todos os livros de matemática e ciência que conseguissem pilhar na guerra contra os bizantinos.

Desta mistura de textos gregos, árabes e hindus, somado ao uso mais prático possível destas descobertas, que eram controle de estoques dos próprios exércitos muçulmanos... Armas, comidas, saques, divisões, etc... Sem contar a geometria, afinal de contas, os muçulmanos precisam rezar voltados para Meca, e alguém tem de calcular o ângulo correto durante as marchas dos soldados todos os dias... Já parou para pensar nisso? E sem calculadoras...

Todos estes fatores fizeram com que os escribas e sábios acompanhassem a expansão do Islã, chegando até a Espanha e até Jerusalém.

Como vimos anteriormente, os muçulmanos tomam Jerusalém em 638 d.C., oito anos após a morte do profeta Maomé, com os exércitos do califa Omar. Jerusalém, naquele período, tornou-se um centro de estudos, pois era um ponto intermediário entre Alexandria e o oriente, servindo de passagem dos conhecimentos entre o oriente e o ocidente. Durante mais de 300 anos, a cidade tornou-se um movimentado centro de comércio e estudos.

Jerusalém é considerada a terceira cidade mais sagrada do Islamismo (atrás apenas de Meca e Medina) e neste período chegou a ter mais de 70.000 habitantes. Jerusalém estava atrás apenas de Alexandria e Bagdá em termos de estudos de matemática, astronomia, astrologia e geometria.

O começo do fim ocorre quando o califa Al-Hakim ordena a destruição dos templos e sinagogas não muçulmanos, a partir de 1009 d.C., quando ordena a destruição do Santo Sepulcro. A destruição dos outros templos cristãos acabou adiada por conta das revoltas sunitas e, ironicamente, das revoltas xiitas posteriores, que acabaram fazendo com que sua atenção ficasse voltada para as próprias mesquitas destas duas facções. Mas isto foi suficiente para acender uma “luz vermelha” nas Ordens protetoras da Arca da Aliança (ou assim diz a lenda).

Uma noite, em 1021, Al-Hakim saiu para passear nos jardins de seu palácio e desapareceu. No dia seguinte, foram encontrados apenas sua montaria e seu manto, com manchas de sangue. Seu desaparecimento nunca foi solucionado...

Curiosamente, a primeira decisão de seu sucessor, Al-Zahir, foi permitir aos monges que viviam próximos ao Santo sepulcro a reconstrução do que havia sido destruído em 1009. Seu governo durou até 1036, quando faleceu vítima de uma praga. Al-Mustansir,

seu filho, tornou-se califa com a idade de 6 anos, sendo assessorado por 40 vizires até atingir a idade adulta. Al-Mustansir teve altos e baixos... No começo de seu reinado, os árabes tiveram um período de prosperidade e expansão, até 1065, quando uma seca terrível, seguida de pestes e fome assolou o Egito de 1065 a 1072, somada à guerra com os turcos e a derrota e perda de diversas cidades na região.

Com a morte de Mustansir e a tomada do poder por Al-Mustali (que muitos consideravam apenas um usurpador do verdadeiro califa, que seria Na-Nizar). Com os turcos ameaçando invadir Jerusalém a qualquer momento e a ameaça de destruição total dos templos, a guerra civil prestes a explodir e a expansão dos fatimidas pelos territórios bizantinos, a região da palestina tornou-se um problema.

A qualquer momento, algum *habibs* maluco iria tomar o poder e provavelmente mandar destruir todas as relíquias cristãs da cidade.

Estava na hora de fazer alguma coisa...

[Esta história continua, como já deviam imaginar, no Cap.11: As Cruzadas]

10. Rei Arthur

REI ARTHUR, EXCALIBUR E SABRES DE LUZ

16.02.2009

A história do Rei Arthur e da Távola Redonda é uma das mais fascinantes e misteriosas de todas as grandes histórias da humanidade. Fruto de quase mil anos de alegorias, fatos históricos, fatos ocultistas, lendas e curiosidades amalgamadas em um conto fantástico que até os dias de hoje gera curiosidade e respeito. Nos próximos artigos, vamos conhecer a fundo as origens de cada elemento presente nas histórias do Rei de Camelot.

A versão mais conhecida da história do Rei Arthur é uma mistura de diversas outras alegorias e está muito embasada na alquimia medieval e no simbolismo templário; para que possamos entender a fundo como cada um destes elementos se combinou na história completa, vamos primeiro separar peça por peça deste enorme quebra-cabeças, que às vezes pode ser tão complicado quanto as colunas do Ricardo Kossatz.

Primeira peça (do quebra cabeças): A Espada Mágica de Gilgamesh

*“Ó! Divino Gilgamesh,
eu te farei conhecer em todas as terras.
Eu ensinarei sobre (aquele) que experimentou todas as coisas.
Anu deu-lhe a totalidade do conhecimento do Todo.
Ele viu o Segredo, penetrou o Mistério.*

*Ele revelou o que houve antes do Dilúvio.
Ele fez grandes viagens, até o limite de suas forças
e quando voltou em paz...
Ele gravou numa estela de pedra a narração de suas proezas
e construiu as muralhas de Uruk, nosso lar,
e as paredes do Templo de Eanna, o sagrado santuário.”*

Gilgamesh é o primeiro guerreiro cujas aventuras foram eternizadas nos contos babilônicos. Um dia falarei especificamente sobre Gilgamesh, mas hoje vou focar em dois aspectos muito importantes de sua história: sua espada mágica e a sua descida ao inferno [busquem por “Gilgamesh” no *Teoria da Conspiração* para encontrar mais histórias].

A Espada de Gilgamesh era capaz de cortar através de qualquer objeto, até mesmo do Cedro Sagrado, que era uma árvore mágica do conhecimento, guardada por Humbaba, o terrível, e cuja madeira seria usada para fazer as portas do grande templo de Enlil.

A espada de Gilgamesh possuía sete gemas; e enquanto todas as jóias estivessem em seu lugar, a espada seria indestrutível e capaz até mesmo de matar demônios e deuses.

Mais tarde, temos na lenda de Ishtar também uma descida aos infernos, nas quais ela derrota 49 demônios guardiões dos 7 portais, e a cada portal vai perdendo uma peça de roupa, até chegar nua ao centro do Inferno. Com isso, Ishtar se torna a senhora do paraíso, responsável pelas chaves dos portais, que somente eram abertos para aqueles que eram instruídos nos Mistérios.

As 7 gemas, as 7 peças de roupa, os 7 pecados capitais, os 7 níveis de castigo do Inferno de Dante estão todos ligados a conceitos alquímicos de purificação e renascimento. Uma imagem simbólica da espada de Gilgamesh pode ser vista representando a Árvore da Vida e as sete gemas (Na mitologia oriental são chamadas de Esferas do Dragão... Sim, as mesmas do *Dragon Ball*). Então temos como primeira parte do enigma uma espada mágica brilhante formada por 7 gemas e capaz de cortar qualquer coisa.

Segunda peça: A Espada flamejante bíblica

“E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.”

– *Genesis 3, 24*

A Genesis, como alegoria da Kabbalah, traça a queda do ser humano do Paraíso para a Terra, representada pelo Mundo Material e a queda do Reino Espiritual. O Caminho 17, Zain (espada), que no tarot representa o Arcano dos Enamorados, faz a ligação entre Binah e Tiferet, a Grande Mãe e entrada do Paraíso e o Cristo dentro de todos nós.

Esta espada também representa o Caminho do Trovão (nas mitologias grega e nórdica) que é a descida simbólica pela Árvore da Vida. Na maçonaria, a espada permanece sempre sobre a mesa do Venerável Mestre e no Oriente, que simboliza o além do Abismo, ou o Paraíso Perdido.

A Espada Flamejante é empunhada por um querubim e serve para impedir que os impuros consigam retornar ao Plano Divino, a menos que tenham dominado todo o conhecimento necessário. Posteriormente, tanto o querubim quanto as chaves de Ishtar foram adaptadas nas chaves de São Pedro, que adquire as características de “porteiro do Céu”, responsável por verificar quem tem o “nome na lista” (ou, em outras palavras, não tenha pecados; e tenha derrotado seus demônios). Aquele que não possui a espada (chaves), não pode entrar no Reino dos Céus.

Terceira peça: Keter e a Coroa

De acordo com a Kabbalah, a Sefira de Keter é a primeira, e está ligada ao Mundo de Adam Kadmon – Homem Primordial. Keter faz parte do triângulo superior ou supremo (junto a Hochma e Binah), que está além da nossa realidade física. Keter se situa no topo da coluna central (Pilar do Equilíbrio). A coroa normalmente está na

cabeça do rei, mas não pertence ao corpo do rei, pertence ao reino (note que Malkuth quer dizer Reino).

Assim sendo, para cada ação existe um pensamento que a precede. Keter é a semente das manifestações que vão acontecer no mundo físico. É o potencial da manifestação. Imagine como uma semente de uma árvore que já contém toda a árvore dentro de si e que desaparece quando a árvore brota.

Keter é a inteligência ardente que canaliza a Força da Luz da Criação para as demais Sefiroth. Funciona como um super computador que contém o inventário total do que cada um de nós é, alguma vez foi ou será. Como tal, não só é a gênese de nossas vidas neste reino da Terra, mas de todo pensamento, ideia ou inspiração que teremos enquanto estivermos em nossa jornada.

Quarta peça: A Árvore da Vida e a representação simbólica de cada elemento

Não vou explicar passo a passo porque senão este artigo não acaba nunca, e eu já falei sobre isso em artigos anteriores... Malkuth (o Reino, o Plano Material, o Mundo do Creu) representa o elemento TERRA, ou pedra, da onde se origina a simbologia do homem ser feito de barro, mas ao mesmo tempo à imagem e semelhança de Deus (Keter), ou 1=10.

[Relembrando: Yesod, Hod e Netzach = AR; Tiferet, Geburah e Chesed = ÁGUA; Binah, Hockmah e Keter = FOGO].

Quinta peça: A Espada que decepou São João Batista

São João Batista é, depois de Jesus e Maria Madalena, a personalidade mais importante para os gnósticos, cátaros e templários (mas não confundir com São João padroeiro da Maçonaria, que é outro São João).

João Batista foi um pregador judeu, do início do século I d.C., citado por inúmeros historiadores, entre os quais estão Flávio Josefo e os autores dos quatro Evangelhos da Bíblia. Segundo a narração do Evangelho de São Lucas, João Batista era filho do sacerdote Zacarias

e Isabel (ou Elizabete), prima de Maria, mãe de Jesus. Foi profeta e considerado pelos cristãos como o precursor do prometido Messias, Yeshua, além de ser considerado um dos grandes profetas do Islã.

Foi iniciado com Jesus nas pirâmides do Cairo e, de volta a Jerusalém, batizou muitos judeus, incluindo o próprio Jesus, no rio Jordão, e introduziu o batismo de gentios nos rituais de conversão judaicos, que mais tarde foram adotados pelo cristianismo.

O aprisionamento de João ocorreu na Pereia, a mando do Rei Herodes Antipas I no 6º mês do ano 26 d.C.. Ele foi levado para a fortaleza de Macaeros (Maqueronte), onde foi mantido por dez meses até ao dia de sua morte. O motivo desse aprisionamento apontava para a liderança de uma revolução [ver Cap.4: Jesus].

Herodias, por intermédio de sua filha, Salomé, conseguiu coagir o Rei na morte de João, e a sua cabeça foi-lhe entregue numa bandeja de prata; e depois o corpo foi queimado em uma fogueira numa das festas palacianas de Herodes.

Os discípulos de João trataram do sepultamento do seu corpo e de anunciar a sua morte ao seu primo Jesus. Mais tarde, a espada que decepou João Batista tornou-se uma relíquia Templária.

Percival e a Espada de São João Batista

Dizia-se que era uma espada que estava condenada a falhar com seu dono no momento mais importante de uma jornada. Chretien de Troyes, em seu conto *The Story of the Grail*, escreve que esta espada mágica é dada a Percival quando ele chega no castelo do Graal, com o aviso de que quebraria em sua hora mais necessária. Mais tarde, Percival quebra a espada, mas é conduzido para uma forja guardada por duas serpentes e somente ali a espada pode ser consertada, e nos é explicada que a espada foi quebrada pela primeira vez muitas eras atrás, nos Portões do Paraíso (Sacaram... Duas serpentes? Caduceu de Hermes? Paraíso?)

O nome Percival vem de *Pierce Veil* (ou “aquele que perfura o véu”), representando a espada (mente) que consegue atravessar o véu das ilusões.

Sexta peça: e s Calibur

Muitos historiadores atribuem a espada Excalibur a Julio Cesar, Imperador de Roma. Quando Cesar tomou o poder, mandou forjar uma espada com seu nome que se denominava “Cesars Calibur” e guardava essa espada como um grande tesouro.

Quando foi morto, a espada junto com outros pertences, foi levada e guardada em um local secreto. Quando a expedição de Ricardo Coração de Leão estava a caminho de Jerusalém, parou em um mosteiro para passar uma noite, e lá Ricardo ganhou de presente uma espada que já estava guardada a anos. Mas da palavra Cesars Calibur só se podia ver “e s Calibur”, devido ao envelhecimento da espada.

Sétima peça: Espadas de Luz Celtas

As lendas do século VI e VII celtas narram aventuras onde jovens guerreiros são presenteados com espadas mágicas capazes de cortar qualquer coisa, seja ela material ou espiritual, mas que precisam se mostrar dignos de empunhá-las, caso contrário, elas se quebrarão no momento em que mais necessitarem dela.

Em um dos mais antigos contos gauleses, Peredur, um jovem herói, visita seus três tios com o objetivo de se tornar rei. Em cada um dos tios, ele é testado. Na primeira corte, seu tio lhe entrega uma espada e pede que ele corte através de uma coluna de ferro. Quando Peredur a golpeia, ele corta a coluna, mas quebra a lâmina no golpe. Seu tio pede que ele tente novamente e ele quebra mais uma vez tanto a coluna quanto a espada. Na terceira tentativa, ele destrói a espada e não consegue reconstruí-la. Para tanto, precisa passar por diversas aventuras, até se tornar merecedor da espada, quando finalmente ela é refeita e entregue a ele.

Mais tarde, voltaremos a Peredur nos contos do Graal, mas com o nome de sir Gawain.

Esta “quebra” da espada corresponde, simbolicamente, ao Abismo de Daath na Kabbalah.

Oitava peça: Os Mitos irlandeses

Gael Bulg

Gael Bulg (ou Gael Bolga) é o nome da lança mágica do trovão, do herói Cuchulain. Esta lança mágica possui sete espinhos (que coincidência!) e diversos poderes, tendo sido fabricada a partir do esqueleto de uma serpente marinha chamada Coinchenn, morta em um combate contra outra serpente chamada Curruid. A heroína Scatchac entrega a lança a Cuchulain (os dois monstros marinhos guardavam as fronteiras da Terra, de maneira muito semelhante a serpente de Midgard na mitologia nórdica... novamente, árvores, serpentes e o número sete).

Caladbolg

Caladbolg é o nome da “espada do trovão”, a arma mágica empunhada pelo rei Fergus Mac Roich. Segundo historiadores, pode ser uma adaptação posterior da lenda de Gael Bulg, cuja lâmina foi adaptada para uma espada de duas mãos. Uma arma mágica, que traçava um círculo de luz quando se movimentava no ar.

Caledfwlch

Esta espada mágica aparece pela primeira vez no texto celta *Culhwch and Olwen*, de meados do século XI d.C., onde é a arma mais preciosa do rei e utilizada pelo guerreiro Llenlleawg para matar o rei irlandês Diwrnach. Mais tarde, no conto *The Dream of Rhonabwy*, esta espada aparece novamente, desta vez nas mãos do Rei Arthur.

O escritor Geoffrey of Monmouth (1100-1155) latiniza Caledfwlch para Caliburnus no texto *History of the Kings of Britain*.

Nona peça: A Espada de Sigmurd

Nas lendas nórdicas, o herói Sigmurd remove a espada mágica que havia sido cravada por Odin na Árvore Barnstokkr (uma macieira considerada sagrada), na série de textos chamada *Volsunga Saga*, do

século XIII d.C. e baseado em contos tradicionais do século V e VI d.C.

Odin havia decretado que somente aquele que fosse digno conseguiria remover a lâmina de dentro da árvore, e seria digno de se tornar seu dono. Durante um combate, a espada é quebrada no momento mais crucial, mas depois de forjada novamente, se torna capaz de cortar uma bigorna ao meio.

Novamente, árvores, lâminas cravadas que se quebram no momento crucial...

Décima e última peça: A pedra de Scone

A pedra de Scone (Stone of Scone), a pedra que precisa ficar debaixo do trono do Rei da Inglaterra durante sua coroação.

Esta pedra é tida como o travesseiro de pedra mencionado na Bíblia, na qual Jacó repousa a cabeça:

“E chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por seu travesseiro, e deitou-se naquele lugar.

E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela.”

– Genesis 28, 11-12

Esta pedra também é tida em alguns textos, especialmente no *The History of the Kings of Britain*, como sendo a pedra na qual a espada do Rei Arthur estava cravada.

Finalmente: Montando o quebra-cabeças

Nos romances Arthurianos várias explicações são dadas para a posse da Excalibur por Arthur. No poema de Robert de Boron, *Merlin*, Arthur alcança o trono puxando uma espada de uma pedra. Nesse relato, esse ato não poderia ser feito se não pelo “verdadeiro rei”, ou seja, o verdadeiro herdeiro de Uther Pendragon. Esta espada é tida por muito como a famosa Excalibur e sua identidade se torna

explicita no posterior *Vulgate Suite du Merlin*, parte das *Prosas de Lancelot*.

Mais tarde, em outros poemas, ele recebe esta espada da Dama do Lago (que descreverei em detalhes mais para a frente) e, na vulgata, ele consegue excalibur primeiro na pedra, depois a quebra e finalmente, a recebe novamente, consertada, pela Dama do Lago (que representa o elemento água, ou o emocional), em um percurso simbólico através de todas as sephiroth da Kabbalah.

Robert de Boron era um cavaleiro templário que viveu no século XII e foi o primeiro autor a dar ao mito do Graal uma vertente cristã. São deles os poemas *José de Arimatéia* e *Merlin*, bem como a *Morte de Arthur*, além do verso *Perceval*. Robert de Boron, mil anos antes de Dan Brown, já havia sugerido uma linhagem sagrada para Jesus... Mas o descendente do Rei Salomão só é revelado por Chretien de Troyes: Lancelot.

De acordo com Robert, José de Arimatéia ficou responsável por tomar conta do Santo Graal (Sangreal), que seria o cálice que recebeu o sangue de Jesus. A família de José de Arimatéia trouxe o Graal para Avalon (Ilha das maçãs, ou historicamente Glastonbury, local da primeira igreja cristã erigida na Inglaterra, em 65 d.C.). Falarei sobre Glastonbury mais para a frente, quando falar de Avalon.

A “Espada enterrada na terra” (ou relâmpago, ou escada) é um simbolismo para o próprio entendimento da Árvore da Vida e, através disto, o autoconhecimento. O caminho da espada desde ser removida da terra (Malkuth) até chegar a coroa (Keter) passa por todas as lendas acima, cada uma sendo uma visão ligeiramente diferente da mesma coisa, porém dentro do mesmo simbolismo.

O mito da “espada de luz que só pode ser empunhada pelo escolhido, ou por aquele que a merecer” é um arquétipo universal que existe até os dias de hoje, representando o autoconhecimento e o domínio sobre si mesmo. Isso para não falar em “reis com espadas quebradas” do Tolkien.

A seguir: encontrar o Graal deve você!

O SANTO GRAAL E A LINHAGEM SAGRADA

04.03.2009

Anteriormente falamos sobre Excalibur e o simbolismo da Espada dentro da Alquimia e do Ocultismo, bem como das origens de uma das mais famosas armas mágicas de todos os tempos. Esta semana, nos aventuraremos na origem e significado do Cálice Sagrado.

A Cornucópia

Um dos amuletos mais comuns e conhecidos no mundo são os pedaços de chifres e cornos (ou metais e corais moldados à forma de um chifre). Este amuleto é também chamado de Cornucópia de Amaltea e sua origem data das celebrações gregas.

E quem era Amaltea?

Amaltea era uma cabra descendente do Sol que vivia numa gruta no monte Ida, em Creta. Ou segundo outras fontes, era uma ninfa, filha de Meliseo, que alimentou Zeus com o leite de uma cabra.

Segundo as lendas, quando Zeus era pequeno e estava escondido de seu pai, Saturno (Chronos) e era tratado por Amaltea, num ataque de ira, o deus menino agarrou com força o corno da cabra, puxou-o e arrancou-o, produzindo uma enorme dor à sua cuidadora. Quando Zeus ficou adulto, ele concedeu ao chifre arrancado o dom da abundância; a partir desse momento o chifre estaria sempre cheio de alimentos e bens que o seu dono possa desejar.

Quando Amaltea morreu, foi levada a Zeus, que a transformou na constelação de Capricórnio. O chifre ficou conhecido como “a cornucópia” ou “o corno da abundância”. Desta maneira, ao mesmo tempo, este símbolo representava o poder fálico dos deuses criadores e o ventre gerador da vida feminino. Traçando um paralelo com a

Kabbalah hermética, temos o Caminho de Daleth, entre Hochma e Binah.

Cornu Copiae

Já na mitologia romana, a cornucópia deriva do latim “Cornu copiae”. A cornucópia ou corno da abundância é um dos cornos do deus-rio Aqueloo, metamorfoseado em touro, que lhe foi arrancado por Hércules, quando lutava contra ele.

Segundo outros textos romanos, a lenda segue a original grega: é um chifre da cabra com cujo leite, a ninfa Amaltea, amamentou Júpiter na sua infância, quando se escondeu de seu pai, Saturno, para que este não o devorasse. Diz-se que Júpiter arrancou o corno à cabra enquanto brincava, e ofereceu-o a Amaltea, assegurando-lhe que o corno se encheria de frutos cada vez que ela o desejasse. A cornucópia é um atributo muito mostrado nas moedas romanas, nas mãos de divindades benéficas, como Ceres e Cibeles, ou de alegorias como a Abundância e a Fortuna.

Como curiosidade, a cornucópia é usada atualmente como símbolo do Mestre de Banquetes em algumas ordens cavaleirescas e na maçonaria.

O Chifre de Epona e o Unicórnio

Entre os povos gauleses, a principal divindade relacionada com os equídeos é a deusa gaulesa, ou melhor, galo-romana, chamada Epona (ou Epona Regina), cujo nome deriva do gaulês *epo*, que significa cavalo. O seu culto difundiu-se até à Bretanha e ao leste da Europa, especialmente na região de Borgonha. Na Península Ibérica foram documentados alguns vestígios epigráficos que testemunham o seu culto.

Epona possui diversas referências e numerosas imagens da deusa, geralmente montada sobre um cavalo. A deusa era representada muitas vezes com uma série de atributos, como a cornucópia ou a patera (espécie de bacia de cerâmica onde eram feitas as oferendas, semelhante a um caldeirão raso), que a relacionam com a

abundância e a prosperidade. Também estava vinculada com as fontes e ao mundo espiritual.

Da fusão destas duas características da mesma deusa surgem os primeiros relatos medievais de uma criatura encantada que vocês já devem estar imaginando quem seja: o Unicórnio. O Cavallo Branco, símbolo sagrado para a Deusa Epona, associado ao chifre mágico que tudo produz. Claro que esta criatura não existe no Plano Físico, embora muitos picaretas ao longo dos milênios tenham tentado forjar unicórnios com esqueletos de cavalos e narvais, além de rinocerontes e de uma criatura particular chamada Orix.

Até então, o Unicórnio estava associado a um BOI de um único chifre, não a um cavalo. Na Bíblia, em Números 23:22 e no Deuteronômio 33:17, é citado o unicórnio como um animal de força extraordinária. Nos ritos antigos, era costume cortar um dos chifres do maior e mais viril touro do rebanho para ser usado como taça cerimonial para beber o vinho sagrado ao final dos rituais egípcios, junto com o Pão (e qualquer semelhança com a Santa Ceia e o Cálice Sagrado NÃO é mera coincidência!).

O Touro, agora considerado sagrado, era chamado de *Uni-corno*. Somente com os gauleses e com Epona esta associação passou a ser feita com cavalos. Uma curiosidade é que durante todo este tempo, na história grega, o unicórnio não aparecia em textos de Mitologia, mas sim em textos de biologia, pois os gregos estavam convencidos de que era uma criatura real.

E desta relação surgem as lendas a respeito da pureza necessária para se tocar o chifre de um unicórnio. Embora o primeiro escritor a descrever que “somente uma virgem poderia cavalgar um unicórnio” foi o Grão Mestre Leonardo DaVinci, em suas anotações datadas de 1470 d.C., para o quadro “Jovem sentada com unicórnio”.

Mimisbrunnr

Um dos chifres que também é famoso na mitologia é o Gjallarhorn, narrado nas *Prosas Eddas* do século XIII d.C., que originalmente é o chifre usado por Odin para beber a água da sabedoria da fonte que

fica debaixo de Yggdrasil, a Árvore da Vida. De acordo com a história, qualquer um que seja capaz de beber deste chifre terá vida eterna e abundância material. Para vocês terem uma idéia de como este conhecimento é valioso, de acordo com a lenda, Odin sacrificou um de seus olhos em troca da oportunidade de beber destas águas (a razão pela qual Odin sempre é retratado com um tapa-olhos nas imagens nórdicas).

Este chifre acaba se tornando a posse de maior valor de Heimdall, o guardião da Ponte do Arco-Íris que liga Aasgard à Terra (que simbolicamente representa o caminho de Tav na Kabbalah, unindo Yesod a Malkuth, com todas as simbologias associadas a este caminho). O Gjallahorn é a trombeta que será tocada no dia do Juízo Final para anunciar o Ragnarok.

O Caldeirão de Cerridwen

O Caldeirão de Cerridwen era um caldeirão enorme, de ferro e extremamente útil para exércitos: conta-se que, por estar intimamente ligado com o Reino dos Mortos, quando guerreiros mortos em combate eram colocados em suas águas mornas eles retornavam á vida, porém perdiam a capacidade de falar. Estes guerreiros podiam voltar para o campo de batalha até serem mortos novamente, quando não mais poderiam retornar ao mundo dos vivos.

Minha opinião pessoal (e não embasada por nenhum livro, que eu saiba) é que esta lenda retrata algum tipo de iniciação semelhante ao Taubólio romano, nas quais os soldados mais indicados para a iniciação aos mistérios passavam por uma morte simbólica no sangue do touro e renasciam abençoados por Hades. O silêncio tem paralelos muito marcantes com os votos de silêncio templários, o voto de Harpocrates e outros votos também realizados pelos que passavam pelo “batismo de sangue”, mas estou começando a entrar em áreas que não posso comentar aqui...

O Caldeirão de Dagda

O deus supremo do panteão celta é chamado de Dagda (esposo da deusa da natureza e prosperidade, Danu). O Dagda é uma figura paternal, protetor da tribo e o deus “básico” do qual outros deuses masculinos podem ser considerados variantes. Também associado com Cernunnos e outros deuses “chifrudos” tanto do panteão celta quanto do panteão grego. Os Contos irlandeses descrevem Dagda como uma figura de força imensa, armado de uma clava e associado a um caldeirão (o Caldeirão de Sangue, que continha diversas propriedades mágicas).

E adivinhem o que este caldeirão fazia?

O Caldeirão de Dagda estava sempre cheio de sopa, vegetais e frutas, providenciando abundância e alimentos para todos a seu redor, sem nunca se esgotar. Poderia servir a toda uma tribo durante um banquete e nunca estaria vazio. O Caldeirão de Dagda é considerado um dos quatro tesouros da Irlanda (os outros são a Espada de Nuada, a Lança de Lugh e a Pedra de Fal).

Note que, mais uma vez, fazem-se referências aos quatro elementos da Alquimia e aos quatro naipes do Tarot, quase seiscentos anos antes do tarot aparecer “oficialmente” na forma de cartas.

O Mabinogion

Nas lendas posteriores, o Caldeirão de Cerridwen passa a ter sua localização nos Reinos Subterrâneos, mas mantém suas propriedades de sabedoria, vidência e prosperidade, culminando no famoso poema *The Spoils of Annwn*, onde o conhecemos como o “Caldeirão do rei Odgar”. Este caldeirão mágico é roubado do rei Odgar pelo Rei Arthur e seus homens, no poema *Culhwch and Owen* (onde estavam os celtas quando distribuíram as vogais?).

Neste poema, temos o primeiro contato com uma “jornada aos reinos Subterrâneos” em busca de um “Caldeirão Mágico”. O caldeirão é, então, levado por Arthur para a casa de Llwydeu, filho da deusa Rhiannon. Até ai tudo bem, mas Rhiannon é outro nome para

Epona, “A Grande e Divina Rainha”, que se torna, então, proprietária do tal caldeirão mágico (que em algumas pinturas é retratado como uma espécie de vasilha rasa usada para oferecer comida aos deuses, a já mencionada patera). A mesma deusa Epona dos chifres mágicos, etc...

Estas histórias acabam entrando em uma coletânea de livros galeses, que se tornaram famosas a partir do século XIII d.C. e traçam as bases das lendas mais conhecidas do rei Arthur.

A Jornada ao Reino Subterrâneo eu já descrevi em artigos anteriores, quando falei sobre Yesod e o Reino dos Mortos simbólico [ver Cap.7: Yesod].

O Caldeirão e o Sangreal

A partir das cruzadas e dos Templários agindo mais abertamente, algumas destas lendas acabaram sendo recontadas sob o ponto de vista dos cavaleiros e dos cátaros, os protetores da linhagem Sagrada, que aproximaram as narrativas a respeito do Graal.

Para entender a próxima etapa, recomendo a leitura dos seguintes textos, na seguinte ordem:

- *Perceval*, de Chrétien de Troyes
- *Lancelot ou le chevalier de la charrette*, versos de Chrétien de Troyes
- *Yvain ou le chevalier au lion*, versos de Chrétien de Troyes
- *Perceval ou le Conte du Graal*, versos de Chrétien de Troyes
- *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach
- *Joseph d’Arimathie*, de Robert de Boron
- *La Mort D’Arthur*, de Thomas Malory

Eles foram publicados em um espaço de tempo relativamente curto e formataram a lenda do Rei Arthur e da Távola Redonda tal qual a conhecemos hoje. Sei que, como os 4 elementos da narrativa fluem juntos (o Graal, Excalibur, o Cajado de Merlin/Lança do Rei Pescador e a Távola Redonda/Cavaleiros), talvez algumas partes deste texto ainda vão gerar dúvidas. Eu recomendo a vocês relerem cada

artigo novamente antes de avançar para as próximas, e tudo vai fazer mais e mais sentido a cada novo elemento, ok?

Perceval ou Lê Conte du Graal

Nesta série de poemas, estamos finalmente dando uma forma para o Graal, da maneira como ele é mais conhecido pelo público leigo: A forma de um cálice ou, mais precisamente, o Cálice usado na Santa Ceia.

Perceval ou le Conte du Graal (Perceval ou o Conto do Graal) é um romance inacabado de Chrétien de Troyes escrito provavelmente entre 1181 e 1191 d.C., dedicado ao patrono do escritor, Filipe da Alsácia, conde de Flandres e cavaleiro Templário. Chrétien havia trabalhado na obra a partir de escrituras iniciáticas fornecidas por Filipe e relata as aventuras do jovem cavaleiro Perceval.

O poema é iniciado com o jovem Perceval encontrando cavaleiros e percebendo que também gostaria de ser um. Sua mãe o havia criado fora dos domínios da civilização, nas florestas do País de Gales, desde a morte de seu pai. A contragosto de sua mãe, o garoto parte para a corte do Rei Artur, onde uma garota prevê grandes conquistas na vida dele. Ele é caçado por Kay, mas torna-se cavaleiro e parte para aventuras. Perceval salva e apaixona-se pela jovem princesa Brancaflor, e treina com o experiente Gornemant.

Em um momento de sua vida conhece o Rei Pescador, que convida Perceval a permanecer em seu castelo. Enquanto estava lá, o cavaleiro presenciou uma procissão em que jovens carregam objetos magníficos entre cômodos, passando por ele em cada fase do evento. Primeiro aparece um jovem carregando uma lança coberta por sangue, e depois dois jovens carregando candelabros. Por fim, uma jovem aparece trazendo consigo um decorado cálice (o Graal). O objeto contém um alimento que miraculosamente sustém o pai ferido do Rei Pescador.

Tendo sido aconselhado para tal, o jovem cavaleiro permanece em silêncio durante toda a cerimônia, apesar de não entender seu significado. No dia seguinte, ele volta para a corte do Rei Artur.

Antes de se manifestar no local, uma dama furiosa com trejeitos celtas entra na corte e clama a falha de Perceval em perguntar sobre o Graal, já que a pergunta apropriada curaria o Rei Ferido. Ela então anuncia que os Cavaleiros da Távola Redonda já haviam se prontificado a buscar o Cálice.

E o poema termina aí, sem um final...

O Rei Pescador aparece originalmente neste poema. Nem sua ferida nem a ferida de seu pai são explicadas, mas Perceval descobre posteriormente que os reis seriam curados se ele perguntasse sobre o Graal. Percival descobre que ele próprio é da linhagem dos Reis do Graal através de sua mãe, que é filha do rei ferido. Entretanto, o poema é terminado antes que Perceval retornasse ao castelo do Graal.

A associação entre “Pescador” e “Pecador” (no original Pêcheur e Pécheur respectivamente) é proposital, pois faz diversas associações entre o símbolo do Pescador, da linhagem de Yeshua e sua associação com a multiplicação dos peixes e com os apóstolos “pescadores” em diversas passagens do Novo Testamento.

Chrétien não chegou a usar o adjetivo “sagrado” para o Graal, assumindo que sua audiência (templária) já estaria familiarizada como o termo. Neste poema, Chrétien deixava implícito que havia uma dinastia descendente direta de Jesus, isso mais de 700 anos antes do Dan Brown!

Associação direta do Graal ao Sangue de Jesus

O próximo trabalho sobre o tema “Linhagem Sagrada” foi apresentado no poema *Joseph d'Armathie* de Robert de Boron, o primeiro a associar diretamente o Graal à Jesus Cristo. Nesta obra, o “Pescador Rico” chama-se Bron, e ele é dito ser cunhado de José de Arimatéia, que havia usado o Graal para armazenar o sangue de Cristo antes de o deitar na tumba. José então encontra uma comunidade religiosa que viaja para a Bretanha, confiando o Graal à Bron (falarei sobre a relação entre José de Arimatéia, ou Yossef Rama-Teo e Merlin no próximo artigo).

Segundo a lenda, José de Arimatéia teria recolhido no Cálice usado na Última Ceia (o Cálice Sagrado), o sangue que jorrou de Cristo quando ele recebeu o golpe de misericórdia, dado pelo soldado romano Longinus, usando uma lança, depois da crucificação. Boron conta ainda que, certa noite, José é ferido na coxa por uma lança (perceba também, sempre presente, as referências às lanças, símbolos do fogo, tanto nas histórias de Jesus como de Arthur). Em outra versão, a ferida é nos genitais, e a razão seria a quebra do voto de castidade (este fato mais tarde dará origem ao desenvolvimento literário do *affair* entre Lancelot e Guinevere, que precisa ainda ser mais detalhado).

Somente uma única vez Boron chama a taça de Graal (ou SanGreal). Em um inciso, ele deduz que o artefato já tinha uma história e um nome antes de ser usado por Jesus: “Eu não ousou contar, nem referir, nem poderia fazê-lo (...) as coisas ditas e feitas pelos grandes sábios. Naquele tempo foram escritas as razões secretas pelas quais o Graal foi designado por este nome”.

Em outra versão do poema, teria sido a própria Maria Madalena, segundo a Bíblia a única mulher além de Maria (a mãe de Jesus) presente na crucificação de Jesus, que teria ficado com a guarda do cálice e o teria levado para a França, onde passou o resto de sua vida, dando origem à já conhecida “linhagem Sagrada”.

O cavaleiro e escritor Wolfram von Eschenbach baseia-se na história de Chrétien e a expande em seu épico *Parzival*. Ele reinterpreta a natureza do Graal e a comunidade que o cerca, nomeando os personagens, algo que Chrétien não havia feito; o rei pai é chamado de “Tituel” e o rei filho de “Anfortas”.

Sarras e São Coentim

Outro aspecto muito importante a respeito do Santo Graal é Sarras, a cidade mítica para onde o Graal é levado ao término do poema.

Sarras é a “Cidade nos confins do Egito, onde está armazenada toda a sabedoria antiga”, que está associada às terras bíblicas de Seir. Porém, ao analisarmos o nome do rei de Sarras, Sir (Es)corant,

chegamos a um personagem muito importante do século VI d.C., chamado São Corentin.

Corentin, ou Corenti em alguns textos, foi um monge da Cornualha cujo monastério ficava justamente na península de Sarzeu. Uma das lendas a respeito de Corentin é a de que ele teria vivido durante um período na floresta sendo alimentado apenas por um peixe. Ele comia um pedaço do peixe e, no dia seguinte, o peixe estava vivo e inteiro novamente. É muito simples perceber a associação entre Sarras/Sarzeu, Es-Corant/St. Corentin e o rei pescador/monge pescador neste poema.

O Graal-pedra

Em *Parzifal*, o cavaleiro alemão Wolfram Von Eschenbach coloca na mão dos Templários a guarda do Graal que não é uma taça, mas sim uma pedra: o poema fala sobre uma gema verde esmeralda.

“Ela trazia o desejo do Paraíso: era objeto que se chamava o Graal!”
(*Parzifal*)

Para Eschenbach, o Graal era realmente uma pedra preciosa, pedra de luz trazida do céu pelos anjos. Ele imprime ao nome do Graal uma estreita dependência com as forças cósmicas. A pedra é chamada Exillis ou Lapis exillis ou Lapis ex coelis, que significa “pedra caída do céu”.

É a referência à esmeralda na testa de Lúcifer, que representava seu Terceiro Olho. Quando Lúcifer, o anjo de Luz, se rebelou e desceu aos mundos inferiores, a esmeralda partiu-se, pois sua visão passou a ser prejudicada. Um dos três pedaços ficou em sua testa, dando-lhe a visão deformada, que foi a única coisa que lhe restou. Outro pedaço caiu ou foi trazido à Terra pelos anjos que permaneceram neutros durante a rebelião. Mais tarde, o Santo Graal teria sido escavado neste pedaço.

Façamos agora uma comparação entre o Graal-Pedra de Eschenbach com a não menos mítica Pedra Filosofal, que

transformava metais comuns em ouro, homens em reis, iniciados em adeptos; matéria e transmutação, seres humanos e sua transformação. O alemão têm como modelo de fiéis depositários do cálice sagrado os Cavaleiros Templários (de novo!).

Seria Wolfran von Eschenbach um Templário? Certamente que sim. Era a época em que Felipe de Plessiez estava à frente da ordem quase centenária. O próprio fato de ser a pedra uma esmeralda se relaciona com a cavalaria. Os cavaleiros em demanda usavam sobre sua armadura a cor verde, sinônimo de vitalidade e esperança.

Malcom Godwin, escritor rosacruz, refere-se a *Parzifal* da seguinte maneira: “Muitos comentadores argumentaram que a história de Parzifal contém, de modo oculto, uma descrição astrológica e alquímica sobre como um indivíduo é transformado de corpo grosseiro em formas mais e mais elevadas”.

Nesta obra, que é um retrato da Idade Média – feito por quem sabia muito bem sobre o que estava falando – reconhece-se uma verdadeira ordem de cavalaria feminina, na qual se vê Esclarmunda, a virgem guerreira cátara, trazendo o Santo Graal, precedida de 25 cavaleiros segurando tochas, facas de prata e uma mesa talhada em uma esmeralda.

Na descrição do autor da cena de *Parzifal* no castelo do rei-pescador (que, assim como Jesus, saciara a fome de muitas pessoas multiplicando um só peixe) temos:

“Em seguida apareceram duas brancas virgens, a condessa de Tenabroc e uma companheira, trazendo dois candelabros de ouro; depois uma duquesa e uma companheira, trazendo dois pedestais de marfim; essas quatro primeiras usavam vestidos de escarlate castanho; vieram então quatro damas vestidas de veludo verde, trazendo grandes tochas, em seguida outras quatro vestidas de verde (...)

Em seguida vieram as duas princesas precedidas por quatro inocentes donzelas; traziam duas facas de prata sobre uma toalha. Enfim apareceram seis senhoritas, trazendo seis copos diáfanos cheios de bálsamo que produzia uma bela chama, precedendo a Rainha

Despontar de Alegria; esta usava um diadema, e trazia sobre uma almofada de achmardi verde (uma esmeralda) o Graal, 'superior a qualquer ideal terrestre'.”

As histórias que fazem parte do chamado “ciclo do Graal” foram redigidas de 1180 até 1230 d.C., o que nos inclina a relacioná-las com a repressão sangrenta da heresia cátara (mas terei de escrever um artigo paralelo só sobre a Cruzada contra os Cátaros para explicar como tudo isto está intimamente relacionado [ver Cap.11: As Cruzadas]).

Conta-se que durante o assalto das tropas do rei Filipe II de França à fortaleza de Montsegur, apareceu no alto da muralha uma figura coberta por uma armadura branca que fez os soldados recuarem, temendo ser um guardião do Graal. Alguns historiadores admitem que, prevendo a derrota, os cátaros emparedaram o Graal em algum dos muros dos numerosos subterrâneos de Montsegur e lá ele estaria até hoje.

A “Mesa de Esmeralda” evocada pelas histórias de fundo cátaro relacionam-se de maneira óbvia com outra “mesa”: a *Tábua de Esmeralda* atribuída a Hermes Trimegistos. A partir daí o Graal-pedra cede lugar ao Graal-livro.

O Graal-livro

O Graal-taça é tido como um episódio místico e o Graal-pedra como a matéria do conhecimento cristalizado em uma substância. Já o Graal-livro é a própria tradição primordial, a mensagem escrita.

Em *José de Arimatéia*, Robert de Boron diz que “Jesus Cristo ensinou a José de Arimatéia as palavras secretas que ninguém pode contar nem escrever sem ter lido o Grande Livro no qual elas estão consignadas, as palavras que são pronunciadas no momento da consagração do Graal”.

De fato, em *Le Grand Graal*, continuação da obra de Boron por um autor anônimo, o Graal é associado – ou realmente é – a um livro escrito de próprio punho por Jesus, o qual a leitura só pode entender

– ou iluminar – quem está nas graças de Deus. E por conta disso temos uma noção de que “segredos Templários” o Vaticano estaria atrás todo este tempo [tanto no *Evangelho de Tomé* quanto no *Evangelho de Maria* (apesar de incompleto), ambos encontrados em Nag Hammadi em 1945 e considerados “apócrifos”, há referências a ensinamentos que Jesus transmitia somente para os seus discípulos mais próximos, e que não eram destinados aos leigos].

“As verdades de fé que este contém não podem ser pronunciadas por língua mortal sem que os quatro elementos sejam agitados. Se isso acontecesse realmente, os céus diluviariam, o ar tremeria, a terra afundaria e a água mudaria de cor.”

MERLIN, JOSÉ DE ARIMATÉIA E O BARDO TALIESIN

27.03.2009

Dando continuidade aos artigos a respeito da lenda do Rei Arthur, já falamos anteriormente sobre a água (o Santo Graal) e o ar (Excalibur). Hoje falaremos de outro elemento extremamente importante nas lendas Arthurianas, o Fogo, presente nas alegorias envolvendo a lança Longinus e o Cajado de Merlin.

Também fiz a Árvore Genealógica de Yeshua até Arthur...

A história de Merlin começa com ninguém menos do que José de Arimatéia, ou Yossef Rama-Thea. José de Arimatéia aparece nos quatro Evangelhos, que o mencionam no contexto da Paixão e da morte de Cristo. Era oriundo de Arimatéia (Armathahim, em hebreu), um povoado de Judá — a atual Rentis — situado a 10 km a nordeste de Lida, que por sua vez é o provável lugar de nascimento de Samuel (1 Sam. 1,1). Homem rico (Mt. 25,57) e membro ilustre do Sinédrio (Mc. 15,43; Lc. 23,50), José tinha em Jerusalém um sepulcro novo, cavado na rocha, próximo do Gólgota. Era discípulo de Jesus,

mas mantinha isso em segredo, tal como Nicodemos, por temor às autoridades judaicas (João 15,38).

Lucas afirma que ele esperava o Reino de Deus e que não tinha concordado com o Sinédrio na condenação de Jesus (Lc. 23,51). Nos momentos cruéis da crucificação não teme expor-se e pede a Pilatos o corpo de Jesus (o apócrifo *Evangelho de Pedro*, do século II, diz que esse pedido foi feito antes da crucificação [2,1; 6,23-24]). Uma vez concedida a permissão pelo governador, José desprega o crucificado, envolve-o num lençol limpo e, com a ajuda de Nicodemos, deposita Jesus no sepulcro de sua propriedade, que ninguém antes havia utilizado. Depois de fechá-lo com uma grande pedra (Mt. 27,57-60, Mc. 15,42-46, Lc. 23,50-53 e João 19,38-42), foram embora. Até aqui, falamos de dados históricos ou bíblicos.

A partir do século IV começaram a aparecer tradições essênias envolvendo a figura de José. Em um texto apócrifo do século IV — as *Atas de Pilatos*, também chamadas de *Evangelho de Nicodemos* — narra que os judeus reprovaram o comportamento de José e de Nicodemos em favor de Jesus, e que por isso José foi mandado para a prisão. Libertado milagrosamente, aparece primeiro em Arimatéia e de lá se dirige a Jerusalém, onde conta como foi libertado por Jesus. Mais impressionante ainda é a obra *Vindicta Salvatoris* (*A vingança do Salvador*, também provavelmente do século IV), que teve grande difusão na Inglaterra e na Aquitânia. O livro narra a marcha de Tito à frente das suas legiões para vingar a morte de Cristo. Ao conquistar Jerusalém, encontra José preso numa torre, onde fora posto para morrer de fome, mas que sobrevivera graças a um alimento celestial.

Na França e nas Ilhas Britânicas, a lenda sobre José de Arimatéia foi ganhando novos e coloridos detalhes ao longo dos séculos XI a XIII, inserindo-se no ciclo do Santo Graal e do Rei Arthur. Segundo uma dessas lendas, José lavou o corpo de Cristo, recolheu a água e o sangue num recipiente e depois dividiu o conteúdo com Nicodemos. Outras lendas dizem que José, levando consigo esse relicário, evangelizou a França (segundo alguns relatos, desembarcou em

Marselha junto com Marta, Maria Madalena e Lázaro), a Espanha (onde foi sagrado bispo por São Tiago), a Inglaterra e Portugal. Na Inglaterra, a figura de José tornou-se muito popular: a lenda atribui a ele a fundação da primeira Igreja em solo britânico, em Glastonbury Tor.

Nesse lugar, o cajado de José teria lançado raízes e florescido enquanto ele dormia. A Abadia de Glastonbury converteu-se, então, em um importante lugar de peregrinação até a sua dissolução pela Reforma Protestante em 1539. Na França, uma lenda do século IX refere que, nos tempos de Carlos Magno, o Patriarca de Jerusalém, Fortunato, fugiu para o Ocidente levando os ossos de José de Arimatéia, e ingressou no mosteiro templário de Moyenmoutier, do qual chegou a ser abade.

Da história de José de Arimatéia começa a linhagem dos Reis do Graal.

Segundo a lenda, José de Arimatéia casou-se com uma sacerdotisa chamada Ayuba (ou Elyab em alguns textos) e tiveram dois filhos: Anna, a profetisa de Arimatéia e Joshua, além de Josefes de Arimatéia, o primeiro Rei do Graal (Que, adivinhem? é muito provavelmente o filho de Yeshua e Maria Madalena).

Josefes tornou-se o primeiro protetor do Graal. Seu filho, Alain “Le Gros” (construtor do Castelo de Corbenic e casado com uma rainha celta chamada Elis), tiveram um filho, Joshua (considerado o terceiro rei do Graal).

A linhagem segue através de casamentos reais:

- Alphanye, 4º Rei do Graal
- Aminadab
- Cathaloy, o 6º Rei do Graal, fundador da Ordem religiosa de Castellor, em 200 d.C.
- Emmanuel
- Titurel, que fundou a Ordem Militar do Graal, por volta de 250 d.C.

- Boaz (ou Anfortas), que ficou conhecido como Rei-Pescador. Sua lenda mescla-se com a do próprio Jesus, dizendo que foi ferido por uma lança e foi levado à presença do Graal, enquanto aguardava o Verdadeiro Buscador (Percival) que faria a pergunta correta e conseguiria curá-lo.

Uma pausa: por que “Rei Pescador”?

Está fortemente ligado ao Cristianismo, como símbolo de Jesus Cristo. A palavra “peixe” em grego é *ichthys*. É interpretada como um acróstico (vocábulo com letras iniciais da frase) de: *Iesoûs Christòs Theoû Hyiòs Soter* cujo significado é: Jesus Cristo Filho de Deus Salvador.

Nos primeiros anos do Cristianismo, quando os imperadores romanos proibiam a adoração de Jesus os devotos se identificavam tendo a figura de um peixe pintada na palma das mãos.

Então, os Reis Graal e Reis Pescadores eram códigos usados para indicar a linhagem dos *Rex Dei* (ou Linhagem do Rei Salomão).

Então, continuando a linhagem:

- Frotmund – nascida durante o século VI, ficou conhecida como a Princesa do Graal e, com sua morte, o reinado passou para as mãos dos reinos Francos através de seu marido, Marcomir ex Sicamber.

Frotmund teve dois filhos: Faramund, que falaremos mais adiante, e Vivianne de Acqua, rainha de Avallon (que mais tarde seria a base da personagem “Dama do Lago”).

Na linhagem sagrada, os descendentes homens ficaram conhecidos como “Reis Pescadores” e as descendentes mulheres como “Senhoras do Lago”. A descendência das Damas do lago era tão importante que, quando o rei Kenneth McAlpin uniu scotos e pictos em 844, ele fez questão que marcassem nos documentos oficiais que ele pertencia à “Linhagem de Avalon”

Vivianne foi casada com ninguém menos do que TALIESIN, o bardo. Falaremos mais sobre ele mais para a frente, visto que a história de Taliesin e Vivienne foi recontada mais tarde na forma de

Merlin e Vivienne; e que o bardo foi uma das bases para a criação do personagem Merlin no século XI-XII.

- Faramund – filho de Frotmund, ficou conhecido como o “rei dos Francos” e viveu entre 419-430. O filho de Faramund ficou conhecido como Clódio (“aquele de cabelos compridos”). Clódio teve um filho chamado Meroveu, fundador da dinastia dos Merovíngios. Os cabelos compridos eram um costume Essênio, usado até os dias de hoje.

O terceiro filho de Frotmund foi Mazadan, eleito como 11º Rei do Graal e já falaremos sobre esta linhagem.

Os Merovíngios

Os merovíngios foram uma dinastia franca saliana que governou os francos numa região correspondente, grosso modo, à antiga Gália da metade do século V à metade do século VIII. No último século de domínio merovíngio, a dinastia foi progressivamente empurrada para uma função meramente cerimonial. O domínio merovíngio foi encerrado por um golpe de Estado em 751 d.C., quando Pepino o Breve formalmente depôs Childerico III, dando início à dinastia Carolíngia.

Eles eram citados às vezes por seus contemporâneos como os “reis de cabelos longos” (em latim *reges criniti*), por não cortarem simbolicamente os cabelos (tradicionalmente, os líderes tribais dos francos exibiam seus longos cabelos como distinção dos cabelos curtos dos romanos e do clero). O termo “merovíngio” deriva do latim medieval *Merovingi* ou *Merohingi* (“filhos de Meroveu”),

E quem foi Meroveu?

Meroveu é o lendário fundador da dinastia merovíngia de reis francos. Ele foi rei dos francos salianos nos anos depois de 450 d.C. Sobre ele não existem registros contemporâneos e há pouca informação nas histórias posteriores dos francos. Gregório de Tours registra que possivelmente ele tenha sido filho de Clódio. Ele liderou

os francos na Batalha de Chalons (ou Batalha dos Campos Cataláunicos) em 451.

Sua história conta que ele era filho de um Quintauro, um monstro-peixe capaz de assumir a forma humana. Meroveu também era chamado de Rei-Peixe ou Rei-Pescador. Como os célticos são incapazes de entender metáforas e analogias, os historiadores ortodoxos levam estas citações ao pé da letra e consideram que “rei peixe = mitologia de monstro do mar”, mas parece óbvio que esta metáfora nos leva diretamente à linhagem sagrada. Esta versão foi exaustivamente pesquisada pelos historiadores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln e depois usada como pano de fundo pelo Dan Brown no best seller Código Davinci. Mas como vimos aqui, esta história de “descendentes de Jesus” possui mais de 1.000 anos de idade.

A Dinastia dos Merovíngios vai até Childerico III, chamado de “rei-fantasma”, décimo-quarto e último rei de todos os francos da dinastia merovíngia.

Ele não tomou parte nos assuntos públicos, que eram dirigidos, como antes, pelos prefeitos do palácio. Quando, em 747, Carlomano se retirou para um monastério, Pepino resolveu tomar a coroa real para si. Pepino, o breve, enviou cartas ao Papa Zacarias perguntando se o título de rei pertencia a quem exercia o poder ou a alguém com linhagem real. O papa respondeu que quem detivesse o poder de facto deveria também ter o título de rei.

Em 751 d.C., Childerico foi destronado e teve os cabelos cortados, *deposit et detonsit*, sob as ordens do sucessor de Zacarias, o Papa Estevão II, porque, de acordo com Einhard, *quia non erat utilis*, “ele não era útil”. Seus longos cabelos eram o símbolo de sua dinastia sagrada e assim de seus direitos reais (alguns dizem poderes mágicos) e, pelo corte deles, foram-lhe retiradas todas suas prerrogativas reais.

Agora releiam meus artigos sobre a história dos papas [no Cap.9: História Oculta] para verificarem o contexto histórico deste encontro entre a Igreja do Vaticano e a Linhagem Sagrada.

Voltando à Linhagem dos Grail-Kings...

Mazadan casou-se com uma princesa franca e tiveram como filho Lazliez, 12º Rei do Graal. Lazliez teve como sucessor Zamphir (13º), depois Lambor (14º), Pellam (15º) e finalmente Pelles, do Castelo de Corbenic. Destes, Lambor é um dos mais importantes, pois ele é também pai da rainha Ygleis, que por sua vez foi mãe de Ygerna Del Acqs. Ygerna é a mãe do Rei Arthur real.

Arthur MacAedan of Dalriada

No século VI surge um personagem que se tornaria o protótipo mais conhecido do que seria o “Rei Arthur”. Arthur, filho de Aedan of Dalriada, conhecido como Rei Pendragon em 559 d.C., e descendente dos Reis do Graal. Arthur era filho de Ygerna Del Acqs, filha da rainha Vivianne, cujo neto (por parte de sua outra filha, Vivianne II), foi o lendário Lancelot Du Lac.

Ygerna foi considerada a High Queen dos reinos celtas, e sua filha Morgana (Morgaine) foi a sacerdotisa principal de Avalon. Estes foram personagens históricos que deram origem, 500 anos depois, aos personagens da história do rei Arthur que conhecemos.

Foi Príncipe de Manann, Rei de Camelot e rei-sacerdote na chamada Távola Redonda (originalmente os círculos de pedra situados próximos a Glastonbury, mas que depois foi cristianizado – falarei sobre isso no próximo artigo). Morreu em batalha em 582 d.C.

Ufa! Quanto nome!

Esta lista enorme de Árvores Genealógicas documentadas que vem lá dos tempos do Rei Yeshua e Maria de Magdala é muito importante para a última etapa do nosso estudo, quando fizermos a Associação desta linhagem com a Linhagem de Salomão, através de LANCELOT, que é descrito explicitamente como descendente direto do Rei Salomão nos textos do século XI.

Taliesin

Voltando a José de Arimatéia e Merlin, temos a história do bardo Taliesin.

De acordo com a versão mitológica do nascimento de Taliesin, ele começou a vida como um garoto chamado Gwion Bach, um servo da feiticeira Ceridwen. Ceridwen tinha uma bela filha e um filho horrível chamado Morfran (às vezes Avagddu), cuja aparência não poderia ser curada nem por magia. Sendo assim, ela resolveu dar-lhe o dom da sabedoria em compensação. Usando um caldeirão mágico, Ceridwen cozinhou uma poção que daria inspiração e sabedoria por um ano e um dia. Um homem cego chamado Morda mantinha o fogo sob o caldeirão enquanto Gwion mexia o conteúdo. As três primeiras gotas do líquido davam sabedoria; o resto era um veneno letal.

Três gotinhas quentes espirraram no polegar de Gwion enquanto ele mexia, queimando-o. Instintivamente, o menino levou o dedo à boca e instantaneamente ganhou grande conhecimento e sabedoria. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que Ceridwen iria ficar muito brava por aquilo. Com medo, ele fugiu, mas logo ouviu da fúria da mulher e o som de sua perseguição.

Enquanto Ceridwen perseguia Gwion, ele se transformou numa lebre. Em resposta, ela virou uma raposa. Ele então virou um peixe e pulou num rio e ela transformou-se numa lontra. Ele se transformou em um pássaro e ela, em resposta, em um falcão. Finalmente, ele se transformou em um mero grão de milho. Ceridwen virou uma galinha, comeu-o e, ao voltar a sua forma humana, ficou grávida. Resolveu matar a criança assim que nascesse, sabendo que era Gwion, mas o bebê era tão lindo que ela não conseguiu cumprir o que queria. Ao invés disso, jogou-o no mar envolto numa espécie de bolsa de couro. A criança não morreu e foi resgatada por um rei (note a semelhança com a história de Moisés).

A história de Gwion e da poção da sabedoria se parece muito com o conto irlandês de Fionn mac Cumhail e o salmão da sabedoria, indicando que ambas histórias possam ter a mesma fonte – Os Peixes!

Um de seus poemas mais famosos conta como ele nasceu.

Taliesin era descrito com o tradicional cajado e capa dos druidas, que mais tarde seria imortalizado na figura do Merlin das lendas. O Cajado simboliza o elemento fogo. Já comentei várias vezes sobre isto nos artigos antigos, sobre a simbologia do Fogo associado ao espírito inspirador dos Deuses, trazido para os mortais por Prometeus, ou Lucifer, e representado pela tocha olímpica e, mais tarde, pelo cajado e lanterna. Taliesin serviu de inspiração para a figura do Eremita (Yod, o Arcano 9 do tarot), cerca de 600 anos antes do surgimento “oficial” do tarot com os Mamelucos.

CAMELOT, GUINEVERE E LANCELOT

23.04.2009

*“Eu era rainha e perdi a minha coroa,
Mulher e quebrei os meus votos;
Amante e arruinei quem amava:
Não há maior massacre.
Há poucos meses atrás eu era rainha,
E as mães mostravam-me os seus bebês
Quando eu chegava de Camelot a cavalo.”*

– *Guinevere de Sara Teasdale*

Como a quarta parte deste pequeno estudo sobre as lendas esotéricas do Rei Arthur, comentaremos sobre o elemento TERRA, representado nas lendas arthurianas por Camelot e pela Távola Redonda.

Os três elementos anteriores foram: FOGO (Merlin, José de Arimatéia e o Bardo Taliesin), ÁGUA (O Santo Graal e a Linhagem Sagrada) e AR (Excalibur, Rei Arthur e Sabres de Luz).

Desde os mais remotos períodos, o Elemento Terra está associado aos rituais de fertilidade e prosperidade. No Egito e na Babilônia, era a partir da uva e do trigo que se realizavam os rituais de plantação, chegando até a consagração final do ritual de prosperidade do pão e do vinho, que eram repartidos entre os companheiros (esta palavra vem de “Companionem”, ou aqueles que dividem o pão). Jesus, como sacerdote essênio, realizou este mesmo ritual no Pessach, que ficou conhecido pela posteridade como a “Santa Ceia”.

Apesar de hoje ele ser sempre lembrado como cristão, a origem deste ritual é babilônica. Dos ritos Osirianos até os essênios, a tradição do pão e do vinho dividido entre os sacerdotes pode ser encontrada ao final das grandes celebrações. E com Yeshua e seus apóstolos não seria diferente.

Páscoa, Pão, Vinho e Hieros Gamos

Na cultura Celta, antes da Igreja destruir este culto e transformá-lo no que se conhece hoje em dia como “bruxaria”, este período entre Abril e Maio era marcado pelas celebrações da Primavera, ou comemorações em homenagem à deusa Eoste (de onde vem a palavra “Easter”). Os camponeses iam para os bosques de carvalhos à noite e acendiam enormes fogueiras para a Deusa, o que tornou esta festividade conhecida como “As Fogueiras de Beltane”.

Nesta época e local, os princípios morais vigentes eram outros, a mulher era um ser livre e não havia o machismo como hoje se conhece. As sociedades possuíam um equilíbrio entre os sexos, cada um desempenhando uma função dentro do todo. Sendo assim, nesta noite de Beltane, as moças virgens (e mesmo as casadas, que poderiam ir para as florestas com seus maridos ou não), iam para os bosques na celebração do que se chamava *Hieros Gamos*, onde os rapazes copulavam com as moças sob a lua cheia guiados pelo instinto num ritual de fecundidade e vida. Eu já falei [bastante] sobre o *Hieros Gamos* em artigos antigos.

As crianças que fossem geradas nesta noite eram consideradas sagradas e, normalmente, as meninas viravam sacerdotisas vestais e os meninos magos ou druidas. Além disso, o ritual era consagrado à Deusa para que esta trouxesse sempre boas colheitas através da fertilidade da Terra. Embora o culto fosse predominantemente feminino, não se excluía, de forma alguma, o papel do Deus, pois, a essência de Beltane, sendo a fecundação, impunha sempre, a presença do feminino e masculino.

Sendo assim, no Beltane, os meninos tinham a sua cerimônia de passagem da adolescência para a maturidade. O rapaz personifica o Deus Cornífero e a virgem, a Deusa. Na escolha de um rei, o rapaz veste a pele de um Gamo (um veado real) e desafia um gamo de verdade, o líder da manada, e luta com ele até a morte de um deles.

Se o rapaz for o vencedor, terá sido escolhido Rei representando o Deus, o Gamo Rei, e terá uma noite com a Virgem que representa a Deusa onde um herdeiro será concebido. O novo herdeiro, um dia deverá disputar com o pai pelo trono. O Gamo Novo e o Gamo Velho... A capa vermelha tradicional do rei e a coroa nada mais são do que resquícios deste antigo ritual de sobrevivência.

Se eu não me engano, no livro *As Brumas de Avalon* a escritora descreve este ritual realizado por Arthur [o *Hieros Gamos* de fato é descrito no livro, e ocorre entre Arthur e Morgana].

Mas o que isto tem a ver com a lenda do Rei Arthur?

Calma Padawan, tudo ao seu tempo... Esta característica cultural dos celtas e principalmente das Rainhas Guerreiras/Sacerdotisas (cuja linhagem das Damas do Lago vai até os primórdios das ilhas britânicas e através das bacantes gregas e prostitutas sagradas da babilônia) era extremamente chocante para os religiosos puritanos de Roma.

Imagine saber que a rainha, enquanto o rei estava fora em campanha, possuía um ou mais “concubinos” responsáveis por satisfazê-la sexualmente na ausência de seu esposo? Esta é uma das prováveis origens do termo “levar os chifres”. Os romanos diziam que

os guerreiros celtas, enquanto estavam na floresta “levando os chifres para casa”, suas esposas estavam aquecidas na cama com outros homens.

E chegamos finalmente à relação entre Guinevere, Arthur, a Távola Redonda e Lancelot.

As bases históricas e lendárias de Guinevere

O nome Guinevere vem de Gwenhwyfar (cujo nome significa “Fantasma Branco”) e aparece pela primeira vez nas histórias chamadas *Triad of the Island of Britain*, do século VIII, onde Arthur se casa não com uma, mas com três Gwenhwyfars (Uma delas era filha do rei Cywryd, outra Gwenhwyfar era filha do rei Gwythyr Ap Greidiol e finalmente Gwenhwyfar filha de Ogrfan Gawn). Malditos celtas que fugiram da fila onde estavam sendo distribuídas as vogais...

Estes três casamentos, com três fases distintas da “fantasma branca”, estão relacionadas diretamente com o casamento do *Hieros Gamos* do rei Sol com a rainha Lua, em suas três fases (a chamada “Tríplice lunar”), em diversas recorrências na mitologia celta.

Ela também aparece no Mabinogion, nos contos de Culhwch and Olwen mencionada algumas vezes como Gwenhwy-fawn. Em latim, é chamada de Gwanhumara ou Genebra (nome que deu origem à capital da Suíça).

Em alguns dos textos mais antigos, a rainha, antes de se tornar esposa de Arthur, é retratada como tendo um concubino chamado Medrawd, em textos do século VI (que mais tarde, nos primeiros textos que serviram de protótipo para a lenda de Arthur, especialmente os textos de Geoffrey de Monmouth, *Historia Regum Britanniae*, o chamam de Mordred e o colocam como “amante” de Guinevere que, graças a esta desgraça, causou a destruição de Camelot).

E nunca mais as rainhas tiveram direito a concubinos!

O casamento de Arthur com Guinevere firmou a sua corte. Como dote Guinevere recebeu a lendária Tavola Redonda e o casal real tornou-se o centro do brilhante círculo dos cavaleiros de Arthur.

A herança de Guinevere varia conforme as diferentes lendas. De acordo com Malory, Guinevere (em galês Gwenhyvar) era filha do Rei Leodegrance de Cameliarde. Na tradição galesa, o seu pai chamava-se Gogrvan ou Ocvran. Na peça de Thelwall, *The Fairy of the Lake* (1801), é posta a hipótese de ela ser filha de Vortigen. Em algumas histórias, ela tinha uma irmã chamada Gwenhwyvach, e uma lenda francesa fala de uma irmã gêmea chamada Guinevere the False. Em outro conto, ela tinha um irmão que se chamava Gotegrin.

Como vocês podem ver, a falta de “copyrights” durante o período antigo/medieval fez com que o que chamamos de “Histórias do Rei Arthur” seja, na verdade, um samba do crioulo doido de autores que escreviam seus poemas de acordo com suas visões e interesses.

Assim que Arthur subiu ao trono e apesar dos avisos de Merlin que ela um dia o haveria de trair, Arthur escolheu Guinevere para sua mulher. Como dote, ela recebeu do pai de Arthur a grandiosa Tavola Redonda, feita por Merlin, a qual tinha capacidade para sentar 150 cavaleiros (em outras lendas, esta tábua já estava pronta e seria um presente de casamento do pai de Guinevere).

Guinevere e Perséfone

Em *Gawain and the Green Knight* é afirmado que Morgan le Fay enviou o Cavaleiro Verde para Camelot para assustar Guinevere. Uma das razões foi a velha rivalidade entre elas, ocorrida no início do reinado de Arthur, em que Guinevere expulsou da corte um dos amantes de Morgana. Outra razão invocada foi o fato de Guinevere e Morgana serem duas deusas de aspectos muito diferentes. Morgana, originalmente como personagem de Morrighan (ou Morrighu), é uma deusa negra que representa as poderosas qualidades do Inverno e da guerra. Por outro lado, Guinevere é chamada “The Flower Bride” (a noiva das flores), representando a Primavera e o desdobramento da vida. Como tal, estas duas mulheres são o oposto uma da outra.

Lancelot, o defensor de Guinevere, tornou-se o amargo adversário de Gawain que é o Cavaleiro da Deusa – defensor de Morgana.

Simbolicamente, esta versão trata da permanente disputa entre o Inverno e o Verão.

Quando as lendas Arthurianas foram rescritas por escritores cristãos, após o período da Vulgata, tanto Guinevere, a deusa das flores e da luz, como Morgana, a Deusa Negra, permaneceram, durante algum tempo, num convento de freiras (!?).

Como “Noiva das Flores”, o mito diz que Guinevere é raptada por um dos seus pretendentes, sendo depois salva por outros opositores astuciosos, com a mudança das estações. Um exemplo disso é descrito em *Life of Gildas* de Caradoc de Llancarfan. Nesse texto, Melwas of the Summer Country raptou Guinevere, sendo, mais tarde salva por Arthur. A cena do rapto volta a repetir-se em diversos contos em que o raptor é Meliagraunce, o cavaleiro que desejava Guinevere. Neste conto, o salvador é LANCELOT, em vez de Arthur.

Neste segundo ciclo, mais voltado para a simbologia Greco-romana, temos uma releitura do rapto de Perséfone por Hades e seu retorno posterior para o mundo dos vivos, e Lancelot passa a fazer o papel do Sol, trazendo novamente a primavera para o ciclo do ano.

Guinevere e Sir Lancelot apaixonam-se. A Falsa Guinevere ocupou o lugar de Guinevere enquanto ela procurava amparo em Lancelot em Sorelois. A Falsa Guinevere e o seu cavaleiro Bertholai admitiram por fim a sua fraude e, depois da morte desta, a verdadeira Guinevere é entregue a Arthur. Nessa altura, Guinevere e Lancelot já estavam irremediavelmente apaixonados e a luta de Lancelot com a sua consciência mantinha-o longe de Camelot.

Quando Guinevere e Lancelot decidiram terminar o seu romance, para o bem do reino, Mordred, filho ilegítimo de Arthur, encontrou-os no quarto dela. Lancelot fugiu e Mordred forçou Arthur a condenar Guinevere à morte.

Lancelot acaba salvando-a da execução, matando acidentalmente Gareth e Gaheris, irmãos de Gawain, tendo começado assim a guerra

entre os exércitos da França e da Inglaterra. Enquanto Arthur estava longe lutando com Lancelot, Mordred declarou o seu pai morto, proclamando-se rei e anuncia o seu casamento com Guinevere. Ela recusa o casamento e se auto-aprisionou-se na Torre de Londres. Arthur regressou para lutar, uma vez mais, com Mordred, tendo sido atingido mortalmente por uma lança. Neste ponto, já misturam ao ciclo passagens do “Rei Pescador” e do ciclo de contos do Graal (eu falei que as lendas do Rei Arthur eram uma salada de frutas, não falei?).

Depois da morte de Arthur, Guinevere foi para um convento de freiras em Amesbury, permanecendo lá até à sua morte. Um outro conto, de Perlesvaus, diz que ela morreu como prisioneira dos Pictos (habitantes celtas da antiga Escócia), tendo sido sepultada ao lado de Arthur.

Círculos de Pedra e a Távola Redonda

As descrições da Távola Redonda mais antigas diziam que ela acomodava sem maiores problemas 150 cavaleiros com suas respectivas armaduras ao seu redor. O curioso é que o texto não menciona que os cavaleiros estejam “sentados”, mas chegaremos a isto em breve...

Fazendo uma conta simples, temos que uma pessoa de armadura ocupe um espaço de 1m em uma mesa. Teríamos, então, uma mesa com o comprimento de 150m. Usando a fórmula mágica $2 \cdot \text{PI} \cdot R = 150$, temos que $R = \text{aprox. } 23,87\text{m}$, ou o Diâmetro de 47m.

De uma ponta a outra desta suposta grande mesa circular, teríamos a distância aproximada, num campo de futebol oficial, da linha do meio campo a linha de um dos gols.

Nos parece óbvio que a “Távola” que teria pertencido a Gwenhyvar não era exatamente um “mesa” nas lendas mais antigas celtas e britânicas. Mas o que exatamente poderia ser, que estivesse sob os domínios da Deusa-tríplice-lunar, que fosse utilizada para celebrações e que conseguisse reunir ao mesmo tempo os 150 cavaleiros?

Agora tudo faz mais sentido. As lendas celtas não falavam em castelos, mas sim em rituais de solstícios e equinócios envolvendo os círculos de pedra. Porém, à medida em que as lendas vão sendo atualizadas para os princípios cavaleirescos, o círculo de pedra se torna uma fortificação que se torna um castelo; a Távola se torna um “Castelo com o teto estrelado”, e mais tarde ainda, apenas Camelot. Na próxima vez que você estiver em um Templo Maçônico, descendentes distantes dos Templários e dos Cavaleiros do Graal, olhe para cima.

Já desvendamos todos os principais mistérios do ciclo Arthuriano. O Santo Graal, Excalibur, Merlin e agora Camelot.

QUEM É QUEM NA TÁVOLA REDONDA

07.05.2009

*“Qualquer um que extrair
esta espada desta pedra
será o rei da Inglaterra
por direito de nascimento.”*

Falar ou escrever com propriedade e fidedignidade sobre o Rei Arthur é uma tarefa muito difícil, porque simplesmente não existe nada historicamente confiável. Aliás, “Arthur” é um herói que nem consta das linhas do tempo nos sites de história ortodoxa. Para suprir esse vazio, abundam as tradições dos antigos trovadores e novelistas que iam de burgo em burgo cantando as proezas heróicas de um grande guerreiro que unificou as tribos bretãs e expulsou os invasores normandos e saxões provenientes do continente europeu no século V de nossa era cristã.

Também se pode dizer que as lendas arthurianas serviram de inspiração para outras versões heróicas posteriores, como a de Carlos Magno e seus cavaleiros (século IX). E, da mescla de tudo que se cantou (e os heróis realizaram) nos primeiros dez séculos depois de

Cristo, surgiram as versões que hoje são conhecidas (portanto, bem distantes dos acontecimentos reais).

Começarei pelos 12 Cavaleiros mais conhecidos: Kay, Lancelot, Gaheris, Bedivere, Lamorak de Galis, Gawain, Galahad, Tristão, Gareth, Percival, Boors e Geraint. Com Arthur, formam os 12 apóstolos e o Rei, onde o mais fiel de todos os cavaleiros é justamente o que trai Arthur. Já ouviu esta lenda em algum outro lugar?

Lancelot

Vou começar pelo mais importante e mais controverso de todos: Lancelot Du Lac.

Ele é mais conhecido hoje em dia por ter chifrado o Rei Arthur do que pelo seu papel na busca pelo Santo Graal. A vida de Lancelot é contada em diversos romances medievais, geralmente como um personagem secundário. Sua primeira aparição “séria” ocorre no texto *Le Chevalier de La charette*, de Chrétien de Troyes, datado do século XII, mas foi durante o século XIII que ele se torna realmente conhecido nas cortes européias, no ciclo chamado *Vulgata*, nas *Prosas de Lancelot*.

As origens literárias de Lancelot são um tanto quanto obscuras. Antes de sua aparição nos poemas de Chrétien de Troyes, Lancelot é praticamente um ilustre desconhecido. O erudito Roger Sherman Loomis sugere que Lancelot esteja relacionado ao herói Llwch Llenlleawg de Galês (“Llwch da mão impressionante”) do ciclo Culhwch e de Olwen.

No poema *Erec e Enide* de Chrétien, o Lancelot conhecido aparece como o terceiro personagem em uma lista de cavaleiros na corte do rei Arthur. O fato de que o nome de Lancelot segue Gawain e Erec indica a importância presumida do cavaleiro na corte, mesmo que não figure proeminente no conto de Chrétien. Lancelot reaparece em *Cligès*, também de Chrétien. Aqui, Lancelot toma um papel mais importante como um dos cavaleiros que Cligès deve superar em sua procura.

Não é até o *Le Chevalier de La charette*, entretanto, que Lancelot torna-se o protagonista. Neste texto, é apresentado como o cavaleiro o mais formidável na corte do rei Arthur. Seu relacionamento adúltero com a rainha é introduzido igualmente neste conto pela primeira vez. De acordo com Pamela Raabe, no trabalho de Chrétien de Troyes, Lancelot está retratado enquanto não somente o mais justo e perfeito dos cavaleiros, mas todos os que o encontram também o descrevem como excepcionalmente perfeito. O problema é que os críticos foram incapazes de conciliar seu “estado de santidade” com seu adultério óbvio com Guinevere. Como pode a consumação dos amantes ser considerada “um caso santificado” quando for igualmente adúltero?

Embora Lancelot seja associado mais tarde com a procura do Graal, Chrétien não o inclui no seu romance final, *Le conte du graal*. Nesta história, que introduz a alegoria do Graal na literatura medieval, Percival é o único buscador do graal. A participação de Lancelot na lenda do Graal é publicada primeiramente no poema Perlesvaus escrito entre 1200 e 1210.

Galahad

Galahad (também conhecido por Galaaz ou Gwalchavad), é filho de Lancelot com a princesa Helena, filha do Rei Pelles (o “Rei Pescador”). Como Lancelot havia feito um juramento de não amar nenhuma mulher a não ser Guinevere, Helena usa magia para enganar Lancelot, fazendo-o levar a crer que ela era Guinevere. Eles dormem juntos mas, ao descobrir o que aconteceu, Lancelot deixa Helena e volta para a Corte do Rei Arthur. Galahad é, então, entregue aos cuidados de uma sua tia, abadesa de um convento, e ali criado. É interessante notar que “Galahad” era também o nome original de Lancelot, mas é-lhe alterado em criança, pois Merlin profetiza que o seu filho irá ultrapassar o seu pai em valor e terá sucesso na demanda do Graal.

Ao chegar à vida adulta, Galahad reúne-se ao seu pai, que o inicia como cavaleiro. É, então, trazido para a Corte do Rei Arthur em Camelot durante a festa de Pentecostes. Sem ter conhecimento do

perigo em que se estava a meter, Galahad dirige-se para a Távola Redonda e senta-se na cadeira proibida. Este lugar tinha sido sempre mantido vago para a única pessoa que conseguisse alcançar o sucesso na Busca pelo Santo Graal. Qualquer outra pessoa que aí se sentasse teria morte imediata. Galahad sobrevive ao evento testemunhado por Arhtur e pelos seus cavaleiros. O Rei faz um outro teste, solicitando-lhe que arrancasse uma espada cravada numa rocha, teste que ele passa com facilidade (interessante teste iniciático, certo?).

O Rei Arthur proclama então Galahad como o melhor cavaleiro do mundo. Ele é, então, convidado a juntar-se à Ordem da Távola Redonda e, depois de uma visão do Graal, lança-se na sua busca.

O incrível poder e sorte de Galahad na Busca pelo Graal são sempre atribuídos à sua piedade. De acordo com a lenda, só os cavaleiros puros conseguirão alcançar o Graal. Galahad parece levar uma vida totalmente sem pecado e, como resultado, vive e pensa num nível totalmente à parte dos outros cavaleiros da lenda.

Talvez devido à sua natureza totalmente pura, Galahad parece quase sobre-humano. Ele derrota os cavaleiros rivais aparentemente sem esforço, praticamente não lhes fala e leva os seus companheiros ao Graal com uma determinação indestrutível. Assim, dos três que terminam a demanda (Boors, Percival e o próprio Galahad), ele é o único que realmente o alcança. Quando o faz, Galahad é levado para os Céus, tal como os Patriarcas Bíblicos Enoque e o profeta Elias, deixando os seus companheiros para trás.

Percival

Existem numerosas versões sobre a origem de Percival. Na maioria das histórias ele é de origem nobre, sendo filho de Pellinor, cavaleiro valoroso e rei de Listenois. A sua mãe, habitualmente anônima, desempenha um papel importante na história. Ela vai viver para uma floresta isolada, para impedir o filho de se tornar cavaleiro. A sua irmã, portadora do Santo Graal é chamada Dandrane. Nas versões da história em que Percival é filho de Pellinor, os seus irmãos são Tor, Agloval, Lamorat e Dornar.

Depois da morte do pai de Percival, a sua mãe o leva para o isolamento da floresta, fazendo com que ele ignore, até aos quinze anos, como se comportam os homens. Um dia, ao treinar com sua espada na floresta, o jovem Percival encontra cinco cavaleiros com armaduras tão brilhantes que os toma por anjos. Após ter vislumbrado esta cena, adquire o desejo de se tornar, ele próprio, um cavaleiro, e dirige-se à corte do Rei Arthur. Aí, depois de se ter revelado um excelente guerreiro, é convidado a juntar-se aos Cavaleiros da Távola Redonda.

Nos contos mais antigos, Percival participa na busca do Santo Graal. Na versão de Chrétien de Troyes ele encontra o Rei Pescador ferido e observa o Graal, mas abstém-se de pôr a questão que iria trazer a cura do soberano. Apercebendo-se do seu erro ele esforça-se por voltar ao Castelo do Graal e terminar a sua busca.

As histórias posteriores fazem de Galahad, filho de Lancelot, o verdadeiro herói do Santo Graal. Mas mesmo que o seu papel tenha sido diminuído, Percival mantém-se como uma importante personagem e é um dos dois cavaleiros (juntamente com Boors) que acompanha Galahad ao castelo do Graal, terminado com ele a sua demanda.

Nas versões primitivas da história, a amada de Percival é Blanchefleur e ele torna-se rei de Corbenic, depois de ter curado o Rei Pescador. Já nas versões posteriores, ele mantém-se virgem e morre depois de ter encontrado o Graal. Na versão de Wolfram von Eschenbach o filho de Percival é Lohengrin, o Cavaleiro do Cisne.

Kay

Kay está sempre presente a literatura Arthuriana, mas raramente passa algo além do que ser um fanfarrão aos outros personagens. Embora ele manipule o rei para seus propósitos, sua lealdade a Arthur não é questionada. No *Ciclo Vulgate*, *Pós-Vulgate* e *Le Morte d'Arthur* de Malory, o pai de Kay, Heitor adota o pequeno Arthur após Merlin tomá-lo de seus pais, Uther e Igraine.

Heitor os cria como irmãos, mas a descendência de Arthur é revelada quando retira a Espada da Pedra em um torneio em Londres. Arthur servia como escudeiro a Kay, recém nomeado como cavaleiro, quando perdeu a espada de seu irmão e usa a Espada da Pedra para substituí-la. Kay, com seu oportunismo característico, tenta chamar para si o feito de retirar a espada da pedra, fazendo-se o Rei dos Bretões, porém cede e admite que fôra Arthur quem havia retirado a espada. Kay acaba se tornando um dos primeiros cavaleiros da Távola Redonda e serve seu irmão adotivo como escudeiro pelo resto da vida.

O pai de Kay é chamado de Heitor na literatura recente, mas nos contos galeses é nomeado como Cynyr Fork-Beard. Chrétien de Troyes menciona que tinha um filho chamado Gronosis, que era versado no mal, enquanto que o galês o dá um filho e uma filha chamados Garanwyn e Celemon. Romances raramene surgem na vida amorosa de Kay com uma exceção de Girart d'Amiens' Escanor, que detalha seu amor por Andrivete de Northumbria, em que deve defendê-la das maquinações políticas do tio dela antes que casem.

Gawain

Gawain é muitas vezes descrito como sendo sobrinho do rei Arthur, filho de Morgause e irmão de Gaheris, Gareth, Agravaine e Mordred. Possuía um comportamento muito irritadiço, como pode-se constatar em Layamon, quando Arthur descobre a traição de Lancelot e Guinevere, Gawain declara que vai enforcar Mordred com suas próprias mãos e que Guinevere deve ser despedaçada por cavalos selvagens.

Outra passagem, descrita por Thomas Malory, onde se pode visualizar o caráter vingativo de Gawain, é mostrada quando do cerco ao castelo de Lancelot. Lancelot, que durante a fuga com a rainha mata os irmãos de Gawain, Gaheris e Gareth, afirma que a acusação de traição contra ele é falsa e que o julgamento por combate havia mostrado que ele estava certo. Arthur poderia até perdoá-lo, mas

Gawain não deixa que isso ocorra. O clímax da história é a luta entre Gawain e Lancelot.

Gawain tem uma peculiaridade que lhe permite ganhar força física no período que vai das nove da manhã até ao meio-dia. Malory diz que isso era um presente de um homem santo, mas é claro que, originalmente, Gawain era a representação de um adorador do deus-sol e Lancelot representa o cristianismo. Lancelot simplesmente resiste nas horas de força de Gawain e, quando elas declinam, lança-o à terra. Por duas vezes essa luta sobrenatural acontece e a cada vez que Gawain é jogado no chão, chama Lancelot para continuar a luta. Lancelot responde que quer lutar com ele de novo, mas só quando estiver de pé.

O conto mais famoso de Gawain, no entanto, é intitulado *Sir Gawain and the Green Knight* (*Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*), escrito por volta do ano 1400. No dia do Ano-Novo, quando o rei, a rainha e a corte estão reunidos para um jantar, um cavaleiro de tamanho incomum entra no casarão com seu cavalo. Pede que algum cavaleiro ali presente lhe dê um golpe no pescoço com o machado que ele carrega e que, no próximo Ano-Novo, o oponente esteja na Capela Verde para receber, por sua vez, o seu golpe. O cavaleiro e suas roupas, assim como seu cavalo, os trajes e os arreios, tudo era verde. O ouro e o aço estavam manchados de verde, os arreios reluziam e cintilavam com pedras verdes e filetes de ouro estavam entrelaçados na crina verde do cavalo.

Arthur imediatamente se oferece para o desafio do cavaleiro, mas Gawain se interpõe e o toma para si. Com um golpe de machado, decepa a cabeça do cavaleiro que rola pelo chão, espalhando sangue na carne verde. O cavaleiro verde recolhe a cabeça. Levanta as pálpebras, olha vivamente e então encarrega Gawain de encontrá-lo naquele dia, após um ano, na Capela Verde. Segurando a cabeça pelos cabelos verdes, monta em seu cavalo e deixa o casarão. *Creepy, ne?*

Um ano depois, para manter a palavra, Gawain chega ao castelo de Bertilak, anfitrião cordial e generoso que, por ter cor normal, não é

reconhecido como sendo o cavaleiro verde. Gawain chega ao castelo em completo estado de exaustão. Recebido com hospitalidade, envolvido em um manto de arminhos enfileirados, é convidado a sentar ao lado de uma lareira com brasas de carvão. Quando Sir Bertilak retorna ao seu castelo, depois da caça, recebe o hóspede com muita cortesia e combina com ele que daria o produto de sua caça a Gawain todo dia e, em troca, Gawain lhe daria algo que tivesse recebido no castelo.

Durante a sua estada no castelo, Gawain recebe de manhã, antes de sair da cama, a visita da bela mulher de Bertilak, se vendo obrigado a resistir às suas investidas. Por dois dias assim o faz, aceitando somente beijos que, à noite, transmite a Sir Bertilak em troca da caça. Na terceira manhã, porém, a senhora oferece-lhe um cordão verde que o protegerá de qualquer ferimento, o medo de sua provação faz com que o aceite, mas esconde o fato de seu anfitrião. Quando chega o dia do Ano Novo, para honrar seu compromisso, ele sai em busca da Capela Verde.

Achando o local, o Cavaleiro Verde aparece para devolver o golpe de Gawain. Se ele não tivesse aceitado o cordão verde, o machado teria caído sobre ele inofensivamente, mas, como isso não aconteceu, o machado esfolia sua pele e seu sangue jorra. Agora revela-se que o Cavaleiro Verde é o próprio Bertilak, que havia sido enfeitado pela irmã de Arthur, a fada Morgana. Depois de trocarem muitas cortesias, Gawain parte e retorna à corte de Arthur, a quem confessa sua pequenez por ter aceitado o cordão.

Claro que, contando assim, parece um poema maluco, mas ele faz todo o sentido simbolicamente, onde retrata o “Green Man”, sacerdotes dos cultos osirianos e celtas, e Gawain representa o cristianismo. O Cavaleiro Verde também pode ser uma referência a Al-Khidr, um obscuro personagem que aparece no Corão, testando o profeta Moisés.

Boors, o Exilado

Boors, o Jovem (posteriormente também conhecido por Boors, O Exilado, ou ainda, Boors, O Destemido) é mais conhecido que seu pai (que possui o mesmo nome, Boors) nas histórias do Ciclo Arthuriano. Ele e seu irmão Leonel vivem durante vários anos na corte do rei Claudas, mas acabam por se rebelar contra ele e chegam a matar o seu cruel filho Dorin. Antes de Claudas ter tempo de retaliar, os rapazes são resgatados por um servo da Senhora do Lago e são levados para serem criados junto ao seu primo Lancelot.

Os três crescem e tornam-se excelentes cavaleiros, indo para Camelot para se juntarem à corte do Rei Arthur. Boors é identificável por uma cicatriz na testa e participa na maioria dos conflitos de Arthur, incluindo a batalha final contra Claudas que liberta o país do seu pai. Boors havia feito o voto de castidade, mas acaba se tornando pai de Elian quando Brandegoris, a filha de Arthur (nesse ciclo de contos), o consegue levar a dormir com ela, através de um anel mágico. Mais tarde, leva o seu filho a entrar na Távola Redonda.

Boors é sempre retratado como um dos melhores da Távola Redonda, mas a sua glória vem da Demanda do Santo Graal, na qual ele prova ter o valor suficiente, juntamente com Galahad e Percival, para alcançar e testemunhar os mistérios do Graal.

Vários episódios demonstram o seu carácter virtuoso. Num deles, uma dama aproxima-se de Boors, ameaçando-o de se suicidar se ele não dormisse com ela. Ele se recusa, porém, a quebrar o seu voto de celibato. Perante a sua recusa, a dama e as suas aias ameaçam atirar-se do alto das muralhas do castelo e, ao caírem, revelam-se demônios disfarçados que tentavam aproveitar-se da compaixão de Boors.

Tal como o resto da sua família, Bors junta-se a Lancelot no exílio, depois do seu caso amoroso com Guinevere ser revelado, e salva a rainha de ser executada no cadafalso. Ele acaba se tornando um dos conselheiros de maior confiança de Lancelot na sua guerra contra Arthur, tornando-se o governante dos antigos reinos de Claudas. Quando Arthur e Gawain têm que regressar à Bretanha para combater o usurpador Mordred, Gawain envia uma carta a Lancelot

pedindo-lhe auxílio. Lancelot chega para dominar o resto da rebelião liderada pelos filhos de Mordred, mas Leonel é morto por um deles e, dessa forma, Boors vai então vingar a morte do irmão.

Boors, Galahad e Percival vão em busca do Santo Graal, conseguindo alcançá-lo. Então acompanham-no a Sarras, uma ilha mítica no Médio Oriente. Tanto Galahad como Percival morrem enquanto lá se encontram, sendo Boors o único a regressar.

Do nome Sarras originou-se o termo SARRACENOS.

A SAGA DO REI ARTHUR

19.07.2009

As lendas Arthurianas têm nos fascinado por mais de mil anos. Nos seus textos herméticos estão contidos todos os simbolismos dos quatro elementos, bem como diversos poemas de cavalaria que se tornaram imortais. Os contos foram repassados pelas cortes, pelos templos e pelas ordens iniciáticas até os dias de hoje, tendo sido perpetuados em muito graças aos Cavaleiros Templários, cuja saga começarei a contar a partir das próximas semanas [ver o próximo capítulo, logo após este artigo].

Nesta última etapa, examinaremos os seis cavaleiros menos conhecidos da Távola Redonda, justamente alguns dos mais interessantes: Gaheris, Bedivere, Lamorak de Galis, Tristão, Gareth e Geraint.

Sir Bedivere

Sua contraparte histórica teria nascido em 495 d.C. Ele aparece pela primeira vez no poema *Culhwch and Olwen* como o mais belo cavaleiro da Távola Redonda. Junto com Sir Kay (ou Cai Hir, o “tall knight”). De acordo com o poema, apesar dele possuir apenas uma de suas mãos, nenhum guerreiro arrancava sangue mais rápido do que ele no campo de batalha.

Também há anotações sobre sua aparição na batalha de Tryfrwyd (“By the hundred they fell before Bedwyr Bedrydant” for “Furious was his nature with shield and sword”). Geoffrey de Monmouth o colocou como Duque da Normandia e um constante companheiro e “braço direito” do Rei Arthur, e Bedivere foi o único dos Cavaleiros a sobreviver à batalha contra Sir Mordred em Slaughterbridge, próximo a Tintagel.

Em suas aventuras, ele enfrentou o gigante do monte St. Michel e participou de diversas campanhas militares, tendo perecido em uma destas batalhas. A riqueza de detalhes sobre sua vida sugerem que Bedivere tenha sido inspirado em uma pessoa real.

Nos contos de Thomas Mallory, ele sobrevive até o final da saga; quando o Rei Arthur foi mortalmente ferido, ele encarregou Bedivere de retornar sua espada Excalibur à Dama do Lago, em Dosmary Pool, próximo a Tintagel. Após atirá-la de volta ao lago, um braço emergiu das águas, apanhou a espada e sumiu nas águas.

Após a morte de Arthur, Bedivere tornou-se um eremita e permaneceu assim até sua morte.

Sir Gaheris

Em sua origem, ele foi um personagem secundário chamado Gwalchafed, nos poemas gálicos e celtas; mais tarde, nas tradições arthurianas, ele é descrito como filho de Lot e Morgause, e irmão de Mordred, tendo sido apresentado à corte bem jovem. Foi durante uma destas visitas que seu irmão, Mordred, foi concebido. Com a morte de seu pai, Gaheris e seus irmãos são aceitos na corte e se tornam cavaleiros. Gawain se torna Cavaleiro da Távola Redonda e Gaheris seu escudeiro. Muitas aventuras se passam até que os irmãos conseguem vingar a morte de seu pai, assassinando lord Pellinore.

Gaheris foi um grande amigo de Percival e auxiliou Tristão em seus problemas com o rei Mark.

Gaheris foi um dos cavaleiros mais conquistadores: sua paixão oficial foi a demoiselle de La Blanche, mas outros poemas relatam diversos affairs (claro que ele sofreu do mesmo problema de Zeus e

suas amantes). Sir Gaheris também é retratado como um cavaleiro extremamente piedoso e cuidadoso com os pobres.

Gaheris tentou convencer seu irmão Mordred a não revelar a Arthur a traição de Lancelot, mas não conseguiu. Após a queda de Camelot, Gawain foi indicado para ser um dos executores de Guinevere, mas não aceitou o cargo, sugerindo seus irmãos Gaheris e Gareth. Gaheris aceitou o trabalho e acabou sendo morto por Lancelot quando este resgatou a rainha.

Gaheris foi enterrado no castelo de Dover.

Sir Lamorak de Galis

Sir Lamorak era o filho mais novo do rei Pellinore. É considerado o terceiro maior cavaleiro da Távola Redonda, atrás apenas de Sir Lancelot e sir Tristão. Em mais de uma oportunidade foi o campeão dos torneios realizados em Camelot, derrotando em cada uma mais de trinta cavaleiros.

Lamorak tornou-se o amante da rainha Morgause, apesar do fato de seu pai, sir Pellinore, ter matado o marido anterior de Morgause, Lot. Os filhos de Morgause desconfiaram de uma conexão entre Lamorak e Pellinore e eventualmente, Gaheris pegou os dois na cama. Cheio de ódio, Gaheris decepou a cabeça de sua mãe e atacou Lamorak, que conseguiu escapar com vida do castelo. Mal conseguindo chegar até Camelot, Lamorak pediu ajuda ao rei Arthur, mas os filhos de Lot chegaram antes que o monarca pudesse preparar uma escolta e o assassinaram.

Lamorak parece ter sido inspirado em um personagem real, chamado rei Lywarch Hen, que diziam ter sido um cavaleiro na corte do rei Arthur histórico.

Sir Tristão

Tristão era filho do rei Meliodas e da rainha Isabella de Lyonesse, uma ilha que ficava próxima da Sicília mas que hoje foi coberta pelo mar. Foi educado na França e lutou ao lado de seu tio Mark contra as

tropas irlandesas. No final da batalha, enfrentou o campeão irlandês e o derrotou.

Enviado para a Irlanda para buscar Isolda (futura esposa de Mark), Tristão e Isolda acidentalmente bebem uma poção do amor e se tornam apaixonados um pelo outro. Tristão se torna o amante de Isolda, apesar do casamento dela com seu tio (e ter tido com ele quatro filhos, que nunca sabemos quem é o pai verdadeiro de cada um). Mais tarde, quando a situação para ele começa a ficar muito complicada, Tristão vai para a Inglaterra e se torna um Cavaleiro da Távola Redonda, casando com a filha do rei Howel, também chamada Isolda.

Tristão foi ferido gravemente em combate, e manda chamar sua amante para curá-lo. Quando sua esposa mente que ela se recusou a atendê-lo, ele acaba morrendo de desgosto. Ao saber da morte de Tristão, Isolda se suicida. Este conto medieval foi a base para que o escritor rosacruz Shakespeare escrevesse a peça mais famosa sobre a mesma história, chamada *Romeu e Julieta*.

Sir Gareth

Sir Gareth foi um dos filhos do rei Lot de Orkney e da rainha Morgause. Ele era bem mais jovem que seus irmãos e foi deixado em Orkney quando eles viajaram para o sul em busca de Camelot e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Muitos anos depois, porém, Gareth foi até Camelot disfarçado. Arthur o colocou sob a tutela de sir Kay como auxiliar de cozinha. Seu apelido na corte era “Beaumains” (Mãos macias) porque o jovem príncipe nunca havia visto um único dia de trabalho em toda a sua vida. Quando lady Lynette veio até Camelot em busca de um cavaleiro para defender sua irmã, cujo castelo havia sido sitiado por sir Ironside, o Cavaleiro Vermelho, Gareth voluntariou-se para ajudá-la.

Kay tentou impedi-lo, mas Gareth o derrotou em combate facilmente. Apesar de Lynette estar muito decepcionada por ter conseguido apenas a ajuda do auxiliar de cozinha, Gareth massacrou não apenas sir Ironside, mas também seus três irmãos, o cavaleiro

negro, azul e verde (teria sido esta a origem medieval dos *Power Rangers*, crianças?). Lady Lyonesse apaixonou-se por Gareth e ambos se casaram logo em seguida.

Gareth teve várias participações na saga Arthuriana, provando-se mais admirável do que seus dois irmãos: ele impediu Gawain e Agravaine de matarem Gaheris após ele ter decapitado Morgause e foi um dos que pediu a agravain e Mordred que não revelasse o affair entre Guinevere e Lancelot. Por ter sido ignorado por seus irmãos, acabou morrendo nas mãos de sir Bors durante o resgate a Guinevere.

Muitos historiadores afirmam que Gareth e Gawain originaram-se de um único personagem, chamado Gwalchafed, que consta nos poemas mais antigos a respeito da corte de Arthur.

Sir Geraint

Sir Geraint (ou Gereint) era o filho mais velho do rei Erbin de cornwall. Geraint foi um dos primeiros Cavaleiros da Távola Redonda e participou de muitas aventuras. Uma de suas batalhas mais importantes ocorreu quando enfrentou sir Yder, que havia ofendido lady Guinevere.

Geraint casou-se com lady Enid e passava metade de seu tempo na corte de Camelot e a outra metade em seu castelo em Cornwall. Apesar de ser considerado um grande guerreiro, Geraint foi tido como um péssimo governador e acabou eventualmente retornando a Camelot.

Sua esposa sempre o acompanhava em suas aventuras, até quase ser violentada por um gigante quando este conseguiu nocautear Geraint. Geraint acordou com os gritos de Enid e conseguiu matar o gigante Limuris antes que este fizesse algum mal a ela.

Geraint é inspirado no rei Gerren, filho de Erbin, da Dumnonia, que ficou famoso no poema celta *Elegia a Gereint*, descrevendo sua morte na batalha de Llongborth na virada do século VI.

11. As Cruzadas

OS CAVALEIROS TEMPLÁRIOS

01.09.2009

Retornando à nossa História das Ordens Iniciáticas [ver Cap.9: História Oculta], chegamos ao começo do século XII d.C. Herdeiro da desintegração do Império Romano, o Ocidente Europeu do início da Idade Média era pouco mais que uma colcha de retalhos com populações rurais e tribos bárbaras. A instabilidade política e o definhamento da vida urbana golpearam duramente a vida cultural do continente. A Igreja Católica, como única instituição que não se desintegrou juntamente com o extinto império, mantinha o que restava de força intelectual, especialmente através da vida monástica.

Com o tempo a sociedade foi se estabilizando e, em certos aspectos, no século IX o retrocesso causado pelas migrações bárbaras já estava revertido, mas nessa época os pequenos agricultores ainda eram impelidos a se proteger dos inimigos junto aos castelos. Esse cenário começa a mudar mais fortemente com a contenção das últimas ondas de invasões estrangeiras no século X, época em que o sistema feudal começa a ser definido. O período de relativa tranquilidade que se segue coincide com um período de condições climáticas mais amenas. A partir do ano 1000, o Feudalismo entra em ascensão.

Os Templários e a Primeira Cruzada

Depois que Maomé morreu (632 d.C.), as vagas de exércitos árabes lançaram-se com um novo fervor à conquista dos seus antigos senhores, os bizantinos e persas sassânidas que passaram décadas a

guerrear-se. Estes últimos, depois de algumas derrotas esmagadoras, demoram 30 anos a ser destruídos, mais graças à extensão do seu império do que à resistência: o último Xá morre em Cabul em 655. Os bizantinos resistem menos: cedem uma parte da Síria, a Palestina, o Egito e o norte de África, mas sobrevivem e mantêm a sua capital, Constantinopla.

Num novo impulso, os exércitos conquistadores muçulmanos lançam-se então para a Índia, a Península Ibérica, o sul de Itália e França, as ilhas mediterrânicas. Tornado um império tolerante e brilhante do ponto de vista intelectual e artístico, o império muçulmano sofre de um gigantismo e um enfraquecer guerreiro e político que vai ver aos poucos as zonas mais longínquas tornarem-se independentes ou então serem recuperadas pelos seus inimigos, que guardavam na memória a época de conquista: bizantinos, francos e reinos neo-godos.

No século X, esse desagregar acentua-se em parte devido à influência de grupos de mercenários convertidos ao islã e que tentam criar reinos próprios. Os turcos seljúcidas (não confundir com os turcos otomanos antepassados dos criadores do atual estado da Turquia; nem com os Mamelucos, que só vão surgir em 1250; os Seljúcidas seguiam o califa Seljúcida), procuraram impedir esse processo e conseguem unificar uma parte desse território. Acentuam a guerra contra os cristãos, chutam a bunda das forças bizantinas em Mantzikert em 1071 conquistando assim o leste e centro da Anatólia e finalmente tomam Jerusalém em 1078.

O Império Bizantino, depois de um período de expansão nos séculos X e XI, está completamente ferrado e em sérias dificuldades: vê-se a braços com revoltas de nômades no norte da fronteira, e com a perda dos territórios da península Itálica, conquistados pelos normandos. Do ponto de vista interno, a expansão dos grandes domínios em detrimento do pequeno campesinato resultou em uma diminuição dos recursos financeiros e humanos disponíveis ao estado. Como solução, o imperador Aleixo I Comneno decide pedir auxílio militar ao Ocidente para poder enfrentar a ameaça seljúcida.

E adivinha quem eles mandaram?

Errou. Ao invés de mandarem cavaleiros bem preparados, em 1095, no concílio de Clermont, o papa *mané* Urbano II exorta a multidão de esfomeados malucos religiosos a libertar a Terra Santa e a colocar Jerusalém de novo sob o domínio cristão, apresentando a expedição militar que propõe como uma forma de “penitência”. A multidão presente aceita entusiasticamente o desafio e logo parte em direção ao Oriente, tendo consigo uma cruz vermelha sobre as suas roupas (daí terem recebido o nome de “cruzados”). Assim começavam as cruzadas. A idéia basicamente era “Vão lá e matem todo mundo, e Deus perdoará os seus pecados”.

Treinamento? Equipamento? Blá...

A Cruzada dos Pobres

A Cruzada Popular ou dos Mendigos (1096) foi um acontecimento extraoficial que consistiu em um movimento popular que bem caracteriza o misticismo da época e começou antes da Primeira Cruzada oficial. O monge Pedro, o Eremita, graças a suas pregações comoventes, conseguiu reunir uma multidão. Entre os guerreiros, havia uma multidão de mulheres, velhos e crianças.

Auxiliado por um cavaleiro, Guautério Sem-Haveres, os peregrinos atravessaram a Alemanha, Hungria e Bulgária, causando todo tipo de desordens e desacatos, sendo em parte aniquilados pelos búlgaros. Ainda no caminho, seus seguidores tinham criado diversos tumultos, massacrando comunidades judaicas em cidades como Trier e Colônia, na atual Alemanha.

Chegaram em péssimas condições a Constantinopla. Mal equipada e mal alimentada, essa “Cruzada” massacrou judeus pelo caminho, matou, pilhou e destruiu tudo, como hordas assassinas de personagens de RPG. Ainda assim, o imperador bizantino Aleixo I Comneno recebeu os seguidores do eremita em Constantinopla. Prudentemente, Aleixo aconselhou o grupo a aguardar a chegada de

tropas mais bem equipadas... Mas a turba começou a saquear a cidade.

O imperador bizantino, desejando afastar esse “bando de personagens low level de world of warcraft” (ok, ele não os chamava assim, mas vocês entenderam a idéia) de sua capital, obrigou-os a se alojar fora de Constantinopla, perto da fronteira muçulmana, e procurou incentivá-los a atacar os infiéis. Foi um desastre, pois a Cruzada dos Mendigos chegou muito enfraquecida à Ásia Menor, onde foi arrasada pelos turcos, que tinham um level muito maior e melhores equipamentos... Noobs.

Somente um reduzido grupo de integrantes conseguiu juntar-se à cruzada dos cavaleiros.

Durante um mês, mais ou menos, tudo o que os cavaleiros turcos fizeram foi observar a movimentação dos invasores, que se ocupavam apenas de badernar e saquear as regiões próximas do acampamento onde foram alojados. Até que, em agosto de 1096, o bando inquieto cansou-se de esperar e partiu para a ofensiva.

Quando parte dos europeus resolveu partir em direção às muralhas de Nicéia, cidade dominada pelos muçulmanos, uma primeira patrulha de soldados do sultão turco Kiliç Arslan foi enviada, sem sucesso, para barrá-los. Animado pela primeira vitória, o exército do Eremita maluco continuou o ataque a Nicéia, tomou uma fortaleza da região e comemorou bebendo todas, sem saber que estava caindo numa emboscada. O sultão mandou seus cavaleiros cercarem a fortaleza e cortarem os canais que levavam água aos invasores. Foi só esperar que a sede se encarregasse de aniquilá-los e derrotá-los, o que levou cerca de uma semana.

Quanto ao restante dos cruzados maltrapilhos, foi ainda mais fácil exterminá-los. Tão logo os francos tentaram uma ofensiva, marchando lentamente e levantando uma nuvem de poeira, foram recebidos por um ataque de flechas. A maioria morreu ali mesmo, já que não dispunha de nenhuma proteção. Os que sobreviveram fugiram como galinhas amarelas.

O sultão, que havia ouvido histórias temíveis sobre os francos, respirou aliviado. Mal imaginava ele que aquela era apenas a primeira invasão e que cavaleiros bem mais preparados ainda estavam por vir...

Os Cavaleiros e o Templo

No início de 1100, Hugo de Paynes e mais oito cavaleiros franceses, abrasados pelo fervor religioso e movidos pelo espírito de aventura tão comum aos nobres que buscavam nas Cruzadas, nos combates aos muçulmanos a glória dos atos de bravura e a consagração da impavidez, abalaram rumo à Palestina levando no peito a cruz de Cristo e na alma um sonho de amor. Eram os Gouvains do Cristianismo, que se constituíam fiadores da fé, disputando as relíquias sagradas que os fanáticos do Crescente retinham e profanavam. Reinava em Jerusalém Balduíno II que os acolheu e lhes destinou um velho palácio junto ao planalto do Monte Moriah, onde os montões de escombros assinalavam as ruínas de um grande Templo. Seriam as ruínas do GRANDE TEMPLO DE SALOMÃO, o mais famoso santuário do XI século antes de Cristo.

Hugo de Payens (1070-1136), um fidalgo francês da região de Champagne, foi o primeiro mestre da Ordem dos Templários. Ele era originalmente um vassalo do conde Hugues de Champagne. Conde Hugues de Champagne visitou Jerusalém uma vez com Hugo de Payens, que ficou por lá depois de o conde voltar para a França. Hugo de Payens organizou um grupo de nove cavaleiros para proteger os peregrinos que se dirigiam para a terra santa no seguimento das iniciativas propostas pelo Papa Urbano II.

De Payens aproximou-se do rei Balduíno II com oito cavaleiros, dos quais dois eram irmãos e todos eram parentes de Hugo de Payens, alguns de sangue e outros de casamento, para formar a primeira das ordens dos Templários.

Os outros cavaleiros eram: Godofredo de Saint-Omer, Archambaud de Saint-Aingnan, Payen de Montdidier, Geofroy Bissot, e dois homens registrados apenas com os nomes de Rossal ou possivelmente

Rolando e Gondamer. O nono cavaleiro permanece desconhecido, apesar de se especular que ele era o Conde Hugh de Champagne.

O símbolo destes Templários era uma imagem onde se viam dois cavaleiros em cima de um único cavalo – dois cavaleiros “tão pobres que precisavam dividir um cavalo”... Você escutou esta balela na escola, certo? Vamos aos fatos: FIDALGO Hugo de Payens; Godofredo de Saint Omer, nobre da Família de Saint Omer, cujos VASSALOS foram alguns dos primeiros cavaleiros recrutados; Payen de Montdidier, da casa nobre flamenca Montdidier; o CONDE Geofroy Bissot, da família Bissot, entre outros... tantos nobres reunidos e não tinham dinheiro sequer para comprar um cavalo para cada um? Fala sério...

O que o Símbolo dos Templários realmente representa é que eles eram guerreiros espirituais. Os dois corpos no cavalo representam a união do guerreiro físico com o guerreiro espiritual que eles ali representavam. Mas a ideia de falar que eles eram pobres não era ruim...

Outro ponto bizarro é dizer que a função dos Templários era “defender as rotas de Peregrinos dos Muçulmanos”... Ora, o que nove cavaleiros de meia-idade poderiam fazer contra as hordas de muçulmanos que estavam tomando conta da região? O que estes nove cavaleiros fizeram foi escavar sob os estábulos do Templo durante nove anos (de 1109 a 1118), até que finalmente encontraram o que estavam procurando...

As ruínas do Templo

Destruído pelos caldeus e reconstruído por Zorobabel, fora ampliado por Herodes em 18 a.C. e, finalmente, arrasado pelas legiões romanas chefiadas por Tito, na tomada de Jerusalém. Os “Pobres Cavaleiros de Cristo” atraídos pela sensação do mistério que pairava sobre as veneradas ruínas, não tardou para que descobrissem a entrada secreta que conduzia ao labirinto subterrâneo só conhecido pelos iniciados nos mistérios da Kabbalah. E entraram. Uma extensa

galeria conduziu-os até uma porta chapeada de ouro por detrás da qual deveria estar o maior Segredo da Humanidade.

Sobre a porta, uma inscrição em caracteres hebraicos prevenia os profanos contra os impulsos da ousadia:

SE É MERA CURIOSIDADE QUE AQUI TE CONDUZ,
DESISTE E VOLTA; SE PERSISTIRES EM CONHECER O
MISTÉRIO DA EXISTÊNCIA, FAZ O TEU TESTAMENTO E
DESPEDE-SE DO MUNDO DOS VIVOS.

Hugh de Payens escancarou aos olhos vidrados dos cavaleiros um gigantesco recinto ornado de figuras bizarras, delicadas umas e monstruosas outras, tendo ao Nascente um grande trono recamado de sedas e por cima um triângulo equilátero em cujo centro em letras hebraicas marcadas a fogo se lia o TETRAGRAMA YOD. Junto aos degraus do trono e sobre um altar de alabastro, estava a “LEI” cuja cópia, séculos mais tarde, um Cavaleiro Templário em Portugal, devia revelar à hora da morte, no momento preciso em que na Borgonha e na Toscana se descobriam os cofres contendo os documentos secretos que “comprovavam” a heresia dos Templários. A “Lei Sagrada” era a verdade de Jahveh transmitida ao patriarca Abraão.

A par da Verdade divina vinha depois a revelação Teosófica da Kabbalah. Extasiados diante da majestade severa dos símbolos, os nove cavaleiros, futuros Templários, ajoelharam e elevaram os olhos ao alto. Na sua frente, o grande Triângulo, tendo ao centro a inicial do princípio gerador, espírito animador de todas as coisas e símbolo da regeneração humana, parece convidá-los à reflexão sobre o significado profundo que irradia dos seus ângulos.

Ali estão representadas as Trinta e Duas Vidas da Sabedoria que a Kabbalah exprime em fórmulas herméticas, e que a Sepher Yetzira propõe ao entendimento humano. As chaves expostas sobre o Altar de alabastro onde os iniciados prestavam juramento dão aos Pobres

Cavaleiros de Cristo a chave interpretativa das figuras que adornam as paredes do Templo.

Na mudez estática daqueles símbolos há uma alma que palpita e convida ao recolhimento. Abalados na sua crença de um Deus feroz e sanguinário, os futuros Templários entreolham-se e perguntam-se:

SE TODOS OS SERES HUMANOS PROVÊM DE DEUS QUE OS FEZ À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA, COMO COMPREENDER QUE OS HOMENS SE MATEM MUTUAMENTE EM NOME DE VÁRIOS DEUSES? COM QUEM ESTÁ A VERDADE?

Entre as figuras mais bizarras que adornavam o majestoso Templo, uma em especial chamara a atenção de Hugo de Paynes e de seus oito companheiros. Na testa ampla, um fecho luminoso parecia irradiar inteligência; e no peito uma cruz sangrando acariciava no cruzamento dos braços uma Rosa, encantadora. A cruz era o símbolo da imortalidade; a rosa o símbolo do princípio feminino. A reunião dos dois símbolos era a idéia da Criação. E foi essa figura atraente que os nove cavaleiros elegeram para emblema de suas futuras cruzadas.

Quando em 1128 se apresentou ante o Concílio de Troyes, Hugo de Paynes, primeiro Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros do Templo, já tinha uma concepção acerca da idéia de Deus que não era muito católica. A divisa inscrita no estandarte negro da Ordem “Non nobis, Domine, sed nomini tuo ad Gloria” não era uma sujeição à Igreja mas uma referência à inicial que, no centro do Triângulo, simbolizava a unidade perfeita: YOD.

TEMPLÁRIOS, HOSPITALÁRIOS E TEUTÔNICOS

30.09.2009

Já vimos todas as bases históricas que acabaram gerando o Início das Cruzadas, incluindo a formação dos Cavaleiros Templários.

Muita gente confunde Templários com Cruzados, misturando tudo em um mesmo saco, mas estas duas classificações militares eram MUITO, mas MUITO diferentes, tanto em sua origem quanto em seus propósitos:

Os Templários eram nobres (a maioria do Sul da França), iniciados nos conhecimentos do oriente e com uma visão de religiosidade muito mais próxima do Catarismo do que do Catolicismo; já os Cruzados eram uma massa de manobra do Vaticano, para tentar recuperar Jerusalém das mãos dos Muçulmanos, custe o que custar.

A Primeira Cruzada

Foi chamada também de Cruzada dos Nobres ou dos Cavaleiros. Ao pregar e prometer a salvação a todos os que morressem em combate contra os pagãos (leia-se, muçulmanos) em 1095, o Papa Urbano II estava a criar um novo ciclo na história mundial.

É certo que a idéia de juntar um bando de gente armados com espadas e tocha e mandá-los para matar os inimigos hereges não era algo totalmente novo, pois já no século IX se declarava que os guerreiros mortos em combate contra os muçulmanos na Sicília mereciam a salvação eterna. Mas desta vez a salvação não era prometida numa situação excepcional.

Urbano II declarou que não apenas todos os pecados dos cruzados seriam perdoados, mas que todo aquele que morresse nesta “Guerra Santa” teria seu lugar garantido no Céu. O problema com isso é que a Primeira cruzada acabou “recrutando” todo tipo de bandido, estuprador, mercenário e vilão que você puder imaginar. Todo aquele que era um pária na Europa enxergou na cruzada uma chance de desaparecer de seus algozes, ficar com a ficha limpa e ao mesmo tempo matar, pilhar e destruir à vontade “em nome de Jesus”. Tudo gente finíssima nas cruzadas...

Por volta de 1097, um exército de 30 mil homens, dentre eles muitos peregrinos, cruzou a Ásia Menor, partindo de Constantinopla. A cruzada dos cavaleiros, possuindo recursos, embora progredindo

devagar, fizera um acordo com o imperador de Bizâncio de lhe devolver os territórios conquistados aos turcos. Esse acordo seria desrespeitado, claro, à medida que o mal-entendido entre as duas partes cresceria.

E quem eram os “nobres” das cruzadas?

Imagine que você seja um nobre europeu feudal do século X ou XII. O filho primogênito era tradicionalmente o herdeiro de tudo o que o seu pai tivesse, e era devidamente preparado para assumir as responsabilidades de vassalo ou nobre de acordo com a posição das terras de seu pai; o filho mais novo era, por tradição, destinado à Igreja ou ao Clero, para manter o povo sob o domínio do Cristianismo: eram enviados para os mosteiros para estudar ou para serem introduzidos no catolicismo (desculpem pelo trocadilho...).

As nobres fêmeas eram leiloadas em grandes festas junto a outros nobres, dentro de acordos políticos e diplomáticos realizados entre os Senhores Feudais; fora do Sul da França e dos Territórios Celtas, as mulheres não tinham muito poder de decisão de nada, sendo valorizadas mais por sua beleza do que por seus atributos mentais (estas festas deram origem ao que hoje em dia chamamos de “Festas de Debutantes”). Aos irmãos “do meio”, sobrava um abraço e um aperto de mão: não tinham direito a nada.

Neste aspecto, as Cruzadas se ofereciam para eles como algo realmente tentador: comandar um monte de crentes, peregrinos, bandidos e assassinos “em nome de Jesus”, matar vários hereges e, quem sabe, virar um nobre dono de terras no Além Mar? Parecia uma ótima idéia!

As tensões entre os bizantinos e os cruzados

Os bizantinos queriam um grupo de mercenários solidamente enquadrados ao qual se pagasse o soldo e que obedecessem às ordens – não aquelas turbas de remelentos indisciplinados; por outro lado, os cruzados não estavam dispostos, depois de tantos sacrifícios, a entregar o que obtinham.

Apesar da animosidade entre os líderes e das promessas quebradas entre os cruzados e os bizantinos que os ajudavam, a Cruzada prosseguiu. Os turcos estavam simplesmente desorganizados. A cavalaria pesada e a infantaria franca não tinham experiência em lutar contra a cavalaria leve e arqueiros turcos, e vice-versa. No final das contas, a resistência e a força dos cavaleiros venceram a campanha em uma série de vitórias, a maioria muito difíceis.

Em 19 de Junho de 1097, os cruzados cercaram e tomaram Nicéia, devolvendo-a aos bizantinos, e logo tomaram o rumo de Antioquia. Em julho, foram atacados pelos turcos em Dorileia, mas conseguiram vencê-los e, após penosa marcha, chegaram aos arredores de Antioquia em 20 de outubro. A cidade de Antioquia somente cairia, após longo cerco, a 3 de Junho de 1098, com a ajuda de um sentinela armênio que facilitou a entrada dos cruzados nas muralhas da cidade. Seguiu-se um saque terrível da população muçulmana da cidade, que ficou na posse de Boemundo de Taranto, o chefe dos normandos.

Godofredo de Bulhão, após longo cerco, conquistou Jerusalém atacando uma guarnição fraca em 1099. A repressão foi violenta. Segundo o arcebispo Guilherme de Tiro, a cidade oferecia tal espetáculo, tal carnificina de inimigos, tal derramamento de sangue que os próprios vencedores ficaram impressionados de horror e descontentamento.

Conta-se que haviam rios de sangue correndo pelas ruas da cidade...

Godofredo de Bulhão ficou só com o título de protetor e, à sua morte, Balduíno, seu irmão, proclamou-se rei. Após a vitória, era preciso organizar a conquista. Para dividir os territórios conquistados entre os principais nobres que participaram da matança, surgiram quatro estados cruzados, conhecidos coletivamente como Outremer (“Ultramar”), do norte para o sul: o Condado de Edessa, o Principado de Antióquia, o Condado de Trípoli, e o Reino de Jerusalém.

O sucesso da primeira cruzada pelas tropas de noobs foi até certo ponto uma surpresa e ocorreu porque os cruzados chegaram num

momento de desordem naquela periferia do mundo islâmico. Uma vez conquistado o território ao inimigo, os cruzados, cujos desentendimentos com os bizantinos começaram ainda durante a campanha, não mais quiseram devolver as terras aos seus irmãos de fé cristã do Império Bizantino. Balduíno teria dito, inclusive, para o Imperador Bizantino a seguinte frase: “Perdeu, playboy”.

Muitos dos combatentes retiraram-se de Jerusalém (incluindo os grandes senhores), mas um núcleo ficou (cálculos chegam a falar de algumas centenas de cavaleiros e um milhar de homens a pé). As cidades principais (como Antioquia e Edessa) tornaram-se capitais de principados e reinos (embora Jerusalém fosse de certo modo o centro político e religioso), com outras marcas a protegê-los.

O sistema feudal foi transplantado para o oriente com algumas alterações: muitas vezes, em vez de receber feudos, os cavaleiros eram pagos com direitos ou rendas (modalidade que existia também na Europa). As cidades mercantis italianas tornaram-se fundamentais para a sobrevivência desses estados: permitiram a chegada de reforços e interceptar os movimentos das esquadras muçulmanas, tornando o Mediterrâneo novamente um mar navegável pelos ocidentais.

Mas os muçulmanos iriam reagir...

De qualquer modo, nos anos seguintes, com a euforia da vitória, mais voluntários seguiram para o Oriente. Os contingentes seguiam por nacionalidades, continuando pouco organizados. As motivações eram variáveis: se alguns pretendiam obter novos feudos, ou redimir-se das suas faltas, havia também aqueles que “apenas” pretendiam ganhar batalhas, cobrir-se de glória, bênçãos espirituais, e voltar para a sua terra.

Os governantes cruzados encontravam-se em grande desvantagem numérica em relação às populações muçulmanas que eles tentavam controlar. Assim, construíram castelos e contrataram tropas mercenárias para mantê-los sob controle. A cultura e a religião dos francos era muito estranha para cativar os residentes da região.

Por aproximadamente um século, os dois lados mantiveram um clássico conflito de guerrilha. Os cavaleiros francos eram muito fortes, mas lentos. Os árabes não aguentavam um ataque da cavalaria pesada, mas podiam cavalgar em círculo em volta dela, na esperança de incapacitar as unidades dos francos e fazer emboscadas no deserto. Os reinos cruzados localizavam-se, em sua maioria, no litoral, pelo qual eles podiam receber suprimentos e reforços, mas as constantes incursões e o infeliz populacho mostravam que eles não eram um sucesso econômico.

Ordens de monges cavaleiros foram formadas para lutar pelas terras sagradas. Os cavaleiros templários e hospitalários eram, em sua maioria, francos. Os cavaleiros teutônicos (Teutonicorum) eram germânicos. Esses eram os mais bravos e determinados dos cruzados, mas nunca foram suficientes para fazer a região ficar segura, ao contrário do que é ensinado nas escolas. Os reinos cruzados só sobreviveram por um tempo, em parte porque aprenderam a negociar, conciliar e jogar os diferentes grupos árabes uns contra os outros (mas onde que a educação escolar católica brasileira vai admitir que os “guerreiros de Deus” negociavam, manipulavam e conciliavam com os hereges?).

Os Templários

Oficialmente, a Ordem foi fundada por Hugo de Payens após a Primeira Cruzada, em 1119, com a finalidade de defender a Terra Santa dos ataques dos maometanos, mantendo os reinos cristãos que as Cruzadas haviam fundado no Oriente.

Os seus membros faziam voto de pobreza e seu símbolo passou a ser um cavalo montado por dois cavaleiros. Em decorrência do local de sua sede (junto ao local onde existira o Templo de Salomão, em Jerusalém) do voto de pobreza e da fé em Cristo surgiu o nome “Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”. Sua bandeira consistia em uma cruz vermelha sobre um fundo mosaico preto-e-branco; nos templos, esta bandeira era representada pelo pavimento mosaico.

A regra dessa ordem religiosa de monges guerreiros (militar) foi escrita por São Bernardo. A sua divisa foi extraída do *Livro dos Salmos*: “Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini Tuo da gloriam” (Sl 115,1) que significa “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai a glória”.

O seu crescimento vertiginoso, ao mesmo tempo que ganhava grande prestígio na Europa, deveu-se ao grande fervor religioso e à sua incrível força militar. Os Papas guardaram a ordem acolhendo-a sob sua imediata proteção, excluindo qualquer intervenção de qualquer outra jurisdição fosse ela secular ou episcopal. Não foram menos importantes também os benefícios temporais que tal ordem recebeu dos soberanos da Europa.

O poder da Ordem tornou-se tão grande que, em 1139 que o papa Inocêncio II emitiu um documento declarando que os templários não deviam obediência a nenhum poder secular ou eclesiástico, apenas ao próprio papa.

Um contemporâneo (Jacques de Vitry) descreve os Templários como “leões de guerra e cordeiros no lar; rudes cavaleiros no campo de batalha, monges piedosos na capela; temidos pelos inimigos de Cristo, a suavidade para com Seus amigos”.

Levando uma forma de vida austera, não tinham medo de morrer para defender os cristãos que iam em peregrinação a Terra Santa. Como exército nunca foram muito numerosos (não passavam de 400 cavaleiros em Jerusalém no auge da ordem), mesmo assim foram conhecidos como o terror dos maometanos.

Os Hospitalários

Por volta de 1099, alguns mercadores de Amalfi fundaram em Jerusalém, sob a regra de S. Bento e com a indicação de Santa Maria Latina, uma casa religiosa para recolha de peregrinos. Anos mais tarde construíram junto dela um hospital que recebeu, de Godofredo de Bulhão, doações que lhe asseguraram a existência, desligou-se da igreja de Santa Maria e passou-se a formar congregação especial, sob o nome de São João Baptista.

Em 1113, o Papa nomeou-a congregação, sob o título de São João, e deu-lhe regra própria. Em 1120, o francês Raimundo de Puy, nomeado Grão-Mestre, acrescentou ao cuidado com os doentes o serviço militar.

“Hospitalários” vem da palavra “Hospício”, que naquele tempo tinha a conotação de local para tratamento e/ou hospedagem de pessoas doentes ou pobres sem gratificação, monetária ou econômica, ao serviço prestado. Então quando vocês lerem por ai que os Hospitalários eram proprietários de vários hospícios (Hospices) na Terra Santa, não vão achar que eles eram psiquiatras! (se bem que... dada todas as condições de horror das batalhas, pensando bem, não era um nome tão inapropriado assim...).

Do seu nome, vem a palavra “Hospital” que usamos até hoje como sinônimo para “Edifício onde se tratam os doentes”. Mais tarde, veremos que a Ordem irá mudar seu nome e local de sede por motivos alheios à sua vontade, adotando uma nova bandeira que hoje é mundialmente conhecida.

Os Teutônicos

Fundados no Acre [a cidade de Israel, não o estado brasileiro!] a partir do século XII (mas cuja origem precisa remota a 1143, quando o Papa Celestino II pediu um destacamento especial de Hospitalários que falassem a língua germânica para tomar conta de um hospital especial para peregrinos alemães, o *Domus Theutonicum*), tinha originalmente o nome de “Cavaleiros Teutônicos do Hospital de Santa Maria em Jerusalém” (*Ordo domus Sanctae Mariae Theutonicorum*). Formados a partir de tropas germânicas, nunca tiveram um número muito grande de membros, pois todos os principais cavaleiros sempre tinham origem nobre. Durante os períodos mais complicados, eles recrutavam voluntários e mercenários, que não eram considerados do “Círculo Interno” da Ordem.

Seu primeiro grão mestre foi Henrich Walpot Von Bassenheim (governou de 1198 a 1200). Walpot recebeu em 1199 as regras de

Monastério dos Templários das mãos de Gilbert Horal, Grão mestre Templário na ocasião, e foi ele quem transformou a Ordem de médicos e protetores para monges guerreiros. Walpot morreu em batalha no Acre.

Os Teutônicos tiveram uma influência muito grande na defesa da região, mas quando os cristãos foram derrotados em 1211, os Teutônicos moveram sua sede para a Transilvânia, para ajudar a defender a Hungria dos ataques dos turcos muçulmanos.

A partir do próximo artigo, farei as narrativas paralelas para que vocês entendam melhor as relações de amor e ódio existentes entre estas três Ordens Militares (e os Muçulmanos, e os Católicos, e os Cruzados e os Cátaros)...

O VELHO DA MONTANHA

09.10.2009

Continuando a nossa saga pelas primeiras cruzadas e a Origem das Ordens de Cavalaria, trago um texto curto, porém importante sobre uma das ordens mais amedrontadoras do começo das cruzadas: os Assassinos.

Sim, o termo “assassinato” foi inventado por causa deles. Estamos falando da Seita dos Hashashins, ou os fumadores de Haxixe do monte Alamut (que significa “Ninho da Águia”). Guerreiros cujas habilidades foram comparadas às dos famosos ninjas orientais, estes enigmáticos personagens tornaram-se um ponto de interrogação dentro das batalhas na região de Jerusalém, ora movimentando a balança na direção dos cristãos, ora pendendo para os muçulmanos.

O Sol também se Levanta

A Ordem de Assassinos foi uma seita fundada no século XI por Hassan ibn Sabbah, conhecido como o velho da montanha. Seu fundador criou a seita com o objetivo de difundir uma nova corrente

do ismaelismo (uma das correntes do Esoterismo Islâmico), que ele mesmo havia criado. Sua sede era uma fortaleza situada na região de Alamut, no Irã. (o nome Alamut é bastante conhecido entre os jogadores do RPG *Vampiro, a Máscara*, pois a Ordem dos Assassinos foi usada como base para a criação do clã de vampiros “Assamitas”).

A fama do grupo se alastrou até o mundo cristão, que ficou surpreso com a fidelidade de seus membros, mais até que com sua ferocidade. No ponto alto do poderio dos Hashashins, seu líder chegou a possuir cerca de 60 mil seguidores, segundo alguns relatos da época especulavam. Para Bernard Lewis, autor de “Os Assassinos”, haveria um evidente paralelo entre essa seita e o comportamento extremista islâmico, assim como o ataque suicida como demonstração de fé.

O Velho e o Mar

Hassan bin Sabbah Homairi era filho de uma poderosa família de pescadores de Qom – centro de propagação do ismaelismo. Se intitulava a sétima encarnação do Imã Ismael. O sétimo profeta (Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus, Maomé e ele... modesto o cara!).

A partir de 1079 passou a viver no Egito (mais precisamente no Cairo) onde estudou e aperfeiçoou seu conhecimento do Corão, descobriu o Antigo e o Novo Testamentos, além dos textos vedas hindus e dos papiros rosacruz – conhecidos desde as invasões de Alexandre, o Grande. Bin Sabbah promoveu a reunião dessas religiões, misturando ainda o zoroastrismo e acrescentando, nesta síntese, um pouco de neoplatonismo.

Durante a sua permanência no Cairo, Hassan relacionou-se com Nizar, filho do califa da dinastia fatímida, al-Mustansir, até que Nizar foi sacaneado e afastado da sucessão pelo vizir al-Afdal. Provavelmente esteja aí a origem do ódio de Hassan à dinastia fatímida. Foi em torno do nome de Nizar que ele reuniu os seus primeiros seguidores – daí o nome nizaritas.

Das várias e dramáticas facções ismaelitas, as mais famosas foram a dos fatímidas do Egito, a dos ismaelitas hindus e a dos ismaelitas reformados de Alamut – chefiada por Hassan.

Por quem os sinos dobram

De acordo com sua biografia, Hassan teria tido uma visão de Zaratustra que o encaminhou para o norte, ao encontro de seus iniciadores – membros de uma seita secreta –, “numa caverna de uma alta montanha”, para receber a iniciação pelo senhor da montanha. A tradução do texto encontrado na Índia, por W. Ivanov, é de “Jean Claude Frère, *L’Ordre des assassins*, caps. I e II, pp. 15 a 78”. O texto revela uma mistura de elementos zoroastrianos, cristãos e islâmicos. Hassan teria, então, recebido dos iniciadores a missão de “libertar a raça ariana e fundar um novo império, tendo por base a nova religião” (sim, ainda vamos ouvir falar bastante da tal “raça ariana” até chegarmos na Segunda Guerra e você-sabe-quem).

No Cairo, Hassan completou sua iniciação na famosa “Casa das Ciências” do Islamismo.

Suas andanças, após ser expulso da Pérsia pelos turcos seljúcidas (desculpem pelos nomes complicados – adeptos da ortodoxia sunita), o levaram a muitos fiéis, dispostos a obedecê-lo cegamente até mesmo com o sacrifício da própria vida: a seita dos Assassinos.

Na hierarquia da seita existiam alguns patamares: os iassek estavam no patamar mais baixo – a massa dos fiéis, responsáveis pelo sustento monetário da ordem. Depois deles, os mujib - que dependendo de sua aptidões poderiam se tornar fedayin, os guerreiros treinados que se sacrificavam. Os denominados de rafik eram treinados para comandar fortalezas e dirigir a organização. Os daí eram os missionários. Por último, no topo da pirâmide, estava o grande senhor: Hassan.

Uma das maiores lendas a respeito de Hassan é a de que ele era imortal. Na verdade, ele viveu até os 90 anos, o que era um absurdo de longevo para o século XII d.C. Além disso, quase ninguém estava autorizado a vê-lo e ele nunca saía do Castelo de Alamut. Como os Grãos Mestres que o sucederam também adotaram o nome de “Velho da Montanha”, a história de que o líder dos assassinos era imortal correu o mundo. Em Jerusalém, seu nome era usado para assustar crianças que não queriam se comportar (Tudo bem que os

muçulmanos usavam a figura de Melek-Ric, ou “Rei Ricardo” em alusão ao Ricardo Coração de Leão, para assustar seus pimpolhos também... Guerra é guerra, em todos os patamares!)

Ter e não Ter

Assim como em outras ordens iniciáticas do período das Cruzadas, todos os membros abriam mão de seus pertences para o grupo. O treinamento era de qualidade inferior à dos templários ou teutônicos, mas eles eram muito mais temidos do que os guerreiros cristãos. Por quê?

Porque os Hassassins não tinham medo da morte. Enquanto um cruzado ou Templário gostaria de cumprir sua missão e voltar para casa para receber os louros da vitória, dinheiro, mulheres, mansões e iates, os hassassins apenas precisavam cumprir sua missão. Eles não procuravam por oportunidades onde poderiam se safar depois, ou pela maneira mais fácil de se proteger após cumprida a missão... Muitas vezes, iam disfarçados de mendigos e ficavam durante semanas ou meses infiltrados na cidade, muitas vezes conseguindo a confiança dos mercadores e religiosos do local, realizando pequenos serviços para a comunidade... Até suas ordens de assassinato chegarem.

Uma vez com uma missão, os hashashins estudavam o cotidiano de sua vítima, aguardavam até um momento oportuno (que sua vítima estivesse rezando ou até mesmo no banheiro) e o atacava sempre em mais de um guerreiro. Depois de cumprida a missão, eles até tentavam fugir, mas isso não era nenhuma prioridade. O importante era que a vítima estava morta. Sua arma favorita era os Sicários (lembra do Judas Iscariotes?), que às vezes eram deixados sobre o travesseiro da vítima para intimidá-la, se fosse necessário (diz a lenda que até mesmo o grande Saladino foi ameaçado desta forma).

Note que esta técnica continua em uso até os dias de hoje... Dos polêmicos “homens bomba” até os pilotos do 11 de Setembro. Não importa o homem, importa a missão. A recompensa virá após a morte.

O Jardim do Édem

A história dos Assassinos se mescla às das Cruzadas, normalmente como aliado involuntário dos cristãos, pois os principais alvos dos assassinos acabavam sendo os próprios califas muçulmanos, embora existam referências de líderes cruzados assassinados pelos mesmos métodos dos Hashashins.

Em mais de uma ocasião os Teutônicos e os Templários utilizaram-se da ajuda dos Assassinos para atacar algum califa importante ou para manter inimigos políticos controlados.

A lealdade e a crença na vida após a morte dos assassinos era tanta que certa vez, durante a visita de um aliado, querendo demonstrar a lealdade e incorruptabilidade de seus homens, Hassan pediu que um de seus homens se suicidasse como prova de lealdade, ordem que foi cumprida imediatamente na frente de todos.

Adeus às Armas

Hassan e os Grão-Mestres que governaram após o mesmo seguraram um grande poderio e influência política em toda a região, até que o líder Mongol Hulagu Khan (neto de Gengis Khan) destruiu a base de Alamut em 1256. Ainda assim a facção Nizarim se manteve no Irã, sobrevivendo até os dias de hoje espalhados por diversos países da Ásia, África e Oriente Médio.

O CULTO ÀS VIRGENS NEGRAS

11.10.2009

Há, em algumas partes da Europa, África América do Norte, Central e do Sul (e Brasil, claro!), uma devoção incomum a certas imagens “de cor escura”, encontradas não apenas em basílicas, igrejas e pequenos santuários, mas também em grutas, nas encostas das montanhas ou na forquilha de árvores no meio de florestas. De onde se originam essas imagens, calculadas em cerca de 450 (cerca de 300 na França e 150 espalhadas pelo mundo)? Por que são negras ou

escuras, e tão veneradas? Haveria algum tipo de conspiração por trás disto?

A Igreja Católica tem sua resposta na ponta da língua: “As imagens” – diz o clero – “eram claras, mas com o passar do tempo ficaram ‘bronzeadas’, em virtude da fumaça das velas dos seus devotos, por causa da poluição e até pelo fato de que muitas estiveram expostas às intempéries, mergulhadas na água ou enterradas”. Essa explicação, contudo, parece uma desculpa esfarrapada, porque hoje se sabe que as imagens espalhadas pelo mundo SEMPRE foram negras; e as que se encontram na África seriam, por força das circunstâncias, escuras.

Este fato é confirmado por documentos antigos datados de 1340, 1591, 1619, 1676 e 1778. Até mesmo um santo católico, São Luiz, fala das estatuetas escuras que conseguiu no Oriente e deixou em Forenz (França), num relatório escrito em 1235.

Outro santo católico, São Bernardo de Clairvaux (1090 – 1153), não por coincidência um dos grandes patronos e patrocinadores dos Cavaleiros Templários em seus primórdios, não só possuía sua própria Virgem Negra (que ele venerava), mas, segundo a lenda, a imagem entronizada em Chatillon (França) lhe teria dado três gotas do leite de seu seio. Este alimento foi tão poderoso que Bernardo transformou a pequena e moribunda Ordem de Cireaux numa poderosa multinacional, com centenas de abadias e mosteiros espalhados por diversos países pela Europa, todos dedicados a “Notre Dame”.

Existem também algumas catedrais construídas pelos Templários dedicadas a “Notre Dame”, uma delas, a mais famosa, foi imortalizada nos textos de um maçom chamado Victor Hugo.

Mas quem seria esta “Notre Dame”?

Para conhecer esta resposta, em primeiro lugar, é interessante saber que, para incentivar a segunda cruzada, São Bernardo pregou na catedral de Metz (França), outrora um centro druida onde, até o século 16, havia uma estátua de Ísis, a deusa negra egípcia.

O povo do Sul da França sempre mostrou uma devoção incomum por essas imagens escuras, e isto é compreensível porque, segundo as lendas, elas não só curam, mas praticam milagres prodigiosos. Um deles é o poder que têm de ficar excessivamente pesadas quando não querem sair do lugar onde foram descobertas ou no qual se encontram no momento. E, quando mostram sua predileção por um determinado local, elas o defendem dos que perturbam a sua paz.

Conta-se que, em 1580, durante uma guerra, a Virgem Negra de Hal, entronizada na Igreja de St. Martin, em Bruxelas (Bélgica), interceptou os grandes petardos de ferro lançados pelos canhões inimigos, colocando-os em seu colo. Esses petardos ainda podem ser vistos naquela igreja.

Outra Virgem Negra também serviu como defensora da cidade onde se encontrava. É Nossa Senhora de Vilvoorde, que há séculos se encontra num convento de carmelitas em Vilvoorde (Bélgica). Durante o sítio a que foi submetida aquela cidade, ela apareceu nas muralhas, de onde não pôde ser retirada em virtude de seu grande peso. De lá impediu a invasão das tropas inimigas e, em seguida, mudou de lugar para apagar o fogo que consumia a igreja e o convento. Essa imagem foi um presente da duquesa de Brabant ao convento, em 1247.

Muitos milagres são descritos nos textos e documentos que ficam guardados nas igrejas ou santuários onde as imagens estão entronizadas. A Nossa Senhora de Vie, em Avioth (França), perto da fronteira belga, ressuscitava bebês mortos para que pudessem ser batizados e, assim, saíssem do limbo onde se encontravam. Debaixo do seu templo há uma fonte cujas águas tornam as mulheres férteis.

Mas as Virgens Negras, além de serem guerreiras, piedosas, curarem os doentes e ressuscitarem os mortos podem ser vingativas com os que profanam suas imagens. Conta-se que a de Evaux les Bains (França) teve sua cabeça decepada e o corpo lançado num poço por quatro incrédulos. Os profanadores foram duramente punidos: o que arrancou a cabeça da imagem cortou seu próprio pescoço; o segundo morreu ao cair de um penhasco; o terceiro, que

se gabava de ter quebrado o queixo da estátua, teve sua língua decepada. O último morreu quando um raio o atingiu.

Claro que estas são apenas lendas, antes que os céticos e pseudo-céticos venham exigir provas científicas de que estes fatos ocorreram...

Maria Madalena, A Dama Venerada pelos Templários

Como eu já havia comentado em artigos antigos, após a retirada de Yeshua da cruz, seus companheiros levaram sua esposa, Maria Madalena, em segurança para o Egito, junto com a criança que estava para nascer (o Sangue Real) [ver Cap.4: Jesus e Cap.9: História Oculta]. Os ciganos contam esta história com orgulho, pois a filha de Maria Madalena é ninguém menos do que Santa Sara Kali, protetora dos ciganos, que chegou com sua mãe no Sul da França em um barco e por ali ficaram.

A história da Santa que carregava em seus braços uma criança, vinda do Egito e de cor escura (ela não era realmente “negra”, mas imaginemos o contraste de uma judia de Jerusalém que passou um ano no Cairo em comparação com os europeus branquelos que viviam no sul da França naquele período).

Além da ligação das imagens com o paganismo, existem elos não religiosos associando as Virgens à dinastia dos merovíngios e a Maria Madalena. Observou-se que, onde há uma Virgem Negra, geralmente se encontra um santuário ou uma igreja onde Maria Madalena é venerada. Seus lugares sagrados são centros de energia telúrica, enlaçados com as “Linhas de Ley” e construídos com as regras da arquitetura sagrada. Desde os tempos remotos até hoje, multidões peregrinam a seus Santuários, mergulhando em seus mistérios e entregando-se a seus miraculosos trabalhos de cura, transformação interior e inspiração.

Os cátaros e os templários sempre estiveram envolvidos com o culto da Virgem Negra. Sabe-se que Igreja católica considerava os cátaros hereges e promoveu uma pré-Inquisição no século 12 que praticamente os aniquilou (veremos isto daqui alguns artigos, quando

eu chegar na Quarta Cruzada). Contudo, um pequeno grupo conseguiu escapar do massacre e asilou-se numa área perto dos Pirineus. Outro grupo de famílias cátaras se ocultou na zona entre Arques e Lirnoux (França) e é naquelas áreas que se encontram duas importantes Virgens Negras: a Nossa Senhora da Paz e a Nossa Senhora de Merceille. Os sobreviventes dos combates e perseguições foram mesclados às fileiras Templárias e ali obtiveram abrigo e proteção.

E como este culto chegou ao Brasil?

Uma imagem vale mais do que mil palavras... Não vou me adiantar porque ainda quero explicar em detalhes como Pedro Álvares Cabral chegou a ser Grão Mestre Templário (Ordem de Sagres) e até mesmo há indícios de que se encontrou com Leonardo DaVinci antes de vir ao Brasil... Mas isso fica para colunas futuras... Ainda tem muito caminho até chegar no Descobrimento do Brasil [não falaremos sobre o assunto neste livro, mas vocês podem pesquisar no *Teoria da Conspiração*].

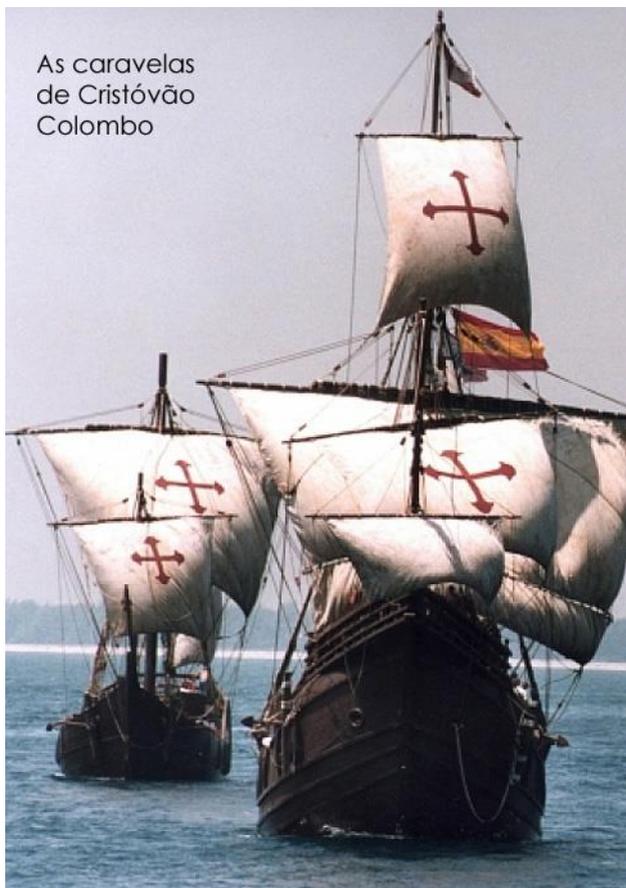
O importante, agora, é observar o desenho das caravelas “Santa Maria”, “Pinta” e “Nina” (Caravelas da frota de Cristóvão Colombo) e ver se você reconhece o desenho que está nas velas destes três barcos... [ver a imagem das caravelas após este artigo] Aposto que sua professora de história nunca explicou para você o que este símbolo significava, certo?

O Culto à Virgem Negra permaneceu entre os Templários e Beneditinos até que, em meados de 1717. (outra data cheia de significados, que marca inclusive o ano em que a Maçonaria decidiu se revelar ao mundo, mudando de Ordem Secreta para Ordem Discreta), um monge beneditino chamado Frei Agostinho de Jesus teria feito uma Virgem Negra que foi perdida em uma viagem de barco no rio Paraíba e encontrada posteriormente por pescadores.

A explicação católica no Brasil é a mesma desculpa esfarrapada dos católicos europeus:

“Pode ter sido originalmente pintada, mas depois de ficar anos no leito do rio o material escureceu, adquirindo uma cor castanho dourada”.

As caravelas
de Cristóvão
Colombo



SEGUNDA E TERCEIRA CRUZADAS

02.11.2009

Continuando a nossa saga pelas primeiras cruzadas e a Origem dos Ordens de Cavalaria, seguimos com um texto rápido [sim, é isto o que o Del Debbio chama de “texto rápido”] sobre a Segunda e Terceira Cruzadas, apenas para dar entrada na parte que realmente interessa ao templarismo: A Quarta Cruzada, ou a Cruzada na qual cristãos matavam cristãos!

A Segunda e especialmente a Terceira Cruzadas são importantes porque marcaram a presença de duas figuras muito conhecidas e lendárias: Saladino e Ricardo Coração de Leão. Para situar os leitores, os acontecimentos narrados neste artigo são também retratados no filme *A cruzada* (Kingdom of Heaven) de Ridley Scott.

A Segunda Cruzada

Durante a Primeira Cruzada os nobres peregrinos europeus criaram estados cruzados no chamado “Levante”, forjados em guerras, conquistas e massacres contra os povos muçulmanos que dominavam estas regiões.

Em 1144, Zengi, o governador das cidades de Alepo e Mossul, que controlava as regiões da Síria e do norte do Iraque, conquistou o Condado de Edessa das mãos dos cristãos. As últimas palavras que Joscelino, o governador de Edessa, escutou de Zengi antes de sua expulsão da cidade em 24 de dezembro de 1144, de acordo com historiadores locais, foram: “Perdeu, Playboy”.

Foi imediatamente lançado um apelo ao papa e, por toda a Europa, imediatamente se ouviram vozes clamando pela retomada do condado pelos cruzados. O Papa Eugênio III achou que já era hora de empreender uma segunda cruzada e convocou-a por meio de uma bula especial em 1145. São Bernardo de Claraval, a pedido do Papa Eugênio III, antigo monge cisterciense e discípulo do Santo, lhe pede que convoque os cristãos a empreenderem uma nova cruzada. Eugênio III havia tomado o lugar do Papa Lúcio II, eleito a 12 de

março de 1144, mas morreu em 15 de fevereiro de 1145 com uma pedrada na cabeça ao tentar apaziguar um distúrbio popular.

Na Páscoa de 1146, em Vezelay, são muitos os franceses que se reúnem para escutar as palavras de Bernardo. A nova convocação atraiu vários expedicionários, entre os quais se destacaram o rei Luís VII de França, o imperador Conrado III do Sacro Império Romano-Germânico, além de Frederico da Suábia, herdeiro do império germânico, e dos reis da Polônia e da Boêmia.

Homens não faltavam: soldados flamengos e ingleses tinham conquistado Lisboa das mãos dos sarracenos e voltavam para casa, agora estavam sem ter o que fazer.

A situação no Oriente, porém, tornara-se ainda mais perigosa em virtude da presença de Zangi, governador de Mosul e conquistador de Edessa, que então governava em Alepo e ameaçava Constantinopla.

O imperador Conrado III do Sacro Império Romano-Germânico partiu para Constantinopla, onde chegou em Setembro de 1147. Ignorando o conselho do imperador bizantino Manuel I Comneno, atravessou a Anatólia e, em 25 de outubro, seu exército foi esmagado em Doriléia pelos turcos.

O imperador alemão, contudo, conseguiu escapar e refugiou-se na Nicéia. No começo do mês seguinte, Luís VII, acompanhado da esposa, Leonor da Aquitânia, chegou a Constantinopla, alcançando Nicéia em novembro e ali soube da sorte de Conrado. O que sobrou do exército de Conrado juntou-se aos franceses, com o apoio dos templários.

Com algumas dificuldades de transporte, mais uma vez uma parte do exército teve de ser abandonado para trás (sobretudo os plebeus a pé), e estes tiveram de abrir caminho contra os turcos.

Os franceses, entretanto, chegam a Antioquia em Março de 1148, rumando para Jerusalém com cerca de 50 mil soldados. Em Jerusalém, Luís VII e Conrado, depois de algumas discussões, decidem atacar Damasco. Em 28 de Julho de 1148, depois de cinco

dias de cerco, concluíram tratar-se de uma missão impossível e acabaram tendo de recuar, terminando assim a segunda cruzada. Em mensagem enviada aos cruzados que se retiravam de volta à Europa, o governador de Damasco fez o seguinte comunicado: “Não sabe brincar, não desce pro Play”.

A Segunda Cruzada acabou se tornando uma autêntica fanfarronice, com os seus líderes regressando aos países de origem sem qualquer vitória. Porém, vale a pena notar que foi desta cruzada que saíram alguns dos líderes cruzados dos contingentes flamengos e ingleses para auxiliar Afonso Henriques na conquista de Lisboa em 1147, uma vez que eram concedidas indulgências para quem combatia na Península Ibérica, como relata nas suas cartas o cruzado inglês Osberno.

No final das contas, o resultado desta Cruzada foi algo próximo do miserável (se não considerarmos a conquista de Lisboa), tendo sucesso apenas em queimar ainda mais as relações entre os reinos cruzados, os bizantinos e os “amigáveis” governantes muçulmanos. O fracasso da Segunda Cruzada permitiu a reunificação das potências muçulmanas com aquele ar de “Já ganhamos” e novas investidas contra algumas cidades na região.

Com a moral baixa, nenhuma nova cruzada foi lançada até que ocorreu um novo acontecimento: a conquista de Jerusalém pelos muçulmanos em 1187. Ficou no ar aquela sensação de “Ih, agora ferrou!”; e desta vez os cristãos enfrentariam um adversário decidido: Saladino.

Crise no Reino Latino de Jerusalém

Na década de 1180, o Reino Latino de Jerusalém atravessava uma fase delicada. O rei Balduíno IV estava sendo devorado pela lepra e desafiado por um baronato cada vez mais petista. Os muçulmanos, pressentindo essa fraqueza, mantinham a pressão no máximo. Qualquer passo em falso seria catastrófico para os cristãos. E, claro, não tardou para que ele fosse dado, pelo cavaleiro Reinaldo de Châtillon, que atacou uma caravana na qual viajava a irmã do sultão

Saladino. Até explicar para os muçulmanos o que estava acontecendo, na confusão que se seguiu, Saladino convocou uma jihad contra os infiéis...

Saladino captura Damasco em 1174 e Alepo, em 1183. Em 1187, avançou pela Galiléia e, nos Cornos de Hattin, travou a Batalha de Hattin contra um exército cristão. Do lado cristão, as tropas do francês Guy de Lusignan, o rei consorte de Jerusalém, e o príncipe da Galiléia Raimundo III de Trípoli. Ao todo, havia cerca de 60 mil homens – entre cavaleiros, soldados desmontados e mercenários muçulmanos. Já a dinastia aiúbida, representada por Saladino, contava com 70 mil guerreiros.

Quando os cruzados montaram acampamento em um campo aberto, forçados a descansar após um dia de exaustivas batalhas, os homens de Saladino atearam fogo em volta dos inimigos, cortando seu acesso ao suprimento de água fresca. A cortina de fumaça tornou quase impossível para os cristãos se desviarem da saraivada de flechas muçulmanas. Sedentos, muitos cruzados desertaram. Os que restaram foram trucidados pelo inimigo, já de posse de Jerusalém (tomada em em Outubro de 1187).

Saladino poupou a vida de Guy, enquanto Raimundo escapou da batalha com sucesso. Isso desencadeou na cristandade uma nova onda de preocupação com a Terra Santa.

No cativeiro, Guy ouviu a frase mágica que se tornaria célebre: “Reis Verdadeiros não matam uns aos outros”, vindo de Saladino. Eventualmente, ele foi libertado em troca de um resgate.

Em 1189, Guy de Lusignan tentou reconquistar a cidade, num conflito que duraria anos e só seria resolvido com a chegada de um novo personagem: Ricardo Coração de Leão, o rei da Inglaterra.

Saladino e o começo da Terceira Cruzada

Saladino (1138 – 4 de março de 1193) foi um chefe militar muçulmano que se tornou sultão do Egito e da Síria e liderou a oposição islâmica aos cruzados europeus no Levante. No auge de seu poder, seu domínio se estendia pelo Egito, Síria, Iraque, Iêmen e

pelo Hijaz. Foi responsável por reconquistar Jerusalém das mãos do Reino de Jerusalém, após sua vitória na Batalha de Hattin e, como tal, tornou-se uma figura emblemática na cultura curda, árabe, persa, turca e islâmica em geral.

Saladino, adepto do islamismo sunita, tornou-se célebre entre os cronistas cristãos da época por sua conduta cavalheiresca, especialmente nos relatos sobre o sítio a Kerak em Moab, e apesar de ser a nêmesis dos cruzados, conquistou o respeito de muitos deles, incluindo Ricardo Coração de Leão; longe de se tornar uma figura odiada na Europa, tornou-se um exemplo célebre dos princípios da cavalaria medieval.

Por volta de 1185, Saladino já havia capturado quase todas as cidades dos cruzados. Ele tomou Jerusalém em 2 de outubro de 1187, após um cerco. Saladino inicialmente não pretendia garantir termos de anistia aos ocupantes de Jerusalém, até que Balian de Ibelin ameaçou matar todos os muçulmanos da cidade, estimado entre três e cinco mil pessoas, e destruir os templos sagrados do Islã na Cúpula da Rocha e a mesquita de Al-Aqsa se não fosse dada anistia. Saladino consultou seu conselho e esses termos foram aceitos. Um resgate deveria ser pago por cada franco na cidade, fosse homem, mulher ou criança. Saladino permitiu que muitos partissem sem ter a quantia exigida por resgate para outros. De acordo com Imad al-Din, aproximadamente sete mil homens e oito mil mulheres não puderam pagar por seu resgate e se tornaram escravos.

De todas as cidades, apenas Tiro resistiu. A cidade era então comandada pelo Conrado de Montferrat. Ele fortaleceu as defesas de Tiro e suportou dois cercos de Saladino. Em 1188, em Tortosa, Saladino libertou Guy de Lusignan e devolveu-o à sua esposa, a rainha Sibila de Jerusalém. Eles foram primeiro a Trípoli, e depois a Antioquia. Em 1189 eles tentaram reclamar Tiro para seu reino, mas sua admissão foi recusada por Conrado, que não reconhecia Guy como rei. Guy então começou o cerco de Acre.

Hattin e a queda de Jerusalém foram o estopim para a Terceira Cruzada, financiada na Inglaterra por um especial “dízimo de

Saladino”. Essa Cruzada retomou a cidade de Acre. Após Ricardo I de Inglaterra executar os prisioneiros muçulmanos em Acre, Saladino retaliou matando todos os francos capturados entre 28 de agosto e 10 de setembro. Os exércitos de Saladino engajaram-se em combate com os exércitos rivais do rei Ricardo I de Inglaterra na batalha de Apollonia, em 7 de setembro de 1191, na qual Saladino foi finalmente derrotado.

Apesar de nunca terem se encontrado pessoalmente, a relação entre Saladino e Ricardo era uma de respeito cavalheiresco mútuo, assim como de rivalidade militar; ambos eram celebrados em romances cortesãos. Quando Ricardo foi ferido, Saladino ofereceu os serviços de seu médico pessoal. Em Apollonia, quando Ricardo perdeu seu cavalo, Saladino enviou-lhe dois substitutos. Saladino também lhe enviou frutas frescas com neve, para manter as bebidas frias. Ricardo sugeriu que sua irmã poderia casar-se com o irmão de Saladino – e Jerusalém poderia ser seu presente de casamento.

Os dois finalmente chegaram a um acordo sobre Jerusalém no Tratado de Ramla em 1192, pelo qual a cidade permaneceria em mãos muçulmanas, mas estaria aberta às peregrinações cristãs; o tratado reduzia o reino latino a uma estreita faixa costeira desde Tiro até Jafa.

Saladino morreu no dia 4 de março de 1193, em Damasco, pouco depois da partida de Ricardo. Quando o tesouro de Saladino foi aberto não havia dinheiro suficiente para pagar por seu funeral; ele havia dado a maior parte de seu dinheiro para caridade.

Templários e o Xadrez

Uma curiosidade bacana a respeito da segunda cruzada foi que, durante este período, as regras do que se conhecia como Shatranj acabaram sofrendo algumas modificações, derivando o que hoje conhecemos como as regras modernas do Xadrez.

Como este era um jogo Persa, até esta época, as Torres eram conhecidas como “Elefantes”, não haviam Bispos, as peças que se movimentavam na diagonal eram conhecidas como “Navios de

Guerra”; também não existia Rainha; a peça era conhecida como “Vizir” e os peões, quando chegavam até o lado oposto do tabuleiro, tornavam-se “conselheiros”, com capacidade de se movimentar uma casa na horizontal, vertical ou diagonal. Como os Templários adoraram este jogo e acabaram levando-o para a Europa, os termos acabaram sendo modificados para um gosto mais Europeu, dando origem aos nomes das peças tal quais as conhecemos hoje. Os Bispos foram a contribuição do Vaticano ao jogo, por acharem que os clérigos deveriam ter um papel de destaque no xadrez...

A Terceira Cruzada

A Terceira Cruzada (1189-1192), pregada pelo Papa Gregório VIII após a tomada de Jerusalém por Saladino em 1187, foi denominada Cruzada dos Reis. É assim denominada pela participação dos três principais soberanos europeus da época: Filipe Augusto (França), Frederico Barbaruiva (Sacro Império Romano Germânico) e Ricardo Coração de Leão (Inglaterra), constituindo a maior força cruzada já agrupada desde 1095. A novidade dessa cruzada foi a participação dos Cavaleiros Teutônicos.

O imperador Frederico Barbarossa, atendendo os apelos do papa, partiu com um contingente alemão de Ratisbona e tomou o itinerário danubiano atravessando com sucesso a Ásia Menor, porém, afogou-se na Cilícia ao atravessar o Sélef (hoje Goksu), um dos rios da Anatólia. A sua morte representou o fim prático desse núcleo. FAIL.

Os franceses e ingleses foram por mar até Acre. Em Abril de 1191 os franceses alcançam Acre, no litoral da Terra Santa, e dois meses depois junta-se-lhes Ricardo. Ao fim de um mês de assédio, os cruzados tomam a praça e rumam para Jerusalém, agora sem o rei francês, que regressara ao seu país depois do cerco de Acre. Ainda em 1191, em Arsuf, Ricardo derrotou as forças muçulmanas e ocupou novamente Jaffa.

Se Ricardo Coração de Leão conseguiu alguns atos notáveis – a conquista de Chipre (que se tornou um reino latino em 1197), Acre, Jaffa e uma série de vitórias contra efectivos superiores – também não

teve pejo em massacrar prisioneiros (incluindo mulheres e crianças). Ao garantir a volta do Acre para a mão da cristandade, Ricardo conquistou o título de Coeur de Lion (Coração de Leão, em francês).

Os combates contra os exércitos de Saladino terminaram em 1192, num acordo: os cristãos mantinham o que tinham conquistado e obtiveram o direito de peregrinação (desde que desarmados) a Jerusalém, que ficava em mãos muçulmanas. Isso transformou São João de Acre na capital dos Estados Latinos na Terra Santa.

Se esse objetivo principal falhara, alguns resultados tinham sido obtidos: Saladino vira a sua carreira de vitórias iniciais entrar num certo impasse e o território de Outremer (o nome que era dado aos reinos cruzados no oriente) sobrevivera. Com isso terminou a terceira cruzada, que, embora não tenha conseguido recuperar Jerusalém, consolidou os estados cristãos do Oriente.

Comandantes Templários no período:

- Everard des Barres (1147-1149) – Preceptor dos Templários na França, ocupava o maior posto quando Robert de Craon morreu em 1147. Assim que ocupou o cargo, acompanhou o rei Louis VII na Segunda cruzada. De acordo com historiadores, era extremamente piedoso e nobre. Após a falha ao cerco de Damasco em 1148, Louis VII retorna à França e Everard tem de acompanhá-lo, pois era o guardião dos tesouros reais. Os templários ficaram em Jerusalém e auxiliaram na defesa da cidade contra os turcos em 1149. na França, Everard abdica do comando (que estava com Bernard de Tremelay desde 1149, na prática) e se torna um monge em Clairvaux.

- Bernard de Tremelay (1149-1153) – Tornou-se comandante dos Templários quando Everard precisou retornar à França. O rei Balduíno III deixou que ele utilizasse das ruínas de Gaza, que foram reconstruídas como base templária. Em 1153, os Templários participaram da Batalha de Ascalon, na qual Bernard e outros trinta e poucos templários acabaram sendo capturados pelos muçulmanos durante a queda do muro principal da cidade. Todos os templários

capturados foram decepados, seus corpos foram expostos nos muros da cidade e suas cabeças enviadas ao sultão.

- André de Montbard o substituiu e, com o auxílio das tropas de Balduíno, conseguiram derrotar os muçulmanos em Ascalon em algumas das batalhas mais sangrentas das cruzadas. Montbard foi descrito como um dos cavaleiros mais nobres e valentes que já lideraram os Cavaleiros Templários. André faleceu em Jerusalém em 1156, de causa desconhecida.

- Bertrand de Blanchefort (1156-1169) – Foi conhecido por suas reformas na Ordem, tornando-os mais negociadores e menos agressivos. Também modificou as estruturas da ordem, tanto na parte administrativa quanto ritualística, dando menos poderes aos Grãos Mestres e criando conselhos de Senescais para auxiliarem nas decisões do comandante.

- Phillipe de Milly (1169-1171) – O sétimo Grão Mestre Templário era filho de Guy de Mille, um cavaleiro que lutou na Primeira Cruzada e já era um dos lordes de Nablus. Phillipe, como sucessor de seu pai, participou de diversas batalhas naquele período, antes da morte de Bertrand, inclusive tendo sido voto vencido na infeliz idéia de atacar Damasco. Phillipe deixou o Grão mestrado em 1171, tornando-se monge (e acabou falecendo 3 anos depois).

- Odo de St. Armand (1171-1179) – St. Armand tomou parte em diversas expedições, incluindo Naplouse, Jericó e Djerach, conquistando grandes vitórias junto aos Templários. Sua melhor conquista foi a vitória na batalha de Montgisard, onde seus cavaleiros derrotaram uma força três vezes maior de soldados de Saladino. Com ele, os Templários ganharam a fama de grandes guerreiros e conseguiram grandes doações para a Ordem na Europa. Odo acabou sendo capturado na batalha de Marj Ayun, onde Balduíno IV conseguiu escapar do cerco com a “Verdadeira Cruz de Cristo” (na verdade, era a cruz picareta que a mãe do Imperador Constantino disse que era a verdadeira, para que Constantino pudesse tomar conta da Bíblia em 312 DC... de qualquer maneira, não deixava de ser uma

reliquia de quase 700 anos). Odo foi morto pelos muçulmanos em 1180.

- Arnold de Torroja (1179-1184) foi um grande líder militar, participando de diversas batalhas na Espanha e Portugal, tendo sido chamado como Grão mestre justamente porque estava além das politicagens de Jerusalém. Durante seu governo, os Hospitalários atingiram o pico de prestígio em Jerusalém, bem como as rivalidades entre as duas ordens. Mas com a presença constante dos muçulmanos, não havia espaço para disputas internas e Torroja sentou-se à mesa para negociar com o grão Mestre Hospitalário Roger de Moulin e conseguiram estabelecer um acordo entre as duas Ordens. Torroja faleceu em Verona, vítima de uma doença, em 1184.

- Gerard de Ridefort (1184-1189) – O décimo Grão Mestre Templário enfrentou diversos problemas políticos dentro de Jerusalém. Gerard participou, junto com Guy de Lusignan, da Batalha de Hattin (1187), onde ambos foram capturados pelos muçulmanos. Gerard ficou prisioneiro até 1188, enquanto a Ordem permaneceu sob o comando de Thierry de Tiro (alguns historiadores incluem Thierry como Grão Mestre Templário em suas listas, mas a lista mais comum inclui apenas os 23 Grãos Mestres tradicionais até Jacques de Molay). Em 1189, Gerald voltou a combater os muçulmanos no Cerco ao Acre, onde veio a falecer.

- Robert de Sablé (1189-1193) foi o Comandante Templário durante as batalhas finais do Cerco do Acre, recapturou diversas cidades que haviam caído sob o domínio muçulmano e participou da batalha de Arsuf, onde com a ajuda dos Hospitalários, conseguiu derrotar um dos maiores exércitos de Saladino. Ele foi o último Grão Mestre Templário a participar abertamente das batalhas, pois a exposição da cabeça de Ridefort como troféu nas frentes muçulmanas fez com que os Templários e Hospitalários votassem que seus Grãos Mestres não mais se arriscassem na linha de frente, porque o dano moral causado caso fossem capturados seria muito grande.

Pelo que eu vi, ele é um dos chefes de fase do jogo *Assassins Creed...*

OS CÁTAROS E A QUARTA CRUZADA

29.11.2009

O catarismo, do grego *katharos*, que significa puro, foi uma seita cristã da Idade Média, descendente direta dos essênios, que se tornou conhecida no Limousin (França) ao final do século XI, a qual praticava um sincretismo cristão, gnóstico e maniqueísta, manifestado num extremo ascetismo. Concebia a dualidade entre o espírito e a matéria, assim como, respectivamente, o bem e o mal. Os cátaros foram condenados pelo 4º Concílio Lateranense em 1215 pelo Papa Inocêncio III, e foram aniquilados durante a quarta cruzada e pelas ações da Inquisição, tornada oficial em 1233.

Que segredo possuíam os cátaros, para causar tanto mal estar à Igreja Católica?

O maniqueísmo

Maniqueísmo, filosofia religiosa sincrética e dualística ensinada pelo profeta persa Mani (216-276), combinando elementos do Zoroastrismo, Cristianismo e Gnosticismo, condenado pelo governo do Império Romano, filósofos neoplatonistas e cristãos ortodoxos.

A igreja cristã de Mani era estruturada a partir dos diversos graus do desenvolvimento interior. Ele mesmo a encabeçava como apóstolo de Jesus Cristo. Junto a ele eram mantidos doze instrutores ou filhos da misericórdia. Seis filhos iluminados pelo sol do conhecimento assistiam cada um deles. Esses “episcopos” (bispos) eram auxiliados por seis presbíteros ou filhos da inteligência. O quarto círculo compreendia inúmeros eleitos chamados de filhos e filhas da verdade ou dos mistérios. Sua tarefa era pregar, cantar, escrever e traduzir. O quinto círculo era formado pelos auditores ou filhos e filhas da compreensão. Para esse último grupo, as exigências eram menores.

Mani foi um preservador da tradição gnóstica. Com a morte de Mestre Jesus, o Cristo, os discípulos se separaram em dois grupos, e fugiram. Um, como bem sabemos, o maior, seguiu para o Egito (onde escolas gnósticas floresceram nas décadas seguintes), seguindo

depois para o porto de Marselha, na França. Tal é o motivo de Maria Madalena ser tão venerada na França, e Tiago ter seu famoso “Caminho de Santiago de Compostela”. Tal é o motivo das histórias britânicas estarem estritamente relacionadas a José de Arimatéia e assim por diante. Do outro lado temos o grupo de Tomé, Simão o Mago, Matheus... Que sobem para as regiões da Síria, onde pequenos núcleos de buscadores da gnosis serão formados.

Décadas depois a Síria estará entre as regiões visitadas por Apolônio de Tyana e o gnóstico Paulo. Aliás, a Síria sempre foi objeto de grande interesse espiritual, séculos depois é para a Síria que os Templários se dirigem em busca dos Mistérios, e é igualmente para a Síria que Christian Rosenkrantz, o pseudônimo do fundador dos rosacruzes, se dirige, e lá encontra o seu “livro secreto”, e uma “augusta fraternidade”.

“Coincidência” ou não, é impossível ignorar a importância dessa região. Algo, sem dúvida, devia haver lá. Então, esse segundo grupo de discípulos se dirige para a Síria. Há relatos que sugerem que Tomé teria passado um tempo lá e retornado para a Índia (como indica o *Hino da Pérola*, que é simbólico, mas usa de base a história de um príncipe que veio do Oriente). Curiosamente esse *Hino da Pérola* (ou *Hino da veste de glória*) vai ser divulgado a partir de escolas na Síria.

Entre a coleção de textos divulgados pela escola da Síria, está o dito Hino e também os escritos de Tomé; cópias do *Evangelho de Tomé* se preservaram graças a esses gnósticos antigos.

Além do *Evangelho de Tomé*, temos o *Livro de Tomé*, redigido por Matheus enquanto Jesus conversava com Tomé, segundo consta o próprio livro. Esses textos são divulgados mais tarde principalmente por um gnóstico chamado Bardesanes, na Síria. Bardesanes não é nada menos que o avô de Mani. Portanto é nesse contexto gnóstico de *Hinos da veste de glória* e *Evangelho de Tomé* que Mani, o Profeta da Luz, é educado. Mani, jovem e inspirado, ignorou ingenuamente o perigo que vinha do oeste e ensinou abertamente a população; logo, os atentos olhos da Igreja de mão de ferro que se formava em Roma viram em Mani um problema.

Assim o maniqueísmo passou a ser combatido.

Os Paulicianos

Os Paulicianos ou Paulacianos eram um grupo de Cristãos considerados hereges pelo Catolicismo que predominavam na Armênia, antiga Babilônia, Síria, Palestina, Monte Arará, Cordilheira do Touro e Antióquia no séc. VI d.C., no chamado Império Bizantino.

Eles traziam os ensinamentos dos apóstolos que foram para a Síria e tiveram seu início a partir das pregações dos mesmos no primeiro século depois de Cristo.

O Imperador Justiniano ao promulgar seu código a partir de 525 d.C., declarou que o “Rebatismo” ou “Anabatismo”(grego) era uma das heresias que deveriam ser punidas por morte. Os Paulacianos tinham como apelido “Sabian”, que expressava o ato de batizarem por imersão e rebatizarem indivíduos provindos do catolicismo, pois rejeitavam a submissão à Igreja Romana, por isso eram tidos como “Anabatistas hereges”.

Em 668 d.C. iniciou-se uma grande perseguição aos Paulacianos que provocou a morte de um de seus grandes líderes chamado Constantino em 690 d.C.,que foi morto apedrejado, e seu sucessor queimado vivo. Eles tiveram um pequeno fôlego nos anos seguintes por conta do filho de Leão III, que simpatizava com a sua causa.

A Imperadora Teodósia, no séc.IX (842-867 d.C.) iniciou uma perseguição que matou 100.000 deles, pois eram acusados de Anabatismo e denominados Gnósticos e Maniqueístas Dualistas (não confundir Teodósia com Teodora, nem com Marósia que, assim como a Imperadora, também são gente que faz!). A Imperadora era defensora do culto com ícones (imagens), os Paulacianos porem negavam-se ao uso de imagens, rejeitavam cultos aos santos e culto a Maria.

Após as perseguições os então denominados hereges Paulacianos expandiram-se para os Balcãs ocidentais, dando origem aos

Bogomilos e aos Albigenses nos Alpes do sul da França ao se unirem com os “hereges” que lá residiam.

Nos registros do século XII (mais precisamente no ano de 1.116 d.C.), um grupo que se denominava Paulaciano desembarcou na Inglaterra, sendo então perseguido pelo Imperador Henrique II, que ordenou que fossem ferreteados na testa e expulsos do território Inglês. Alguns teólogos e historiadores pertencentes à Igreja Batista afirmam que os Paulacianos eram os “Batistas antes da Reforma”.

Os bogomilos diziam ser a “verdadeira e oculta Igreja Cristã”. Esta heresia precipitou o surgimento do catarismo e era tradicionalmente reconhecida por eclesiásticos e inquisidores como “tradição oculta por trás do catarismo”.

Os Cátaros

Nos meados do século XII d.C., iniciou-se na Itália um movimento religioso denominado Catarismo (Albigenses). A doutrina dos cátaros era nitidamente diferente da Igreja Católica, numa reação à Igreja Católica e suas práticas, como a venda de indulgências, e a soberba vida dos padres e bispos da época, que viviam imersos em corrupção, prostituição e baixarias sem fim.

Os cátaros eram radicais e dualistas, assim como os maniqueístas; acreditavam que a salvação vinha em seguir o exemplo da vida de Jesus, negavam que o mundo físico imperfeito pudesse ser obra de Deus, acreditavam ser o mundo criação do príncipe das trevas, rejeitavam a versão bíblica da criação do mundo e todo o antigo testamento, acreditavam na reencarnação, não aceitavam a cruz, a confissão e todos os ornamentos religiosos.

Com medo da repressão da Igreja, os Cátaros mantiveram sua fé em segredo; porém, em pouco tempo esta ordem atraiu muitos seguidores. Cresceram bastante no sul da França e se estenderam a região do Flandres e da Catalunha, funcionaram abertamente com a proteção dos poderosos senhores feudais, capazes de desafiar até mesmo o Papa.

O chamado “Pays Cathare” (País Cátaro) se estendia pela zona chamada Occitania, atual Languedoc, em uma extensão fronteiriça com Toulouse até o oeste, nos Pirineus até o sul, e no Mediterrâneo até o leste. Em definitivo, uma área política que, durante o século XIII, limitava-se com a Coroa de Aragão, França e condados independentes como o de Foix e Toulouse.

As cerimônias cátaras eram muito simples e consistiam basicamente em um sermão breve, uma benção e uma oração ao Senhor; essa simplicidade influenciou posteriormente uma gama de seguimentos protestantes. Possuíam duas classes ou graus.

Os leigos eram conhecidos como crentes e a esses não eram exigidos seguir suas regras de abstinência reservada aos perfecti, ou bonhombres eleitos, que formavam a mais alta hierarquia do catarismo. Para ser um perfecti tinham que tanto homem quanto mulher, passar por um período de provas nunca inferior a 2 anos, e durante esse tempo, faziam a renúncia de todos os bens terrenos, abstinham de carne e vinho, não poderiam ter contato com o sexo oposto. Depois deste período o candidato recebia sua iniciação conhecida com o nome de Consolamentum que era realizada em público. Essa cerimônia parecia com o batismo e continha também uma confirmação e uma ordenação.

Na idade média, marcada pela violência e pela sede de poder da igreja Católica Romana, o Catarismo chocou-se frontalmente com o dogmatismo da Igreja. A religião cátara propunha, como aspectos básicos, a reencarnação do espírito, a concepção da terra como materialização do Mal, por encher a alma de desejos e prende-la às coisas efêmeras do mundo, e do céu como a do Bem, numa concepção dualista do mundo. Mas o principal ponto de discórdia tenha sido o de que os cátaros não admitiam qualquer tipo de intermediação entre o homem e Deus. Sem papa, sem dízimo. Neste ponto o leitor já deve ter uma noção que uma religião como esta não duraria muito quando a Igreja católica resolvesse agir, certo?

A Cruzada Albigesa

A Cruzada Albigesa (devido à cidade de Albi), comandada por Simon de Montfort (1209 – 1224) e pelo Rei Luis VIII (1226-1229), durou 40 anos. A perseguição arrasou a região dos Cátaros, a resistência teve que enfrentar-se com duas forças enormes, o poder militar do Rei de França e o poder espiritual da Igreja Católica.

Na primeira fase da cruzada, foi destruída a cidades de Béziers (1209), onde 60.000 pessoas morreram. Destruída a cidade, os cruzados marcham para a cidade de Carcassone, onde Simon de Montfort se apossa dos condados de Trencavel (Carcassone, Béziers), conquistando também Alzonne, Franjeaux, Castres, Mirepoix, Pamiera e Albi.

Em Béziers, tornou-se célebre o diálogo entre o comandante dos cruzados e o representante do papa:

Disse o comandante, “Mas senhor, nesta cidade encontram-se vivendo em paz cristãos, judeus, árabes e cátaros. Como vamos saber quais são os inimigos?”; ao que a Igreja respondeu, “Matem todos; Deus escolherá os seus!”.

Em 1216, houve outra investida contra os cátaros. Simon morre em 1218, acabando também a cruzada, sem, entretanto, extinguir a heresia. Amaury, filho de Montfort, oferece as terras conquistadas por seu pai a Felipe Augusto, rei da França que as recusa, porém seu filho Luís VIII acabará aceitando as terras.

Em 1224 Luís VIII liderando os barões do norte, empreendeu uma nova cruzada que durou cerca de três anos alcançando muitas conquistas até chegar a Avignon, onde termina o cerco contra os hereges. O resultado dessa disputa foi um acordo imposto pelo rei da França aos Senhores feudais das áreas conquistadas e consequentemente os domínios disputados passariam para a coroa da França (Tratado de Meaux, 1229).

Militarmente, apesar de terem o apóio de pequenos condados, os cátaros não conseguiram resistir ao genocídio das cruzadas, embora

elas não tenham conseguido erradicar o Catarismo de forma definitiva... Até a Inquisição!

Muitos dos Cátaros encontraram refúgio dentro das Ordens Templárias, chegando até mesmo a executar seus rituais dentro das Igrejas e Castelos templários. O abrigo e proteção aos Cátaros foi uma das inúmeras alegações que a Igreja usou contra os Templários em 1314.

Os Cátaros deram origem aos primeiros grupos dos chamados “Alquimistas” e seus textos simbólicos, que a partir do século XVII passaram ser conhecidos como Rosacruz.

Líderes Templários do Período:

- Gilbert Horal – Um grande líder templário, que tentou estabelecer alianças e fazer as pazes com os muçulmanos. Por conta disso, as tensões entre os Templários e os Hospitalários ficaram maiores do que nunca, a ponto quase de eclodir uma guerra interna entre os cavaleiros. Durante as reuniões com o papa Inocente III, este argumentou a favor dos Hospitalários, pois o papa estava furioso com os acordos de paz entre os Templários e Malek-Adel, irmão de Saladino. Gilbert organizou e ampliou as posses dos Templários na França.

- Phillipe de Plessis – foi o décimo-terceiro Grão Mestre Templário, de 1201 a 1208. Ele se juntou aos cruzados durante a Terceira Cruzada e acabou conhecendo e se iniciando nos mistérios Templários em Jerusalém. Não houveram muitas intervenções militares durante seu governo, pois a quarta cruzada nunca saiu da europa; os Templários atingiram seu pico de influencia e força e criaram uma grande disputa com os Teutônicos na Alemanha (o que quase causou a expulsão dos Templários do território, se não fosse a intervenção do papa).

QUINTA, SEXTA E SÉTIMA CRUZADAS

04.12.2009

Estamos chegando na reta final das cruzadas (faltam apenas mais duas) e o conflito no Oriente Médio entre Cristãos e Muçulmanos atinge seu ápice. Neste artigo, comentarei sobre as cruzadas que normalmente são ignoradas pelos professores nas aulas de história.

A Cruzada das Crianças

Uma das lendas a respeito das cruzadas inclui a famosa “Cruzada das crianças”, que teria ocorrido em 1212. As diversas histórias que chegaram aos tempos modernos sobre a Cruzada das Crianças giram em torno de eventos comuns. Um rapaz na França ou na Alemanha começou a espalhar que teria sido “visitado por Jesus”, e que ele o teria instruído para liderar a próxima cruzada. Após uma série de milagres, juntou um considerável grupo de seguidores, incluído possivelmente cerca de 20 mil crianças. Conduziu os seus seguidores em direção ao Mar Mediterrâneo, onde as águas deveriam se abrir para eles poderem avançar até Jerusalém.

Como (obviamente) isto não aconteceu, dois mercadores teriam oferecido sete barcos para levar tantas crianças quantas coubessem... Humm, não sei quanto a você, leitor, mas isso cheira a cilada, Bino!

Os crentes teriam entregado as crianças para os mercadores e foram, então, levadas para a Tunísia, tendo morrido em naufrágios ou sido vendidas como escravos. Em alguns relatos, as crianças não terão mesmo chegado ao Mediterrâneo, morrendo no caminho de fome ou exaustão.

O que provavelmente ocorreu foram migrações de vilas inteiras de pobres por toda a Europa, motivadas pelas mudanças nas condições econômicas da época que forçaram muitos camponeses no norte de França e na Alemanha a vender as suas terras. Estes bandos eram chamados de pueri (“rapaz” em latim). Mais tarde as referências ao puer alemão Nicholas e ao puer francês Stephan, ambos liderando

multidões em nome de Jesus, terão sido unificadas num único relato, tendo o termo “pueri” sido traduzido para “crianças”.

A Quinta Cruzada

A Quinta Cruzada (1217-1221) ocorreu pela iniciativa do Papa Inocêncio III, que a propôs em 1215 no quarto Concílio de Latrão, mas foi somente posta em prática por Honório III, seu sucessor no trono de São Pedro. O papado havia também contribuído para desacreditar o ideal das cruzadas, quando manipulou a fé das pessoas para esmagar os Cátaros do sul da França, na chamada Cruzada albigense. Mesmo assim, o papa Honório III conseguiu adesões para uma nova expedição.

A Quinta Cruzada foi liderada por André II, rei da Hungria; Leopoldo VI, duque da Áustria; Jean de Brienne, rei em título de Jerusalém e Frederico II, imperador do Sacro Império. O imperador Frederico II concordou em organizar a expedição.

Decidiu-se que para se conquistar Jerusalém era necessário conquistar o Egito primeiro, uma vez que este controlava esse território. Em maio de 1218, as tropas de Frederico II se puseram a caminho do Egito, sob o comando de Jean de Brienne. Desembarcados em São João D’Acre, decidiram atacar Damietta (hoje chamada de Dumyat), cidade que servia de acesso ao Cairo, a capital. Em agosto atacaram Damietta. Depois de conquistar uma pequena fortaleza de acesso aguardaram reforços. Em junho, foram reforçadas pelas tropas papais do cardeal Pelágio. Homem autoritário, Pelágio não quis subordinar-se a Brienne e também interferiu constantemente nos assuntos militares.

Depois de alguns combates, e quando tudo parecia perdido, uma série de crises na liderança egípcia permitiu os cruzados ocupar o campo inimigo. Porém, numa paz negociada em 1219 com os muçulmanos, o incrível aconteceu: Jerusalém era oferecida aos cristãos, entre outras cidades, em troca da sua retirada do Egito.

Mas os chefes cruzados, nomeadamente o cardeal Pelágio, recusaram tal oferta (que, vou refrescar a memória do leitor,

Jerusalém era o objetivo principal das Cruzadas): o papado considerava que os muçulmanos não conseguiriam resistir aos cruzados quando Frederico II chegasse com os seus exércitos.

Os cruzados começaram, então, a cercar o porto egípcio Damietta e, depois de algumas batalhas, sofreram uma derrota. O sultão renovou a proposta, mas foi novamente recusada. Depois de um longo cerco que durou de Fevereiro a novembro de 1219, a cidade caiu. A estratégia posterior requeria assegurar o controle da península do Sinai. Os conflitos entre os cruzados e muçulmanos tornaram-se praticamente diários e perdeu-se tanto tempo que os egípcios recuperaram as forças.

Em julho de 1221, o cardeal ordenou uma ofensiva contra o Cairo, mas os muçulmanos levaram os cruzados a uma armadilha; quando os cristãos avançavam, os muçulmanos recuavam e levavam todos os alimentos (e envenenavam os poços)... Sem comida e cercados, acabaram por ter de chegar a um acordo: retiravam do Egito e tinham as vidas salvas. Tiveram também de aceitar uma trégua de oito anos. FAIL.

O principal motivo para a derrota cristã tem um nome: os reforços prometidos por Frederico II não chegaram. Razão pela qual ele foi excomungado pelo papa Gregório IX. Essa foi a última cruzada para a qual o papado mandou suas próprias tropas.

A Sexta Cruzada

A Sexta Cruzada (1228-1229), lançada em 1227 pelo imperador do Sacro Império Frederico II de Hohenstauffen, que tinha sido excomungado pelo Papa, só no ano seguinte ganharia forma.

Frederico, genro de Jean de Brienne, herdeiro do trono de Jerusalém, pretendia reclamar seus direitos sobre Chipre e Jerusalém-Acre. Depois que sua frota partiu, o imperador recebeu uma missão de paz do sultão do Egito, que retardou o seu avanço e acabou causando aquele vexame nas tropas cristãs...

Finalmente, no verão de 1228, depois de muita hesitação, acabou por partir ao Oriente para tentar se livrar da excomunhão que o papa

lhe havia imposto, apesar de ser defensor do diálogo com o Islã, religião da qual era admirador, e preferir conversar em vez de combater.

Enquanto suas tropas estavam longe, o papa proclamou outra Cruzada, desta vez contra o próprio Frederico, e seguiu atacando as possessões do imperador na Península Itálica.

O minguado exército de Frederico II, auxiliado pelos cavaleiros Teotônicos, foi diminuindo com as deserções e uma semi-hostilidade das forças cristãs locais devido à sua excomunhão pelo Papa. Aproveitando-se das discórdias entre os sultões do Egito e Damasco, Frederico II conseguiu, por intermédio da diplomacia, um vantajoso tratado com o Egito de Malik el-Kamil, sobrinho de Saladino.

Pelo tratado de Jafa (1229), Jerusalém ganhou Belém, Nazaré e Sídon, um corredor para o mar, para além de uma trégua de dez anos. Em contrapartida, os cristãos reconheciam a liberdade de culto para os muçulmanos.

Por causa disso, o Papa excomunga Frederico II mais uma vez.

Frederico foi coroado rei de Jerusalém, mas por conta dos inúmeros ataques dos cruzados em suas terras e receoso de perder seu trono na Germânia e Nápoles, regressou à Europa. Retomou relações com Roma em 1230.

A Sétima Cruzada

Após o fim dos dez anos da trégua de 1229 (assinada durante a Sexta Cruzada), uma expedição militar cristã, com poucos homens e poucos recursos, liderada por Ricardo de Cornualha e Teobaldo IV de Champanhe, encaminhou-se para a Terra Santa a fim de reforçar a presença cristã nos lugares santos. Não era exatamente uma “cruzada”, mas mais um reforço. Não pôde impedir, entretanto, que, em 1244, Jerusalém caísse nas mãos dos turcos muçulmanos. No ano seguinte dava-se o desastre de Gaza.

Nesse ano, quando o Papa Inocência IV abriu o Concílio de Lyon, o rei da França Luís IX, posteriormente canonizado como São Luís, expressou o desejo de ajudar os cristãos do Levante. Luís IX levou três

anos para embarcar, mas o fez com um respeitável exército de 35.000 homens. O monarca francês aproveitou as perturbações causadas pelos mongóis no Oriente e partiu de Aigues-Mortes para o Egito em 1248. Escalou em Chipre em setembro de 1248, atacando depois o Egito.

Em junho de 1249, Damietta foi recuperada para os cristãos e serviria de base de operação para a conquista da Palestina. No ano seguinte, quase conquista o Cairo, só não o conseguindo por causa de uma inundação do Nilo e porque os muçulmanos se apoderaram das provisões alimentares dos cruzados, o que provocou fome e doenç as como o escorbuto nas hostes de São Luís. FAIL.

Ao mesmo tempo, Roberto de Artois, irmão do rei, depois de quase vencer em Mansur , foi derrotado devido a sua imprudência.

Perante este cenário, com seu exército dizimado pela peste de tifo, São Luís bateu em retirada. O rei é capturado e feito prisioneiro em Mansur , sendo posteriormente libertado após o pagamento de um resgate de 800 mil peç as de ouro (parecem números de MMORPG) e restituição de Damietta, em maio de 1250. S  a resistência da rainha francesa em Damietta, permitira que se conseguisse negociar com os egípcios.

Mas o pior ainda estava por vir...

OS MAMELUCOS E AS ÚLTIMAS CRUZADAS

03.03.2010

Retornando às duas últimas cruzadas para finalizar esta que foi uma das fases mais sangrentas das batalhas pelo Oriente Médio durante os séculos XI e XII.

Antes de prosseguirmos, será necessário explicar algumas coisas sobre os chamados "Mamelucos", que viviam no norte da África, e o estrago que fizeram nas tropas cristãs estacionadas no Oriente Médio.

Os malucos Mamelucos

Os mamelucos eram escravos que originalmente serviam a seus amos como pajens ou criados domésticos, e eventualmente eram usados como soldados pelos califas muçulmanos e pelo Império Otomano para os seus exércitos, e que em algumas situações também detiveram o poder no Egito.

Os primeiros mamelucos serviram os califas em Bagdad no século IX d.C. Os Abássidas (os descendentes de Abbas, tio do profeta Maomé) recrutaram-nos das famílias não muçulmanas capturadas em áreas que incluem a atual Turquia, Europa de Leste e o Cáucaso.

O uso de não muçulmanos justifica-se, sobretudo, porque os governantes islâmicos, lidando com conflitos tribais e debatendo-se com as intrigas para manter o poder, muitas vezes precisavam depender de tropas sem ligação com as estruturas (familiares e culturais) de poder estabelecidas. Também podemos justificar esta escolha em parte pelo argumento de que o Islã proibía que muçulmanos combatessem entre si (o que, naturalmente, era *bullshit* teórica religiosa, dado que, na verdade, eles viviam se matando).

Como mencionei acima, o principal motivo desta opção era político. Os guerreiros locais eram frequentemente mais fiéis aos sheiks tribais, às suas famílias ou nobres, do que ao sultão ou califa.

Se algum comandante militar local conspirasse contra o governante, era praticamente impossível lidar com ele sem causar intranquilidade entre a nobreza (que estava ligada a esse comandante por laços familiares ou culturais). As vantagens das tropas-escravas é que eles eram estrangeiros, possuíam o estatuto mais baixo possível na sociedade, não podiam conspirar contra o governante sem correrem o risco de ser punidos.

Após serem convertidos ao Islão, os mamelucos eram treinados como soldados de cavalaria. Apesar de não serem mais escravos de um ponto de vista técnico, após esse treino eles eram obrigados a servir ao sultão. Eram mantidos pelo Sultão como uma força autônoma sob o seu comando direto, para serem usados no caso de atritos entre tribos locais. Muitos mamelucos ascenderam a posições

de influência no império desta maneira. Esse estatuto permaneceu não-hereditário no início, e as suas crianças eram impedidas de seguir os seus pais. Com o tempo, porém, tornaram-se uma casta militar poderosa.

A Oitava Cruzada

Em 1265, os egípcios da dinastia mameluca tomaram Cesaréia, Haifa e Arsuf; em 1266, ocuparam a Galiléia e parte da Armênia e, em 1268, conquistaram a Antioquia. O Oriente Médio vivia uma época de anarquia total entre as ordens religiosas que deveriam defendê-lo, bem como entre comerciantes genoveses e venezianos.

O rei francês Luís IX (São Luís), retomou, então, o espírito das cruzadas, e lançou novo empreendimento armado, a Oitava Cruzada, em 1270, embora sem grande percussão na Europa. Os objetivos eram agora diferentes dos projetos anteriores: geograficamente, o teatro de operações não era mais o Mediterrâneo, mas a Túnisia, e o propósito, mais que militar, era a conversão do emir da mesma cidade norte-africana (Túnis).

Luís IX partiu inicialmente para o Egito, que estava sendo devastado pelo sultão Bibars, que apesar do nome, era muito macho. Dirigiu-se depois para Túnis, na esperança de converter o emir da cidade e o sultão ao Cristianismo. O sultão Maomé (pelamordosdeuses, não confundam com “O” Maomé... fazem 600 anos que o original morreu) recebeu-o de armas nas mãos. A expedição de São Luís redundou como quase todas as outras expedições, numa tragédia.

Não chegaram sequer a ter oportunidade de combater: mal desembarcaram as forças francesas em Túnis, logo foram acometidas por uma peste que assolava a região, ceifando inúmeras vidas entre os cristãos, nomeadamente São Luís e um dos seus filhos. O outro filho do rei, Filipe, o Audaz, ainda em 1270, firmou um tratado de paz com o sultão e voltou à Europa. Chegou a Paris em maio de 1271 e foi coroado rei, em Reims, em agosto do mesmo ano.

A Nona Cruzada

A Nona Cruzada é, muitas vezes, considerada como parte da Oitava Cruzada, de tão picareta que foi. Alguns meses depois da Oitava Cruzada, o príncipe Eduardo da Inglaterra, depois Eduardo I, comandou os seus seguidores até Acre, embora sem resultados.

Em 1268, Bibas, sultão mameluco de Egipto, reduziu o Reino de Jerusalém, outrora o mais importante dos estados cruzados, a uma pequena faixa de terra entre Sidão e Acre. A paz era mantida pelos esforços do rei Eduardo I, apoiado pelo Papa Nicolau IV.

Em 1271 e inícios de 1272, Eduardo conseguiu combater Bibars, após firmar alianças com alguns de seus adversários. Em 1272, estabeleceu contatos para firmar uma trégua, mas Bibars tentou assassiná-lo, enviando homens que fingiam buscar o batismo como cristãos. Eduardo, então, começou preparativos para atacar Jerusalém, quando chegaram notícias da morte de seu pai, Henrique III. Eduardo, como herdeiro ao trono e que de trouxa não tinha nada, decidiu retornar à Inglaterra e assinou um tratado de paz com Bibars terminando a Nona Cruzada.

Os Templários

No último artigo, paramos no 130º Grão Mestre, Phillipe de Plesis, que faleceu em 1208 e foi substituído por Guillaume de Chartres. Guillaume passou a maior parte de seu mandato na Espanha, em batalhas contra os mouros na Espanha, onde a Ordem adquiriu muitos territórios e um poder gigantesco. Guillaume faleceu em 1218, vítima da peste (Tifo) e foi substituído por Pedro de Montaigu.

Há uma curiosidade a respeito de Pedro. Como um dos principais Mestres Templários do período, Pedro foi eleito por unanimidade em 1218 e tomou parte nas batalhas da Quinta Cruzada. Seu irmão de sangue, Guerin de Montaigu, foi o Grão Mestre dos Hospitalários durante este período, o que explica este ser o período histórico onde as duas ordens mais cooperaram entre si, formando poderosas alianças que permitiram vitórias sobre os exércitos muçulmanos que

não poderiam ter sido produzidas de outra maneira. As alianças entre as duas Ordens duraram até a morte de Pedro, em 1230.

Armand de Perigord foi o Grão Mestre Templário de 1230 até 1244, quando os cristãos enfrentaram para valer os Mamelucos pela primeira vez. O sultão de Damasco pediu a ajuda dos Templários, Hospitalários e Teutônicos (junto com suas próprias forças) para enfrentar a horda de mamelucos na Batalha de La Forbie (Outubro de 1244) onde levaram uma surra tão feia que resultou em mais de 30.000 cavaleiros mortos; entre eles, o próprio Armand.

Richard de Bures foi um Grão Mestre que serviu ao Templo de 1244 a 1247. Em alguns registros seu nome nem aparece. O que aconteceu é que pensava-se que Armand estivesse morto, mas depois descobriu-se que ele havia sido feito prisioneiro e estava de posse dos muçulmanos, onde ficou até 1247, quando foi dado oficialmente como morto. Muitos consideram Richard como um Grão mestre, enquanto outros historiadores dizem que ele foi apenas um marechal que cobriu a posição enquanto Armand estava capturado. De qualquer maneira, Guillaume de Sonnac assume o Grão Mestrado em 1247, no início dos massacres mamelucos.

A Campanha de Sonnac foi extremamente violenta. Os Cristãos haviam perdido Tiberias, Monte Tabor, Belvoir e Ascalon para os Mamelucos e as ordens do rei para estas campanhas eram para resolvê-las com violência, não diplomacia. As principais batalhas das quais participou foram a de Al Mansurah e a de Fariskur, em abril de 1250, onde acabou perecendo.

Renaul de Vichiers foi o décimo nono Grão Mestre Templário. Ficou no comando até 1256, quando faleceu em combate e foi substituído por Thomas Berard. Berard escreveu para o rei Henrique III descrevendo a situação miserável da Terra Sagrada. O poder dos mamelucos estava tão grande que foi necessário um acordo entre os Grãos Mestres Templários, Hospitalários e Teutônicos para conseguir resistir, e nem isso foi suficiente: os mamelucos dominaram a fortaleza de Safed em 1266, depois Beaufort, Antióquia, Gaston, La Roche e finalmente, em fevereiro de 1271, Chastel Blanc. Mais tarde,

os Templários tiveram de retroceder para Tortosa e, em Junho, Monfort, a última fortificação cristã na Terra Santa foi tomada pelos mamelucos.

Guillaume de Beujeau foi o vigésimo primeiro Grão Mestre e participou de quase todas as derradeiras batalhas. Foi morto em 1291, durante o Cerco ao Acre e Thibauld Gaudin foi eleito o novo grão mestre. ao mesmo tempo, Jacques de Molay foi eleito Marechal de Campo. Gaudin tentou reagrupar os exércitos templários sobreviventes ao mesmo tempo em que tentava organizar as hordas de fugitivos que haviam chegado no Chipre. Aparentemente, a tarefa de reorganizar todo o exército cristão foi demais para ele e Gaudin faleceu em 1292, deixando para Jacques de Molay a tarefa de reconstruir toda a Ordem na Terra Santa à partir das ruínas.

Mas o pior ainda estaria por vir...

JACQUES DEMOLAY

01.04.2010

Jacques DeMolay nasceu em Vitrey, uma pequena e próspera região em Haute Saone, França, no ano de 1244. Quase tudo o que temos conhecimento sobre sua vida se deve aos registros templários posteriores à sua entrada na Ordem, e muito pouco se sabe a respeito de sua infância ou adolescência.

Hoje, completando a parte final sobre a série dos Templários, falaremos sobre a vida e a morte do último de seus Grãos Mestres.

Aos 21 anos de idade, Jacques DeMolay foi iniciado na Ordem dos Cavaleiros Templários. Até então, os Templários eram uma organização sancionada pela Igreja Católica Romana, com a função de proteger e guardar as estradas entre Jerusalém e Acre, um importante porto da cidade no Mar Mediterrâneo. A Ordem dos

Cavaleiros Templários participou das Cruzadas e conquistou um nome de valor e heroísmo.

Apesar das derrotas sucessivas para os mamelucos, a situação das Ordens de Cavalaria na Europa estava muito boa. Muitos nobres e príncipes enviaram seus filhos para serem Cavaleiros Templários e isso fez com que a Ordem passasse a ser muito rica e popular em toda a Europa. Tradicionalmente, o filho mais velho permanecia junto aos reis porque era o herdeiro, o filho mais novo era mandado para a Igreja para fazer parte do clero, e aos irmãos do meio não havia outra saída que não fosse se alistar nos exércitos e tentar conquistar o seu próprio pedaço de terra. Muitos deles conseguiam doações substanciais de suas famílias para a causa Templária (ou hospitalária; ou teutônica) e aos poucos, a Ordem ergueu um complexo de riquezas que a tornou uma das organizações mais poderosas de todo o planeta.

Em 1298, Jacques DeMolay foi nomeado Grande Mestre dos Cavaleiros, uma posição de poder e prestígio. Jacques DeMolay assumiu o cargo após a morte de seu antecessor, Teobaldo Gaudini, no mesmo ano (1298), e durante uma crise sem precedentes nos territórios ocupados pelos muçulmanos.

Jacques DeMolay passou por uma difícil posição, pois as cruzadas haviam falhado miseravelmente em todos os sentidos, e os ataques mamelucos estavam tomando cada centímetro do deserto, forçando os cavaleiros a recuarem cada vez mais. Nas últimas batalhas antes de sua posse, os mamelucos haviam tomado algumas cidades e portos vitais dos Cavaleiros Templários e os Hospitaleiros, restando apenas um único grupo do confronto contra os Sarracenos.

Enquanto Jacques e os outros marechais tentavam conseguir reforços na Europa, os Cavaleiros Templários começavam a se reorganizar. Eles foram forçados a se exilarem na Ilha de Chipre após a queda do Acre, em 1291, esperando pelo público geral para levantar-se em apoio à outra Cruzada.

DeMolay conseguiu acordos com o papa Bonifácio VIII, com Edward I (da Inglaterra), Jaime I (de Aragão) e Carlos II (de Nápoles)

que garantiriam suprimentos e novos homens. A Igreja, porém, desejava que as Ordens Templária e Hospitalária se fundissem em uma só organização, apesar de protestos dos dois Grãos Mestres. Jacques atendeu a dois encontros no Sul da França com líderes da Igreja e dos Hospitalários a respeito deste assunto, sem chegarem a um acordo.

De 1299 a 1303, Jacques permaneceu no Chipre, planejando um contra-ataque aos Mamelucos com a ajuda das tropas cristãs, as forças armênicas e um novo aliado: os Mongóis. Ghazan, o general mongol de Ikhanate, propôs uma aliança franco-mongólica para expulsar os mamelucos da Síria e do Egito. Durante gerações os mongóis tentaram, sem sucesso, expulsar os mamelucos para poderem ficar com aquele pedaço de terra, e a aliança com as cavalaria cristãs parecia uma boa idéia.

A coalizão conseguiu uma vitória na batalha de Wadi-al-Khazandar, em dezembro de 1299, enquanto Jacques e o rei Henrique II de Jerusalém comandavam uma frota de 16 navios que realizavam ataques paralelos nas costas egípcias, enfraquecendo as defesas mamelucas.

Os Templários conseguiram dominar uma pequena base em Tortosa em 1300, mas os mongóis foram barrados e não conseguiram reforçar a posição em 1300, 1301 e 1302, quando as tropas mamelucas tomaram o castelo na Batalha de Ruad, em 26 de setembro de 1302.

Enquanto isso, na Europa, continuava a pressão papal para que as duas Ordens se fundissem em uma...

Rei Felipe, o Picareta

Em 1305, o papa Clemente V, recém empossado, convocou os Grãos mestres para uma reunião na França para perguntar suas opiniões a respeito da fusão das duas ordens e da proclamação de uma nova cruzada. DeMolay era contra a fusão das ordens já que, para ele, cada uma delas possuía missões diferentes. Também argumentava que precisariam de um movimento gigantesco para

fazer frente aos mamelucos, já que pequenas tropas seriam apenas alvos fáceis para os exércitos muçulmanos.

Em 6 de junho, os dois Grãos Mestres foram oficialmente convocados para irem até Poitiers para uma reunião, mas esta reunião acabou adiada por duas vezes, por conta de uma doença do papa (o deus católico é malvado, não perdoa nem o papa!).

Nesse meio tempo, o rei Felipe, o belo, estava atolado em dívidas com os Templários por conta de sua guerra contra a Inglaterra. Ele estava enchendo o saco do papa para que Clemente unisse as duas ordens sob uma bandeira e que ele, Felipe, ficasse como Rex Bellator (Rei Guerreiro). Além destas palhaçadas, Felipe estava arrumando encrencas com o papado ao ameaçar taxar as Igrejas na França.

O papa Bonifácio VIII tentou excomungar Felipe, mas foi encontrado morto em circunstâncias misteriosas logo antes de assinar seu decreto. Seu sucessor, Benedito VIII, tentou contestar o rei, mas acabou morto, envenenado. Clemente, que era mais esperto que a maioria dos ursos, fez um acordo com o rei e abriu as pernas da Igreja Católica para os interesses da França. Ele chegou, inclusive a mudar o papado de Roma para Poitiers, na França, onde ficaria como uma marionete do rei.

O Líder dos Hospitaleiros ficou detido na Terra Santa por conta de ataques contínuos a Rhodes, então DeMolay ficou sozinho na França com o papa e o rei picareta.

Para mover seu plano astucioso, Felipe usou um nobre francês de nome Esquin de Floyran. O nobre teria como missão denegrir a imagem dos templários e de seu Grão Mestre Jacques DeMolay e, como recompensa, Floyran receberia terras pertencentes aos Templários logo após derrubá-los.

Jacques conversa com o rei em 24 de junho de 1307 sobre a Ordem e se recusa a unir as duas potências. Em 14 de setembro de 1307, Felipe começa movimentar seus agentes contra os Templários em toda a França. Os agentes do rei avançam sobre os Templários e

capturam suas fortificações, somando as riquezas que encontravam ao tesouro real.

O ano de 1307 viu o começo da perseguição aos Cavaleiros. Apesar de possuir um exército com cerca de 15 mil homens, Jacques DeMolay havia ido a França para o funeral de uma Princesa da casa Real Francesa e havia levado consigo poucos homens, sendo esses todos nobres. Na madrugada de 13 de outubro (uma sexta-feira, de onde se originou a história de sexta-feira 13 ser um dia infame) Jacques DeMolay, juntamente a seus amigos, foram capturados e lançados nas masmorras pelo chefe real Guilherme de Nogaret.

Sete anos de torturas

Durante sete anos, Jacques DeMolay e os Cavaleiros sofreram torturas e viveram em condições subumanas. Enquanto os Cavaleiros não se dobravam, Felipe IV gerenciava as forças do Papa Clemente para condenar os Templários. Suas riquezas e propriedades foram confiscadas e dadas à proteção de Felipe.

Após três julgamentos, Jacques DeMolay continuou sendo leal para com seus amigos e Cavaleiros. Ele se recusou a revelar o local das riquezas da Ordem, e recusou-se a denunciar seus companheiros. Em 18 de Março de 1314, ele foi levado à Corte Especial. Como evidências, a Corte dependia de confissões forjadas, supostamente assinadas por Jacques DeMolay; mas em público, ele desmentiu as confissões forjadas. Sob as leis da época, a pena por desmentir uma confissão era a morte.

O Conselho que começou em 1310 e se arrastou por quase dois anos, terminou com Jacques DeMolay e Guy D'Auvergne sendo sentenciados a queimar em praça pública. Sua execução ocorreu em 18 de Março de 1314. Suas últimas palavras foram:

*“Senhor,
Permiti-nos refletir sobre os tormentos que a iniquidade e a crueldade nos fazem suportar. Perdoai, ó meu Deus, as calúnias que trouxeram a destruição à Ordem da qual Vossa Providência me*

estabeleceu chefe. Permitti que um dia o mundo, esclarecido, conheça melhor os que se esforçam em viver para Vós. Nós esperamos, da Vossa Bondade, a recompensa dos tormentos e da morte que sofremos para gozar da Vossa Divina Presença nas moradas bem-aventuradas.

Vós, que nos vedes prontos a perecer nas chamas, vós julgareis nossa inocência.

Intimo o papa Clemente V em quarenta dias e Felipe o Belo em um ano, a comparecerem diante do legítimo e terrível trono de Deus para prestarem conta do sangue que injusta e cruelmente derramaram.”

O primeiro a morrer foi o Papa Clemente V, logo em seguida o Chefe da guarda e conselheiro real Guilherme de Nogaret e, no dia 27 de novembro de 1314, morreu o rei Felipe IV com seus 46 anos de idade.

Em 2002, A Dra. Barbara Frale encontrou uma cópia dos Pergaminhos de Chinon nos arquivos secretos do vaticano. Um documento que confirma explicitamente que o Papa Clemente V havia absolvido Jacques DeMolay e outros líderes da Ordem, incluindo Geoffroi de Charney e Hughes de Pairaud. Ela publicou seus artigos no *Journal of Medieval History*, em 2004.

O Tesouro Templário

Um documento, apreendido pelas tropas de Napoleão depois de terem invadido a cidade de Roma, em 1809 e referido por Gérard de Sede descrevia o testemunho de um templário, de nome Jean de Châlons aludindo a “três carroças enormes puxadas por cinquenta cavalos que haviam saído, na quinta-feira, 12 de Outubro de 1307 (a véspera da prisão dos templários), do Templo de Paris, conduzidas por Hughes de Châlons, Gérard de Villers e cinquenta outros cavaleiros, transportando ‘totum thesaurum Hugonis Peraldi’ (Hugo de Pairaud, o grande Visitador de França)”.

O mesmo templário teria afirmado que o conteúdo das três carroças teria sido embarcado no porto templário de La Rochelle e seguido em 18 navios da armada dos templários com destino desconhecido, mas que, certamente seriam paragens mais amistosas para a Ordem do que as de França...

DO FIM DOS TEMPLÁRIOS AO COMEÇO DA MAÇONARIA

06.07.2010

Continuando nossa série a respeito da Ordem dos Cavaleiros Templários, neste capítulo, falaremos sobre o que ocorreu após a condenação dos Cavaleiros na França e a dissolução oficial da Ordem, jogando os Templários na obscuridade e forçando a criação de uma Sociedade Secreta destinada a proteger os cavaleiros da perseguição da Igreja.

A partir da captura de Jacques DeMolay, todas as posses dos Templários foram sendo confiscadas pelo tesouro francês, enquanto os castelos, propriedades e armas fora da França foram anexados aos Cavaleiros Hospitalários. A partir de 1307, os Templários estavam oficialmente extintos, com aviso para serem capturados e julgados (e condenados) se forem vistos. Seria o fim da Ordem?

Os Caminhos Templários

Com a Ordem desmoronando, os segredos iniciáticos guardados pelos Templários tiveram de cair na clandestinidade, sendo divididos de maneira mais ou menos caótica, de acordo com as oportunidades e possibilidades que cada grupo em cada país conseguiu encontrar. Os quatro caminhos mais conhecidos desta transmissão de conhecimentos foram:

1) A criação da Ordem dos “Cavaleiros de Cristo” em Portugal e suas ramificações na Espanha. Esta Ordem nos é muito importante

porque dela surgirão a Escola de Sagre e, conseqüentemente, o “descobrimento” do Brasil pelo Grão Mestre Cabral, em 1500.

2) Havia um grupo de templários liderados por Pierre D’Aumont, sucessor não oficial de Jacques DeMolay, que deu origem ao Rito da Estrita Observância, na Alemanha e Escandinávia, e mais tarde ainda daria origem ao Rito Escocês Retificado a às Ordens Martinistas.

3) Na França, os cavaleiros passaram a ser liderados por Jean Mare Larmenius (este documento de transição está guardado no Mark Mason’s Hall, em Londres).

4) Finalmente, na Escócia, tivemos a fundação da Ordem Real da Escócia e da proteção aos Templários foragidos por meio das Guildas de Maçons e construtores escoceses, especialmente em Bath, Bristol e York. A rota escocesa está associada a Robert de Bruce (aquele do filme *Coração Valente*) e coloca a Família St. Clair e a Capela de Rosslyn como figuras centrais da Maçonaria Templária.

A Batalha de Bannockburn

A Batalha de Bannockburn (23-24 de junho de 1314) foi travada entre forças da Inglaterra e da Escócia, resultando em vitória significativa para esta última, no âmbito das Guerras de Independência Escocesa. Todos os relatos e lendas contam que os escoceses haviam sido auxiliados por poderosos e treinados guerreiros, que mudaram o curso da batalha e os auxiliaram a derrotar as forças inglesas. Estes guerreiros possuíam a pele queimada de sol e longas barbas, em contraste gritante aos branquelos escoceses.

O exército inglês, de cerca de 25.000 homens, comandado por Eduardo II da Inglaterra, foi interceptado no vau de Bannockburn (riacho Bannock Burn, afluente do rio Forth) por um contingente escocês de cerca de 9.000 soldados, sob o comando de Robert Bruce. Aos primeiros embates do dia 23, relativamente modestos, seguiu-se um grande confronto no dia seguinte. O resultado pode ser atribuído

à desastrada disposição das forças inglesas, entre dois riachos e em solo pantanoso. Eduardo II retirou-se do campo e fugiu de volta à Inglaterra.

A vitória escocesa foi completa e, embora o reconhecimento inglês da independência da Escócia ainda tardasse mais de 10 anos (1328), ajudou Robert Bruce a restabelecer um Estado soberano escocês.

Depois de 1318, todos os grandes proprietários escoceses tiveram que decidir quais propriedades manteriam, e jurar fidelidade ao rei apropriado – se quisessem ter suas terras escocesas, teriam que abandonar as propriedades na Inglaterra; ou o contrário. Nesse ano o Parlamento escocês passou um decreto segundo o qual se o rei morresse sem filhos, seu neto Robert Stewart seria seu sucessor – mas nasceu-lhe um outro filho, David II Bruce, em 1324.

A “Declaração de Arbroath” em 1320, reafirmação da independência da Escócia composta por seu chanceler Bernard de Linton, e uma missão a Avignon, persuadiram afinal o papa João XXII a reconhecê-lo como o rei da Escócia em 1322. A declaração é conhecida também como a primeira carta de direito de uma nação, tendo inspirado a Revolução Francesa (guarde bem esta correlação, ela aparecerá mais vezes!).

Pierre D’Aumont

A história francesa associada com as Terras altas e Aberdeen, que retrata a fundação da abadia de St. George, conta que o Grão mestre Templário de auvergne, Pierre D’Aumont, fugiu para a escócia em 1307, acompanhado por 2 comandantes e 5 marechais de campo, atacando na Ilha de Mull, onde se disfarçaram de maçons operativos na Guilda de Mull. Como o disfarce local dependia do fato de serem vistos como construtores, eles se denominaram “Maçons-livres” e adaptaram seus rituais templários para fazer uso simbólico das ferramentas de um ofício de maçom. Em outras partes da Europa, cavaleiros acabaram se mesclando aos lenhadores franceses e carvoeiros italianos, dando origem à *mui respeitosa* Ordem da Carbonária, onde os bons primos se reúnem.

Os templários ingleses se mudaram para Aberdeen em 1361, e dali a Guilda de “construtores” se espalhou pela Europa. Antes da perseguição francesa, os Templários já tinham grande contato com os artesões e construtores, que os acompanhavam em suas jornadas com a função de construir templos, barracos e fortalezas por onde se estabelecessem. A correlação entre os monges guerreiros e os construtores de abadias já vinha de longa data. Como a perseguição católica se estendeu apenas para os guerreiros, deixando os construtores com a opção de continuarem seus trabalhos, uma maneira simples que os Templários encontraram foi a de, com a ajuda de seus antigos artesões serventes, mesclarem-se a estes novos “pedreiros-livres” (livres porque a partir de 1314 não estavam mais subordinados a nenhuma ordem militar/religiosa).

É importante frisar que, como o rei Inglês Edward II estava negociando com a Igreja por conta de seu casamento com Isabel (da França), ele foi obrigado a aceitar a bula papal que condenava os Templários, mas fez corpo mole por tempo suficiente para que os cavaleiros pudessem desaparecer no anonimato. Em 1309, uma comissão católica chegou à Londres e insistiu para que os Templários fossem presos, levando-os a julgamento. Existem documentos censurando os xerifes de York por terem deixado os templários “vagando por toda a área”.

1319 e a Ordem de Cristo

Nos séculos XII e XIII, a Ordem dos Templários ajudou os portugueses nas batalhas contra os muçulmanos, recebendo como recompensa extensos domínios e poder político. Os castelos, igrejas e povoados prosperaram sob a sua proteção. Em 1314, o papa Clemente V de origem francesa e Felipe IV de França, tentaram destruir completamente esta rica e poderosa ordem (assassínios, absorção de bens, atrocidades, que levariam Fernando Pessoa a afirmar a luta contínua contra a Tirania, a Ignorância e o Fanatismo, segundo ele, os três assassinos de Jacques DeMolay, Grão Mestre da Ordem),

tendo Dom Dinis logrado transferir para a Ordem de Cristo as propriedades e privilégios dos Templários.

A Ordem de Cristo foi assim criada em Portugal como Ordo Militiae Jesu Christo pela bula Ad ae exquibus de 15 de março de 1319, pelo papa João XXII, sendo rei D. Dinis, pouco depois da extinção da Ordem do Templo. Tratava-se de refundar a Ordem do Templo que a anterior bula papal de Clemente V havia condenado à extinção.

Em Portugal, os bens dos Templários ficaram reservados por iniciativa do rei, transitando para a coroa entre 1309 e 1310, enquanto decorria o processo, não sem que o monarca rejeitasse o administrador nomeado por Clemente V – Estêvão de Lisboa. Esses mesmos bens passaram para a nova congregação em 26 de novembro de 1319, com exceção aos reis de Castela e Leão, Aragão e Portugal, que se juntaram para contrariar a execução da medida que ordenava a transferência para a Ordem Hospitalária.

A nova Ordem surgia, assim como uma reforma dos Templários “para Francês ver”. Tudo mudou, para ficar mais ou menos na mesma. O hábito era o mesmo, a insígnia também, com uma ligeira alteração, e os bens, transmitidos pelo monarca, correspondiam aos bens templários.

Jean Mare Larmenius

A tradição Francesa diz que Jacques DeMolay, em 1313, ainda na prisão, estava determinado a continuar a Ordem de maneira secreta, e transferiu todo o seu poder e autoridade para Johannes Marcus Larmenicus como sucessor. Larmenicus, quando ficou velho, redigiu uma carta de transmissão de poderes a Theobaldus e depois disso, cada Grão-Mestre anexou sua aceitação ao documento original, chegando até 1804 com o Grão mestre Bernard Raymond. Este documento decora a Sala do Conselho do Mark Mason’s Hall e está lá até os dias de hoje.

Ainda estamos no século XIV. Até 1717 falta um bom caminho, passando por Luteranos, Protestantes, Lollardos, Rosacruz, Alquimistas, Renascentistas, Cientistas e Reformadores...

DO RITO DE HEREDON AO RITO ESCOCÊS

17.09.2010

Continuando a série histórica do final dos Templários ao início da Maçonaria, apresento um trabalho feito pelo irmão Mourice Joton, apresentado em 1923 a respeito da fusão do que se conhece como Rito de Heredon, da Antiga Ordem Escocesa templária, à Ordem de Maçons Livres de Kilwinning, dando origem ao embrião que em 1717 seria oficializado como o que conhecemos hoje como “Maçonaria”. Segue o seu artigo:

A influência das Cruzadas devia fazer-se sentir, não só entre os artífices, mas ainda entre os nobres que também conheceram na Palestina, formas de associações novas e, uma vez de volta a Europa constituíram Ordens, semelhantes às do Oriente, nas quais admitiram logo outros iniciados. É assim que em 1196, fundou-se na Escócia a “Ordem dos Cavaleiros do Oriente”, cujos membros tinham como ornamento uma cruz entrelaçada por quatro rosas.

Essa Ordem foi trazida da Terra Santa no ano de 1188 da Era Cristã, da qual o rei Eduardo I da Inglaterra (1239-1307) veio a fazer parte. Um século após a fundação da Ordem dos Cavaleiros do Oriente, ou seja, pelo ano de 1300, em seguida a última Cruzada em que também tomara parte o rei de uma Ordem estabelecida no Monte Moria, na Palestina (lugar escolhido por Salomão para a construção do seu Templo), fundaram um Capítulo dessa mesma Ordem, fixando-lhe a sede dos Hébridais, e mais tarde em Kilwinning, denominando essa Ordem de “Ordem de Heredon” (lembramos que a palavra “Heredon” é composta de “hieros”, santo; e “domos”, casa; portanto Casa Santa ou Templo).

Alguns anos mais tarde, no começo do século XIV, o papa Clemente V e o rei da França, Felipe o Belo, iniciaram sua obra nefasta de perseguição contra os Templários.

Para se compreender o papel que a Ordem do Templo desempenhou na Maçonaria Escocesa é necessário resumir sua história.

A Ordem do Templo foi fundada após a primeira Cruzada, por Godofredo de Bouillon, Hugues de Payens e Godofredo de Saint-Omar, com o fito de proteger os peregrinos que de Jerusalém se dirigiam ao lago de Tiberiade. Associados em 1118, a outros sete Cavaleiros, os Templários fizeram seu quartel numa casa vizinha ao terreno do Templo de Jerusalém. Dez anos mais tarde receberam do papa, os estatutos que os constituíram em Ordem, ao mesmo tempo Religiosa e Militar.

Em breve essa Ordem tomou um desenvolvimento considerável, que no século XII, possuía nove mil residências na Europa. No século XIV, contava com mais de vinte mil membros. Apesar do seu poder e da sua riqueza, o mistério que os Templários cercavam as reuniões de seu Capítulo e de suas iniciações e, prestava-se as acusações de impiedade e de crueldade que o vulgo em todos os tempos proferiu contra as associações secretas.

Consciente de uma impopularidade crescente o Grão-Mestre Jacques DeMolay, pediu ao papa Clemente V, em 1306, a abertura de um inquérito, mas este contentou-se a convidar DeMolay a ir a Avignon, na França, onde, por força de circunstâncias adversas estava, provisoriamente instalado o papado.

Por outro lado o rei da França tinha mais do que nunca necessidade de dinheiro, e para resolver esta dificuldade valia-se dos Templários que lhe emprestavam elevadas somas. Ora, naquele tempo, quando alguém queria se desembaraçar de uma dívida, o meio mais simples era desembaraçar-se do credor. Foi por isso que em setembro de 1307, todos os oficiais do rei receberam instruções mais que misteriosas, sendo que a 12 de setembro do mesmo ano

DeMolay era preso no Templo, ao mesmo tempo que outros membros da Ordem também o eram, em todos os pontos da França.

No mesmo dia todos foram levados perante inquisidores, que os acusaram dos mais abomináveis crimes, e como não podiam confessar um crime que não cometeram, foram levados a tortura. Disse um deles a seus juizes: “Fui de tal modo torturado, atormentado, exposto a força que as carnes dos meus calcanhares foram consumidas, e os ossos caíram poucos dias depois”.

O Rei, Felipe o Belo, apressou-se em fazer mão baixa no tesouro da Ordem, depositado no Templo de Paris. O concílio que deveria julgar os Templários reuniu-se em Viena, no Delfinado, a 13 de outubro de 1311, onde ninguém foi citado para defender-se. Porém, diante da resistência do concílio em julgar tal iniquidade, o papa, Clemente V, cassou a autoridade da Ordem do Templo em 12 de abril de 1312, quando os concílios de Ravena, Salamanca e Mogúncia tinham absolvido os Templários, sendo estes levados a sua presença.

A supressão da Ordem dos Templários teve seu epílogo em 1313. O papa reservara para si o julgamento do Grão-Mestre e dos dignitários presos a sete anos, nas masmorras de Felipe o Belo. A 18 de março de 1313 todos se retrataram e na noite daquele mesmo dia todos pereceram nas fogueiras, que com antecedência haviam sido preparadas. Prevaleceu a força e o interesse sobre a justiça. A última frase de Jacques de Molay foi: “Spes mea in Deo est”.

Esta frase tornou-se uma divisa para o Grau 32 do Rito Escocês Antigo e Aceito.

É muito provável que os sobreviventes da Ordem dos Templários, anatematizados pela igreja, tenham então procurado agrupar-se de novo em outras associações, em especial a Ordem Cavalheiresca de Heredom, ou ao Grande Capítulo de Kilwinning. Entretanto, desde que começaram as perseguições na França, vários templários escaparam, fugindo para a Escócia, e alistaram-se sob a bandeira do Rei Roberto I, que criou a 24 de junho de 1334, a “Ordem do Cardo”, em favor dos maçons e dos Templários que haviam contribuído para

o sucesso de suas armas em Bannock-Burn, na qual as recepções eram semelhantes as da Ordem do Templo.

Parece, pois, que o rei da Inglaterra quis recompensar os Templários, restabelecendo sua Ordem com as suas formas, mas com outra designação. Há outro fato mais importante ainda: um ano depois, Roberto I fez a fusão da Ordem do Cardo com a Ordem de Heredom e elevou a Loja Mãe de Kilwinning a categoria de Loja Real; e estabeleceu junto a ela o Grande Capítulo da Ordem Real de Heredom de Kilwinning e dos Cavaleiros Rosa-Cruz.

Este nome de Cavaleiro Rosa Cruz aparece aqui pela primeira vez, no século XVI (antes, portanto, dos “Manifestos Rosacruz” na Europa) fazendo, tudo supor, que não é senão outra designação da Ordem dos Cavaleiros do Oriente, cujo emblema era uma cruz enlaçada por quatro rosas.

Estes fatos históricos são de importância capital para o Escocismo e pedem mais atenção para o assunto. Verificamos em primeiro lugar que nos séculos XII e XIII a Maçonaria Operativa viu abrigarem-se nas suas Lojas Ordens de Cavalaria que nenhuma relação tinham com aquela associação de ofício, e cujas iniciações, práticas, cerimônias e graus eram diferentes dos seus. Algumas dessas Ordens, se refugiavam na nova Ordem estabelecida pelo rei Roberto I, por si próprias, outras pelo beneplácito dos reis da Inglaterra, que acumulavam dos mesmos favores à maçons e cavaleiros, em recompensa aos serviços prestados à coroa, e os agrupava em uma fraternidade, sobre a qual podiam apoiar-se em caso de necessidade.

Uma outra constatação importante para o escocismo é que os Templários, desde 1307, penetravam nas Lojas da Escócia, que estavam sob a égide da Ordem do Cardo, levando não obstante as cerimônias Templárias e seus graus. Estes graus junto aos outros da Ordem da Cavalaria eram conferidos pelo Grande Capítulo Real de Heredom de Kilwinning, e formavam o sistema escocês, conhecido pelo nome de Rito de Heredom ou de Perfeição. Pode-se assim explicar como, após a suspensão da Ordem do Templo, certas Ordens de Cavalaria, que haviam mantido sua influência sobre a maçonaria

operativa da Escócia, acharem o meio de desenvolverem o cerimonial das iniciações dos pedreiros, num ritual completo e suscetível de incultar aos seus iniciados mais do que a simples comunicação dos segredos da arte de construir.

É também por essa época, ou seja, mais de quatrocentos anos antes da constituição da Grande Loja da Inglaterra, que se viu nascer na Escócia o nome de Maçom Adotado, pelo qual entenderam os membros das Lojas que não pertenciam a profissão de pedreiros. Insistamos em que essa fusão da Maçonaria operativa com as Ordens da Cavalaria se operou somente na Escócia, mas não na Inglaterra. Isto explica, portanto, a origem escocesa dos graus; outros, que não eram conferidos pela corporação dos pedreiros de outros países – aprendiz, companheiro e mestre.

Enfim, realcemos o papel político das Ordens da Cavalaria e das Lojas da Escócia, inteiramente devotados ao rei da Inglaterra, compreenderemos então a fidelidade que a Maçonaria Escocesa defendia a causa dos destronados.

Para terminar esta parte deste trabalho, é interessante notar quais os graus que a Loja Real de Kilwinning e seu Grande Capítulo de Heredon conferiam desde o seu estabelecimento. A própria Loja trabalhava com os graus da Maçonaria operativa, ou seja, Aprendiz, Companheiro e Mestre de ofício, mas convém notar que o Grau de Mestre não existia naquela época em que os mestres não eram senão os dirigentes das Oficinas, isto é, das construções, cada qual em sua profissão.

Os demais graus inspirados pelos Rosa-Cruz foram criados no começo do século XVIII, quando o Capítulo de Heredon conferia aos membros da Ordem dos Cavaleiros do Oriente ou Ordem dos Cavaleiros Rosa-Cruz, e a Ordem do Cordo, ou do Templo, todos os graus dessas duas Ordens. Depois de haver assim, brevemente resumido as tradições da confraria dos pedreiros e estabelecido, em consequência de circunstâncias, as Ordens da Cavalaria a elas se ligaram.

Convém deter-nos um instante na Ordem da Rosa-Cruz, que exerceu uma influência preponderante na transformação da Maçonaria Operativa na sua forma Simbólica, como a conhecemos hoje. Poucos historiadores se ocuparam da real origem da Rosa-Cruz, que entretanto desempenhou papel considerável nos séculos XVI e XVII. O motivo dessa abstenção se explica pela ausência da necessária documentação histórica que os Rosa-Cruz não se preocuparam em guardar, pois viveram espalhados pelo mundo conhecido então, reunindo-se uma vez por ano para transmitir, uns aos outros, os conhecimentos adquiridos; porem estes conhecimentos sempre foram transmitidos verbalmente.

A Conferência Internacional dos Cavaleiros Rosa-Cruz, realizada em Bruxelas em 1880, felizmente lançou uma nova luz sobre a história dessa Ordem.

A princípio a conjuração dos Rosa-Cruz, não foi mais do que uma afirmação da liberdade de pensar. Uma obra de apaziguamento e de tolerância. O que os Templários tinham querido fazer no seio da Igreja Romana, os Rosa-Cruz também tentaram realizar, porém ficando cautelosamente fora de qualquer afirmação confessional.

Passados quase quinhentos anos, desde que os Templários remanescentes do massacre ordenado por Clemente V, se estabeleceram na Escócia, durante os quais o Escocismo se consolidou e se espalhou pela Europa, é que vamos encontrar nos novos registros das mudanças estabelecidas no Escocismo, tal qual o conhecemos hoje.

É conveniente lembrar que o poder diretivo da Ordem não mais estava na Escócia nem na França, mas sim na Prússia, onde Frederico II, seu rei, havia efetivado profundas modificações no Escocismo, fazendo vigorar a primeira *Constituição, Regulamentos e Leis* normalizando o Escocismo. Uma dessas mudanças foi a de dar ao Escocismo os atuais trinta e três graus, pois até então somente tinha vinte e cinco.

As grandes Constituições de 1786 não chegaram a realizar imediatamente o fim a que se haviam proposto, e é fácil determinar a

causa. Três meses depois de serem publicadas em 17 de agosto de 1786, Frederico II, seu autor, morreu. Todos que, com Frederico II, compuseram o primeiro Conselho da Ordem reestruturada, foram obrigados a se dispersar, premidos pelo novo rei Frederico Guilherme II, que só queria a Ordem Rosa-Cruz e passou a não tolerar outra forma de Maçonaria.

Deste modo a reforma foi levada para a França, por um dos colaboradores de Frederico II, o conde D'Esterno, embaixador da França em Berlim, e um dos signatários das Grandes Constituições. D'Esterno, tentou introduzir, desde o seu regresso, o Rito Escocês Antigo e Aceito em seu país, fundando para isso um Supremo Conselho, em Paris, em cuja presidência ficou o duque de Orleans e do qual tomaram parte Chaflon de Joinville, o Conde de Clermont-Tonnerre e o Marquês de Bercy. Este Supremo Conselho teve vida efêmera, sendo obrigado a desaparecer pelas circunstâncias revolucionárias que se estabeleceram na França.

Há um fato curioso à ser registrado. O Escocismo havia sido fundado na Europa, onde adormeceu, e voltou a funcionar mais tarde, voltando da América de uma forma mais vigorosa e mais envolvente, pelas seguintes razões:

A 27 de agosto de 1761, o Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente havia entregue ao Irmão Estevão Morin, cujos negócios o chamavam à América, uma Patente de Grão-Mestre Inspetor, autorizando-o a “Trabalhar regularmente pelo próprio proveito e adiantamento da Arte Real e constituir Irmãos nos Sublimes Graus de Perfeição”. Morin, saindo de Paris, chegou a São Domingos onde instalou o seu gabinete, espécie de Grande Oriente para os Altos Graus no Novo Mundo. Em 1770, fundou o Conselho dos Príncipes do Real Segredo de Kingston, na Jamaica, criou muitos Inspetores Gerais, entre eles, Francken, De Grasse-Tilly, De la Hogue e Hacquest.

Ora, esses Maçons da América, pertenciam ao Rito de Perfeição, mantinham assíduas relações com o Grande Consistório de

Bordeaux. Mas, como já foi dito este adormece em 1781. Desde então os novos Corpos de São Domingos e da Jamaica passam a manter relações com Berlim até a morte de Frederico II, que era tido como o Grão-Mestre Universal. É provável, entretanto, que não podendo mais prevalecerem-se de Atos Constitucionais emanados de uma autoridade desaparecida, aqueles maçons dirigiram-se a Berlim tendo em vista agruparem-se sob outro sistema, e ligaram-se em definitivo ao Rito constituído pelas Grandes Constituições.

Em 29 de novembro de 1785, Salomão Bush, Grão-Mestre de todas as Lojas e Capítulos da América do Norte, dirige-se a Frederico II na sua qualidade de chefe supremo da Maçonaria para dar-lhe a conhecer a criação, em presença de uma grande assembléia de Irmãos, de uma “Sublime Loja” em Philadelphia, que “se submeteria as Leis e Constituições que a Ordem deve ao seu Chefe Soberano”, e exprime o desejo de que a “Grande Luz de Berlim condescenderá em iluminar a nova Loja”.

Não obstante, os maçons da América trabalham até 1801 com o Rito de Perfeição, pois até aquela data o mais alto grau conhecido na América era o de Príncipe do Real Segredo, ou seja o Grau 25, na escala do Escocismo, antes da reforma estabelecido por Frederico II, que lhe acrescentou mais sete graus.

A 31 de maio do mesmo ano, foi constituída em Charleston uma nova Potência dirigente que adota as Grandes Constituições de 1786 e os trinta e três Graus nelas estabelecidas. Essa Potência que tomou o nome de “Supremo Conselho dos Grande Inspetores Gerais para os Estados Unidos da América”, foi realmente o primeiro a realizar de modo definitivo o objetivo das Grandes Constituições de Frederico II, ou seja, a primeira a praticar o Escocismo como é hoje conhecido.

De Grasse-Tilly era membro do Supremo Conselho de Charleston. Em 1802 voltou à Jamaica e fundou com De La Houge naquela cidade, um Supremo Conselho de qual foi o Mui Poderoso Soberano Grande Comendador. Em 1803, De Grasse-Tilly regressou à França onde instalou em 22 de setembro de 1804 um Supremo Conselho em Paris, com jurisdição internacional.

Assim o Rito Escocês Antigo e Aceito e o Escocismo renasciam de suas cinzas no solo francês, de onde não mais saíram, e achavam-se definitivamente constituídos sobre as bases das Grandes Constituições. Sucessivamente foram fundados outros Supremos Conselhos em muitos países da Europa e na maior parte dos da América. Estes Supremos Conselhos formam hoje o Escocismo e o Rito Escocês Antigo e Aceito, que é o Rito maçônico mais praticado no mundo (Isto em 1923... Hoje se pode dizer que o Rito de Emulação é o mais praticado no mundo, mas o REAA ainda é o mais praticado na América do Sul e no Brasil)

“Trabalho colocado em observações próprias do autor e na conferência realizada no Subl.'. Capítulo L'Amitié (Amizade) em Lousanne em 5-5-1923 pelo Ir.'. Mourice Joton, grau 30°.”

12. Ocultismo, Referências e Apostas

REFERÊNCIAS OCULTISTAS EM “WATCHMEN”

21.03.2009

Acredito que poucos de seus leitores sabem que Alan Moore, autor da HQ *Watchmen*, é um ocultista, magista e profundo conhecedor das ciências herméticas, e que recheia todos os seus trabalhos com referências à Ordens Iniciáticas, poemas alquímicos e magistas famosos.

O tio Marcelo releu *Watchmen* semana passada e separou as anotações e passagens mais interessantes da HQ, sob o ponto de vista ocultista do Alan Moore. Também recomendo que assistam *The Mindscape of Alan Moore* antes de continuar [documentário em vídeo sobre o pensamento de Moore, deve ser relativamente simples encontrar online].

★★Cuidado: Contém Spoilers da HQ!★★

O Comediante – O nome do comediante, Edward Morgan Blake, é formado pela junção de três grandes ocultistas: Edward Crowley (mais popularmente conhecido como Aleister Crowley), Evan Morgan (discípulo favorito de Crowley) e William Blake (alegadamente a encarnação anterior de Crowley), cujos trabalhos são citados várias vezes durante o HQ.

Gunga Dinner – O nome do restaurante vem do poema *Gunga Din*, considerado um dos mais famosos poemas do escritor maçônico Rudyard Kipling (também autor da história *O Homem que queria ser rei*, repleta de simbolismo maçônico). Neste poema, Kipling conta, sob o ponto de vista de um soldado britânico, a história de um carregador de água bhisti que acaba salvando a vida do soldado, mas morre durante o processo. A própria história do Comediante e sua morte estão relacionadas ao poema.

Os taxis, durante toda a HQ e em momentos significativos, têm desenhado em sua lateral o trigrama do I-Ching TUI, cuja tirada em um jogo significa “estar atento, quando tudo mais parece estar tranquilo, pois a complacência poderá levá-lo a ser enganado”. A primeira vez que ele aparece na HQ é entre os detetives investigando a morte do comediante e a primeira aparição de Rorschach.

A companhia de taxis é chamada “Promethean” e seu lema é “trazendo luz para o mundo”. Uma referência óbvia a Prometeus e sua comparação com Lúcifer romano.

O sujeito que sempre conserta a porta do Dreiberg trabalha para a companhia “Nó Górdio”, que também é uma referência a Alexandre, o Grande. A companhia “Triangle” também faz referências ao Egito.

“Who Watches the Watchmen” uma pichação que aparece constantemente na HQ, vem de uma citação latina “Quis Custodiet ipsos custodes”, das obras do poeta romano Juvenal, em provocação à obra de Sócrates que colocava a classe dos guardiões como responsável pela proteção das cidades – “E quem nos protegerá dos guardiões?”. Platão responde que eles nos guardarão deles mesmos, com uma mentira nobre: “Diremos a eles que eles são melhores do que eles realmente são e, por causa disso, eles deverão proteger aqueles que são desprotegidos”.

Sweet Chariot – O nome dos cubinhos de açúcar que o Rorschach come durante toda a HQ são baseados na música *Swing low, Sweet*

Chariot, que tem referências bíblicas a respeito da carruagem de Elias (também conhecida como arcano 7 do tarot), e tem como significado alguém que trafega por debaixo das rotas conhecidas para enfrentar um mal maior (esta música foi usada por escravos como símbolo de rotas conhecidas como “Túneis subterrâneos” que usavam para escapar para o Canadá, organizadas por maçons abolicionistas). Todas estas referências têm enorme similaridade com o caminho subterrâneo que Rorshach faz para enfrentar Veidt durante toda a trama.

Krystallnacht e Pale Horse – O nome das bandas que se apresentam durante o final da HQ são referências a duas operações realizadas pelos nazistas no começo da Segunda Guerra. A primeira consistiu na destruição de cerca de 200 sinagogas e mais de 1.000 lojas judias, que foram incendiadas. Os judeus ainda foram acusados de terem causado a destruição e condenados a pagar pesadas multas aos nazistas.

Pale Horse foi uma operação semelhante destinada a prender e usar homossexuais em experimentos em campos de concentração. O nome vem da bíblia (Revelações 6:8). Note que o casal lésbico que aparece paralelamente à trama principal faz diversas referências a esta banda.

Outra banda mencionada é “Pink Triangle”, que é uma referência ao triângulo rosa que os nazistas faziam os homossexuais usarem em braçadeiras nos campos de concentração.

O nome do cantor principal de uma destas bandas, Red D’earth, é baseado em um conto de Edgar Allan Poe, *Red Death*.

A revista *Nova Express*, que aparece ao longo da HQ, é o título de um livro de William S. Burroughs, cuja história é muito complexa e bizarra para ser descrita em poucas palavras, mas que tem muito a ver com a idéia do monstro usada por Veidt.

O nome do asilo onde a mãe de Laurie fica internada é “Nephente Gardens”. Nephente é uma droga enteógena usada para diminuir a dor e o sofrimento, usada na Antiga Grécia.

Os dois troféus guardados pelos minutemen são o “Moloch solar mirror weapon” e o “King Mobs ape mask”. Moloch é um deus amonita conhecido por seus altares onde se atiravam crianças ao fogo e King Mob é uma referência às revoltas inglesas de Junho de 1780, onde os revoltosos diziam que serviam a “sua majestade, o rei turba” (“your majesty, King Mob”). Grant Morrison, outro ocultista autor de HQs, também utilizou esta referência para criar o personagem principal da série *Invisibles*, também repleta de referências ocultistas.

O nome Rorschach vem do teste de manchas criado por Hermann Rorschach em 1921, que são explicados durante todo o capítulo 6. O estupro da garota Kitty Genovese aconteceu na vida real.

O nome do Dr. Manhattan é baseado no “Projeto Manhattan”, que desenvolveu a bomba atômica. O design do Dr. Manhattan, azul com o símbolo esculpido em sua testa, é inspirado nos deuses hindus criadores do universo, Brahma, Vishnu e Shiva, que possuem poderes ilimitados, assim como ele.

O painel na base de Gila Flats, onde o Dr. Manhattan foi criado, tem a frase “Per dolorem, ad Astra”, que significa “pela dor se chega às estrelas”. Um mote alquimista e, ao mesmo tempo, reflete a situação do Dr. Manhattan durante a HQ e a sua fuga para Marte.

Ozymandias – Vem de um poema de Percy Bysshe Shelley, chamado *Ozymandias*, que retrata o Rei dos Reis. Percy foi membro da Golden Dawn e esposo de Mary Shelley, a escritora de *Frankenstein*. Seus textos principais foram *A Rainha Mab* e *A necessidade do ateísmo* (que lhe rendeu a expulsão da universidade de Oxford).

O poema *Ozymandias* tem tudo a ver com a função desempenhada por Adrian Veidt. Já o próprio nome Adrian Veidt foi inspirado no ator alemão Conrad Veidt, nascido em 1893, que ficou imortalizado por sua atuação no filme mudo *O homem que ri*, adaptação do poema ocultista de mesmo nome, de Victor Hugo, cujo personagem principal mais tarde inspiraria Bob Kane a criar ninguém menos que o Coringa.

Várias vezes durante a HQ é mostrado a obsessão de Veidt com diversas TVs ligadas ao mesmo tempo em canais diferentes. Isto reflete o método do escritor William S. Burroughs de trabalhar (ele escreveu *The Naked Lunch* e *Nova Express* desta maneira e, diz a lenda, que ele escrevia os textos e depois jogava aleatoriamente todos os papéis no chão para que sua mente conseguisse sair do modo racional e traçar linhas mais subconscientes nos trechos dos textos.

Observar múltiplas imagens aleatórias é um dos métodos de adivinhação semelhantes aos oráculos de borra de café, bola de cristal ou ler entranhas de animais (acho que o próprio Veidt menciona isso em algum dos capítulos). O Dr. Manhattan e sua conexão passado-presente-futuro também reflete esta multiplicidade de “canais”.

Karnak, o nome da base de Veidt, é o nome do principal templo dedicado ao faraó Ramsés II, o Ozymandias real.

A nave de Nightowl, Archie, é um diminutivo de Archimedes, o nome da coruja do desenho da Disney *The Sword in the Stone*, que conta a infância do Rei Arthur. Corujas, a lua e superfícies ovaladas estão presentes em todo o capítulo 7, representando os atributos de Atenas. Até mesmo os calendários dentro da casa de Dreiberg começam na segunda-feira (moon-day) ao invés de domingo.

O capítulo V, *Fearful Symmetry*, é desenhado como um espelho, com a página 1 refletindo a página 28, a 2 refletindo a 27, e assim por diante, com as páginas 14-15 sendo a borda do espelho. O símbolo do crânio e caveira aparece bastante neste capítulo. Tanto a questão da simetria, do poema e do símbolo aludem a um grau maçônico que,

infelizmente, não poderei comentar. Além destas, existem outras referências à maçonaria e seus símbolos neste capítulo, que é o meu favorito.

O Capítulo X é repleto de referência a duplas, ao número dois, aos pares e a “dois cavaleiros” (pessoas aparecem várias vezes dirigindo, cavalgando ou andando lado a lado nesta HQ). Referências ao símbolo da Ordem dos Templários.

Walt Feinberg, o autor fictício do conto dos piratas que acompanha paralelamente a narrativa, é uma homenagem a Walt Disney e Joel Feinberg. O tio Disney dispensa apresentações; e Feinberg foi um filósofo americano famoso e um dos primeiros escritores a discursar sobre os direitos individuais versus a autoridade do Estado (tema constante em *Watchmen*).

Referências dos títulos:

Capítulo I – *At midnight, all the agents* é uma referência a música de Bob Dylan chamada *Desolation Row*.

Capítulo II – *Absent Friends* é uma referência a Elvis Costello na música *The Comedians*.

Capítulo III – *The Judge of all the Earth* vem da Bíblia, é uma referência a Gênesis 18:25 e tem tudo a ver com o Dr. Manhattan.

Capítulo IV – *The Watchmaker* é uma referência a uma frase de Einstein em relação à existência de Deus, que depois foi parafraseada por Dawkins como uma negativa da existência de Deus.

Capítulo V – *Fearful Symmetry* pertence a um dos poemas mais famosos de William Blake, *Tyger*, que trata novamente de maneira sutil de toda a trama de *Watchmen*.

Capítulo VI – *The abyss gazes also* é uma referência a Nietzsche.

Capítulo VII – *A brother to Dragons* é uma referência bíblica. Vem do livro de Jó, 30:29

Capítulo VIII – *Old Ghosts* é uma referência à escritora inglesa Eleanor Farjeon, famosa por suas histórias para crianças. O título vem

do livro *Hallowe'em*, onde diz “no Halloween os velhos fantasmas saem...”.

Capítulo IX – *Darkness of mere Being* vem de um livro muito legal do Carl Jung, chamado *Memories, Dreams, Reflections*. Recomendo a leitura.

Capítulo X – *Two Riders were approaching* eu não sabia de onde ele tirou esta, mas um leitor me escreveu dizendo que a referência vem da música do Bob Dylan, *All along the Watchtower*.

Capítulo XI – *Look at my works, Ye Mighty* também vem do poema *Ozymandias*, de Percy Shelley, já mencionado acima.

Capítulo XII – *A stronger, Loving World* vem da música *Santies*, de John Cale.

GEOMANCIA, RUNAS E “LOST”

11.04.2011

*Partiu, pois, Jacob de Berseba, e foi a Harã;
E chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto;
e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por seu travesseiro, e
deitou-se naquele lugar.*

*E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus;
e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela;*

E eis que o SENHOR estava em cima dela, e disse: Eu sou o SENHOR Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaac; esta terra, em que estás deitado, darei a ti e à tua descendência.

– *Gênesis 28:10-13*

Aproveitando o final da quinta temporada de *Lost* e seu enigmático personagem Jacob, decidi fazer um artigo especial sobre Oráculos. Para começarmos o texto, nada mais justo que explicarmos o simbolismo contido na Escada de Jacob e as bases para quase todas as Ordens Esotéricas Antigas (incluindo o próprio templo no qual o

enigmático Jacob reside). A partir da estrutura do Templo, temos as bases dos primeiros Oráculos.

Jacob

A Bíblia nos relata que Jacob (ou Jacó, para os brasileiros), em sua viagem para Harã, precisou repousar e utilizou-se de uma pedra como travesseiro. Em seus sonhos, ele viu uma escada que avançava da Terra até o Reino dos Céus, e que os Anjos subiam e desciam através dela, levando e trazendo as mensagens até Deus.

Como sabemos que toda a Gênese é simbólica e ocultista, cujos textos são alegorias para textos herméticos e iniciáticos relacionados com a Kabbalah, precisamos primeiro entender quem foi Jacó e qual sua importância para as principais religiões mundiais.

Jacó é neto de Abraão, filho de Isaac e irmão de Esaú. Jacó teve doze filhos e uma filha de suas duas mulheres, Léia e Raquel, e de suas duas concubinas, Bila e Zilpa. Ele foi o antepassado das doze tribos de Israel. Seus filhos são Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom, José e Benjamim e sua filha era Diná. As doze tribos de Israel tem relação direta com os Doze Signos do Zodíaco, mas isso é assunto para outro artigo.

A Escada de Jacó

A Escada de Jacob é uma alegoria para a estrutura completa da Árvore da Vida, entrelaçada em seus quatro mundos (Atziluth, Briah, Yetzirah e Assiah), formando uma complexa estrutura que se assemelha aos degraus de uma escada em espiral.

Os 72 anjos da Kabbalah, ou “Emanações do Nome de Deus” são os anjos que aparecem simbolicamente no sonho de Jacob, trazendo as perguntas e respostas dos magistas que utilizam-se deste sistema oracular. A Escada também simboliza a subida iniciática do Mundo Material até O Mundo Primordial.

Esta pedra usada por Jacob é tão importante esotericamente que até os dias de hoje, NENHUM soberano é coroado na Inglaterra se não estiver sentado sobre ela. A chamada “Stone of Scone” (atualmente

localizada na abadia de Westminster) é usada desde tempos imemoriais, tendo registros anteriores ao século VIII de seu uso na coroação dos reis britânicos. Como eu já havia falado em outro artigo, ela faz referência à pedra na qual a espada do Rei Arthur está cravada e serviu como um dos exemplos para os textos originais da lenda do rei (além, claro, do seu simbolismo tradicional como Malkuth e o ponto de partida para a Iniciação à Escada de Jacó).

A Escada passa pelos quatro mundos: o Mundo Material (representado pelo elemento Terra, pelo naipe de ouros e pela tábua redonda), o Mundo Mental (representado pelo elemento ar, pelo naipe de Espadas e por Excalibur), o Mundo Emocional (representado pelo elemento água, pelo naipe de copas e pelo Santo Graal) e finalmente pelo Mundo Espiritual (representado pelo elemento fogo, pelo naipe de paus e pelo Cajado de Merlin).

O Templo de Hermes-Toth

A partir da escada de Jacob, podemos estruturar os templos antigos segundo a própria Árvore da Vida. Como já discutimos em artigos anteriores, a Construção dos Templos (e posteriormente das catedrais, igrejas templárias e finalmente templos maçônicos) reflete a Árvore da Vida.

Em *Lost*, quando é mostrado o Templo de Tauret (creio que a estátua seja da deusa hipopótamo Tauret, a deusa protetora dos renascimentos, que auxilia Horus em sua luta contra Set), ele segue o mesmo padrão dos templos iniciáticos (bola dentro da equipe do J.J. Abrahams).

Nos templos antigos, o centro do templo refletia TIPHERET, a chama dos Illuminati (não vou mais explicar nem o que é Tipheret nem o que é Illuminati, vocês que procurem nos artigos antigos). Nos primeiros templos, era representado por uma fogueira; nos templos simbólicos mais modernos (rosacrucianos, maçônicos, templários e thelêmicos) é representado pelo livro da Lei (uma Bíblia nos templos maçônicos). Da mesma maneira, a estrutura central do templo era

escorada por quatro pilares (representando Mercúrio, Vênus, Marte e Júpiter – Hod, Netzach, Geburah e Chesed).

Nos templos modernos, estes pilares não precisam mais necessariamente exercer a função de sustentação; e finalmente, temos o teto aberto, que permite a observação das estrelas (e que hoje normalmente é apenas pintado simbolicamente nas lojas).

A partir da estrutura dos templos e dos quatro pilares, os Iniciados estudavam o primeiro de todos os Oráculos, chamados de Geomancia. A escolha do nome Jacob parece muito apropriado para uma entidade que parece estar no passado, presente e futuro, tudo ao mesmo tempo agora, como os Oráculos.

A Geomancia

Suas origens remontam à África, embora tenham MUITAS semelhanças com o I-Ching chinês. O próprio Jesus Cristo (Yeshua) é retratado em diversos Apócrifos como tendo “escrito nas areias” antes de responder aos questionamentos de alguns homens que o procuravam. Como Essênio, é muito claro que ele era também um Mestre de Geomancia.

Não vou explicar os detalhes de como a Geomancia funciona [há um artigo somente sobre Geomancia no *Teoria da Conspiração*]. Basicamente, consiste em se riscar traços na areia em um estado alterado de consciência e depois decodificar a mensagem recebida.

A Geomancia tradicional funciona com base na estrutura simbólica da Árvore de Jacob, ou seja, utiliza-se quatro níveis que, através da meditação, resultam em símbolos que podem ser codificados como “zeros” ou “uns”. A partir destas combinações temos desde (1-1-1-1 – Via) até (2-2-2-2 – Populus), cada um associado aos sete planetas tradicionais (mercúrio, vênus, marte, júpiter, saturno, lua e sol) e o dragão (cauda e cabeça) que representa a própria escada de Jacob. Cada planeta aparece em seu aspecto solar (yang) ou lunar (yin), totalizando 16 combinações possíveis.

Como a sequência divinatória completa envolve também os quatro mundos (espiritual, emocional, mental e físico), temos um total de 16

x 4 = 64 combinações (curiosamente e “coincidentemente” o mesmo resultado dos trigramas do I-Ching). Mesma coisa, nomes diferentes...

Urim e Tumim

De acordo com a visão judaica, o Urim e Tumim remonta ao Sumo Sacerdote de Israel. A placa peitoral que utilizava era dobrada ao meio, formando um bolso onde ficava um pergaminho contendo o nome de Deus. Este nome fazia com que certas letras gravadas sobre as pedras preciosas acendessem de acordo com as questões perguntadas. Aquele que desejava uma resposta (apenas questões de relevância dentro da comunidade israelita poderiam ser perguntadas) ia ao sumo sacerdote. Este virava-se para a Arca da Aliança, e o inquiridor de pé atrás do Sumo-Sacerdote fazia a pergunta em voz baixa. O sumo sacerdote, olhando para as letras que se acendiam, era inspirado para decifrar a resposta de Deus. Estes utensílios foram utilizados até a destruição do Primeiro Templo, quando pararam de funcionar.

Geralmente os cristãos creem que Urim e Tumim fossem duas pedras colocadas no peitoral do Sumo Sacerdote de Israel, contendo em uma face resposta positiva e em outro resposta negativa. Fazendo-se a pergunta, jogavam-se as pedras, e de acordo com os lados que caíssem era confirmado uma resposta negativa, positiva ou sem resultados.

Alguns personagens bíblicos e, posteriormente, diversos rabinos, utilizavam-se de duas pedras, uma branca e uma negra, que ficavam em um saco especialmente preparado, para fazer as vezes de oráculo. Podemos encontrar diversas referências bíblicas a respeito deste antigo método oracular (Exodo 28:30, Levítico 8:8, Números 27:21, Deuteronômio 33:8, Samuel 28:6, Esdras 2:63 e Neemias 7:65).

As pedras brancas e negras faziam também o papel dos traços na areia, e por sua praticidade, começaram a ser usadas também como um auxílio à Geomancia. Ao invés de riscar os traços na areia, o consulente pegava em um saco pedras brancas ou negras e fazia as

combinações necessárias (de maneira semelhante às moedas do I-Ching).

Com a associação das letras e números do alfabeto hebraico (também chamada Gematria), os Pitagóricos e alguns Oráculos utilizavam ossos esculpidos para representar estas letras (que por sua vez também representavam planetas, signos e elementos, e todas as gazilhões de informação que cada elemento desses simboliza).

Os Dados e os Dominós

Muita gente se pergunta qual seria o elo de ligação entre o Urim e Tumim, as Runas e o Tarot. A resposta, por mais prosaica que pode parecer, sempre remete aos inocentes e singelos jogos (e nunca vamos nos esquecer dos vícios dos Jogos de Azar... “seres humanos, profanando tudo o que encontram pela frente desde 4.000 a.C.”).

Dados como oráculos e utilizados como jogos de azar são registrados desde o *Mahabharata* até os *Salmos* (salmo 22:18, “repartem entre si minhas vestes, e sobre minha túnica lançam sortes”). Para substituir as duas pedras de Urim e Tumim, eram arremessados dois dados, numerados de 1 a 6. O número de combinações possíveis (1-1, 1-2, 1-3, 1-4, 1-5, 1-6, 2-2, 2-3, 2-4, 2-5, 2-6 e assim por diante) totaliza 21 (com algumas jogadas com maiores possibilidades do que outras, os chamados “duplos”, entre eles o famigerado “Snake eyes”, equivalente ao arcano do Diabo).

Os dominós nada mais são do que estas 21 jogadas de dados colocadas lado a lado. Posteriormente, alguns jogos de dominó passaram a contar também com uma das casas vazias, para simular o lançamento de apenas um dado, elevando o total de possibilidades para 28.

Tudo o que restou desta transição nos baralhos modernos foi justamente as figuras da corte, que aparecem “divididas” ao meio, tal qual as peças de dominó.

As Runas

Das 16 pedras originais, os nórdicos desenvolveram a estrutura que ficou conhecida como “Elder Futhark”. As primeiras referências que temos do uso de runas datam de 150 d.C. Composta de 24 letras, parcialmente adaptadas do alfabeto grego e do romano. Todo mundo pensa que runas eram exclusividades nórdicas, mas pouca gente sabe que existiam também jogos de runas baseadas no alfabeto Etrusco, composto de 20 símbolos.

As runas, chamadas não por acaso de “folhas de Yggdrasil”, foram os segredos passados para Odin durante os nove dias que ficou espetado pela própria lança na “Árvore dos Mundos” (nove dias, nove esferas, descontando Malkuth...)

Cada uma das 24 runas representa um Caminho dentro da Árvore da Vida, mais duas runas que representam Yesod e Malkuth. Além disso, cada conjunto de runas possui sua própria mitologia envolvendo diversos deuses nórdicos.

Os celtas tinham sua própria versão das runas, apesar de utilizarem-nas apenas por um curto período de tempo, quando os vikings invadiram a Irlanda, que usavam também para confeccionar talismãs. O problema é que as runas celtas eram tradicionalmente esculpidas em galhos cortados de macieiras, o que fez com que pouquíssimos exemplares ficassem preservados nos museus. Os nórdicos entalhavam suas runas em pedras, o que fez com que exemplares intactos chegassem até os dias de hoje.

A Magia prática rúnica se assemelha muito à magia ritualística cabalista, sendo (na minha opinião) mais simples para um magista iniciante de trabalhar.

Geomancia, Gematria e Tarock

No Egito, especialmente Alexandria, estava o berço dos Illuminati e os maiores avanços esotéricos e científicos. Quando os Mamelucos tomaram o controle daquela região [ver Cap.11: As Cruzadas], eles tomaram muitos dos conhecimentos dos Sufis (os místicos islâmicos), especialmente seus conhecimentos de Astrologia e Oráculos (que já

vinham sendo desenvolvidos desde o século XI, com al-Ghazali). Este conhecimento passou posteriormente para os Templários, Cátaros e Rosacruzes.

Da combinação da Gematria (as 22 letras e números do alfabeto hebraico) somados ao conceito dos 4 Mundos (que eram representados simbolicamente pelos 4 elementos, como já vimos anteriormente) e as dez esferas, temos as primeiras impressões de um oráculo que era chamado de *Tarock Mamluk*. Os protótipos dos primeiros conjuntos de Tarot.

O primeiro registro a respeito de um deck de tarot consta de 1376, em Bern, na Suíça (justamente os católicos banindo qualquer tipo de “adivinhações” da cidade). Os decks mais antigos que se tem exemplares são os Visconti-Sforza (produzido por volta de 1450-1490 e já com os tradicionais 78 Arcanos, embora nenhum museu do mundo tenha mais do que trinta deles em sua coleção), da família de ocultistas italianos que foram patronos de ninguém menos que o Grão Mestre Leonardo daVinci (1452-1519); o tarot de Visconti de Modrone (produzido por volta de 1466) e o Brera-Brambilla, confeccionado por Francesco Sforza em 1463 (Francesco Sforza foi mencionado no *Príncipe*, de Maquiavel, e serviu como modelo para uma das mais famosas estátuas do Leonardo DaVinci).

O Tarot de Marselha

Ao contrário da crença popular, o *Tarot de Marselha* não faz parte da primeira leva de tarots que apareceram no ocidente nos séculos XIV e XV. Seu nome origina-se no capítulo XI do livro *O Tarot dos Boêmios* em 1889, escrito por ninguém menos que o Dr. Gerard Encausse (Papus) e baseado nos tarots de Noblet (1650) e Dodal (1701). Uma das características principais deste tarot é conter a Papisa Joana no lugar da Sacerdotisa.

E do século XVIII até o dia de hoje, milhares de tipos diferentes de tarot foram criados. Uns bons, a imensa maioria cópia ou plágio dos tradicionais e um monte de porcaria... Mas isso é assunto para um artigo só sobre tarot, e voltarei a abordar este tema quando chegarmos

à Arthur Waite, Aleister Crowley e a Golden Dawn [o Del Debbio lançou o seu próprio deck de tarot, o *Tarot da Kabbalah Hermética*, numa parceria com o ilustrador Rodrigo Amorim Grola – mais informações no *Teoria da Conspiração*].

DAN BROWN E “O SÍMBOLO PERDIDO”

18.09.2009

*“To Live in the World without becoming
Aware of the meaning of the World is
Like wandering in a Great Library
Without touching the books.”
– The Secret Teachings of All Ages*

Hoje li o novo livro do Dan Brown, *The Lost Symbol* (*O Símbolo Perdido*) e gostei bastante. Será com certeza leitura obrigatória para os fãs desta coluna.

O livro trata basicamente de algumas lendas maçônicas muito interessantes a respeito de Washington e dos “Pais Fundadores” dos Estados Unidos. No terceiro livro da série, Robert Langdon usa seus conhecimentos sobre simbologia para ajudar o maçom Peter Solomon e sua irmã Katherine a enfrentar o misterioso assassino tatuado Mal’akh.

Não darei nenhum spoiler, apenas comentarei sobre algumas das várias lendas maçônicas que Dan Brown coloca neste livro. Aliás, a pesquisa foi sensacional. Resta aguardar o *mimimi* dos pseudo-céticos e crentes, como sempre.

A colocação da Pedra Angular do Capitólio

Uma das histórias verídicas a respeito da fundação de Washington foi a de que todos os prédios públicos da capital tiveram a sua pedra angular (ou Pedra de Fundação) colocadas precisamente seguindo datas e horários calculados pelo estudo da Astrologia Hermética.

Através de cuidadoso estudo dos mapas astrais, estabeleceram-se as janelas mais propícias para a fundação de cada edifício.

Por exemplo, o Capitólio, marco zero da fundação da cidade, foi iniciado precisamente no dia 18 de Setembro de 1793, entre 11h15 e 12h30. Por que esta data?

Analisando o Mapa Astral, temos Sol, Mercúrio e a Caput Draconis no signo de Virgem e Vênus, Marte e Urano em Leão, uma combinação ideal para um local onde seria exigido trabalho duro e ao mesmo tempo a liderança do País. Saturno em touro para reforçar a responsabilidade nos gastos e Júpiter em escorpião, para facilitar as relações diplomáticas. De curiosidade, fuzei em várias datas e combinações em 1793 e não encontrei nenhuma que considerasse mais propícia do que esta. Os “Founding Fathers” estão de parabéns!

Como já coloquei diversas vezes no meu blog, a escolha de datas astrológicas especiais para a realização de eventos e consagrações importantes pode afetar, e muito, o resultado destes eventos.

The Apotheosis of Washington e Constantino Brumidi

Constantino Brumidi, nascido em 1805, foi um artista italiano, membro da maçonaria e responsável por muitos dos mais importantes afrescos do Capitólio, incluindo sua obra mais notável, a Apoteose de Washington, no qual retrata a Ascensão de George Washington aos céus. Este afresco é dividido em seis partes, nas quais mistura elementos da mitologia grega com personalidades americanas [ver a imagem da obra ao final deste artigo]:

- Guerra: personificada na deusa grega Colúmbia, fica logo abaixo da figura de Washington, representada em posição de combate e vestindo os símbolos maçônicos da capa, espada, o capacete e o escudo (os fãs de quadrinhos vão notar que o escudo original do Capitão América é uma homenagem ao design DESTA escudo), combatendo as figuras representativas da vilania. Auxiliando Colúmbia está a Águia Careca carregando flechas e relâmpagos, como seria representada na bandeira americana.

- Ciência: personificada na deusa Minerva, que está auxiliando Benjamin Franklin, Samuel Morse e Robert Fulton a montar um gerador elétrico. À esquerda, o uso do esquadro e o compasso.

- Marinha: personificada pelo deus Netuno, empunhando um tridente e montado em sua carruagem de conchas, e Vênus, auxiliando os americanos a instalar o primeiro cabo telegráfico submarino. Ninguém vai duvidar do quanto Poseidon ajuda a Marinha Americana, certo?

- Comércio: personificado pelo deus Mercúrio, com suas sandálias aladas e o caduceu, entregando um saco de ouro para Robert Morris (um dos financiadores da Revolução Americana).

- Mecânica: representado pelo deus Vulcano, que auxilia os americanos a preparar um canhão e um Ironclad (um tipo de barco de guerra). Ao fundo, o maçom Charles Thomas, construtor responsável pelas estruturas metálicas na construção do Capitólio.

- Agricultura: representada pela deusa Ceres, com um feixe de trigo e uma cornucópia, símbolos conhecidos no ocultismo, sentada em uma colheitadeira McCormick. Também podemos ver a deusa Flora ao fundo, colhendo flores...

George Washington representando Zeus

Esta é uma estátua muito famosa, esculpida por Horacio Greenough em 1840, representando Washington desnudo, na posição tradicional de Zeus. Muitos religiosos toscos acusaram os maçons de terem feito a estátua na mesma posição do Baphomet. A verdade é que o Baphomet é que TAMBÉM foi desenhado inspirado na posição tradicional de Zeus.

De qualquer forma, depois de inúmeros protestos, em 1908 a estátua acabou sendo movida para o Museu Smithsonian e, em 1964, para o Museu de História e Tecnologia, onde está até hoje.

Claro que manter uma estátua de Washington na posição clássica de ZEUS no meio do Capitólio em um país dominado pelos seguidores de Jesus não faz sentido. Seria quase tão absurdo quanto, por exemplo, se a imagem que todos veneram na Basílica de

Aparecida não fosse a de Nossa Senhora, como todos acreditam, mas de Maria Madalena.

A Palavra “MASON” escrita na nota de um dólar

Se você pegar uma caneta e desenhar o Símbolo de Salomão em uma nota de um dólar [sobreposto ao símbolo de uma pirâmide], as pontas da estrela formarão a palavra “Mason” (Maçom) e a parte de cima fará o topo da Pirâmide. Eu já ouvi da boca de um cético bem famoso que “isso é muito provavelmente apenas uma coincidência”. Então tá, né?

∴

Melencolie, de Albrecht Durer

Uma das imagens que representa o temperamento Melancólico, carregado de simbolismo alquímico. Para o livro, o que importa é o Kamea de Júpiter, que Durer coloca no canto superior direito da imagem.

Um Kamea é um quadrado mágico dividido em $N \times N$ casas, onde N é o número associado na Kabbalah com cada um dos planetas. Assim sendo, Saturno possui um Kamea de 3×3 (tipo um Sudoku), Júpiter um Kamea de 4×4 , Marte um kamea de 5×5 , Sol 6×6 , Vênus 7×7 , Mercúrio 8×8 e Lua 9×9 .

Cada Kamea é preenchido com números de 1 até o valor máximo do Kamea (9, 16, 25, 36, 49, 64 ou 81) onde a soma de todos os números em cada linha ou coluna sempre é igual. Em um dos meus artigos antigos eu expliquei a ligação do Kamea do Sol com o famigerado 666 [isto foi no Cap.6: Demônios].

A curiosidade é que Durer organizou o Kamea de Júpiter para que os números 15 e 14 ficassem na parte inferior-central do quadrado, formando o ano em que ele fez a ilustração (1514).

O Livro traz muitas outras referências bacanas sobre a cidade de Washington, sobre Benjamin Franklin, sobre os rituais maçônicos

(mas não espere nenhum segredo revelado) e especialmente sobre o ídolo e patrono dos cientistas, Sir Alquimista Mestre Maçom e Rosacruz Isaac Newton... E muita coisa que eu já disse aqui na coluna, devendo impressionar a maioria dos leitores, mas nem tanto os leitores do *Teoria da Conspiração*.

Apotheosis of Washington,
por Constantino Brumidi



QUEM TEM MEDO DOS ILLUMINATI?

12.05.2009

Com a estréia do próximo filme do Dan Brown nesta sexta feira, os católicos e evangélicos de todo o mundo entrarão novamente em polvorosa, com as maluquices que lhes são peculiares e todas as desculpas possíveis para aumentar a arrecadação de Dízimo para a luta contra “os maléficos Illuminati”.

Mas afinal de contas, quem são os Illuminati? De onde surgiram? Como se organizam? O que fazemos em reuniões? Eles querem mesmo dominar o mundo?

Estas e outras respostas você só encontra aqui no *Teoria da Conspiração*.

A Origem do Nome

O termo “Illuminati” ficou famoso por causa da loja de estudos fundada pelos professores Adam Weishaupt e Adolph Von Knigge em 1º de Maio de 1776, mas as origens deste termo são muito mais antigas e muito mais simples do que parecem.

Illuminati vem de “Iluminados”, ou seja, qualquer sacerdote ou estudioso que atingiu determinada posição dentro do Templo que permitiu a ele dispor de segredos iniciáticos até então desconhecidos aos graus inferiores.

O termo vem da correlação com o SOL. O centro do Templo, o Deus de nossos próprios corações. Simbolicamente denominado Tiferet, na Kabbalah; o grau de consciência no qual todos os quatro elementos estão dominados e o Adepto prossegue para a Câmara do Meio.

O grau de Illuminatus é um dos mais altos graus de diversas Ordens Esotéricas; o equivalente à “Faixa Preta” nas artes marciais... Mas isso é tudo o que Illuminatus significa: alguém que deteve os conhecimentos de grau daquela Ordem, *nada mais*.

Achar que os “Illuminati” estão todos operando em uníssono para a dominação do mundo é tão ingênuo quanto achar que todos os

“faixas-pretas” do mundo lutam e aprovam o mesmo estilo de combate.

A Estrutura dos Illuminati

A maioria dos graus ligados à Rosacruz ou aos gnósticos trabalha com graus baseados nas Emanações da Árvore da Vida. Esta estrutura foi desenvolvida inicialmente nos Templos de Toth-Hermes, mas contava apenas com sete graus, baseados nos Planetas Alquímicos (Lunae, Mercure, Veneris, Martis, Jovis, Saturni e Solis), sendo Solis o mais avançado. Cada grau possuía um Kamea (Quadrado Mágico) correspondente. Mais tarde os Pitagóricos finalizariam a estrutura para conter 10 esferas numeradas, como conhecemos hoje em dia.

Da relação do Sol com a iluminação tanto exotérica quanto esotérica, chamavam-se estes Mestres de “Mestres Iluminados”. O número 666 era atribuído a estes Mestres [no artigo original seguiu-se uma explicação acerca do “666” que já foi vista no Cap.4: Demônios, e portanto não será repetida aqui].

Alumbrados, Iluminés e Rosa Cruzes

O historiador Marcelino Menéndez Pelayo encontrou registro do nome “Illuminati” já em 1492 (na forma iluminados, 1498), mas ligou-os a uma origem gnóstica, e julgou que seus ensinamentos eram promovidos na Espanha por influências vindas dos Carbonários da Itália. Um de seus mais antigos líderes, nascido em Salamanca, foi a filha de um trabalhador conhecida como a “Beata de Piedrahita”, que chamou a atenção da Inquisição em 1511, por afirmar que mantinha diálogos com Jesus Cristo e a Virgem Maria. Foi salva da fogueira por conta de padrinhos poderosos (fato citado pelo mencionado historiador espanhol em seu livro *Los Heterodoxos Españoles*, 1881, Vol. V).

Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, ordem religiosa da Igreja Católica cujos membros são conhecidos como jesuítas, na época em que estudava em Salamanca em 1527, foi trazido perante uma comissão eclesiástica acusado de simpatia com

os alumbrados, mas escapou apenas com uma advertência. Outros não tiveram tanta sorte. Em 1529, uma congregação de ingênuos simpatizantes em Toledo foi submetida a chicoteamento e prisão. Maior rigor foi a consequência e por cerca de um século muitos alumbrados foram vítimas da Inquisição, especialmente em Córdoba.

Os Jesuítas, apesar de fortemente religiosos, enveredaram pelos estudos ocultistas e possuem sua própria organização interna de magistas e conhecedores de ciências herméticas. Aqui no Brasil, seu representante máximo é o famoso Padre Quevedo... Esqueçam aquele personagem que vocês vêem na TV, o verdadeiro Quevedo fora das câmeras é uma pessoa totalmente diferente. É, quem diria que o *Quemedo* também possui o grau de Illuminatus?... Isso ele não fala lá no programa da Luciana Gimenez! [lembramos também que a ICAR acaba de eleger o primeiro Papa Jesuíta de sua história, o simpático Papa Francisco – não é a toa que ela está mudando mais rapidamente do que o previsto].

Além dos Jesuítas e dos Alumbrados, o movimento com o nome de Illuminés chegou até a França em 1623, proveniente de Sevilha, Espanha, e teve início na região da Picardie francesa, quando Pierce Guérin, pároco de Saint-Georges de Roye, juntou-se em 1634 ao movimento. Seus seguidores, conhecidos por Gurinets, foram suprimidos em 1635. Um século mais tarde, outro grupo de Illuminés, mais obscuro, contudo, apareceu no sul da França em 1722 e parece ter atuado até 1794, tendo afinidades com o grupo conhecimento contemporaneamente no Reino Unido como French Prophets (Profetas Franceses), um ramo dos Camisards.

Uma classe diferente de Iluminados formam os Rosacruz, que têm sua origem formal em 1422. Constituem uma sociedade secreta, que afirma combinar com os mistérios da alquimia a posse de princípios esotéricos de religião. Suas posições estão incorporadas em três tratados anônimos de 1614, mencionados no *Dictionnaire Universel des Sciences Ecclésiastiques*, de Richard and Giraud, Paris 1825. Os Rosacruz deste período alegam serem herdeiros dos

estudos dos Cavaleiros do Templo, ou Templários. Dentro da Filosofia Rosa Cruz, Illuminati é o estágio de plenitude atingido depois de alguns anos de estudo.

O texto abaixo, da autoria do meu irmão Carlos Raposo, um dos maiores conhecedores e estudiosos da Ordo Templi no Brasil, vai ajudar a explicar os Illuminati da Baviera. Para ler o artigo na íntegra, recomendo uma visita ao seu sensacional blog *Artemagicka*:

Os famosos Illuminati da Baviera

Em Primeiro de Maio de 1776, na Alemanha, foi fundada uma sociedade que passaria a representar a síntese dos anseios e ideais compartilhados por Maçons e Rosacruzes: Os Iluminados (ou Iluministas). Hoje, eles também são conhecidos como os Illuminati – embora haja o temerário risco do termo levá-los a serem confundidos com alguns movimentos esotéricos de nosso presente século.

Seu mentor, Adam Weishaupt (1748-1830), era um Maçom de ascendência judia, que havia tido educação católica e jesuíta. Essa singular mistura daria a Weishaupt uma grande versatilidade de pensamento, bem como independência de opiniões.

De raro e reconhecido talento, Weishaupt se graduou em Direito pela Universidade de Ingolstadt, onde passaria a exercer a profissão de professor titular de Direito Canônico, além de ser decano da Faculdade de Direito.

Durante seu estudos, antes de sua graduação acadêmica, Weishaupt obteve preciosos conhecimentos a respeito dos antigos ritos ditos pagãos e das religiões antigas. Nesses seus “aprendizados paralelos”, Adam Weishaupt muito absorveu dos antigos costumes, dando especial ênfase aos Mistérios de Elêusis e aos ensinamentos de Pitágoras.

Com base nesses conhecimentos, Weishaupt iniciava um esboço de uma Sociedade modelada segundo os conceitos do paganismo e da tradição dos mistérios ocultos. Porém, apenas após ele ter sido iniciado na Maçonaria (ao que tudo indica, Adam Weishaupt teria sido iniciado em Munique, por volta de 1774. Alguns autores,

entretanto, apontam para 1777. Outros negam sua possível afiliação Maçônica) é que seu plano de formar uma nova Sociedade Secreta encontrou força suficiente para prosseguir. E assim foi feito.

Originalmente fundado como a “Sociedade dos Mais Perfeitos” (Perfekbilisten), os Iluminados, em princípio, contaram com a adesão de apenas cinco participantes.

Entretanto, tão logo foi começado a difusão de seus ideais, os Iluminados começaram a receber a adesão de vários novos membros, todos entusiastas dos propósitos de Weishaupt.

Os Iluminados da Baviera – como também eram conhecidos os Iluminados – eram dirigidos por um conselho de Areopagitas liderado por Weishaupt, que, para essa função, usava o pseudônimo de “Spartacus”. A estrutura básica dos Iluminados era composta de três graus, a saber: I – Aprendiz (ou A Sementeira); II – Maçonaria Simbólica; e o III – Grau dos Mistérios. Os dois primeiros graus, por sua vez se subdividiam em outros três graus intermediários, enquanto que o III era dividido em Mistérios Menores e Maiores, que, por sua vez, também se subdividiam em graus intermediários.

O total de Graus perfazia 12 estágios: começando em Noviço (o primeiro estágio do I), até o Grau XII, sob o título de Rex, ou Rei da Ordem (Do sistema de graduação dos Iluminados veio a estrutura básica de algumas Ordens que hoje existem. Por exemplo, não chega a ser uma novidade o fato de uma bem famosa organização Rosacruz atual ter 12 Graus de Templo. Da mesma forma, uma das mais conhecidas Ordens Templárias de nossos dias, possui o grau de Rex, para a sua liderança).

O Grau de Noviço era tomado com a idade mínima de 18 anos, quando o novo aprendiz, através de indicação de alguém de confiança da Ordem, tinha acesso aos Iluminados, passando a receber suas primeiras instruções. Para ascender aos Graus subsequentes, havia um período de Provação de, pelo menos, um ano (Novamente, o modelo adotado pelos Iluminados, segundo a concepção de Weishaupt, seria o padrão para uma série de outras escolas).

A função principal dos Graus superiores dos Iluminados era, através de todo um processo simbólico, baseado em toda uma temática libertária, impregnar seus Iniciados com esses ideais.

Como já dito, não só devido a proposição Iniciática de Weishaupt, mas também pelo modo como os Iluminados entendiam os sistemas políticos vigentes da época, interferindo quando julgavam necessário, logo eles alcançaram uma enorme repercussão por toda a Europa. O iluminismo, aos poucos, ganhava a adesão de importantes nomes do cenário Europeu, influenciando decisões que mudaram o rumo de alguns países do velho mundo (os Iluminados – assim é afirmado - atuaram decisivamente na revolução francesa).

A visão política dos Iluminados era algo próximo de um Estado onde reinaria o bem comum, sendo abolidos a propriedade, autoridade social e as fronteiras. Uma espécie de anarquismo superior, saudável e utópico, onde o ser humano viveria em harmonia, numa Fraternidade Universal, baseada na sabedoria espiritual, em franca Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Os discursos de Igualdade, liberdade e fraternidade de Weishaupt iam de encontro aos poderes estabelecidos e esbarravam, em franca oposição à Monarquia, como instituição política; a Igreja, como instituição religiosa e aos grandes proprietários, como instituição econômica (Hoje, por todos esses ideais, Weishaupt seria facilmente taxado de “comunista”. Entretanto, na época, esse modelo político ainda não havia sido devidamente sistematizado, nem definido). Outro ponto que devemos levar em consideração, antes de simplesmente considerá-lo um comunista, é que as bases Religiosas que moviam os Iluminados provavelmente eram, mesmo que uma utopia, bem nobres e absolutamente contrária ao que hoje consideramos como sendo de natureza “comunista”.

Weishaupt chegou a constituir toda uma eficiente rede de espionagem, na forma de agentes espalhados pelas principais cortes da Europa. A função básica dessa rede era se infiltrar entre o clero e os regentes, conseguindo informações políticas que permitissem a

elaboração de uma estratégia de ação Illuminati, no sentido de se permitir a criação do Estado Ideal.

Após muitas tentativas de se estabelecer uma nação segundo seus princípios, os Iluminados foram politicamente extintos, em decreto instituído pelo Eleitor da Baviera, ao final do século XVIII.

E depois?

Uma vez que a semente do iluminismo foi lançada, não havia mais o que fazer por parte da Igreja. Grupos de livres-pensadores, estudiosos, cientistas e filósofos começaram a se reunir em lojas maçônicas, grupos de estudos e capítulos rosacruzes em todos os lugares do mundo.

Para tentar acabar com eles, a Igreja fez o que a Igreja faz melhor: chamou todos de “filho do demônio” e tentou distorcer ao máximo tudo o que conseguia, para continuar mantendo o povo no cabresto e arrecadar seus dízimos por aí.

Outra das estratégias da Igreja foi a de “jogar todos os gatos no mesmo balaio”. Assim como todas as Religiões Afro são chamadas de “macumba” pelos fiéis, todos os estudiosos de todas as fraternidades esotéricas foram chamados de “Illuminati”.

Então tivemos “Os Illuminati isso, os Illuminati aquilo, *mimimi...* como eles são malvados, vamos queimá-los!”.

E existem Illuminatis malvados, afinal?

Claro que existem! Da mesma maneira que você não tem como impedir que lutadores de jiu-jitsu faixa preta saiam pela rua batendo em mendigos, você também não tem como impedir que pessoas que tenham chegado aos últimos graus de conhecimento nas Ordens Esotéricas fundem suas próprias ordens. Basta ver que a Thulegesellschaft (que mais tarde seria a base de toda a estrutura nazista), a Ordem dos Nove Ângulos, a Igreja de Satã, o Scroll and Key, a Centúria Dourada, os Acumuladores e muitas outras ordens tidas como “fraternidades negras” tiveram entre seus fundadores

pessoas que um dia obtiveram graus iniciáticos semelhantes aos dos Illuminati.

Disseram que eles estariam por trás dos Protocolos dos Sábios do Sião, por trás da Nova Ordem Mundial, por trás do Governo Oculto do Mundo, entre outras coisas, mas posso falar por experiência própria: a maioria dos Illuminati não consegue nem chegar a um acordo depois de uma sessão sobre que pizzas vão pedir para jantar, quanto mais dominar o mundo!

Os Illuminati e a Linhagem Sagrada

Outra confusão que acabou aparecendo na mídia depois dos livros do Dan Brown foi justamente a de que os Illuminati tomariam conta da Linhagem Sagrada, o que não é necessariamente falso nem verdadeiro. Muitas Ordens Esotéricas incluem estudos sobre a história das religiões em seus graus mais avançados, o que acaba levando ao conhecimento dos fatos relativos à família de Yeshua, à transformação do Yeshua-Messias no Jesus-Apolo por Constantino, e assim por diante.

Então obviamente existem grupos Illuminati que protegem supostos descendentes da linhagem e, ao mesmo tempo, devem existir também grupos Illuminati que desejam matar estas pessoas, ou que nem acreditam que elas existam...

E a Skull and Bones?

A Skull and Bones é uma sociedade secreta estudantil dos Estados Unidos da América, fundada em 1832. Foi introduzida na Universidade de Yale por William Huntington Russell e Alphonso Taft em 1833.

Entre 1831 e 1832, Russell estudou na Alemanha, onde supostamente teria sido iniciado em uma sociedade secreta alemã, a qual teria inspirado a criação da Skull and Bones. Tal hipótese foi confirmada durante obras realizadas no salão de convenções da Skull and Bones. Naquela ocasião foi encontrado material que se refere a Skull and Bones como o capítulo de Yale de sociedade alemã

rosacruziana com influências das filosofias de Weishaupt. *Skulls and Bones* é uma fraternidade nos moldes das incontáveis fraternidades alfa-beta-gama dos filmes americanos tipo *A Vingança dos Nerds*, com a diferença que quem vai pra Yale tem MUITA, mas MUITA grana e poder...

E uma vez que eles saem da faculdade, eles se ajudam uns aos outros, como todas as fraternidades do planeta fazem com seus membros... A diferença é que eles estão no governo dos EUA.

Então eles NÃO são parte da maçonaria, NÃO são parte dos “Illuminati”.

Junte-se aos Illuminati

Qualquer estudante sério de ocultismo consegue galgar os graus necessários para se chegar ao grau de Illuminatus em seis ou sete anos, em qualquer ramificação da Rosacruz, Maçonaria ou Martinismo. Acompanhar o *Teoria da Conspiração* pode ser apenas o primeiro passo...

Abrços

Marcelo Del Debbio

“Ad Rosem per Crucem;

Ad Crucem per Rosem.”

A APOSTA DE PASCAL-DELDEBBIO

21.12.2012

Olá crianças,

A Aposta de Pascal, criada por Blaise Pascal, longamente apresentada no livro *Penseés*, não é um argumento direto da existência de Deus. É um argumento que poderá ser considerado calculista, a favor de um comportamento humano de acordo com a

existência de Deus, seguindo a “razão do coração”. Este argumento tem mais ou menos o conteúdo que se segue:

- Se você acredita em Deus e nas Escrituras e estiver certo, irá para o Paraíso.

- Se você acredita em Deus e nas Escrituras e estiver errado, não terá perdido nada.

- Se você não acredita em Deus e nas Escrituras e estiver certo, não terá perdido nada.

- Se você não acredita em Deus e nas Escrituras e estiver errado, você irá para o Fogo Eterno.

Claro que a argumentação acaba caindo em uma falsa dicotomia, semelhante à que os Ateus Dogmáticos utilizam para justificar suas crenças. No século XXI, o filósofo hermetista Marcelo Del Debbio apresentou nas *Epístolas Sedentárias e Hiperativas* uma proposta mais elaborada sobre a Aposta de Pascal. Vamos à ela:

Em primeiro lugar, A Aposta de Pascal incorre na chamada falácia do tipo falsa dicotomia, quando reconhece a existência de apenas duas opções, acreditar ou não no deus judaico-cristão (ela é usada também pelos ateus, para justificar que, se o outro está errado, eles estão certos) ignorando, porém, que existem milhares de outros sistemas de crenças, com ou sem deuses nelas, a serem consideradas. A crença no “deus errado” ou a “descrença no deus certo”, de acordo com a maioria das religiões, é punida da pior maneira possível.

Uma análise mais honesta, ainda que limitada, levaria em consideração os principais grupos de pensamento, o que eles pregam e o que pode acontecer se a pessoa não seguir suas orientações, e também organizar os principais tipos de pessoas que seguem aquelas linhas de pensamento:

Os crentes

Consideramos “Crentes” aqueles que acreditam cegamente em algum livro sagrado, profeta, escritura ou texto sem questionamento. Pagam o dízimo, acreditam no que os pastores dizem e seguem uma série de condutas e penitências contra supostos pecados.

Se os Crentes estiverem certos: Quando morrerem, poderão entrar nos céus, onde passarão a eternidade tocando harpa ao lado de Jesus, bem longe do resto dos seus amigos, que estarão no inferno porque ninguém honestamente consegue cumprir aquela lista de obrigações estipuladas. Passarão a vida inteira sofrendo privações e em troca conseguirão o Paraíso mas, no mundo de hoje, apenas uma minoria infinitesimal de pessoas realmente conseguirá isso verdadeiramente, o resto se encaixa no próximo tópico.

Se os Ateus estiverem certos: Os crentes passarão a vida toda atrapalhando suas vidas e interferindo nas vidas dos outros com dogmas muitas vezes estranhos e preconceituosos e, no final da vida, morrerão e passarão a eternidade apodrecendo dentro de caixões sozinhos, porque não existe nada depois da morte.

Se os Ocultistas estiverem certos: O que definirá o que ocorre após a morte será a própria conduta da pessoa durante a vida, independente da sua crença ou não. Pessoas muito ignorantes, mas de bom coração, podem ser levadas para escolas espirituais onde continuarão estudando e se aprimorando e, eventualmente, retornarão à Terra em outras vidas para continuar sua evolução.

Os crentes hipócritas

Nesta categoria se encaixam os pastores ladrões, padres pedófilos, hipócritas de fachada, políticos corruptos religiosos que pregam uma coisa e fazem outra, ateus que fingem ser religiosos para manter seus empregos, crentes que bebem e batem na mulher... Enfim, a grande maioria das pessoas.

Se os Crentes estiverem certos: Se existe um velho barbudo sentado no topo das montanhas, e esse velho barbudo é onisciente, vocês se ferraram. Existe um lugar separado especial no Inferno para padres e

pastores corruptos, e vários outros lugares extremamente bem detalhados com torturas e desprazeres aguardando toda essa cambada. Então, a moral da história é: se você se diz crente, então faça as coisas que se propôs a fazer, porque se a bíblia estiver certa, você se deu mal e não vai dar pra chegar depois que morrer e dar desculpinhas esfarrapadas para alguém onisciente...

Se os Ateus estiverem certos: Então você se deu bem. Vai mentir e roubar a vida toda, ganhará redes de TVs, jornais, fiéis, toda uma massa de tontos pagando dízimo... Terá mulheres, mansões e iates (a menos que seja pego pela polícia). Quando morrer, passará a eternidade apodrecendo dentro de caixões, sozinho, porque não existe nada depois da morte.

Se os Ocultistas estiverem certos: Você se ferrou, pois além de não ter cumprido o que se propôs antes de encarnar, ainda acumulou mais karma e mais problemas para resolver. Boa parte desses picaretas volta para encher o saco de quem está vivo na forma de encostos ou eguns, outros permanecem no Baixo Umbral, perdidos em suas próprias formas pensamento mesquinhas e viciosas (o que deu origem aos relatos sobre o Inferno descritos nas religiões antigas e nas descrições de Dante Alighieri, que era um Iniciado). Note que isso não é nenhum “castigo”, é apenas a consequência das suas ações... Pessoas podres aqui continuam podres do lado de lá; a diferença é que do lado de lá, as pessoas que você enganou saberão que você as enganou (nessa vida e em outras passadas, já que alguém de baixa índole aqui não costuma ter sido muito melhor na vida anterior) e estarão aguardando para tirar satisfações com você, nessa vida ou na próxima. Não são “demônios” que torturarão você, são as pessoas que você sacaneou nesta e nas outras vidas, e que também estão presas a ciclos de vingança e ódio.

Os ateus dogmáticos

São os que acreditam que não existe nada além de matéria. Deuses são “amigos imaginários” e nada que não possa ser testado em laboratório ou que o James Randi não aprove tem qualquer valor.

Se os Crentes estiverem certos: Vocês se ferraram. Nem preciso recitar a ladainha que vocês sabem melhor do que eu, mas começa com óleo fervente e tridentes enfiados nas bundas de vocês... Pela eternidade.

Se os Ateus estiverem certos: Aí vocês se deram bem, escapando do Inferno, embora tenham perdido boa parte das vidas de vocês enchendo o saco dos outros para que deixassem de acreditar nas coisas que acreditam para que passassem a acreditar nas coisas que vocês acreditam. O que não é muito diferente dos crentes, embora tenha a vantagem de não precisar pagar o dízimo nem ir pro Inferno se pisar fora da linha. Se eu fosse ateu e soubesse que, depois que eu morresse acabaria tudo, certamente eu não perderia meu tempo em listas de internet discutindo coisas que eu não acredito; estaria com a minha família aproveitando o pouco tempo que me resta até morrer, já que, comparado com a eternidade, 50-70 anos passam em um estalo de dedos...

Se os Ocultistas estiverem certos: O Universo é mental; somos pensamentos que encarnam utilizando nossos corpos físicos como instrumentos para realizar nossa Verdadeira Vontade, mas ainda assim subordinados à nossa mente. Quando um ateu morre, ele passará a eternidade apodrecendo dentro do caixão, sozinho, porque não existe nada depois da morte para ele. Na primeira vez que visitei um cemitério em Projeção Astral, o Exú Caveira que me acompanhava mostrou-me um caixão onde um ateu estava enterrado havia 70 anos, o corpo completamente carcomido e a consciência ainda ali, presa no materialismo. Os enfermeiros mal conseguiram remover aquela consciência dali, tamanho o grau de loucura que ele estava após passar todo este tempo sozinho e sentindo o corpo apodrecer lentamente. Foi dali direto para um hospital astral, nos moldes daquele mostrado no filme *Nosso Lar*, e teve de passar meses para se recuperar do trauma.

Os cétricos

Cético é alguém que estuda e pesquisa tudo o que puder, e observa todos os pontos de vista antes de ter suas opiniões formadas. Na prática, a única diferença entre um cético e um ocultista é que os ocultistas tiveram acesso a mais informações e experiências que os cétricos. Todo ocultista é cético por definição.

Se os Crentes estiverem certos: Vocês se ferraram. Mimimi, mimimi, mimimi... Mas resumindo: óleo fervente e tridentes enfiados nas bundas de vocês pela eternidade.

Se os Ateus estiverem certos: Vocês se deram bem. Evitaram todos os dogmas religiosos, não perderam tempo enchendo o saco dos outros, estudaram artes, cultura e outros aspectos ocultistas mesmo se não viram evidências maiores disso, viveram bem a sua vida. Quando morrer, passará a eternidade apodrecendo dentro de caixões, sozinho, porque não existe nada depois da morte... Ou não.

Se os Ocultistas estiverem certos: O que define onde a pessoa estará depois da morte são as ações e pensamentos que teve durante a vida. Um cético, ao ter a mente livre e se descobrir preso na matéria em um caixão, terá a atitude de conseguir ajuda espiritual bem mais rápido do que um ateu e, tendo passado por esta comprovação e experiência, sua curiosidade natural o levará até as fraternidades invisíveis para estudar mais e entender esse “mundo novo” espiritual que descobriu. Se precisar encarnar novamente, estará entre os ocultistas de sua fraternidade nas próximas vidas.

Os esquisotéricos

Os *esquisotéricos* são os místicos, wiccas ou satanistas de redes sociais, que acreditam em horóscopo de jornal, Ashtar Sheron, gnomos do Além da Lenda, Anjos da Mônica, iniciações picaretas da ONA e Cabala da Madonna. Tomam água pensando que é homeopatia e tem medo de vacinas. A maioria dos Esquisotéricos não são pessoas más, apenas não tem nenhuma informação nem estudo e não se aprofundam nos estudos espirituais.

Se os Crentes estiverem certos: São mais material para óleo fervente e tridentes enfiados na bunda. Quem mandou acreditar nas artimanhas do Tinhoso e dos seus Ocultistas?

Se os Ateus estiverem certos: Então terão se dado bem. Se não existe nada depois da morte, pode-se inferir que como você gasta seu tempo na Terra não fará a menor diferença no pós-morte, então se alguém perder seu tempo assistindo 12h de futebol por semana ou se passar este tempo cantando mantras indianos, o resultado final será o mesmo. Contanto que a pessoa não passe por privações de dogmas malucos de seitas ou dê seu dinheiro para algum charlatão *ligue-djá*, terá vivido uma vida feliz e harmoniosa dentro de suas crenças, com a vantagem de não ficar enchendo o saco dos outros para convertê-los...

Se os Ocultistas estiverem certos: Também terão se dado bem. Uma vez que a mente já esteja preparada, será mais fácil o trânsito para o Plano Astral e o direcionamento para as Escolas de Estudo que a pessoa mais tiver afinidades. Com o tempo e o estudo, deixarão as maluquices e focarão seus estudos em ciência hermética, deixando o “misticismo” para estudar mais seriamente as leis naturais.

Os ocultistas

Ocultistas são céticos que tiveram acesso a mais conhecimento e experiências, dentro de Ordens Iniciáticas ou templos espiritualistas. Têm as mesmas características de livre-pensador, não “acreditam” em nada que não testaram e observaram empiricamente, conhecem o simbolismo por trás dos deuses de todas as religiões e estudam tudo o que podem sobre a ciência humana e material. Sua busca se traduz pela Alquimia – transformar-se em alguém melhor do que antes para ajudar a humanidade a se tornar melhor.

Se os Crentes estiverem certos: Então os ocultistas trabalham para o Diabo, junto com os Maçons e Rosacruzes. Quando morrerem, serão transformados em demônios e continuarão trabalhando para o Tinhoso... Provavelmente serão alocados para o departamento de tentação, onde ficarão enganando os inocentes para que caiam nos

caminhos do esoterismo, seduzindo donzelas virgens para que percam a pureza antes do casamento ou os mais dedicados podem pedir remanejamento para o departamento de torturas, onde passarão a eternidade chicoteando ateus, crentes hipócritas, céticos e esquisotéricos... EPIC WIN!

Se os Ateus estiverem certos: Então não há diferença entre os céticos e os ocultistas. Ambos são dedicados a seus empregos profanos e tentam ser pessoas melhores; uns gastam seu tempo livre assistindo futebol, lendo Richard Dawkins, vendo Fórmula 1 e tomando cerveja em churrascadas; outros gastam seu tempo estudando Aleister Crowley, bebendo hidromel em Sabbats e praticando sexo tântrico com suas parceiras, que possuem os mesmos direitos e prazeres dos homens ocultistas, sendo elevadas à condição de Shaktis e Deusas através do sagrado feminino. Quando morrerem, acabou. Terão vivido uma vida plena e bem divertida, digna de entrar para a história.

Se os Ocultistas estiverem certos: Então além das realizações que tiverem feito em vida, ainda poderão continuar seu trabalho de aprimoramento da Verdadeira Vontade nos Planos Superiores.

Façam suas apostas!

Bem, este é o final da nossa edição dos artigos essenciais do blog *Teoria da Conspiração*. “Apenas” o básico do básico. Porém, gostamos de acreditar que, se você chegou até aqui, terá no mínimo uma visão de mundo um pouco diferente, quem sabe um pouco mais livre, daqui para frente... Boa sorte!

Marcelo Del Debbio (o autor) é arquiteto com especializações em semiótica, história da arte e urbanismo, e também um grande pesquisador de mitologia, ordens iniciáticas, astrologia e ocultismo. É editor chefe da Daemon Editora, responsável pelo blog *Teoria da*

Conspiração, membro fundador do *Project Mayhem*, colunista do blog *Sedentário & Hiperativo*, dentre outras atividades.

Rafael Arrais (o editor) é webdeveloper, escritor, ilustrador, tradutor, poeta e dançarino. Autor do blog *Textos para Reflexão* e editor das Edições Textos para Reflexão. Busque por “textos para reflexao” nas lojas da Amazon, Kobo, Livraria Cultura e Saraiva (dentre outras) para conhecer nossas edições – *pelo preço de um café*.

Epílogo: Uma nova era

Então, este é o primeiro dia de uma nova era...

Há tempos que temos orado e esperado por uma grande mudança espiritual no mundo – mas, porque ela nunca chega?

Quando éramos crianças pequenas e inocentes, brincávamos em nossas caixas de areia... O parque nos era desconhecido, mas em nossas brincadeiras pelos pequenos montes de areia, éramos verdadeiros especialistas. Os seres a perambular em nossa volta eram ignorados, mas sabíamos o nome de cada uma das crianças a brincar conosco na areia.

Por vezes formávamos grupos, até que uns brincavam apenas entre si, e não deixavam as crianças “de fora” entrar... Por vezes até discutíamos uns com os outros, ou brigávamos: um grupo contra o outro... E os seres a nos observar, passeando pelo parque, davam gargalhadas: “São apenas crianças, têm ainda muito por conhecer”.

Mas e o que seriam nossas doutrinas religiosas senão o fruto das brincadeiras que alguns profetas encenaram em seus pequenos desertos? E o que seriam tais mandamentos senão as regras para que as crianças pudessem continuar brincando sem se ferir?

E quando uma criança se exalta e brada: “Eu conheço todas as brincadeiras do mundo!”, aqueles seres transeuntes do parque apenas comentam: “Eles ainda estão na era das caixas de areia...”.

Mas quando afinal chegará nossa vez de conhecer todo o parque a volta? Será que precisaremos realmente esperar este pequeno planeta rodear seu sol por mais um tanto de vezes? E que diferença isso faria, se nosso sol é apenas mais um grão de poeira a girar pela galáxia – e a galáxia, mais um punhado de grãos empurrados adiante pelos ventos do infinito...

E o que seria este dia, senão mais um despertar de nossa consciência, após mais um passeio pelo parque etéreo dos sonhos? E

quem seriam afinal os grandes responsáveis pela instauração de uma nova era espiritual no mundo, senão nós mesmos?

Temos brincado e rolado juntos pelos montes de nossa pequena caixa de areia, e por vezes a temos tentado apanhar com as mãos – mas tal areia do deserto é como o tempo a escorrer entre os dedos, e não é possível guardar quase nada de todo esse turbilhão. Tudo o que guardamos são as brincadeiras, tudo que nos resta é continuar a brincar...

E, quem sabe, dia virá em que percebamos como fomos tolos em brincar em grupos fechados, separados uns dos outros por uma ou outra regra de um jogo que, no fim, todos nós temos jogado a tantas e tantas eras...

Que aquele que bate no peito e se sente no direito de ditar aos outros como todos os jogos têm de ser jogados, é porque ainda não aprendeu a grande brincadeira da vida: persistir em semear todos esses parques em meio ao infinito de si mesma, e observar todas essas brincadeiras que suas crianças têm brincado, até que se cansem de rolar pela areia, e se juntem aos transeuntes do parque.

Mas eis que há muitos parques no Reino, e no momento em que chegamos finalmente a um deles, há uma grande festa a nossa espera:

“Bem vindo, agora se inicia uma nova era!”

Rafael Arrais, 2011



Marcelo Del Debbio

Ad infinitum

por Rafael Arrais

Quatro personagens.
Um diálogo sobre o Tudo.



livro impresso



PDF



Kindle

à venda em:



[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)